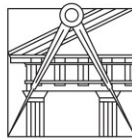




LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura da casa contemporânea e o lugar: estratégias de projeto nas regiões metropolitanas de Lisboa e Belo Horizonte

Doutoramento em Arquitetura
Teoria e Prática do Projeto

Ulisses Morato de Andrade

Orientação Científica:

Doutora Maria Madalena Aguiar da Cunha Matos
Professora Associada da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Doutor Flávio de Lemos Carsalade
Professor Associado da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

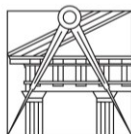
Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor
Documento Definitivo

2021



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura da casa contemporânea e o lugar: estratégias de projeto nas regiões metropolitanas de Lisboa e Belo Horizonte

Doutoramento em Arquitetura
Teoria e Prática do Projeto

Ulisses Morato de Andrade

Orientação Científica

Doutora Maria Madalena Aguiar da Cunha Matos

Professora Associada da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Doutor Flávio de Lemos Carsalade

Professor Associado da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Constituição do Júri

Presidente:

Doutor Amílcar de Gil e Pires,

Professor Auxiliar com Agregação,

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Vogais:

Doutora Maria Madalena Aguiar da Cunha Matos,

Professora Associada, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, orientadora;

Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias,

Professor Associado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa;

Doutor Ricardo Manuel Costa Agarez,

Investigador Principal Convidado,

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa;

Doutora Ana Luiza Nobre,

Professora Assistente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;

Doutor Jorge Luis Firmino Nunes,

Professor Auxiliar, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor
Documento Definitivo

2021



Imagem:
Casa Galeria. RMBH.
Fonte: Fabio Del Re e Carlos Stein.
Adaptada pelo autor, 2020.

Resumo

No presente século, as arquiteturas brasileira e portuguesa mantêm a visibilidade internacional alçada por suas notáveis realizações no decurso do século XX, sendo que as casas contemporâneas de referência da Área Metropolitana de Lisboa (AML) e da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) contribuem com tal fenômeno. Por outro lado, embora essas regiões encerrem um valoroso passado partilhado, elas carecem de estudos comparativos de suas arquiteturas pós-coloniais, sobretudo no tocante às suas casas contemporâneas. Pressupondo que a prática de projetar com especial atenção ao lugar é um importante *modus operandi* da arquitetura luso-brasileira, esta investigação indaga sobre as estratégias de projeto adotadas na criação da casa contemporânea de referência na AML e RMBH, tendo como parâmetro suas interfaces com o lugar. Assim, considerando a casa como o epicentro da observação, o presente estudo analisa os modos de intercâmbio do edifício com o lugar enquanto a topografia que o sustém; os horizontes que o definem; e a paisagem arquitetônica que o caracteriza. Para isso, construiu-se a hipótese de que, em estratégias opostas, as casas da AML são acomodadas à topografia e introvertidas em relação aos seus horizontes, e as casas da RMBH são elevadas e extrovertidas; e em estratégias convergentes, ambas estabelecem ruptura com as paisagens arquitetônicas tradicionais ou continuidade às paisagens contemporâneas. A verificação dessa hipótese através do estudo de casos em vinte obras erguidas no âmbito birregional confirmou os seus termos. Observou-se que o anseio pela privacidade é uma forte componente no projeto da casa contemporânea da AML, por estar tanto na motivação das estratégias de introversão quanto naquelas de acomodação. Por outro lado, se o usufruto da paisagem é a razão das estratégias de extroversão e da transparência mural no projeto da casa da RMBH, suas estratégias de elevação apresentam causas dispersas. Constatou-se, ainda, que as respostas ao lugar dadas pela arquitetura das casas estudadas não compõem narrativas de afirmação de identidades arquitetônicas regionais ou nacionais; além disso, elas rompem os diálogos com as linguagens pré-modernas e vernaculares, mas os preservam quanto às suas idiossincráticas modernidades. Por fim, fato marcante, identificaram-se significativos fluxos de conhecimentos e influências arquitetônicas binacionais entre os arquitetos autores das casas contemporâneas da AML e RMBH.

Palavras-chave: Arquitetura contemporânea – Arquitetura da casa – Projetos de referência em Lisboa e Belo Horizonte – Estratégias de projeto – Lugar

Abstract

In the present century, Brazilian and Portuguese architectures keep an international visibility due to remarkable achievements during the 20th century, and the contemporary reference houses of Lisbon Metropolitan Area (LMA) and Metropolitan Region of Belo Horizonte (MRBH) contribute to such phenomenon. On the other hand, although these areas have a valuable shared past, they lack comparative studies of their postcolonial architectures, especially regarding their contemporary houses. Supposing that designing with special attention to the place is an important modus operandi of the Portuguese-Brazilian architecture, this study questions the design strategies adopted in the creation of the contemporary reference house in the LMA and MRBH areas, having the interfaces with the place as parameter. Thus, considering the house as the epicenter of observation, the present study analyzes the exchange between the building and the place as topography sustains it; the horizons that define it; and the architectural landscape that characterizes it. So, a hypothesis was raised that, in opposite strategies, LMA houses are accommodated to the topography and introverted in relation to their horizons, and MRBH houses are elevated and extroverted; and in convergent strategies, both establish a rupture with traditional architectural landscapes or a continuity to contemporary landscapes. The verification of this hypothesis, by studying cases of twenty works erected in both regions, confirmed their terms. The longing for privacy was noticed as a strong component in the design of the LMA contemporary house, because it is found both in the motivation of the strategies of introversion and in those of accommodation. On the other hand, if enjoying the landscape is the reason for the strategies of extroversion and mural transparency in the design of the MRBH house, its elevation strategies feature scattered causes. It was also found that the responses to the place given by the architecture of the houses studied are not narratives for affirmation of regional or national architectural identities; moreover, they break the dialogues with premodern and vernacular languages, but preserve them in terms of their idiosyncratic modernity. Finally, as a remarkable fact, significant flows of knowledge and binational architectural influences were identified among the architects who are authors of the LMA and MRBH contemporary houses.

Keywords: *Contemporary architecture – House architecture – Reference projects in Lisbon and Belo Horizonte – Project strategies – Place*

Agradecimentos

Num percurso acadêmico da dimensão temporal e intelectual de um doutoramento, para além do esforço individual do pesquisador, instituições e pessoas concorrem decisivamente para o êxito de tal realização, às quais, aqui, manifesto os meus agradecimentos.

À Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), pela chancela à candidatura de doutoramento e ao projeto de investigação que resultou nesta tese; pela excelente recepção ao aluno brasileiro; e pela oferta altamente qualificada de docentes e conteúdos disciplinares.

Ao CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da FAUL, pelo fundamental apoio financeiro e institucional às missões internacionais vinculadas a este estudo, nomeadamente, ao trabalho de campo realizado no Brasil; e à apresentação de artigos científicos em fóruns acadêmicos internacionais ocorridos em Portugal, Itália e Brasil.

À professora doutora Maria Madalena Aguiar da Cunha Matos, da FAUL, pelo aceite à orientação científica desta tese, pela inestimável gentileza e pelos vultosos direcionamentos práticos e teóricos ao estudo que ora apresentamos.

Ao professor doutor Flávio de Lemos Carsalade, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFG), a quem também agradeço a imensa gentileza e os preciosos aportes de conhecimento na coorientação brasileira desta tese.

Aos colegas de doutoramento, pelo afetuoso acolhimento deste brasileiro em solo português; especialmente às queridas amigas Célia Gomes e Rute Gomes e suas famílias; e ao caro amigo Alberto Jorge Jerónimo.

Por fim, e tão importante, à minha esposa Bruna Christófaru, grande companheira de vida, de afetos, e de doutoramento paralelo na Universidade de Lisboa, a quem devo o amplo incentivo acadêmico; à minha filha Alice Leal Morato, que nos acompanhou à distância de um Atlântico, mas que sempre esteve presente em nossos corações; ao meu filho Bernardo Christófaru Morato, que tão bem nos acompanhou e alegrou nossa jornada lusitana; e aos meus pais, Adair Morato de Andrade (*in memoriam*) e Maria José Gomes Caetano, e seu companheiro José Basílio Caetano, pela primordial base familiar.

Tese redigida em português de variante brasileira e em conformidade com Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. As citações e referências seguem as normas vigentes da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Sumário

Resumo	II
<i>Abstract</i>	III
Agradecimentos	IV
Índice de figuras	X
Índice de gráficos	XIV
Índice de tabelas	XVI
Índice de quadros	XVII
Lista de acrônimos e abreviaturas	XVIII
1. Introdução.....	21
2. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal.....	51
3. Espaço e lugar na arquitetura.....	71
4. Habitar, uma questão de lugar.....	127
5. A casa luso-brasileira e seus lugares.....	153
6. O modelo de análise da observação.....	185
7. Casos de casas contemporâneas na AML e RMBH	199
8. Entre o céu, a terra, o horizonte e o tempo: estratégias de projeto	277
9. Conclusões.....	307
10. Recomendações para futuras investigações	321
11. Referências.....	322
12. Apêndices	344

Índice geral

Resumo	II
<i>Abstract</i>	III
Agradecimentos	IV
Índice de figuras	X
Índice de gráficos	XIV
Índice de tabelas	XVI
Índice de quadros	XVII
Lista de acrônimos e abreviaturas	XVIII
1. Introdução.....	21
1.1. Enquadramentos.....	22
1.2. Aproximações geográficas e arquitetônicas, AML e RMBH	25
1.2.1. Problematização, objetivos, e hipótese.....	32
1.3. Metodologias de investigação	39
1.3.1. Desenho da investigação	39
1.3.1.1. Modelo de análise	41
1.3.1.2. A observação, estudo de casos	44
1.4. Organização do texto	46
2. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal.....	51
2.1. Os estudos comparativos.....	51
2.2. Os intercâmbios arquitetônicos, fluxos binacionais	59
3. Espaço e lugar na arquitetura	71
3.1. Noções e terminologia de espaço e lugar	71
3.2. Narrativas sobre o espaço na arquitetura.....	73
3.3. Narrativas sobre o lugar na arquitetura	78
3.3.1. Lugares reais, aproximações: o rural e o urbano.....	83
3.3.2. Fenomenologia do lugar e a arquitetura	86
3.3.3. A cidade como lugar, contextualismo.....	92
3.3.4. Região como lugar, universal <i>versus</i> local	97
3.3.5. Paisagem como lugar	104
3.4. Arquiteturas do lugar no Brasil e em Portugal.....	110
3.4.1. Portugal, regionalismos e paisagem	115
3.4.2. A “antropofagia cultural”, inflexão na cultura brasileira.....	120
3.4.3. Antropofagia, motor de uma arquitetura nacional	121

4.	Habitar, uma questão de lugar	127
4.1.	Casa, lugar sagrado	127
4.2.	A cabana primitiva, domesticação do meio	129
4.3.	Casa, noções e evolução do sistema casa-lugar	132
4.4.	Debates sobre o lugar através da casa	143
5.	A casa luso-brasileira e seus lugares.....	153
5.1.	A casa tradicional portuguesa	153
5.2.	A casa tradicional brasileira	158
5.3.	A casa nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte	165
5.3.1.	Morar pré-moderno	166
5.3.2.	Morar moderno e sua revisão	173
5.3.3.	Morar pós-moderno	176
5.3.4.	Morar contemporâneo	179
6.	O modelo de análise da observação.....	185
6.1.	O modelo de análise da ordem horizontal de projeto	185
6.1.1.	A grelha de análise da ordem horizontal de projeto	186
6.2.	O modelo de análise da ordem vertical de projeto	189
6.2.1.	A grelha de análise da ordem vertical de projeto	190
6.3.	O modelo de análise da ordem transversal de projeto	192
6.3.1.	A grelha de análise da ordem transversal de projeto	193
6.4.	As entrevistas semiestruturadas	196
7.	Casos de casas contemporâneas na AML e RMBH	199
7.1.	Critérios de seleção da amostragem	199
7.2.	A amostragem.....	201
7.2.1.	Distribuição geográfica da amostragem.....	206
7.3.	O estudo de casos da AML.....	208
7.3.1.	Apresentação dos casos de estudo	209
7.3.1.1.	Resultado das grelhas de análise - AML	229
7.3.2.	Resultados das entrevistas - AML.....	232
7.4.	O estudo de casos da RMBH	244
7.4.1.	Apresentação dos casos de estudo	244
7.4.2.	Resultados das grelhas de análise - RMBH.....	263
7.4.3.	Resultados das entrevistas - RMBH	266
8.	Entre o céu, a terra, o horizonte e o tempo: estratégias de projeto	277

8.1.1.	A cultura arquitetônica dos autores	278
8.1.2.	Arquitetura transatlântica, fluxos intermetropolitanos	281
8.1.3.	Lugares e projetos	284
8.1.4.	Entre o céu e a terra, estratégias de acomodação e elevação.....	285
8.1.5.	Os horizontes, estratégias de introversão e extroversão	293
8.1.6.	O tempo, estratégias de continuidade e ruptura	298
9.	Conclusões	307
10.	Recomendações para futuras investigações	321
11.	Referências	322
12.	Apêndices	344
	Apêndice I – Formulários de campo para recolha de dados.....	345
	Apêndice II – Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise	349
	Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise - AML	350
	Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise - RMBH	380
	Apêndice III – Entrevista semiestruturada padrão	410
	Apêndice IV – Síntese das entrevistas com os arquitetos	414
	Síntese das entrevistas com os arquitetos da AML	415
	Síntese das entrevistas com os arquitetos da RMBH	436
	Apêndice V – Transcrições das entrevistas (<i>CD-ROM</i>).....	457

Índice de figuras

Figura 1 - Mapas do Brasil e Portugal, localização de Lisboa e BH.....	25
Figura 2 - Cidades históricas da AML e RMBH.....	26
Figura 3 - Vistas panorâmicas de Lisboa e Belo Horizonte	26
Figura 4 - Mapas da RMBH e AML, municípios sede e satélites	27
Figura 5 - Lisboa e o então arraial Belo Horizonte (Curral del Rei), séc. XIX	29
Figura 6 - Belo Horizonte de <i>Brazil Builds</i> e a receptividade em Lisboa	30
Figura 7 - “Manifestos” Pós-Modernos construídos em Lisboa e BH.....	31
Figura 8 - Contemporaneidade em Lisboa e BH, alcance internacional.....	32
Figura 9 - Fluxograma da investigação.....	41
Figura 10 - Livros: estudos comparativos Brasil-Portugal.....	55
Figura 11 - Casas de "brasileiros" em Portugal.....	57
Figura 12 - Revista <i>Acrópole</i> , n. 324.....	65
Figura 13 - Projetos exportados entre Brasil e Portugal: 2000-20.....	68
Figura 14 - <i>Villa Müller</i> , <i>Villa Savoye</i> e Pavilhão de Barcelona.	76
Figura 15 - Membros do <i>Team X</i> anunciam a “morte” dos CIAM, 1959.	84
Figura 16 - Obras de Peter Zumthor, Steven Holl e Tadao Ando.....	91
Figura 17 - Teatro do Mundo, Veneza. Aldo Rossi, 1979-80.....	95
Figura 18 - Centro Cultural de Belém.....	97
Figura 19 - Croquis de Le Corbusier. Rio de Janeiro, 1929.....	107
Figura 20 - Publicações internacionais das arquiteturas de Portugal e Brasil.	111
Figura 21 - Uma Casa Sobre o Mar e Casa de Férias de Ofir.....	117
Figura 22 - Obras de Manuel Tainha, Keil do Amaral e Teotónio Pereira.	118
Figura 23 - Hotel do Mar, Sesimbra.	119
Figura 24 - Grande Hotel de Ouro Preto.....	123
Figura 25 - Casas de Sylvio de Vasconcellos e Lina Bo Bardi	124
Figura 26 - Representações da cabana primitiva.....	130
Figura 27 - Subtipos de habitação unifamiliar, plantas.....	134
Figura 28 - Habitações pré-urbanas.....	135
Figura 29 - Casas-pátio urbanas orientais e greco-romanas.....	136
Figura 30 - Casas-torre e casas com telhado de duas águas	138
Figura 31 - Casas urbanas e de campo, Renascimento	139
Figura 32 - Praças residenciais, França e Inglaterra	140
Figura 33 - Casas unifamiliares de subúrbio anglo-americanas.....	142
Figura 34 - Casas ecléticas nas Américas.....	143
Figura 35 - Casas modernas suspensas e/ou transparentes	144
Figura 36 - Casas racionalistas com padrão internacional	145
Figura 37 - Casas modernas telúricas com fenestração contida.....	146
Figura 38 - Casas Pós-Modernas simbólicas e abstratas.....	147
Figura 39 - Cidade e habitações móveis - <i>Archigram</i>	148
Figura 40 - Casas contemporâneas de inspiração vernacular.....	149
Figura 41 - Casa Leymen: memória, tato e paisagem.....	150
Figura 42 - Habitações tradicionais de Portugal	154
Figura 43 - Casas portuguesas urbanas e rurais, Idade Moderna	155

Figura 44 - Casas populares tradicionais em Portugal.....	157
Figura 45 - Casas brasileiras por artistas viajantes	159
Figura 46 - Casa coloniais rurais no Brasil: Casa Grande e Casa Bandeirista	161
Figura 47 - Casas térreas e sobrados, Brasil	162
Figura 48 - Evolução de vãos, fachadas coloniais.....	163
Figura 49 - Evolução da verticalização das fachadas.....	164
Figura 50 - Evolução dos afastamentos da casa face às divisas	164
Figura 51 - Muxarabi colonial remanescente.....	165
Figura 52 - Morar urbano e rural setecentista, Curral del Rei e região.....	167
Figura 53 - Evolução da casa em Minas Gerais, 1700-1900	168
Figura 54 - Lisboa, assentamentos orgânico e cartesiano.....	169
Figura 55 - Casas nobres setecentista, Lisboa e região	170
Figura 56 - BH, cidade em construção, casario Eclético.....	171
Figura 57 - Casas de Raul Lino, tradição e paisagem: Lisboa e região	172
Figura 58 - Casas protomodernas, Lisboa e BH.....	173
Figura 59 - Casas modernas pioneiras em BH e Lisboa	174
Figura 60 - Casas de revisão do moderno, Lisboa e BH.....	176
Figura 61 - Casas Pós-Modernas na RMBH	177
Figura 62 - Casas Pós-Modernas na AML, revivalistas e “Neomodernas”	179
Figura 63 - Casas contemporâneas na AML	180
Figura 64 - Casas contemporâneas na RMBH.....	180
Figura 65 - Imagem síntese da ordem horizontal.....	185
Figura 66 - Imagem síntese da ordem vertical	189
Figura 67 - Imagem síntese da ordem transversal	192
Figura 68 - Capas de publicações internacionais com casas da AML e RMBH.	200
Figura 69 - Mapa de localização dos casos de estudo da AML	206
Figura 70 - Mapa de localização dos casos de estudo da RMBH	207
Figura 71 - Fotos da Casa no Murtal.....	209
Figura 72 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Murtal	210
Figura 73 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Murtal.....	210
Figura 74 - Casas vizinhas à Casa no Murtal.....	211
Figura 75 - Fotos da Casa no Romeirão.....	211
Figura 76 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Romeirão	212
Figura 77 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Romeirão.....	212
Figura 78 - Casas vizinhas à Casa no Romeirão.....	213
Figura 79 - Fotos da Casa Conde	213
Figura 80 - Desenhos arquitetônicos da Casa Conde	214
Figura 81 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Conde	214
Figura 82 - Casas vizinhas à Casa Conde	214
Figura 83 - Fotos da Casa no Magoito.....	215
Figura 84 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Magoito	216
Figura 85 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Magoito.....	216
Figura 86 - Casas vizinhas à Casa no Magoito.....	217
Figura 87 - Fotos da Casa no Azeitão.....	217
Figura 88 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Azeitão	218

Figura 89 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Azeitão	218
Figura 90 - Casas vizinhas à Casa no Azeitão.....	219
Figura 91 - Fotos da Casa Aroeira III	219
Figura 92 - Desenhos arquitetônicos da Casa Aroeira III.....	220
Figura 93 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Aroeira III	221
Figura 94 - Casas vizinhas à Casa Aroeira III	221
Figura 95 - Fotos da Vila Utopia	221
Figura 96 - Desenhos arquitetônicos da Vila Utopia.....	222
Figura 97 - Imagem aérea do local de inserção da Vila Utopia	223
Figura 98 - Casas vizinhas à Vila Utopia	223
Figura 99 - Fotos da Casa em Caxias.....	223
Figura 100 - Desenhos arquitetônicos da Casa em Caxias	224
Figura 101 - Imagem aérea do local de inserção da Casa em Caxias	225
Figura 102 - Casas vizinhas à Casa em Caxias	225
Figura 103 - Fotos da Casa na Aroeira.....	225
Figura 104 - Desenhos arquitetônicos da Casa na Aroeira	226
Figura 105 - Imagem aérea do local de inserção da Casa na Aroeira.....	227
Figura 106 - Casas vizinhas à Casa na Aroeira	227
Figura 107 - Fotos da Casa C+P	227
Figura 108 - Desenhos arquitetônicos da Casa C+P	228
Figura 109 - Imagem aérea do local de inserção da Casa C+P	229
Figura 110 - Casas vizinhas à Casa C+P	229
Figura 111 - Fotos da Casa EP	244
Figura 112 - Desenhos arquitetônicos da Casa EP	245
Figura 113 - Imagem aérea do local de inserção da Casa EP	245
Figura 114 - Casas vizinhas à Casa EP	245
Figura 115 - Fotos da Casa BF.....	246
Figura 116 - Desenhos arquitetônicos da Casa BF	246
Figura 117 - Imagem aérea do local de inserção da Casa BF.....	247
Figura 118 - Fotos da Casa Lincoln	247
Figura 119 - Desenhos arquitetônicos da Casa Lincoln.....	248
Figura 120 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Lincoln	249
Figura 121 - Casas vizinhas à Casa Lincoln	249
Figura 122 - Fotos da Residência NB	249
Figura 123 - Desenhos arquitetônicos da Residência NB.....	250
Figura 124 - Imagem aérea do local de inserção da Residência NB	251
Figura 125 - Fotos da Casa da Montanha	251
Figura 126 - Desenhos arquitetônicos da Casa da Montanha.....	252
Figura 127 - Imagem aérea do local de inserção da Casa da Montanha	253
Figura 128 - Casas vizinhas à Casa da Montanha	253
Figura 129 - Fotos da Casa EG.....	253
Figura 130 - Desenhos arquitetônicos da Casa EG	254
Figura 131 - Imagem aérea do local de inserção da Casa EG.....	255
Figura 132 - Fotos da Casa Galeria	255
Figura 133 - Desenhos arquitetônicos da Casa Galeria.....	256

Figura 134 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Galeria	257
Figura 135 - Fotos da Res. Bosque da Ribeira (EL).....	257
Figura 136 - Desenhos arquitetônicos da Res. Bosque da Ribeira (EL)	258
Figura 137 - Imagem aérea do local de inserção da Res. Bosque da Ribeira (EL).....	259
Figura 138 - Casas vizinhas à Res. Bosque da Ribeira (EL).....	259
Figura 139 - Fotos da Res. Bosque da Ribeira (JT)	259
Figura 140 - Desenhos arquitetônicos da Res. Bosque da Ribeira (JT).....	260
Figura 141 - Imagem aérea do local de inserção da Res. Bosque da Ribeira (JT)	261
Figura 142 - Casas vizinhas à Res. Bosque da Ribeira (JT)	261
Figura 143 - Fotos da Casa Vale dos Cristais	261
Figura 144 - Desenhos arquitetônicos da Casa Vale dos Cristais	262
Figura 145 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Vale dos Cristais.....	263
Figura 146 - Siza Vieira e Mendes da Rocha, referências na AML e RMBH	280
Figura 147 - Obras contemporâneas referenciadas na AML e RMBH.....	282
Figura 148 - Casos de estudo da AML, acomodação ao terreno	287
Figura 149 - Casa no Murtal, elevação sem <i>pilotis</i> ou balanços	288
Figura 150 - Casos de estudo da RMBH, elevação ao terreno	289
Figura 151 - Casas da RMBH, acomodação atenuada por <i>pilotis</i> e balanço.....	290
Figura 152 - Perfis topográficos da AML e RMBH e as implantações típicas	292
Figura 153 - Casos de estudo da AML, privacidade e controle da paisagem	294
Figura 154 - Casos de estudo da RMBH, usufruto da paisagem	297
Figura 155 - Casa da Montanha, RMBH: diálogo com a tradição pré-moderna	302
Figura 156 - Casas da AML e RMBH, diversidade técnica e material	304

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Índices da ordem horizontal (I e E) das casas da AML	230
Gráfico 2 - Taxas de opacidade (TO) e transparência (TT) das casas da AML	230
Gráfico 3 - Índices da ordem vertical (IV) das casas da AML	231
Gráfico 4 - Índices da ordem transversal (IT) das casas da AML	232
Gráfico 5 - Arquitetos portugueses mais influentes entre os autores da AML	234
Gráfico 6 - Arquitetos estrangeiros mais influentes entre os autores da AML	234
Gráfico 7 - Enquadramento dos arquitetos a correntes de arquitetura	235
Gráfico 8 - Citações de arquitetos e correntes relevantes no Brasil	235
Gráfico 9 - Citações de conhecimento da arquitetura de BH: arquitetos e obras	236
Gráfico 10 - Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	237
Gráfico 11 - Nível de importância do lugar no ensino de projeto na licenciatura	237
Gráfico 12 - Papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	237
Gráfico 13 - Motivos mais citados pelos clientes para escolha do lote	238
Gráfico 14 - Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	238
Gráfico 15 - Impacto da legislação no projeto face ao lote e à envolvente	238
Gráfico 16 - Estratégias de projeto da ordem vertical, casas da AML	239
Gráfico 17 - Principais fatores motivadores da acomodação das casas	239
Gráfico 18 - Razões para os fatores potenciarem a acomodação das casas	240
Gráfico 19 - Estratégias de projeto da ordem Horizontal, casas da AML	240
Gráfico 20 - Fatores motivadores do predomínio da introversão, casas da AML	240
Gráfico 21 - Predomínio de cheios ou vazados nas fachadas	241
Gráfico 22 - Fatores motivadores do predomínio de cheios nas fachadas	241
Gráfico 23 - Razões para os fatores potenciarem os cheios nas fachadas	242
Gráfico 24 - Avaliação da linguagem da casa face às casas preexistentes	243
Gráfico 25 - Motivação da escolha dos materiais e tecnologias construtivas	243
Gráfico 26 - Avaliação da casa face à arquitetura contemporânea portuguesa	243
Gráfico 27 - Índices da ordem horizontal (I e E) das casas da RMBH	263
Gráfico 28 - Taxas de opacidade (TO) e transparência (TT) das casas da RMBH	264
Gráfico 29 - Índices da ordem vertical (IV) das casas da RMBH	264
Gráfico 30 - Índices da ordem transversal (IT) das casas da RMBH	265
Gráfico 31 - Arquitetos brasileiros mais influentes entre os autores da RMBH	267
Gráfico 32 - Arquitetos estrangeiros mais influentes entre autores da RMBH	267
Gráfico 33 - Citações de arquitetos e correntes relevantes em Portugal	268
Gráfico 34 - Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa: arquitetos e obras	269
Gráfico 35 - Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	269
Gráfico 36 - Nível de importância do lugar no ensino de projeto na graduação	270
Gráfico 37 - Papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	270
Gráfico 38 - Motivos mais citados pelos clientes para escolha do lote	271
Gráfico 39 - Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	271
Gráfico 40 - Impacto da legislação no projeto em relação ao lote ou envolvente	271
Gráfico 41 - Estratégias de projeto da ordem vertical, casas da RMBH	271
Gráfico 42 - Principais fatores motivadores da elevação das casas	271
Gráfico 43 - Razões para os fatores potenciarem a elevação das casas no terreno	272

Gráfico 44 - Estratégias de projeto da ordem horizontal apuradas nas casas	273
Gráfico 45 - Fatores motivadores do predomínio da extroversão nas casas	273
Gráfico 46 - Predomínio de cheios ou vazados nas fachadas.....	273
Gráfico 47 - Fatores motivadores do predomínio de vazados nas fachadas	273
Gráfico 48 - Razões para os fatores potenciarem os vazados nas fachadas	274
Gráfico 49 - Avaliação da linguagem da casa face às casas preexistentes	275
Gráfico 50 - Motivação da escolha dos materiais e tecnologias construtivas	275
Gráfico 51 - Avaliação da casa face à arquitetura contemporânea brasileira	275
Gráfico 52 - Estratégias de acomodação e elevação, casas AML e RMBH.....	286
Gráfico 53 - Estratégias de introversão e extroversão, casas da AML e RMBH.....	293
Gráfico 54 - Estratégias de continuidade e ruptura, casas AML e RMBH	298
Gráfico 55 - Linguagem arquitetônica: casos de estudo e casas vizinhas	299

Índice de tabelas

Tabela 1 - Fórmulas: taxas e índices da ordem horizontal	188
Tabela 2 - Fórmulas matemáticas: taxas de ocupação da ordem vertical.....	191
Tabela 3 - Gradação da ordem vertical.....	192
Tabela 4 - Comparativo de sistemas construtivos	195
Tabela 5 - Comparativo de linguagem arquitetônica	195
Tabela 6 - Comparativo de materiais de acabamento	195
Tabela 7 - Gradação da ordem transversal	196
Tabela 8 - Coeficientes de aproveitamento próximos, estratégias opostas	292

Índice de quadros

Quadro 1 - Lugar, dimensões e indicadores.....	42
Quadro 2 - Arquitetura da casa contemporânea, dimensões e indicadores.....	42
Quadro 3 - Casos de estudo da AML.....	45
Quadro 4 - Casos de estudo da RMBH	45
Quadro 5 - Partes e seções da tese.....	46
Quadro 6 - Projetos portugueses no Brasil: 2000-2020	69
Quadro 7 - Projetos brasileiros em Portugal: 2000-2020	69
Quadro 8 - Esquema do modelo de análise - extroversão e introversão.....	186
Quadro 9 - Gradação da ordem horizontal	189
Quadro 10 - Esquema do modelo de análise - acomodação e elevação.	190
Quadro 11 - Esquema do modelo de análise - continuidade e ruptura.....	193
Quadro 12 - Principais publicações e prêmios - casos de estudo AML.....	202
Quadro 13 - Principais publicações e prêmios - casos de estudo RMBH	203
Quadro 14 - Amostragem de casas de referência - AML	204
Quadro 15 - Amostragem de casas de referência - RMBH.....	205
Quadro 16 - Principais achados: cultura arquitetônica dos autores, AML e RMBH.....	309
Quadro 17 - Principais achados: relações arquitetônicas, AML e RMBH.....	310
Quadro 18 - Principais achados: o lugar no ensino e na prática, AML e RMBH.....	310
Quadro 19 - Principais achados: ordem vertical de projeto, AML e RMBH.....	311
Quadro 20 - Principais achados: ordem horizontal de projeto, AML e RMBH.....	311
Quadro 21 - Principais achados: ordem transversal de projeto, AML e RMBH	312

Lista de acrônimos e abreviaturas

- AEAULP** - Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo dos países de Língua Portuguesa.
- AML** - Área Metropolitana de Lisboa.
- BH** - Belo Horizonte.
- CA** - Coeficiente de Aproveitamento.
- CAU / BR** - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil.
- CIAM** - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna.
- CRHFs** - Condomínios Residenciais Horizontais Fechados.
- EA-UFMG** - Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.
- EBAL** - Escola de Belas Artes de Lisboa (anterior a junho de 1950).
- ESBAL** - Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (a partir de junho de 1950).
- ESBAP** - Escola Superior de Belas Artes do Porto.
- EUA** - Estados Unidos da América.
- FAA ULL** - Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.
- FAMIH** - Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix.
- FAUL** - Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- FAUP** - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- FAUTL** - Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.
- FAU-USP** - Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.
- HP** - Habitar Portugal.
- IAB** - Instituto de Arquitetos do Brasil.
- IAB-MG** - Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Minas Gerais.
- IPHAN** - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- MG** - Minas Gerais.
- MoMA** - *Museum of Modern Art* (Museu de Arte Moderna), Nova Iorque.
- N/A** - Não se aplica.
- OA** - Ordem dos Arquitectos, Portugal.
- PUC Minas** – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- RMBH** - Região Metropolitana de Belo Horizonte.
- SPHAN** - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- UNESCO** - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
- USP** - Universidade de São Paulo.



Imagem:
Casa no Azeitão. AML.
Fonte: Habitar Portugal 2006-08.
Adaptada pelo autor, 2020.

1

1. Introdução

Então seguimos nosso caminho, por esse mar de longo, até terça-feira de Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, quando topamos alguns sinais de terra [...]. Na quarta-feira seguinte [...], avistamos terra, a saber: Em primeiro lugar um monte grande, muito alto e redondo e outras serras mais baixas ao sul dele; e terra rasa com grandes arvoredos. Ao mesmo monte alto pôs o Capitão o nome de Monte Pascoal; e à terra – Terra de Vera Cruz. [...] sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500. (CAMINHA, 1999).

A narrativa de Pero Vaz de Caminha na sua *Carta ao Rei Dom Manuel* firma o contato primevo de Portugal com as terras do Brasil, origem de uma saga histórica que perpassa cinco séculos, donde o feitio da arquitetura transplantada da Europa para América do Sul – aclimatada, dilatada no território e no tempo – fornecerá um notável caudal de registros. Contudo, somente no século XX notaremos o empenho mais sistemático das letras, em vagas de maior ou menor intensidade, à análise das relações arquitetônicas entre essas culturas unidas pelo Atlântico.

Muito há que explorar, portanto, nesse imenso panorama transatlântico, ora marcado pela convergência, ora pelo paralelismo, ora por bifurcações entre os caminhos trilhados por essas expressões arquitetônicas “geneticamente” imbricadas. Destarte, o prolongamento da conexão marítima, em terra, pela construção da Estrada Real, instaurou trânsito direto entre dois importantes polos culturais da história luso-brasileira, Lisboa e uma das joias da sua Coroa, Ouro Preto das Minas Gerais.

Acerca desses vínculos, ao discorrer sobre a arquitetura colonial no Brasil, o eminente professor e historiador de arquitetura Carlos Lemos afiançou, “Em certos aspectos, Minas é verdadeiramente Portugal trasladado para o trópico.” (LEMOS, 1996, p. 22). Se, no decurso desse pujante engenho colonial e pós-colonial, nossas expressões arquitetônicas bastaram-se às próprias fronteiras, o século XX assinalou a inclusão de tais expressões no mapa internacional, cuja magnitude dos feitos desencadeou considerável erudição sobre o tema.

Ao analisarmos os percursos de arquitetos brasileiros como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi e Paulo Mendes da Rocha; e de arquitetos portugueses como Fernando Távora, Francisco Keil do Amaral, Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura e Nuno Teotónio Pereira, podemos dizer que o século XX foi um grande século para as arquiteturas brasileira e portuguesa. Essas gerações de insignes autores contribuíram para o reconhecimento dos dois países lusófonos pela

crítica e historiografia internacional. Pode-se afirmar, também, que, de um modo geral, a atenção às questões do lugar foram determinantes para a afirmação de suas especificidades e o sucesso de suas arquiteturas perante o mundo.

No presente século, se, por um lado, ainda notamos a presença da temática do lugar no discurso e na prática do projeto dos arquitetos portugueses e brasileiros; por outro, suas obras mantêm o interesse de historiadores, críticos, editores internacionais da arquitetura, e também são objeto de prêmios e exposições de âmbito global. Nessas conjunções, as casas contemporâneas unifamiliares criadas nas regiões metropolitanas de Lisboa e Belo Horizonte (BH) oferecem significativos contributos.

Portanto, a partir do reconhecimento desse importante lastro cultural sedimentado no século XX, e já adentrando o século XXI, inscrevemos esta tese doutoral, na qual se empreende um estudo comparativo dos modos de pensar e fazer arquitetura da casa contemporânea entre a região da antiga província da Estremadura definida por Lisboa e seus arredores, e a porção das Minas Gerais circunscrita à capital sucessora de Ouro Preto – Belo Horizonte – e sua região.

1.1. Enquadramentos

O *constructo* do objeto de investigação é resultante das lacunas identificadas na literatura especializada, das quais se estabeleceram os necessários enquadramentos deste estudo quanto à tipologia arquitetônica; à expressão arquitetônica a destacar deste universo tipológico; ao período de criação dos objetos arquitetônicos envolvidos; e à sua incidência geográfica.

Assim, o presente trabalho tem como objeto de investigação o exame da relação entre a arquitetura da casa contemporânea, erguida na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), e o lugar – fator relevante para a construção das respectivas identidades arquitetônicas nacionais e suas internacionalizações a partir do Novecentos.

Os estudos do campo disciplinar comumente privilegiam a abordagem dos grandes programas de arquitetura em suas análises: edifícios administrativos, templos religiosos, habitações coletivas, grandes equipamentos urbanos, entre outros. No entanto, a casa tem sido um repositório importante de conceitos arquitetônicos no âmbito da produção erudita, sobretudo a partir das vanguardas europeias da Arquitetura Moderna, onde esse programa passou a ser suporte

recorrente para a aplicação de teorias e experimentações de novos materiais, espacialidades e linguagens (TOSTÕES, 2004). Ademais, na contemporaneidade a moradia mantém-se como vigoroso “laboratório” para desenvolvimento de conceitos e métodos de projeto para os arquitetos. Logo, a casa isolada se apresenta ao investigador como objeto privilegiado na tarefa de interpretação dos fenômenos correntes em arquitetura, conseqüentemente dos modos de interação do edifício com o lugar – fatores determinantes para a eleição dessa tipologia habitacional no presente estudo.

Quanto aos territórios delimitados para a investigação, cumpre assinalar que – embora as regiões de Lisboa e Belo Horizonte encerrem um valoroso passado partilhado – até o presente não há registros de estudos específicos que aproximem e comparem as suas arquiteturas pós-coloniais, tampouco aquelas relativas aos seus edifícios contemporâneos de habitação unifamiliar isolada. Portanto, investigar a arquitetura da casa contemporânea nos territórios luso-brasileiros ora delimitados permite-nos inaugurar, tanto na abordagem tipológica quanto na abrangência geográfica, um campo de estudo comparativo tão necessário à produção de novos conhecimentos sobre as relações entre duas culturas regionais que carregam vínculos históricos longínquos e indelévels.

Na investigação que aqui se apresenta, examina-se a arquitetura doméstica através da sua expressão em obras de referência, ou seja, naquelas casas publicamente destacadas das demais pela identificação das suas qualidades de projeto. Assim, impôs-se a seguinte indagação: qual o critério impessoal a utilizar para circunscrever aquilo que é obra de referência em arquitetura? Nesse sentido, adotamos as premiações de arquitetura e as publicações especializadas como instâncias de reconhecimento operativas para tal enquadramento. Entretanto, cabe ressaltar, a adoção desses critérios para enquadrar aquilo que é referência em arquitetura não implica declarar que a ocorrência dos projetos arquitetônicos de qualidade está exclusivamente a eles circunscritos.

Com efeito, fora do circuito dos prêmios e das publicações de arquitetura, existem casas contemporâneas “anônimas” que também qualificam as paisagens das nossas cidades, e que, certamente, poderiam compor a segmentação de estudo desta investigação. Contudo, os mecanismos para identificação e seleção de obras ainda inexploradas e dispersas no território demandariam um esforço de pesquisa para além da capacidade operacional deste nosso estudo.

Em contrapartida, a arquitetura residencial destacada em prêmios e publicações possibilita, num primeiro momento, reunir, sem embargo, um grupo de obras representativas de um território – já analisadas por editores, críticos e comissões julgadoras – que por sua vez, num segundo momento, permite ao próprio investigador selecionar uma amostragem desse universo, cujo olhar abarca suas experiências. Aqui, vale pontuar que este investigador – como membro do conselho diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento de Minas Gerais (IAB-MG), entre 2010 e 2013 – participou do corpo de jurados em quatro premiações anuais de arquitetura no âmbito estadual. Nessas circunstâncias, o intercâmbio, na esfera das comissões julgadoras, com teóricos e profissionais proeminentes na arquitetura brasileira¹ permitiu-nos um incremento nos critérios avaliativos das expressões de projeto, assim como amplo contato com a produção de arquitetura contemporânea em Minas Gerais.

Quanto ao enquadramento temporal da investigação, nota-se que, no tocante à literatura comparativa das arquiteturas luso-brasileiras, prevalecem os estudos sobre o período colonial; depois, em menor quantidade, temos a produção bibliográfica que enfoca o século XX, mormente sobre suas expressões modernas. Porém, no que concerne ao século XXI, a produção de conhecimento científico comparativo no campo da arquitetura contemporânea desses países, *latu sensu*, ainda carece do alargamento das investigações. Assim, delimitamos a análise dos fenômenos arquitetônicos em questão ao período compreendido entre o primeiro ano do século XXI e o ano de início do doutoramento, isto é, o arco temporal compreendido entre os anos 2001 e 2015.

Por fim, cumpre assinalar, este estudo situa-se num contexto em que, neste terceiro milênio, Brasil e Portugal têm se empenhado em estreitar suas relações em vários domínios, dentre os quais, o da arquitetura, onde se verifica o incremento dos protocolos institucionais, dos eventos culturais e científicos, e dos acordos acadêmicos. Além disso, esta tese integra-se ao crescente acervo de investigações científicas que tem alargado os contributos interpretativos dos nexos arquiteturais entre Brasil e Portugal, onde o Curso de Doutorado em Arquitetura da Faculdade

¹ Arquitetos como Roberto Segre, crítico, historiador e professor de arquitetura; Haroldo Pinheiro, ex-presidente nacional do IAB e do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil; Demetre Anastasakis, referência em habitação popular no Brasil e ex-presidente do IAB do Rio de Janeiro; e Sylvio de Podestá, arquiteto de obra notável, editor da AP Cultural e da histórica Revista Pampulha; são *experts* em arquitetura nos campos da teoria e da prática profissional os quais participaram, juntamente com este autor, das referidas comissões julgadoras das premiações do IAB-MG.

de Arquitetura da Universidade de Lisboa (CDA FAUL) é um dos epicentros dessa produção.

1.2. Aproximações geográficas e arquitetônicas, AML e RMBH

O estudo que ora apresentamos engendra uma aproximação arquitetônica entre duas regiões bastante distintas na geografia do globo (Figura 1), mas que em suas urbes mais antigas conservam os registros edilícios que marcam a filiação cultural de uma nação em relação à outra (Figura 2). Assim, de um lado, temos a centenária Belo Horizonte (Figura 3), cidade planejada e implantada sobre montanhas em fins do século XIX, que mantém o gosto português por sítios altos e acidentados – que se sobrepôs ao antigo vilarejo pertencente à Coroa Portuguesa outrora denominado Curral del Rei – e que ainda tem como vizinhas as históricas cidades do ciclo colonial do ouro como Sabará, Caeté, Santa Luzia e Nova Lima; e de outro lado, a milenar Lisboa (Figura 3), a sede do império colonial português que é procedente do século XV e um dos principais centros de globalização da arquitetura lusitana, cidade alinhada ao típico urbanismo de colinas associado a um curso d'água navegável, também rodeada por outras vilas históricas de Portugal, tais como Sintra, Mafra, Cascais e Palmela.

Figura 1 - Mapas do Brasil e Portugal, localização de Lisboa e BH



À esquerda, localização de Belo Horizonte (BH), capital do estado de Minas Gerais, Brasil.

À direita, localização de Lisboa, capital do Distrito de Lisboa e de Portugal.

Fonte: o autor, 2019.

Figura 2 - Cidades históricas da AML e RMBH



Em cima: Palmela, Sintra e Cascais (AML). Embaixo: Sabará, Santa Luzia e Caeté (RMBH).
 Fontes: Semmais²; NIT³; Jornal Económico⁴; *Skyscraper*⁵; Bernardo Gouvêa⁶; Jornal Opinião.⁷
 (Adaptadas pelo autor, 2020).

Figura 3 - Vistas panorâmicas de Lisboa e Belo Horizonte



Em cima: vista de Lisboa a partir da margem sul do rio Tejo.
 Embaixo: vista de Belo Horizonte a partir do Parque Municipal.
 Fontes: *Shutterstock*⁸; *Skyscraper*.⁹ (Adaptadas pelo autor, 2020).

² Disponível em: <https://bit.ly/39kHD4e> (Palmela). Acesso em: 29 out. 2020.

³ Disponível em: <https://bit.ly/3qa3Xn2> (Sintra). Acesso em: 29 out. 2020.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3qlW4eu> (Cascais). Acesso em: 29 out. 2020.

⁵ Disponível em: <https://https://bit.ly/33rarEs> (Sabará). Acesso em: 29 out. 2020.

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2KKPsWt> (Santa Luzia). Acesso em: 29 out. 2020.

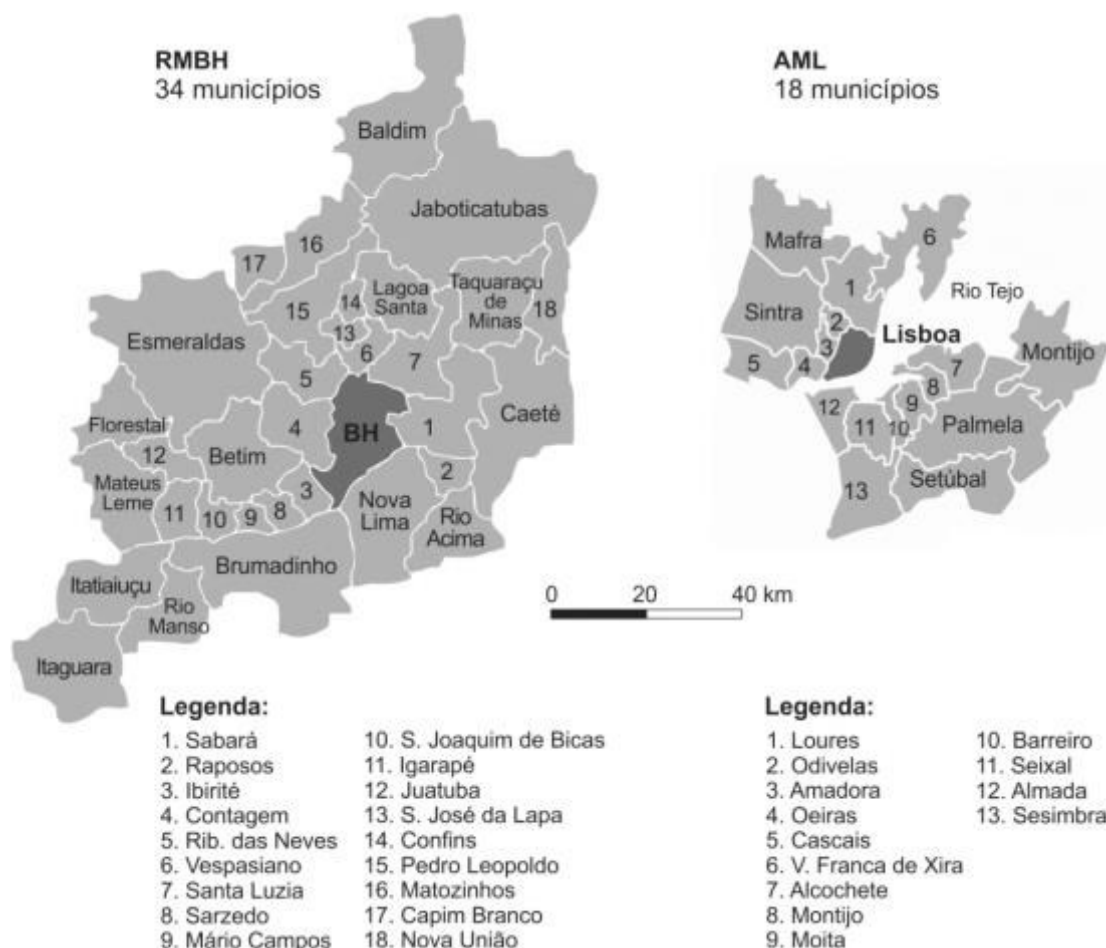
⁷ Disponível em: <https://bit.ly/39rMP6u> (Caeté). Acesso em: 29 out. 2020.

⁸ Disponível em: <https://shutr.bz/3ljdK6O> (Lisboa). Acesso em: 29 out. 2020.

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3lgZ0Fj> (BH). Acesso em: 29 out. 2020.

Os espaços geográficos delimitados para a observação dos fenômenos arquitetônicos deste estudo (Figura 4) correspondem, atualmente, a duas regiões de gestão intermunicipal integrada: a Área Metropolitana de Lisboa (AML), criada em Portugal pela Lei n. 75/2013; e a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), constituída no Brasil pela Lei Complementar Federal n. 14 de 1973.

Figura 4 - Mapas da RMBH e AML, municípios sede e satélites



Fonte: o autor, 2019.

A AML, situada na região central de Portugal Continental, é composta por 18 municípios – nove ao norte do rio Tejo, na península de Lisboa, e outros nove ao sul do Tejo, na península de Setúbal. Essa região possui a maior população do país, 2.863.272 de habitantes¹⁰, assim como o maior nível de atividade econômica.¹¹

¹⁰ Conforme dados estimados pelo INE, Instituto Nacional de Estatística, relativos à população residente na AML em 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2I7syrB>. Acesso em: 08 nov. 2020.

¹¹ Conforme o Produto Interno Bruto (PIB) das regiões de Portugal, disponível no PORDATA, Base de Dados de Portugal Contemporâneo da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <https://bit.ly/2VhGIZV>. Acesso em: 08 nov. 2020.

Nessa área metropolitana, de acordo com a classificação de Köppen-Geiger, ocorrem dois tipos de clima¹²: na península de Lisboa, o Csb (inverno chuvoso e verão suave); e na península de Setúbal, o Csa (inverno chuvoso e verão quente). A interpolação de dados do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IMPA), indica para a AML: temperatura média de 16,5 °C, e pluviosidade média anual de 882 mm.¹³

O relevo é tipificado por planícies que comportam dois grandes sistemas montanhosos: a Serra da Arrábida (501 m de altitude), na península de Setúbal, e a Serra de Sintra (528 m de altitude), na península de Lisboa. A presença da água é um fator proeminente na paisagem da AML, cuja costa oeste é banhada pelo oceano Atlântico, que recebe os exuberantes estuários dos rios Tejo e Sado.

Já a RMBH, situada na zona central do estado de Minas Gerais, engloba 34 municípios e uma população estimada de 5.392.436 de habitantes¹⁴ – a terceira maior agregação populacional metropolitana do país. O Produto Interno Bruto (PIB) gerado nessa região indica a quarta maior atividade econômica do Brasil.¹⁵

Quanto ao clima, a partir da classificação de Köppen-Geiger apurada por Sá Júnior (2014, p. 69), na RMBH predominam: ao norte, o clima Aw (tropical de savana com estação seca de inverso); e ao sul, o clima Cwa (temperado úmido com inverno seco e verão quente), ambos com verões chuvosos. Ainda a partir do estudo de Sá Júnior (2014), depura-se que a temperatura média da região, considerando os dois climas identificados, é de 21,7 °C, e a pluviosidade média anual é 1.300 mm.

O relevo típico da RMBH é de terras altas, com grande incidência de serras, colinas e montanhas, do qual se destacam: a Serra do Curral (1.390 m de altitude), símbolo da paisagem de Belo Horizonte e que baliza sua divisa com o município de Nova Lima; a Serra da Piedade (1.751 m de altitude), junto ao município de Caeté; e a Serra do Rola-Moça (1.450 m de altitude) inserida no parque estadual de mesmo nome e que abrange os municípios de BH, Nova Lima, Ibirité e Brumadinho.

¹² Dados integrantes do Plano Metropolitano de Adaptação às Alterações Climáticas, disponível no portal da AML: <https://bit.ly/3o8TTZz>. Acesso em: 08 nov. 2020.

¹³ Conforme as médias apuradas pelo IPMA entre os anos 1971 e 2000, disponíveis no Portal do Clima: <https://bit.ly/33txHsk>. Acesso em: 29 out. 2020.

¹⁴ Conforme dados estimados pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, relativos à população residente nos municípios brasileiros em 2020. Disponíveis em: <https://bit.ly/3okqRXI>. Acesso em: 29 out. 2020.

¹⁵ Conforme a última base de dados (2017) sobre o Produto Interno Bruto dos municípios brasileiros, elaborada pelo IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3fOKGTi>. Acesso em: 29 out. 2020.

O rio das Velhas é o curso d'água ligado à memória antiga de ocupação dessa região, visto que, no seu vale, surgiram as cidades coloniais de exploração do ouro em fins do século XVII. Em Belo Horizonte, a lagoa da Pampulha, que abriga o célebre conjunto arquitetônico desenhado por Oscar Niemeyer, e o rio Arrudas, que corta o núcleo original da cidade, são as principais referências hídricas da capital mineira.

Do ponto de vista histórico-cultural, a aproximação comparativa entre as regiões de Lisboa e Belo Horizonte demonstra um conjunto notável de passagens que nos permitem apurar importantes associações, sobretudo arquitetônicas, ao longo dos tempos e que podem ser esquematicamente agrupadas em quatro fases distintas e subsequentes: coexistência, negação, reaproximação, e paralelismo.

Coexistência: Belo Horizonte, o antigo Curral del Rei, território da Coroa Portuguesa. Esse povoado esteve diretamente submetido à metrópole colonial, Lisboa, por 121 anos – entre o seu surgimento, 1701, e o ano da independência do Brasil em relação a Portugal, 1822. Entre as cidades de exploração de ouro e pedras preciosas, tais como Ouro Preto, Diamantina, Mariana, Nova Lima, Sabará, Caeté, Santa Luzia, entre outras, formou-se uma rede de caminhos e estradas que as conectavam, a partir da qual também surgiram povoamentos que deram apoio a empreitada colonial na região. Entre esses, se encontrava o arraial do Curral del Rei, que se firmou como importante entreposto de viajantes e área de produção agropecuária que abastecia as urbes próximas inseridas na bacia do rio das Velhas. Esse povoado, que já se denominava Belo Horizonte desde 1890, apresentava arquitetura e traçado urbano com as feições típicas do artifício português nos trópicos que perdurou até ser arrasado para a construção da nova capital planejada por Aarão Reis, Belo Horizonte, entre 1894 e 1897.

Figura 5 - Lisboa e o então arraial Belo Horizonte (Curral del Rei), séc. XIX



Esq.: panorâmica de Lisboa a partir de São Pedro d'Alcântara, 1892.

Dir: Largo da Matriz do arraial Belo Horizonte (Curral del Rei) antes da demolição, 1894.

Fontes: *Past Pictures*¹⁶; Barreto (1996). (Adaptadas pelo autor, 2020).

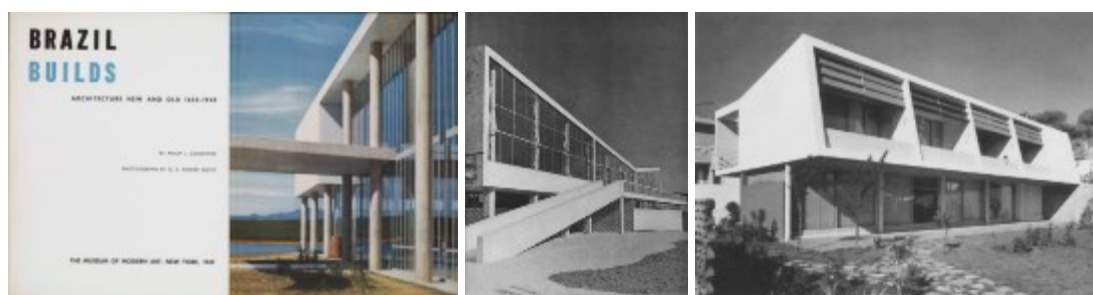
¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/36rxCQJ> (panorâmica de Lisboa). Acesso em: 08 nov. 2020.

Negação: Belo Horizonte como um projeto de contraponto ao passado colonial. A nova cidade de Belo Horizonte surge no fim do século XIX a partir da necessidade republicana de se criar uma nova capital para Minas Gerais com objetivo de suceder Ouro Preto, que simbolizava a vinculação à metrópole colonial, Lisboa, e à subsequente monarquia brasileira. O traçado urbano colonial, a arquitetura barroca e rococó, predominantes na antiga capital e no próprio arraial, representavam aos olhos republicanos as formas ultrapassadas a serem superadas pela nova capital. Nesse sentido, fato emblemático na origem dessa cidade foi a demolição do então arraial Belo Horizonte (Curral del Rei) a partir de 1894. O professor Roberto Luís Monte-Mór assim definiu o drástico gesto inicial da nova capital:

[...] na ruptura com o passado para a construção do futuro, o que antes existia deveria ser destruído. Do antigo arraial, pouco ou quase nada restou. A nova capital foi edificada sobre o terreno e as ruínas do Arraial Belo Horizonte, desconsiderando o que antes ali havia existido. (MONTE-MÓR, 1994, p. 14)

Reaproximação: Belo Horizonte referência em Lisboa, Pampulha via *Brazil Builds*. O livro/catálogo da exposição *Brazil Builds Architecture New and Old 1652-1942* realizada no *Museum of Modern Art* (MoMA) de Nova Iorque em 1943, circulou em Portugal e foi uma referência para muitos jovens arquitetos ávidos pela modernização da arquitetura portuguesa, notadamente influenciada pelo Brasil no decurso dos anos 1950.

Figura 6 - Belo Horizonte de *Brazil Builds* e a receptividade em Lisboa



Esquerda e centro: páginas da publicação *Brazil Builds* (1943) com obras da Pampulha, BH; folha de rosto com foto do Cassino, e página 191 com foto do late Clube, projetos de Niemeyer. Direita: Casa Rangel de Lima, (Lisboa, 1951), Mauricio de Vasconcellos.

Fontes: Goodwin (1943); Tostões (2004).

Nessa publicação, as obras do conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, projetadas por Oscar Niemeyer e encomendas pelo então prefeito Juscelino Kubitschek no início dos anos 1940, foram um dos destaques da seção *Edifícios Modernos*. Em Lisboa, *Brazil Builds* causou entusiasmo tanto pela introdução da

disruptiva Arquitetura Moderna brasileira quanto do retrospecto à arquitetura colonial, que contou com expressiva apresentação do Barroco mineiro.

No texto intitulado, *A Influência em Portugal da Arquitectura Moderna no Brasil* (1996), o prestigiado arquiteto lisboeta Nuno Teotónio Pereira afirma: “Esta publicação, excelentemente documentada, teve enorme repercussão entre os arquitectos portugueses e era considerada um tesouro por aqueles que a possuíam [...]” (PEREIRA, 1996, p. 303).

Paralelismo: Belo Horizonte e Lisboa em posições análogas. Desde sempre as duas cidades são importantes centros de produção e de irradiação cultural dentro de cada país. Lisboa, na condição de capital nacional, e Belo Horizonte, capital de um dos mais importantes e tradicionais estados da federação brasileira. Entretanto, no decurso do século XX, grande parte da projeção internacional da arquitetura brasileira e portuguesa ocorreu a partir das obras dos renomados arquitetos brasileiros Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, e dos portugueses Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura.¹⁷

Figura 7 - “Manifestos” Pós-Modernos construídos em Lisboa e BH



Esq. Torres das Amoreiras (Lisboa, 1980-85), Tomás Taveira.
Dir.: Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (BH, 1984-92), Éolo Maia e Sylvio de Podestá.
Fontes: Centro Comercial das Amoreiras¹⁸; Bruno Santa Cecília.¹⁹

Tal conjuntura colocou Belo Horizonte e Lisboa em semelhante situação de deslocamento em relação aos epicentros de reconhecimento arquitetônico no plano internacional que, em Portugal, estava centrado na Cidade do Porto e no Brasil, assente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Contudo, novamente em simultâneo, Lisboa e Belo Horizonte alavancaram, na década de 1980, críticas à

¹⁷ Cumpre mencionar que importantes arquitetos desbravadores da modernidade atuantes em Lisboa no decurso do século XX, tais como, Keil do Amaral, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, Gonçalo Byrne, e João Luis Carrilho da Graça, obtiveram reconhecimento internacional mais tardio.

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2HXcrN1> (Torres das Amoreiras). Acesso em: 23 nov. 2020.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2VCDDeSh> (Centro de Apoio Turístico). Acesso em: 23 nov. 2020.

Arquitetura Moderna com seus inequívocos encaminhamentos Pós-Modernistas em seus territórios através de obras construídas e publicações. As obras dos arquitetos Tomás Taveira em Lisboa e Éolo Maia em Belo Horizonte são emblemáticas dessa nova disposição arquitetural.

No século XXI, percebe-se nova situação de paralelismo entre as cenas arquitetônicas dessas duas regiões. Se, por um lado, os mestres da arquitetura de Portugal e Brasil seguem em destaque; por outro, surgem novos talentos que impulsionam a visibilidade de suas arquiteturas no cenário internacional a partir de Lisboa e Belo Horizonte. A arquitetura dos Arquitetos Associados, responsável por uma série de obras no Instituto Inhotim (Brumadinho), e dos irmãos Aires Mateus, autores da reitoria da Universidade Nova de Lisboa, são representativas das novas expressões locais de alcance internacional.

Figura 8 - Contemporaneidade em Lisboa e BH, alcance internacional



Esq.: Reitoria da Universidade Nova de Lisboa (Lisboa, 2002); Atelier Aires Mateus.
Dir.: Centro Educativo Burle Marx (Brumadinho, 2009), Arquitetos Associados.
Fontes: Daniel Malhão²⁰; Instituto Inhotim.²¹

1.2.1. Problematização, objetivos, e hipótese

Nesta subseção, delinea-se grande parte do chamado marco teórico da investigação, que ainda contempla o modelo de análise da observação, mas que será tratado na subseção seguinte. Aqui, apresentamos a perspectiva teórica adotada para abordar o objeto de investigação, a problematização; e os termos da pergunta de partida, que é a expressão daquilo que se busca conhecer com este estudo. Além disso, expomos os objetivos a alcançar e os termos da hipótese da investigação, que estabelece as relações entre os fenômenos em exame e oferece as diretrizes conceituais para a formulação do modelo de análise da etapa de observação.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/33QGCxp> (Reitoria da Univ. Nova de Lisboa). Acesso em: 23 nov. 2020.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/37jKDzK> (Centro Educativo Burle Marx). Acesso em: 23 nov. 2020.

Problematização

A arquitetura da casa enseja problematizações tão variadas quanto a complexidade que envolve sua instauração como fenômeno material e simbólico primordial à existência humana. Podemos analisá-la como reflexo da organização social da qual está inserida; compreendê-la sob o ponto de vista da criação artística; estudá-la como resposta aos anseios e estilos de vida dos seus moradores; perquirir os aspectos simbólicos contidos na sua expressão formal; examiná-la à luz dos processos históricos em curso; verificar a influência dos avanços tecnológicos na sua ideação; apurar os impactos ambientais ligados à sua construção e manutenção; averiguar sua estruturação espacial e funcional; entre outros.

Não obstante, numa das obras teóricas basilares do século passado, o célebre *A Arquitetura da Cidade*, 1966 (2001)²², Aldo Rossi pontuou: “Faz parte da ideia geral da arquitetura [...] o lugar como espaço singular e concreto.” (2001, p. 147). Assim, dada a relevância que a questão do lugar assumiu para a arquitetura no decurso do século XX, especialmente em Portugal e no Brasil, tal problemática apresenta-se como importante fonte interpretativa da fenomenologia da casa nas regiões em foco. Nesse sentido, o conceito de lugar na arquitetura é o tema central de enquadramento teórico na tarefa de análise da casa contemporânea.

Esse direcionamento teórico parte do pressuposto geral de que o lugar ainda é um dos dados fundamentais na teoria e prática da arquitetura nas cidades contemporâneas. Segundo Teresa Madeira da Silva:

Actualmente, as questões acerca dos lugares adquiriram uma certa relevância, seja porque as cidades se alargaram de forma repentina, seja pela tomada de posição de alguns investigadores, segundo os quais o processo de globalização poderia pôr em perigo a diversidade cultural no mundo e a identidade de contextos locais e respectivos lugares. (MADEIRA DA SILVA, 2011, p. 129).

Por outro lado, consideramos também um pressuposto específico, o de que a ideia de se projetar com especial atenção ao lugar é um *modus operandi* sedimentado nas arquiteturas portuguesa e brasileira precedente à denominada crítica pós-moderna, da qual deriva a assertiva de Madeira da Silva. Em outras

²² Nesta tese, a notação de duas datas para menção a uma obra bibliográfica indica que a primeira delas, sem parênteses, corresponde ao ano da sua primeira publicação, e a segunda, entre parênteses, corresponde ao ano da publicação consultada.

palavras, a relevância do lugar nas concepções arquitetônicas luso-brasileiras foi estabelecida em tempos anteriores.

Posturas remotas podem ser observadas nas estratégias de integração edifício-paisagem, tanto na arquitetura das Quintas de Recreio Seiscentistas (PIRES, 2013) quanto das casas iniciais de Raul Lino, dentro do Movimento da Casa Portuguesa no alvorecer do Novecentos (RAMOS, 2011), bem como no resgate binacional da arquitetura tradicional luso-brasileira – a Casa Portuguesa e o Movimento Neocolonial brasileiro – encabeçado pelo lisboeta Ricardo Severo (MELLO, 2012; PINHEIRO, 2013).

O sentido elevado de lugar também esteve presente no bojo dos debates acerca da introdução das ideias do Movimento Moderno no Brasil, a partir dos anos 1930-40, sobretudo com as proposições de Lucio Costa; e em Portugal, embutido na revisão crítica da Arquitetura Moderna – conduzida por Fernando Távora ao norte e Francisco Keil do Amaral ao sul do país – a partir de meados dos anos 1940.

No Brasil, o pensamento do arquiteto Lucio Costa foi o catalizador da incorporação de elementos do lugar – referências coloniais, clima e paisagem – aos preceitos primevos da Arquitetura Moderna europeia, mormente pautada pela ideia de sua aplicabilidade dissociada das culturas e particularismos locais. A respeito da referência ao lugar como tradição, o professor e editor brasileiro Abílio Guerra pondera que a teorização de Lucio Costa:

[...] atribuiu à Arquitetura Moderna um vínculo espiritual com a arquitetura colonial, tanto na versão erudita das igrejas barrocas do Aleijadinho, como na versão prosaica da arquitetura civil realizada pelos anônimos mestres de ofício. (GUERRA, 2002, p. 38).

Ana Vaz Milheiro reforça a ideia da participação dessa arquitetura “prosaica” na composição de um modernismo exemplar no Brasil: “É numa consciência *vernácula avant-gard* que a Arquitetura Moderna brasileira encontra o seu ‘cânone’ [...]” (MILHEIRO, 2005, p. 415).

Em Portugal o tema do lugar na formatação da arquitetura nacional terá novo impulso em meados do século XX com o pensamento e atuação dos arquitetos Fernando Távora e Keil do Amaral (MOTA, 2012), nos quais, em modo análogo ao brasileiro, a memória tectônica popular tipificado pela simbiose do edifício com o meio – reabilitada pelo Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960) –

será o ingrediente de localidade para a revisão crítica da Arquitetura Moderna no país.

Destarte, a consolidação de um ideário de modernidade vinculada ao vernáculo, defendida por Távora e Keil, irá formatar a prática de arquitetos como Álvaro Siza, Nuno Teotónio Pereira, entre outros, e também no ensino da Escola do Porto. Nesse sentido, conforme Lamas (1993, p. 64), tanto arquitetos do norte quanto os do sul de Portugal congregaram a diretiva do lugar como premissa de projeto.

Com efeito, as inflexões às ortodoxias da Arquitetura Moderna operadas em Portugal e Brasil, através da incorporação dos atributos de cada lugar, proporcionaram-lhes considerável autonomia expressiva e, por isso, uma invulgar inserção de suas produções no panorama internacional da crítica e historiografia da arquitetura. Acrescente-se que, nas arquiteturas contemporâneas de Brasil e, sobretudo de Portugal, a deferência ao lugar no discurso e na prática de projeto mantêm sua relevância. Isso se verifica na medida em que, *grosso modo*, as novas gerações de arquitetos não produziram uma drástica ruptura com a herança de suas culturas arquitetônicas do século passado.

O professor brasileiro Fernando Diniz Moreira assevera que a partir de meados dos anos 1990 há mesmo uma retomada de referências à Arquitetura Moderna brasileira “[...] sem recair em formalismos ou sentimentos nostálgicos” e que “Essa retomada procura na Arquitetura Moderna, não apenas na brasileira, mas também na internacional, exemplos de uma relação mais harmoniosa do edifício com o lugar, de adequação climática e de coerência construtiva.” (MOREIRA, 2016, p. 203).

No mesmo sentido, a respeito da influência do passado recente na arquitetura contemporânea em Portugal, o editor de arquitetura José Manuel das Neves afirma: “As gerações mais novas que iniciaram atividade na década de 1990 cruzaram este legado, com o qual nunca operaram uma verdadeira ruptura [...]” (NEVES, 2013, p. 7).

Portanto, investigar os modos contemporâneos pelos quais os arquitetos brasileiros e portugueses concebem suas casas a partir de suas respostas ao lugar é um instrumento teórico indispensável para conhecer suas arquiteturas, construir quadros comparativos e aglutinar estratégias de projeto.

Mas, sob qual ponto de vista aborda-se o lugar nesta investigação? Entendemos que alguns elementos do lugar são transcendentais para a criação da arquitetura, dentre esses, destacamos aqui o chão, a envolvente, e a arquitetura

preexistente – elementos muitas vezes explorados na construção das especificidades observadas na arquitetura luso-brasileira. O significado topográfico do sítio na obra de Álvaro Siza e o singular apreço pelos *pilotis* na Arquitetura Moderna brasileira; a sensibilidade à paisagem nas arquiteturas de Raul Lino e da Escola Carioca; e a incorporação de preexistências tectônicas vernaculares nas obras de Lucio Costa e Fernando Távora; são apenas alguns exemplos da relevância desses atributos de lugar, tanto no Brasil quanto em Portugal.

O chão, com sua conformação topográfica, é o substrato ao qual o edifício se junta incontestemente ou busca o céu na sua ancestral luta contra a força da gravidade. Christian Norberg-Schulz assinala que, para compreendermos uma construção erguida algures, o chão daquele lugar é referência basilar “[...] temos de examinar como ela repousa sobre o solo e como ela se ergue para o céu.” Por sua vez, com nuances poéticas, Juhani Pallasmaa também nos lembra:

A sensação da gravidade é a essência de todas as estruturas arquitetônicas, e grandes obras de arquitetura nos tornam cientes da gravidade e da terra. A arquitetura reforça a experiência da dimensão vertical do mundo. Ao mesmo tempo em que nos torna cientes da profundidade da terra, ela nos faz sonhar com a levitação e com o voo. (PALLASMAA, 2011, p. 64).

A envolvente é o panorama externo ao edifício, seus horizontes, ao qual a caixa arquitetural através de suas portas e janelas estabelece níveis de comunicação. Assim, face ao mundo exterior, os vãos da casa ora se voltam, ora o enquadram, ora dele se esquivam. Em *O Homem e o Espaço*, 1963 (2019), Friedrich Bollnow nos recorda que “O pequeno espaço de moradia está inserido no grande mundo pela janela, e esta possibilita orientar-se neste mundo. Pela janela, vemos ao longe o céu e o horizonte [...]” (2019, p. 171). A seu turno, Kenneth Frampton define as aberturas da caixa arquitetural como sendo “[...] zonas delicadas de transição com capacidades de reagir a condições específicas impostas pelo lugar, pelo clima e pela luz.” (2015, p. 397).

Já a arquitetura preexistente de um lugar em suas formas e materialidades – ou o que denominaremos como paisagem arquitetônica – sempre demanda um sentido de tempo para a obra nova que ali se ergue. No gesto criador da arquitetura, há o recorrente embate entre o novo e o velho, entre a tradição e a contemporaneidade ao qual o arquiteto se vê envolvido na resolução da feição do

edifício vindouro naquele lugar. Como bem colocou Simon Unwin, “Essa incerteza fundamental está no centro de muitos dos grandes debates da arquitetura ao longo da história e no presente: os arquitetos devem seguir a tradição ou devem buscar novidades e originalidade [...]?” (2013, p. 111).

Considerando as propriedades aqui desenvolvidas para os elementos “chão”, “envolvente”, e “arquitetura preexistente”, cabe assinalar que – por incorporar aspectos físicos, simbólicos e culturais – a noção de lugar abrange a noção de sítio e a transcende.

Por consequência, a par do rol de apontamentos anteriores, depuramos a pergunta de partida que norteia esta investigação, a saber: quais são as estratégias de projeto adotadas na criação de casas contemporâneas de referência na AML e RMBH como respostas ao lugar no tocante à topografia, aos horizontes, e à paisagem arquitetônica? Portanto, tendo a casa como o epicentro da observação, o presente estudo analisa os modos de interação do edifício com o lugar sob o ponto de vista da topografia que o sustém; dos horizontes que o definem; e da paisagem arquitetônica que o caracteriza.

Objetivos

O objetivo geral desta investigação é estabelecer um quadro comparativo das estratégias de projeto adotadas na criação da casa contemporânea de referência nas regiões metropolitanas de Lisboa e Belo Horizonte, tendo como parâmetro a interação entre edifício e lugar. Paralelamente, busca-se compreender o substrato cultural que nutre as proposições dos arquitetos autores, bem como os possíveis fluxos de ideias entre esses autores no âmbito birregional do estudo.

Assim, para a consecução da meta central da investigação, estabelecemos objetivos específicos, que são aqueles que se relacionam com a constituição da base de dados da investigação, quais sejam:

- Conhecer os modos de distribuição do programa das casas em relação às suas topografias, assim como identificar os fatores motivadores de tais modos;
- Verificar os tipos de interface entre a fenestração da caixa arquitetural das casas e suas envolventes, e identificar as razões para estes tipos de interface;

- Avaliar os níveis de integração formal, tectônica e material entre as casas e suas paisagens arquitetônicas locais, bem como as suas razões;
- Identificar as referências arquitetônicas dos arquitetos autores das casas contemporâneas de notoriedade no âmbito birregional;
- Verificar o teor e a intensidade das possíveis relações arquitetônicas entre os autores atuantes nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte;
- Dimensionar a relevância que o lugar teve/tem na formação e atuação profissional de arquitetos de casas contemporâneas de referência no âmbito birregional, assim como suas consequências prático/teóricas.

Hipótese

Segundo Quivy e Campenhoudt (2013, p. 150), “Uma hipótese é uma proposição que prevê a relação entre dois termos, que, segundo os casos, podem ser conceitos ou fenômenos.” Sob essa perspectiva, a hipótese elaborada para responder à pergunta de partida desta investigação articula os fenômenos “lugar” e “arquitetura da casa contemporânea”. Além disso, a estrutura da hipótese que ora enunciamos inclui três grupos binários de estratégias de projeto como respostas ao lugar nas casas contemporâneas da AML e RMBH: acomodação *versus* elevação no que se refere à topografia; extroversão *versus* introversão no que tange aos horizontes; e continuidade *versus* ruptura relativamente à paisagem arquitetônica. Sendo assim, a hipótese construída para resposta à pergunta de partida desta investigação se enuncia nos termos do parágrafo a seguir.

Em estratégias opostas, as casas da AML são acomodadas à topografia e introvertidas em relação aos seus horizontes, e as casas da RMBH são elevadas e extrovertidas; em estratégias convergentes, ambas estabelecem ruptura com as paisagens arquitetônicas tradicionais ou continuidade às paisagens contemporâneas.

Por fim, cumpre mencionar que, no contexto desta investigação, a construção da hipótese lastreia-se no método hipotético-indutivo, no qual a formulação de generalizações ou tendências dominantes sobre o objeto de estudo constitui-se através da verificação empírica de uma amostra representativa do seu universo. Como consequência metodológica desse tipo de hipótese, a etapa de observação opera-se pelo método de estudo de casos, um dos itens cujo detalhamento encontra-se na seção seguinte.

1.3. Metodologias de investigação

Considerando-se metodologia de investigação o quadro geral dos métodos utilizados para abordar e perquirir a questão de investigação, isto é, “[...] os procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (GIL, 2008, p. 8), esta investigação estrutura-se numa metodologia científica qualitativa não intervencionista que emprega o método indutivo na produção do saber. Além disso, nas tarefas de observação e interpretação dos fenómenos em questão, utilizam-se, respectivamente, os métodos de estudo de casos e o comparativo. As subsecções seguintes detalham o arcabouço metodológico desta investigação.

1.3.1. Desenho da investigação

O procedimento científico utilizado para responder ao problema de investigação corresponde à metodologia qualitativa, cuja finalidade do conhecimento que se produz não é intervir na realidade para alterá-la, mas apurar os fatores que convergem para a ocorrência dos fenómenos. Embora esta investigação recorra a substanciais apuramentos de dados quantitativos relativos a edifícios, ela não perde o seu cunho qualitativo, posto que tais indicadores numéricos, em última instância, se prestam a revelar aspectos de qualidades arquitetônicas das casas contemporâneas em estudo.

Trata-se, portanto, de uma investigação teórica ativa não intervencionista na qual se desenvolvem: o estado da arte acerca dos temas estruturantes da tese (estudos comparativos de arquitetura entre Brasil e Portugal, noções de lugar em arquitetura, noções e evolução do sistema casa-lugar, e arquitetura da casa luso-brasileira); um modelo de análise de observação; e um estudo de casos para a composição da base de dados do trabalho.

Nesse sentido, o problema de investigação é resolvido pelo método indutivo, ou seja, parte-se da análise de uma parcela que representa o universo dos fenómenos em estudo para a proposição de generalizações ou tendências dominantes decorrentes dos dados coletados em amostragem (casas contemporâneas da AML e RMBH). Aqui, considerando que os métodos utilizados estão mais vinculados às ciências sociais do que às ciências naturais, parece-nos mais adequado empregar o termo “tendências” no que tange às conclusões derivadas desse tipo de investigação. Conforme Antônio Carlos Gil, “Se as pesquisas nas ciências naturais com frequência

conduzem ao estabelecimento de leis, nas ciências sociais não conduzem mais do que à identificação de tendências.” (2008, p. 6).

O método comparativo também integra o instrumental metodológico desta investigação, visto que o objetivo central aqui estabelecido coteja arquiteturas contemporâneas de duas regiões em nações distintas. Carlos Gil nos lembra que, comumente utilizado para estudos entre culturas diferentes, “O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles.” (GIL, 2008, p. 16). Neste caso, os dados levantados na amostragem birregional de casas contemporâneas lastreiam a descrição, classificação e explicação dos fenômenos em causa com vistas à construção do quadro comparativo das estratégias de projeto.

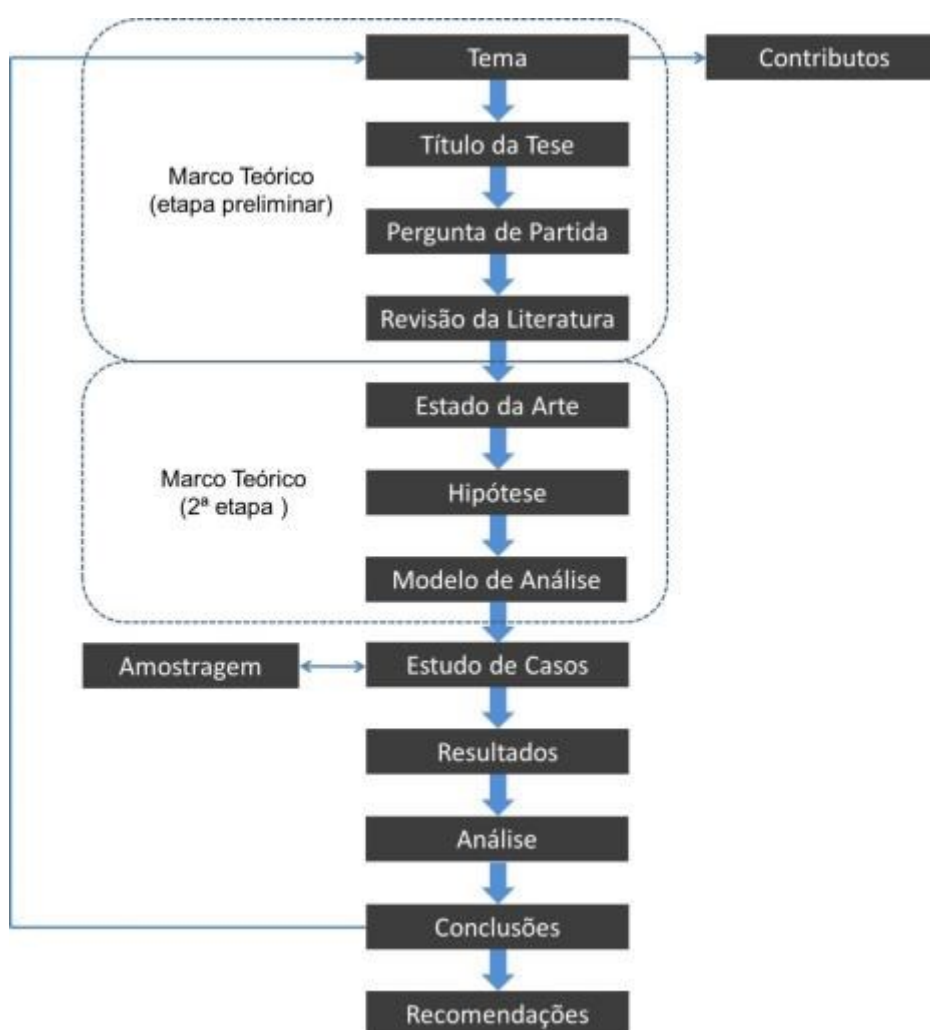
Em suma, a presente investigação pauta-se por um esquema metodológico convencional, no qual são desenvolvidas as seguintes etapas:

1. Marco teórico (etapa preliminar). Definição do tema e título da tese; construção do problema de investigação; e revisão da literatura com base nas palavras-chave: arquitetura contemporânea, arquitetura da casa, projetos de referência em Lisboa e Belo Horizonte, estratégias de projeto, lugar;
2. Marco teórico (segunda etapa). Estabelecimento do estado da arte sobre os temas estruturantes da investigação; construção da hipótese; e construção do modelo de análise da observação;
3. Observação. Realizada pelo método estudo de casos, o embasamento empírico da investigação. Nessa etapa, constitui-se a base de dados da investigação a partir das fontes de evidências relativas à amostragem e aos autores dos projetos (documentação, entrevistas, observação direta e indireta);
4. Análise da informação. Verificação empírica que visa à comprovação ou invalidação da hipótese. Essa etapa consiste na interpretação crítica e comparativa dos resultados obtidos no estudo de casos com objetivo de identificar convergências e divergências, bem como apontar as causas dos fenômenos. Além disso, analisa os resultados que destoam daquilo que é esperado;

5. Conclusões. Trata-se da análise final da investigação com base nos resultados e na metodologia desenvolvida. Registram-se o retrospecto dos procedimentos metodológicos adotados, os contributos para o conhecimento do campo de estudo, bem como a avaliação crítica dos achados e dos próprios processos empregados. Além disso, apresentam-se as recomendações para futuras investigações.

A título de síntese do desenho da investigação, a Figura 9, a seguir, apresenta o fluxograma do processo investigativo.

Figura 9 - Fluxograma da investigação



Fonte: o autor, 2017.

1.3.1.1. Modelo de análise

O modelo de análise é o instrumento teórico desenvolvido para o procedimento da observação e recolha, junto à amostragem, dos dados relacionados

aos fenômenos anunciados na hipótese desta investigação. Esse instrumento, portanto, articula-se com a hipótese e constitui a chave operacional para o trabalho de observação e análise dos fenômenos em questão (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2013, p. 150). A hipótese anunciada nesta investigação pressupõe a confrontação entre os fenômenos “lugar” e “arquitetura da casa contemporânea”. O modelo de análise, portanto, estabelece as dimensões e os indicadores de tais fenômenos, bem como suas correlações.

O fenômeno “lugar” é tratado, considerando-se as seguintes dimensões e respectivos indicadores, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1 - Lugar, dimensões e indicadores

Fenômeno - Lugar	
Dimensões	Indicadores
Topografia do terreno	Curvas de nível e perfis topográficos
Envolvente do lote	Horizontes
Padrão arquitetônico de vizinhança	Linguagem, sistemas construtivos e materiais de acabamento

Fonte: o autor, 2019.

Já o fenômeno “arquitetura da casa contemporânea” é abordado pelas seguintes dimensões e respectivos indicadores, de acordo com o seguinte quadro.

Quadro 2 - Arquitetura da casa contemporânea, dimensões e indicadores

Fenômeno - Arquitetura da casa contemporânea	
Dimensões	Indicadores
Fachadas	Opacidade, transparência, e orientação dos vãos
Programa	Áreas e cotas altimétricas dos ambientes
Linguagem arquitetônica	Volumetria, fenestração, cobertura, e caixa mural
Sistemas construtivos	Paredes, vãos, cobertura, e estrutura
Materiais de acabamento	Paredes, vãos, e cobertura

Fonte: o autor, 2019.

O modelo de análise elaborado para esta investigação examina os casos de estudo através dos três grupos binários de estratégias de projeto elencados na hipótese, segundo três ordens de projeto: acomodação e elevação (ordem vertical); extroversão e introversão (ordem horizontal), e continuidade e ruptura (ordem transversal).²³

²³ As ordens horizontal e vertical de projeto são esquemas de análise da interface edifício-lugar; portanto, elas não constituem as plantas e os cortes dos projetos arquitetônicos propriamente ditos.

Conceitualmente, as ordens vertical e horizontal de projeto derivam dos sentidos de orientação humana no espaço, que normalmente são transpostos para a percepção e a composição da arquitetura.²⁴ A esse respeito, Bollnow afirma, “[...] o eixo vertical e o plano horizontal, juntos, formam o esquema mais simples do espaço humano concreto.” (2019, p. 49). Por sua vez, a ordem transversal assim é denominada não só por conter, mas transcender os elementos que perpassam as duas ordens anteriores. Entretanto, na ordem transversal não se adotam as noções de eixos e planos na verificação da interface edifício-lugar.

O grupo binário de estratégias de projeto acomodação e elevação é avaliado através de grelha de análise em que os indicadores de áreas e cotas altimétricas dos ambientes das casas são mensurados em relação às curvas de nível e perfis topográficos dos terrenos.

O grupo introversão-extroversão é verificado pela grelha de análise na qual os indicadores opacidade, transparência, e orientação dos vãos das fachadas das casas são quantificados em relação aos seus horizontes.

Já o grupo binário continuidade-ruptura é apurado por grelha de análise na qual os indicadores de linguagem arquitetônica, sistemas construtivos e materiais de acabamento das casas são calculados em comparação aos indicadores do padrão arquitetônico de vizinhança.

Da mensuração desses indicadores, a partir de uma escala de valores, enquadram-se as estratégias de projeto de cada edificação a um dos polos dos binários elencados anteriormente, que representam as ordens verticais, horizontais e transversais das casas contemporâneas no âmbito birregional de estudo.

Embora a mensuração das dimensões do lugar e do edifício se faça por indicadores quantitativos, eles são categorizados, isto é, convertidos em indicadores qualitativos. Assim, os valores numéricos apurados nas casas contemporâneas são transmutados em atributos, a saber: introversão; extroversão; continuidade; ruptura, acomodação; e elevação, que, por sua vez, são matizados por uma escala de intensidade (suave, moderada, forte, muito forte).

²⁴ Sobre os eixos de orientação espacial humana e suas implicações na arquitetura, ver, entre outros: August Schmarsow (1894); Bruno Zevi, 1948 (1996); Gaston Bachelard, 1957 (2012); Mircea Eliade, 1957 (1992); Friedrich Bollnow, 1963 (2019); Norberg-Schulz, 1976 (2008); Yi-Fu Tuan, 1977 (1983); Teixeira Coelho Neto (1979).

Assim, a classificação das casas aos polos dos binários permite-nos confirmar ou invalidar a hipótese da investigação, bem como subsidiar a construção dos quadros comparativos das estratégias de projeto das casas contemporâneas face ao lugar nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte.

1.3.1.2. A observação, estudo de casos

“A observação compreende o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é confrontado com dados observáveis.” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2013, p. 205).

O método de verificação empírica – cotejo da questão de partida com os dados reais – utilizado nesta investigação é o estudo de casos. A eleição desse dispositivo de observação decorre da própria definição do método, que, segundo Robert k. Yin, é o procedimento científico que “[...] investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real [...]” (2003, p. 32), onde fenômeno e contexto estão imbricados. O estudo de casos, como método para perquirir estratégias arquitetônicas derivadas dos lugares de inserção do edifício, portanto, corresponde com precisão à referida condição de pertinência entre o fenômeno de estudo e o seu contexto.

O estudo de casos tem como função compor a base de dados da investigação, isto é, operacionalizar a coleta de evidências na amostragem. Nesse sentido, a partir do critério de notoriedade dos projetos, apurado em publicações especializadas e premiações de arquitetura, compôs-se a amostragem com dez casas de referência na AML e outras dez na RMBH.

Relativamente à quantidade de casos definida nesta investigação – embora esse número de amostras não seja estatisticamente representativo, mas qualitativamente, do universo de estudo – pautamo-nos pela orientação de Eisenhardt, citada por Carlos Gil, para a composição da amostragem nesse método: “[...] costuma-se utilizar de quatro a dez casos. Com menos de dez casos, é pouco provável que se gere uma teoria [...]” (GIL, 2002, p. 140).

Os quadros 3 e 4 que se seguem, listam os casos de estudo definidos para compor a amostragem de casas contemporâneas da AML e RMBH, com a especificação do número do caso; da nomenclatura do projeto; do local da construção; dos anos de início do projeto e conclusão da obra; e do(s) autor(es) do projeto.

Quadro 3 - Casos de estudo da AML

N.	Projeto	Local	Anos	Autor(es)
1	Casa no Murtal	Cascais	2001-2006	Cândido Chuva
2	Casa no Romeirão	Mafra	2001-2003	José Mateus
3	Casa Conde	Seixal	2001-2007	Mário Ferreira e Sara Antunes
4	Casa no Magoito	Sintra	2003-2009	Inês Lobo
5	Casa no Azeitão	Setúbal	2003-2006	Miguel Beleza
6	Casa Aroeira III	Almada	2005-2011	Cristóvão Fonseca e Vera Alves
7	Vila Utopia	Oeiras	2005-2012	Gonçalo Byrne
8	Casa em Caxias	Oeiras	2007-2012	António Costa Lima
9	Casa na Aroeira	Almada	2007-2010	Manuel Aires Mateus
10	Casa C+P	Lisboa	2009-2011	Gonçalo das Neves

Fonte: o autor, 2017.

Quadro 4 - Casos de estudo da RMBH

N.	Projeto	Local	Anos	Autor(es)
11	Casa EP	Nova Lima	2003-2005	Ulisses Morato
12	Casa BF	Nova Lima	2003-2005	Humberto Hermeto
13	Casa Lincoln	Nova Lima	2007-2009	Gustavo Penna
14	Residência NB	Nova Lima	2007-2010	Alexandre Brasil e Paula Zasnicoff
15	Casa da Montanha	Nova Lima	2007-2009	David Guerra
16	Casa EG	Nova Lima	2007-2011	Marcelo Alvarenga
17	Casa Galeria	Nova Lima	2008-2011	Fernando Maculan e Mariza Machado
18	Residência Bosque da Ribeira (EL)	Nova Lima	2008-2009	Eduardo França e Letícia de Azevedo
19	Residência Bosque da Ribeira (JT)	Nova Lima	2010-2013	Johanna Anastasia e Tomás Anastasia
20	Casa Vale dos Cristais	Nova Lima	2011-2013	Paulo Trajano

Fonte: o autor, 2017.

Trata-se, portanto, do chamado estudo de caso coletivo, que objetiva conhecer as especificidades de uma determinada “população”, em que os casos selecionados viabilizam “[...] aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem.” (GIL, 2002, p. 139). Nesse sentido, a grelha de análise dos projetos é o instrumento que define, a partir dos parâmetros do modelo de análise, os dados a serem recolhidos de cada obra/projeto que compõe o estudo de casos, bem como as fontes de evidência, que, nesse procedimento, advêm da observação direta e indireta.

A observação indireta das casas da amostragem realiza-se por meio de exame e processamento de dados oriundos de publicações especializadas (livros, revistas, e *sites* de arquitetura) e material gráfico de projetos arquitetônicos; e entrevistas semiestruturadas aos autores dos projetos através de questionário padrão, conforme o *Apêndice III – Entrevista semiestruturada padrão*.

Na observação direta, em campo, realizam-se visitas técnicas às obras que compõem a amostragem, assim como a cinco casas vizinhas a cada uma delas. Nas visitas, efetuam-se registros fotográficos e anotações de dados sobre as casas da amostragem e as casas vizinhas em fichas padronizadas de campo, conforme o *Apêndice I – Formulários de campo para recolha de dados*.

1.4. Organização do texto

Antes de indicar o conteúdo textual da tese e sua distribuição no documento, cumpre destacar que este trabalho confere substancial peso narrativo à iconografia, isto é, a numerosa inserção de imagens, gráficos, desenhos arquitetônicos e mapas ao longo da escrita, cumpre proeminente papel semântico na apresentação dos tópicos.

Esta tese desenvolve-se em dez seções que se distribuem em quatro grandes partes textuais, as quais denominamos: marco teórico; observação; análise da informação, e; conclusões e recomendações. Além disso, temos a parte pós-textual, a qual denominamos “complementos”, que engloba outras duas seções, quais sejam: referências e apêndices.

Quadro 5 - Partes e seções da tese

Partes	Seções
Marco teórico	1. Introdução 2. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal 3. Espaço e lugar na arquitetura 4. Habitar, uma questão de lugar 5. A casa luso-brasileira e seus lugares 6. O modelo de análise da observação
Observação	7. Casos de casas contemporâneas na AML e RMBH
Análise da informação	8. Entre o céu, a terra, o horizonte e o tempo: estratégias de projeto
Conclusões e recomendações	9. Conclusões 10. Recomendações para futuras investigações
Complementos	11. Referências 12. Apêndices

Fonte: o autor 2021.

A parte denominada “marco teórico” é composta pelas seções de 1 a 6. Nessas seções, desenvolvem-se os enquadramentos; o estado da arte da investigação; e o modelo de análise da observação.

Na seção 1, *Introdução*, lançam-se as definições de base para o desenvolvimento de todo o trabalho de investigação. Consiste na apresentação do

tema da tese e sua justificativa para o conhecimento disciplinar; o enquadramento geográfico, temporal e tipológico do estudo; o tratamento teórico do tema da investigação (problematização); a explanação da pergunta de partida e sua base conceitual; os objetivos gerais e específicos a alcançar; os termos da hipótese para resposta à pergunta de partida; a definição das dimensões e indicadores dos fenômenos em estudo para a constituição do modelo de análise; e a descrição do método de observação, o estudo de casos, com a lista da amostragem.

O estado da arte, que abarca o conhecimento relativo os conceitos estruturantes da investigação (intercâmbios arquitetônicos Brasil-Portugal, lugar, e casa), é desenvolvido nas seções de 2 a 5 deste documento.

A seção 2, *Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal*, discorre sobre o intercâmbio entre as culturas arquitetônicas luso-brasileiras através da análise da literatura correlata e dos deslocamentos profissionais, culturais e acadêmicos de autores consagrados no âmbito binacional do estudo.

Na seção 3, *Espaço e lugar na arquitetura*, opera-se a desambiguação dos termos “espaço” e “lugar” na arquitetura pela visita ao significado de tais termos em pensadores referenciais. Além disso, abordam-se as narrativas do campo disciplinar sobre lugar na arquitetura, tanto em âmbito geral quanto em grupos temáticos específicos identificados na literatura. Por fim, verifica-se a questão do lugar nas arquiteturas de Portugal e Brasil, assim como suas interconexões.

A seção 4, *Habitar, uma questão de lugar*, analisa a origem e a evolução do artefato casa com base naquilo que denominamos sistema casa-lugar numa síntese teórica que parte da cabana primitiva e vai até as casas-manifesto contemporâneas.

Na seção 5, *A casa luso-brasileira e seus lugares*, aborda-se a evolução da casa considerando o sistema casa-lugar em dois âmbitos territoriais, o binacional (Portugal e Brasil) e o birregional (AML e RMBH). Aqui, considera-se a experiência da casa portuguesa genuinamente europeia, produzida na cronologia pré-colonial, e as casas luso-brasileiras, desenvolvidas a partir da cronologia da transposição dos modelos portugueses para América do Sul.

A seção 6, *O modelo de análise da observação*, expõe a construção do instrumento teórico para abordagem e coleta de dados da amostragem de casas contemporâneas da AML e RMBH. O modelo de análise define as dimensões e os indicadores dos fenômenos “lugar” e “arquitetura da casa contemporânea”, com o

fito de gerar os parâmetros comparativos de observação. Apresenta-se, também, a construção da grelha de análise dos projetos, isto é, a ferramenta operacional derivada do modelo teórico em que se processa a recolha das informações dos projetos arquitetônicos em causa. Essa seção contempla, ainda, as diretivas das entrevistas semiestruturadas aos autores dos projetos; as quais visam conhecer o substrato cultural dos arquitetos; as possíveis relações entre esses universos culturais em âmbito birregional; e os motivos das estratégias de projeto das moradias em pauta.

A parte do documento designada "Observação" é desenvolvida na seção 7, *Casos de casas contemporâneas na AML e RMBH*. Aqui, apresentam-se os critérios de seleção da amostragem; a localização dos casos de estudo nos dois territórios; e a ficha detalhada de cada projeto (autores, projeto arquitetônico e contexto). Além disso, apresenta-se a compilação dos dados colhidos nos projetos por meio das grelhas de análise e das entrevistas semiestruturadas.

A parte da tese denominada "Análise da informação" é constituída pela seção 8, *Entre o céu, a terra, o horizonte e o tempo: estratégias de projeto*. Tal tópico consiste na confirmação ou refutação da hipótese da investigação à luz dos resultados da verificação empírica. Além disso, exhibe a interpretação crítica e comparativa dos resultados da observação no que tange ao universo cultural que move a criação dos projetos por parte dos seus autores e suas possíveis inter-relações no âmbito binacional e birregional; o apontamento das causas e tendências dominantes de estratégias de projeto, bem como a verificação de convergências e divergências dessas na comparação birregional.

A parte do documento "Conclusões e recomendações" encampa as seções 9 e 10. A seção 9, *Conclusões*, exhibe um apanhado dos processos adotados no desenvolvimento da investigação; os principais achados e aportes ao conhecimento do tema; e a avaliação crítica quanto a possíveis achados e procedimentos que apresentam fragilidades. Já a seção 10, *Recomendações para futuras investigações*, aponta os possíveis desdobramentos práticos e científicos que a investigação deve suscitar em trabalhos posteriores.

Por fim, a parte "Complementos" é composta pela seção 11, *Referências*, na qual são listados os livros, periódicos, jornais, revistas, entre outras fontes em suporte físico ou digital, utilizadas nas citações ao longo do documento; e pela seção

12, *Apêndices*, que consiste na apresentação sintética dos dados relativos às grelhas de análise dos projetos das casas contemporâneas no âmbito birregional, bem como das entrevistas feitas com os arquitetos autores.



Imagem:
Res. Bosque da Ribeira (JT). RMBH.
Fonte: Jomar Bragança.
Adaptada pelo autor, 2020.

2. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal

O *Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta* (ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, 2000) – firmado entre Brasil e Portugal em Porto Seguro na simbólica data que marcou os 500 anos da chegada das caravelas portuguesas à costa brasileira –, entre outras resoluções, deliberou que compete às duas nações “[...] promover no território da outra o conhecimento do seu património cultural [...]”. A partir de então, nota-se uma intensificação nas interações entre Brasil e Portugal em vários domínios e, notadamente, no campo da arquitetura.

Nesse contexto, podemos destacar como feitos emblemáticos: o protocolo de cooperação e intercâmbio entre a Ordem dos Arquitetos de Portugal (OA) e o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), 2009; a fundação da Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa (AEAULP), 2010; a realização dos eventos *O Ano do Brasil em Portugal* e *O Ano de Portugal no Brasil*, 2013; o acordo Portugal-Brasil de reciprocidade para reconhecimento de diplomas de arquitetura e engenharia, 2013; a transferência do acervo de importantes projetos da Arquitetura Moderna brasileira para a guarda na Casa da Arquitectura - Centro Português de Arquitectura, em Matosinhos²⁵, 2015-18, além da realização de diversos acordos de intercâmbio e eventos acadêmicos (ANDRADE, 2016). Cabe referir que o Conselho Internacional dos Arquitetos de Língua Portuguesa, CIALP, fundado em 1990 e sediado em Lisboa, foi a primeira instituição internacional a congregar as organizações profissionais dos países lusófonos.

A seguir, trataremos o intercâmbio entre as culturas arquitetônicas luso-brasileiras em duas subseções distintas, na primeira, pela análise da literatura produzida a esse respeito, e na segunda, através dos deslocamentos interoceânicos de autores consagrados para estudos, conferências e realização de projetos.

2.1. Os estudos comparativos

Comparação em arquitetura é uma instância metodológica praticada sistematicamente desde o final do século XIX, inaugurada pelos trabalhos do inglês Banister Fletcher (*A história da arquitetura pelo método comparativo*, de 1896) e do francês Auguste Choisy (*História da*

²⁵ A exposição *Infinito Vão – 90 anos de Arquitetura Brasileira*, inaugurada em setembro de 2018 apresentou ao público as obras mais significativas da Arquitetura Moderna brasileira cujos projetos, desenhos, maquetes, entre outros, passaram a integrar o acervo da Casa da Arquitectura.

arquitetura, de 1899). Desde então, a historiografia tratou de criar parâmetros e classificações para a arquitetura, estabelecendo períodos e estilos, baseados nas conexões que as diversas obras demonstravam ter entre si. (NOTO, 2007, p. 10).

Considerando os estudos de aproximação bilateral entre as arquiteturas de Brasil e Portugal, Lucio Costa se apresenta como um pioneiro na abordagem do tema ao escrever os artigos *Tradição Local*, 192-? (2018a), e *Documentação Necessária* (1937), que analisaram a arquitetura civil colonial no Brasil a par de suas raízes na arquitetura popular portuguesa. Na sequência imediata, vieram os estudos da História da Arte com as obras fundadoras de Robert C. Smith em *The Colonial Architecture Of Minas Gerais In Brazil* (1939) e *Jesuit Buildings in Brazil* (1948), entre outras; Georges Kubler e Martín Soria no livro *Art and Architecture in Spain and Portugal and their American Dominions: 1500 to 1800* (1959); Mario Chicó em *Monumentos de Portugal e do Brasil. Exposição de Fotografias: Séculos XII – XVIII* (1961); e John B. Bury em *The Architecture and Art of Colonial Brazil* (1984). Além disso, cumpre registrar, a engenharia militar e o urbanismo motivaram extensas pesquisas, das quais podemos destacar as realizadas por Paulo Ferreira Santos, 1968 (2001); Paulo O. Azevedo (1982); Renata Araújo (1998); Rafael Moreira e Renata Araújo (1999); Nestor Goulart Reis Filho (2000); Walter Rossa, Renata Araújo e Helder Carita (2001), Manuel Lobo e José Geraldo Junior (2012).

O século XXI tem assinalado um forte incremento na produção acadêmica relativa aos estudos binacionais, onde o Curso de Doutorado em Arquitetura (CDA) da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL) se consolida como um epicentro de investigações científicas e produção de literatura correlata. As doutoras Tânia Beisl Ramos, Madalena Cunha Matos e Ana Vaz Milheiro, integrantes do corpo docente da FAUL, somam vultosa produção científica com enfoque nos fluxos de influências e dissensões entre as arquiteturas nacionais em questão.

Os artigos das doutoras Tânia Ramos e Madalena Cunha Matos, *Recepção da Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal: Registos e uma Leitura* (RAMOS; MATOS, 2005); *O Bloco de Habitação Colectiva no Brasil e em Portugal* (RAMOS; MATOS, 2006); *Um Encontro, um Desencontro. Lucio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos* (MATOS; RAMOS, 2007); e *Viana de Lima e o Brasil: Património e Modernidade* (2009), compõem um importante marco nos estudos científicos sobre as relações transculturais em que são investigados o trânsito de ideias e autores emblemáticos, a

caracterização arquitetônica comparativa, e o mapeamento de redes sociais dos principais agentes atuantes na construção das arquiteturas modernas luso-brasileiras.

No âmbito das monografias, também de autoria de Tânia Ramos, o livro *Os Espaços do Habitar Moderno: Evolução e Significados. Os Casos Portugêses e Brasileiro* (RAMOS, 2006), procedente da tese doutoral no Instituto Superior Técnico (IST), é uma obra que identifica, no percurso de instauração e desenvolvimento da habitação coletiva moderna nos dois países, suas características e as fases de influências bilaterais. Inicialmente, ambas as arquiteturas assumem os valores internacionais na aceitação do Movimento Moderno; num segundo momento, a presença da matriz colonial portuguesa nos modos de habitar coletivo brasileiro instaura sua identidade, que se projeta para o mundo e posteriormente influencia a formatação dos modelos portugueses.

O livro *Entre Brasil e Portugal: Desafios, Discursos e Práticas da Arquitetura Moderna e Contemporânea* (RAMOS, 2016) é uma coletânea de textos oriundos do colóquio internacional homônimo promovido em 2011 pelo Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da FAUL. A relevância dessa publicação para este estudo recai no fato de trazer as reflexões teóricas e práticas sobre as conexões arquitetônicas entre Brasil e Portugal para a contemporaneidade recente, período ainda pouco analisado. Dessa obra cumpre destacar, pela proximidade de abordagem temática desta tese, os artigos: *Tectônica e Lugar na Arquitetura Contemporânea Brasileira*, de Fernando Diniz Moreira, no qual se toma a habitação unifamiliar para o tratamento histórico recente de suas respostas construtivas à diversidade do território brasileiro, e; *Três Ensaios Nativistas de Oscar Niemeyer em Minas Gerais*, de Danilo Matoso Macedo, que expõe uma modernidade nacionalista – herdeira de trocas culturais luso-brasileiras – com fulcro “quase vernáculo” em algumas obras de Niemeyer em Minas Gerais.

Paralelamente a essas autoras, a doutora Ana Vaz Milheiro produziu um expressivo acervo de monografias e artigos de envergadura histórica e teórica que contribuíram na consolidação dos estudos comparativos no campo acadêmico português. O livro *A Construção do Brasil: Relações com a Cultura Arquitetônica Portuguesa* (MILHEIRO, 2005), oriundo da sua tese na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU-USP), traça uma meticulosa trajetória histórico-crítica da arquitetura brasileira em três atos distintos, analisados pelos movimentos pendulares com a cultural portuguesa. Principia no século XIX, que representa a

dissolução da ordem colonial pelo Neoclássico importado da Corte, que por sua vez será “transgredido” pela própria tradição local; em seguida, há a transição entre séculos, em que indica o compartilhamento dos nacionalismos Ecléticos em que o Neocolonial será o ponto de contato; e finaliza com a construção do “cânone” moderno brasileiro no século XX, lastreado numa “racionalidade” colonial, que “contaminará” a montagem de uma modernidade “epidérmica” em Portugal que, por sua vez, logo bifurcará desta matriz pelo caminho da regionalidade.

Outra linha investigativa da professora Milheiro diz respeito ao fluxo cultural Brasil-Portugal-África que coloca a Arquitetura Moderna brasileira como ponto de partida e junção deste triângulo intercontinental. Essa temática foi desenvolvida nos artigos *As Coisas não São o que Parece que São: Arquitectura Brasileira na África Portuguesa (1953-75)* (2008); *As Exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua Influência nos Territórios Portugueses e Africano* (MILHEIRO; FERREIRA, 2009); e *Experiência em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil* (2009), nos quais se verificam a consolidação da influência brasileira em Lisboa nos anos 1950 e seu posterior transplante para a África, via arquitetos portugueses, onde, longe das amarras do Regime, puderam disseminá-la e operar seu assentamento nas colônias africanas em sua plenitude expressiva.²⁶

Nessa mesma linha de estudos, a consolidar uma tendência, há o contributo multifacetado do livro *Portugal, Brasil, África. Urbanismo e Arquitectura: do Ecletismo ao Modernismo* (FERNANDES; PINHEIRO, 2013), uma reunião de artigos originários do colóquio internacional homônimo, 2012, cujo conteúdo aprofunda os cruzamentos culturais através do cotejamento de obras, conceitos e migrações entre os eixos Portugal-Brasil, Brasil-África e Portugal-África, “[...] criando-se assim as condições para a estruturação e articulação metodológica e científica das três grandes áreas abordadas.” (2013, p. 8).

²⁶ Destacam-se as obras dos lisboetas Castro Rodrigues, em Angola, e Amâncio Guedes, em Moçambique. Além desses, destaca-se Simões de Carvalho, nascido em Angola, com formação em Lisboa e Paris, e interessado numa Arquitetura Moderna “tropicalizada” referenciada no caso brasileiro.

Figura 10 - Livros: estudos comparativos Brasil-Portugal



Da esq. para dir. (capas): A construção do Brasil; Portugal, Brasil, África; Entre Brasil e Portugal; Arquitetura Atlântica. Fontes: Milheiro (2005), Fernandes e Pinheiro (2013); Ramos (2016); Nobre e Kamita (2019).

Ainda nos estudos de triangulação Brasil-Portugal-África, Ramos e Matos se valeram da metodologia da análise de redes sociais para estudar e mapear a mobilidade dos arquitetos e seus projetos entre os três países no século XX através dos artigos: *Por via do Atlântico: Traçados e Monumentos Urbanos no Brasil e em Territórios Africanos de Colonização Portuguesa* (2009); *Presenças e Projectos de Simões de Carvalho em Portugal, em Angola e no Brasil* (2010); e *Percursos Intercontinentais. Arquitetos Partindo de Portugal no Século XX* (2012).

O texto *Paralelos entre Brasil e Portugal: A Obra de Lucio Costa e Fernando Távora* (NOTO, 2007), dissertação produzida no âmbito da FAU-USP, apresenta um estudo comparativo, até então pouco explorado, das releituras do Movimento Moderno feitas pelos arquitetos Távora e Costa, estabelecendo os pontos de contato e espelhamento entre as trajetórias dos dois autores. Em comum, há os pioneirismos e protagonismos rumo ao moderno e as estratégias de apropriação da cultura local como método de projeto. Em contraste, os legados locais: na ideia de “milagre” atrelada à busca constante da “invenção” no lado brasileiro; e de “percurso”, no qual “[...] faz parte do pensamento português a vontade de pertencer à história, não por distinção [...] aceitando-se (o arquiteto) como agente de um processo do qual todos fazem parte.” (NOTO, 2007, p. 188).

Em termos de estudos comparativos entre as arquiteturas da casa brasileira e da casa portuguesa, um dos desbravadores é o livro *Casas Esguias do Porto e Sobrados do Recife, 1961* (1986), escrito pelo etnólogo português Ernesto Veiga de Oliveira. O autor desconstrói as teses vigentes acerca da origem flamenca dos sobrados esguios e altos do Recife a par de uma análise comparativa tripla dessa

tipologia em suas manifestações no Porto, Recife e Amsterdam, reposicionando o legado português no debate da sua constituição no Brasil.

Um enfrentamento do tema num território mais alargado foi entabulado no livro *Casas Portuguesas e Brasileiras* (SAMPAIO; BOTELHO, 2000), obra escrita por uma brasileira e um português que traça o perfil histórico e arquitetônico de casarões e palácios construídos nos dois países entre os séculos XVIII e XIX, e início do século XX. A obra assinala um período de intensas transformações políticas e econômicas com reflexos nas arquiteturas das casas nobres cotejadas. Com a nova nobreza decorrente da Restauração de 1640, o parque edificado português ganha impulso e as riquezas produzidas no Brasil viabilizam-no: “[...] com imensa frequência, chegavam a Portugal capitais que vêm a estar na origem de grande renovação da arquitetura, religiosa e civil.” (SAMPAIO; BOTELHO, 2000, p. 18). Assim, além das indelévels feições arquitetônicas da colonização portuguesa que carrou os traços nacionais e de outros povos (como o azulejo) para a América do Sul, os autores assinalam que a transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a imigração dos torna-viagens como fatores em que “[...] a arquitetura leva sua marcas de um lado para o outro.” (SAMPAIO; BOTELHO, 2000, p. 19).

Assim, no século XIX transcorreram fluxos cruzados que transformaram as paisagens arquitetônicas nos dois lados do Atlântico. Nos trópicos, a chegada da Corte impulsionou a modernização local e alterou o aspecto da nova metrópole com a importação do Neoclássico e o refinamento dos interiores; e ao Norte, com a independência do Brasil, as vagas dos imigrantes torna-viagens a Portugal, muitos enriquecidos, ergueram renovadas arquiteturas de várias tipologias no território, que têm sido alvo de interesse e estudos recentes na literatura da especialidade.

No livro *Casas de Brasileiro: Erudito e Popular na Arquitectura dos Torna-viagem* (2015), o professor emérito da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) Domingos Tavares descortina a arquitetura doméstica praticada pelos portugueses retornados, demonstrando a ação desses sujeitos em amplo território – cidades, vilas e meio rural –, que sinalizaram o retorno à terra natal, sobretudo no Norte, com o aparato edificado que se fez notar com figurinos modernizantes internacionais de cariz Eclético exacerbado. Para Tavares, a expressão dessa arquitetura representa um caso singular no contexto da arquitetura romântica europeia. Na mesma linha investigativa distinguem-se ainda as obras *Conhecer para Preservar: Casas de Brasileiro* (LOUREIRO; PEIXOTO; SANTOS, 2017), que, além de

contextualizar social e historicamente o fenômeno, caracteriza em detalhes mais de uma centena dessas casas no Norte de Portugal, que se afirmaram nas paisagens com apelo decorativo, cores fortes, azulejos nas fachadas e imponência de implantação no contexto, materializando no território os processos de reinserção social. A propósito dos azulejos, a maneira da sua utilização exemplifica bem as influências mútuas entre as arquiteturas praticadas na América Portuguesa e Portugal. Quando, nos séculos XVI e XVII, este material saiu de Portugal para o Brasil, sua aplicação era no interior dos edifícios. Uma vez no Brasil, o uso do azulejo foi adaptado para as fachadas com o fito de proteção ao calor e humidade, desde então a metrópole também passou a usá-lo no exterior do edifício (LOUREIRO; PEIXOTO; SANTOS, 2017).

Figura 11 - Casas de "brasileiros" em Portugal



Esq.: Villa Moraes (Ponte de Lima, 1892). Dir.: Casa Verde (Vila Nova de Cerveira, 1900).
Fontes: Ponte de Lima²⁷; Porto e Norte.²⁸

Nesse mesmo contexto do século XIX, o livro *Hospitais e Saúde no Oitocentos: Diálogos entre Brasil e Portugal* (2018) traz uma coletânea de textos que investigam o fluxo de influências arquitetônicas nos dois sentidos do Atlântico para a tipologia hospitalar, principalmente em lugares estratégicos desta rede de conexões, quais sejam, Rio de Janeiro, Belém do Pará, Lisboa, Porto e Fafe. No sentido do Brasil, essa tipologia é assentada nos modelos assistenciais oriundo das Misericórdias e Beneficências Portuguesas, cujas releituras operadas no Neoclássico brasileiro, assim como na tipologia residencial, resultaram em exportações para Portugal com os torna-viagens, grandes patrocinadores desses programas assistenciais no Norte português.

Um dos episódios plenos nas interações arquitetônicas bilaterais é tratado no livro *Ricardo Severo, da Arqueologia Portuguesa à Arquitetura Brasileira* escrito pela professora brasileira Joana Melo. Aqui, o engenheiro lisboeta Ricardo Severo, que

²⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2AdZFpc> (Villa Moraes). Acesso em: 27 mai. 20.

²⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3c8ThNk> (Casa Verde). Acesso em: 27 mai. 20.

emigrou para o Brasil em fins do século XIX, é apontado como o agente precursor – após sua empreitada pela tradicionalista “Casa Portuguesa” em solo lusitano – de uma investigação da arte nacional, empreendedor de estudos de campo para catalogação da arte antiga brasileira e o soberano intelectual do Movimento Neocolonial. Nessa perspectiva, a autora infere que a idiossincrasia da Arquitetura Moderna brasileira é tributária do passado colonial descortinado por Severo, isto é:

[...] o seu principal mérito recairia no fato de ter aberto caminho para a retomada, o estudo, e a preservação daquela arquitetura pretérita, que a partir dos anos 1930 seria “corretamente” percorrida pelos arquitetos modernos cariocas. (MELLO, 2012, p. 18).

Neste século XXI, novo trânsito no sentido Brasil-Portugal é verificado na arquitetura. A investigadora Ana Luiza Nobre analisa os impactos na construção local a partir de um intenso fluxo de brasileiros, ricos, rumo a Portugal em busca de melhor qualidade de vida. No artigo *Casas de Brasileiros: Fluxos Arquitetônicos, Migratórios e Simbólicos entre Brasil e Portugal* (2018), a pesquisadora salienta que a arquitetura dessas moradias é concebida para atender os hábitos domésticos e representações sociais trazidos do Brasil, tanto no programa quanto no dimensionamento dos ambientes, estabelecendo contrastes importantes com as habitações congêneres nas grandes cidades portuguesas. Em muitos casos, a encomenda desses projetos é atendida por arquitetos brasileiros atuantes em Portugal, mas que até o momento “[...] essa produção tem se mantido à margem dos circuitos mais prestigiados da arquitetura portuguesa contemporânea.” (NOBRE, 2018, p. 61).

Com o sugestivo título *Arquitetura Atlântica: Deslocamentos entre Brasil e Portugal* (2019), o livro organizado pelos arquitetos brasileiros Ana Luiza Nobre e João Masao Kamita é uma coletânea de textos, entrevistas e depoimentos recentes que propõem o “cruzamento de olhares” sobre a arquitetura e o urbanismo contemporâneos de Brasil e Portugal. Dentro da pluralidade narrativa que o livro encerra, destacamos, pelas afinidades temáticas a esta investigação: a exploração da dicotomia “eivar” *versus* “enraizar” nos modos de assentamento do edifício contemporâneo no Brasil e em Portugal (2019, p. 153); a exploração da topografia urbana como suporte ao projeto na obra de Carrilho da Graça (2019, p. 59); a ideia de arquitetura como paisagem desenvolvida por João Nunes (2019, p. 71); e o mapeamento dos deslocamentos “transatlânticos” para realização de projetos e outros tipos de intercâmbio entre arquitetos brasileiros e portugueses (2019, p. 7). A

esse respeito, como em boa parte dos textos aqui listados, Nobre e Kamita pontuaram as direções e magnitudes das relações binacionais no campo da arquitetura, partindo de uma reaproximação operada por Ricardo Severo, que se prolongou com Raul Lino, Lucio Costa, Carlos Ramos, Nuno Portas, entre outros. Por outro lado, esses autores assinalam lacunas historiográficas importantes, tais como a obra de Paulo Ferreira Santos²⁹, as passagens de Távora pelo Brasil e, sobretudo, acerca de Carlos Nelson Ferreira Santos, cuja experiência com a urbanização de favelas no Rio de Janeiro “[...] será tomada como uma das referências do Serviço de Apoio Ambulatório Local – Saal [...]” na sequência da Revolução dos Cravos em 1974 (NOBRE; KAMITA, 2019, p. 15). Entretanto, cumpre assinalar, os autores não mencionaram outra lacuna importante de narrativas acerca dessas interações, qual seja, as pontes teóricas Brasil-Portugal estabelecidas pelo arquiteto e professor catedrático da Universidade Federal de Minas Gerais Sylvio de Vasconcellos, de quem trataremos adiante.

Por fim, nesse universo de interseções na especialidade, os seminários e os congressos internacionais também constituem fóruns de debates que ampliam os intercâmbios de conhecimento sobre as linhas de investigação que cotejam as culturas arquitetônicas luso-brasileiras e, ao mesmo tempo, produzem um expressivo acervo de textos científicos. Dentre esses eventos, podemos distinguir: o Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono (CIHEL), realizado nos anos de 2010, 2013, 2015 e 2017; o Seminário Internacional da AEAULP, realizado em 2010, 2012, 2014 e 2017; e o Fórum Internacional do Património Arquitetónico Portugal-Brasil (FIPA), realizado anualmente a partir de 2014.

2.2. Os intercâmbios arquitetônicos, fluxos binacionais

As localidades da nossa imensa orla marítima, ao contrário das interioranas, sempre foram frequentadas por arquitetos e engenheiros militares, por técnicos e governantes bem instruídos, por mestres de obras e construtores de ordens religiosas, que eram enviados ininterruptamente

²⁹ Arquiteto, professor, construtor e escritor brasileiro, atuante entre os anos 1920-80. Num dos seus textos, defende as constantes de sensibilidade da arquitetura brasileira: “[...] grandes volumes, de uma geometria simples, tranquila; dominantes horizontais; sobriedade, quase monotonia; sem o exagerado jogo de massas [...] preferências pelas soluções másculas, firmes, nítidas no traçado; ausência por assim dizer de preciosismos e garridices; riqueza de colorido.” (SANTOS, 1948 *apud* VASCONCELOS, 1989). Nota-se que, em 1972, Kubler emprega conceitos semelhantes aos de Santos na sua definição do “estilo chão português” (KUBLER, 2005).

à Colônia a fim de atender à demanda crescente de edificações, para distintos fins. (LE MOS, 2000).

Se, nos três séculos iniciais de história partilhada, o fluxo predominante da arquitetura ocorreu na direção Portugal-Brasil, após a independência em 1822 haverá uma interrupção momentânea até a retomada das interações no final do século XIX, que, desde então, têm se mantido em dinâmicas bidirecionais com sentidos e intensidades variantes. Quanto ao fluxo inicial, cabe mencionar a ocorrência, inclusive, do traslado marítimo de edifícios da metrópole para o litoral da colônia. Conforme o apontamento de Sylvio de Vasconcellos (2004a, p. 88), “Frequentemente se importavam até mesmo obras de arquitetura já prontas e acabadas, dependendo apenas de montagem.”

A instauração de uma mão dupla nos fluxos arquitetônicos luso-brasileiros tem, digamos, um marco simbólico, trata-se da atuação intelectual de Francisco Adolfo de Varnhagen, o brasileiro emigrado jovem para Lisboa que, em meados do século XIX, contribuiu decisivamente – com suas publicações em prol do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém – para a fixação do estilo Manuelino como genuína expressão da arquitetura portuguesa e a construção de um nacionalismo arquitetônico via Neomanuelino (SILVA, 2013).

Após retornar ao Brasil em 1851, Varnhagen manteve representações diplomáticas internacionais pelo governo brasileiro em vários países de onde lançou, em Madrid (1854-57), o livro *História Geral do Brasil*, texto de maior envergadura historiográfica nacional até então publicado, feito que rendeu ao autor o epíteto de “[...] patrono da historiografia brasileira [...]” (ALMEIDA, 2016, p. 126). Varnhagen foi um tenaz defensor da interiorização da capital do Brasil junto ao Império, e, após uma expedição ao Planalto Central³⁰, firmou aquela localização como sendo a ideal no opúsculo *A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?*, 1877 (1935), fato que viria a se concretizar 83 anos depois na inauguração de Brasília – a nova capital desenhada por Lucio Costa.

Na alvorada do século XX, além de Ricardo Severo, outro português afluirá com suas ideias ao imaginário dos arquitetos e do público brasileiro, trata-se de Raul Lino, que desempenhou, segundo a professora Maria Lucia Bressan Pinheiro (2013), um papel *pari passu* ao primeiro na valorização da tradição cultural e influência

³⁰ Sobre este assunto, conferir o texto *Varnhagen: o Descobridor de Brasília* (CARDIM, 2016).

intelectual. A autora assinala a grande receptividade nos meios brasileiros na década de 1920 do livro de Raul Lino, intitulado *A Nossa Casa: Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples*, 1918 (1998), cujos conceitos culturalistas fizeram eco, juntamente com o ideário de Severo, em dois dos mais importantes intelectuais brasileiros da época: o escritor Mário de Andrade e o arquiteto Lucio Costa – artífices basilares da criação do primeiro órgão de proteção patrimonial no Brasil, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

A interface de Raul Lino com a cultura brasileira não se restringiu ao aclamado livro de 1918. Em 1934, a convite de várias instituições nacionais³¹, o arquiteto empreendeu uma longa viagem ao Brasil, onde percorreu as principais cidades a proferir conferências³² com ampla cobertura da imprensa e hospitalidade social e institucional (SANTOS, 2011). Essa viagem foi registrada por Raul Lino no livro *Auriverde Jornada: Recordações de uma Viagem ao Brasil* (1937a) que, além da descrição meticulosa da sua estadia, incluiu a narrativa da memorável contenda com um Lucio Costa já convertido à Arquitetura Moderna, episódio que simboliza o embate vigente entre as correntes culturalistas e progressistas como plataformas de futuro.

A grande *Exposição Internacional do Rio de Janeiro*, realizada em 1922 para a comemoração do centenário da Independência, recebeu dois pavilhões Ecléticos de Portugal. O Pavilhão de Honra de Portugal, projetado pelos arquitetos Cottinelli Telmo, Carlos Ramos e Alexandre Cunha; e o Pavilhão das Indústrias, desenhado pelos irmãos Carlos e Guilherme Rebelo de Andrade. Esse último edifício foi desmontado, transportado para Portugal e reconstruído em Lisboa entre 1929-31 no Parque Eduardo VII, onde atualmente funciona como Pavilhão Carlos Lopes (MARTINS, 2004).

Mesmo antes das grandes divulgações da Arquitetura Moderna brasileira em solo português, constata-se o interesse de aprendizado com seus mestres. Em 1940, o jovem artista e arquiteto português Eduardo Anahory, que viria a ter expressiva produção em sua terra, parte para o Brasil e colabora em escritórios de respeitáveis nomes da Escola Carioca: Oscar Niemeyer, Eduardo Reidy, Jorge Moreira e os Irmãos

³¹ Instituto Central dos Arquitetos do Brasil; Sociedade Brasileira de Belas Artes; Instituto Paulista de Arquitetos; e Instituto Histórico de Ouro Preto (ANDRÉ, 2012).

³² Foram apresentadas três temáticas: O espírito da arquitetura; As casas portuguesas do século XVIII; e As casas econômicas (ANDRÉ, 2012).

Roberto. Em 1952, Anahory retorna ao Brasil para novos estágios, desta feita colabora com Sérgio Bernardes, H. Ochoa e, novamente, com Niemeyer. Em 1958, voltou a colaborar com Bernardes no premiado pavilhão do Brasil da Exposição Universal de Bruxelas (MARTINS, 2004).

Alguns anos após a ampla receptividade de *Brazil Builds, Architecture, New and Old, 1652-1942* (GOODWIN, 1943) em Portugal, o professor catedrático do Rio de Janeiro, Wladimir Alves de Sousa, proferiu conferência de abertura da exposição sobre a Arquitetura Moderna brasileira no Instituto Superior Técnico (IST) de Lisboa no final de 1948. A presença de Sousa em Lisboa serviu para sedimentar conteúdos junto a conceituados interlocutores e admiradores locais da arquitetura brasileira – dentre os quais Victor Palla, Formosinho Sanches e Castro Rodrigues – através dos seus depoimentos pessoais, iluminados pela oratória qualificada e impressões da vivência próxima ao fenômeno brasileiro (MILHEIRO; FERREIRA, 2009).

A Arquitetura Moderna brasileira também despertou o interesse do jovem talento Maurício de Vasconcellos, que se deslocou para o Brasil em 1950 e cumpriu jornada de um ano e meio em colaborações com o ícone da Escola Paulista, Villanova Artigas, e com o já referido expoente da Escola Carioca, Sérgio Bernardes. De volta a Portugal, Vasconcellos irá se destacar, numa primeira fase, pela produção de moradias cujo vocabulário arquitetônico expressa as influências brasileiras (REIS, 2010).

Uma frutífera confluência entre a Escola do Porto e a Escola Carioca ocorreu em Pernambuco nos anos 1950. Delfim Amorim, arquiteto da geração moderna portuguesa, formou-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) em 1947, onde foi professor entre 1950 e 1951, ano que emigrou para a cidade do Recife, no Brasil. Nesta cidade, Amorim, junto a Acácio Gil Borsoi, da Faculdade Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, com quem trabalhou e lecionou, foi “[...] uma figura de ponta como projetista e educador no panorama do Nordeste, tendo sido um dos responsáveis pela formação de uma ‘escola pernambucana’ a partir dos anos de 1960” (SEGAWA, 1999, p. 136), que tem como marca a moldagem do arcabouço corbusiano ao clima, aos materiais e à tradição construtiva local (BRUAND, 1997, p. 147). Delfim Amorim legou à cidade de Recife um conjunto expressivo de obras de várias tipologias e, além disso, atuou no SPHAN local.

A visita do professor Carlos Ramos ao Brasil em 1962 – a propósito do convite da União Internacional de Arquitetos (UIA) e do desenvolvimento do anteprojeto para a Embaixada de Portugal em Brasília – encetará um longo ciclo de relacionamento com o país e, especialmente, Lucio Costa, com quem manterá duradoura interlocução (MATOS; RAMOS, 2007). Entre 1962 e 1964, Ramos viajou quatro vezes para atividades no Brasil, onde percorreu as cidades do Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Petrópolis, Santos, São Paulo, Recife e Niterói (MARTINS, 2004).

O arquiteto português Viana de Lima foi um daqueles profissionais que assentou sua produção numa linha moderna ortodoxa, colaborou com Le Corbusier, mas que, em contraponto, trabalhou em defesa do patrimônio histórico em Portugal; feito que o credenciou a um profícuo trabalho no Brasil entre 1968 e 1983 sob os patrocínios da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) e da Fundação Calouste Gulbenkian (RAMOS; MATOS, 2009).

Tendo como mote a então inovadora abordagem do patrimônio do ponto de vista do conjunto urbano, Lima desenvolveu projetos junto ao IPHAN³³ para integração dos sítios históricos ao desenvolvimento turístico em Ouro Preto (Minas Gerais), São Luís e Alcântara (Maranhão), São Cristóvão e Laranjeiras (Sergipe), Penedo e Marechal Deodoro (Alagoas) – através da UNESCO; e, sob a tutela da Fundação Gulbenkian, o projeto de recuperação do Forte do Príncipe da Beira no estado de Rondônia (RAMOS; MATOS, 2009). Além disso, como consultor da UNESCO, ainda na temática do patrimônio, ministrou conferências e cursos em universidades dos estados da Bahia, Pernambuco e São Paulo.

Dos vínculos criados por Viana de Lima com os brasileiros, destaca-se Oscar Niemeyer, com quem desenvolveu em Portugal o Plano de Urbanização de Pena Furada no Algarve, 1965, e o Cassino Parque Hotel na Ilha da Madeira, 1966. Niemeyer seguiu com outros dois projetos em solo Lusitano³⁴: em Lisboa, a Fundação Luso-Brasileira, 1991; e o Museu de Arte Contemporânea de Ponta Delgada, 2010 (SOARES; NÓBREGA; HENRIQUES, 2012).

Amâncio Guedes, arquiteto português então radicado em Moçambique e participante do *Team X*, desloca-se ao Brasil para acompanhar a *VI Bienal Internacional de São Paulo*, em 1961, que recebia três de seus projetos. Em sua estadia no Brasil, além de São Paulo, esteve em Olinda, Recife, Salvador, Brasília. Em

³³ Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, antigo SPHAN.

³⁴ Desses projetos, apenas o Cassino Park Hotel foi executado.

entrevista concedida à Ana Vaz Milheiro, registrada no vídeo *Pancho Guedes: Visita ao Brasil, 1961* (2008), o arquiteto destacou como momentos de entusiasmo arquitetônico as visitas ao edifício do Ministério da Educação e Saúde (MES) no Rio de Janeiro e ao conjunto arquitetônico de Niemeyer na orla da Pampulha, Belo Horizonte.

Em percurso inverso, em 1962 o arquiteto Sergio Bernardes veio a trabalhar em Lisboa no *atelier* do arquiteto Eduardo Anahory, a quem havia recebido no Brasil em duas oportunidades. Segundo João Paulo Martins, naquela estadia “[...] o brasileiro Sérgio Bernardes realiza um estudo para a Urbanização da Península de Tróia que não chegará a concretizar-se.” (2004, p. 167). Posteriormente, em 1971, o aclamado arquiteto brasileiro elaborou para a região do Algarve um projeto de desenvolvimento turístico e ainda um plano setorial para cidade de Albufeira (EMANUEL, 1980, p. 91). Atualmente, renovando a proximidade estabelecida com Portugal por Sérgio Bernardes, o seu neto, o arquiteto carioca Thiago Bernardes, mantém uma filial da Bernardes Arquitetura em Lisboa desde 2015.

São muito referenciadas na literatura as incursões de Lucio Costa a Portugal realizadas em 1948 e 1952 com o fito de investigar as raízes da arquitetura colonial brasileira, nas quais percorreu todo território, produziu textos e numerosos desenhos de viagem.³⁵ Menos divulgadas, porém, foram as jornadas similares empreendidas pelo teórico e catedrático mineiro Sylvio de Vasconcellos em Portugal.

Vasconcellos foi um incansável inventariante e defensor da expressiva arquitetura colonial de Minas Gerais e, ao mesmo tempo, divulgador da Arquitetura Moderna forjada na Escola Carioca – que foi adotada e aclimatada por ele e outros destacados autores em Belo Horizonte.³⁶ Em 1957, Vasconcellos chamava a atenção para a necessidade do alargamento dos estudos de aproximação entre Minas Gerais e Portugal de onde afirmava: “[...] é indispensável e urgente que se busque esse contato. [...] Portugal é o próprio Brasil. Precisamos reencontrá-lo. E urgentemente.” (VASCONCELLOS, 2004b, p. 144). Nesse sentido, ele próprio veio a realizar tais estudos em Portugal nos anos 1965 e 1970, onde esquadrinhou as origens da arquitetura colonial de Minas Gerais em pesquisas de campo a partir de Lisboa,

³⁵ Sobre estes registros de viagem, conferir: *Bloquinhos de Portugal: a Arquitetura Portuguesa no Traço de Lucio Costa* (COSTA; PESSÔA; COSTA, 2013).

³⁶ Eduardo Mendes Guimarães, Raphael Hardy Filho; Shakespeare Gomes; Raul do Lago Cirne, Tarcísio Silva, entre outros.

sendo que em ambas as estadias com bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian. Como resultado das investigações de 1965, escreveu, entre Lisboa e Paris, o livro *Mineiridade: Ensaio de Caracterização* (1968b), no qual assinalou que a arquitetura colonial em Minas Gerais teria maior filiação à região de Lisboa e ao Alentejo do que a tão referenciada região de Braga.

Ainda em 1965, escreveu para a tradicional revista brasileira *Acrópole* um artigo intitulado *Arquitetura em Portugal* (1965), no qual fez uma síntese da arquitetura portuguesa do século XX, com destaque para vários autores do segundo pós-guerra³⁷ por ele considerados emissários de “[...] ideias inovantes, ousadas e livres [...]” (VASCONCELLOS, 1965, p. 32). Nesse artigo, o professor identificou em Portugal a vigência de uma dicotomia entre correntes arquitetônicas filiadas ao Racionalismo e ao Organicismo que, em Lisboa, estariam expressas, respectivamente, no Conjunto Infante Santo, 1954, e no Bloco das Águas Livres, 1953-55. Aqui, fica patente a adoção da dualidade encetada por Bruno Zevi em *Verso un'Architettura Organica* (1945) como parâmetro de avaliação do fenômeno local.

Figura 12 - Revista *Acrópole*, n. 324



Artigo de Sylvio de Vasconcellos na revista *Acrópole*, dezembro de 1965.
Da esquerda para a direita: capa da revista; página 33; página 34; página 35.
Fonte: Vasconcellos (1965).

O arquiteto português Fernão Lopes Simões de Carvalho, graduou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) em 1955 e posteriormente foi colaborador de Le Corbusier em Paris. Após profícuas jornadas profissionais em Portugal e, sobretudo, em Angola, onde deixou um legado arquitetônico e urbanístico notável, mudou-se para o Brasil em 1975 e manteve residência e trabalho até 1979. A partir de 1976, “[...] por intermédio de Lucio Costa, Simões de Carvalho passa a colaborar

³⁷ Destacou obras de Fernando Távora, Keil do Amaral, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Victor Figueiredo e Vasco Sofo, Bráulio Reis, Santana e Chaves, e Silva Gomes.

com o atelier 'M. Roberto, Architectos, S.A.', sucessor do M.M.M. Roberto." (RAMOS; MATOS, 2010), onde desenvolveu planos de urbanismo para várias cidades do Brasil.

Rumo a Portugal, os arquitetos e professores paulistas João Walter Toscano e Carlos Lemos desembarcaram na cidade do Porto em 1966 para ali empreenderem uma temporada de estudos.³⁸ Conforme Nobre e Kamita, essa estadia propiciou o estreitamento de laços entre Toscano e Távora que resultou, já em 1990, num convênio entre a FAUP e a FAU-USP "[...] que iria intensificar, agora pela via acadêmica, o trânsito entre arquitetos do Porto e de São Paulo (com visitas a Portugal de Júlio Katinsky e Paulo Bruna; e ao Brasil de Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, entre outros)." (NOBRE; KAMITA, 2019, p. 20).

Em 1980, Nuno Teotónio Pereira perpetrou uma extensiva viagem de estudos ao Brasil³⁹, por dois meses, com intuito de aprofundar seus conhecimentos sobre a arquitetura residencial urbana do período colonial. A narrativa dessa experiência foi apresentada num artigo conciso, porém substancial em conteúdo, intitulado *Visitas às Cidades Históricas do Brasil* (PEREIRA, 1996). O texto indica as redes de apoio e relacionamentos pessoais e institucionais estabelecidos no Brasil, o itinerário das viagens e as impressões sobre a arquitetura civil brasileira, das quais são relevantes os cotejamentos com Portugal. Segundo Nuno Teotónio, as informações provindas de Nuno Portas e Viana de Lima sobre o Brasil serviram de estímulo à viagem, que ainda contou com o fundamental apoio nacional do SPHAN, das faculdades de arquitetura e urbanismo, sobretudo da Universidade de São Paulo (USP), e do IAB.

Das impressões apontadas por Pereira, cumpre destacar as permanências portuguesas na arquitetura e no feitiço das cidades históricas brasileiras: o uso da cantaria; os azulejos nas fachadas; os traçados urbanos de cariz pombalina ou orgânica; e a capacidade adaptativa ao meio. Por outro lado, Teotónio identificou na popularização e adaptação do Neoclássico no país uma criação original brasileira, cujo fenômeno "[...] terá eventualmente influenciado a arquitetura urbana do norte de Portugal na viragem do século, através de emigrantes retornados [...]" (PEREIRA, 1996, p. 203), isto é, as referidas "casas de brasileiros". Em relação à arquitetura mineira, remontou filiação aos modelos encontrados na Beira Alta e Trás-os-Montes,

³⁸ Em 1971, Toscano foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal (ARTIGAS, 2002).

³⁹ Visitou e produziu farto material fotográfico de 50 municípios de Norte a Sul do Brasil, dentre os quais, as principais capitais de estado, o Distrito Federal e as mais notáveis cidades históricas. Em Minas Gerais, além de Belo Horizonte, percorreu Ouro Preto; Mariana; São João del-Rei; Sabará, Diamantina, Tiradentes e Congonhas do Campo.

análise diversa do professor Sylvio de Vasconcellos, a quem, diga-se, lamentou não o ter conhecido dado seu recente falecimento.

O fim do século XX será marcado por mais outras três significativas presenças de arquitetos portugueses em solo brasileiro: Fernando Távora, Nuno Portas e Alexandre Alves Costa. Em 1989, Távora e um grupo de intelectuais, dentre os quais a escritora Agustina Bessa-Luís, fizeram uma extensa turnê pelo Brasil em missão pelo projeto *Os Portugueses ao Encontro da sua História* patrocinada pelo Centro Nacional de Cultura. Essa jornada – que em Minas Gerais percorreu Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana e Congonhas do Campo – resultou na publicação do livro *Breviário do Brasil* (1991), escrito por Bessa-Luís e ilustrado por Fernando Távora, que é um relato poético da viagem que perpassa a memória das relações luso-brasileiras da autora. No entanto, essa passagem de Távora pelo Brasil, entre outras, é um território pouco explorado e que dispõe de farta documentação na Fundação Marques da Silva no Porto (NOBRE; KAMITA, 2019, p. 14).

O insigne arquiteto Nuno Portas, então professor da FAUP, foi convidado nos anos 1990 pelo governo municipal do Rio de Janeiro para atuar em projetos de revitalização da área central da cidade. Seu trabalho, entretanto, não se restringiu à antiga capital portuguesa nos trópicos, dilatou-se em vários projetos municipais e consultorias em programas de recuperação e preservação de cidades históricas (NOBRE; KAMITA, 2019, p. 16). Quanto à atuação de Portas na cidade carioca, Nobre e Kamita asseveram que o arquiteto “[...] deixou como legado uma abordagem urbanística mais atenta ao chão e a valorização do espaço público, tanto quanto a dimensão política dos projetos e práticas urbanas.” (2019, p. 16).

O professor catedrático da FAUP, Alexandre Alves Costa, que também esteve no Brasil em diversos eventos acadêmicos a partir dos anos 1990, especialmente na FAU-USP, é portador de uma das mais cordiais passagens sobre os laços culturais entre Brasil e Portugal, dos quais a arquitetura é testemunho capital:

Citando a célebre canção de Chico Buarque, achei o Brasil um “imenso Portugal”. Encontrei e reencontrei aqui minha pátria – Fernando Pessoa dizia “minha pátria é a língua portuguesa” e nós já tínhamos uma língua em comum, nossa pátria já era nossa língua, já havia qualquer coisa em comum. Mas após visitar o Brasil, cheguei à conclusão que nossa pátria não é só nossa língua, é também nossa arquitetura e nossas cidades, porque têm algo comum, que constituiu realmente a síntese não realizada em Portugal. Para mim, vir ao Brasil é vir a um Portugal enorme, muito grande, fantástico, que não existe mais, é reencontrar coisas que já não

existem lá, que foram destruídas. Ir a Ouro Preto, por exemplo, é um prazer imenso, pois é uma cidade portuguesa como não há em Portugal tão bem conservada. Em certo sentido, devo dizer que o Brasil é realmente minha pátria também. (COSTA, 2017, p. 28).

No panorama do século XXI, a abertura do Museu Iberê Camargo no Brasil em 2008, desenhado por Álvaro Siza e, em 2015, a inauguração do novo Museu Nacional dos Coches em Portugal, projetado por Paulo Mendes da Rocha são feitos emblemáticos que “[...] atestam os movimentos de aproximação no campo da arquitetura entre os dois países.” (ANDRADE, 2016).

Figura 13 - Projetos exportados entre Brasil e Portugal: 2000-20



Da esq. p/ dir.: Museu Nacional dos Coches (Lisboa, 2008-15), Paulo Mendes da Rocha e equipe.⁴⁰ Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre, 2000-08), Álvaro Siza. Edifício em Silves (Silves, 2008-11), Angelo Bucci. Edifício Residencial Harmonia 1040 (São Paulo, 2019), Carvalho Araújo. Fontes: Fernando Guerra⁴¹; Nelson Kon⁴²; Nelson Garrido⁴³; Idea Zarvos.⁴⁴

Nota-se que, neste período recente, para além da intensificação dos intercâmbios acadêmicos em vários níveis, o fluxo cruzado de projetos vem se estabelecendo como uma tendência. Assim, com base no quadro *Projetos Cruzados: 1950-2018* elaborado por Nobre e Kamita (2019, p. 10) e informações complementares, os Quadros 6 e 7, a seguir, apresentam projetos relevantes realizados entre Brasil e Portugal nos últimos 20 anos.

⁴⁰ MMBB Arquitetos (Brasil) e Bak Gordon Arquitectos (Portugal).

⁴¹ Disponível em: <https://bit.ly/2Zt7Rwo> (Museu Nacional dos Coches). Acesso em 19 jul. 2018.

⁴² Disponível em: <https://bit.ly/3gctMhf> (Fundação Iberê Camargo). Acesso em 13 mar. 2018.

⁴³ Disponível em: <https://bit.ly/36YQoxN> (Edifício em Silves). Acesso em 13 abr. 2018.

⁴⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2Y0SV6a> (Ed. Residencial Harmonia 1040). Acesso em: 22 jan. 2020.

Quadro 6 - Projetos portugueses no Brasil: 2000-2020

Projetos de arquitetos portugueses no Brasil: 2000-2020			
Ano	Atelier	Projeto	Local
2003	Bak Gordon Arquitectos	Residência da Embaixada Portuguesa**	Distrito Federal
2008	Álvaro Siza	Fundação Iberê Camargo*	R. Grande do Sul
2009	Ventura Trindade Arquitectos	Centro de Congresso e Apart-hotel**	Ceará
2010	Risco Arquitectos	Estádio do Santos Futebol Clube**	São Paulo
2011	PROAP	Parque Público Municipal da Tamarineira**	Pernambuco
2011	Conceito Arquitectos	Hotel Uberaba**	Minas Gerais
2012	Risco Arquitectos	Entorno do Engenho - Parque Olímpico**	Rio de Janeiro
2013	Tomás Taveira	Anteprojeto - Arena Palestra Itália*	São Paulo
2013	Saraiva e Associados	Casa Nova Lima*	Minas Gerais
2014	PROAP	Paisagismo - Centro Administrativo**	Minas Gerais
2017	PROAP	Paisagismo - Anexo do Consulado Português*	Rio de Janeiro
2019	Carvalho Araújo	Ed. Residencial Harmonia 1040**	São Paulo
2020	Paulo Martins Arquitectura	Moradia Taubaté**	São Paulo

Notas: * Obra construída. ** Obra não construída.

Fonte: Dados parcialmente extraídos de Nobre e Kamita (2019). O autor, 2020

Quadro 7 - Projetos brasileiros em Portugal: 2000-2020

Projetos de arquitetos brasileiros em Portugal: 2000-2020			
Ano	Escritório	Projeto	Local
2003	MMBB Arquitectos	Estação Intermodal**	Coimbra
2010	Oscar Niemeyer	Museu de Arte Contemporânea de Ponta Delgada**	Ilha de São Miguel
2011	Studio MK27 e Promontorio	L'And Vineyards Hotel*	Montemor-o-Novo
2013	Ângelo Bucci	Edifício em Silves*	Silves
2015	Paulo Mendes da Rocha e equipe	Novo Museu Nacional dos Coches*	Lisboa
2015	Jacobsen Arquitetura	Residência RMA**	Tavira
2017	Mendes da Rocha e Inês Lobo	Residência da Rua do Quelhas*	Lisboa
2018	Sidney Quintela	Nouveau Lisbon Building *	Lisboa
2020	Arthur Casas e Arqs. Associados	Apartamento TM*	Lisboa

Notas: * Obra construída. ** Obra não construída.

Fonte: Dados parcialmente extraídos de Nobre e Kamita (2019). O autor, 2020



Imagem:
Casa na Aroeira. AML.
Fonte: Francisco Caseiro.
Adaptada pelo autor, 2020.

3

3. Espaço e lugar na arquitetura

A reflexão teórica e sistemática sobre o tema do lugar no campo da arquitetura é uma página recente na sua história. Somente na segunda metade do século XX os estudos sobre essa matéria – que partiram das noções de espaço desenvolvidas na transição entre os séculos XIX e XX – assumiram proeminência na crítica e teoria da disciplina.

Os termos lugar e espaço em arquitetura, comumente, são usados de forma ambígua nos discursos, no entanto comportam conceitos díspares. Assim, nas subseções seguintes, discutiremos o significado desses termos em alguns pensadores e correntes referenciais para melhor assentá-los neste trabalho. Em seguida, apresentaremos as narrativas sobre o lugar na arquitetura *latu sensu* e decomporremos esse tema central em grupos temáticos derivados das linhas dominantes de pensamento identificadas na literatura, a saber: fenomenologia do lugar; lugares reais; cidade como lugar, região como lugar e paisagem como lugar. Tal decomposição, entretanto, deve ser lida como expediente analítico, posto que, em última instância a ideia de lugar comporta a sobreposição desses temas. Por fim, analisamos a questão do lugar nos âmbitos das arquiteturas do Brasil e de Portugal, e suas relações mútuas.

3.1. Noções e terminologia de espaço e lugar

Em textos como *Existencia, Espacio y Arquitectura*, 1971 (1980), de Norberg-Schulz; *La Arquitectura como Lugar*, 1974 (1997), de Josep Muntanola; e *Ensayo Sobre Arquitectura Moderna y Lugar*⁴⁵ (1994), de Josep Maria Montaner, os autores indicam haver uma dicotomia entre a noção de espaço, (abstrato/ilimitado) e a noção de lugar (empírico/delimitado) na teoria da arquitetura a partir do fim do século XIX. Entretanto, sustentam que a filosofia grega clássica de Aristóteles e Platão é a base para o entendimento contemporâneo do termo lugar. Alinhado ao pensamento desses autores, o professor da FAUL, Amílcar Gil Pires afirma:

O entendimento do espaço como Lugar teve origem na teoria do Lugar – ‘*Topos*’ – de Aristóteles que, apesar de desenvolver o pensamento de

⁴⁵ A versão revisada deste artigo foi publicada em português no livro *A Modernidade Superada: Ensaio Sobre a Arquitetura Contemporânea* (MONTANER, 2017) com o título *Espaço e Antiespaço, Lugar e não Lugar na Arquitetura Moderna*.

Platão, dá-lhe uma dimensão totalmente diferente ao associá-lo a uma realidade física limitada, de pertença em função da existência do Homem, oposto ao espaço abstrato ilimitado (PIRES, 2013, p. 81).

Esses textos evidenciam que as noções de espaço nos discursos sobre arquitetura – iniciadas no período pré-moderno⁴⁶ e atualizadas pelas vanguardas europeias – terão vigência até o surgimento daquilo “[...] que se denominou de crítica pós-moderna [...]” (NESBITT, 2008, p. 21) nos anos 1960, momento que marcará a viragem para o desenvolvimento das noções de lugar.

Com efeito, apesar de acomodarem proximidades semânticas, a acepção das palavras espaço e lugar na língua portuguesa apresentam termos que assinalam suas diferenças de significado.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), o verbete espaço – do latim *spatium* (extensão, distância, intervalo) – possui as seguintes significações:

1. Extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis; 2. Extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume determinados; 3. A extensão que compreende o sistema solar, as galáxias, as estrelas; o Universo [...]. (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, n.p.).

Já para o verbete lugar – do latim *locális* (lugar, local) derivado de *lòcus* (lugar) – expõem-se as seguintes definições:

1. Parte delimitada de um espaço; local, sítio, região; 2. Local onde se está ou se deveria estar; posto, posição, ponto; 3. Posição, posto considerado apropriado para alguém ou como lhe sendo devido; 4. Local frequentado por certa classe de pessoas; roda, ambiente; 5. Espaço livre; [...]. (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, n.p.).

Observa-se que, tanto na etimologia quanto nas acepções do termo espaço, prevalecem as noções dimensionais do significante e o vazio de cariz genérico – que tende ao infinito – onde cabem os seres e as coisas. Na definição da palavra lugar, por sua vez, é peremptória a ideia de ocupação do espaço por pessoas em extensões

⁴⁶ Nesta investigação, o termo pré-moderno é utilizado para se referir às práticas e narrativas arquitetônicas anteriores ao Movimento Moderno na arquitetura que, conforme Montaner (2001, p. 12), é “[...] a corrente de tendência internacional que parte das vanguardas europeias do início do século [XX]”.

a elas referenciadas, ou seja, àqueles alcances que apresentam fronteiras mais precisas.

3.2. Narrativas sobre o espaço na arquitetura

As narrativas que se seguem enquadram-se no contexto cultural principiado em meados do século XIX, em que a arquitetura buscava sua afirmação como disciplina autônoma em relação às demais artes, na qual a noção de espaço foi desenvolvida como o elemento de distinção e posteriormente tomada como o mote de projeto. Embora saibamos, hoje, que o espaço não resume a essência da arquitetura, os desenvolvimentos dessa noção representaram uma proeminente inflexão na história dos modos de pensar e fazer arquitetura.

Pierre Von Meiss nos informa que “O termo Espaço (*Spatium*) esteve ausente durante vários séculos [...]. Nunca foi referenciado nos primeiros tratados de arquitetura, ao contrário dos tratados de Vitruvius e Alberti.” (MEISS *apud* PIRES, p.80).

O escrito do arquiteto e teórico alemão Gottfried Semper, *The Four Elements of Architecture and Other Writings*, 1851 (1989), constitui um marco na teoria da arquitetura. O autor assevera que um dos elementos formadores da arquitetura é o plano que delimita o dentro e o fora da cabana primitiva. Assim, de acordo com Viana (2012, p. 38):

[...] é na envoltória vertical espacial que Semper reconhece o constructo formal do espaço, responsável por definir a “casa”, ao separar a vida “interior” da “exterior”, e por isto indicativo do mais antigo princípio formal da arquitetura, o “motivo” da parede.

A investigação de Semper, entretanto, tem em foco – tanto na análise da origem da arquitetura como na sua evolução histórica – aquilo que ele definiu como o “princípio do revestimento (*Bekleidung*)”, ou seja, a materialidade da caixa mural do edifício como o “princípio definidor da arquitetura.” (VIANA, 2012).

A partir dos estudos formulados por críticos e historiadores da arte centro-europeus em fins do século XIX, dentre esses Alois Riegl (Áustria) e August Schmarsow (Alemanha), a noção de espaço adquiriu robustez teórica na história do discurso arquitetônico. Esses intelectuais aludiram à arquitetura como a disciplina que tem como matéria-prima fundamental o espaço.

Para Schmarsow, no texto *Das Wesen der Architektonischen Schöpfung*⁴⁷ (1894), o espaço interior é o elemento primordial da arquitetura e aquilo que a diferencia das demais formas de arte: “Como criadora do espaço, a arquitetura gera, de uma maneira que nenhuma outra arte é capaz, recintos para nós [...]”⁴⁸ (SCHMARSOW, 1894, p. 15). Além disso, para esse autor, a história da arquitetura é dada pela trajetória das conspeções do espaço.

Ciente das abordagens da percepção na nascente psicologia moderna, Schmarsow aponta que o fenômeno do corpo em deslocamento no espaço interior conforme seus eixos direcionais é o cerne para a apreensão e a arte de criação do espaço arquitetônico. De acordo com o professor Vieira de Aguiar (2006, p. 77), todo o desenvolvimento posterior na teoria da arquitetura acerca do espaço é tributário ao postulado de Schmarsow no que tange ao seu “[...] conceito de axialidade decorrente e associado ao movimento do corpo.” O crítico e historiador de arquitetura Kenneth Frampton também assinala que o texto de Schmarsow é capital para a “evolução da nossa consciência moderna do espaço” (1998, p. 66).

Alois Riegl, em seu célebre texto *Die Spätromische Kunst-Industrie Nach Den Funden in Österreich-Ungarn*⁴⁹ (1901), anota: “[...] a tarefa da arquitetura divide-se em duas partes [...]: a criação do espaço (fechado) como tal e a criação dos limites espaciais.”⁵⁰ (1901, p. 16). O conceito de espaço desenvolvido por Riegl remete ao interior “delimitado e perfeito” da arquitetura tradicional, cujo modelo ideal é o Panteão de Roma (MONTANER, 2017, p. 29). Assim, o caráter de tal espaço é indissociável da forma arquitetônica clássica, que é delineada pela regularidade geométrica, proporções exatas e a simetria entre os elementos.

Por outro lado, as ideais desenvolvidas no campo científico – notadamente a Teoria da Relatividade de Albert Einstein, anunciada em 1905 – alteraram substancialmente a noção de espaço, que passou a incluir o tempo em sua interpretação: o espaço-tempo.

⁴⁷ Tradução nossa: A Essência da Criação Arquitetônica.

⁴⁸ Tradução nossa de: *Die Architektur als unsere Raumgestalterin schafft als ihr Eigenstes, das keine andre Kunst zu leisten vermag, Umschließungen unserer selbst [...]*.

⁴⁹ Tradução nossa: A Arte Industrial Tardo-Romana segundo as Descobertas no Império Austro-Húngaro.

⁵⁰ Tradução nossa de: *[...] zerfällt die Aufgabe der Baukunst in zwei Theile [...]: die Schaffung des (geschlossenen) Raumes als solchen und die Schaffung der Raumgrenzen.*

Da mesma forma, no campo tecnológico, a arquitetura passou a contar com os avanços nos sistemas estruturais (metálicos e em concreto armado) e de vedação (vidro) que permitiram ao edifício ampla liberdade formal e a transparência da caixa mural. Esse contexto técnico e cultural facultou aos arquitetos o deslocamento do mote da criação arquitetural da caixa mural para o arranjo espacial, fenômeno que ensejou a relativização da componente de estilo no edifício (VEN, 1978) – componente exaustivamente combatida pela ortodoxia do Movimento Moderno.

De tal forma, as vanguardas do Movimento Moderno operaram uma radical transformação na abordagem espacial da arquitetura, que se contrapôs ao espaço estático e compacto da arquitetura tradicional. Segundo Montaner, esse novo espaço é “livre, fluido, leve, contínuo, aberto, secularizado, transparente, abstrato, indiferenciado” (2017, p. 29).

A construção discursiva e prática da sintaxe espacial do Movimento Moderno contou com importantes contributos dos arquitetos centro-europeus Adolf Loos, Le Corbusier e Mies van der Rohe, que estabeleceram paradigmas para a incorporação do caráter dinâmico na fruição do espaço arquitetural.

O neologismo *raumplan*⁵¹ – cunhado por um aluno de Adolf Loos no início do século XX, para definir a inovadora maneira de conceber os espaços arquitetônicos do seu preceptor – pode ser percebido, pelas palavras do próprio Loos: “Minha arquitetura não é concebida em planos, mas em espaços (cubos). Não desenho plantas, fachadas, seções. Eu desenho espaços. [...] Os andares se fundem e os espaços se relacionam.”⁵² O projeto e a obra de Loos para a *Villa Müller* (Praga, 1928-1930), constituem a materialização emblemática do conceito do *Raumplan* na sua carreira (Figura 14).

⁵¹ Conforme Risselada *et al.* (1988, p. 27), “o termo não foi precisamente definido”. Os autores o traduziram como *space plan* (planejamento de espaço, tradução nossa).

⁵² Tradução nossa de fragmentos de uma conversa entre K. Lhota e Adolf Loos, Pilsen, 1930. Texto original: *My architecture is not conceived in plans, but in spaces (cubes). I do not design floor plans, facades, sections. I designs spaces. [...] Storeys merge and spaces relate to each other.* Fonte: (CITY OF PRAGUE MUSEUM, 2020).

Figura 14 - *Villa Müller*, *Villa Savoye* e Pavilhão de Barcelona.



Esq.: *Villa Müller* (Praga, 1928-30), Adolf Loos. Centro: *Villa Savoye* (Poissy, 1928-29), Le Corbusier. Dir.: Pavilhão de Barcelona (Barcelona, 1929), Mies van der Rohe.
 Fontes: *ArchDaily* (Müller e Savoye)⁵³; o autor (Pavilhão), 2018. (Adaptadas pelo autor 2020).

No livro *Vers une Architecture*, 1923 (1924), Le Corbusier associou a fruição arquitetônica ao deslocamento do homem no espaço e, conseqüentemente, à variação dos ângulos visuais nos seus percursos: “O olho humano, em suas investigações, está sempre em movimento, e o homem ainda vira à esquerda, à direita, gira.”⁵⁴ (LE CORBUSIER, 1924, p. 154). Apoiado nessa premissa, Corbusier assenta o conceito de *Promenade Architecturale* (passeio arquitetural), que preconiza a variação do percurso como um expediente para o enriquecimento da experimentação dos espaços internos e externos ao objeto arquitetônico.

Na icônica *Villa Savoye* (Poissy, 1928-1929) – cujo interior é articulado por uma estratégica rampa que percorre ambientes abertos e fechados da casa em três pavimentos (Figura 14) –, Corbusier assinala que a *Promenade* trabalhada na circulação interna da habitação possibilita ao caminhante “[...] aspectos constantemente variados, inesperados, às vezes surpreendentes.”⁵⁵ (LE CORBUSIER; JEANNERET, 1935a, p. 24).

Projetado por Mies van der Rohe e considerado um dos objetos de culto do Movimento Moderno, temos o último paradigma selecionado: o Pavilhão da Representação Alemã para a Exposição Universal de Barcelona em 1929 (Figura 14). Nessa obra, o arquiteto alemão cria um ponto de viragem na sua busca por “um modelo de composição espacial que se traduzia numa planta livre, com transições fluidas entre os espaços e um sentido implícito de coreografia espacial.” (ZIMMERMAN, 2007, p. 12).

⁵³ Disponíveis em: <https://bit.ly/2PAGb2X> (*Villa Müller*); <https://bit.ly/2uJBzAh> (*Villa Savoye*). Acessos em 20 jan. 2020.

⁵⁴ Tradução nossa de: *L'oeil humain, dans ses investigations, tourne toujours et l'homme tourne toujours aussi à gauche, à droite, pirouette.*

⁵⁵ Tradução nossa de: [...] *aspects constamment variés, inattendus, parfois étonnants.*

Aqui, cabe abrir um parêntese para as obras historiográficas do Movimento Moderno, escritas por Sigfried Giedion e Bruno Zevi, cujas abordagens – que também contemplam o passado – não se baseiam em leituras estilísticas e técnicas, mas na ênfase do espaço como ferramenta de produção e interpretação da evolução arquitetural.

Conforme Linares de la Torre (2015), Giedion progride suas teorias acerca das concepções espaciais em textos que vão do livro *Espaço, Tempo e Arquitetura*, publicado em 1941 (2004), até *La arquitectura, Fenómeno de Transición: las Tres Edades del Espacio en Arquitectura* de 1969 (1975).

Nesse itinerário teórico, Giedion associa a noção de espaço-tempo ao âmbito da concepção espacial da Arquitetura Moderna e a circunscreve como a sua força motriz. Ademais, reconhece o pioneirismo das teorias de Riegl e Schmarsow e desenvolve a narrativa dos três estados evolutivos da arquitetura, vinculados aos modos específicos de produzir os espaços arquitetônicos desde as civilizações arcaicas até a sua contemporaneidade, a saber: volumes em meio ao espaço ilimitado; espaço interior escavado e conexão entre os espaços interior e exterior.

A seu turno, Bruno Zevi, no livro *Saber Ver a Arquitetura*, de 1948 (1996), apresenta o espaço como o “protagonista da arquitetura” e enuncia a variável tempo como a quarta dimensão da arquitetura. Para o autor, tal dimensão – inerente aos deslocamentos do observador – é necessária à efetiva assimilação do espaço interno do edifício. Nesse texto, em concepção análoga à de Giedion, Zevi constrói sua história da arquitetura tendo em foco “As Várias Idades do Espaço” (1996, p. 53).

Por fim, tal como referido, a partir do segundo pós-guerra, os postulados teóricos de espaço na teoria da Arquitetura Moderna serão frontalmente questionados por vários autores. A título de síntese dessa massa crítica, evocamos a fala de Norberg-Schulz:

Em geral, podem dividir-se em duas classes: os que se baseiam no espaço euclidiano e estudam sua gramática, e os que tratam de desenvolver uma teoria do espaço sobre a base da psicologia da percepção. [...] Em ambos os casos, o espaço, como dimensão existencial e como relação entre o homem e o ambiente que o cerca, foi esquecido. (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 15).

Como veremos a seguir, não só o reclame para a humanização do espaço estará na pauta das críticas ao Movimento Moderno. As novas teorias surgidas a

partir dos anos 1960 – ligadas às aproximações aos lugares reais, à fenomenologia do lugar, ao contextualismo, ao regionalismo, e à paisagem – convocarão o arquiteto para o âmbito da percepção e da experiência concreta do ambiente e da cultura como ferramentas para as formulações de projeto.

Por outro lado, também veremos que – em meio ao complexo debate aberto no campo teórico pela derrocada do Movimento Moderno – a resistência também se fará presente pelo anseio à abstração e pela relativização do lugar em determinadas correntes do pensamento arquitetônico.

3.3. Narrativas sobre o lugar na arquitetura

Diversos campos do saber, ao longo dos tempos, têm se debruçado sobre as definições, o alcance e as limitações que envolvem o termo lugar na cultura ocidental. A complexidade teórica que o termo encerra é evidenciada por Josep Muntanola na sua obra *La Arquitectura como Lugar, 1977 (1997)*, em que aponta que o termo lugar é objeto de estudo em extensa bibliografia produzida por filósofos, antropólogos, geógrafos, arquitetos, urbanistas, sociólogos, economistas, semiólogos, psicólogos, entre outros.

Ao estudar as noções de lugar na história do pensamento ocidental, Muntanola (1997, p. 19–21) as sistematizou em três grupos temáticos: as ciências do lugar, afetas a 16 campos de conhecimento; os filósofos e pensadores⁵⁶, que trataram mais objetivamente dos paradigmas e noções de lugar; e a etimologia de palavras ligadas ao conceito de lugar em oito idiomas.

Neste estudo – embora boa parte das formulações contemporâneas na temática do lugar esteja alicerçada no saber produzido em outros campos disciplinares, especialmente na filosofia –, iremos nos concentrar nas teorizações desenvolvidas no âmbito específico da arquitetura.

A reflexão sistemática sobre o tema em questão é uma página recente na história da teoria da arquitetura. Tal como referido, foi somente na segunda metade do século XX que os estudos sobre o lugar assumiram proeminência no *corpus* disciplinar. Conforme Patrício De Stefani (2015, p. 328), “[...] o conceito de espaço no

⁵⁶ Galilei Galileu; René Descartes; Albert Einstein; Immanuel Kant; Friedrich Hegel; Edmund Husserl; Gaston Bachelard; Martin Heidegger; Maurice Merleau-Ponty; entre outros.

discurso da arquitetura não passa de 150 anos. A noção de lugar é ainda mais recente, não tem mais de 60 anos ‘operando’ dentro da teoria da arquitetura.”⁵⁷

Entretanto, há que se fazer uma ressalva. Nos célebres tratados de arquitetura da Antiguidade Clássica e do Renascimento – o *Tratado de Arquitetura*⁵⁸, escrito por Vitruvius em Roma no século I a.C. (2007), e *Da Arte de Construir: Tratado sobre Arquitetura e Urbanismo*⁵⁹, redigido pelo genovês Leon Battista Alberti em 1452 e publicado postumamente em 1485 (2012) – existem relevantes passagens com orientações práticas para abordagem do lugar no planejamento de edifícios e cidades.

No *Livro I, Capítulo IV*, Vitruvius (2007, p. 83) trata da “Escolha dos lugares para as cidades” em que predica a correta localização das urbes na topografia da região e a melhor orientação dessas em relação ao percurso do sol. Mais adiante, o autor recomenda as “Práticas antigas na escolha dos lugares” (VITRÚVIO, 2007, p. 87), que consistiam nos artifícios dos romanos para averiguar a saúde dos animais preexistentes aos seus assentamentos militares, a fim de se certificarem da qualidade necessária dos recursos d’água e das pastagens do lugar. Já no *Livro VI, Capítulo I* do tratado de Vitruvius, há o tópico intitulado *Os Edifícios Deverão Estar Adaptados ao Ambiente Geográfico* (2007, p. 293) onde o teórico indica o necessário conhecimento das “zonas” e “latitudes” das regiões de inserção do edifício para melhor adaptá-lo ao clima:

Nas regiões setentrionais, pensa-se ser conveniente que os edifícios sejam construídos abobadados, resguardados ao máximo e não expostos, voltados para as partes quentes. Contrariamente, nas regiões meridionais, sob o ímpeto do Sol, porque sujeitos ao calor, os edifícios devem ser feitos mais abertos para o setentrião e o aquilão. (VITRÚVIO, 2007, p. 293)

Ainda no *Livro VI*, tendo em vista o correto planejamento do edifício por parte do arquiteto, o tratadista recomenda que “[...] sua boa realização leve em conta a natureza do lugar [...]” (2007, p. 300). Já no tópico do *Capítulo IV* denominado *Orientação dos vários compartimentos da casa*. (2007, p. 309) o autor cuida das melhores disposições dos ambientes dessa tipologia em relação às estações do ano e

⁵⁷ Tradução nossa de: *Hemos visto como el concepto de espacio en el discurso de la arquitectura no posee más de 150 años. La noción de lugar es aun más reciente, no tiene más de 60 años “operando” dentro de la teoría de la arquitectura.*

⁵⁸ Título original: *De Architectura Libri Decem*.

⁵⁹ Título original: *De Re Aedificatoria*.

ao percurso do sol, de forma a garantir-lhes salubridade, funcionalidade e conforto térmico.

Séculos mais tarde, no Renascimento, o tratado de inspiração vitruviana *Da Arte de Construir: Tratado sobre Arquitetura e Urbanismo* (2012), escrito por Leon Alberti, firmou um conjunto holístico, ao mesmo tempo minucioso, de princípios para a escolha do lugar de assentamento da arquitetura e de critérios necessários para o bom relacionamento do edifício com seu território. Segundo Alberti, o projeto do edifício parte, antes de tudo, da compreensão tanto do seu contexto amplo quanto do terreno e sua envolvente, isto é, daquilo que foi definido no *Livro I – O Desenho* como Meio Ambiente (território alargado) e Área (terreno delimitado para a construção). A amplitude de abordagem do lugar para a arquitetura é de tal ordem em Alberti, que perpassa desde a observação dos atributos geográficos do contexto – clima, recursos hídricos, relevo, caminhos e paisagem – até aqueles pertinentes à relação do edifício com a forma e as dimensões do lote, aos acessos, à topografia e à geologia. A relevância desses princípios apresentados pelo teórico italiano está no enquadramento do objeto arquitetônico a um papel sintático que ultrapassa seus limites, ou seja, na expansão da relação do edifício com a envolvente imediata e territorial. Ao discorrer sobre o lugar ideal para implantação de uma casa de campo, Alberti assinalou:

[...] terá então todas as vantagens e os prazeres no que diz respeito à ventilação, à exposição ao sol, à paisagem; será provida de estradas que tenham uma fácil comunicação com a propriedade do dono [...]; estará bem visível, gozará a vista de uma cidade, de fortalezas, do mar, ou de uma vasta planície; ou permitirá direcionar o olhar para os famosos cumes de colinas e de montanhas, sobre esplêndidos jardins [...] (ALBERTI, 2012, p. 203).

Entre as teorizações renascentistas encetadas no tratado *De Re Aedificatoria* (Da Arte de Construir) e as concepções do Pós-Modernismo, já na segunda metade do século XX, o que se observa é um enorme hiato na abordagem do lugar no campo disciplinar. De tal modo, nos afiança o professor Amílcar Gil Pires, após o tratado de Alberti, “O conceito de Lugar esteve, no entanto, sempre ausente no discurso arquitetônico até ao final do Movimento Moderno.” (PIRES, 2013, p. 81).

Uma das frentes da crítica pós-moderna ao Movimento Moderno foi a impessoalidade, a padronização formal, e a descontextualização do edifício pela indiferença aos lugares de inserção e a ideologia universalista. Sabemos, contudo,

conforme a literatura da especialidade – Curtis (1983), Montaner (2001), Frampton (2015), entre outros –, que a expressão da Arquitetura Moderna não se apresenta de forma uniforme e indiferente ao contexto, mesmo no bojo do chamado *Internacional Style*:

Sua aparente homogeneidade era enganadora, uma vez que sua forma planar despojada era sutilmente modulada de modo a **responder a diferentes condições climáticas e culturais**. Ao contrário do estilo neoclássico do mundo ocidental de fins do século XVIII, o Estilo Internacional nunca se tornou verdadeiramente universal. (FRAMPTON, 2015, p. 303, grifo nosso).

Giedion, um dos porta-vozes da Arquitetura Moderna, no artigo *Le Brésil et L'Architecture Contemporaine* (1952), assinalava haver expressões diversas ao núcleo europeu formador do movimento, pelo menos nos arquitetos radicados em países periféricos ao capitalismo industrial, especialmente Brasil e Finlândia. Esse raciocínio é ratificado por Montaner (2017, p. 8) nos seguintes termos: “[...] foi precisamente nos contextos periféricos que se superaram mais expressivamente as insuficiências da modernidade de caráter universalista [...]” e também por Reyner Banham, que reputou à produção brasileira da Escola Carioca a expressão do “[...] primeiro estilo nacional da Arquitetura Moderna.” (BANHAM, 1962, p. 36).

Com efeito, a diretiva do lugar foi estruturante em notáveis manifestações de arquitetura da primeira metade do século XX, portanto anteriores às críticas pós-modernas sobre esse tema. Nesse aspecto, a revisão crítica e historiográfica de Bruno Zevi, a partir de sua frente teórica pós-racionalista em favor de uma arquitetura orgânica, abriu caminho para a construção de narrativas⁶⁰ sobre essas pioneiras produções modernas intimamente vinculadas aos seus contextos. Dentre as quais, o autor destaca o Organicismo do norte-americano Frank Lloyd Wright e a corrente nórdica denominada *New Empirism*, em que a figura de proa é o finlandês Alvar Aalto.

Nessas fontes de pensamento e produção arquitetônicas, observa-se que a paisagem, o clima, a materialidade local e a tradição construtiva se convertem em

⁶⁰ Em 1945, o arquiteto criou na Itália a APAO (Associação para a Arquitetura Orgânica), a revista *Metron*, e lançou o livro *Verso un'Architettura Organica* (1945). Iniciativas que integram o referido pós-racionalismo.

proeminentes informações para a criação do projeto, isto é, num *modus operandi* que inclui o lugar em sua dimensão física e cultural como elemento definidor.

Segundo Montaner (2017, p. 35), “Foi a cultura do organicismo desenvolvida na obra de Frank Lloyd Wright e nas propostas dos arquitetos nórdicos encabeçados por Alvar Aalto, a introduzir com força definitiva a relação da arquitetura com o Lugar.” A partir da década de 1960, a corrente nórdica, também pela rubrica de Montaner, ecoará na produção do célebre arquiteto português Álvaro Siza Vieira, “[...] que de maneira mais clara deu continuidade a esta nova escola que enfatiza o dado concreto, modesto, real a esta capacidade singular para interpretar cada caso e lugar [...]” (MONTANER, 2017, p. 94).

Em contrapartida a esse *corpus* teórico-crítico de canonização do lugar na arquitetura, Nesbitt (2008) e Montaner (2001, 2017) indicam os fenômenos culturais e as linhas de pensamento contemporâneo que relativizam e até mesmo desconstruem a noção do lugar no campo disciplinar. Nesbitt enfatiza a atuação de alguns pensadores da cultura pós-industrial que contribuíram para o posicionamento da fenomenologia do lugar como “saudosistas e ultrapassadas”, dada a dissolução da experiência concreta dos lugares pela crescente tecnologia de realidade virtual no cotidiano social (NESBITT, 2008, p. 59).

A seu turno, Montaner, no tópico *A Dissolução Contemporânea do Lugar*, formulado em *A Modernidade Superada: Ensaios Sobre Arquitetura Contemporânea* (2017), categoriza as sensibilidades alternativas ao lugar em três grupos, a saber: os espaços midiáticos; os não lugares; e o espaço virtual ou ciberespaço. Nesse sentido, a par das teorizações de Peter Eisenman, Rem Koolhaas, Solà-Morales, o autor oferece uma síntese do novo quadro perceptivo e teórico das cidades nos seguintes termos:

Os lugares já não são interpretados como recipientes existenciais permanentes, mas entendidos como intensos focos de acontecimentos, concentrações de dinamismo, torrentes de fluxos de circulação, cenários de fatos efêmeros, cruzamento de caminhos, momentos energéticos. (MONTANER, 2017, p. 44).

Assim, conforme o autor, o espaço midiático é caracterizado pela caixa arquitetônica neutra sobreposta por sistemas digitais interativos e projeções de imagens que desmaterializarão a feição tradicional do espaço; os “não espaço”,

baseado no termo proposto por Mar Augé⁶¹, são aquelas grandes estruturas urbanas e arquitetônicas de massa onde prevalece o anonimato dos usuários (hotéis, aeroportos, autoestradas, shoppings, etc.), que se contrapõem às noções de “permanência e unidade” (2017, p. 45); e o ciberespaço, que é definido por sistemas virtuais capazes de “[...] conectar distintos espaços de edifícios mediante sistemas computadorizados sem a necessidade de recorrer aos espaços tradicionais [...]” (MONTANER, 2017, p. 47).

Já no livro *Depois do Movimento Moderno* (2001), Montaner propõe “A nova abstração formal”, designação alternativa ao termo “desconstrução”, como corrente arquitetônica das duas últimas décadas do século XX, representada pelas obras de Peter Eisenman, Rem Koolhaas, Bernard Tschumi, entre outros. De caráter neovanguardista, tal corrente de fisionomia dinâmica, abstrata e não ortogonal, “Seria uma arquitetura que se oporia à ideia de *genius loci* [...]” que “[...] tende a falar mais dos tempos atuais, da desordem do mundo contemporâneo [...] e da perda irreversível de nossa relação com o lugar e a história.” (MONTANER, 2001, p. 230).

3.3.1. Lugares reais, aproximações: o rural e o urbano

Paralelamente à referida campanha teórica de Zevi, a saturação dos dogmas funcionalistas e racionalistas da Arquitetura Moderna passa a ter solo fértil no âmbito de uma das mais importantes plataformas de difusão do Movimento Moderno, os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM). Na década de 1950, em contraposição aos conceitos de cidade e arquitetura, até então amplamente transmitidos pelos CIAM, alguns autores defenderam a aproximação aos lugares reais do *habitat* humano como ferramenta de planejamento na especialidade. Com efeito, tal fissura institucional e ideológica foi aberta pelas críticas internas aos conceitos vigentes principiadas pelo grupo de jovens arquitetos denominado *Team X*⁶² no

⁶¹ Aqui, Montaner refere-se ao conceito de “espaço da supermodernidade e anonimato” desenvolvido em 1992 no livro *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade* (AUGÉ, 2016).

⁶² A gênese deste grupo ocorre no âmbito do IX CIAM (Aix-en-Provence, 1953), em que jovens arquitetos protagonizaram críticas aos princípios da cidade funcional moderna e foram incumbidos de organizar o X CIAM (Dubrovnik, 1956), momento em que passaram a ser conhecidos como *Team X*. Esse grupo era formado por um “núcleo duro” composto por: Aldo van Eyck (Países Baixos), Alison e Peter Smithson (Inglaterra), Jacob Bakema (Países Baixos), Giancarlo De Carlo (Itália), e George Candilis (Azerbaijão). Outros participantes compuseram o grupo de modo variável ao longo do tempo, que manteve reuniões até o final dos anos 1970.

âmbito das duas últimas edições do referido congresso, em Aix-en-Provence, 1953, e Dubrovnik, 1956.

No IX CIAM (Aix-en-Provence, 1953), para dar resolução ao tema *habitat* o grupo apresentou formulações que, sem abrir mão da prática racional, questionavam as premissas genéricas da cidade funcional apregoada pela Carta de Atenas em favor da identidade e diversidade nas soluções de planejamento urbano. Para tal intento, indicaram a compreensão das populações locais “[...] aceitando o gosto e as necessidades das pessoas” e “[...] imitando o método científico experimental e empírico que analisa caso a caso.” (MONTANER, 2001, p. 30–31).

O X CIAM (Dubrovnik, 1956) foi o evento disruptivo entre as novas gerações de arquitetos representadas pelo *Team X* e a velha-guarda (Le Corbusier, Walter Gropius, Giedion entre outros) que – pelo avolumar das dissensões abertas em Aix-en-Provence, 1953 – apresentou carta de renúncia ao evento. Estavam então “sepultados” os doutrinários CIAM – cuja dissolução oficial se deu em 1959, num último encontro realizado pelos jovens arquitetos na cidade de Otterlo, Países Baixos – e aberta a temporada de encontros do *Team X* até o fim dos anos 1970.

Figura 15 - Membros do *Team X* anunciam a “morte” dos CIAM, 1959.

Foto em Otterlo, 1959.
Em pé: Peter e Alison Smithson, John Voelcker, Jaap Bakema, Sandy van Ginkel.
Abaixo do cartaz: Aldo van Eyck e Blanche Lemco.

Fonte: Laurence (2014).



Alinhada às inquietações do *Team X*, importante notar a participação portuguesa no X CIAM, na qual a comitiva composta pelos arquitetos Viana de Lima, Fernando Távora e Octávio Lixa apresentou um trabalho com o sugestivo nome *Habitat Rural, Nouvelle Communauté Agricole*.⁶³ O projeto para uma comunidade agrícola exposto no painel lusitano refletia as investigações do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960), que examinava os tradicionais povoados rurais portugueses para catalogar seus modos de construir, suas tipologias, seus materiais,

⁶³ Tradução nossa: Habitat Rural, Nova Comunidade Agrícola.

suas técnicas, oriundas das especificidades socioeconômicas, culturais e mesológicas das regiões do país.

Outra figura portuguesa que marcou presença considerável em cinco desses encontros internacionais, entre 1962 e 1977, já sob a coordenação do *Team X*, foi o arquiteto lisboeta Amâncio (Pancho) Guedes, que compartilhou com o grupo a sua arquitetura pictórica desenvolvida em Moçambique, cuja aproximação à cultura africana se estabeleceu por um figurativismo de cunho “antropomórfico” e “zoomórfico” (FIGUEIRA, 2009, p. 79).

Já no encontro de Aix-en-Provence, 1953, o painel de uma das lideranças do *Team X*, o casal Peter e Alison Smithson – onde se nota, no conteúdo, a incorporação dos lugares reais de vivência comunitária em contraponto ao teor indutivo e idealista do espaço urbano moderno – informa-nos sobre relevantes atributos do ideário desse grupo. Conforme a narrativa de Frampton, uma peculiar experiência londrina dos Smithsons dá o tom ao trabalho por eles apresentado no IX CIAM, que teve como fato invulgar e simbólico as imagens de autoria do fotógrafo Nigel Henderson:

[...] cujas fotos da vida nas ruas de Londres foram expostas pelos Smithsons em Aix-en-Provence e cuja percepção e modo de vida desempenharam um papel tão crucial para a formação da sensibilidade deles. [...] Os Smithsons visitavam regularmente a casa de Henderson em Bethnal Green a partir de 1950, e foi com base em sua experiência com a vida das ruas na região [...] que eles extraíram suas primeiras noções de *identidade e associação*. (FRAMPTON, 2015, p. 330).

Em se tratando da aproximação entre a prática arquitetônica e os lugares reais habitados nas cidades ou no campo, como as contidas nas proposições do *Team X* e na equipe de Távora no X CIAM, é expectável que o Neorrealismo italiano seja aqui mencionado. Corrente arquitetônica do segundo pós-guerra – associada ao ideário do movimento cinematográfico de mesmo nome e derivada das ideologias antifascistas –, o Neorrealismo italiano, de acordo com António Bandeirinha (2007, p. 55), foi formulado por “Uma nova geração de arquitectos, ansiosos por ensaiar uma linguagem de renovada comunicação com as classes populares [...]”. A grande plataforma de realização dessa corrente foi o programa estatal para resolução da carência de habitação no pós-guerra, o INA-Casa, *Instituto Nazionale delle Assicurazioni*.

O paradigma do Neorrealismo italiano é o complexo residencial proletário Tiburtino (Roma, 1949-54), projetado pelos arquitetos Mario Ridolfi, Carlo Aymonino

e Mario Fiorentino no âmbito do INA-Casa. Essa formulação arquitetônica e urbana estabelece estreito diálogo com os arruamentos tradicionais citadinos, com a estética vernacular, e com as técnicas manuais de construção, num esforço para atendimento das necessidades da pessoa comum.

De acordo com Pedro Baía da Costa (2014, p. 21), o ex-professor de arquitetura portuguesa da FAUP, Alexandre Alves Costa, ao refletir sobre as bases da revisão portuguesa do moderno, identifica como chave interpretativa a recepção em Portugal de correntes renovadoras de âmbito internacional, dentre as quais, o Neorrealismo italiano. Além disso, em forma de amarração dos dois movimentos, Baía da Costa sublinha que há uma convergência de inquietação entre a corrente Neorrealista e o posicionamento do *Team X* “[...] relacionada com as questões da identidade e de pertença a uma comunidade.” (COSTA, 2014, p. 21).

Dessa interpolação de fluxos de ideias no segundo pós-guerra (*Team X* – revisão portuguesa do moderno – Neorrealismo italiano), é importante notar a transversalidade da cultura arquitetônica entre essas três posturas, cujo traço comum são as aproximações aos lugares reais, sejam estes urbanos ou rurais.

3.3.2. Fenomenologia do lugar e a arquitetura

A importação de conceitos do sistema filosófico denominado fenomenologia para a teoria da arquitetura constitui a base para a formatação do que é designado como fenomenologia do lugar, uma importante corrente de teorizações que se produziu na Europa a partir da década de 1940. No método fenomenológico, o sujeito, na relação com o objeto estudado, entra na métrica da produção do conhecimento, algo diferente da objetividade científica, supostamente impessoal.

Várias publicações no campo da filosofia são estruturantes para as formulações da fenomenologia do lugar no âmbito da arquitetura. Aqui destacamos quatro das mais influentes: *Fenomenologia da Percepção*, 1945 (1999), de Maurice Merleau-Ponty; *Construir, Habitar, Pensar*, 1954 (1992), de Martin Heidegger; *A Poética do Espaço*, 1957 (2012), de Gaston Bachelard; e *O Homem e o Espaço*, 1963 (2019), de Friedrich Bollnow.

Interessa nessa investigação examinar os autores do campo da arquitetura, teóricos ou práticos, que decodificaram de maneira paradigmática o *corpus* da

fenomenologia do lugar para o campo disciplinar arquitetônico. Portanto, não entraremos aqui na apreciação dos textos filosóficos propriamente ditos.

Conforme ponderado por Nesbitt (2008, p. 31) o “[...] fundamento filosófico na base das atitudes pós-modernas com relação ao sítio, ao lugar, à paisagem e à edificação (especialmente a tectônica) [...]” possibilitou ao pensamento arquitetônico “[...] problematizar a relação do corpo humano com seu ambiente.”

Efetivamente, inúmeros arquitetos e teóricos da arquitetura decodificaram os conceitos da fenomenologia do lugar para seus edifícios e textos. Podemos mencionar, entre outros, Christian Norberg-Schulz (Noruega); Cornelis van de Ven (Países Baixos); Kenneth Frampton (Inglaterra); Vittorio Gregotti (Itália); Alberto Pérez-Gómez (México); Juhani Pallasmaa (Finlândia); Peter Zumthor (Suíça); Steven Holl (EUA); Tadao Ando (Japão); e David Leatherbarrow (EUA).

No âmbito dos objetivos deste estudo, neste tópico nos deteremos às proposições de quatro teóricos, a saber: Norberg-Schulz; Juhani Pallasmaa; David Leatherbarrow; e Raimund Abraham.

O historiador e teórico Norberg-Schulz concorreu para o estabelecimento daquilo que se denominou fenomenologia da arquitetura a partir de diversas publicações (NESBITT, 2008, p. 443), notadamente em: *Existencia, Espacio y Arquitectura*, 1971 (1980); *O Fenômeno do Lugar*, 1976 (2008); e *Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture* (1979). Tal acervo teórico tem como referência marcante os escritos de Merleau-Ponty, Bachelard, Bollnow, e Heidegger, do qual teve especial interesse pelo texto *Construir, Habitar, Pensar*.

Em *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Norberg-Schulz progrediu a ideia do espaço existencial, teoria que deu seguimento às noções do espaço moderno contidas nas narrativas de Giedion e buscou o resgate da significação da arquitetura por meio de uma nova noção de lugar. Na avaliação do autor, a herança teórica sobre a noção de espaço é dividida entre as geométricas e os mapeamentos perceptivos, sendo que ambas não incluem o homem de maneira satisfatória “[...] o espaço, como dimensão existencial e como relação entre o homem e o ambiente que o cerca, foi esquecido.”⁶⁴ (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 15).

⁶⁴ Tradução nossa de: [...] *el espacio, como dimensión existencial y como relación entre el hombre y el ambiente que le rodea, ha sido olvidado.*

A partir desse diagnóstico, propõe a noção do espaço existencial, que é composto pelos esquemas mentais em que o homem, a partir da sua relação com o ambiente, configura as imagens e esquemas fundamentais à sua orientação e estar no mundo.

Nesse processo perceptivo, o homem, naturalmente, se coloca como centro do espaço existencial, a partir do qual pode se apropriar do mundo, e onde: “O desenvolvimento do conceito de lugar e de espaço como um sistema de lugares é uma necessária condição de encontrar o apoio existencial.”⁶⁵ (1980, p. 19). Assim, o autor estabelece correlações entre os elementos arquitetônicos (concretude) e os topológicos (psicologia da percepção), imprescindíveis ao sentido de orientação humana, dentre os quais há centros ou lugares que conformam as noções de proximidade. Além disso, os lugares (proximidades) – onde se desenrola a vivência pública e privada do sujeito – englobam caminhos (continuidades) e regiões (fechamentos) que se articulam em níveis que vão desde a escala da mão (objetos), passando pela casa, o urbano, a paisagem rural até o nível geográfico, o mais abstrato para a percepção.

Norberg-Schulz salienta que o espaço existencial, uma das estruturas mentais que constituem a experiência humana, tem como equivalência física o espaço arquitetônico, e que desempenha papel imprescindível para o seu sentido de pertença e apropriação do mundo:

[...] o espaço arquitetônico concretiza um espaço existencial público que inclui muitos espaços existenciais privados. É uma forma simbólica que medeia os objetivos humanos mais altos através de certa semelhança estrutural na qual os lugares, caminhos, regiões e níveis do espaço existencial encontram sua contrapartida física concreta [...]. A criação do espaço arquitetônico, portanto, significa a integração de um modo de vida intencional no meio ambiente.⁶⁶ (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 49).

Por fim, o autor advoga que o homem depende de uma representação significativa do ambiente, ou seja, do espaço existencial, que deve ser dado por um

⁶⁵ Tradução nossa de: *El desarrollo del concepto de lugar y del espacio como un sistema de lugares es, por consiguiente, una condición necesaria para hallar un sitio firme donde hacer pie existencialmente.*

⁶⁶ Tradução nossa de: [...] *el espacio arquitectónico concretiza un espacio existencial público que incluye muchos espacios existenciales privados. Es una forma simbólica que mediatiza los más elevados objetivos del mundo del hombre a través de una cierta semejanza estructural en la cual los lugares, caminos, regiones y niveles del espacio existencial hallan su contrapartida física concreta [...]. La creación de espacio arquitectónico, por lo tanto, significa la integración de una forma intencionada de vida en el ambiente.*

sistema de lugares estáveis, onde o espaço arquitetônico configure os elementos capazes de recuperar a ideia de identidade para si.

Já no artigo *O Fenômeno do Lugar*, de 1976 (2008), Norberg-Schulz, a par das noções desenvolvidas no texto anterior, irá aprofundar suas reflexões sobre a ideia de lugar como resposta ao conceito de espaço funcional (genérico). Advoga o método fenomenológico na arquitetura como uma ferramenta de resolução, e com isso precisou as noções de "estrutura do lugar", "*genius loci*" e "habitar".

Norberg-Schulz afirma que a estrutura do lugar deve ser definida em termos de "paisagem" e "assentamento", e sua análise se dá pelas categorias "espaço" e "caráter" (2008, p. 449). O "espaço concreto" é dado pelos aspectos topológicos do lugar, tais como interior e exterior, em cima e embaixo, extensão e cercamento, e possuem uma centralidade onde "[...] as direções principais são a horizontal e a vertical, isto é, as direções da terra e do céu." (2008, p. 450). Caráter, por sua vez, remete à atmosfera do lugar que é definida por seu substrato natural (terra, céu, clima) e por sua forma, que é dada pelas configurações (geométricas e materiais) das referidas fronteiras. Assim, paredes, portas, janelas e coberturas das construções de um determinado lugar tipificam o caráter. Nesse contexto, o autor confere especial destaque para as fronteiras laterais, as paredes, que "[...] contribuem decisivamente para determinar o caráter do ambiente urbano." (2008, p. 451).

O *genius loci*, espírito do lugar, recupera o antigo termo romano que designava os seres divinos, *genius*, que concediam vida e caráter aos lugares e às pessoas. Norberg-Schulz nos reporta a harmonia entre os povos antigos e os *genius* dos seus lugares como fator de sobrevivência física e psicológica, e que tal relação se perdeu nas sociedades modernas com a crença na ciência e na tecnologia como instâncias liberadoras da vinculação ancestral aos lugares.

Nesse sentido, reafirma que a base existencial, o habitar humano, pressupõe tanto os fundamentos topológicos quanto aqueles de identificação com o lugar. Ainda para Norberg-Schulz, a condição de habitar é dada pela materialização do mundo em construções e objetos por representação. Assim, a arquitetura, forma poética de concretização, "[...] começa a existir quando faz visível todo um ambiente [...]. Isso significa concretizar o *genius loci*." (2008, p. 459).

O finlandês Juhani Pallasmaa, assim como Norberg-Schulz, aponta o pensamento de cunho científico como limitador dos modos de teorizar, experimentar

e criar a arquitetura, e avalia que a experiência do corpo nos ambientes construídos transcende o plano racional, alcançando sua completude no aparato sensitivo:

Toda experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo [...] (PALLASMAA, 2011, p. 39).

No livro *Os Olhos da Pele: A arquitetura e os Sentidos*, 1996 (2011), o autor denuncia a preponderância do sentido da visão na maneira de ensinar e conceber a arquitetura e pleiteia uma abordagem da arquitetura centrada no corpo, incluindo aí a memória e a imaginação.

A questão do significado e a capacidade de comunicação da arquitetura também é uma demanda do autor. Para Pallasmaa, tal atributo, deficitário na expressão moderna, propicia a identificação do homem com o seu *habitat*: "A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça nossa sensação de realidade e identidade pessoal; ela não nos faz habitar mundos de mera artificialidade e fantasia." (PALLASMAA, 2011, p. 11).

De tal maneira, no artigo *A Geometria do Sentimento: Um Olhar Sobre a Fenomenologia da Arquitetura*, 1986 (2008), Pallasmaa indica que a grande experiência que a arquitetura pode oferecer é a materialização do lugar singular, aquele cuja atmosfera é capaz de estimular nossas sensações físicas e psíquicas, onde a casa é o ambiente privilegiado para esta vigorosa sensibilização corpórea e metafísica (PALLASMAA, 2008, p. 488).

A influência do enfoque sensorial na percepção e criação do lugar no campo da arquitetura pode ser sintetizada por este emblemático excerto do livro *Thinking Architecture*, 1998 (2006), escrito por Peter Zumthor, arquiteto suíço, cujo pensamento e obra são tributários da fenomenologia e cuja obra é adotada como paradigmática para Juhani Pallasmaa:

Lembro-me do som do cascalho sob meus pés, o brilho suave da escada de carvalho encerado, ouço a pesada porta da frente se fechando atrás de

mim enquanto ando pelo corredor escuro e entro na cozinha, a única sala realmente bem iluminada na casa.⁶⁷ (ZUMTHOR, 2006, p. 7).

Além da produção de Zumthor, podemos elencar as obras de Steven Holl e Tadao Ando como expressões do que Pallasmaa classificou como “arquitetura dos sentidos” (PALLASMAA, 2011, p. 65).

Figura 16 - Obras de Peter Zumthor, Steven Holl e Tadao Ando.



Arquitetura e experiência sensorial: textura, luz e água (som e clima).
 Esq.: Capela Saint Benedict (Sumvitg, 1988), P. Zumthor. Centro: Capela Santo Inácio (Seattle, 1994-97), S. Holl. Dir.: Museu Histórico de Sayamaike (Osaka, 1994-01), T. Ando.
 Fontes: Felipe Camus⁶⁸; Paul Warchol⁶⁹; e Arcspace.⁷⁰ (Adaptadas pelo autor, 2020).

As publicações do professor norte-americano David Leatherbarrow estabeleceram singulares contributos para a fenomenologia da arquitetura e do lugar. Em seus principais textos – *On Weathering: The Life of Buildings in Time* (1993), *Uncommon Ground: Architecture, Technology and Topography* (2000), *Surface Architecture* (2002), *Topographical Stories: Studies in Landscape and Architecture* (2004) –, o autor discute a relação entre edifício, topografia, tempo, materiais e tecnologia, e percepção, tendo como parâmetro a localidade intrínseca.

Um significativo aporte de Leatherbarrow ao pensamento contemporâneo da arquitetura remete ao alargamento da noção de topografia nos livros *Uncommon Ground* e *Topographical Stories*, onde o autor considera a arquitetura e o paisagismo disciplinas interdependentes e que ambas são “artes topográficas” (LEATHERBARROW, 2004, p. 61). Nesses textos, a noção de topografia transcende aos usuais aspectos operacionais do terreno (superfícies e dimensões) e engloba os aspectos culturais da localidade a ele vinculada. O autor considera a topografia a

⁶⁷ Tradução nossa de: *I remember the sound of the gravel under my feet, the soft gleam of the waxed oak staircase, I can hear the heavy front door closing behind me as I walk along the dark corridor and enter the kitchen, the only really brightly lit room in the house.*

⁶⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2UIGGR6> (Capela Saint Benedict). Acesso em: 27 mar. 2020.

⁶⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2ydNka1> (Capela Santo Inácio). Acesso em: 27 mar. 2020.

⁷⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3aqJKku> (Museu Histórico de Sayamaike). Acesso em: 27 mar. 2020.

base para a experiência cotidiana que possibilita ao arquiteto elementos latentes para a formatação do projeto, uma vez que ela comporta, além do relevo natural, o relevo do ambiente construído com a variedade de registros da ação humana na sua tessitura, isto é, a história local ali sedimentada.

Todavia, o autor afirma que o ato de construir não é uma ação de resgate identitário ou de uma coesão regional, mas sim “[...] uma intervenção do tornar-se perpétuo da topografia, um processo desimpedido pela ausência de uma ‘origem’ ou ‘condição natural’ [...]”⁷¹ e, nessa lógica, contrapõe-se às generalizações que qualificam o edifício moderno como fruto de abordagens insensíveis ao sítio: “[...] estes foram cuidadosamente sintonizados com suas localizações, mas não nas formas tradicionais [...]”⁷² (2004, p. IX), e sim nos modos de vinculação ao solo e ao horizonte.

Acerca desse debate, é interessante trazer a primazia que o arquiteto e professor Raimund Abraham confere à topografia em relação ao engenho da arquitetura. Abraham, em *Negação e Reconciliação*, 1982 (2008), considera que a tarefa da arquitetura é restabelecer a harmonia entre cultura e natureza eliminada no gesto contundente que precede à ação projetual, qual seja, a posse inicial do lugar com a consecutiva “[...] transformação de sua natureza topográfica [...]” (ABRAHAM, 2008, p. 500).

3.3.3. A cidade como lugar, contextualismo

Uma das linhas de reestruturação do pensamento arquitetônico do segundo pós-guerra centrou-se no questionamento da iconoclastia do Movimento Moderno face aos monumentos e à memória da arquitetura que, inevitavelmente, têm na cidade tradicional sua base de consignação.

A dicotomia entre as ideias postas em debate pode ser sintetizada pela oposição de dois termos representativos desses períodos sucedâneos. A aspiração moderna pelo *Zeitgeist* (espírito da época), que, naquela cultura arquitetônica, moldou sua expressão na contundente afirmação do tempo presente (razão e técnica), em oposição à noção contemporânea do *genius loci* (espírito do lugar), que

⁷¹ Tradução nossa de: [...] *an agency of topography's perpetual becoming, a process unimpeded by the absence of an "origin" or "natural condition" [...]*.

⁷² Tradução nossa de: [...] *these were carefully attuned to their locations, but not in traditional ways [...]*.

abrange o dado histórico (tradição e identidade) como ferramentas de análise e projeto.

Em meio à colossal tarefa de reconstrução da Europa arrasada pela Segunda Guerra Mundial, emerge, dos textos de Ernesto Nathan Rogers – editor da influente revista italiana *Casabella-Continuità* entre 1953 e 1964 – o conceito de “preexistência ambiental” que se define pela deferência ao acúmulo cultural (tradição) e às realidades dos contextos de intervenção como chaves operativas da arquitetura e do urbanismo.

Em seus escritos, Rogers pugnava o ajuste da Arquitetura Moderna à realidade italiana, dando continuidade a esta, mas com o fito de superação do seu “esquematismo abstrato” e de reconciliação com a inexorável tradição da arquitetura europeia (MONTANER, 2017, p. 97). Segundo Montaner, a teorização de Rogers “[...] constitui o ponto de referência mais importante da cultura arquitetônica dos anos cinquenta e sessenta” (MONTANER, 2001, p. 99) e que, juntamente com Bruno Zevi e Giulio Carlo Argan, anotarà sua influência nas gerações subsequentes.

Nesse *continuum*, o exame da cidade do ponto de vista histórico, formal, e cultural será conduzido por importantes pensadores ligados à corrente italiana conhecida como Neorracionalismo, ou Escola de Veneza, que se estruturou em torno do Instituto Universitário de Veneza – reduto de influentes teóricos como Manfredo Tafuri, Vittorio Gregotti e Aldo Rossi (NESBITT, 2008, p. 24).

Segundo Nesbitt (2008, p. 24), os neorracionalistas, com fé inabalável na teoria e na história da arquitetura cultivaram percursos com atuações em diversas frentes: investigação e docência; crítica editorial; promoção cultural; e na consecução de projetos e obras arquitetônicas.

O texto seminal de Aldo Rossi, *A Arquitetura da Cidade*, publicado em 1966 (2001), configura-se como um marco teórico no século XX, com força de um tratado de arquitetura (MONTANER, 2001, p. 139). Essa obra opera uma “taxonomia” das cidades tradicionais (morfologia e tipologia), a fim de estabelecer instrumentos teóricos para novas formulações da arquitetura e do urbanismo ajustadas aos registros históricos e à memória coletiva. Assim, o lugar do artefato cidade e seus arrabaldes foi definido por Rossi nos seguintes termos:

[...] tornam-se coisa humana porque são um imenso depósito de fadigas, são obra das nossas mãos; mas, enquanto pátria artificial e coisa

construída, também são testemunhos de valores, são permanência e memória. A cidade é na sua história. (ROSSI, 2001, p. 22).

Rossi decompõe a cidade em elementos primários (figuras) e secundários (fundo). Os primários são elementos pontuais – de aporte coletivo e simbólico – e são tipificados por obras públicas de exceção, como monumentos, palácios, templos, etc. Os elementos secundários são espraiados, compostos pelo predominante parque construído das habitações. Tal caracterização instrumentaliza a teoria e a prática disciplinar a recuperar o valor transcendental do elemento primário como “[...] marco privilegiado para definir a imagem e o caráter da cidade” (MONTANER, 2001, p. 140). Esses elementos cumprem também o papel de catalisadores dos processos urbanos e territoriais.

O autor explana que o ajustamento formal do edifício está relacionado à pujança dos “fatos urbanos”, que se corporificam na cidade em artefatos construídos resultantes de fenômenos históricos transcendentais. Em outras palavras, a forma da cidade e do edifício resulta da força dos contextos que as engendram e não das demandas funcionais como apregoado pelo “funcionalismo ingênuo” do Movimento Moderno (ROSSI, 2001, p. 29).

Assim, o artefato arquitetônico ou urbano é relacionado por Rossi (2001, p. 147) aos atributos específicos do *locus* (lugar), “[...] entendendo com isso aquela relação singular mas universal que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele lugar.” Em última instância, o lugar, assim acurado, configura o caráter da preexistência para as camadas de intervenção que se sobrepõem no tecido urbano.

O Teatro do Mundo – projetado por Rossi para flutuar nas águas de Veneza durante a *Bienal de Arquitetura de Veneza*, 1980 – é um paradigma da decantação dos fatos urbanos identificáveis na silhueta da cidade (torres, igrejas, palácios) a um novo artefato de uso diverso. Os arquétipos de tais monumentos transmutados à morfologia desse teatro, que se contrapõe à cidade (fundo) na condição de figura móvel, a ela se ajusta com familiaridade.

Tal operação projetual também deve ser enquadrada ao apuramento do conceito de “tipo” feito por Rossi, que identifica os tipos arquitetônicos transcendentais, ou seja, as formas espaciais imutáveis sedimentadas ao longo da

história pela morfologia urbana e disponibilizadas ao arquiteto para sua manipulação e particularização (MONTANER, 2001, p. 142).

Figura 17 - Teatro do Mundo, Veneza. Aldo Rossi, 1979-80



Esquerda: foto do teatro. Direita: desenho do teatro, Aldo Rossi.
Fontes: *Archiobjects*⁷³ (Esq.) e *Veredes*⁷⁴ (Dir.). (Adaptadas pelo autor, 2020).

Anthony Vidler, por sua vez, em *A Terceira Tipologia*, 1976 (2008), afirma que, na contemporaneidade, a noção de tipo se alarga à escala da cidade, “A cidade é em si e por si uma nova tipologia” e, assim sendo, “Fica claro que a natureza que se referem os projetos arquitetônicos recentes não é outra senão a natureza da cidade em si [...]” (VIDLER, 2008, p. 286). Com efeito, tal declaração há que ser circunscrita àqueles projetos inseridos nos núcleos urbanos, posto haver uma gama de fatos arquitetônicos contemporâneos com incidência no território suburbano onde a cidade já é diluída, como ocorre majoritariamente na implantação da casa unifamiliar isolada contemporânea, cujas referências frequentemente são distintas da paisagem urbana central (ANDRADE, 2016a, 2017).

Os escritos de Vittorio Gregotti, entre as décadas de 1960 e 1980, são emblemáticos do movimento Neorracionalista – também conhecido como *Tendenza* – e exerceram significativa influência na arquitetura Pós-Moderna (NESBITT, 2008, p. 371).

Destacaremos aqui alguns conceitos de sua obra basilar, o livro *O Território da Arquitetura*, publicado em 1966, condensados no artigo *Território e Arquitetura*, de 1985 (2008), o qual abordaremos neste estudo.

Nesbitt (2008, p. 371) sublinha que o teor dos estudos de Gregotti acresce à *Tendenza* as noções de lugar e *genius loci* “[...] para a cidade e para as tipologias de construção da forma [...]”. De fato, as notações enfatizadas em *Território e*

⁷³ Disponível em: <https://bit.ly/2JHJGkE> (foto do teatro). Acesso em: 04 abr. 2020.

⁷⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2Xab3vN> (desenho do teatro). Acesso em: 04 abr. 2020.

Arquitetura (GREGOTTI, 2008), denotam especial interesse para a definição de uma arquitetura em face ao ambiente cultural, que é informado pelo autor por expressões como “geografia das coisas concretas”, “organização histórica”, “universo geométrico das coisas reguladas”, “natureza historicamente transformada, [...] frequentada ou povoada”, etc.

Nesse texto, que acolhe nítidas noções fenomenológicas, Gregotti indica que o ambiente é a base física que carrega os registros do seu próprio percurso no tempo, da sua história, “[...] cujas razões e relações cabe à arquitetura revelar.” (GREGOTTI, 2008, p. 373). Isso implica reconhecer no lugar concreto e sua memória a substância para a arquitetura como instrumento de projeto capaz de promover a adaptação do edificado a cada sítio específico. A isso, Gregotti (2008, p. 374) nomeia como método de modificação, que implica em “[...] uma consciência de fazer parte de um todo preexistente, de mudar parte de um sistema para transformar o todo.”

Por esse aspecto, é o entendimento do lugar que oferece os termos para o arranjo do espaço, ou seja: “[...] o projeto transforma *lugar* em *assentamento*.” (2008, p. 374). Assim, o autor assevera que o gesto ancestral – anterior à mítica cabana primitiva – de cravar a primeira pedra no chão numa região inexplorada como ato de demarcação e reconhecimento do lugar, é o princípio originário da arquitetura. Tal operação resulta em dimensionar e transformar o sítio, a fim de se orientar no contexto, que pode ser feito por imitação ou pelo emprego de noções abstratas (dimensionamentos), sendo a segunda operação aquela que instaura o artefato habitável.

A consecução prática do pensamento de Gregotti, tomando suas próprias palavras, “[...] explora as implicações do desenvolvimento de uma arquitetura do contexto.” (2008, p. 375).

Em Lisboa, o Centro Cultural de Belém (Figura 18), criado por Gregotti em associação com o português Manuel Salgado, ilustra tal linha de atuação. A arquitetura desse edifício, caracterizada pela presença do liós (pedra de Lisboa), no revestimento global, a altimetria balizada pelo vizinho Mosteiro dos Jerônimos (séc. XVI), a ideia de fortaleza expressa na volumetria, e a horizontalidade chã do conjunto, institui inequívocos ligames morfológicos, históricos e materiais com a cultura arquitetônica da cidade que o acomoda.

Figura 18 - Centro Cultural de Belém Lisboa (1989-92), Vittorio Gregotti e Manuel Salgado.

Fonte: Fernando Guerra.⁷⁵



3.3.4. Região como lugar, universal versus local

A antítese entre universal e local é tão antiga quanto o homem, assim como repressão e liberdade. Desde que surgiram os grandes impérios desejosos de dominar os pequenos povos, estes se defendem da assimilação cultural reafirmando as próprias raízes, tradições e identidades. Roberto Segre (2003).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu, avançou o conceito de “poder simbólico”, fator que proporciona aos seus detentores eficiência na veiculação das suas mensagens e discursos no âmbito social, que se traduz na criação e/ou manutenção de hegemonias (BOURDIEU, 1986, 1989, 2007, 2008). Esse conceito, trasladado para o âmbito das relações regionais ou internacionais, nos informa sobre a dinâmica de forças nos intercâmbios culturais entre os centros e as periferias de “poder simbólico”.

No campo da arquitetura, o regionalismo abriga as teorias e práticas que incorporam as especificidades naturais e culturais de determinada região que podem informar desde a trivial adaptação do edifício ao clima e à topografia local até “[...] uma ideologia de resistência à homogeneização da cultura construtiva e/ou aos controles absolutistas centralizados.”⁷⁶ (CANIZARO, 2007, p. 21).

Consoante a Vincent Canizaro (2007) a arquitetura regionalista é voluntária, portanto, difere da vernácula, cuja origem é espontânea, e se contrapõe àquelas arquiteturas ditas universais – que se difundem a partir de centros irradiadores por regiões diversas, mantendo suas características gerais como, por exemplo, a arquitetura estilo *Beaux-Arts* e o *International Style*.

Os estudos relativos ao tema do regionalismo em arquitetura tomaram impulso a partir de meados do século XX, com autores que construíram um acervo de

⁷⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2TniyfY>. Acesso em: 05 abr. 2020.

⁷⁶ Tradução nossa de: [...] *an ideology of resistance to both the homogenization of building culture and/or centralized, absolutist controls.*

referência dessa temática na disciplina. Dentre outros, como veremos adiante, destacamos o crítico e historiador Lewis Mumford; os ensaístas Liane Lefaivre e Alexander Tzonis; o crítico e historiador de arquitetura Kenneth Frampton; e os arquitetos professores Alan Colquhoun e Vincent Canizaro.

A ideia de regionalismo em arquitetura – que via de regra se estabelece pela confrontação de noções como universal e local, civilização e cultura – é identificada na Antiguidade Clássica, tem seus primórdios no Renascimento e, de acordo com Canizaro (2007, p. 16), “[...] persistiu através de muitos movimentos históricos mais amplos, incluindo Romantismo, Ecletismo, Revivalismo, Modernismo e Pós-Modernismo.”⁷⁷ Com efeito, esse enquadramento historiográfico tem como precedentes as narrativas de Tzonis e Lefaivre (1985) e de Alan Colquhoun, 1996 (2007), que mapearam os movimentos culturais que se relacionaram ao discurso regionalista na arquitetura.

O transplante de modelos arquitetônicos dos centros hegemônicos de poder e saber por aparatos de estado e/ou instituições, como veículos de expansão e colonização, é percebido desde a Antiguidade como fator de comprometimento das identidades locais e, no seu contraponto, como indutor de forças de reação (LEFAIVRE; TZONIS, 2003). Tais fenômenos, portanto, se estabelecem em circuitos relacionais de cunho dialético, posto que se fundam na inter-relação entre domínios culturais bidirecionais.

Quanto a isso, é pertinente trazer à luz a narrativa do professor da FAUL, José Manuel Fernandes, 1996 (2006), sobre a difusão ultramarina da arquitetura portuguesa no século XVI na África, América e Ásia, em que resgatou um excerto de Rafael Moreira que identifica na “[...] arquitetura militar o primeiro estilo internacional da arquitectura moderna.” (MOREIRA, 1987 *apud* FERNANDES, 2006, p. 52).

Interessante notar, portanto, o debate acerca de uma “arquitetura tropical” em textos como *Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones* de 1956 (FRY; DREW, 1964), *Tropical Architecture - Critical Regionalism in the Age of Globalization* (TZONIS; LEFAIVRE; STAGNO, 2001), *Nos Trópicos sem Le Corbusier* (MILHEIRO, 2012), *Arquitetura Moderna Tropical* (MORAIS, 2017), entre outros, onde são detectadas narrativas da regionalização (coloniais e pós-coloniais) das arquiteturas dos países

⁷⁷ Tradução nossa de: [...] *persisted through many wider historical movements including romanticism, eclecticism, revivalism, modernism, and postmodernism.*

que “[...] transportaram modelos que se transformaram, pelo contato com outros povos e suas culturas, e adaptaram a novas realidades climáticas [...]” (MORAIS, 2017, p. 9).

Todavia, o termo regionalismo em arquitetura pode suscitar semânticas, ora impositivas, pelo abrigo a postulações ideológicas uniformizadoras vinculadas a processos de colonização e a movimentos artísticos dogmáticos e/ou políticos totalitários com vieses historicistas; ora emancipatórias, por carrear os processos culturais de enfrentamento a essas postulações verticais (CANIZARO, 2007). O conjunto dos textos de Lefavre e Tzonis configura uma história universal do regionalismo em arquitetura na qual são narrados esses movimentos pendulares dentro da constante bipolaridade entre os valores universais e regionais, que se exaspera no século XX.

Em *Architecture of Regionalism in the Age of Globalization: Peaks and Valleys in the Flat World* (LEFAIVRE; TZONIS, 2012), os autores apontam que o tratado de Vitruvius, século I a.C., registra as primeiras narrativas sistemáticas acerca do regionalismo, ao reconhecer as especificidades dos edifícios em função das variações regionais então observáveis, entretanto, ao fim e ao cabo, o tratadista ajuíza a supremacia da arquitetura de Roma em face às demais regiões sob o jugo imperial. Na sequência, os autores notificam breves manifestações regionalistas entre o edifício manifesto *Casa dei Crescenzi* (Roma, 1040-65) combativo à hegemonia do Gótico imposta pelo papado e os esparsos textos no Renascimento.

Uma eficiente síntese do regionalismo entre o século XVIII e meados do século XX, produzida por Lefavre e Tzonis, pode ser extraída do capítulo *Tropical Critical Regionalism: Introductory Comments* (LEFAIVRE; TZONIS, 2001). Nesse texto, os autores destacam o Regionalismo Pitoresco do século XVIII, no qual distinguem vozes britânicas que se levantam contra o universalismo Clássico da ordem absolutista em prol de uma arquitetura extraída do *genius loci*. No Regionalismo Romântico do século XIX, afirmam que a postulação de Goethe pela autenticidade popular do gótico alemão frente ao Classicismo exógeno francês serviu de inspiração a grupos étnicos para catalogar a coesão de suas arquiteturas autóctones como forma de estabelecer unificação ou independência em disputas regionais, bem como aos projetos nacionalistas ao redor do mundo. Na primeira metade do século XX, os autores apontam o desvirtuamento dos ideais românticos para aqueles populistas, típicos dos regimes autoritários desenvolvidos no século XX, cujo paradigma pode ser

percebido na arquitetura do regime fascista alemão, contumaz gerador de historicismo monumental e desprezo ao Movimento Moderno.

Os regionalismos dentro do Movimento Moderno dos anos 1920-30 foram inventariados por Alan Colquhoun em *Critique of Regionalism* (2007). O autor enuncia expressões arquitetônicas tipificadas pela conexão moderna ao léxico do classicismo ou pelas “[...] condições locais concretas [...]” (2007, p. 143) na arquitetura inicial de Asplund e Aalto na Escandinávia dos anos 1930; no Expressionismo alemão; e na guinada vernácula de Le Corbusier em fins dos anos 1920, cuja trajetória posterior será marcada pela “[...] crença de que os costumes populares e as tradições regionais poderiam ser reconciliados com a tecnologia moderna [...]”⁷⁸ (COLQUHOUN, 2007, p. 144).

William Curtis, em *Modern Architecture Since 1900* (1983), também tratou dos regionalismos Modernistas no capítulo *The Problem of Regional Identity*. Curtis afirma que a difusão internacional do Movimento Moderno nos primeiros tempos esteve longe de ser global, fato que só se efetivou no segundo pós-guerra, quando já se verificava grande diversidade de expressão nos centros de origem. Para esse autor, somente Brasil, África do Sul, Inglaterra e Japão receberam a Arquitetura Moderna da primeira geração e, assim, puderam gestar suas variantes regionais no período de entre guerras (CURTIS, 1983, p. 331). Referente ao Brasil, Curtis certifica que, após ensejar uma “arquitetura regionalista tropical” no projeto do Ministério da Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1936-45), Oscar Niemeyer novamente reinterpreto o ideário corbusiano na obra do Cassino da Pampulha, em Belo Horizonte no início dos anos 1940 (CURTIS, 1983, p. 333).

Da mesma forma, em 1954, Giedion publica o artigo *The State of Contemporary Architecture: The Regional Approach* (1954), no qual sustenta a inadequação da noção de Estilo Internacional, conceito que suscitaria o formalismo na arquitetura em detrimento às necessidades climáticas e culturais dos seus locais de origem. Avalizou, ainda, as arquiteturas de Richard Neutra, Oscar Niemeyer e Frank Lloyd Wright – os dois últimos pela exploração de formas curvilíneas – como

⁷⁸ Tradução nossa de: [...] *belief that popular customs and regional traditions could be reconciled with modern technology [...]*.

exemplares de uma “Nova Abordagem Regional”⁷⁹ na Arquitetura Moderna (GIEDION, 1954, p. 137).

Ainda, em *Regionalismo e Arquitetura Moderna*, publicado em 1957 (2010), James Stirling apontava ser “inaceitável”, do ponto de vista estético e econômico, a adoção da “fabricação em massa” pugnada pelo racionalismo moderno como resolução das demandas de reconstrução da Europa no segundo pós-guerra. Em contraponto, assinalou a alternativa do crescente regionalismo no continente, que se viabilizava pelo caminho do vernáculo mediante o recurso à mão de obra e materiais disponíveis nos locais (STIRLING, 2010, p. 390).

Uma década antes, Lewis Mumford – após a defesa da arquitetura de Richardson em *The South In Architecture* (1941) como a autêntica expressão regional norte-americana em alternativa à “tirania” da arquitetura *Beaux-Arts* –, em *Sky Line: Status Quo* (1947), pugnou a arquitetura californiana denominada *Bay Region* como contraponto regional ao desgastado Modernismo do segundo pós-guerra (TZONIS; LEFAIVRE, 2008, p. 524).

Canizaro (2007, p. 22) sintetiza que, a partir dos escritos de Mumford, dos anos 1940 até a crítica pós-moderna, sobretudo, o Regionalismo arquitetônico ostentou teorias e programas que predicaram posturas de “resistência” em face dos modelos culturais hegemônicos universalistas ou estruturas de padronização que enfraquecem as identidades locais. Esse acervo teórico-crítico foi capturado por Lefavre e Tzonis em *The Grid and the Pathway* (1981) para um modelo teórico por eles denominado Regionalismo Crítico, que se apresentou como uma revitalização do termo e o seu reposicionamento ao campo “progressista” na arquitetura. O conceito de Regionalismo de Lefavre e Tzonis foi adotado e desenvolvido por Kenneth Frampton em seus escritos, que tiveram ampla difusão a partir de *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance* (1983).

Por outro lado, Agarez e Mota (2012) ponderam que a polarização maniqueísta entre os regionalismos “democráticos” e os “totalitários” – tomada pelo Regionalismo Crítico como forma de redenção de sua carga negativa – obstaculiza ou menospreza a apreciação das expressões regionalistas fora de tal crivo moral.

⁷⁹ Tradução nossa de: *New Regional Approach*.

As teses do Regionalismo Crítico, segundo seus postulantes, convergem para a resistência aos efeitos da massificação na arquitetura advindos do universalismo burocrático da Arquitetura Moderna do segundo pós-guerra e do fenômeno da globalização no capitalismo tardio – fatores identificados como corrosivos das culturas autóctones. Em tal combate – que também é reativo às correntes historicistas da Arquitetura Pós-Moderna e receptivo às essências do Movimento Moderno, bem como às tecnologias contemporâneas –, preconiza-se o recurso às especificidades naturais (clima, topografia, materiais) e técnicas construtivas locais como substrato para “[...] identificação, decomposição, recomposição de elementos regionais [...]” (TZONIS; LEFAIVRE, 2008, p. 528) no processo de projeto e, portanto, condição necessária ao vínculo da arquitetura com o lugar e sua comunidade.

Em síntese, Frampton pontua: “Se algum princípio central do regionalismo crítico puder ser isolado, ele certamente será o compromisso com o *lugar* e não com o espaço, ou, na terminologia de Heidegger, com a proximidade do *Raum* em vez da distância do *Spatium*.” (FRAMPTON, 2008, p. 518).

Cumprir registrar que, no vigoroso debate teórico acerca do regionalismo verificado a partir dos anos 1980, foram produzidos expressivos contrapontos ao Regionalismo Crítico com encaminhamento de conceitos alternativos. Dentre esses, podemos elencar: a “Modernidade Apropriada” encetada pelo chileno Cristián Fenando Cox em *Hacia una Modernidad Apropriada: Factores y Desafíos Internos* (1984) e *¿Regionalismo Crítico o Modernidad Apropriada?* (1988); o “Regionalismo Autêntico” apresentado pelo britânico William Curtis em *Towards an Authentic Regionalism* (1986); e o “Internacionalismo Crítico”, proposto pelo francês Jean-Louis Cohen em *Learning from Barcelona; Twenty Years of Urban Projects and their Reception* (1998). De um modo geral, além da deferência às culturas locais, tais concepções são permeáveis aos fluxos globais; aquilatam o método da Arquitetura Moderna; refutam a tática reativa e o teor programático do Regionalismo Crítico; e exortam a diversidade dos resultados consoantes às idiosincrasias das realidades que as produzem.

Relativamente ao estudo de Frampton dedicado à arquitetura da América Latina – referenciado na obra do chileno Enrique Browne (1988) e apresentado no livro *Latin American Architecture: Six Voices* (2000) –, Bastos e Zein acrescem que tal empreitada é tributária do pensamento regionalista que se desenvolveu paralelamente ao seu:

Foi o interesse dos arquitetos latino-americanos pelo assunto que motivou Frampton, já dos anos de 1990 em diante, a propor um estudo de caso sobre alguns arquitetos latino-americanos, que basicamente coleta as informações e debates já em curso, havia uma década, entre críticos e arquitetos locais. (BASTOS; ZEIN, 2010, p. 280).

A teorização de Fernando Cox está inserida nesse amplo debate latino-americano dos anos 1980, desencadeado pela crise da modernidade, onde o tema do regionalismo ganhou relevância, porém em termos singulares em suas proposições e pelo agenciamento coletivo. Conforme Bastos e Zein (2010, p. 242), o conjunto das inquietações – afetas a temas como identidade cultural, modernização, colonização – aglutinou arquitetos sul-americanos em torno de dois importantes fóruns de debate: o *Taller América* constituído no Chile em 1982; e os Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL)⁸⁰, principiados na Argentina em 1985, nos quais, além dos conteúdos de Fernando Cox, tiveram relevância os escritos de Enrique Browne, formulados desde 1982 e condensados no livro *Otra Arquitectura em América Latina* (1988).

Browne conduziu uma revisão historiográfica, não eurocêntrica, da arquitetura latino-americana e destacou expressões distintas daquelas inventariadas nas correntes consagradas e, assim, abriu espaço aos estudos regionais (BASTOS; ZEIN, 2010, p. 243). O autor afiança que desde sempre a miscigenação e a permeabilidade às influências externas são transversais às culturas latino-americanas. Todavia, não configuram expressões marginais, já que ensejam elementos inovadores em recomposições originais dos dados preexistentes, verificáveis também nos processos de modernização pela articulação entre o “espírito do lugar” e o “espírito de época” (BROWNE, 1986).

A seu turno, Fernando Cox argumenta que existem diferentes “modernidades” em função das historicidades locais e que a aplicabilidade mimética do modelo hegemônico da modernidade “Ilustrada” dos países centrais na América Latina tende a sobrepujar suas identidades culturais (COX, 1989). Em contraponto, o autor sustenta a ideia de uma “modernidade apropriada”, que representa a tomada criteriosa da experiência moderna na arquitetura pelo ajuste dessa experiência aos

⁸⁰ Os seminários continuam ativos e já foram realizados em: Argentina, 1985-86; Colômbia, 1987; México, 1989; Chile, 1991; Venezuela, 1993; Brasil, 1995; Peru, 1999; Porto Rico, 2001; Uruguai, 2003; México, 2005; Chile, 2007; Panamá, 2009; Brasil, 2011; Colômbia, 2013; República Dominicana, 2015; e Equador, 2018.

lugares e momentos históricos específicos latino-americanos (COX, 1988). O conceito da “modernidade apropriada” foi empregado para identificação e reconhecimento da produção arquitetônica latino-americana no âmbito dos SAL, sendo que a obra amazônica do arquiteto brasileiro Severiano Porto foi distinguida como um dos paradigmas (BASTOS; ZEIN, 2010, p. 245).

Atualmente, na África, o reconhecido trabalho do arquiteto Diébédo Francis Kéré apresenta forte conotação regionalista pela manipulação da tecnologia das estruturas metálicas, clima, trabalho artesanal e materiais locais, numa sintaxe formal que mescla a informações vernáculas da sua aldeia natal Gando, Burkina Faso, com a cultura europeia advinda da sua formação profissional na Alemanha.

3.3.5. Paisagem como lugar

A ideia de lugar se estrutura, além do mais, num de seus mais notáveis atributos, a paisagem – tema de longínquo interesse da pintura, filosofia, literatura, geografia, mas que é atávico ao fenômeno da arquitetura. Desde a conotação de lugar ameaçador e caótico, passando pela duradoura inspiração na razão compositiva, e pela apreciação como recurso de deleite e usufruto, até a elevação de patrimônio a preservar, a paisagem constitui dado imanente à construção do *habitat* humano.

Segundo o geógrafo Milton Santos, para além da sensibilidade auditiva e olfativa, “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca.” (SANTOS, 1988, p. 61). Destarte, o horizonte que se apresenta à nossa percepção, em escalas variáveis, abrange os domínios naturais e/ou antrópicos e, além disso, conforme Garcia Lamas, a partir do século XVIII tais domínios alcançaram o status de objeto estético “[...] pelo valor simbólico ou mágico de certos sítios [...]” e “[...] pela exaltação iconográfica feita pelas artes [...]” (LAMAS, 1993, p. 66).

A arquitetura assenta-se em relação dialética com a paisagem, ora pela condição de estar nela inserida e constituir artefato de sua totalidade, ora pela necessária condição de apresentar respostas formais a tal totalidade em termos sintáticos como integração, contraste, negação ou neutralidade. Em todo caso, o que permeia as relações entre o edifício e a paisagem é o aparato perceptivo humano, onde o domínio visual, associado ao sistema motor, tem grande peso no processo de

fruição e também nas narrativas arquitetônicas sobre esse tema (LAMAS, 1993, p. 59).

Para Norberg-Schulz, a paisagem, “[...] principal designação dos lugares naturais [...]”, possui extensões variáveis e os assentamentos (construções humanas) são encerrados por fronteiras, onde aquela se comporta como fundo e as construções como figuras (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 450). A noção de fronteira se aplica tanto aos artefatos construídos quanto à paisagem. O autor pondera que: “As fronteiras de um espaço construído são o *chão*, a *parede* e o *teto*. As fronteiras de uma paisagem [...] consistem no solo, no horizonte e no céu.” (2008, p. 450). A intermediação entre a construção humana e a paisagem, portanto, é definida, sobretudo, por muralhas/paredes, onde os vãos tipificam a interface entre esses dois domínios. Assim, na leitura da conformação das fronteiras, Norberg-Schulz confere grande valor às fachadas e, quanto a isso, diz ser tributário ao pensamento de Venturi:

Uma atenção especial deve ser dedicada às fronteiras laterais, ou paredes, que contribuem decisivamente para determinar o caráter do ambiente *urbano*. Devemos a Robert Venturi o reconhecimento desse fato, depois de tantos anos em que se considerou “imoral” falar sobre “fachadas”. (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 451)

A esse raciocínio, podemos acrescentar que as fachadas e seus vãos também se apresentam como importantes elementos de intermédio do edifício com as paisagens suburbanas e campestres. Nota-se, conforme Montaner (2000, p. 59), que uma inflexão histórica na relação edifício-paisagem foi determinada pela disseminação do uso dos vidros nas janelas das fachadas a partir do Renascimento, o qual além de proporcionar controle de luz e temperatura, revolucionou a dinâmica visual entre interior-exterior.

O domínio sobre a natureza envolvente do artefato arquitetônico/urbano, onde “[...] a construção da paisagem processou-se como extensão do meio edificado [...]” (LAMAS, 1993, p. 68), tem no jardim italiano do Renascimento – geometria e racionalidade de influência Clássica – uma condensação significativa do ideário adotado pela “arquitetura paisagística” até o século XVIII, quando se elaborou o jardim pitoresco inglês (jardim paisagem), cujo desenho articula o edifício e simula as formas irregulares do lugar como modo de “[...] imitar uma natureza virgem que começava a ser uma mercadoria escassa [...]” (MONTANER, 2000, p. 62). Nota-se que a postura britânica, portanto, denota uma resposta à percepção de desequilíbrio entre o *habitat* humano e a natureza, desencadeado pela industrialização: “O paisagismo e

os parques surgiram, portanto, da revolução industrial e da conscientização da perda dos valores sagrados da natureza.” (MONTANER, 2000, p. 62).

É neste contexto, portanto, que se verifica o agravamento dos impactos demográficos, sanitários e ambientais da revolução industrial nos grandes centros urbanos, onde o capitalismo industrial transforma o meio ambiente na busca de “[...] vantagem rápida e altamente produtiva [...]” ocasionando o desequilíbrio entre arquitetura/cidade e a paisagem (MONTANER, 2000, p. 62).

No debate sobre esses impactos nas cidades, Françoise Choay, 1965 (1992), identificou no pensamento pré-urbanista do século XIX o confronto entre dois modelos teóricos por ela classificados como “culturalista” e “progressista”, aos quais podemos extrapolar para posteriores formulações na arquitetura. Os pensadores progressistas⁸¹, tributários do Iluminismo, recusam a noção tradicional de cidade e sustentam a universalização da racionalidade e impessoalidade científica, bem como o aparato da máquina como instâncias de resolução dos conflitos entre o homem e o meio. Para eles, o espaço da cidade é setorizado por funções distintas, aberto, ocupado por edifícios tipo (funcionais) entremeados por vazios e verdes, garantidores da higiene (CHOAY, 1992, p. 8).

Em contraposição, os culturalistas, tributários do Romantismo, enxergam na nova ordem produtiva a desintegração da “unidade orgânica” das cidades tradicionais pré-industriais. A cidade, “Enquanto fenômeno cultural, ela deve formar um contraste sem ambiguidade com a natureza, cujo estado mais selvagem tenta-se conservar [...]” (CHOAY, 1992, p. 13) e, ao contrário do modelo progressista, ela é bem delimitada, seu traçado deve ser orgânico e os seus edifícios não estandardizados. Consoante a Choay, os mentores do culturalismo, William Morris e John Ruskin, advogam para seu modelo de cidade, “[...] a irregularidade e a assimetria, que são a marca de uma ordem orgânica [...]. Só uma ordem orgânica é suscetível de integrar as heranças sucessivas da história e de levar em consideração as particularidades da paisagem.” (CHOAY, 1992, p. 13).

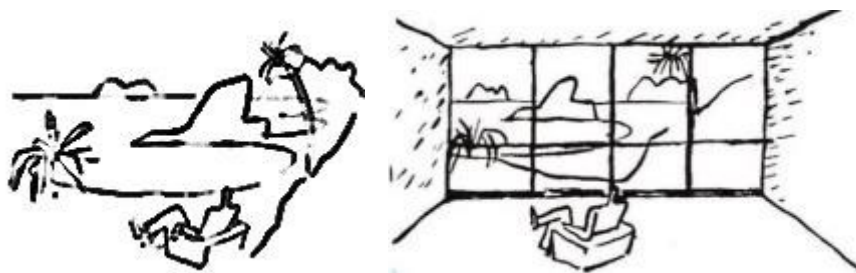
Le Corbusier, na alvorada do século XX, dará continuidade ao legado progressista tanto em proposições urbanísticas quanto arquitetônicas, articuladas entre si, nas quais o nexos com a paisagem passará por significativas inflexões. Na

⁸¹ Entre outros: Robert Owen (fabricante têxtil), Charles Fourier (filósofo, economista e político), Pierre-Joseph Proudhon (filósofo), Benjamin Richardson (médico e escritor) e Jean-Baptiste Godin (industrial e escritor).

escala urbana, aos moldes da *Ville Contemporaine* de 1922 (LE CORBUSIER; JEANNERET, 1935b, p. 34), os edifícios verticalizados, distanciados entre si e dos arruamentos, multiplicam as fachadas de contato com a envolvente e promovem amplas perspectivas visuais entre os espaços livres circundantes. Por outro lado, nas proposições encetadas em *Les 5 Points d'une Architecture Nouvelle*, 1927 (LE CORBUSIER; JEANNERET, 1935b, p. 128), a elevação do edifício sobre *pilotis* proporciona o seu domínio sobre a envoltória, e a janela em comprimento com grandes painéis de vidro cria um dos marcos na arquitetura em termos de conexão visual entre a paisagem e espaço interno do edifício.

A passagem de Corbusier pela cidade do Rio de Janeiro, em 1929, cuja natureza suntuosa domina o cenário urbano, o inspira a moldar sua doutrina generalista àquela vivência concreta através da adoção de elementos da paisagem como tema central e não como coadjuvante projetual, os desenhos conceituais elaborados na cidade e escritos posteriores indicam tal inflexão (MARTINS, 1998).

Figura 19 - Croquis de Le Corbusier. Rio de Janeiro, 1929.



O usufruto da paisagem do Rio de Janeiro a partir da arquitetura.
Croquis de Corbusier, 1929, publicados em *La Maison des Hommes*, 1942.
Fonte: Vitruvius.⁸² (Adaptada pelo autor, 2020).

Para além do caminho majoritário racionalista/funcionalista do Movimento Moderno, tributário ao ideário progressista, serão observadas no seu cerne correntes com traços das teorizações culturalistas e cujas formulações estão bem ancoradas na paisagem, tais como o Organicismo norte-americano e o *New Empirism* nórdico. A essa linha, no panorama luso-brasileiro, juntam-se a Escola Carioca na arquitetura brasileira, engajada em adaptar a plataforma corbusiana aos trópicos, e o Movimento da Casa Portuguesa, também culturalista, e esse, sim, avesso ao Movimento Moderno, mas que inspirou gerações futuras pelo modo de abordar a paisagem.

⁸² Disponível em: <https://bit.ly/3beLayo>. Acesso em: 04 mar. 2020.

Adolf Loos foi um dos pioneiros na Arquitetura Moderna a dar especial trato à paisagem em seus escritos. Em *Arquitectura*, de 1910 (2010), Loos exalta o modo harmonioso com que o camponês integra suas casas à paisagem: “[...] que não parecem obra do homem, mas saídas da mesma oficina divina que criou as montanhas e as árvores, as nuvens e o céu azul.” (LOOS, 2010, p. 86). O autor contrapõe as obras vernaculares do campo, guiadas pela sensibilidade local, a projetos de seus contemporâneos arquitetos que, como homens urbanos “desenraizados”, perturbam a harmonia da paisagem com suas “*villas*” (LOOS, 2010, p. 86).

Frank Lloyd Wright teorizou e produziu obras assentes no seu conceito de “arquitetura orgânica”⁸³ onde, nas palavras do próprio arquiteto, “[...] é completamente impossível abordar separadamente o edifício, sua organização, o terreno e a paisagem.” (WRIGHT, 2010, p. 91). Como amante da natureza, o arquiteto evidencia em suas obras a integração à paisagem tanto ao solo quanto ao horizonte que as definem. Em suas paradigmáticas “casas de pradaria” (1900-11) – a horizontalidade estendida do edifício; a conexão espacial entre os ambientes internos (explosão da caixa arquitetural) e desses com o exterior; os telhados de inclinação suave com amplos beirais que se lançam para fora; e o emprego de materiais naturais brutos – Wright agencia o edifício ao cenário envolvente.

Para o urbanismo, Wright tentou em *The Disappearing City* (1932) a utópica *Broadacre City*, cujo modelo “[...] buscaria a beleza nas características da paisagem [...]”⁸⁴ e “Uma grande variedade de arquitetura seria o resultado natural da variedade topográfica [...]”⁸⁵ que “[...] determinará a forma e até o estilo dos edifícios [...]”⁸⁶ (WRIGHT, 1932, p. 48).

O *New Empirism*⁸⁷ remete à corrente interpretativa da Arquitetura Moderna nos países nórdicos desenvolvida entre as décadas 1930-50, que se notabilizou pelo conhecimento concreto do mundo real como solução das suas demandas construtivas (MONTANER, 2001, p. 83). Nela, a sensibilidade aos elementos do lugar, sobretudo a

⁸³ Termo retirado do léxico do seu mestre Louis Sullivan, arquiteto com quem trabalhou em Chicago.

⁸⁴ Tradução nossa de: [...] *would be seeking for beauty of feature in the landscape.*

⁸⁵ Tradução nossa de: *A great variety of architecture would be the natural result of a varied topography [...].*

⁸⁶ Tradução nossa de: [...] *will determine the shape and even the style of the buildings [...].*

⁸⁷ Termo cunhado no artigo *The New Empirism* publicado em junho de 1947 na revista *The Architectural Review*.

paisagem, aflorou na composição das obras de arquitetos como o finlandês Alvar Aalto, o dinamarquês Jörn Utzon, e mais tarde o norueguês Sverre Fehn. Aalto é o mais proeminente deste grupo nos âmbitos regional e internacional e sua arquitetura procura dialogar com a paisagem por meio de texturas, materiais e formas afeiçoadas ao universo natural finlandês, e pela inspiração nos padrões orgânicos para a composição do edificado:

O melhor comitê de padronização do mundo é a própria natureza, mas na natureza a padronização ocorre principalmente em conexão com as menores unidades possíveis: nas células. O resultado são milhões de combinações flexíveis nas quais nunca se encontra o estereótipo.⁸⁸ (AALTO *apud* JOHNSON, 1984, p. 21).

Nessa lógica, a sinuosidade nas formas, o recurso às madeiras e tijolos, a articulação dos volumes ao entorno e ao solo, e a fenestração, que integra a paisagem ao edifício, compõem o mosaico de soluções que perpassam as obras do arquiteto, firmando-as como “[...] intermediárias entre a vida humana e a paisagem natural [...]”⁸⁹ (CURTIS, 1983, p. 298).

Nos panoramas teóricos pós-moderno e contemporâneo, o tema da paisagem segue com novas disposições, nas quais a atenção se volta para peculiares interesses pelos arrabaldes. Venturi, Brown e Izenour, em *Aprendendo com Las Vegas*, 1972 (2003), num esforço de valorização da comunicação ensejada pelas fachadas banais ao longo das rodovias americanas, afirmariam que “Aprender com a paisagem existente é, para o arquiteto, uma maneira de ser revolucionário.” (VENTURI; IZENOUR; BROWN, 2003, p. 25). Recentemente, Rem Koolhaas, atento às céleres transformações nas áreas rurais, onde as paisagens são profundamente impactadas pelos sistemas industriais e digitais de produção, portanto, longe da imagem romântica de outrora, afirmou que o desafio da arquitetura é compreender o “mundo rural”, para assumir a atuação fora do espaço urbano (WALSH, 2019).

Por outro lado, as próprias paisagens rurais e industriais ganharam novas significações com o assentamento da noção de “paisagem cultural” – conceito holístico construído em fóruns internacionais e apresentado pela UNESCO, *United*

⁸⁸ Tradução nossa de: *The best standardisation committee in the world is nature herself, but in nature standardisation occurs mainly in connection with the smallest possible units: cells. The result is millions of flexible combinations in which one never encounters the stereotyped.*

⁸⁹ Tradução nossa de: *[...] intermediaries between human life and the natural landscape [...].*

Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, em 1992.⁹⁰ Esta nova acepção de paisagem, leva em consideração os fatores da ação humana – sociais, econômicos e culturais – que incidem sobre os domínios naturais. Conforme Leonardo Castriota (2009, p. 259), a noção de paisagem cultural aplicada aos centros históricos possibilita aglutinar questões comumente tratadas em separado no campo da preservação, ou seja, as instâncias “natural e cultural, material e imaterial” intrínsecas ao contato do homem com o meio. Assim, uma paisagem cultural, por essa ótica, para além dos traçados urbanos, acervo arquitetônico, sítios naturais e/ou arqueológicos, integra também os bens culturais imateriais de incidência no território, tais como religiosidade, tradições agrícolas, saberes culinários, entre outros (CASTRIOTA, 2009, p. 259). Nesse sentido, a noção de paisagem cultural – assim como no conceito de espaço existencial de Norberg-Schulz – inclui as dinâmicas humanas na sua compleição, oferecendo novas chaves para os interesses de análise, fruição, e valorização do território.

3.4. Arquiteturas do lugar no Brasil e em Portugal⁹¹

Ao longo dos tempos, nos discursos teórico-críticos e historiográficos da arquitetura mundial, nota-se a prevalência de conteúdos relativos aos países detentores de poder simbólico. No entanto, nos processos de implantação da Arquitetura Moderna no Brasil dos anos 1930-40 e nas revisões críticas ao Movimento Moderno em Portugal dos anos 1950-60 – constata-se que essas operações arquitetônicas se distinguiram no panorama internacional. Desempenharam papel crucial para suas nações tanto no plano interno, na construção das identidades culturais; quanto no externo, na globalização de suas expressões.

Segundo o arquiteto Guilherme Wisnik, crítico e professor da Universidade de São Paulo: “A arquitectura foi a grande arte brasileira, desde que o Brasil se tornou moderno nos anos 1920. Foi quem mais rápido atingiu uma forma moderna internacional.” (WISNIK, 2014).

⁹⁰ 16ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial realizada na Cidade de Santa Fé, Novo México, E.U.A.

⁹¹ Esta subseção constitui a versão em português, revisada, do artigo escrito por nós e originalmente publicado em inglês com o título *Cultural Anthropophagy and Regionalism in the Architectures of Brazil and Portugal in the 20th Century* (ANDRADE, 2019).

A exposição *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*, realizada no *Museum of Modern Art* (MoMA) de Nova Iorque, em 1943, despertou o mundo para a singular Arquitetura Moderna produzida no Brasil e também para o patrimônio histórico nacional. A internacionalização da arquitetura brasileira irá resvalar, inclusive, em Portugal. O livro/catálogo da exposição com título homônimo, editado em inglês e português, de Philip Goodwin (1943), circulou em Portugal e foi uma referência para os jovens arquitetos portugueses, que buscavam a renovação da arquitetura, então marcada pelo regionalismo decorativo estimulado pela ditadura salazarista.

No artigo intitulado *A influência em Portugal da Arquitectura Moderna no Brasil*, o arquiteto lisboeta Nuno Teotónio Pereira afirma que a publicação foi prestigiada pelos profissionais portugueses “[...] e era considerada um tesouro por aqueles que a possuíam.” (PEREIRA, 1996, p. 303).

Decorrente do processo de revisão à adesão incondicional ao Movimento Moderno, por volta dos anos 1970, a arquitetura portuguesa já tem consolidada uma expressão própria, mais contextualista, face à modernidade exógena e, assim como o Brasil, conquista a aclamação internacional. Segundo a crítica e professora da Universidade de Lisboa Ana Vaz Milheiro, Portugal projetou ao mundo “[...] uma posição de resistência [...] filiada numa localidade [...]”, que foi percebida e divulgada pela crítica internacional como expressão centrada na Escola do Porto (MILHEIRO, 2005, p. 418).

Figura 20 - Publicações internacionais das arquiteturas de Portugal e Brasil.

Esq.: Capa da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui* n. 85, 1976. Dir.: Capa do livro/catálogo *Brazil Builds*, 1943.

Fontes: Ordem dos Arquitectos⁹² e MoMA, Nova Iorque.⁹³



⁹² Disponível em: <https://bit.ly/2TM05uh>. Acesso em: 25 jun. 2018.

⁹³ Disponível em: <https://mo.ma/2IH6PTU>. Acesso em 21 fev. 2018.

Nesse seguimento, um marco de grande repercussão internacional foi definido pela publicação, em 1976, do número 85 da tradicional revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, inteiramente dedicado à arquitetura portuguesa do século XX. A relevância dessa publicação para o campo disciplinar nacional é de tal ordem, que a revista foi reeditada em Portugal em 2006 para comemorar os seus 30 anos de lançamento.

A expressão e o reconhecimento da produção luso-brasileira no campo da arquitetura se devem a uma *modus operandi* específico, estruturado na crítica aos modelos culturais oriundos dos países difusores como mote de criação de novos paradigmas culturais. A esse respeito, José Manuel Fernandes assevera que uma “constante” na história da arquitetura portuguesa foi exatamente a não aplicação direta dos modelos oriundos dos centros de irradiação cultural. Conforme o autor, tais modelos passam por uma nacionalização, ou seja: “[...] transformados de algum modo (repensados, adaptados) e finalmente integrados – diríamos ‘tradicionalizados’ – recebendo um sentido novo, em que o ‘já conhecido’ tem grande importância.” (FERNANDES, 2006, p. 24).

Na mesma linha de pensamento, Alexandre Alves Costa sustenta que, na sua manifestação no tempo e no espaço, a identidade da arquitetura portuguesa pode ser definida por seus “valores permanentes” (ALVES COSTA, 1995, p. 25), que ainda seriam efetivos para leitura das expressões correntes. Para Alves Costa, “A arquitetura portuguesa é terreno de cruzamento de culturas. É na forma como interpreta os modelos exteriores e os adapta à sua realidade que encontraremos a sua especificidade.” (1995, p. 27).

Por essa perspectiva, a transposição dessa “constante” ou dos “valores permanentes” da arquitetura portuguesa aos seus territórios ultramarinos é algo que, para além das influências mesológicas locais, nos parece fato incontornável. Ao corroborar essa ideia, Alves Costa sustenta que a arquitetura portuguesa “[...] encontrou nos territórios coloniais uma imagem clara que não só sintetiza, como aprofunda, as suas tendências estruturais [...]” (ALVES COSTA, 2007, p. 12).

Verifica-se, portanto, que esse *modus operandi* se estende até o século XX e pode ser notado nos dois lados do Atlântico, isto é, tanto na Escola Carioca, no Brasil, quanto na Escola do Porto, em Portugal – proeminentes centros aglutinadores de releituras do Movimento Moderno, que obtiveram amplo reconhecimento

internacional. Além das exposições de arquitetura, publicações de livros, mostras internacionais, entre outras, fato emblemático foi a conquista de três prêmios Pritzker⁹⁴ por parte de arquitetos oriundos desses ambientes de criação.

Posto isso, há que se levantar uma questão crucial: o que essencialmente fez com que as expressões arquitetônicas brasileira e portuguesa se destacassem da ortodoxia do Movimento Moderno internacional? A resposta, necessariamente, passa pela proeminente influência de atributos do lugar na configuração dessas arquiteturas, sobretudo, a partir do Novecentos.

Precedentes imediatos. Nas duas primeiras décadas do século XX, sucedem em paralelo os movimentos nacionalistas em reação a modelos importados na arquitetura: o “Neocolonial”, no Brasil, encabeçado por José Mariano Filho e da “Casa Portuguesa”, em Portugal, cujo maior articulador foi o arquiteto Raul Lino. Em ambos os movimentos, em comum há a fixação de modelos decorativos inspirados no passado e a figura do lisboeta Ricardo Severo que, atuando em Portugal e no Brasil, desempenhou importante papel na disseminação dos valores tradicionais das respectivas artes nacionais (MELLO, 2012).

Posteriormente, nas décadas de 1930 e 1940, a deferência ao lugar volta à tona no bojo dos processos intelectuais que envolveram a introdução e o desenvolvimento do Movimento Moderno em cada país. A partir dos anos 1930, no Brasil, o pensamento de Lucio Costa, inicialmente adepto do movimento Neocolonial, foi o catalizador da incorporação dos aspectos locais aos preceitos do chamado *International Style*. Os escritos de Costa, compilados no livro *Lucio Costa: Registro de uma Vivência*, 1995 (2018b), bem como suas parcerias com os principais arquitetos da nascente modernidade brasileira, dentre eles Oscar Niemeyer, engendraram uma arquitetura que adquiriu singularidade no cenário internacional – onde a crítica e a historiografia classificaram-na como “*Brazilian School, Cariocan School, First National Style in Modern Architecture, Neobarroco*” (SEGAWA, 1999, p. 103).

A arquitetura da aclamada Escola Carioca se distinguiu por sua habilidade em estabelecer relações com o clima, com a essência das construções coloniais e com a “[...] exuberância plástica [...]” do Barroco brasileiro (FRAMPTON, 2015, p. 310).

⁹⁴ O arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (Rio de Janeiro) foi laureado com prêmio Pritzker em 1988. Os arquitetos portugueses Álvaro Siza (Matosinhos) e Eduardo Souto de Moura (Braga) conquistaram essa premiação respectivamente em 1992 e 2011. O brasileiro Paulo Mendes da Rocha (Vitória) foi laureado em 2006, no entanto, é filiado à chamada Escola Paulista.

Além disso, reintegrou as demais artes plásticas e os azulejos de inspiração colonial ao edifício moderno. Nessa lógica, incorporou o chamado “jardim tropical” desenvolvido pelo paisagista Roberto Burle Marx, que articulou modernos desenhos abstratos com a vibrante flora brasileira. Assim, naquele momento, o debate sobre a modernização da arquitetura brasileira – o seu engajamento ao espírito internacional da época –, para além das especificidades ambientais, incorporou códigos assentes no passado edilício local, estratégia que levou Abilio Guerra a sustentar que a Arquitetura Moderna brasileira guarda dupla afiliação: “[...] Le Corbusier e a tradição.” (GUERRA, 2002, p. 24).

Victor Palla – um dos arquitetos responsáveis pela introdução do Modernismo em Lisboa –, atento ao diálogo da Arquitetura Moderna brasileira com suas tradições, afirmou: “[...] nossos filhos brasileiros interpretam melhor a voz desse passado; e o mundo volta-se para eles, que erguem novos exemplos de força e agudeza jovens e irreprimíveis.” (PALLA, 1949 *apud* FERNANDEZ, 1988, p. 74).

Outro aspecto da aclimação da Arquitetura Moderna à realidade é a relevância da paisagem na instrumentalização projetual dos seus agentes produtores, traço que pode ser sintetizado pela narrativa do escritor José Lins do Rego, publicada em artigo de 1952 na edição 42/43 da revista *L'Architecture d' Aujourd' Hui* dedicada à Arquitetura Moderna brasileira:

[...] a força expressiva de um Lucio Costa e um Niemeyer foi uma criação intrinsecamente nossa [...]. O retorno à natureza e o valor que vai ser dado à paisagem como elemento substancial salvaram nossos arquitetos do que se poderia considerar formal em Le Corbusier. (REGO, 2003, p. 295).

No entanto, convém pontuar, foi a própria deferência e interpretação de Le Corbusier à exuberante paisagem tropical por ele encontrada no Brasil em 1929 que contribuiu para que os arquitetos modernos brasileiros operassem expressivas articulações entre o edifício e a natureza (MARTINS, 1998).

Já em Portugal, a partir de meados dos anos 1940, o tema do lugar retorna – com um encaminhamento mais estrutural do que estilístico – através do pensamento e obra dos arquitetos Fernando Távora e Francisco Keil do Amaral (MOTA, 2012), que consolidaram um ideário de modernidade vinculado ao vernáculo e às realidades locais. Tais preceitos formataram a produção de arquitetos como Álvaro Siza Vieira e

Eduardo Souto de Moura, ligados à Escola do Porto; assim como Nuno Portas e Nuno Teotônio Pereira, de Lisboa. Personagens cuja prática do projeto congrega o contexto físico e cultural preexistente ao lugar como método.

Nessa conjuntura, a diligência dos arquitetos portugueses com suas raízes construtivas se corporificou na publicação do livro *Arquitectura Popular em Portugal* (SNA *et al.*, 1961), fruto do amplo inventário da arquitetura regional levado a cabo pelo então Sindicato Nacional dos Arquitectos (SNA) entre os anos 1955 e 1960. No entendimento do arquiteto e professor português Carlos Ramos, o artigo *Documentação Necessária*, escrito por Lucio Costa em 1938, foi o motivador de tal empreitada em Portugal (RAMOS *apud* COSTA, 2018). Com efeito, Keil do Amaral publicou, na edição 14 da revista *Arquitectura*, o artigo *Uma Iniciativa Necessária*, 1947 (2013), no qual convocou estudantes e técnicos a realizar um inquérito nacional com o fito de “[...] encontrar as bases para o regionalismo honesto [...]” em oposição aos regionalistas “[...] de fachada [...]” (AMARAL, 2010, p. 329).

É perceptível, portanto, que nos processos de busca de identidade na expressão arquitetônica, para além das típicas interlocuções internacionais ocorreram claras interações entre Brasil e Portugal ao longo do Novecentos. Por um lado, na alquimia realizada para a formação de uma Arquitetura Moderna “abrasileirada”, notamos uma forte componente do legado colonial português; por outro, na adesão ao Movimento Moderno em Portugal, assim como em sua revisão crítica, sucede incontestemente influência do ideário brasileiro de modernidade (MILHEIRO, 2005).

Além disso, nota-se que o reconhecimento internacional auferido pela arquitetura dessas nações, em grande parte, se deve à importância dada aos sítios e às tradições construtivas na configuração das suas obras. De acordo com Josep Maria Montaner (2017, p. 8), nesses contextos periféricos, criou-se uma modernidade aclimatada que se revitalizou “[...] ao abandonar seus dogmas e esquemas eurocêntricos, ao reconhecer a diversidade e a qualidade das experiências fragmentárias e locais.”

3.4.1. Portugal, regionalismos e paisagem

No texto de maior difusão internacional do Regionalismo Crítico, o capítulo denominado *Regionalismo Crítico: Arquitetura Moderna e Identidade Cultural*, inserido na 2ª edição do livro *História Crítica da Arquitetura Moderna*, em 1985

(2015), Kenneth Frampton fará breve menção às obras iniciais dos arquitetos brasileiros Affonso Reidy e Oscar Niemeyer, situadas nos anos 1940, como representativas, entre outras, do Regionalismo Crítico no continente americano.

Entretanto, nessa mesma publicação, as obras do arquiteto português Álvaro Siza, em análise mais pormenorizada, foram definidas pelo autor britânico como uma das genuínas expressões da sua tese de regionalismo, Frampton afirmou: “[...] ele fundamentou seus edifícios na configuração de uma topografia específica e na refinada textura da malha local. [...] respostas à paisagem urbana, campestre e marinha da região do Porto.” (FRAMPTON, 2015, p. 385). Vale recordar que a ampla difusão deste texto foi capital para o redimensionamento da arquitetura portuguesa e da Escola do Porto no panorama teórico-crítico mundial.

Contudo, o início desta trajetória da Escola do Porto, após a modernização do ensino feita por Carlos Ramos nos anos 1940-50, se processará pelo trabalho teórico-prático de Fernando Távora, uma figura de proa na revisão crítica do Movimento Moderno em Portugal. Ana Tostões (1997), no texto *Modernização e Regionalismo, 1948-1961* nos informa que Távora, em fins dos anos 1940⁹⁵, constituirá obra precursora e referencial em Portugal, ao desmistificar o regionalismo epidérmico da “Casa Portuguesa” e encaminhar um tratamento contemporâneo da tradição, sem abdicar dos valores da modernidade internacional. Assim, ao mesmo tempo em que investiga a arquitetura das tradicionais aldeias de Portugal, trava profícuo diálogo com o momento internacional de questionamento ao racionalismo. Não por acaso, Aldo Van Eyck, proeminente membro do *Team X*, convoca para o “CIAM” de Otterlo, 1959, a obra do mercado de Vila Feira de Távora para demonstrar que a abstração do conceito de espaço “[...] deveria ser substituída pelo conceito mais vital de lugar e ocasião.” (TOSTÕES, 1997, p. 50).

Fernando Távora enxergava nas novas gerações integrantes dos CIAM daqueles anos 1950 um ambiente de afirmação e renovação dos seus conceitos (COSTA, 2014, p. 39). Em outras palavras, o debate nos referidos congressos coadunava com a sua inequívoca filiação corbusiana e, ao mesmo tempo, com a

⁹⁵ Com apenas 24 anos de idade, Távora publicou o texto seminal *O Problema da Casa Portuguesa* (1947). Foi um dos protagonistas articuladores do “Inquérito”, no qual foi membro integrante da equipe executora a partir de 1955. Entre 1957 e 1993, foi professor na ESBAP e sua sucessora FAUP, sendo um dos responsáveis pela estruturação intelectual da chamada Escola do Porto.

denominada “terceira via”, teorização em que o arquiteto preconizava a síntese entre os códigos internacionais e a arquitetura vernácula portuguesa.

O projeto para o CODA⁹⁶ denominado Uma Casa Sobre o Mar (Porto, 1950) – que foi um contraponto conceitual à tradicionalista Casita à Beira Mar (Azenhas do Mar, 1920) de Raul Lino – e a Casa de Férias de Ofir (Ofir, 1957-58), representam as duas extremidades das formulações de Távora. A primeira casa compõe uma “pedagogia” sobre *Les 5 Points d'une Architecture Nouvelle* formulados por Le Corbusier em 1927 (1935b), e a segunda acomoda uma icónica expressão da revisão moderna em Portugal, cuja influência da arquitetura popular na composição é patente.

Figura 21 - Uma Casa Sobre o Mar e Casa de Férias de Ofir



Esq.: Uma Casa Sobre o Mar (Porto, 1950), Fernando Távora.
 Dir.: Casa de Férias de Ofir (Ofir, 1957-58), Fernando Távora.
 Fontes: Arménio Teixeira⁹⁷; *Fundación Arquia*.⁹⁸ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Portanto, é inconteste a contribuição de Távora e Siza em colocar a arquitetura portuguesa no circuito internacional, assim como o Regionalismo Crítico de Frampton. A isso, a partir da década de 1950, pode-se somar a diplomacia cultural feita por arquitetos portugueses como Eduardo Anahory e, sobretudo, por Nuno Portas (EMÍLIA; FURTADO, 2012). Não obstante, a tão propalada sensibilidade ao sítio nos fóruns internacionais é fruto de uma construção da arquitetura portuguesa mais alargada no tempo e no território (ANDRADE, 2017). Nesse sentido, para o catedrático José M. R. Garcia Lamas, não somente os arquitetos do norte de Portugal tiveram em conta a diretiva do lugar como premissa de projeto: “Recordo a obsessão das preexistências, evidente no discurso de alguns arquitectos do Porto e Lisboa.” (LAMAS, 1993, p. 64).

⁹⁶ Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto.

⁹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3b44ej9> (Uma Casa Sobre o Mar, maquete). Acesso em 18 mar. 2020.

⁹⁸ Disponível em <https://bit.ly/3iai5Yo> (Casa de Férias de Ofir). Acesso em 18 mar. 2020.

Francisco Keil do Amaral – arquiteto formado em 1936 na Escola de Belas Artes de Lisboa (EBAL) – foi um agitador cultural e um dos mentores teóricos da sua geração pela resistência à estética do Estado Novo, produção de textos, conferências, criação de edifícios e parques “[...] de sentido regionalista, sensivelmente integrada ao contexto [...]” (TOSTÕES, 1997, p. 45). Segundo a professora Ana Tostões, a obra de Keil é “[...] teoricamente racional e formalmente ligada às identidades locais” (TOSTÕES, 2013, p. 18). Em outras palavras, a racionalidade dos seus planos, conjugada à materialidade autóctone e o léxico tradicional, coloca suas obras no âmbito da modernidade “[...] sem que se proponham rupturas violentas [...]” (FERNANDEZ, 1988, p. 118).

Lisboa, além de contar com os caminhos abertos pela obra de Keil do Amaral, terá, nas décadas de 1950 e 1960, outros influentes arquitetos a trabalhar a fusão entre os códigos do funcionalismo internacional e a cultura regional, tais como: Manuel Tainha, Francisco Conceição e Silva, e Nuno Teotónio Pereira – este último tido como uma das principais referências na arquitetura portuguesa em termos de “[...] simbiose entre tradição e modernidade [...]” (TOSTÕES, 1997, p. 51).

Figura 22 - Obras de Manuel Tainha, Keil do Amaral e Teotónio Pereira.



Esquerda: Pousada de Santa Bárbara (Oliveira do Hospital, 1957-71), Manuel Tainha.
 Centro: Restaurante Miradouro Montes Claros (Lisboa, 1949), Keil do Amaral.
 Direita: Edifício Franjinhas (Lisboa, 1965-69), Teotónio Pereira, Nuno Portas e João Braula.
 Fontes: Bárbara Botelho⁹⁹; Montes Claros¹⁰⁰; Fernando Guerra.¹⁰¹
 (Adaptadas pelo autor, 2020).

Em fins dos anos 1950, o *atelier* de Teotónio Pereira, que contou com a participação de Nuno Portas e outros destacados nomes da arquitetura portuguesa, funcionou como um laboratório de contraponto ao academicismo vigente no ensino local e se firmou como o mais relevante espaço de investigação em Lisboa a pensar

⁹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3cMxvQG> (Pousada de Santa Bárbara). Acesso em: 19 mai. 20.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3cOokiz> (Rest. Miradouro Montes Claros). Acesso em: 19 mai. 20.

¹⁰¹ Disponível em: <https://bit.ly/2TBraqPB> (Edifício Franjinhas). Acesso em: 19 mai. 20.

os caminhos para humanização e valorização do contexto na arquitetura (TOSTÕES, 1997, p. 50).

Manuel Tainha, diplomado na ESBAL em 1950, foi um arquiteto de obras e escritos que, segundo Nuno Portas e Manuel Mendes, se equiparou a Távora e Teotónio Pereira, visto que, ele “[...] se envolve na crítica propositiva da experiência reducionista dos CIAM e, simultaneamente, na defesa dos valores locais e regionais como matriz cultural poderosa para superar a crise semântica do funcionalismo.” (PORTAS; MENDES *apud* TOUSSAINT, 2003, p. 10).

Como um dos projetos emblemáticos deste período, podemos evocar o Hotel do Mar (Sesimbra, 1956-66), assinado por Francisco Conceição e Silva e Maurício de Vasconcellos. Este projeto revela uma linha de pensamento que privilegia a estratégia de projetar com o sítio, em especial com a topografia e a paisagem, com assinatura desses arquitetos formados na ESBAL em 1949 e 1950, respectivamente.

Figura 23 - Hotel do Mar, Sesimbra.

Vista aérea do Hotel do Mar.
Fonte: Restos de Coleção.¹⁰²
(Adaptada pelo autor, 2017).



A arquitetura do Hotel do Mar evoca a tradição vernácula mediterrânea e toma a topografia preexistente do sítio para um assentamento escalonado e orgânico, mas com uma expressiva base racionalista geométrica. Segundo a arquiteta Inês Leite, esse hotel “[...] constitui-se como uma das mais qualificadas obras de revisão do movimento moderno em Portugal [...]” (LEITE, 2007, p. 27). A distribuição do programa do edifício no espaço segue a lógica de usufruto pleno da paisagem local, na medida em que explora ao limite as fenestranças para o mar.

Com efeito, a relação da arquitetura portuguesa com a paisagem é um fator a se destacar, e, para isso, podemos recorrer a um conceito costumeiro na definição de um dos seus proeminentes traços, a arquitetura como paisagem ou edifício paisagem, isto é, a diluição da construção no sítio. Estratégia que não representa o “mimetismo” do edifício com o terreno, posto que a tectônica, embora com presença sutil na

¹⁰² Disponível em: <http://goo.gl/ETf0T5>. Acesso em 17 jun. 2017.

paisagem, distingue-se do seu substrato. A esse respeito, Isabel Salema (2013) traz o depoimento de Frampton, no qual ajuíza que o fato distintivo da arquitetura contemporânea portuguesa no contexto europeu é produto de “[...] um forte sentimento pela paisagem. [...] a manipulação da superfície da terra e a integração do edifício no solo.”

O destacado arquiteto paisagista lisboeta, João Nunes – que também defende em seu trabalho a agregação entre sítio e obra –, corroborando a tese do pensador Eduardo Lourenço acerca da capacidade de fusão do português à paisagem, afirma: “Ao contrário de outras culturas colonizadoras, como a inglesa, na cultura portuguesa, muito mais do que impor um tipo, um padrão, um estereótipo, há sempre uma certa adaptação.” (NUNES, 2017).

Portanto, essa sensibilidade contemporânea à paisagem é resultado de um processo cumulativo na cultura arquitetônica portuguesa (ANDRADE, 2017). Remonta à solução dos edifícios e jardins das Quintas de Recreio do século XVI, modeladas pela influência do entorno natural (PIRES, 2013), e se encorpa no século XX a partir da obra escrita e construída de Raul Lino, que foi pioneiro em formatar suas emblemáticas habitações a partir de contundentes referências às paisagens da região de Lisboa (RAMOS, 2011). Raul Lino, em 1933, afiançou que o portentoso mote do nacionalista Movimento da Casa Portuguesa, ao qual deixara ampla contribuição, foi “[...] o anseio de recuperar a harmonia da paisagem, das cidades de Portugal.” (LINO, 1992, p. 113). E, como vimos, teve continuidade em meados do século nas formulações tanto de arquitetos de Lisboa quanto de outros tantos da Escola do Porto.

3.4.2. A “antropofagia cultural”, inflexão na cultura brasileira

No Brasil, para uma aproximação estruturada das operações de crítica aos modelos internacionais, notadamente conduzidas pela Escola Carioca, é imprescindível tomar a própria literatura nacional como referência. Nomeadamente, há que se levar em conta o grande impacto que a chamada “antropofagia cultural” provocou nos meios intelectuais e artísticos brasileiros a partir dos anos 1920.

Um dos textos fundamentais para a orientação das vanguardas Modernistas no Brasil, em posição crítica às culturas internacionais hegemônicas, foi o *Manifesto Antropófago* (1928) do escritor paulistano Oswald de Andrade. O texto poético,

publicado na *Revista de Antropofagia*, exalta de modo metafórico a busca pela identidade nacional no campo das artes e um antagonismo à importação cultural automática e à erudição de ostentação, muitas vezes presentes na produção artística brasileira.

Em seu manifesto, Oswald de Andrade afirma que “[...] só a antropofagia nos une [...]”, propondo “digerir” o influxo cultural europeu e convertê-lo numa expressão de arte genuinamente brasileira (ANDRADE, 1928). A chamada “antropofagia cultural” é uma metáfora à cerimônia guerreira dos índios tupis brasileiros que imolavam os inimigos mais valentes capturados em combate e praticavam o canibalismo como forma de absorver suas forças e habilidades. Nessa metáfora do Manifesto Antropófago, o índio tupi representa a base “primitiva” da cultura brasileira Pré-Cabralina e o inimigo a ser canibalizado remete ao colonizador europeu e sua cultura “civilizada”. Na realidade, o manifesto se inspira nas vanguardas Modernistas europeias do início do século XX. Portanto, tal operação estética se estabelece de modo dialético: partindo de uma referência cultural exógena, marcada por traços modernizantes e civilizatórios, o “antropófago cultural” realiza sua contraposição através dos elementos autóctones:

Tupi, or not tupi that is the question. [...] Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. [...] Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. [...] Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. [...] Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos. (ANDRADE, 1928).

Oswald de Andrade reivindica a reversão de um processo de dependência cultural do Brasil, ou seja, propõe “devorar” as ditas “culturas avançadas” e devolver ao mundo novos objetos culturais, miscigenados. Tal aspiração de Oswald já havia sido expressa no seu *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* de 1924:

Dividamos: poesia de importação. E poesia Pau-Brasil, de exportação. [...] Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo bem digerido. Sem *meeting* cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. (ANDRADE, 1978)

3.4.3. Antropofagia, motor de uma arquitetura nacional

É frequente entre os historiadores da arte a afirmação de que o *Manifesto Antropófago*, desdobramento natural da *Semana de Arte Moderna*, realizada no

Teatro Municipal de São Paulo em 1922, foi um marco na cultura brasileira. Nesse sentido, uma consequente absorção dos seus códigos estéticos pelos teóricos e práticos da arquitetura no Brasil é expectável.

Mediante as investigações recentes, é possível inferir que o ideário antropófago “contaminou” o *métier* arquitetônico, conforme indica o crítico e historiador de arquitetura Lauro Cavalcanti: “[...] a arquitetura brasileira realiza o sonho antropofágico do Oswald [de Andrade], porque ela deglute o modernismo internacional, retransforma-o em seu organismo e lança um novo estilo” (CAVALCANTI, 2006).

Efetivamente, um longo hiato ocorreu entre o manifesto de 1928 e o recente incremento de investigações em favor de uma “arquitetura antropofágica”. Os estudos dedicados a propor uma relação direta entre a “antropofagia cultural” e a Arquitetura Moderna brasileira ganharam corpo a partir dos anos 2000.

A tese doutoral de Abílio Guerra (2002); a dissertação da investigadora Carolina P. Rossetti (2007); os artigos, da arquiteta e historiadora grega Styliane Philippou (2004), da professora Sulamita Lino (2005), e do renomado arquiteto Marcelo Ferraz (2008); e o capítulo *Pós-Mineiridade Antropofágica e Experimental* de Bastos e Zein (2010, p. 221) são trabalhos que denotam a robustez teórica de aproximação entre a “antropofagia cultural” e importantes manifestações da arquitetura brasileira no século XX.

Assim, tomando a concepção de modernidade da Escola Carioca, nota-se uma estratégia conceitual assente na poética da “antropofagia cultural” (GUERRA, 2002). O mentor intelectual da corrente carioca, Lucio Costa, ao interpretar o passado colonial brasileiro, ressalta a incontornável moldagem da arquitetura portuguesa, trazida de além-mar, à severa natureza tropical das novas terras conquistadas. No artigo intitulado *Tradição Local*, Costa (2018a, p. 451) esclarece tal moldagem através da arquitetura tropicalizada do Rancho de Feitoria – categoria de construção erguida no Brasil para receber os colonos recém-chegados de Portugal –, que é resultante da mescla das soluções construtivas da oca indígena com o Monte Alentejano, construção típica do sul de Portugal. Por essa ótica, nota-se que o pensamento de Lucio Costa opera a correlação entre a gênese da arquitetura brasileira e os conceitos da “antropofagia cultural”.

Por outro lado, Telma de Barros Correia demonstra que a valorização dos processos de transposição da arquitetura de Portugal para o Brasil tem sua gênese no século XIX, onde:

A adaptação da arquitetura ao clima tropical era assinalada como qualidade de algumas construções coloniais por observadores, ao mesmo tempo em que homens envolvidos com o ensino e a construção enfatizavam a promoção dessa adaptação como um tema central de nossa arquitetura. (CORREIA, 2009, p. 137).

Para ilustrar o que denominamos “arquitetura antropofágica”¹⁰³, destacamos o paradigmático Grande Hotel de Ouro Preto (Ouro Preto, 1938-40), inserido na cidade fundada no século XVII, onde o então jovem arquiteto Oscar Niemeyer, com sugestões de Lucio Costa, irá aprofundar o que se ensaiou de nativismo na obra do Ministério da Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1936-45).

Figura 24 - Grande Hotel de Ouro Preto

Em segundo plano, o Grande Hotel de Ouro Preto.
Fonte: Paul Meurs.¹⁰⁴ (Adaptada pelo autor, 2017).



Na arquitetura do Grande Hotel de Ouro Preto, o hibridismo entre a tradição colonial e os códigos do Movimento Moderno é patente. Se, por um lado, a estrutura em concreto armado, o uso de *pilotis*, os volumes em balanço, e a edificação em bloco afastada do plano marginal remetem ao vocabulário moderno; por outro, a cobertura em telhado cerâmico, a caixilharia, o treliçado nas varandas, a reinterpretação da modinatura na fachada, e o uso de elementos em madeira e pedra estabelecem um estreito diálogo com a morfologia da arquitetura colonial envolvente.

Essa poética “antropofágica” na arquitetura transcendeu o ambiente de produção da Escola Carioca e, claramente, pôde ser identificada na produção de Lina

¹⁰³ Aqui, adotamos o termo “arquitetura antropofágica”, para representar as realizações que empregaram, nitidamente, os códigos estéticos depurados do *Manifesto Antropofágico* de Oswald, cujas obras paradigmáticas são: o Grande Hotel de Ouro Preto-MG, 1938; a residência do Barão de Saavedra, em Petrópolis-RJ, 1942; o Park Hotel, em Nova Friburgo-RJ, 1944. A primeira obra com autoria de Oscar Niemeyer e intervenções de Lucio Costa e as demais com autoria exclusiva de Costa.

¹⁰⁴ Disponível em: <http://goo.gl/QerNvS>. Acesso em: 18 jun. 2017.

Bo Bardi, radicada em São Paulo, bem como de Sylvio de Vasconcellos, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Na vasta obra teórica e construída do eminente arquiteto e professor catedrático de Belo Horizonte, Sylvio de Vasconcellos, verifica-se o desdobramento das concepções de Lucio Costa. Se por um lado Vasconcellos foi um arauto da Arquitetura Moderna em Minas Gerais; por outro, produziu copiosa bibliografia acerca da arquitetura colonial deste estado e, além disso, operou por sua preservação na direção do SPHAN regional durante 20 anos. Assim, é natural a esse autor o trânsito entre os códigos modernos e tradicionais na arquitetura. Em algumas de suas obras a poética antropofágica se manifesta pela infusão do léxico reinterpretado da arquitetura colonial mineira – muxarabi, fenestração, materiais, varandas – ao vocabulário da Escola Carioca.

Figura 25 - Casas de Sylvio de Vasconcellos e Lina Bo Bardi



Esq.: Residência da Rua Caldas (Belo Horizonte, anos 1940), Sylvio de Vasconcellos.

Dir.: Casa Valéria Cirell (São Paulo, 1958-64), Lina Bo Bardi.

Fontes: Centro de Documentação Sylvio de Vasconcellos; Pedro Vannucchi.¹⁰⁵

O arquiteto Marcelo Ferraz, em seu artigo *Lina Bardi e a Tropicália* (2008), associa as obras da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi ao Movimento Tropicalista, herdeiro da “antropofagia” de Oswald de Andrade. As obras de Lina, segundo Ferraz, expressam a comunhão da cultura popular brasileira com a formação europeia da arquiteta. Do mesmo modo, a doutora em história urbana Olívia de Oliveira infere: “[...] Lina vai identificar-se intelectualmente ao projeto formulado pelo movimento antropofágico [...]” (OLIVEIRA, 2014).

¹⁰⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2ZjzNTp> (Casa Valéria Cirell). Acesso em: 19 mai. 2020.



Imagem:
Casa da Montanha. RMBH.
Fonte: Jomar Bragança.
Adaptada pelo autor, 2020.

4. Habitar, uma questão de lugar

Esta seção dedica-se ao estudo das origens da casa – tipologia predominante no ambiente construído desde sempre – e sua evolução, com enfoque naquilo que denominamos sistema casa-lugar. Esse sistema implica as correlações entre o edifício de habitação e o substrato físico e cultural que lhes sustêm em suas distintas camadas: a terra, o lote e sua envolvente natural e/ou construída, que inclui a memória formal e tectônica. Substrato que, numa escala mais ampla, remete ao domínio do território, termo aqui empregado em conformidade com Garcia Lamas, que o define como o “suporte da arquitectura”, isto é, “[...] ‘a extensão da superfície terrestre na qual vive um grupo humano’ [...] o espaço onde o homem exerce a sua ação, transformando-lhes as condições físicas, impondo-lhe a ‘sua ordem’.” (LAMAS, 1993, p. 63).

Pelo menos até a Revolução Industrial, a habitação comum foi uma das tipologias arquitetônicas a estabelecer maior relação simbiótica com o meio em termos de controle climático, inserção na paisagem e recursos materiais. O edifício de exceção, o templo ou palácio, entre outros, ao contrário, se sobrepõe ao território, nele tudo é excepcional, a inserção no contexto, a materialidade, as técnicas, a forma, etc. Até o século XVIII, a habitação comum tem caráter predominantemente vernacular, o que vale dizer, “[...] era geralmente anónima, saída de condições de produção muito diversas da qual a maior parte escapava ao desenho dos arquitetos e procedia por tipos transmitidos por ‘vizinhança’ dependentes do saber tradicional [...]” (MARQUES, 2013, p. 58). Isso implica dizer que, como veremos a seguir, se na arquitetura da habitação vernacular o vínculo com o território é um fenômeno que constitui sua essência, na sua manifestação erudita nem sempre encontraremos tal disposição.

Por fim, se na origem da casa encontramos um rol de razões pragmáticas, veremos que esse gesto criador também incorpora uma forte componente metafísica, cuja raiz tem a clara função de distinguir lugares sagrados de lugares profanos.

4.1. Casa, lugar sagrado

Durante muito tempo, a casa foi para o homem primitivo algo mais que um telhado e, quase desde o início, a "função" era muito mais que um conceito físico ou utilitário. O cerimonial religioso quase sempre precedeu

ou acompanhou sua fundação, construção e ocupação.¹⁰⁶ (RAPOPORT, 1972, p. 65).

A dessacralização do mundo, em cedência a uma vida social de predomínio profano, é, segundo Mircea Eliade, 1957 (1992), um fenômeno muito recente na história da humanidade. Antes da Era Moderna, o sagrado permeava sobejamente a experiência cotidiana das sociedades (ELIADE, 1992). Assim, o *habitat* humano é parte constituinte da diferenciação de dois lugares estruturantes da vida do homem religioso antigo: o Cosmos, que é da ordem do familiar; e os Caos, denominação dos lugares longínquos e incógnitos. Para Eliade, nas sociedades arcaicas, essa dicotomia se estabeleceu entre o espaço sagrado – construído à semelhança do espaço divino, logo portador de significado e orientação – e o espaço profano, ligado aos lugares distantes, desconhecidos, portanto amorfos e sem orientação:

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico [...] (ELIADE, 1992, P. 21)

Conforme Eliade, nas sociedades arcaicas, “[...] toda construção ou fabricação tem como modelo exemplar a cosmogonia. A Criação do Mundo torna-se o arquétipo de todo gesto criador humano [...]” (ELIADE, 1992, p. 28). Nesse contexto, a moradia também se estabelece como um objeto sagrado – que por imitação da criação divina (cosmogonia), funda o espaço referencial e uniforme para a segurança e a concretude da vida cotidiana do mortal. Desse modo, será essa operação metafísica junto à casa que qualificará o ambiente para o uso e a posse do homem tradicional, ou seja, para a fundação da sua realidade a par da diferenciação de lugares.

Conseqüentemente, a sacralização do *habitat* nas sociedades antigas se estendia até a organização da cidade. A esse respeito, podemos destacar os apontamentos de Garcia Lamas sobre o desenho urbano das cidades do Império Romano: “Existe um forte sentido religioso no plano da cidade romana. A delimitação do perímetro da cidade e o seu traçado obedeciam a um ritual religioso, a uma ordem sagrada.” (LAMAS, 1993, p. 144).

¹⁰⁶ Tradução nossa de: *Desde hace mucho tiempo, la casa es, para el hombre primitivo, algo más que un techo y, casi desde el principio, la «función» era mucho más que un concepto físico o utilitario. El ceremonial religioso ha precedido o acompañado casi siempre su cimentación, erección y ocupación.*

A cidade, todavia, desde sempre foi majoritariamente constituída por casas. Como veremos adiante, a casa é ao mesmo tempo predecessora e a condição necessária à vida urbana. Por outro lado, a própria instituição da arquitetura como disciplina que rege a arte de edificar do homem está associada à gênese da habitação. Nessa perspectiva, é imperativo indagar e desenvolver sobre a genealogia da habitação a partir do seu embate com o meio, e sua relação com o nascimento da própria arquitetura, conteúdos que trataremos na subseção que se segue a par da discussão de textos fundamentais a esse tema.

4.2. A cabana primitiva, domesticação do meio

A investigação sobre o surgimento da primeira casa edificada pelo homem ao suplantarem a existência nômade, a sua construção primeva, é um mote atávico e recorrente na história do pensamento sobre a arquitetura. Acerca do fascínio por esse artefato primordial, a cabana primitiva – que extrapola o domínio da arquitetura –, Joseph Rykwert assevera, “[...] praticamente todos os povos de todas as épocas demonstraram esse interesse, e o significado atribuído a essa figura elaborada não parece ter mudado muito de um lugar para outro, de uma época para outra.”¹⁰⁷ (1999, p. 227).

A ideia dessa primeira casa erguida pelo homem primitivo tem sido associada às raízes da arquitetura nos textos da disciplina há mais de 2.000 anos. Desde a Antiguidade Clássica, passando pelo Renascimento e o Neoclássico, até o Movimento Moderno, a mítica “cabana primitiva” suscitou o discurso de pensadores que, além da crença na gênese da arquitetura associada a esse artefato, interpretaram a própria evolução da disciplina a par dos avanços da habitação.

Em *La Casa de Adán en el Paraíso*, 1972 (1999), Rykwert recuperou o percurso da incidência teórica sobre a casa ancestral ao longo dos tempos através das passagens de Vitruvius, León Alberti, Marc-Antoine Laugier, Viollet-le-Duc, Quatremère de Quincy, Francesco Milizia, Le Corbusier, entre outros. De acordo com Rykwert, o pensamento acerca das origens da arquitetura desenvolvido por Vitruvius na

¹⁰⁷ Tradução nossa de: [...] *prácticamente todos los pueblos de todas las épocas han mostrado ese interés, y la significación atribuida a esta elaborada figura no parece haber cambiado mucho de un lugar a otro, de una época a otra.*

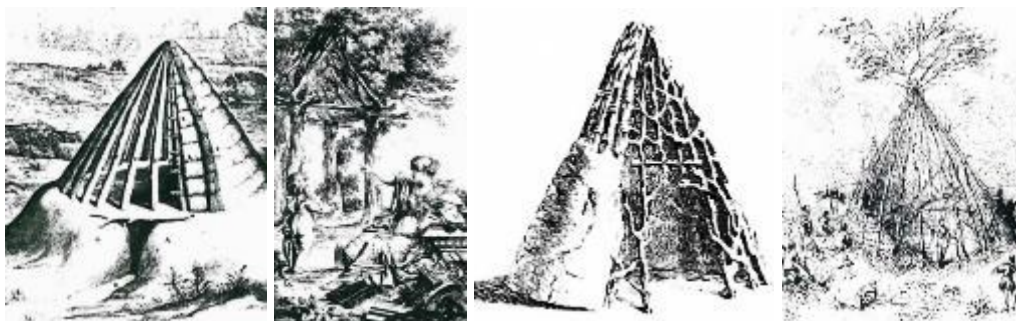
Antiguidade Clássica se estabeleceu para a teoria da arquitetura como “[...] a fonte de todas as especulações posteriores sobre a cabana primitiva [...]”¹⁰⁸ (1999, p. 129).

Sem pretender esgotar o assunto, a título de cobertura do arco temporal assinalado por Rykwert sobre as reflexões relativas à cabana primitiva, nos deteremos a seguir às essências das formulações de alguns autores representativos.

O primeiro tratadista de arquitetura conhecido, Vitrúvio, vinculou a cabana primitiva, ao aparato necessário ao homem pré-histórico à proteção do fogo domesticado que lhe permitiu a agregação social ao seu redor. Vitrúvio, de tal modo, sacralizou em seu *Tratado de Arquitetura* do século I a.C. a ideia da origem da arquitetura ao feitiço da habitação:

Tendo, pois, assim nascido, devido à descoberta do fogo, o encontro, a reunião e a sociedade entre homens [...] começaram uns nesse ajuntamento a construir habitações cobertas de folhagens, outros a escavar cavernas sob os montes, e alguns [...] a fazer habitações com lama e pequenos ramos, para onde pudessem ir. [...] aperfeiçoando a suas mãos no ato de edificar [...] de tal modo que aqueles que foram mais aplicados nessas matérias vieram a consagrar-se eles próprios como artífices. (VITRÚVIO, 2007, p. 112–113).

Figura 26 - Representações da cabana primitiva



Da esq. p/ dir., a cabana primitiva por: Claude Perrault, 1683; Marc-Antoine Laugier, 1753; William Chambers; 1759; Viollet-le-Duc, 1875.

Fonte: Rykwert (1999). (Adaptada pelo autor, 2020).

A partir da redescoberta dos escritos de Vitruvius no século XV, diversos arquitetos recorreram ao tema da cabana primitiva, para tratar da origem e evolução da arquitetura em seus textos.

No *Libro Architectonico*, de 1464, a cabana primitiva é reinterpretada por Filarete pela ótica da passagem bíblica do *Gênesis* relativa à expulsão de Adão do

¹⁰⁸ Tradução nossa de de: [...] *la fuente de todas las especulaciones posteriores sobre la cabana primitiva* [...].

paraíso, que, vendo-se desprovido de abrigo sob a chuva, num primeiro ato se protege com as mãos sobre a cabeça, posteriormente ergue uma tenda, e progride para aquilo que seria a origem da arquitetura no feitio desse primeiro arquiteto: o abrigo formado por quatro troncos de madeira verticais que sustentam outros quatro troncos horizontais, onde pousa a cobertura com ramos vegetais (FARIAS, 2011, p. 308).

No texto *Da Arte de Construir: Tratado sobre Arquitetura e Urbanismo*, de 1485 (2012, p. 36), Alberti apontou que a organização primitiva da habitação se fundou pela busca humana de abrigo para descanso em segurança, mas que, todavia, as atividades domésticas se acomodaram em ambientes distintos pelas funções desempenhadas – local para dormir diverso do local do fogo – e que a construção se estruturou em dois elementos básicos para o resguardo das intempéries: paredes (com aberturas) e teto. Alberti postulou, ainda, que a habitação primitiva foi a matriz de todos os edifícios e da arte da construção, “[...] mediante a prática e conhecimento do ofício muitos progressos aconteceram, vários tipos de edifício foram inventados, de tal forma que esta ocupação alcançou novas e infinitas ramificações [...]” (2012, p. 36).

No período do Iluminismo, Marc-Antoine Laugier, o Abade Laugier, retomou a discussão da origem da arquitetura no texto *Essai sur L'Architecture*, publicado em 1753. Laugier assinalou que a cabana primitiva forneceu os elementos basilares para a conformação das ordens clássicas da arquitetura, donde as toscas peças de madeira verticais, horizontais e inclinadas da habitação primitiva, artefato de extrapolação imediata da natureza, indicaram o desenvolvimento das colunas, entablamentos e frontões (RYKWERT, 1999, p. 52). Nesse sentido, para Laugier, a cabana primitiva se apresentava como um legítimo paradigma a ser seguido pelos arquitetos (RYKWERT, 1999, p. 53).

Nas formulações de Francesco Milizia em *Memorie degli Architecti Antichi e Moderni*, publicado em 1781, e Quatremère de Quincy em *Dictionnaire Historique D'Architecture*, de 1832, há também o interesse pela cabana primitiva, mas, ao contrário dos pensadores precedentes, esta habitação ainda não conformaria a arte da arquitetura, posto ser artefato rudimentar circunscrito a respostas elementares ao meio natural (RYKWERT, 1999, p. 44–83). Para esses pensadores, somente com os sucessivos melhoramentos na arte de construir a habitação se consolidou como o modelo ideal a ser traduzido em pedra nos alvares da arquitetura clássica.

Em *Histoire de L'Habitation Humaine*, publicado em 1875, Viollet-le-Duc também outorga que a cabana primitiva ainda não é arquitetura, mas que essa foi a base para desenvolvimento posterior da arte de construir, na qual a racionalização para o feitiço do abrigo no confronto com o meio natural, em diversas partes do mundo, é sua marca distintiva (MARQUES, 2013, p. 46–47).

Já no século XX, Le Corbusier, seguindo a tratadística predecessora, também recria a origem da arquitetura a par da primeira morada do homem primitivo, cuja composição exhibe geometria regular e eixos de orientação, constituindo assim a base racional para o templo clássico e a própria noção de traçado regulador presente na história da arquitetura e nos seus postulados arquitetônicos (LE CORBUSIER, 1924, p. 53).

A ideia do abrigo ancestral como anteparo ao fogo também reaparece nas formulações de Françoise Choay, para quem “A cabana primitiva e o fogo primitivo são inseparáveis” (MIGUEL, 2001, p. 157), assim como na ideia de arquitetura das célebres casas modernas de Frank Lloyd Wright, cuja lareira assume papel central na articulação dos ambientes da morada.

Desta breve resenha, constata-se que o esforço da razão humana sobre o meio natural, no intuito da obtenção de abrigo e privacidade é posicionado pela teoria ocidental como o mecanismo cultural de constituição e aperfeiçoamento do tipo arquitetônico mais ancestral: a casa.

4.3. Casa, noções e evolução do sistema casa-lugar

Abrigo é a função elementar do assentamento da casa no ambiente ancestral, estrutura física de proteção às severidades do clima, inimigos e feras, assim como lugar instaurador de privacidade aos indivíduos por ela encerrados, notadamente o agrupamento basilar das sociedades, a família.

Sempre vista como refúgio familiar, [...] a casa pode ser vista como um microcosmo privado sempre em confronto com um setor público, seja ele uma aldeia ou metrópole. A casa necessita de paredes e cercas para imaginar-se uma existência não ameaçada. É ela quem dá ao homem seu sítio sobre a terra. A casa é, simbolicamente, um castelo, uma fortaleza, um lugar de defesa contra as agressões externas como um local de descanso e prazer (MIGUEL, 2001, p. 150).

É da distinção entre dois mundos, um interno, fechado e privativo, e outro externo, aberto e compartilhado, que se estabelece o artefato cultural que visa à domesticação dos lugares e à criação de territorialidade, a casa, registro indissociável da longa jornada humana no globo.

O termo latino *casa*, singular de *casae*, surgiu no período do Império Romano para designar cabana, choupana, isto é, habitação de qualidade inferior, rural, em oposição ao termo *domus*, que indicava a habitação urbana senhorial (MIGUEL, 2001, p. 149). Conforme Carnielo Miguel (2001), ao longo da Idade Média – quando houve declínio das condições de vida por restrições econômicas, pestes e guerras –, as construções de pedra do tipo *domus* praticamente se extinguíram, à exceção dos castelos e igrejas, e houve a proliferação dos edifícios do tipo *casae*, de madeira e barro. Tais transformações acarretaram também uma alteração na semântica dos termos que designavam tais construções. Assim, no meio urbano, até a Baixa Idade Média,

[...] a igreja distinguia-se por suas dimensões soberbas e pela estrutura firme, merecendo o nome de *domus*, a casa do Senhor, tendo ao seu redor uma extensão miserável de *casae*. Desde então, chamou-se *duomo* (domo), *domus*, a morada de Deus e casa a morada humana. (MIGUEL, 2001, p. 149)

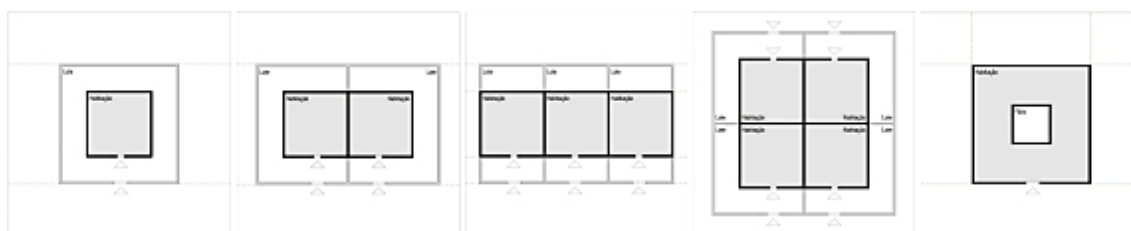
Atualmente, podemos circunscrever o termo casa àquele que designa o edifício, ou parte dele, destinado à moradia, isto é, objeto arquitetônico organizado para atender desde as necessidades fundamentais cotidianas dos seus habitantes – abrigo, repouso, higiene, alimentação, convívio familiar, socialização controlada, entre outros – até aquelas relacionadas às ordens estéticas e simbólicas.

Historicamente, a casa é o artefato arquitetônico predominante nos tecidos urbanos citadinos e até mesmo a pré-condição da sua existência. Em *Arquitetura da Cidade*, 1965 (2001), Aldo Rossi é categórico, “A cidade sempre foi caracterizada amplamente pela residência. Pode-se dizer que não existem ou não existiram cidades que não estivesse presente o aspecto residencial [...]” (ROSSI, 2001, p. 80). Por outro lado, a ocupação humana do meio campesino, que precede as sociedades urbanas, pressupõe o assentamento de casas em aldeias rurais e domínios agrícolas. O campo, tradicionalmente, também é território das casas destinadas ao uso recreativo e contemplativo, refúgio na natureza do habitante urbano. Dessas considerações, podemos rematar a primeira grande classificação para a tipologia doméstica –

estritamente ligada à sua implantação no território –, isto é, casas urbanas e casas rurais ou de campo.

A forma de organização do edifício para o abrigo familiar evoluiu ao largo da história e determinou suas variantes tipológicas, que foram consolidadas pela acomodação de condicionantes técnicos, ambientais, culturais e econômicos. Não toca aos objetivos deste estudo entrar na reflexão acerca de tais condicionantes, basta assinalar que, dessa evolução, decorrem outras duas importantes classificações tipológicas das habitações: os edifícios unifamiliares, aqueles que abrigam apenas um núcleo familiar e possuem acesso privado; e os edifícios multifamiliares, aqueles que abrigam diversas unidades familiares, cujo acesso é coletivo e semiprivado. Ainda, da tipologia unifamiliar derivam, basicamente, outros cinco subtipos classificáveis em função da exclusividade ou repetição da unidade de uso e da relação do edifício com o lote: a casa isolada, a casa geminada, a casa em banda, a casa duplamente geminada, e a casa-pátio (FARIAS; RAMOS; CABIDO, 2015).

Figura 27 - Subtipos de habitação unifamiliar, plantas



Da esq. p/ dir.: casa isolada; casa geminada; casa em banda; casa duplamente geminada; casa-pátio.
Fonte: Farias, Ramos e Cabido (2015).

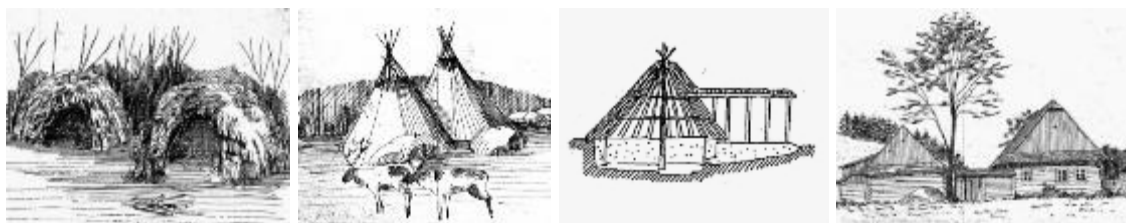
Esta casa unifamiliar isolada – que é a tipologia arquitetônica de investigação desta tese – implantada no território urbano ou nos arredores da cidade, mas a ela funcionalmente vinculada, concebida por arquitetos, portanto, erudita, é uma tipologia recente na história da arquitetura. Consoante a Roberto Segre, esse tipo de casa, que retomaremos mais adiante, surgiu no século XIX a par das demandas da burguesia capitalista por maior privacidade no ambiente doméstico.

Até então, e desde a Renascença, a vida cotidiana da nobreza e da burguesia abastada era associada aos grandes palácios ou às luxuosas mansões urbanas, inseridas na malha da cidade [...] ou em vilas dispersas em áreas rurais desenhadas por renomados profissionais, como Palladio em Vicenza (SEGRE, 2010, p. 5)

No livro *6.000 Años de Habitat: de los Poblados Primitivos a la Vivienda Urbana en las Culturas de Oriente y Occidente* (1984), Norbert Schoenauer – a par de uma análise que podemos enquadrar como estruturada num sistema casa-lugar –, esquematiza a evolução da habitação humana em três grandes grupos sucessivos: as habitações pré-urbanas; as habitações urbanas orientais; e as habitações urbanas ocidentais. A seguir, pontuaremos esse esquema evolutivo acrescido de outros dados relevantes e autores, sobretudo ao que se refere às casas de campo.

A habitação pré-urbana – que abarca desde os abrigos efêmeros dos povos caçadores e coletores nômades até as casas permanentes das primeiras sociedades agrícolas sedentárias – representa um período de desenvolvimento humano que remete a aproximadamente um milhão de anos, envolvendo os períodos Paleolítico e Neolítico (SCHOENAUER, 1984, p. 110). Nesse grupo, encontram-se espalhadas pelo globo, entre outros tipos de habitação primitiva, as cabanas, os iglus, as tendas, as malocas, e, no final deste ciclo, as casas de aldeias ou de possessões agrícolas.

Figura 28 - Habitações pré-urbanas



Da esq. p/ dir.: cabanas berberes; tendas lapônias; habitação semienterrada chinesa; casa rural eslovaca.

Fonte: Schoenauer (1984). (Adaptada pelo autor, 2020).

Para o homem primitivo, o território da casa pré-urbana é incomensurável e agreste, e a identificação de lugares para o assentamento da habitação é fortemente agenciada pelas preexistências naturais, “Na paisagem virgem, a arquitetura pode envolver a utilização de colinas, árvores, rios, cavernas, penhascos e da brisa do mar – coisas que dizemos serem ‘fornecidas pela natureza’.” (UNWIN, 2013, p. 64). De tal modo, as habitações subterrâneas e semienterradas, também encontradas nesse estágio de desenvolvimento, foram estruturadas e utilizadas para um melhor condicionamento climático da moradia e, no primeiro caso, melhor uso do solo para o cultivo em regiões onde terreno fértil era escasso.

No desenvolvimento da casa pré-urbana, a membrana de mediação entre o interior doméstico e o mundo externo, a caixa arquitetural, evoluiu de um fechamento

de espaço em peça única, do chão ao teto, para um invólucro composto por paredes e teto, inclusive com diferenciação de materiais para ambos. Além disso, ocorre a especialização dos vãos, onde a antiga abertura monofuncional (acesso, luz e exaustão) se reparte em vãos específicos, isto é, porta para acesso, janela para luz e ar, e chaminé para exaustão (SCHOENAUER, 1984, p. 108–109). Nesse estágio de desenvolvimento, a força da gravidade sobre os materiais da casa é desafiadora e determina sua forma estrutural e o seu assentamento telúrico.

Somente com a “revolução do Neolítico”, quando se verifica o excedente de produção e a conseqüente divisão social do trabalho, que se estabelecem as condições socioeconômicas para o desenvolvimento urbano e o assentamento das casas citadinas por volta de 4.000 a.C. nas civilizações da Antiguidade Oriental (Mesopotâmia, Egito, China e Índia). De tal modo, afirmam Oliveira, Seixas e Faria (2013, p. 143), “A casa, além de ter sido a primeira célula da cidade, foi também o primeiro recurso civilizacional que o homem soube construir.”

Conforme Schoenauer, a denominada casa-pátio urbana oriental, voltada para o interior, é a tipologia comum a essas quatro civilizações antigas, que também será adotada nas civilizações ocidentais greco-romanas da Antiguidade. Essa casa ocupa todo o perímetro do lote e, normalmente, tem apenas uma fachada em contato com a rua, que é praticamente um muro simples com poucas aberturas. O pátio interno se abre para a abóboda celeste, que é o grande contato visual da habitação com o mundo exterior, aqui firma-se um significativo eixo visual vertical formado pela direção pátio-céu. As casas gregas com peristilo e as casas romanas com átrios deram continuidade a essa tipologia de origem oriental, que por sua vez foram disseminadas na Europa nas possessões do Império Romano.

Figura 29 - Casas-pátio urbanas orientais e greco-romanas



Plantas de casas-pátio (da esq.: p/ dir.): Ur (Mesopotâmia); Mohenjo-daro (Índia); Kahun (Egito); Atenas (Grécia); e Pompéia (Roma).

Fonte: Schoenauer (1984). (Adaptada pelo autor, 2020).

Ainda em relação a Roma, é necessário destacar que seu território abrigava dois tipos de casas urbanas e dois tipos de casas rurais. O *domus* foi a casa nobre urbana com átrios que abrigava os patrícios e os comerciantes abastados. Já a *insulae* era um edifício rudimentar de moradia multifamiliar com cinco pavimentos em média que abrigava lojas no térreo e habitações populares nos demais pavimentos.¹⁰⁹ No campo, havia a *Villa Rústica*, casa rural ligada a exploração agrícola, e a *Villa Suburbana* destinada, além do cultivo, à recreação dos nobres citadinos nos arredores imediatos da cidade (PIRES, 2013, p. 25).

Outro vetor de disseminação da casa-pátio, já na Idade Média, foi o Império Islâmico, que, a partir da Arábia Saudita, levou essa habitação de raiz mesopotâmica para o norte da África e Península Ibérica. Em Portugal, vestígios arqueológicos indicam a incidência de tal tipologia islâmica em cidades como Mértola, Silves, Tavira e até em Lisboa (TRINDADE, 2013, p. 61–64). A corroborar, Sívio Conde afirma que em Portugal, além da habitação medieval assobradada em banda, os registros documentais indicam “[...] a existência de um outro tipo de casa, dotada de pátio interior.” (CONDE, 2010, p. 59).

Esse caráter de interioridade da casa também foi referido por Norberg-Schulz como inerente à natureza desse tipo de edifício, o seu distintivo universal de longa duração:

[...] essencialmente, uma casa nos dá um “interior”. A essência da casa, arquitetonicamente, portanto, é o “espaço interior”. [...] não pensamos, assim, em uma estrutura necessariamente fechada e isolada do exterior que a cerca, embora a tendência ao isolamento da casa tenha sido intensa ao longo da história da arquitetura.¹¹⁰ (1980, p. 104).

Na Idade Média, com as invasões bárbaras a Europa entrou num longo período de decadência urbana até aproximadamente o século X, quando “[...] emerge uma nova civilização ocidental [...]”¹¹¹, cristã, que rompe com suas bases greco-romanas e do Oriente Próximo (SCHOENAUER, 1984, p. 246–247). No processo de renascimento das cidades, afirma Schoenauer, uma das desagregações mais

¹⁰⁹ De acordo com Schoenauer (1984, p. 218), por volta de 350 d.C. havia em Roma 46.662 *insulae* e 1.797 *domus*.

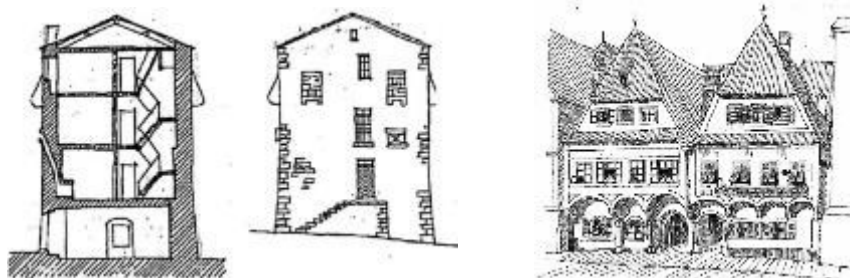
¹¹⁰ Tradução nossa de: [...] *esencialmente, a casa nos aporta un "interior". La esencia de la casa, arquitectónicamente, por lo tanto, es "espacio interior". [...] no pensamos, por consiguiente, en una estructura que necesariamente quede cerrada y aislada del exterior que la rodea, aunque la tendencia al aislamiento ha sido intensa en la casa a lo largo de toda la historia de la arquitectura.*

¹¹¹ Tradução nossa de: [...] *emerge una nueva civilización occidental [...].*

expressivas com o legado oriental ocorreu na habitação, onde a casa urbana ocidental assentou-se “[...] como uma unidade extrovertida orientada para a rua, contrapondo-se à ‘habitação urbana oriental’, mais introvertida e com um pátio central.”¹¹² (1984, p. 244). Nessa nova conformação, as fachadas das casas ganham importância especial como membrana de permeabilidade para a cidade e ainda “[...] formam um pano de fundo da estrutura urbana.” (LAMAS, 1993, p. 154).

A casa-torre (Itália e noroeste europeu) e a casa com telhado de duas águas, assentadas em lote estreito e comprido (lote gótico), são as tipologias que se apresentam nesta nova conformação urbana. Importa destacar que os fundos dos lotes medievais, uma inovação, eram áreas livres contíguas às casas com hortas e jardins que ofereciam desafogo à densidade urbana e aos arruamentos estreitos (LAMAS, 1993, p. 154). Se as fronteiras laterais da casa são cegas e adossadas às casas vizinhas; as duas outras, frente e fundos, propiciam permeabilidade visual da caixa mural para o exterior (centrífuga) em relação à predecessora casa-pátio (centrípeta). Um notável feitio da casa medieval urbana foi o seu desenvolvimento vertical, posto que, no térreo, geralmente havia a loja ou oficina e a habitação ocupava os pavimentos acima destas. Segundo a indicação de Viollet-le-Duc, “A escassez de terra, em cidades ou vilas fechadas, forçou os construtores a subirem vários andares acima do térreo.”¹¹³ (1854, p. 216).

Figura 30 - Casas-torre e casas com telhado de duas águas



Esq./: Casa-torre, Córsega (Itália). Dir.: Casas com telhado de duas águas (Áustria).
Fonte: Schoenauer (1984). (Adaptada pelo autor, 2020).

Outros aspectos da casa medieval são: seu caráter multifuncional (moradia, trabalho, comércio); a tênue separação entre as esferas pública e privada no

¹¹² Tradução nossa de: [...] como una unidad extrovertida orientada a la calle, contraponiéndose a la “vivienda urbana oriental”, más introvertida y con un patio central.

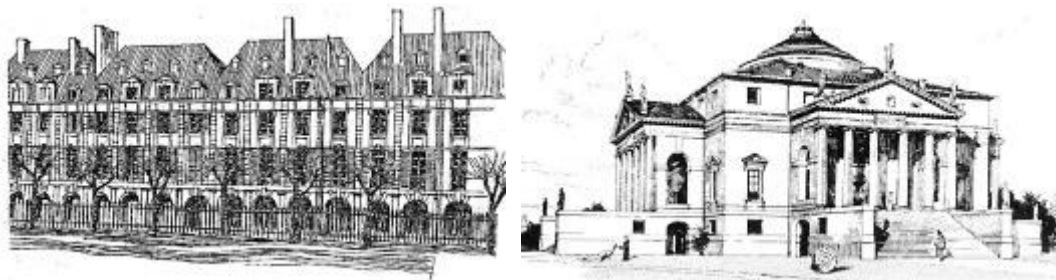
¹¹³ Tradução nossa de: La rareté du terrain, dans les villes ou bourgades fermées, obligeait les constructeurs à élever plusieurs étages au-dessus du rez-de-chaussée.

ambiente doméstico; e o obrigo de famílias extensivas. De acordo com Witold Rybczynski, a casa medieval abarcava “[...] empregados, criadores, aprendizes, amigos e afilhados – ‘famílias’ de até 25 pessoas não eram pouco frequentes. Como todas essas pessoas viviam em um, ou no máximo dois compartimentos, não se conhecia privacidade.” (RYBCZYNSKI, 2002, p. 41).

No Renascimento, antes de falar da casa urbana propriamente dita, é indispensável destacar as casas de campo ou *Villas* italianas em função dos avanços concernentes ao sistema casa-lugar por ela promovidos. A aristocracia urbana italiana – inspirada nos valores de vilegiatura da cultura clássica romana – irá resgatar a *Villa* como casa de campo, isto é, uma segunda residência para restauração das lides da cidade (PIRES, 2013). A arquitetura da *Villa* renascentista, que tem em Andrea Palladio seu realizador emblemático e Leon Battista Alberti seu teorizador basilar, harmoniza-se à topografia e o sistema edifício-jardins sustém um forte sentido de lugar e usufruto da paisagem.

A arquitetura da *Villa*, em primeiro plano, passa a projectar-se sempre contra o fundo da paisagem natural que se afirma como o seu principal enquadramento, relacionadas através da perspectiva [...] tendo o jardim em primeiro plano. A vista converteu-se, assim, numa parte controlável e decorativa na arquitetura da *Villa*. (PIRES, 2013, p. 33).

Figura 31 - Casas urbanas e de campo, Renascimento



Esq.: casas em banda da *Place des Voges* (Paris, 1605-12).
Dir.: *Villa Capra* (Vicenza, 1566-70), Andrea Palladio.
Fontes: Schoenauer (1984); B. Bondy.¹¹⁴ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Relativamente à habitação urbana renascentista, a casa e o lugar de trabalho se separaram de tal maneira sem precedentes. Na interação entre casa e espaço urbano, haverá a manutenção do logradouro, mas, no Renascimento tardio, Paris irá introduzir com a *Place des Voges* (1605-1612), o pioneiro conceito de praça residencial. Uma composição urbana unitária em que há a plena articulação entre o

¹¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2ZIWG8p> (*Villa Capra*). Acesso em: 12 jul. 2020.

recinto da praça equipada com monumento e jardins, de acesso semipúblico; e os blocos exclusivamente residenciais em todo seu perímetro, conformando uma ambiência local intimista para o uso recreativo e social dos moradores. Em 1630, esse conceito foi introduzido na Inglaterra pelo arquiteto Inigo Jones com a praça residencial *Convent Garden Piazza*, posteriormente aprimorado com as inovadoras tipologias urbanas *Crescent* e *Circus*, nas quais as fachadas dos blocos de residência em banda se ajustam e se integram às formas das praças ou dos parques frontais.

Em todos esses modelos de assentamento, de acordo com Schoenauer (1984, p. 329), nota-se um movimento de exteriorização da habitação com o deslocamento do espaço ajardinado fechado e privativo, típico das antepassadas casa-pátio e casa medieval, para o espaço externo de uso recreativo comunitário. Ao mesmo tempo, tais edificações já manifestam a “[...] ideologia da conciliação do campo com a cidade, da Habitação no meio da Natureza [...]” (LAMAS, 1993, p. 206) marca de uma forte reação às concentrações urbanas inglesas no século XIX pós-revolução industrial, que culminou na ideação da Cidade-Jardim por Ebenezer Howard. O cerne dessa proposição, nas palavras do próprio Howard (1996, p. 108), consiste na “[...] combinação perfeita de todas as vantagens da mais intensa e ativa vida urbana com toda a beleza e os prazeres do campo, na mais perfeita harmonia.”

Figura 32 - Praças residenciais, França e Inglaterra



Esquerda: *Place des Voges* (Paris, 1605-12).

Centro: *King's Circus* (Bath, 1754-68), John Wood, pai.

Direita: *Crescent Real* (Bath, 1767-75), John Wood, filho.

Fontes: *The New York Times*¹¹⁵, Milton Ribeiro¹¹⁶, *ISIC UK*.¹¹⁷ (Adaptadas pelo autor, 2020).

No contexto das praças residenciais e noutros espaços urbanos ingleses desse período, a tipologia habitacional que passou a vigorar foi a *Town house*, a casa urbana em banda, que assinalou o nascimento de “[...] um novo estilo genérico de

¹¹⁵ Disponível em: <https://nyti.ms/37zcsPA> (*Place des Voges*). Acesso em: 16 mai. 2020.

¹¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2Y9ez9M> (*Circus*). Acesso em: 16 mai. 2020.

¹¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3d9dzqD> (*Crescent*). Acesso em: 16 mai. 2020.

moradia para classe média [...]”¹¹⁸ (SCHOENAUER, 1984, p. 331) caracterizada, sobretudo, pela separação entre as funções públicas e privadas da habitação, isto é, o pelo uso exclusivamente residencial. Já no fim do século XVIII, as famílias abastadas inglesas, mediante a deterioração das grandes cidades, iniciam o movimento de traslado da habitação para casas isoladas nos subúrbios ou no campo, trata-se das casas estilo *Picturesque*. Expressão arquitetônica de base Eclética, volumetria assimétrica, cuja implantação persegue uma conexão proveitosa com a natureza e o entorno do edifício (RAMOS, 2005, p. 101).

O século XIX apresentará um ponto de inflexão na evolução da arquitetura doméstica, decorrente da Revolução Industrial e da explosão demográfica nas grandes cidades. Nessa nova conjuntura, a implantação da casa unifamiliar suburbana inglesa, e até mesmo das casas urbanas, assume novos paradigmas com a rua e a envolvente.

O subúrbio gerou a proliferação e extensão do solo construído com modificações dos modelos espaciais e urbanísticos. [...] O quarteirão é abandonado, enquanto a baixa densidade e a casa unifamiliar se revelam sem força nem estrutura para construir verdadeiro “espaço urbano”. A arborização e a vegetação substituem as relações da edificação com o espaço urbano. A caracterização cuidadosa do espaço coletivo é substituída pela qualidade do espaço privado. O edifício vai situar-se no meio do lote. É individualizado e envolvido por jardins e deixa de contactar directamente com a rua. (LAMAS, 1993, p. 206).

Na primeira metade do século XIX, o arquiteto e paisagista norte-americano Andrew Jackson Downing, assentará importantes paradigmas teóricos para a valorização da casa isolada suburbana implantada em espaços verdes como forma arquitetônica ideal e estilo de vida doméstica alternativo aos centros urbanos, sobretudo em suas expressões tectônicas em madeira ao modo *balloon frame* (SCULLY, 1971). A obra construída e escrita de Downing foi transcendente na arquitetura da casa norte-americana e influenciou arquitetos de várias gerações como Henri Robson Richardson, Frank Lloyd Wright e Robert Venturi (SCULLY, 1971). Conforme Vincent Scully, essa arquitetura doméstica suburbana norte-americana, sobretudo de fins do século XIX, estava “[...] totalmente ligada à paisagem.” (1971, p. XX). Conforme Ramos (2005, p. 104), a inovadora obra de Downing, pode ser considerada precursora do conceito da Cidade Jardim desenvolvida na Inglaterra por

¹¹⁸ Tradução nossa de: [...] *un nuevo estilo genérico de vivienda para la clase media* [...].

Ebenezer Howard no final do século XIX, que propunha novos assentamentos em meio a cinturões verdes apartados da cidade industrial degradada e populosa.

Figura 33 - Casas unifamiliares de subúrbio anglo-americanas



Esquerda: Casa *Design VI*, Andrew Jackson Downing, 1842.
 Centro: *Watts Sherman House* (Newport, 1874), Henri Robson Richardson.
 Direita: *Red House* (Bexleyheath, 1859-60), Philip Webb.
 Fontes: Scully (1971).¹¹⁹ Ching, Jarzombek e Prakash (2011).¹²⁰ Ethan D. White.¹²¹
 (Adaptadas pelo autor, 2020).

Uma questão capital que se coloca para o arquiteto ao criar um novo edifício remete ao modo de lidar com a arquitetura preexistente ao lugar de sua inserção. Nesse sentido, o lugar em arquitetura também é constituído por sua própria história arquitetônica, registrada em maior ou menor grau nas obras pretéritas que resistiram ao tempo nos territórios, ao que podemos também denominar como paisagens urbanas históricas. Paisagens, que se modificavam em tempos muito dilatados, sobretudo aquelas formadas pelo edificado residencial urbano (ROSSI, 2001, p. 80).

Conforme Ana Castro e Joana Mello (2016), até a viragem do século XVIII para o XIX, a criação da arquitetura era marcada pelo chamado sistema clássico, orientado pela tratadística, cujo exclusivo manancial de referência formal foi a arquitetura greco-romana. Porém, os métodos acadêmicos de arquitetura da *École des Beaux-Arts* de Paris, consolidados no início do século XIX, estabeleceram uma nova ordem de entendimento da história que quebrou o monopólio da referência Clássica e abriu espaço para validação de outras épocas como modelos ao projeto, constituindo o chamado historicismo na arquitetura (CASTRO; MELLO, 2016).

O paroxismo dessa nova ordem se firmou pelo Ecletismo, que obteve ampla inserção internacional e se popularizou na produção da arquitetura residencial em fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Sendo moldadas pelo vocabulário formal dos estilos passados europeus ou orientais, as moradias ecléticas

¹¹⁹ Casa *Design VI*.

¹²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2YOXQaU> (*Watts Sherman House*). Acesso em: 19 mai. 2020.

¹²¹ Disponível em: <https://bit.ly/2NaTWNm> (*Red House*). Acesso em: 19 mai. 2020

espalhadas pelo mundo, em muitos casos, foram disruptivas com as preexistências arquitetônicas dos seus lugares. Noutros casos, no entanto, como na arquitetura Neocolonial do continente americano, seus autores pugnaram pelo resgate dos registros históricos locais. A questão do lugar como memória é tema relevante, posto que, desse momento em diante, o debate acerca dos modos de relacionamento com a tradição arquitetônica irá despontar com frequência na teoria e prática do projeto.

Figura 34 - Casas ecléticas nas Américas



Da esq. p/ dir.: *Squire House* (Ossining, 1872), Marvin McCord; Casa Av. Pasteur (Belo Horizonte, 1912), José Lapertosa; Casa Ochoa Montes (Guadalajara, 1920), Luis Prieto Souza; Casa Morató (Montevideo, 1924), Alejandro Christophersen.
 Fontes: *Brownstoner*¹²²; Guia do Bem¹²³; *Revisiones GDL*¹²⁴; Machado y Güerri.¹²⁵
 (Adaptadas pelo autor, 2020).

Nos alvares do século XX, na gênese do Movimento Moderno, a utilização da casa unifamiliar como suporte para aplicação de conceitos e teorias da arquitetura se firmou com grande força e se estendeu no tempo. Nesse percurso, o tema do lugar assumiu papel relevante nas narrativas teórico-práticas e a casa, seja em projeto ou em obra, se firmou como veículo emblemático de manifestos arquitetônicos, vide a célebre e já referida *Villa Savoye*, que condensou os Cinco Pontos para uma Nova Arquitetura de Corbusier, isto é, planta livre; fachada livre; janela em fita; terraço jardim; e *pilotis*. Assim, dada a proeminência das questões relativas ao lugar no desenvolvimento da arquitetura doméstica desde a Arquitetura Moderna até a contemporaneidade, trataremos esse assunto em uma subseção específica, a seguir.

4.4. Debates sobre o lugar através da casa

Desde meados do século XIX e, sobretudo, ao longo do século XX, a casa, mais do que qualquer outro tipo de edifício, assume um papel preponderante na evolução dos valores expressivos, espaciais e construtivos da arquitetura. Sua importância resulta tanto do fato do

¹²² Disponível em: <https://bit.ly/309LuL8> (*Squire House*). Acesso em 20 mai. 2020.

¹²³ Disponível em: <https://bit.ly/32eET4N> (Casa Av. Pasteur). Acesso em 20 mai. 2020.

¹²⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2Cbsd47> (Casa Ochoa Montes). Acesso em 20 mai. 2020.

¹²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/38TQJCB> (Casa Morató). Acesso em 20 mai. 2020.

programa da casa ter sido central na carreira das figuras mais notáveis do movimento moderno [...] quanto do fato de ter sido tomado como objeto privilegiado de experimentação: a casa é o laboratório experimental de Arquitetura do século XX.¹²⁶ (FARIAS, 2011, p. 235).

A arquitetura da casa gestada no Movimento Moderno aprofundou os preceitos da Cidade-Jardim e inflexionou a relação da moradia com o território, especialmente sob os aspectos de domínio e abertura para a envolvente. A ordenação ancestral de interioridade da casa face ao terreno e seus arredores – que foi imperativa no mundo Clássico das casas-pátio, atenuada na Idade Média pela maior permeabilidade da fachada e introdução do vidro – atingirá o seu oposto, a máxima exteriorização, com o advento da Arquitetura Moderna. Tal fenômeno assentou-se num dos axiomas dessa arquitetura, qual seja, a fluidez visual entre interior-exterior promovida pelos grandes painéis de vidro e potenciada pela já conquistada liberação do edifício dos limites do terreno.

Figura 35 - Casas modernas suspensas e/ou transparentes



Da esq. p/ dir.: *Villa Savoye* (Poissy, 1928-29), Le Corbusier; *Casa Farnsworth* (Illinois, 1945-51), Mies van der Rohe; *Casa de Vidro*, (São Paulo, 1949-51), Lina Bo Bardi; *Glass House* (Connecticut, 1948-49), Philip Johnson.
 Fontes: *ArchDaily*¹²⁷; *Dwell*¹²⁸; *Casas do Brasil*¹²⁹; *ArchDaily*.¹³⁰ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Outra significativa guinada promovida pela casa moderna remete à elevação do edifício do chão pelo emprego dos *pilotis* que, como referido, é um dos Cinco Pontos para uma Nova Arquitetura de Le Corbusier. Assim, a liberação do terreno e a transparência ao território – sinônimos de extroversão do edifício e domínio sobre a

¹²⁶ Tradução nossa de: *Desde el medio del siglo XIX y, sobre todo, a lo largo de todo el siglo XX, la casa, más que cualquier outro tipo edificatorio, asume un papel preponderante en la evolución de los valores expresivos, espaciales y constructivos de la arquitectura. Su importancia resulta tanto del programa de la casa haber sido central a la carrera de las figuras más notables del movimiento moderno [...] como por el hecho de haber sido tomada como objeto de experimentación privilegiado: la casa es el laboratorio experimental de la arquitectura del siglo XX.*

¹²⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2Zp1HNs> (*Villa Savoye*). Acesso em: 06 jul. 2020

¹²⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2AGDfO4> (*Casa Farnsworth*). Acesso em: 06 jul. 2020.

¹²⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3e7orpa> (*Casa de Vidro*). Acesso em: 06 jul. 2020.

¹³⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2WiwWbc> (*Glass House*). Acesso em: 06 jul. 2020.

envolvente – são dísticos da casa moderna de significativa incidência na arquitetura mundial observados até o presente.

Por outro lado, a ideia da casa moderna como “máquina de morar” – reproduzível pelos avanços industriais, com forma abstrata, e pugnada para qualquer parte do mundo – inaugurou uma cisão histórica entre edifício e contexto, a qual provocou calorosas adesões e contestações de longo prazo na teoria e prática da arquitetura. Tal conceito de casa, oriundo da Europa, bem ou mal executado, foi ensaiado em várias partes do mundo como expressão do chamado *International Style*, epíteto derivado do título da exposição de Arquitetura Moderna europeia e norte-americana realizada no MoMA em 1932.

Figura 36 - Casas racionalistas com padrão internacional



Da esq. p/ dir.: Casa em Weissenhof (Stuttgart, 1925-27), Le Corbusier; *Lovell House* (Los Angeles, 1927-29), Richard Neutra; Casa Rua Bahia (São Paulo, 1930), Gregori Warchavchik; Casa Cortez (Porto, 1939-43), Viana de Lima.
 Fontes: Fundação Le Corbusier¹³¹; *ArchDaily*¹³²; Arquivo Arq¹³³; França (1991).
 (Adaptadas pelo autor, 2020).

Um modo oposto de abordagem do sistema casa-território dentro da produção moderna da arquitetura foi empregado pela corrente da Arquitetura Orgânica, na qual o edifício se liga ao terreno de modo quase simbiótico, não se impondo a ele e nem à envolvente. Nessa arquitetura, a materialidade da casa assume cabal interação com território pelo uso dos tijolos, pedras e madeiras autóctones, vide as moradias paradigmáticas concebidas por Frank Lloyd e Alvar Aalto. Além disso, os fluxos visuais entre o interior e a paisagem são controlados, onde não se verifica a prevalência do translúcido na caixa arquitetural. Esse modo de inserção da casa no território não se restringiu à produção norte-americana ou finlandesa. O mexicano Luis Barragán e o catalão José Antonio Coderch, entre outros, também criaram emblemáticas moradias telúricas com fenestração estrategicamente contida. Tal

¹³¹ Disponível em: <https://bit.ly/2C2CIGH> (Casa em Weissenhof). Acesso em: 11 jul. 2020.

¹³² Disponível em: <https://bit.ly/3egYFz7> (*Lovell House*). Acesso em: 11 jul. 2020.

¹³³ Disponível em: <https://bit.ly/2DzmOUP> (Casa Rua Bahia). Acesso em: 11 jul. 2020.

caracterização arquitetônica ecoou em várias proposições de revisão do Movimento Moderno entre o segundo pós-guerra e o início das propostas Pós-Modernas.

Figura 37 - Casas modernas telúricas com fenestração contida



Da esq. p/ dir.: Casa Robie (Chicago, 1908-09), Frank Lloyd Wright; Casa Mairea, (Noormarkku, 1937-39), Alvar Aalto; Casa Luis Barragán (México, 1947-48), Luis Barragán; Casa Rozes (Girona, 1962), José Antonio Coderch.

Fontes: James Caulfield¹³⁴; Ninara¹³⁵; *ArchDaily*¹³⁶; José Antonio Coderch.¹³⁷
(Adaptadas pelo autor, 2020).

Na segunda metade do século XX, dentro dos debates pós-modernos, assistiremos a duas narrativas antagônicas sobre o inexorável modo de abordar o passado arquitetônico dos territórios envolvidos e que ganharam corpo na arquitetura da casa: os historicistas e os indiferentes à memória. No primeiro grupo, se encontram aqueles que buscam referências formais, literais ou reinterpretadas, nas culturas edilícias locais em respeito às preexistências – Robert Venturi, Mario Botta, Aldo Rossi, Michael Graves (obras tardias), são alguns nomes que se alinham a essa corrente e produziram habitações destacadas pela crítica e historiografia da especialidade. No lado oposto, radicam os postulantes de uma arquitetura conceitual não mais referenciada no *genius loci* e que desconsidera a história dos lugares e, conforme Montaner (2001), se agarram às artes, à alta tecnologia, e à abstração formal para conduzirem suas proposições de desenho e inserção dos objetos arquitetônicos nos contextos, cujos resultados são a “[...] negação da tradição e a negação da topografia.” (2001, p. 175). A série de casas desenhadas por Eisenman, no fim dos anos 1960 e durante os anos 1970, configura um autêntico manifesto que carrega a ideia de “Uma arquitetura que, livre da nostalgia por sistemas que fizeram um sentido no passado, aceite a ausência do sujeito, de história, de lugar e de significado.” (MONTANER, 2001, p. 231). Tanto Eisenman como Rem Koolhaas, outro representante dessa postura, enxergam na complexidade e no caos da metrópole os liames de sustentação do projeto, que não pretende redimir esse território com suas

¹³⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2Za1k9w> (Casa Robie). Acesso em: 06 jul. 2020.

¹³⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3e3aHMg> (Casa Mairea). Acesso em: 06 jul. 2020.

¹³⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3j3Y2MQ> (Casa Luis Barragán). Acesso em: 06 jul. 2020.

¹³⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3gT3zns> (Casa Rozes). Acesso em: 06 jul. 2020..

obras. Com efeito, tanto Eisenman quanto seus contemporâneos, que compõem o chamado *New York Five* – John Rejduk, Michael Graves (obras iniciais), Charles Gwathmey e Richard Meier –, fizeram das obras de moradia um laboratório de reinterpretação dos códigos estéticos das vanguardas modernas.

Figura 38 - Casas Pós-Modernas simbólicas e abstratas.



Da esq. p/ dir.: Casa Vanna Venturi (Filadélfia, 1962), Robert Venturi; Casa Sampietro (Lugano, 1979) Mario Botta; Casa III (Connecticut, 1969-71), Peter Eisenman; Casa-Estúdio Gwathmey (Amagansett, 1967), Charles Gwathmey. Fontes: Maria Buszek¹³⁸, *Observable*¹³⁹, *OfHouses*¹⁴⁰, Scott Francis.¹⁴¹ (Adaptadas pelo autor, 2020).

No campo da especulação teórica, a desconexão radical entre arquitetura e território, sucedeu nos anos 1960 com as explorações futuristas e tecnológicas do grupo inglês *Archigram*¹⁴², em que módulos de habitação podem ser acoplados a megaestruturas nômades, as *Walking Cities*, ou a cidades conectáveis, as *Plug-in City*. Casas móveis (*Chusicle*), infláveis (*Suitaloon*) e cápsulas residenciais (*Plug-in House*) que se conectam a torres tecnológicas, compõem esse conjunto tipológico habitacional utópico que vislumbra o desenraizamento do território em favor de um modo de vida nômade sustentado por uma nova crença na máquina e no progresso contínuo.

¹³⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2BUt49j> (Casa Vanna Venturi). Acesso em: 12 jul. 2020.

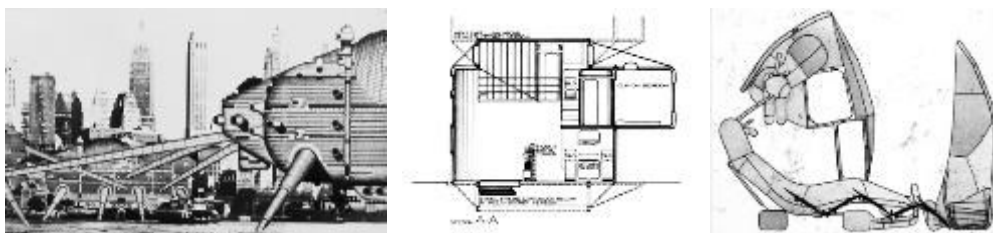
¹³⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3j26gFh> (Casa Sampietro). Acesso em: 12 jul. 2020.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3iPSLbw> (Casa III). Acesso em: 12 jul. 2020.

¹⁴¹ Disponível em: <https://bit.ly/38VG5el> (Casa-Estúdio Gwathmey). Acesso em: 12 jul. 2020.

¹⁴² Este grupo, inspirado pela estética da *Pop Art*, na iconografia da ficção científica e na postura das vanguardas, era composto pelos arquitetos britânicos Peter Cook, Dennis Crompton, Warren Chalk, David Greene, Ron Herron e Michael Webb. A revista *Archigram*, editada pelos membros do grupo entre 1961 e 1970, serviu de plataforma para veiculação das suas ideias e projetos.

Figura 39 - Cidade e habitações móveis - Archigram



Da esq. p/ dir.: *Walking Cities*, 1964; *Plug-in House*, 1965; *Chusicle + Suitaloon*, 1966-68.
 Fonte: *The Archigram Archival Project*.¹⁴³ (Adaptada pelo autor, 2020).

Por outro lado, o avanço ilimitado do modo de produção industrial e seus efeitos no meio ambiente suscitaram críticas no campo da arquitetura. Uma das mais significativas abordagens da arquitetura da casa no século XXI face ao território vem se consolidando no plano internacional desde os anos 1970, trata-se da corrente ecológica ou sustentável. Se na habitação vernacular a coesão ao território e as soluções climáticas passivas são fatores a ela inerentes; na vertente erudita essa sensibilidade ao meio é uma opção de projeto que em muitos casos é descurada pelo arquiteto em prol do formalismo midiático e outros fatores.

A chamada de atenção aos valores ecológicos da construção vernacular para a arquitetura erudita eclodiu no emblemático MoMA com a exposição e o respectivo livro/catálogo denominados *Architecture Without Architects* produzidos por Bernard Rudofsky em 1964, onde se buscou “[...] evidenciar a beleza, o senso comum, a capacidade de integração e permanência das tão diversas arquiteturas populares.” (MONTANER, 2017, p. 157).

Dentro dessa nova abordagem arquitetônica, que comumente resgata as tipologias bioclimáticas vernaculares, a casa se apresenta como uma plataforma de expressões contemporâneas onde os tradicionais pátios, palafitas e as formas escalonadas e semienterradas são reinterpretadas em prol da melhor adaptação do edifício ao terreno, à paisagem e ao clima, ocasionando a redução dos custos ambientais e energéticos da habitação (MONTANER, 2017, p. 161–162). Quanto à materialidade e aos processos construtivos, nota-se, nas arquiteturas contemporâneas de terra, o enquadramento aos apelos ecológicos pelo resgate a essa tectônica primitiva na formatação da casa, porém, em sintaxes que pouco remetem ao universo vernacular, conforme demonstrado por Ronald Rael em *Earth Architecture* (2009).

¹⁴³ Disponível em: <https://bit.ly/2OornTU>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Figura 40 - Casas contemporâneas de inspiração vernacular



Da esq. p/ dir.: Casa Lara Rios (Gijón, 2012) F451 Arquitectura; Casa Marika-Alderton (Eastern Arnhem Land, 1990-94); Glenn Murcutt; Casa na Gateira (Penela, 2009-14), Camarim Arquitectos; *Outhouse* (Gloucestershire, 2015), *Loyn & Co Architects*.
 Fontes: *ArchDaily*¹⁴⁴; Glenn Murcutt¹⁴⁵; Nelson Garrido¹⁴⁶; *Loyn & Co Architects*.¹⁴⁷
 (Adaptadas pelo autor, 2020).

Por fim, a demanda pela casa isolada unifamiliar na contemporaneidade ainda carrega o antigo ideal do habitar afastado dos inconvenientes atrelados à vida nas cidades ou metrópoles para as classes sociais abastadas, mantendo, assim, esse tradicional território como base de expressão da arquitetura erudita. Arquitetura, que se cria exatamente na especificidade territorial, isto é, nos atributos ambientais típicos do espraiamento suburbano das cidades, na diluição da urbanidade – muitas vezes em Condomínios Residenciais Horizontais Fechados (CRHFs) –, onde a baixa densidade do parque construído oferece pródigas áreas verdes e amplitude de paisagem (ANDRADE, 2016a, 2017).

Além disso, no texto *A Condição Contemporânea da Arquitetura* (2016), Montaner aponta que a ênfase no lugar nas formulações da arquitetura mantém-se viva na produção do século XXI nas correntes referenciadas na memória e no contextualismo urbano, no organicismo e na fenomenologia. Nesse sentido, nota-se que a arquitetura da casa permanece como importante laboratório para a manipulação de estratégias de projeto associadas ao legado tectônico e formal, à paisagem, aos sentidos humanos, e ao terreno.

Uma síntese da manipulação desses aspectos do lugar na arquitetura doméstica contemporânea pode ser observada na Casa Leymen (Haut-Rhin, 1996-97) de autoria do *atelier* Herzog & de Meuron e que está implantada numa encosta entre chalés convencionais de uma pequena vila francesa. Nessa obra, de forte apelo conceitual, exploram-se: a experiência tátil do concreto rústico e do acesso sobre piso de pedregulho; a imagem arquetípica da casa com sua atávica forma de telhado em

¹⁴⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2BQGYsV> (Casa Lara Rios). Acesso em: 08 jul. 2020.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2W19ChL> (Casa Marika-Alderton). Acesso em: 08 jul. 2020.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3e5rChi> (Casa na Gateira). Acesso em: 08 jul. 2020.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2VZRDS8> (*Outhouse*). Acesso em: 08 jul. 2020.

águas conjugado à chaminé; o volume monolítico com fenestração contida, referenciados na tradição; e os *pilotis* corbusianos reinterpretados, que elevam a casa sutilmente do solo e a promovem na paisagem. Opera-se, portanto, uma amálgama de conceitos arquitetônicos vinculados à memória, ao tato, e à paisagem, que conformam as linhas mestras de estruturação da casa sem saudosismo formal ou mimetismo ambiental.

Figura 41 - Casa Leymen: memória, tato e paisagem

Fonte: Margherita Spiluttini¹⁴⁸



¹⁴⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2CGh8Ik> (Casa Leymen). Acesso em: 15 jul. 2020.



Imagem;
Casa no Romeirão. AML.
Fonte: o autor, 2018.

5. A casa luso-brasileira e seus lugares

Nesta seção, também a enfatizar o sistema casa-lugar, delineamos um panorama das casas luso-brasileiras em duas escalas territoriais: as nacionais, que abrangem os dois países como um todo; e as regionais, que abordam o tema a partir dos epicentros culturais definidos pelas cidades de Lisboa e Belo Horizonte. Do ponto de vista cronológico, a experiência da casa luso-brasileira transcorre em dois períodos consecutivos. O primeiro é unilateral e diz respeito ao desenvolvimento exclusivo da casa portuguesa, que sobrevém a partir da Pré-História, assim como no restante da Europa, a par da ocupação humana desse território. O segundo período é bilateral e corre a partir do século XVI, quando o conhecimento dos modos de habitar português acumulado em solo Europeu, estendido ao Oriente e à Índia, será transferido e adaptado no Brasil por ocasião do início da colonização das terras na América do Sul. Relativamente ao curso histórico bilateral circunscrito a Lisboa e Belo Horizonte, consideramos seu começo a partir do início do século XVIII, correspondente às origens do Curral del Rei – povoado colonial sobre o qual se construiu a nova capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Portanto, a seguir, trataremos o assunto em três subseções distintas: *A casa tradicional portuguesa*; *A casa tradicional brasileira*, e; *A casa nas regiões de Lisboa e BH*.

5.1. A casa tradicional portuguesa

A construção do *habitat* português acumula um percurso histórico de milênios, ou seja, apresenta registros humanos de ocupação do seu território desde as pinturas parietais datadas do período Paleolítico (FERNANDES, 2006, p. 28).

Todas as culturas dos chamados Paleolítico Inferior, Paleolítico Médio, Paleolítico Superior e Mesolítico, com maior ou menor intensidade, se acham representadas em Portugal, o que demonstra uma evolução paralela à da demais Europa. (MARQUES, 1996, p. 13).

A partir do assentamento das primeiras comunidades agrícolas no Neolítico, cerca de 5.000 a.C., este território – que é o mais ocidental da Europa e que outrora foi considerado o finisterra – registrou a ocupação de povos celtas, fenícios, gregos, cartagineses, romanos e muçulmanos (MARQUES, 1996, p. 14–16). Observa-se, ainda, entre as ocupações romana e muçulmana, a presença dos povos oriundos das invasões bárbaras de origem germânica – suevos, visigodos e vândalos. Assim – desde as primitivas estruturas megalíticas para a “morada dos mortos”, as antas

(dólmenes); passando pelas casas redondas pré-urbanas dos celtas, os castros; pelas casas-pátio urbanas e as *villas* rurais da ocupação romana; pelas residências fortificadas medievais, os paços, e as casas urbanas em banda, os sobrados; até as casas senhoriais urbanas e rurais renascentistas, os solares; entre outras –, Portugal sedimentou em seu solo uma longa e variada cultura de arquitetura doméstica.

Figura 42 - Habitações tradicionais de Portugal



Da esq. p/ dir.: castro celta - Citânia de Briteiros (Salvador de Briteiros, II Idade do Ferro); casa-pátio - ruínas Casa de Cantaber (Condeixa-a-Velha, séc. III); Paço de Giela (séc. XIV-XVI); casa senhorial - Torre da Ribafria (Sintra, séc. XVI).
Fontes: João Miranda¹⁴⁹; AlbTotxo¹⁵⁰; Azevedo (1988).¹⁵¹ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Feito esse apanhado introdutório, segue-se uma síntese analítica da casa portuguesa a partir da Idade Moderna, época da chegada lusitana ao Brasil e que, portanto, assinala o arranque da coexistência histórica entre as duas nações. O enfoque desta análise, assim como na seção *Habitar, uma questão de Lugar*, é dado pelo sistema casa-lugar à escala da vizinhança imediata do objeto arquitetônico, bem como casa-território, em escala ampla.

Nesse sentido, antes mesmo de falar da casa em si, é importante pontuar a tipicidade das cidades portuguesas cristalizada em fins da Idade Média, que naturalmente é um fator imbricado à sua arquitetura. Nesse modelo português, o sentido de lugar e implantação da cidade é dado pela preferência da faixa litoral ou ribeira do território aliada a sítios altos e acidentados, que configuram uma ocupação dual, ou seja, uma parte de cidade alta de prevalência residencial e de memória defensiva, conjugada a uma faixa de cidade baixa, ligada às trocas comerciais portuárias de rio ou mar. (FERNANDES, 2006, p. 145).

Ainda conforme Fernandes (2006, p. 128), a tipologia da casa urbana assentada nessa cidade medieval persistirá em Portugal nos séculos XVI e XVII. Casas em banda

¹⁴⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3f2mE5g> (Citânia de Briteiros). Acesso em: 25 jul. 2020.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3hDktqL> (Casa de Cantaber). Acesso em: 25 jul. 2020.

¹⁵¹ Paço de Giela e Torre da Ribafria.

implantadas em lote estreito e comprido, térreo com loja, onde é patente a verticalidade da habitação na adoção de andares superiores e o intercâmbio com a envolvente operado apenas nas fachadas de frente e fundos. Cabe ressaltar os aspectos desse intercâmbio da casa urbana com a vizinhança, que contava com artifícios específicos, dos quais alguns se farão notar no Brasil:

Mesmo no espaço urbano, as casas estariam frequentemente de porta aberta e os vidros nas janelas não seriam frequentes no século XVII e no começo do seguinte [...]. Esta exposição era uma forma de dar claridade e arejamento a muitas habitações, mas tornava-as um espaço pouco recatado. No rés-do-chão das edificações de Lisboa haveria grades de madeira (treliças), que permitiam a quem estava dentro ver quem passava sem ser visto; nos andares seguintes a proteção mais comum seria a gelosia. [...] estes dispositivos em madeira seriam fundamentais para evitar que as pessoas do lado oposto da rua visse o que se passava no interior da habitação em frente. (OLIVAL, 2010, p. 250).

Figura 43 - Casas portuguesas urbanas e rurais, Idade Moderna



Da esq. p/ dir.: Casas em banda - Rua do Benfornoso (Lisboa, séc. XVII); Gelosias - Casa dos Crivos (Braga, séc. XVII-XVIII); Casa do Benfeito (Barcelos, séc. XVII);

Solar de Bertandos (Ponte de Lima, séc. XVIII);

Fontes: Ruas de Lisboa¹⁵²; Câmara Municipal de Braga¹⁵³; DGPC¹⁵⁴; Pedro Alexandre.¹⁵⁵
(Adaptadas pelo autor, 2020).

Os solares rurais e urbanos compõem uma rica amostragem tipológica da habitação em Portugal, cujo contributo investigativo sistemático coube ao pioneiro trabalho de Carlos Azevedo, publicado no livro *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1969 (1988). Com efeito, tratou-se de um complemento ao leque investigativo da habitação no território nacional, agora com foco na produção erudita, já que, conforme o próprio autor, àquela altura dispunha-se da *Arquitetura Popular em Portugal* (1961) e o estudo da arquitectura doméstica erudita ainda estava por fazer (AZEVEDO, 1988, p. 9). Efetivamente, tanto o estudo de Azevedo,

¹⁵² Disponível em: <https://bit.ly/2CUPJTI> (Casas em banda R. do Benfornoso). Acesso em: 25 jul. 2020.

¹⁵³ Disponível em: <https://bit.ly/2WZoSw0> (Gelosias - Casa dos Crivos). Acesso em: 25 jul. 2020.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://bit.ly/30lh2bk> (Casa do Benfeito). Acesso em: 25 jul. 2020.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://bit.ly/39uda1N> (Solar de Bertandos). Acesso em: 25 jul. 2020.

quanto os que vieram depois sobre esse tema, entre outros, são tributários de diretrizes investigativas lançadas por Raul Lino em *L'Évolution de l'Architecture Domestique au Portugal* (1937b).

Os solares rurais em Portugal, de inspiração renascentista, se afirmam a partir do século XVI como um “[...] ‘laboratório’ para uma prática de projeto que privilegia a sintonia do edifício com seu contexto cultural e natural.” (ANDRADE, 2017). Nessa conjuntura, as Quintas de Recreio ou casas de campo para vilegiatura, têm valor de destaque, uma vez que tal tipologia doméstica sedimentou no território um *modus operandi* de composição arquitetônica pautado pela articulação integral entre a casa, seus jardins e a paisagem circundante (PIRES, 2013). Já os nobres solares urbanos, ao contrário das tradicionais habitações adoçadas, se assentaram no lote, de modo a distender sua dimensão horizontal, alargando, assim, a interface da fachada do edifício, agora com vãos maiores, junto à rua e à paisagem urbana.

Outra referência a destacar na habitação tradicional é a arquitetura vernácula da casa popular no território rural português, dada a sua grande variedade formal, material e tectônica, decorrente das múltiplas geografias físicas e humanas, e também por ser esse – conforme Suzy de Mello (1985), Lucio Costa (2018a) e Carlos Lemos (1996) – o modelo de habitação que a maioria dos colonos lusitanos tinha em mente ao construir suas casas no Brasil.

Em Portugal, desde os fins do século XIX a arquitetura popular motivou estudos da geografia, antropologia, história, e, no campo da arquitetura, consolidou-se no século XX com as abordagens de Raul Lino e o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (FERNANDES, 2006, p. 100). O que se descortinou, sobretudo com o “Inquérito”, foi um diversificado repertório adaptativo da casa popular às nuances geográficas de Portugal. Assim, partindo da leitura dicotômica do território feita por Orlando Ribeiro no texto *Geografia e Civilização*, 1961 (2013) – que descreve uma “Civilização do Granito”, rígida, típica do Norte, e uma “Civilização do Barro”, maleável, ao sul do Tejo –, em meados do século XX, o “Inquérito” ampliou o leque das regionalidades e apresentou uma multiplicidade de modelos de casas que desconstruiu a pretérita ideia da Casa Portuguesa de feição singular (FERNANDES, 2006, p. 102).

A essa dicotomia territorial Norte-Sul, posteriormente, cumpre mencionar, José Manuel Fernandes ainda assinalou outra, a do Interior-Litoral, que remete à oposição

entre culturas de abertura e fechamento em relação ao meio e suas implicações na arquitetura, ora introspectiva e popular, ora expansiva e ilustrada:

[...] vê-se de novo no contraste do território entre um “Interior” agreste e ibérico, centrípeto e hispânico [...] e um “Litoral” convidativo, abrigado e soalheiro, com sentido “centrífugo” [...] como se vê na interpretação material dos modelos, patente no contraste entre o peso do “sentir vernáculo”, de uma tendência vulgarizadora e simplificante das formas e espaços, contra uma leitura erudita e mais elitista. (FERNANDES, 2006, p. 22)

Figura 44 - Casas populares tradicionais em Portugal



Da esq. p/ dir.: Casa sobradada com varanda aberta em Paul; Casa sobradada com varanda envidraçada em Sernancelhe; Casa de madeira (palheiro) em Mira; Casa caiada com chaminé alta em Bencatel; Casa caiada com terraço (açoteia) em Olhão.

Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal* (1961).

Com efeito, a par da pesquisa de campo segmentada em seis regiões coesas do território português entre 1955-60, o “Inquérito” catalogou os correspondentes modelos de habitação popular: no noroeste, as habitações sobradadas em granito e varandas de madeira com térreo para os animais; no nordeste, as aldeias do xisto com casas compactas de granito ou xisto aparentes sem chaminés; no centro interior (Beiras), também o modelo sobradado em pedra e avarandado, já com a presença de vidro para contenção dos ventos; na Estremadura litoral, revela-se uma mescla de soluções, casas em adobe e taipa, casas palheiras (em madeira), casas saloias (alvenaria calcária) rebocadas e caiadas; no Alentejo, a casa térrea branca com pequenos vãos emoldurados em cor, soltas na paisagem agreste e marcadas pelas grandes chaminés; no Algarve, as casas térreas caiadas com pequenas chaminés mouriscas, e os terraços (açoteias), as casas de serra com uma água de telhado, e as casas de telhados múltiplos dos subúrbios (FERNANDES, 2006, p. 103–104).

A materialidade autóctone dessas casas – as pedras, as cerâmicas e as madeiras, retiradas do próprio sítio –, bem como suas formas de cobertura e fenestração, são traços oriundos dos saberes populares ancestrais firmados na adequação pragmática do edificado ao uso do homem a partir das circunstâncias de

clima, terra e paisagem. E será exatamente essa arquitetura, segundo a professora mineira Suzy de Mello, que fincará suas raízes na empreitada colonial lusitana no Brasil a partir do século XVI. Para o colonizador dos trópicos, salienta Suzy, “[...] o vocabulário plástico das casas seria, basicamente, o da chamada ‘arquitetura popular’ portuguesa que, embora variando regionalmente, permaneceu como a fonte natural de inspiração para o que foi aqui construído até o final do século XVIII.” (MELLO, 1985, p. 93).

Mas não há somente o aspecto plástico a considerar nesse processo, a urgência adaptativa imposta pelo meio selvagem sul-americano exigiu, deste novo habitante, mais do que nunca, o seu pragmático *modus operandi* vernacular, para seleção e manipulação de sítios, materiais e técnicas construtivas. Assim sendo, a título de remate, segue a assertiva de Luís Saia, destacada do texto *Origens da Casa Brasileira*, 1936 (2014), onde o autor bem tipifica a conduta do colono lusitano na tarefa de erguer sua morada no além-mar:

[...] aproveitou-se da sua experiência no reino dentro, naturalmente, do quadro dos seus conhecimentos; resolvendo a casa brasileira, na parte da sua estrutura plástica externa segundo o que conhecia da casa portuguesa, e principalmente por um instinto muito agudo de adaptação às condições mesológicas, no tratamento das peças e na orientação da planta [...] (2014, p. 172).

5.2. A casa tradicional brasileira

A casa tradicional brasileira – fruto do traslado e adaptação da cultura arquitetônica lusitana ao meio tropical¹⁵⁶ –, antes mesmo dos estudos pós-coloniais antropológicos, sociológicos, historiográficos e arquitetônicos, foi objeto do olhar de artistas viajantes estrangeiros que legaram valiosos registros de época em desenhos e pinturas de paisagens urbanas e construções avulsas. Artistas, que, muitas vezes, aportaram no Brasil em missões artísticas e científicas de exploração naturalista, étnica e social do Novo Mundo sul-americano. Dentre esses, cabe destacar: o holandês Frans Post, 1637 a 1644; os portugueses Joaquim José Codina e José

¹⁵⁶ Sylvio de Vasconcellos (1983, p. 37) pondera que a arquitetura colonial não é propriamente brasileira, o autor a classifica como uma arquitetura reinol adaptada a um meio natural marcado pela “falta de tradições locais imposta pela ausência de civilizações pré-cabralinas”, fatores que lhe conferem um caráter luso-brasileiro. Já Carlos Lemos (1996, p. 13), afirma que a arquitetura da casa brasileira é lusitana somente na aparência e nas técnicas, posto que os contributos indígenas e negros a diferenciem da reinol.

Joaquim Freire, 1783 a 1790; o austríaco Thomas Ender, em 1817; os franceses Nicolas Antoine Taunay, 1816 a 1821, e Jean-Baptiste Debret, 1816 a 1831. Nessa iconografia, fica patente a potência do meio natural em relação ao artefato arquitetônico, cujo grande desafio é engendrar civilização na paisagem agreste soberana. Em *O Homem e a Paisagem*, José Lins do Rego enfatiza que, desde sempre, a paisagem tropical e tudo de ameaçador que dela pudesse vir fora atemorizante ao colonizador, “Era preciso, portanto, viver em permanente luta com a paisagem, que nos enchia de terror. A casa brasileira, no princípio, não foi uma morada, mas uma espécie de trincheira.” (REGO, 2003, p. 294).

Figura 45 - Casas brasileiras por artistas viajantes



Da esq. p/ dir.: Casa de engenho (Pernambuco, 1647), por Frans Post; Residência de governador (Pará, 1784), por José Codina; Residência de campo (Rio de Janeiro, 1817-18), por Thomas Ender; Casa de Debret (Rio de Janeiro, 1817), por Debret.
Fontes: Itaú Cultural¹⁵⁷; Biblioteca Nacional¹⁵⁸; E-biografia.¹⁵⁹ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Nessa perspectiva, Luís Saia define a origem da casa colonial brasileira como artefato de uma civilização campesina, “A arquitetura brasileira nos primeiros séculos da colônia é sobretudo rural. [...] Essa fisionomia rural da habitação brasileira atravessa toda a colônia.” (SAIA, 2014, p. 170–174). Com efeito, numa economia exploratória do tipo *plantation* – calcada no latifúndio, mão de obra escrava e monocultura –, a Casa Grande do senhor de engenho de açúcar se firmou como a “[...] primeira forma consolidada de moradia do colonizador.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 22). Ressalve-se que, segundo Suzy de Mello, no século XVIII a economia do ouro em Minas Gerais produziu a primeira civilização essencialmente urbana no país (MELLO, 1985, p. 68–70).

Seja como for, um dos elementos comuns às casas coloniais rural e urbana é o caráter da sua criação, essencialmente vernacular, caldeado nos conhecimentos construtivos e tradições de morar dos portugueses oriundos de várias regiões,

¹⁵⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2X715uh> (Casa de engenho); <https://bit.ly/3f5hDjf> (Residência de campo). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3g3ovYZ> (Residência de governador). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3jSA1Jc> (Casa de Debret). Acesso em: 28 jul. 2020.

incluindo suas experiências na Índia e no Oriente, dos índios e dos africanos, esses, como operadores essenciais ao funcionamento dessas moradias (LEMOS, 1996, p. 11).

A concorrer para o traço popular da casa colonial, vale lembrar, o início da formação oficial de arquitetos no Brasil ocorrerá somente no século XIX. Até então, ao longo de três séculos, o que havia de projeto destinava-se basicamente à arquitetura oficial, sobretudo a militar, e religiosa. Ademais, José Wasth Rodrigues pondera sobre a escassa expressão da casa erudita nesse período, “Faltou entre nós, o palácio, a casa apalaçada e, mesmo o solar ou quinta com estrutura e requinte arquitetônicos.” (RODRIGUES, 1944, n.p.).

Em se tratando do modo de implantação e inserção na paisagem, podemos destacar dois modelos opostos na arquitetura rural tradicional brasileira: a Casa Grande, imponente e elevada do chão; e a Casa Bandeirista, de feição contida, horizontal e agarrada ao terreno.

A Casa Grande, originada nos engenhos de açúcar, se firmou arquitetonicamente como uma “máquina” para dominar a paisagem circundante, criar defesa às ameaças externas e controlar o clima inclemente. Não obstante às muitas variações formais na disseminação desse modelo em parte do território brasileiro, a varanda que abranda o calor tropical, que serve de vigilância e transição entre o exterior-interior; a implantação em topo de sítio; a solidez de fortaleza; e as técnicas telúricas (pedra, taipa de pilão, adobe, pau-a-pique, telhas de barro), são elementos de destaque dessa arquitetura doméstica rural.

Já a Casa Bandeirista, moradia típica da ocupação colonial do atual estado de São Paulo, é uma tipologia resultante de extrema economia de meios materiais e formais – fator que não implica menor qualidade expressiva –, bem como da adaptação ao ambiente, modelo que perdurou por mais de dois séculos nessa região. A horizontalidade chã e a notável “saúde plástica” advinda do “[...] acerto das proporções e [...] ausência de artifícios [...]” típica da arquitetura popular portuguesa, segundo Costa (2018a, p. 452), são os elementos que logo se destacam nessa habitação de fusão cultural, lusa e indígena. A faixa frontal dessa casa – quarto de hóspede, varanda entalada e capela – compõe um filtro ao mundo exterior e um aparato de transição à privacidade doméstica, que é reforçada pela notável contenção dos vãos. Aqui, o aspecto de defesa e introversão da Casa Bandeirista se revela e é

acentuado pelas espessas paredes de taipa de pilão. A vigorosa racionalidade da planta e da caixa mural, acentuada pela brancura da cal, denota a vigência do apreço português “[...] pelas formas simples e concretas, pelos programas de pequena dimensão [...]” (FERNANDES, 2006, p. 47). Tal formatação, delineada pelas imposições do barro e da madeira, permite uma firme inserção da Casa Bandeirista na paisagem, porém, sem arroubos de imponência.

Figura 46 - Casa coloniais rurais no Brasil: Casa Grande e Casa Bandeirista



Da esq. p/ dir.: Casa Grande do Engenho Freguesia (Bahia, séc. XVII); Casa Grande da Fazenda Colubandê (Rio de Janeiro, séc. XVII); Casa Bandeirista do Padre Inácio (São Paulo, séc. XVII); Casa Bandeirista do Mandu (São Paulo, séc. XVII).
Fontes: Fabrício Cruz¹⁶⁰; Daniel Picapau¹⁶¹; IPHAN¹⁶²; Casas Bandeiristas.¹⁶³
(Adaptadas pelo autor 2020).

Quanto à casa urbana tradicional brasileira, essencialmente, foram dois modelos que se firmaram de norte a sul do território: a casa térrea e o sobrado. Tipologias que apresentaram longa permanência nas paisagens urbanas brasileiras, marcando a imagem das cidades no curso de três séculos (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 22). Aqui, verifica-se a noção de perenidade tipológica e formal peculiares à arquitetura residencial enunciada por Viollet-le-Duc no século XIX: “Na arte da arquitetura, a casa é certamente o que melhor caracteriza os costumes, gostos e usos de uma população; sua ordem, como suas distribuições, muda apenas em longo prazo [...]”¹⁶⁴ (VIOLLET-LE-DUC, 1854, p. 214).

¹⁶⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3gjsUHq> (Engenho Freguesia). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁶¹ Disponível em: <https://bit.ly/33e1AXb> (Fazenda Colubandê). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁶² Disponível em: <https://bit.ly/3i00VNr> (Casa Padre Inácio). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁶³ Disponível em: <https://bit.ly/3hURQVX> (Casa Padre Inácio). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁶⁴ Tradução nossa de: *Dans l'art de l'architecture, la maison est certainement ce qui caractérise le mieux les mœurs, les goûts et les usages d'une population ; son ordonnance, comme ses distributions, ne se modifie qu'à la longue [...]*.

Figura 47 - Casas térreas e sobrados, Brasil



Esquerda: casas térreas coloniais em Paraty, Rio de Janeiro;
 Direita: sobrados coloniais em Ouro Preto, Minas Gerais.
 Fontes: Itamaraty Brasil¹⁶⁵, Marden Couto.¹⁶⁶ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Uma vez superados os desbravamentos do território e as nossas mestiças “cabanas primitivas” (ranchos e tejudabas) – simples abrigos de paus roliços, barro e palha –, a casa térrea caracteriza o momento inicial de estabilização dos primeiros povoados. Alinhada ao arruamento, normalmente adojada à vizinha – inserida em traçados urbanos orgânicos e/ou reticulares de origem portuguesa medievo-renascentistas (REIS FILHO, 1968) –, suas fachadas de frente e fundos, assim como em Portugal, são as fronteiras de contato do edifício com a rua e o quintal. O corredor longitudinal, espécie de rua interna que atravessa toda a extensão da casa, surge numa porta na via pública, atravessa a sala frontal, as alcovas intermédias e a chamada sala de viver, até desembocar no quintal, configurando o elo de articulação entre o espaço mais social, a sala frontal, aos mais privados da habitação colonial, demais cômodos e quintal. Espaços de apoio, como cozinha e senzala, eram instalados anexos ao corpo principal da casa ou no quintal.

O desenvolvimento econômico das cidades coloniais e o consequente adensamento populacional induziram à redução da largura da fachada para a rua, o gradativo aumento da quantidade e tamanho dos vãos, e a verticalização da casa através de pavimentos assobradados. Esse modelo de implantação se firmou como padrão no território brasileiro. A esse respeito, em meados do século XIX, o engenheiro viajante francês Louis Léger Vauthier pontuou:

[...] que serão essas construções alongadas, que não recebem ar e luz senão pelas duas extremidades? Essa forma rígida, esse tipo único, comprimido na largura, não se presta nada [...] a uma grande variedade de disposições internas. **Assim, quem viu uma casa brasileira, viu quase todas.** (VAUTHIER, 1943, p. 143, grifo nosso).

¹⁶⁵ Disponível em: <https://bit.ly/33sn6I9> (casas térreas em Paraty). Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2EGEaj2> (sobrados em Ouro Preto). Acesso em: 28 jul. 2020.

A partir da saturação populacional das vilas e cidades coloniais, a arquitetura vertical ou horizontal das casas passou a refletir a estratificação social, “[...] fazendo com que as casas térreas dos primeiros tempos configurassem pobreza [...], enquanto os sobrados eram identificados com a riqueza e o poder.” (MELLO, 1985, p. 100). A respeito da evolução dos vãos das fachadas da casa colonial, Lucio Costa o esquematizou no emblemático croqui de *Documentação Necessária* de 1937.

Figura 48 - Evolução de vãos, fachadas coloniais



Fonte: Lucio Costa (1937). (Adaptada pelo autor, 2020).

Na obra *Quadro da Arquitetura no Brasil*, 1970 (2000), o professor Nestor Goulart Reis Filho faz um estudo da evolução da casa brasileira do período colonial até o século XX. Essa obra oferece um contributo peculiar e de especial interesse para o foco desta investigação, uma vez que trata da análise evolutiva dos tipos habitacionais urbanos através da sua relação com o lote e o chão, bem como aos tipos de parcelamento urbano.

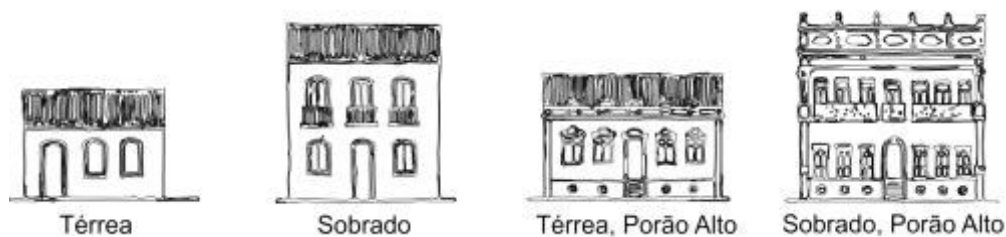
Assim, as casas de frente de rua, do período colonial, cujas raízes remontam às cidades medievo-renascentistas da Europa, ou as casas de porão habitável com jardins do lado, características do século XIX [...], são conjuntos tão coerentes que não é possível descrevê-los completamente sem fazer referência à forma de sua implantação. (REIS FILHO, 2000, p. 16).

O conjunto de fachadas, ou o plano marginal, era o elemento definidor da rua, seu espaço e sua feição, segundo Reis Filho, uma vez que, nesse período, não havia possibilidade de rua sem as fronteiras definidas pelo casario (2000, p. 24). As fachadas do casario colonial constituem, assim, um forte elemento formador da paisagem urbana. Com efeito, Suzy de Mello pontua que, a par dos atributos da arquitetura doméstica tradicional brasileira, “[...] são nossos conjuntos urbanos coloniais tão harmoniosos, belos e agradáveis [...]” (MELLO, 1985, p. 101).

O esquema de ocupação do lote colonial persistiu até fins do século XVIII, quando, a par de maiores intercâmbios com a Europa, houve a introdução do porão alto, elemento que permite elevação da casa térrea ou sobrado do nível da rua (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 23). Na segunda metade do século XIX, constata-se o

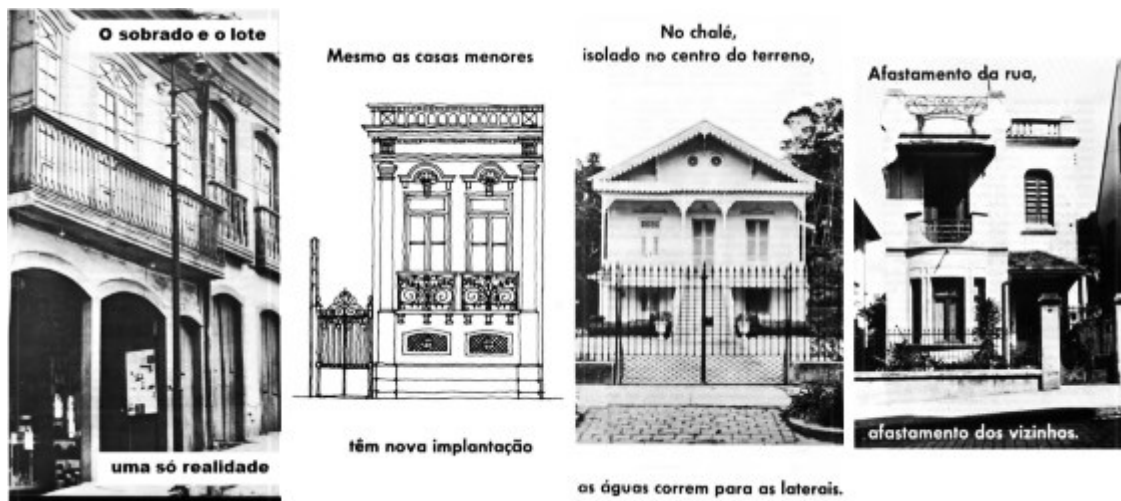
afastamento de uma das laterais da casa em relação à divisa, possibilitando jardins laterais e aumento do contato social e visual da moradia com o exterior pela inserção de janelas numa nova fachada livre e o aumento das frontais: “A sala principal, antes fechada, abre-se para o espaço externo através de amplas e arejadas janelas, articulando-se com o alpendre-corredor lateral que permite comunicação direta com o jardim.” (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 62). Em seu livro, Reis Filho (2000) ilustra bem o duplo movimento na arquitetura da casa tradicional brasileira que alterou sua relação como o lote e o chão, quais sejam, a verticalização do edifício através do pavimento sobrado e/ou porão alto (Figura 49), e a liberação do volume construído em relação às suas divisas (Figura 50) – fatores que ampliaram as perspectivas visuais e espaciais de interação da habitação com a sua envolvente.

Figura 49 - Evolução da verticalização das fachadas



Fonte: Reis Filho (2000). (Adaptada pelo autor, 2020).

Figura 50 - Evolução dos afastamentos da casa face às divisas



Páginas do livro *Quadro da Arquitetura no Brasil* (2000). Da esq. p/ dir.: Sobrado urbano sem afastamentos lateral e frontal (séc. XVII-XVIII); Casa urbana com um afastamento lateral (séc. XIX); Chalé suburbano com afastamentos nas quatro divisas do lote (séc. XX); Casa urbana com afastamentos nas quatro divisas do lote (séc. XX). Fonte: Reis Filho (2000).

Na viragem do século XIX para o XX, ocorre a “[...] primeira etapa de liberação da arquitetura em relação aos limites do lote”, ainda em lotes estreitos, cuja posterior evolução se efetivou com o aumento da largura dos lotes conjugada à incorporação da planta livre – fator que ampliou as possibilidades de arranjo do edifício com as divisas e a “[...] reconciliação da habitação com a paisagem [...]” (REIS FILHO, 2000, p. 90).

Por fim, importante salientar, a varanda frontal, filtro social e climático muito presente na arquitetura da casa rural, não é um elemento comum na casa urbana do período colonial. Na casa da cidade, a sala de viver ou varanda, destinada ao convívio familiar, fica nos fundos, distante das vistas dos passantes da via pública (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 32). No pavimento assobradado, onde a sala frontal é franqueada às mulheres (diferentemente da sala frontal térrea), foi muito comum o uso de muxarabis ou rótulas como artifício que permite observar o mundo externo e não ser visto do lado de fora. Nesse sentido, a sala frontal da casa, rente à rua, espaço mais ligado ao homem, cumpre o papel de filtro social e promove a transição entre o público e o privado. A chamada sala de viver ou varanda, mais ligada às mulheres e à criadagem, faz a interface da casa com o espaço externo privativo, o quintal – área livre cercada aos moldes de um pátio.

Figura 51 - Muxarabi colonial remanescente

Sobrado em Diamantina, Minas Gerais.
Fonte: José Israel Abrantes.¹⁶⁷
(Adaptada pelo autor, 2020).



5.3. A casa nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte

O início do século XVIII marca o começo da história comum aos dois territórios de estudo desta tese. A colonização das terras hoje ocupadas pela cidade de Belo Horizonte – o povoado do Curral del Rei – insere-se no ciclo colonial da economia do ouro em Minas Gerais. Efetivamente, o arraial esteve sujeito às diretrizes da

¹⁶⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2Djn6iQ>. Acesso em: 02 ago. 2020.

metrópole, Lisboa, por mais de um século: entre o ano de 1711¹⁶⁸ e o ano da proclamação da independência do Brasil, 1822.

Nesta seção, apontaremos os modos de morar nessas duas regiões, tendo como enfoque de análise o referido sistema casa-lugar, considerando não só o período de história comum, mas também o período pós-colonial, posto que nossa investigação incide sobre o século XXI.

Sendo assim, destacaremos nos tópicos seguintes os principais aspectos acerca das relações entre a casa e o lugar nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte conforme a seguinte marcação periódica: morar pré-moderno, séculos XVIII, XIX e início do XX; morar moderno, do início do século XX até os anos 1970; morar pós-moderno, entre os anos 1980 e 1990; e o morar contemporâneo, no século XXI.

5.3.1. Morar pré-moderno

No final do século XVII, o intenso desbravamento do território montanhoso das Minas Gerais pelos bandeirantes paulistas em busca de metais preciosos abriu uma rede de caminhos e estradas onde, em vários trechos e entroncamentos, se estabeleceram povoações decorrentes da descoberta e exploração do ouro ou vinculadas a atividades complementares ao sistema econômico e social minerador. As cidades mineiras coloniais nasceram e se estruturaram ao longo desses caminhos que serpenteavam o território em busca do melhor fluxo para pessoas, cargas e animais.

Assim, em 1701, na região central de Minas Gerais surgiu o arraial do Curral del Rei¹⁶⁹, que se desenvolveu como um povoado dedicado à produção agropecuária, ao comércio, e entreposto de gado que serviam aos núcleos urbanos mineradores próximos ligados à bacia do rio das Velhas, tais como: Sabará, Caeté, Santa Luzia, e Nova Lima¹⁷⁰ – todos surgidos entre fins do século XVII e início do XVIII. Conforme o historiador Abílio Barreto, 1928 (1996), desde sua origem, o arraial do Curral del Rei se estabeleceu: “[...] como um dos mais providos celeiros de cereais que abasteciam as grandes minerações da zona do rio das Velhas [...]” (1996, p. 112).

¹⁶⁸ Ano da carta de sesmaria do governador da capitania de São Paulo e Minas do Ouro, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a João Leite da Silva Ortiz, estabelecido desde 1701 na fazenda do Cercado – núcleo originário de Curral del Rei (BARRETO, 1996).

¹⁶⁹ Mais tarde, o advento da República ensejou à freguesia do Curral del Rei, então pertencente ao município de Sabará, mudar sua denominação. Em 1890, a localidade passou a se chamar Belo Horizonte (BARRETO, 1996, p. 232).

¹⁷⁰ Cidades inseridas num raio de 30 km a partir de Belo Horizonte e que, hoje, integram a RMBH.

Destarte, no período pré-moderno, o morar tipicamente rural do Curral del Rei, espraiado no território, naturalmente, foi a antítese do morar urbano das cidades mineradoras da região, cujo adocçamento edilício foi pujante. Contudo, a dicotomia entre rural-urbano aqui é mais acentuada, onde, num tipo de assentamento, natureza e artifício se entrelaçam; e noutra, se apartam enfaticamente. Sylvio de Vasconcellos pondera que as cidades mineiras do ciclo do ouro “Tendem a centripetar o agrupamento humano e não difundi-lo. O trecho urbano é compacto, cresce por compactação, e não se esgarça perifericamente.” (1968, p. 84).

No arraial do Curral del Rei, de arruamento espontâneo, casas térreas muitas vezes espaçadas entre si por amplos quintais nos fundos e comumente nas laterais, integravam-se de modo orgânico ao relevo e à paisagem. Segundo Pederzoli, Julião e Passos (1997, p. 15), nesse arraial “O traçado irregular tinha aspecto de um assentamento aleatório, cujas construções pareciam um prolongamento da natureza, espalhadas ao sabor dos caminhos e topografia [...]”. Assim, no Curral del Rei prevalece a horizontalidade das casas térreas com suas fachadas alongadas junto às ruas, e nas cidades vizinhas, ao contrário, observa-se o predomínio da verticalidade dos sobrados com suas fachadas estreitas e altas.

Figura 52 - Morar urbano e rural setecentista, Curral del Rei e região



Da esq. p/ dir.: Rua de Sabará, Curral del Rei ; Rua Direita de Sabará, centro histórico; Rua Direita de Santa Luzia, centro histórico. Fontes: Acervo CCNC¹⁷¹; Sabará Notícias¹⁷²; Bernardo Gouvêa.¹⁷³ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Em Minas Gerais, o sistema estrutural de madeira – a chamada gaiola pombalina, oriunda do modo construtivo de reconstrução da baixa de Lisboa pós-terremoto de 1755 – foi adaptado como solução para a boa acomodação do casario ao relevo montanhoso comumente encontrado em suas vilas e arraiais

¹⁷¹ Disponível em: <https://bit.ly/31h78hS> (Rua de Sabará, Curral del Rei). Acesso em 17 set. 2020.

¹⁷² Disponível em: <https://bit.ly/2FFIkBW> (Rua Direita, Sabará). Acesso em 17 set. 2020.

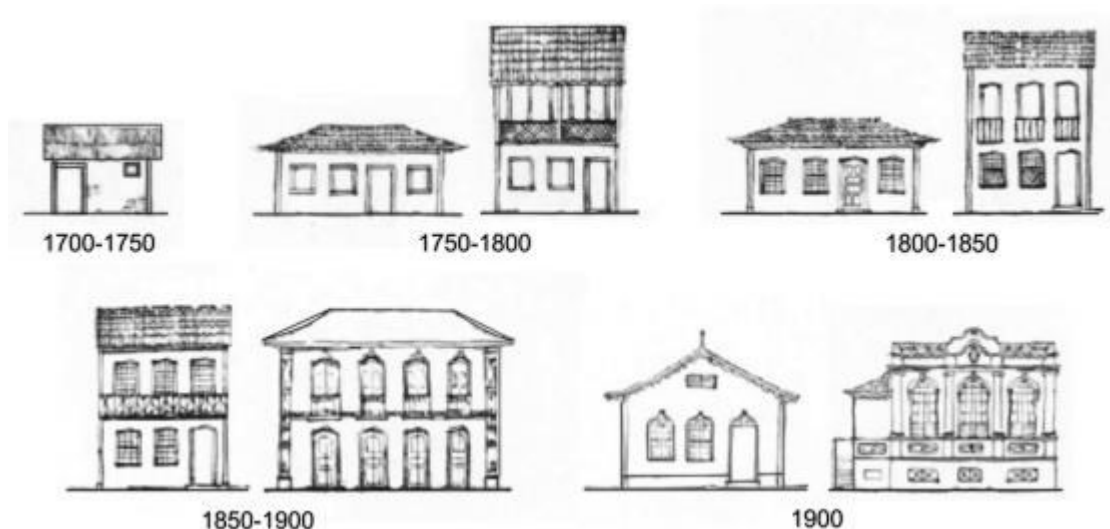
¹⁷³ Disponível em: <https://bit.ly/3ob0kwi> (Rua Direita, Santa Luzia). Acesso em 17 set. 2020.

(LEMOS, 1996, p. 43). Carlos Lemos afirma, “A Arquitetura mineira sempre teve essa característica: respeitar o perfil natural do terreno [...]” (1996, p. 43).

Contudo, a rápida ocupação do território, materializada no exuberante desenvolvimento da arquitetura mineira, sobretudo a religiosa, estagnou-se com o esgotamento do ouro em fins do século XVIII, e Sylvio de Vasconcellos disse mesmo que o século XIX inexistiu nessas paragens, “Nas Minas do esplendor do ouro sucede o ensimesmamento estéril do Século XIX. As Minas adormecem [...]” (VASCONCELLOS, 1968, p. 39). Assim, a feição arquitetônica da habitação no Curral del Rei do século XIX manteve-se conforme sua gênese setecentista – agarrada ao chão na prevalência das casas térreas entremeadas por quintais.

Os desenhos feitos por Sylvio de Vasconcellos para ilustrar a evolução da casa em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XX – além de oferecerem uma visão dos tipos horizontes (casas térreas) e verticais (sobrados), e seus modos de fenestração – demonstram que, no período colonial e imperial, a casa mineira apresentou grande estabilidade formal. Aqui, o costume lusitano de preservar as formas arquitetônicas já experimentadas e conhecidas é patente.

Figura 53 - Evolução da casa em Minas Gerais, 1700-1900



Fonte: Vasconcellos, 1946 (1999). (Adaptada pelo autor, 2020).

No século XVIII, época do florescimento do Curral del Rei e de suas localidades vizinhas, Lisboa já era cidade consolidada há séculos, como bem disse Keil do Amaral: “Comerciantes fenícios e cartagineses, colonizadores romanos, guerreiros e agricultores visigodos e árabes – e depois os portugueses –, viram crescer o burgo

que deveria tornar-se a capital do reino em 1295.” (AMARAL, 1969, p. 13). Tal como transplantado para as urbes de Minas Gerais, o modo de implantação do casario e dos arruamentos na capital portuguesa se acomodavam organicamente à topografia acidentada do território – Lisboa é conhecida como a cidade sobre sete colinas.

Contudo, neste mesmo século XVIII, Lisboa assistirá a uma inflexão no seu modo tradicional de dispor a cidade e seus edifícios no território após o grande terremoto que destruiu a maior parte da cidade em 1755. O plano de reconstrução da Baixa de Lisboa, favorecido pela topografia aplanada após a catástrofe, irá quebrar a feição orgânica da cidade. Na Baixa Pombalina, petrifica-se, em grande escala, o ideário iluminista através da racionalidade do traçado urbano reticular e a austeridade de uma arquitetura pragmática destinada à habitação e ao comércio marcada pela “[...] regularidade e repetição das fachadas, a standardização de vãos e elementos construtivos e a altura uniforme dos edifícios.” (LAMAS, 1993, p. 190).

Figura 54 - Lisboa, assentamentos orgânico e cartesiano



Esq.: Alfama, o bairro mais antigo. Dir.: Baixa de Lisboa, reconstruída no séc. XVIII.
Fontes: Miguel Vieira¹⁷⁴; Notícias ao Minuto.¹⁷⁵ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Os edifícios da Baixa Pombalina, embora inovadores no arranjo com duas habitações por piso e escada central, seguem um esquema tradicional: unidades em banda, alinhadas às ruas e formando o quarteirão; lojas no rés do chão; e habitações nos pavimentos superiores. Essa tipologia de habitação – que irá se espalhar pelas cidades portuguesas no Setecentos – é uma mescla original das tradicionais casas estreitas e altas do lote medieval com os solares horizontais, e também dos conhecidos sistemas construtivos da alvenaria com a estrutura de madeira, as “gaiolas” (FERNANDES, 2006, p. 129).

¹⁷⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2T7V7XL> (Alfama). Acesso em: 18 set. 2020.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://bit.ly/31ITM41> (Baixa de Lisboa). Acesso em: 18 set. 2020.

Por outro lado, a arquitetura da casa nobre no Setecentos, segundo Carlos de Azevedo (1988, p. 66–71), é um culminar evolutivo de manifesto “carácter português”, na qual se destacam a horizontalidade alongada do edifício, que visa à estabilidade e à integração da arquitetura com os jardins. Na região de Lisboa, diferentemente do Norte, a casa nobre não se influenciou pelo Barroco e manteve o comedimento renascentista (AZEVEDO, 1988, p. 89).

Figura 55 - Casas nobres setecentista, Lisboa e região



Esq.: Casa da Junqueira (Lisboa, séc. XVIII), António Canevari.
 Dir.: Casa do Correio-Mor (Oeiras, séc. XVIII), Carlos Mardel.
 Fontes: Mário Novais¹⁷⁶; A Casa Senhorial.¹⁷⁷ (Adaptadas pelo autor, 2020).

A partir do século XVII e, sobretudo no XIX, o crescimento demográfico de Lisboa induz as classes abastadas da cidade a estabelecer nos subúrbios suas casas de férias ou mesmo de habitação. Aqui, o ideal romântico de morar em meio à natureza, no usufruto de mares e serras, materializa-se nas sofisticadas quintas aristocráticas erguidas nos subúrbios de Lisboa, em Sintra e nas casas de veraneio em Cascais.

Por fim, cumpre lembrar, entre meados do século XVIII e durante o século XIX, processa-se a separação entre os domínios público e privado nas moradias portuguesas: “[...] a casa passou a ser considerada como uma espécie de ‘muro da vida privada’ ou ‘reduto da intimidade’ [...]” (CASCÃO, 2011, p. 22).

O século XX desponta nas duas cidades núcleo deste estudo com modos antagônicos de tratar suas preexistências no assentamento das ideias de morar em seus territórios – continuidade e ruptura com o passado caracterizam tal dicotomia. Enquanto Lisboa vislumbra sua modernidade com uma visão culturalista que pressupõe a tradição, tendo em Raul Lino o seu grande porta-voz; a nascente cidade

¹⁷⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2HezRNs> (Casa da Junqueira). Acesso em: 18 set. 2020.

¹⁷⁷ Disponível em: <https://bit.ly/37h5h0j> (Casa do Correio-Mor). Acesso em: 18 set. 2020.

de Belo Horizonte elimina da sua paisagem as marcas do seu passado colonial e imperial pela demolição do velho arraial tomado para a sua construção.

Na alvorada do Novecentos, Belo Horizonte, fundada em 1897, desponta no mapa de Minas Gerais com uma paisagem ainda marcada pela demolição do povoado de origem colonial, que criou lugares vazios com seus escombros, paulatinamente reocupados pela construção dos novos edifícios e a urbanização em curso. Suas primeiras casas abandonam a tradição construtiva colonial dos antigos mestres portugueses e assentam a modernidade vigente através da afirmação eclética nas fachadas com o importado e cosmopolita estilo *Beaux-Arts* francês. Fachadas que, além de representar o espírito de progresso da época, quanto mais ornamentadas e fenestradas fossem, melhor a posição social dos seus moradores (ANDRADE, 2018).

Nesse novo modelo arquitetônico, a casa é afastada das divisas laterais e dos fundos do lote, oferecendo assim mais fachadas para janelas e portas, portanto, mais contatos visuais com a envolvente. O porão alto é um recurso comumente utilizado que possibilita a elevação do edifício do terreno em prol de imponência e certo distanciamento do burburinho da rua.

Figura 56 - BH, cidade em construção, casario Eclético



Esquerda: Cidade em construção, Avenida João Pinheiro, (BH, 1905).
 Centro: Casa urbana, sobrado Márcio Alves Ferreira (BH, 1912), José Lapertosa.
 Direita: Casa de subúrbio, Bairro Floresta (BH, 1922), Octaviano Lapertosa.
 Fontes: FAFICH-UFMG¹⁷⁸; ARQ-BH.^{179, 180} (Adaptadas pelo autor, 2020).

Em Lisboa, no início do Novecentos, em sentido contrário ao modo de abordar o lugar em BH, o arquiteto Raul Lino constrói em textos e edifícios uma narrativa de deferência às paisagens e à cultura arquitetônica preexistentes na concepção do projeto doméstico, cujo legado à arquitetura portuguesa será notável pelo seu modo de abordar o sítio. As casas da primeira fase da obra de Lino denotam um sofisticado

¹⁷⁸ Disponível em: <https://bit.ly/31qu2DF> (Av. João Pinheiro). Acesso em: 20 set. 2020.

¹⁷⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3dGN2ma> (Sobrado Márcio Alves Ferreira). Acesso em: 20 set. 2020.

¹⁸⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2TddcUo> (Casa de subúrbio, Bairro Floresta). Acesso em: 20 set. 2020.

senso de leitura do lugar onde a paisagem e a tradição vernacular portuguesa convergem ao desenho arquitetônico em moradias de Lisboa e, sobretudo, nos seus arredores. Um dos projetos paradigmáticos desta fase é a Casa de Santa Maria, construída em Cascais:

A leitura do arquiteto da condição peculiar do sítio – escassez de chão e amplitude de paisagem – o levou a desenvolver uma proposta também peculiar. [...] A solução assobradada desenhada para a Casa de Santa Maria também responde às condições do lugar, a qual permite o encaixe preciso da planta no terreno, assim como a ampliação do usufruto visual do entorno através de fenestração distribuídas em dois pavimentos. (ANDRADE, 2017, p. 5–6).

Figura 57 - Casas de Raul Lino, tradição e paisagem: Lisboa e região



Da esq. p/ dir.: Casa de Santa Maria (Cascais 1902-18);

Casa da Quinta da Comenda (Setúbal, 1903); Casa Elisa Vaz (Lisboa, 1912).

Fontes: Câmara de Cascais¹⁸¹; Trigueiros e Sat (2003).¹⁸² (Adaptadas pelo autor, 2020).

Dessa fase, podemos destacar, ainda: a casa da Quinta da Comenda, em Setúbal, que se eleva em maneira de torre medieval sobre o terreno e conquista as paisagens envolventes de mar, rio e serra junto ao estuário do Sado; e, na malha urbana de Lisboa, a Casa Elisa Vaz, onde a modernidade – anunciada em suas linhas retas e volume destacado das divisas com jardins – mescla-se aos códigos estéticos da tradição pombalina e popular.

Sendo uma das figuras de proa no Movimento da Casa Portuguesa, os livros e as obras de Raul Lino terão contribuído para a formatação da arquitetura Neocolonial no Brasil, cuja expressão far-se-á notável na produção da casa em Belo Horizonte, sobretudo nos anos 1930 (ANDRADE, 2018, p. 95). O anseio pela afirmação nacionalista na arquitetura da casa, lastreada nas “genuínas” tradições luso-brasileiras e em combate ao Ecletismo internacional vigente, sustenta ambas as correntes.

¹⁸¹ Disponível em: <https://bit.ly/2H8MsSD> (Casa da Quinta da Comenda). Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁸² Casa da Quinta da Comenda e Casa Elisa Vaz.

Por fim, as capitais de Minas Gerais e Portugal manifestaram, entre os anos 1930-40, um paralelismo quanto ao acolhimento de influências internacionais, tais como o *Art Déco*, nas quais se observa na arquitetura da casa o abandono do ornamento figurativo, a geometrização e abstração das formas, bem como o uso de materiais industrializados. Aqui, a imagem da casa manifesta uma significativa inflexão arquetípica: a ancestral figura do telhado em águas desaparece na composição desse modelo de habitação tipicamente urbana. No âmbito birregional, podemos destacar como responsáveis pela pontuação das paisagens urbanas, com notáveis exemplares de casas, digamos, protomodernas: em Belo Horizonte, os arquitetos Raffaello Berti, Caetano de Franco, Romeo de Paoli e Francisco Farinelli; e, em Lisboa, os arquitetos Cassiano Branco, Cristino da Silva, Cottinelli Telmo e Porfírio Pardal Monteiro.

Figura 58 - Casas protomodernas, Lisboa e BH



Da esq. p/ dir.: Casa Bellard da Fonseca (Lisboa, 1930-31), Cristino da Silva; Moradia no Arco Cego, n. 16 (Lisboa, 1933), Cassiano Branco; Casa R. Alvarenga Peixoto (BH, 1936), Romeo de Paoli; Casa R. Padre Rolim (BH, 1937), Caetano de Franco.

Fontes: Instituto Superior Técnico¹⁸³; o autor¹⁸⁴; Guia do Bem.^{185 186}
(Adaptadas pelo autor, 2020).

5.3.2. Morar moderno e sua revisão

Em relação ao seu passado, a maleabilidade volumétrica da casa filiada ao Movimento Moderno – assim como os eventuais *pilotis* – irá oferecer aos arquitetos das regiões de Lisboa e BH maior liberdade de arranjos da relação do edifício com a topografia e com as divisas do lote. Além disso, o avanço nas qualidades materiais e estruturais irá propiciar maior flexibilidade na fenestração das fachadas, o que acarretará novos modos de interação da habitação com o seu entorno.

¹⁸³ Disponível em: <https://bit.ly/3kw70m8> (Casa Bellard da Fonseca). Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁸⁴ Moradia no Arco Cego, n. 16.

¹⁸⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3jhk25S> (Casa R. Alvarenga Peixoto). Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁸⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3ooDlSi> (Casa R. Padre Rolim). Acesso em: 21 set. 2020.

A modernidade na criação de casas na linha das arquiteturas de vanguarda do Movimento Moderno se fez perceber em Belo Horizonte e Lisboa, efetivamente, a partir dos anos 1940 e 1950, respectivamente.

Figura 59 - Casas modernas pioneiras em BH e Lisboa



Esquerda: Casa Kubitschek (BH, 1943-45), Oscar Niemeyer.
 Centro: Casa Palla e Carmo (Lisboa, 1948-51), Victor Palla.
 Direita: Moradia do Comandante Teixeira da Silva (Lisboa, 1951), Victor Palla.
 Fontes: o autor (Casa Kubitschek); Joao Palla¹⁸⁷; d'Almeida *et al.* (2017).

Os ares da casa de filiação corbusiana chegam a Lisboa pelas mãos de Victor Palla através daquela que “[...] terá sido provavelmente das primeiras moradias integralmente modernas a serem construídas em Lisboa” (SALEMA, 2017, n. p.), a Casa Palla e Carmo (Lisboa, 1948-51), e também pela Moradia do Comandante Teixeira da Silva (Lisboa, 1951).

Em Belo Horizonte, a novidade chegou pelos traços de Oscar Niemeyer na paradigmática Casa Kubitschek (BH, 1943-45), às margens da Lagoa da Pampulha, cujas corbusianas cobertura “asas de borboleta” e a janela em fita foram aliadas à materialidade vernacular da madeira e da pedra, assim como ao jardim tropical de Burle Marx. Esse arranjo influenciou toda uma geração de casas na capital mineira e no Brasil, onde sua icônica cobertura se fez notar em diversas habitações dos anos 1950-60.

Na Casa Kubitschek, já se tem as marcas da releitura do modelo internacional processado pela Escola Carioca, mas, nas mencionadas casas de Victor Palla, a referência vanguardista internacional ainda é muito direta, no entanto, apresenta um raro caso de moradia unifamiliar sobre *pilotis* em Lisboa, solução que viria a ser posteriormente utilizada na região em obras pontuais, como na Casa Ribeiro da Cunha (Lisboa, 1954), concebida por Conceição e Silva; na Moradia em Paço de Arcos, (Oeiras, 1958), projetada por Formosinho Sanches; e na Casa de Férias Aiola (Arrábida, 1960) criada por Eduardo Anahory.

¹⁸⁷ Disponível em: <https://bit.ly/35d6zqE> (Casa Palla e Carmo). Acesso em: 20 set. 2020.

Por outro lado, com o passar do tempo, verificaram-se também as revisões críticas dos modelos Modernistas aportados em Lisboa e BH que fizeram avançar as concepções da arquitetura doméstica em arranjos mais alinhados às especificidades locais. Na capital portuguesa:

A década de 1950 – já sob os impactos do 1º Congresso Nacional de Arquitectura (1948) e do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1960) – revela uma produção rica em exemplos que confirmam o programa da casa como suporte ao debate pertinente às questões regionais e universais na concepção do projeto. Nesse contexto, cristaliza-se a ideia de harmonizar os valores universais do Movimento Moderno em arquitetura com elementos da tradição local. (ANDRADE, 2017, p. 6).

Nesse modo de pensar a moradia, a arquitetura da Casa Sousa Pinto (Lisboa, 1950) de Keil do Amaral e da Casa Vila Viçosa (Vila Viçosa, 1958-62), de Teotónio Pereira e Nuno Portas, firmaram-se como importantes paradigmas em Portugal. A título de exemplificação da nova atitude perante o projeto da casa nesse período em Lisboa, elencamos a Casa do Freixial (Loures, 1958-60) concebida por Manuel Tainha, na qual:

As janelas e portas, definidas por pequenos e médios vãos, se opõem às grandes aberturas envidraçadas voltadas para o exterior das habitações do Movimento Moderno e aproxima esse modelo às estratégias de fenestração vernaculares. [...] as aberturas mais contidas reforçam as condições de estar dentro ou fora da habitação de maneira categórica. O telhado em águas, arquétipo da casa, também é um forte ponto de contato com a tradição construtiva, que, por outro lado, é quebrada pela racionalidade do desenho das plantas e pela 'limpeza' decorativa, configurando-se, aqui, uma estética que hibridiza o moderno com o tradicional, traço característico de muitos arquitetos do 'pós-Inquérito'. (ANDRADE, 2017, p. 7).

Sylvio de Vasconcellos, por sua vez, fará em Belo Horizonte uma adaptação regional do ideário da Escola Carioca por meio de seus textos e, sobretudo, na concepção de casas que dialogam com o legado colonial de Minas Gerais. A Casa Amilcar Martins (BH, 1949) é um emblemático projeto que carrega essa disposição.

Agarrada ao solo e assobradada como nos casarões de Ouro Preto, esta habitação urbana se configura por um jogo dinâmico de volumes soltos das divisas e arrematados pelo arquetípico telhado em águas. A varanda e as fenestrações da fachada frontal são equipadas com expressivos painéis de treliças que promovem a intimidade doméstica numa clara reinterpretação dos ancestrais muxarabis – outrora presentes em toda colônia [...]. A predominância dos cheios sobre os vazados nas fachadas é

outro elemento que denota o alinhamento da moradia às tradições coloniais. A sintaxe arquitetônica costurada por Vasconcellos, ainda que pontuada por elementos do vocabulário tradicional, [...] se conecta com a linguagem corbusiana. (ANDRADE, 2019, p. 94).¹⁸⁸

Figura 60 - Casas de revisão do moderno, Lisboa e BH



Da esq. p/ dir.: Casa Sousa Pinto, (Lisboa, 1950), Keil do Amaral; Casa do Freixial (Loures 1958-60), Manuel Tainha; Casa Amílcar Martins, (BH, 1949), Sylvio de Vasconcellos; Residência Rua Caldas (BH, anos 1940), Sylvio de Vasconcellos. Fontes: Tostões (2013)¹⁸⁹; Neves (2003)¹⁹⁰; Arquitetura Modernista em Minas Gerais.¹⁹¹ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Por fim, importante notar, Keil do Amaral (1910-1975) e Sylvio de Vasconcellos (1916-1979) são ilustres arquitetos da mesma geração, cujas trajetórias paralelas envolvem substancial produção de textos e edifícios referenciais para a cultura arquitetônica de Lisboa e Belo Horizonte, a partir de meados do século XX. Um dos pontos de aproximação do percurso desses arquitetos é exatamente a revisão crítica da ortodoxia moderna na concepção da casa operada através das tradições locais.

5.3.3. Morar pós-moderno

O programa da casa teve participação distinta na afirmação da Arquitetura Pós-Moderna nos âmbitos lisboeta e belo-horizontino, que se apresentaram como eloquentes redutos de manifestação dessa corrente nos respectivos contextos nacionais. Se, em Belo Horizonte, a habitação unifamiliar foi um veículo importante a carrear a fadiga em relação à estética Modernista e a inquietude formal do Pós-Moderno; o mesmo não ocorreu em Lisboa, onde tal postura majoritariamente apoiou-se noutras tipologias, como nas emblemáticas Torres das Amoreiras (Lisboa, 1980-85) de autoria do arquiteto Tomás Taveira. De qualquer maneira, a casa pós-moderna volta a ancorar a inesgotável discussão sobre os atributos da

¹⁸⁸ Versão em português de trecho do artigo escrito por este autor, em inglês, intitulado *Cultural Anthropophagy and Regionalism in the Architectures of Brazil and Portugal in the 20th Century*.

¹⁸⁹ Casa Sousa Pinto.

¹⁹⁰ Casa do Freixial.

¹⁹¹ Disponível em: <https://goo.gl/LHyntz> (Casa Amílcar Martins e Residência Rua Caldas). Acesso em 04 fev. 2017.

temporalidade (permanência e inovação) e do lugar (universal e local) no campo disciplinar.

Em Belo Horizonte, a revista *Pampulha*, editada entre 1979 e 1984 por um grupo plural e irreverente de arquitetos mineiros, foi um dos pioneiros canais de veiculação de tal corrente arquitetônica no Brasil, que teve expressão concomitante às inúmeras obras residenciais desses autores nos arredores da capital.

Os arquitetos Éolo Maia, Maria Josefina Vasconcellos e Sylvio de Podestá projetaram uma série de casas pós-modernas na região metropolitana e abriram, assim, caminho para a diversidade na arquitetura brasileira, que até então era fortemente marcada pelas chamadas escolas Paulista e Carioca [...]. A incorporação de elementos da tradição construtiva e o diálogo com a cultura popular marcaram a estética das casas pós-modernas criadas pelo grupo mineiro [...]. (ANDRADE, 2018, p. 105).

Além do aspecto imagético, de citação livre ao vocabulário arquitetônico pretérito local e universal, a almejada liberdade projetual também se processou pela experiência tectônica conduzida pelo grupo, que resgatou o rústico, mas, sobretudo, incorporou nas casas as estruturas em aço – material feito de ferro cujas jazidas exuberam em Minas Gerais. O aço estruturante da casa pós-moderna mineira, além de congregar o apelo simbólico regional, coadjuvou de modo inusitado a adaptação desta arquitetura doméstica à difícil topografia montanhosa da RMBH.

Figura 61 - Casas Pós-Modernas na RMBH



Da esq. p/ dir.: Casa 28m (Nova Lima, 1980), João Diniz; Casa Rosinha, (Nova Lima, 1980-82), Sylvio de Podestá; Residência Rubens/Cristina (Nova Lima, 1983-84), Éolo Maia;

Divina Casa (BH, 1985-89), Cid Horta.

Fontes: João Diniz¹⁹²; Sylvio de Podestá¹⁹³; Vitruvius¹⁹⁴; ARQ-BH.¹⁹⁵
(Adaptadas pelo autor, 2020).

Em decorrência das peculiares conexões desse movimento em Belo Horizonte com aspectos da cultura arquitetônica de Minas Gerais, Bastos e Zein (2010, p. 221) o

¹⁹² Disponível em: <https://bit.ly/3dObli4> (Casa 28m). Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁹³ Disponível em: <https://bit.ly/3dRMw51> (Casa Rosinha). Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3meTUKA> (Residência Rubens/Cristina). Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2HArED4> (Divina Casa). Acesso em: 21 set. 2020.

nomearam com o sugestivo nome “Pós-Mineiridade”. Em sentido mais alargado, cumpre destacar, a multifacetada cena pós-moderna em BH ainda contou com arquitetos de vários matizes expressivos não historicistas, tais como Gustavo Penna, José Eduardo Ferolla, Álvaro Hardy, Carlos Alexandre Dumont, Saul Vilela, Cid Horta e Joel Campolina.

Os anos 1980 em Lisboa foram de grande agitação cultural em torno de debates, eventos e publicações de introdução e difusão da Arquitetura Pós-Moderna em Portugal.¹⁹⁶ Contudo, ao percorrermos as obras dos principais nomes ligados à cena pós-moderna da capital portuguesa desse período – tais como Tomás Taveira, Manuel Graça Dias, Troufa Real, Raul Hestnes, Manuel Vicente, Pancho Guedes, Carrilho da Graça, Candido Chuva –, notamos que a arquitetura da casa não esteve muito presente na pauta de produção desses arquitetos, sobretudo na linha mais midiática, onde se observa o livre uso das colagens historicistas. Em verdade, conforme as palavras de Rogério Vieira de Almeida:

[...] boa parte dos arquitectos que no início da década de 80 vogavam entre ambiguidades e indefinições evoluíram para valores estruturais e imagéticos conotados com a modernidade [...] excepção às vigorosas personalidades criativas de Manuel da Graça Dias e João Luís Carrilho da Graça. (ALMEIDA, 1997, p. 77–81).

Efetivamente – feitas raras exceções a Troufa Real e Pancho Guedes (Figura 62) –, os arquitetos inseridos nesse contexto, mas que mantiveram a estética abstrata como Gonçalo Byrne e Carrilho da Graça, produziram algumas casas unifamiliares dentro de uma expressão a qual podemos chamar de “Neomoderna”, que, aliás, em Belo Horizonte tem nas casas de Gustavo Penna a sua expressão paralela. O comentário de Jorge Figueira sobre a trajetória de Carrilho da Graça nesse período, no qual afirma que o arquiteto “[...] investe nos modelos formais da arquitectura moderna, esvaziado o seu conteúdo ‘heróico’ [...]” (FIGUEIRA, 2009, p. 277), bem pode resumir essa linha de resistência assumida por vários de seus contemporâneos, os quais atravessaram as décadas de 1980 e 1990 dentro da mesma linguagem “Neomoderna”, ou até mesmo aprofundaram-na.

¹⁹⁶ Destacam-se: os quatro simpósios Internacionais promovidos pelo Departamento de Arquitetura da ESBAL, entre os anos de 1982 e 1986, com a presença de nomes proeminentes da corrente Pós-Moderna internacional, tais como Michael Graves e Peter Eisenman; a exposição de artes e arquitetura denominada ‘Depois do Modernismo’, realizada em 1983 na Sociedade Nacional de Belas Artes; a edição de n. 149, 1983, da revista *Arquitectura* dedicada aos “Novíssimos” jovens arquitetos alinhados à corrente de Arquitetura Pós-Moderna.

Figura 62 - Casas Pós-Modernas na AML, revivalistas e “Neomodernas”



Da esq. p/ dir.: Residência Casal dos Olhos (Sintra, 1982), Pancho Guedes;
Moradia Pascoal (Sintra, 1988), Troufa Real; Casa na Moita (1985-88), Cândido Chuva;
Casa no Penedo (Sintra, 1992,94), Manuel da Graças Dias e Egas Vieira.
Fontes: Land *et al.* (2005)¹⁹⁷; Pinto *et al.* (2004)¹⁹⁸; Contemporânea.¹⁹⁹
(Adaptadas pelo autor, 2020).

Os anos 1990, tanto em Lisboa quanto em Belo Horizonte, eclipsaram as manifestações Pós-Modernas revivalistas no âmbito da produção erudita da casa, onde os novos arquitetos mergulharam em releituras das tradições Modernistas. Contudo, num raciocínio que também pode ser aplicado à produção de BH, Ana Tostões pondera que essa nova vanguarda constitui sua arquitetura através da atenção às demandas tectônicas e do lugar, isto é:

[...] na relação com a natureza, com as raízes, quer sejam elas topográficas, quer sejam algo já construído. Mas também, justamente, numa exigência construtiva que respeita o carácter dos materiais, que entende que cada um tem sua expressão própria. (TOSTÕES, 2008, p. 251).

5.3.4. Morar contemporâneo

O início do terceiro milênio nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte assistirá a um considerável deslocamento da casa erudita das áreas urbanas em direção às zonas de urbanização mais diluída, onde os atributos idílicos de tais lugares são de amplo interesse das classes média e alta. Na contemporaneidade, o anseio de habitar junto à natureza, segundo Roberto Segre,

[...] mantém a sua força junto ao imaginário das camadas abastadas. A posse física da paisagem e a possibilidade de opor o desolo de concreto armado à extensão natural da mata ou ao azul infinito do oceano alicerçam o apelo hedonista do prazer como um elemento compensador das tensões da vida cotidiana. (SEGRE, 2010, p. 13).

¹⁹⁷ Residência Casal dos Olhos e Casa na Moita.

¹⁹⁸ Moradia Pascoal.

¹⁹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2HwsaCq> (Casa no Penedo). Acesso em: 23 set. 2020.

Nesse sentido, as paisagens das regiões de Lisboa e Belo Horizonte, no âmbito da produção da casa isolada de referência, se apresentam como fortes indutoras das soluções de projeto no século XXI (ANDRADE, 2016a, 2017). Especialmente a conformação topográfica, onde as planícies do vale do Tejo instigam o pousar da morada no terreno e as montanhas mineiras conduzem as habitações ao céu.

Figura 63 - Casas contemporâneas na AML



Da esq. p/ dir.: Casa da Vinha (Montijo, 2015), *atelier* Blaanc; Casa Vermelha (Setúbal, 2016), *atelier* Extrastudio; Casa no Belas Club de Campo (Sintra, 2018), GLL Atelier; Casa Trevo (Almada, 2020), *atelier* Double(o) Studio.
Fontes: João Morgado²⁰⁰; Fenando Guerra²⁰¹; GLL Atelier²⁰²; Fabio Cunha e Marco Antunes.²⁰³ (Adaptadas pelo autor, 2020).

Figura 64 - Casas contemporâneas na RMBH



Da esq. p/ dir.: Casa VR (Nova Lima, 2011-13), Marcus Franchini e Saul Vilela; Casa HC (Brumadinho, 2016), João Diniz; Casa da Laje Inclinada (Nova Lima, 2014-17), Igor Macedo e Débora Vieira; Casa Pasárgada (Nova Lima, 2017-19), Bernardo Horta + Meius.
Fontes: Tiago Nunes²⁰⁴; Bel Diniz²⁰⁵; Jomar Bragança²⁰⁶; Daniel Mansur.²⁰⁷
(Adaptadas pelo autor, 2020).

Relativamente a Belo Horizonte, os condomínios horizontais fechados – nos quais o aspecto da segurança alia-se às exuberantes paisagens naturais – serão territórios privilegiados para a expressão da casa burguesa contemporânea (ANDRADE, 2016a). Fenômeno que também se verifica em Lisboa, mas em menor

²⁰⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2HpxOXf> (Casa da Vinha). Acesso em: 25 set. 2020.

²⁰¹ Disponível em: <https://bit.ly/34tbogw> (Casa Vermelha). Acesso em: 25 set. 2020.

²⁰² Disponível em: <https://bit.ly/2ToIYh7> (Casa no Belas Club de Campo). Acesso em: 25 set. 2020.

²⁰³ Disponível em: <https://bit.ly/37TafRx> (Casa Trevo). Acesso em: 25 set. 2020.

²⁰⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3jxozkF> (Casa VR). Acesso em: 27 set. 2020.

²⁰⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3dUeDAD> (Casa HC). Acesso em: 27 set. 2020.

²⁰⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2HyCrhB> (Casa da Laje Inclinada). Acesso em: 27 set. 2020.

²⁰⁷ Disponível em: <https://bit.ly/37ThY1Z> (Casa Pasárgada). Acesso em: 27 set. 2020.

intensidade, uma vez que a habitação unifamiliar nobre da AML instala-se em variados tipos de zonas de ocupação (ANDRADE, 2017).

Ao mesmo tempo, encontramos-nos no período da história da arquitetura no qual se verifica o maior grau de globalização da informação da especialidade, fenômeno que oportuniza aos arquitetos o contato, praticamente em tempo real, com as linguagens e tecnologias das arquiteturas praticadas em todos os cantos do mundo. Assim, se por um lado, os arquitetos atuantes em Lisboa e BH naturalmente recebem essas informações arquitetônicas; por outro, a consagração da arquitetura contemporânea produzida nesses territórios²⁰⁸, onde o programa da casa tem papel importante, fornece substantiva quantidade de projetos às publicações internacionais da especialidade, sejam elas digitais ou impressas.

A variedade formal, material e tectônica observada nas casas erguidas nas regiões de Lisboa e BH no século XXI, corroboram tal fenômeno. Acerca disso, a assertiva de Ana Tostões sobre a arquitetura contemporânea é cabal: “Trata-se de um enriquecimento sem precedentes, uma revolução que não tem exactamente que conduzir à estandardização mas, pelo contrário, acredita-se que pode promover a diversidade.” (TOSTÕES, 2008, p. 11).

Entretanto, se tomarmos como referência as oito correntes arquitetônicas catalogadas por Montaner como hegemônicas no século XXI em *A Condição Contemporânea da Arquitetura* (2016) – continuidade dos princípios Modernistas; organicismo; cultura tipológica e memória urbana; arquitetura e fenomenologia; fragmentação, caos e iconicidade; diagramas de energia; arquiteturas da informalidade; e arquiteturas do meio ambiente –, podemos aproximar a arquitetura doméstica das regiões de Lisboa e Belo Horizonte a três delas: em certo grau, à crítica tipológica e memória urbana na linha “arquitetura da domesticidade” e à

²⁰⁸ Como exemplos do reconhecimento internacional da arquitetura contemporânea de Lisboa, citamos: Ricardo Bak Gordon, Prémio FAD de Arquitectura 2011; Atelier de Santos e atelier Aires Mateus, nomeados para o Prémio Mies van der Rohe em 2004 e 2013; também dos Aires Mateus, o Prémio Viero 50 Anos, 2019; atelier ARX Portugal, prémio *The Chicago Athenaeum Museum*, 2009; Carrilho da Graça, nomeação em 2013 e finalista em 2019 do Prémio Mies van der Rohe; e Gonçalo Byrne, *Piranesi/Prix de Rome*, 2014. Relativamente a Belo Horizonte, citamos: Arquitetos Associados, prémio *ex-aequo* na VII Bienal Ibero-americana de Arquitectura e Urbanismo, 2010; o escritório BCMF, *Special Prize* do prémio *COI/IAKS Award*, 2011; o arquiteto Gustavo Penna, prémio *The Chicago Athenaeum Museum*, 2011; o arquiteto David Guerra com espaço em *La Biennale di Venezia 2014* e ainda o prémio *Design Award & Competition*, 2015-2016.

fenomenológica na linha “realismo e brutalismo” e, sobretudo, à continuidade dos princípios Modernistas.

Independentemente do alinhamento a correntes arquitetônicas, o projeto da casa contemporânea no âmbito birregional deste estudo mantém o interesse pelos liames do lugar e pelo percurso da arquitetura de cada país. A valoração do lugar na componente expressiva da arquitetura contemporânea, logo, da casa, pode ser sintetizada de maneira emblemática com a reflexão do arquiteto mineiro Gustavo Penna:

[...] o que é mais importante como ideia, a praça da torre ou a torre da praça? Se você disser que é a praça da torre, você está desprestigiando a arquitetura, você teria que assumir que aquela praça prescindiria da torre, quando ela não prescinde, porque a torre é que a define. E se você falar que a torre é o mais importante, como é que pode ser a torre se ela não tem praça? A torre, coitada, solitária sem lugar pra ficar no mundo!²⁰⁹

Quanto à presença das marcas do percurso arquitetônico de cada país nas casas contemporâneas em questão, sobretudo àquelas herdadas dos seus períodos “heroicos”, a morfologia das habitações as revela em aproximações mais sutis e diluídas em referências universais, assim como na sofisticação tectônica que a época permite. O contextualismo abstrato das casas desenhadas pelos irmãos Aires Mateus, Lisboa, e a releitura do Modernismo brasileiro das residências criadas pelos Arquitetos Associados, Belo Horizonte, são emblemáticas desta ordem compositiva.

Os apontamentos aqui desenvolvidos correspondem aos traços gerais da arquitetura doméstica contemporânea da AML e RMBH, o aprofundamento dos seus atributos no tocante aos seus lugares, em sentido físico e cultural, é exatamente o tema do nosso estudo de casos, tópico tratado nas seções seguintes.

²⁰⁹ Gustavo Penna. **Entrevista XIII**. [Belo Horizonte, jul. 2019]. (Apêndice V).



Imagem:
Casa EG. RMBH.
Fonte: o autor, 2018.

6. O modelo de análise da observação

O modelo de análise da observação, que se aplica à amostragem do estudo de casos desta investigação, estabelece os parâmetros conceituais e operacionais para os procedimentos de recolha dos dados referentes aos fenômenos “lugar” e “arquitetura da casa contemporânea”, pautados na hipótese. Nesse sentido, esse instrumento de observação estabelece os indicadores e as dimensões de tais fenômenos e as suas correlações, isto é, a grelha de análise a qual é aplicada nas ordens horizontal, vertical e transversal de projeto.

As grelhas de análise das ordens de projeto, portanto, estabelecem os indicadores numéricos a recolher das edificações, bem como os modelos matemáticos que permitem a conversão de tais indicadores nos atributos que se buscam verificar nas casas contemporâneas no âmbito birregional, quais sejam: introversão, extroversão, continuidade, ruptura, acomodação e elevação. As operações de medição e cálculo estabelecidas pelos modelos matemáticos das grelhas de análise, cumpre assinalar, apoiam-se em programas de computação gráfica aplicados a projetos de arquitetura, assim como em planilhas eletrônicas desenvolvidas para o processamento automatizado das fórmulas matemáticas elaboradas.

Os modelos de análises e suas respectivas grelhas de análise, detalhados a seguir, foram devidamente verificados, ajustados e validados através de testes realizados em casos de estudo desta investigação, nos quais – a partir da comparação entre as classificações das estratégias obtidas nos testes e a morfologia das casas – verificou-se a necessária correspondência entre as categorias apuradas e as formas arquitetônicas das moradias analisadas.

6.1. O modelo de análise da ordem horizontal de projeto

Figura 65 - Imagem síntese da ordem horizontal

Casa Lincoln, RMBH

Fonte: *ArchDaily*.²¹⁰
(Adaptada pelo autor, 2019).



²¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2NDEIKK>. Acesso em: 07 jul. 2019.

No modelo de análise da ordem horizontal de projeto, em que consideramos o objeto arquitetônico como o epicentro do lugar, apuram-se as relações que se estabelecem entre o projeto e a extensão horizontal do espaço ao seu redor. Algo que pode ser entendido como a relação da casa com o seu horizonte através das suas fronteiras, isto é, como a caixa mural do edifício interage com o lote e com sua envolvente.

Quadro 8 - Esquema do modelo de análise - extroversão e introversão.

Estratégias de introversão e extroversão (ordem horizontal)	
Indicadores arquitetônicos	Dimensão do lugar
Vãos orientados para a envolvente	Envolvente do lote (horizontes)
Vãos orientados para o interior do lote ou pátios internos	
Opacidade das fachadas	
Transparência das fachadas	

Fonte: o autor, 2017.

Portanto, o modelo de análise dessa ordem de projeto confronta o edificado com seu entorno, sendo o tratamento da caixa mural o aspecto principal da configuração arquitetônica a ser levado em conta.

6.1.1. A grelha de análise da ordem horizontal de projeto

A grelha de análise da ordem horizontal recolhe indicadores a partir de dados quantitativos do projeto em análise, isto é, considera as áreas dos vãos inseridos nas fachadas das casas conforme duas modalidades de orientação: para o exterior ou para o interior do lote. Os cálculos efetuados nesta ordem de projeto, devidamente comutados em atributos, permitem o enquadramento da estratégia de projeto da casa em estudo a um dos termos do binário: **introversão** ou **extroversão**.

Nesse sentido, elaboramos um modelo matemático que propicia a definição dos índices de introversão ou extroversão da casa a partir das áreas dos vãos inseridos nas fachadas dos ambientes principais da casa conjugados às suas orientações. Para efeito da quantificação das áreas desses vãos, não levamos em conta aqueles ligados aos ambientes de apoio às funções principais da casa, tais como banheiros (casas de banho), depósitos (arrecadações), áreas de serviço, circulações secundárias²¹¹, entre

²¹¹ Para efeito deste estudo, consideramos circulação secundária toda aquela que não estabelece conexão com a fenestração das fachadas.

outros. Os índices de introversão e extroversão são obtidos pelo quociente entre a área total dos vãos, conforme as suas orientações, e a soma das áreas de todos os vãos inseridos nas fachadas da casa, independente das suas orientações. A seguir, apresentamos os cálculos desenvolvidos para a definição das estratégias da ordem horizontal de projeto.

Inicialmente, mensuramos, a partir da interface computacional com as peças gráficas de cada projeto: a área total das fachadas ligadas aos ambientes principais da casa (AF); a área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos (AI); e a área total de vãos orientados para a envolvente (AE), livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício; e a área cega das fachadas (AC).

O índice de introversão (I), que pode variar entre 0 e 1, determina o *quantum* dos vãos nos ambientes principais da casa que possuem orientação contrária à envolvente ao lote. Tal índice é dado pela razão entre a área de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos (AI) e a área total dos vãos nas fachadas em análise independente da orientação (AI + AE):

$$I = AI \div (AI + AE)$$

Já o índice de extroversão (E), que também pode variar entre 0 e 1, aponta o *quantum* dos vãos nos ambientes principais da casa que estão orientados para a envolvente do lote. Neste caso, o índice é apurado pelo quociente entre a área total dos vãos orientados para a envolvente (AE) e a área total dos vãos nas fachadas consideradas independente da orientação (AI + AE):

$$E = AE \div (AI + AE)$$

Através da comparação entre os valores calculados para os índices de introversão (I) e extroversão (E) de cada caso de estudo, determina-se a predominância da estratégia de projeto da ordem horizontal através daquele que apresentar o maior valor, o que, necessariamente, ocorre no intervalo entre 0,51 a 1,0. Quando esses índices resultarem em valores iguais, ou seja, 0,50 cada um, teremos uma estratégia neutra na ordem horizontal de projeto.

Por outro lado, a proporção entre as áreas das aberturas (portas e janelas) e as áreas cegas do conjunto das fachadas examinadas são aspectos relevantes a considerar na análise da ordem horizontal de projeto, uma vez que determinam maiores ou menores possibilidades de contato visual entre o interior e o exterior das

casas. Assim, as taxas de opacidade (TO) e transparência (TT) das fachadas dos ambientes principais da casa, são fatores que atenuam ou acentuam as estratégias de introversão ou extroversão da casa em relação à envolvente.

Além disso, vale notar, uma alta taxa de transparência nas fachadas pode não significar uma estratégia de extroversão, isto ocorre quando os vãos examinados estão predominantemente orientados para o interior do lote. Da mesma forma, uma alta taxa de opacidade pode não significar uma estratégia de introversão, isto se verifica quando os vãos considerados estão majoritariamente voltados, sem obstáculos, para o exterior do lote.

A partir dos cálculos preliminares apontados, definem-se a taxa de transparência (TT) e a taxa de opacidade (TO) das fachadas ligadas aos ambientes principais da casa em questão, que podem variar entre 0 e 1.

A taxa de transparência (TT) desses ambientes é dada pela razão entre a soma das áreas de todos os vãos (AE e AI) e a área total das fachadas (AF):

$$TT = (AE+AI) \div AF$$

Por outro lado, a taxa de opacidade (TO) é obtida pela razão entre a área cega das fachadas (AC) e a área total das fachadas consideradas (AT):

$$TO = AC \div AF$$

Como resumo, a tabela abaixo apresenta todas as fórmulas definidas para o cálculo das taxas e índices da ordem horizontal de projeto.

Tabela 1 - Fórmulas: taxas e índices da ordem horizontal

Taxas e índices da ordem horizontal	
Taxa ou índice	Fórmula matemática
I - Índice de introversão	$AI \div (AI + AE)$
E - Índice de extroversão	$AE \div (AI + AE)$
TT - Taxa de transparência	$(AE+AI) \div AF$
TO - Taxa de opacidade	$AC \div AF$

Fonte: o autor, 2020.

As taxas TO e TT determinam a predominância de opacidade ou transparência nas fachadas analisadas em cada casa. Como referido, tais taxas são consideradas como fatores que acentuam ou atenuam a estratégia de introversão ou extroversão predominante no caso de estudo. Assim, por exemplo, num projeto em que há prevalência da estratégia de introversão ($I > E$), essa será mais intensa, forte,

quando a taxa de opacidade (TO) sobressair; e menos intensa, moderada, quando a taxa de transparência (TT) for predominante. Derivada desta lógica, a tabela a seguir apresenta as gradações das estratégias de projeto da ordem horizontal.

Quadro 9 - Gradação da ordem horizontal

Gradações da ordem horizontal		
Estratégia	Taxa predominante	Intensidade da estratégia
Introversão	Opacidade	Forte
Introversão	Transparência	Moderada
Extroversão	Opacidade	Moderada
Extroversão	Transparência	Forte

Fonte: o autor, 2017.

Por fim, numa casa onde os cálculos indicarem igualdade entre as taxas de opacidade e transparência das suas fachadas, não será atribuída intensidade à respectiva estratégia de projeto identificada.

6.2. O modelo de análise da ordem vertical de projeto

Figura 66 - Imagem síntese da ordem vertical

Casa Lincoln, RMBH

Fonte: *ArchDaily*.²¹²
(Adaptada pelo autor, 2019).



O modelo de análise da ordem vertical de projeto avalia a disposição dos espaços da casa em relação às curvas de nível que conformam o lote de terreno (Quadro 10). Verifica-se, assim, se o projeto privilegia o assentamento direto do edifício ao solo e/ou subsolo, estratégia de acomodação, ou estabelece desconexão com perfil do terreno, provocando a verticalização do programa, estratégia de elevação.

²¹² Disponível em: <https://bit.ly/2NDEIKK>. Acesso em: 07 jul. 2019

Quadro 10 - Esquema do modelo de análise - acomodação e elevação.

Estratégias de acomodação e elevação (ordem vertical)	
Indicadores arquitetônicos	Dimensão do lugar
Áreas situadas em cotas acima do rés do chão	Topografia do lote (curvas de nível e perfil do terreno).
Áreas em pavimentos de <i>pilotis</i> ou sobre balanços (consolas)	
Áreas situadas ao rés do chão	
Áreas situadas em subsolo	

Fonte: o autor, 2017.

6.2.1. A grelha de análise da ordem vertical de projeto

A grelha de análise da ordem vertical de projeto obtém indicadores a partir de dados quantitativos do projeto da edificação, considerando o posicionamento das áreas do programa da casa em relação às cotas topográficas do terreno. Nessa grelha, os cálculos visam enquadrar a estratégia de projeto da casa a um dos termos do binário, **acomodação** ou **elevação** a partir das taxas de ocupação do edificado sobre o terreno do lote, abaixo e acima desse terreno.

Assim, quanto maiores as taxas de áreas acima do chão, maiores os níveis de elevação e vice-versa. Aqui, os índices de acomodação ou elevação podem variar entre menos um (-1), que indica acomodação máxima, e um (1), que demonstra a estratégia de elevação máxima.

O cálculo desses índices se faz a partir da análise das peças gráficas dos projetos. Inicialmente, mensuramos: a área total da edificação (T), considerando todos ambientes da casa, incluindo *pilotis*²¹³ e varandas cobertas; as áreas da edificação situadas em cotas acima do chão (A); as áreas da edificação situadas em *pilotis* (P); as áreas da edificação situadas em pavimentos ao rés do chão (R); e áreas da edificação situadas em cotas abaixo do rés do chão (S).

O cálculo preliminar das áreas situadas acima, sobre ou abaixo do perfil do terreno permite-nos determinar a proporção de cada uma delas em relação à área total da edificação, ou seja, o quociente entre cada uma delas e a área total da

²¹³ O termo *pilotis* aqui empregado refere-se ao espaço aberto, livre de paredes perimetrais, situado no pavimento térreo onde a edificação é elevada do chão por um conjunto de pilares ou colunas. Nesse sentido, no cálculo dos índices da ordem vertical a área situada neste espaço é computada como fator de elevação da casa em relação ao chão.

edificação fornece as taxas de ocupação conforme seus posicionamentos no eixo vertical. Assim, as taxas de ocupação da ordem vertical são definidas conforme as fórmulas matemáticas descritas a seguir.

A taxa de ocupação das áreas da edificação situadas em cotas acima do rés do chão (TA) é definida pelo quociente entre as áreas situadas acima do solo (A) e a área total da edificação (T):

$$TA = A \div T$$

A taxa de ocupação das áreas da edificação situadas em *pilotis* (TP) é definida pelo quociente entre as áreas em *pilotis* (P) e a área total da edificação (T):

$$TP = P \div T$$

A taxa de ocupação das áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão (TR) é definida pelo quociente entre as áreas ao rés do chão e a área total da edificação (T):

$$TR = R \div T$$

A taxa de ocupação das áreas da edificação situadas em cotas abaixo do rés do chão (TS) é definida pelo quociente entre as áreas de subsolo (S) e a área total da edificação (T):

$$TS = S \div T$$

A título de resumo, a tabela a seguir apresenta todas as fórmulas matemáticas definidas para o cálculo das taxas de ocupação da ordem vertical de projeto, conforme suas respectivas posições em relação ao rés do chão.

Tabela 2 - Fórmulas matemáticas: taxas de ocupação da ordem vertical

Taxas de ocupação da ordem vertical	
Taxa	Fórmula
TA	$A \div T$
TP	$P \div T$
TR	$R \div T$
TS	$S \div T$

TA: taxa de áreas acima do rés do chão; TP: taxa de áreas em *pilotis*; TR: taxa de áreas rés do chão; TS: taxa de áreas abaixo do rés do chão; IV: índice da ordem vertical.

Fonte: o autor, 2020.

O índice da ordem vertical (IV) indicará a estratégia de projeto predominante e a sua intensidade. A determinação desse índice é feita pelo valor das taxas de áreas

situadas acima do rés do chão (TA + TP), subtraído do valor das taxas de áreas do edifício situadas ao rés e abaixo do chão (TR + TS). Portanto, o índice da ordem vertical (IV) é dado pela seguinte fórmula matemática:

$$IV = (TA + TP) - (TR + TS)$$

Assim sendo, os índices maiores que 0 (zero) demonstram que as taxas de áreas situadas acima do rés do chão são maiores que aquelas situadas ao rés e abaixo do chão, denotando a estratégia de **elevação**. Os índices iguais a 0 (zero) indicam estratégias **neutras**; e aqueles menores que 0 (zero) indicam estratégias de **acomodação**.

Além disso, independente de o valor ser positivo ou negativo, estabelecemos intensidades a cada intervalo de 0,25 de valor do índice, conforme a tabela a seguir.

Tabela 3 - Gradação da ordem vertical

Gradações da ordem vertical	
Faixa de intervalo	Intensidade da estratégia
0,01 a 0,25	Suave
0,26 a 0,50	Moderado
0,51 a 0,75	Forte
0,76 a 1,00	Muito forte

Fonte: o autor, 2017.

6.3. O modelo de análise da ordem transversal de projeto

Figura 67 - Imagem síntese da ordem transversal

Casa Lincoln, RMBH

Fonte: *ArchDaily*.²¹⁴
(Adaptada pelo autor, 2019).



No modelo de análise desta ordem de projeto, a edificação é confrontada com a paisagem arquitetônica local tipificada pelos padrões arquitetônicos de vizinhança em termos de linguagem, tectônica e materiais (Quadro 11). Nesse seguimento, o conjunto de indicadores qualitativos visa ao enquadramento da estratégia de projeto da casa a um dos termos do binário, continuidade ou ruptura. Vale observar que

²¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2NDEIKK>. Acesso em: 07 jul. 2019

tanto a operação de definição dos indicadores dos padrões arquitetônicos da vizinhança quanto a comparação entre esses e o caso de estudo são de ordem quantitativa que são comutados em indicadores qualitativos.

Quadro 11 - Esquema do modelo de análise - continuidade e ruptura

Estratégias de continuidade e ruptura (ordem transversal)	
Indicadores arquitetônicos	Dimensão do lugar
Linguagem arquitetônica	Padrões arquitetônicos de vizinhança: linguagem, tectônica e materiais (paisagem arquitetônica).
Sistemas construtivos (tectônica)	
Materiais de acabamento	

Fonte: o autor, 2017.

6.3.1. A grelha de análise da ordem transversal de projeto

A aferição das estratégias de continuidade ou ruptura ocorre pela comparação de indicadores do padrão arquitetônico da vizinhança (paisagem arquitetônica local) com aqueles observados no caso de estudo. A recolha das informações, conforme esta grelha de análise, é feita através da observação direta dos objetos arquitetônicos em campo. O registro das informações é assentado em formulários específicos durante as visitas técnicas aos locais dos casos de estudo conforme o *Apêndice I – Formulários de campo para recolha de dados*.

Desse modo, há dois tipos de registro dos indicadores em campo, um relativo ao caso de estudo especificamente; e outro relativo a cinco casas vizinhas mais próximas e preexistentes, que definem o padrão de vizinhança. Tais registros abarcam informações relativas aos sistemas construtivos, à linguagem arquitetônica e aos materiais de acabamento das casas observadas.

Os indicadores dos sistemas construtivos informam as técnicas construtivas empregadas nas paredes, vãos, cobertura e estrutura do edifício. A quantificação dos indicadores das cinco casas vizinhas permite-nos apontar aqueles mais frequentes em cada grupo, ou seja, a determinação de um padrão predominante dos sistemas construtivos de vizinhança, para efeito de verificação do grau de alinhamento desses com o caso de estudo em questão.

Os indicadores da linguagem arquitetônica permitem classificar os principais elementos constitutivos da forma arquitetônica externa (volumétrica e mural)²¹⁵ dos edifícios observados em composições classificadas como tradicionais, contemporâneas ou híbridas.²¹⁶ Tais indicadores são apurados no caso de estudo e nas cinco casas vizinhas preexistentes, para as quais também determinamos, quantitativamente, os padrões predominantes. Assim, faz-se o comparativo do grau de alinhamento entre os indicadores dos padrões da linguagem arquitetônica de vizinhança com os indicadores do caso de estudo.

Os indicadores de materiais de acabamento referem-se à materialidade visível predominante nas paredes, coberturas e vãos das casas em análise (caso de estudo e vizinhança). Da mesma forma que nos outros grupos de indicadores, os seus quantitativos permitem a determinação do padrão de ocorrência da vizinhança para a comparação com o caso de estudo.

Por fim, temos a tabulação dos dados coligidos na ordem transversal de projeto. Para cada um dos três grupos de indicadores (materiais de acabamento, sistemas construtivos, linguagem arquitetônica), opera-se um comparativo entre os indicadores do caso de estudo e os indicadores padrões extraídos das casas vizinhas, visando determinar a taxa de alinhamento entre eles. Assim, para cada indicador comparado, verifica-se se há correspondência ou não e a atribuição de uma taxa para cada situação detectada. Quando não há correspondência entre os indicadores do caso de estudo e o padrão de vizinhança, a taxa de alinhamento é zero; quando há correspondência, a taxa de alinhamento é uma fração de um. A somatória das taxas de alinhamento corresponde ao índice de alinhamento de cada grupo de indicadores: índice de alinhamento de sistemas construtivos (IS), índice de alinhamento de linguagens arquitetônicas (IL) e índice de alinhamento de materiais de acabamento (IM). As Tabelas 4, 5 e 6, a seguir, apresentam os grupos de indicadores e a valoração das respectivas taxas de alinhamento para os três grupos indicadores da ordem transversal.

²¹⁵ A forma mural remete ao modo de composição das fachadas, de acordo a aplicação de materiais, cores, texturas e ornamentação.

²¹⁶ Nesta investigação, consideramos as linguagens tradicionais como sendo aquelas composições formais anteriores ao Movimento Moderno ou mesmo aquelas posteriores, mas referenciadas em linguagens pré-modernas; as linguagens contemporâneas, como sendo aquelas ligadas ao repertório formal do Movimento Moderno ou às correntes posteriores não historicistas; e as linguagens híbridas, como sendo aquelas que mesclam elementos formais tradicionais e contemporâneos (cf. p. 347).

Tabela 4 - Comparativo de sistemas construtivos

Sistemas construtivos - Caso de estudo <i>versus</i> padrão de vizinhança		
Indicador de comparação	Taxa de alinhamento ²¹⁷	Índice de alinhamento ²¹⁸ (IS)
Paredes	0,00 ou 0,25	0,00 a 1,00
Vãos	0,00 ou 0,25	
Cobertura	0,00 ou 0,25	
Estrutura	0,00 ou 0,25	

Fonte: o autor, 2017.

Tabela 5 - Comparativo de linguagem arquitetônica

Linguagem arquitetônica - Caso de estudo <i>versus</i> padrão de vizinhança		
Indicador de comparação	Taxa de alinhamento	Índice de alinhamento (IL)
Volumetria	0,00 ou 0,25	0,00 a 1,00
Fenestração	0,00 ou 0,25	
Tipo de cobertura	0,00 ou 0,25	
Tratamento mural ²¹⁹	0,00 ou 0,25	

Fonte: o autor, 2017.

Tabela 6 - Comparativo de materiais de acabamento

Materiais de acabamento - Caso de estudo <i>versus</i> padrão de vizinhança		
Indicador de comparação	Taxa de alinhamento	Índice de alinhamento (IM)
Paredes	0,00 ou 0,35	0,00 a 1,00
Vãos (caixilhos)	0,00 ou 0,30	
Cobertura	0,00 ou 0,35	

Fonte: o autor, 2017.

Em cada um dos três grupos de indicadores de comparação, os índices de alinhamento (IS, IL e IM) variam entre o valor zero, que representa ruptura forte com os padrões da vizinhança, e o valor um, que denota continuidade forte com as casas preexistentes.

O cálculo do índice final de alinhamento (IT) é feito através da média ponderada entre os três grupos de indicadores. O grupo de indicadores de linguagem

²¹⁷ Taxa com valor zero significa que não há correspondência no indicador de comparação entre o caso de estudo e o padrão de vizinhança. Valor acima de zero informa correspondência no indicador de comparação.

²¹⁸ Soma das taxas de alinhamento.

²¹⁹ Relativo ao modo de composição das fachadas de acordo a aplicação de materiais de acabamento, cores, texturas e ornamentação.

arquitetônica tem peso uma vez e meia maior²²⁰ que os grupos dos sistemas construtivos e materiais de acabamento, ambos com peso um. Logo, para o cálculo do índice final de alinhamento (IT), temos a seguinte fórmula matemática:

$$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$$

O índice final de alinhamento (IT) entre os indicadores do caso de estudo e o padrão de vizinhança permite, conforme quatro faixas de gradação, classificar sua estratégia de projeto predominante. A Tabela 7, a seguir, apresenta a classificação da estratégia de projeto em função das faixas de alinhamento final entre os indicadores do caso de estudo e o padrão de vizinhança.

Tabela 7 - Gradação da ordem transversal

Alinhamento entre Caso de estudo e padrão de vizinhança	
Faixa de gradação (IT)	Estratégia - Intensidade
0,00 a 0,25	Ruptura - Forte
0,26 a 0,50	Ruptura - Moderada
0,51 a 0,75	Continuidade - Moderada
0,76 a 1,00	Continuidade - Forte

Fonte: o autor, 2017.

6.4. As entrevistas semiestruturadas

A par dos elementos apurados nas grelhas de análise da amostragem, as entrevistas semiestruturadas complementam a recolha de informações para o estabelecimento da base de dados da investigação. As questões apresentadas aos arquitetos autores dos casos de estudo, além dos conteúdos diretamente relacionados às três ordens de projeto, também contemplam temas que transcendem as estratégias de projeto propriamente ditas. Portanto, as entrevistas semiestruturadas visam aprofundar a compreensão da base cultural dos arquitetos das obras na AML e RMBH, as possíveis relações entre esses universos culturais e as motivações para a adoção das estratégias de projeto em causa.

Assim, as questões das entrevistas foram agrupadas em 4 blocos de assuntos: A. Formação e referências arquitetônicas; B. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal; C. Lugar e projeto; e D. Sobre o projeto da casa. O último bloco de questões

²²⁰ O peso maior dado ao indicador de linguagem arquitetônica deve-se ao fato de que tal atributo, normalmente, ser determinante tanto do sistema construtivo quanto dos materiais de acabamento de um edifício.

foi subdivido em outros quatro subgrupos: D1. Questões gerais; D2. Questões relativas às estratégias de acomodação ou elevação; D3. Questões relativas às estratégias de introversão ou extroversão; D4. Questões relativas às estratégias de continuidade ou ruptura.

O *Apêndice III – Entrevista semiestruturada padrão* apresenta todas as questões formuladas aos arquitetos entrevistados e o *Apêndice IV – Síntese das entrevistas com os arquitetos* reúne as versões resumidas das respostas colhidas, já as entrevistas completas encontram-se no *Apêndice V – Transcrições das entrevistas (CD-ROM)*.



Imagem:
Vila Utopia. AML.
Fonte: Fernando Guerra.
Adaptada pelo autor, 2020.

7. Casos de casas contemporâneas na AML e RMBH

Adotamos o método estudo de casos para compor a base de dados desta investigação. Nesse estudo de casos, realizamos a observação direta e indireta das casas contemporâneas selecionadas (Quadros 14 e 15, pp. 204 e 205).

Relativamente à incidência geográfica da amostragem das casas, como referido, delimitamos a AML e a RMBH como os territórios de estudo. Além disso, o período de elaboração dos projetos dessas casas se insere no limite temporal entre os anos 2001 e 2015.

A observação indireta das obras de arquitetura foi realizada através da análise de publicações especializadas: livros, revistas e *sites* de arquitetura, tal como peças gráficas e textuais dos projetos arquitetônicos disponibilizados pelos autores ou acessíveis em páginas da internet. Além disso, foram feitas entrevistas semiestruturadas aos arquitetos autores. As entrevistas aos arquitetos foram gravadas em áudio e transcritas para textos. As transcrições das entrevistas estão inseridas no Apêndice V, anexo a este volume em *CD-ROM*, e neste volume constam as sínteses das entrevistas no Apêndice IV.

Na observação direta, foram realizadas visitas técnicas às obras selecionadas na AML e RMBH, assim como às cinco casas vizinhas de cada caso de estudo. Nessas visitas, foram feitas anotações em formulários de campo e registros fotográficos.

Portanto, nas próximas subseções expomos: os critérios adotados para a seleção dos casos de estudo; a distribuição geográfica da amostragem; e o estudo de casos da AML e RMBH com respectivos resultados obtidos com a aplicação das grelhas de análise e das entrevistas semiestruturadas.

7.1. Critérios de seleção da amostragem

Paralelamente às delimitações geográficas e temporais, a presente investigação examina a habitação unifamiliar isolada erudita por meio de obras de referência que se destacaram do âmbito geral em instâncias específicas de reconhecimento. Nesse sentido, consideramos as premiações de arquitetura e as publicações especializadas impressas (Figura 68), como instâncias de reconhecimento relevantes para a construção da amostragem do estudo de casos.

Figura 68 - Capas de publicações internacionais com casas da AML e RMBH.



Fontes (da esq. para dir.): livro *Houses in Difficult Places* (MINGUET, 2010), Casa EP; revista *Ottagono* n. 246 (2012), Casa EG; revista *AV Monografias* n. 120 (2006), Casa no Azeitão; revista *D'Architectures* n. 174²²¹ (2008), Casa no Romeirão.

Sabemos que há um grande contingente de obras eruditas contemporâneas de qualidade fora do âmbito das premiações e publicações da especialidade que, naturalmente, poderiam compor a amostragem desta investigação. No entanto, os mecanismos para identificação e recolha de dados de um conjunto de obras dispersas nos dois territórios e pouco divulgadas demandariam um volume de pesquisa para além da capacidade operacional deste estudo. Em contrapartida, o projeto residencial laureado em prêmio ou tornado notório através de publicações, comumente, desperta a pauta da historiografia, da crítica de arquitetura, e dos editoriais especializados, disponibilizando, assim, valioso acervo textual e gráfico para o conhecimento sistemático dessa amostragem.

Em referência às premiações da especialidade, o arquiteto Rui Alexandre, que presidiu a Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos²²² (OA), assevera: “Os prémios de arquitetura são imprescindíveis para a construção de um discurso sobre arquitetura contemporânea” (ALEXANDRE, 2015, p. 20).

Com efeito, a arquitetura residencial destacada em premiações e publicações do setor passa pela avaliação de especialistas e, por isso, permite criar uma amostragem de obras representativas de um determinado território.

Assim sendo, fixamos os critérios de seleção da amostragem para a composição do estudo de casos àquelas obras destacadas em, pelo menos, uma destas quatro condições: publicação em livro ou revista de origem nacional;

²²¹ Disponível em: <https://bit.ly/2XKOWgR>. Acesso em: 15 jul. 2019.

²²² Presidente do Conselho Diretivo nos triênios 2011-2013 e 2014-2016.

publicação em livro ou revista de origem internacional; e premiação de arquitetura em âmbito nacional ou internacional.²²³

Por outro lado, após a seleção inicial das possíveis casas para compor a amostragem, acrescentamos – por detectarmos homogeneidade de expressão tectônica²²⁴ – o critério de diversificação material na composição das obras com o intuito de criar heterogeneidade nos casos de estudo. Assim, pudemos ter uma amostragem de casas contemporâneas nas quais predominam elementos de madeira, aço, alvenaria comum, alvenaria de tijolos à vista, concreto (betão) à vista e vidro.

7.2. A amostragem

Tendo em conta os critérios descritos na subseção anterior que, em última análise, avalia a repercussão dos projetos de casas produzidas na AML e RMBH em âmbito nacional e internacional, a pesquisa em material impresso (livros e periódicos) e *sites* da especialidade, nos possibilitou compor uma amostragem de dez casas em cada uma das regiões de estudo.

A repercussão desses projetos está pormenorizada a seguir, nos Quadros 12 e 13, onde apresentamos as principais publicações e premiações obtidas por cada projeto. Logo após, nos Quadros 14 e 15, apresentamos a amostragem das casas selecionadas na AML e RMBH que compõem o estudo de casos desta investigação. Junto às imagens das casas constam o nome da obra, a autoria do projeto e os anos de início da elaboração do projeto e término da obra.

²²³ Apenas em um dos vinte casos de estudo, a Casa em Caxias, foi tomado o critério de publicação em *sites* internacionais de arquitetura.

²²⁴ Aqui, nos referimos especificamente à primeira seleção de casos da AML.

Quadro 12 - Principais publicações e prêmios - casos de estudo AML

Projeto	Anos*	Autor	Publicações / Prêmios
Casa no Murtal	2001 e 2006	Cândido Chuva	Livro nacional: <i>Núcleo Cascais XXI – Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007</i> (CAPUCHO; RAMALHO, 2007); <i>Casas sem Fronteiras</i> (PIMENTA, 2009); <i>Portuguese Contemporary Houses</i> (NEVES, 2013). Revista internacional: <i>Mur + Betong</i> , n. 3/2011 (DAHLE, 2011) – Noruega.
Casa no Romeirão	2001 e 2003	José Mateus	Revista internacional: <i>AV: Monografias</i> , n. 120 (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2006a) - Espanha; <i>Space Magazine</i> , n. 466 (DAHOUNG, 2006) - Coreia do Sul; <i>D'Architectures</i> , n. 174 (EMMANUEL, 2008) – França. Livro nacional: <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> (LAND; HÜCKING; TRIGUEIROS, 2005); <i>XXI, Arquitectura Contemporânea Portuguesa</i> (COSTA, 2006). Livro internacional: <i>House on the Landscape</i> (LEE, 2009) - Coreia do Sul; <i>Arch-Manual 4</i> (LAN, 2012) – China; <i>Casas Ventana</i> (BAHAMÓN; ALVAREZ, 2009) – Espanha. Prêmio nacional: Prémio Municipal de Arquitectura de Mafra 2008. (Vencedor)
Casa Conde	2001 e 2007	Mário Ferreira e Sara Antunes	Livro nacional: <i>Portuguese Contemporary Houses</i> (NEVES, 2013).
Casa no Magoito	2003 e 2009	Inês Lobo	Revista nacional: <i>Arq/a – Arquitectura e Arte</i> , n. 66 (BAPTISTA, 2009). Livro nacional: <i>Guia de arquitectura, Sul e Ilhas de Portugal, 1974-2011</i> (LAND; HÜCKING; TRIGUEIROS, 2005).
Casa no Azeitão	2003 e 2006	Miguel Beleza	Revista nacional: <i>Arquitectura e Vida</i> , n. 74 (BEIRÃO, 2006). Revista internacional: <i>AV: Monografias</i> , n.120 (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2006b) – Espanha. Livro nacional: <i>Portuguese Contemporary Houses</i> (NEVES, 2013); <i>24 Casas</i> (NEVES, 2006). Livro internacional: <i>Ville in Portogallo</i> (TONON, 2010) – Itália; <i>The New Modern House</i> (BELL; STATHAKI, 2010) – Inglaterra.
Casa Aroeira III	2005 e 2011	Cristóvão Fonseca e Vera Alves	Revista internacional: <i>Arquitectura Y Diseño</i> , n. 141 (BASUALDO, 2012) – Espanha. Livro nacional: <i>Portuguese Contemporary Houses</i> (NEVES, 2013); <i>Colectiva Arquitectura</i> (NEVES, 2012).
Vila Utopia	2005 e 2012	Gonçalo Byrne	Revista nacional: <i>Arq/a – Arquitectura e Arte</i> , n. 117 (BYRNE, 2015).
Casa em Caxias	2007 e 2012	António Costa Lima	Sites internacionais: <i>ArchDaily</i> (ARCHDAILY; LIMA, 2013) – EUA; <i>Dezeen</i> (MAIRS, 2015) – EUA/Inglaterra; <i>ArcoWeb</i> (ARCOWEB, 2015) – Brasil.
Casa na Aroeira	2007 e 2010	Manuel Aires Mateus	Revista internacional: <i>Domus</i> n. 953 (BAÍÁ, 2011) - Itália; <i>El croquis</i> n. 154 (MÁRQUEZ CECILIA et al., 2011a) – Espanha. Livro nacional: <i>Aires Mateus</i> (VITA, 2013); <i>Portuguese Contemporary Houses</i> (NEVES, 2013). Livro internacional: <i>Architecture Now! Houses, V. 3</i> (JODIDIO, 2013).
Casa C+P	2009 e 2011	Gonçalo das Neves	Livro nacional: <i>Portuguese Contemporary Houses</i> (NEVES, 2013). Livro internacional: <i>Modern Lux Housing 2</i> (SANDU PUBLISHING, 2013) – China.

Nota: * Início do projeto e fim da obra. Fonte: o autor, 2019.

Quadro 13 - Principais publicações e prêmios - casos de estudo RMBH

Projeto	Anos*	Autor	Publicações / Prêmios
Casa EP	2003 e 2005	Ulisses Morato	Revista nacional: <i>AU – Arquitetura e Urbanismo</i> , n. 144 (FIGUEROLA, 2006); <i>Habitat</i> , n. 30 (ESTER, 2009a). Revista internacional: <i>Trend Magazine</i> , n. 122 (COHEN, 2010) - Israel; <i>Casa y Stillo Internacional</i> , n. 87 (LERMA, 2010) – EUA. Livro internacional: <i>Houses in Difficult Places</i> (MINGUET, 2010) – Espanha. Prêmio nacional: 10ª Premiação de Arquitetura de Minas Gerais, IAB MG – 2008. (Vencedor). Prêmio internacional: <i>World Architecture Community Awards 4th Cycle</i> – 2009 (Vencedor - votação aberta).
Casa BF	2003 e 2005	Humberto Hermeto	Revista nacional: <i>Projeto Design</i> , n. 337 (MELENDEZ, 2008).
Casa Lincoln	2007 e 2009	Gustavo Penna	Revista nacional: <i>Monolito</i> , n. 12 (SERAPIÃO, 2012a); Livro nacional: <i>Casas Brasileiras - Brazilian Houses</i> (SEGRE, 2010). Prêmio internacional: <i>The International Architecture Award / The Chicago Athenaeum Museum of Architecture and Design</i> – 2011 – EUA. (Vencedor).
Residência NB	2007 e 2010	Alexandre Brasil e Paula Zasnicoff	Revista nacional: <i>Projeto Design</i> , n. 370 (SERAPIÃO, 2010). Prêmio nacional: 13ª Premiação de Arquitetura de Minas Gerais, IAB MG – 2008. (Menção Honrosa).
Casa da Montanha	2007 e 2009	David Guerra	Revista nacional: <i>Habitat</i> n. 31 (ESTER, 2009b); <i>DCasa</i> , n. 50 (SALMASO, 2011). Livro nacional: <i>OCA - Arquitetura no Brasil – Casas</i> (GARCIA; SÁ, 2010). Livro internacional: <i>Natural Stone Houses 2</i> (SANCHEZ VIDIELLA, 2013) – Alemanha; <i>Villas of the World</i> (WAN, 2011) – China. Prêmio nacional: 14ª Premiação de Arquitetura de Minas Gerais, IAB MG – 2012. (Vencedor). Prêmio internacional: <i>A' Design Award & Competition 2015-2016</i> (Vencedor).
Casa EG	2007 e 2011	Marcelo Alvarenga	Revista nacional: <i>Monolito</i> , n. 11 (SERAPIÃO, 2012b); <i>Kaza</i> , n. 117 (COLONTONIO, 2013). Revista internacional: <i>Ottagono</i> , n. 246 (FRANZOIA, 2012) – Itália.
Casa Galeria	2008 e 2011	Fernando Maculan e Mariza Machado	Revista nacional: <i>Projeto Design</i> , n. 380 (MELENDEZ, 2011a). Livro internacional: <i>Modern Lux Housing 2</i> (SANDU PUBLISHING, 2013) – China.
Residência Bosque da Ribeira (EL)	2008 e 2009	Eduardo França e Letícia de Azevedo	Revista nacional: <i>Projeto Design</i> , n. 382 (MELENDEZ, 2011b); <i>Arquitetura & Aço</i> , n. 40 (FIGUEROLA, 2014). Prêmio nacional: 13ª Premiação de Arquitetura de Minas Gerais, IAB MG – 2011. (Vencedor)
Residência Bosque da Ribeira (JT)	2010 e 2013	Johanna Anastasia e Tomás Anastasia	Revista internacional: <i>EntreMuros: Diseño y Arquitectura</i> , n. 214 (HURTADO, 2014) – México. Revista nacional: <i>Casa Mix</i> , n. 111 (CUNHA, 2015). Livro internacional: <i>Living in Style: Architecture + Interiors</i> (UFFELEN, 2015) – Suíça. Prêmio nacional: 15ª Premiação de Arquitetura de Minas Gerais, IAB MG – 2013. (Vencedor).
Casa Vale dos Cristais	2011 e 2013	Paulo Trajano	Revista nacional: <i>Projeto Design</i> , n. 421 (MELENDEZ, 2015); <i>Imobiliare</i> , n. 34 (ANDRADE, 2015).

Nota: * Início do projeto e fim da obra. Fonte: o autor, 2019.

Quadro 14 -
Amostragem
de casas de
referência -
AML

Fontes:
páginas *web*
dos arquitetos.
Adaptação e
montagem do
autor, 2019.



Casa no Murtal. Projeto: Cândido Chuva.
Anos: 2001- 2006



Casa no Romeirão. Projeto: José Mateus.
Anos: 2001 - 2003



Casa Conde. Projeto: Sara Antunes e
Mário Ferreira. Anos: 2001- 2007



Casa no Magoito. Projeto: Inês Lobo.
Anos: 2003 - 2009



Casa no Azeitão. Projeto: Miguel Beleza.
Anos: 2003 - 2006



Casa Aroeira III. Projeto: Vera Martins e
Cristóvão Fonseca. Anos: 2005 - 2011



Vila Utopia. Projeto: Gonçalo Byrne.
Anos: 2005 - 2012



Casa em Caxias. Projeto: António Costa
Lima. Anos: 2007 - 2012



Casa na Aroeira. Projeto: Manuel Aires
Mateus. Anos: 2007 - 2010



Casa C+P. Projeto: Gonçalo das Neves.
Anos: 2009 - 2011

Quadro 15 -
Amostragem
de casas de
referência -
RMBH

Fontes:
páginas *web*
dos arquitetos.
Adaptação e
montagem do
autor, 2019.



Casa EP. Projeto: Ulisses Morato.
Anos: 2003 - 2005



Casa BF. Projeto: Humberto Hermeto.
Anos: 2003 - 2005



Casa Lincoln. Projeto: Gustavo Penna
e equipe. Anos: 2007 - 2009



Residência NB. Projeto: Alexandre
Brasil e Paula Zasnicoff. Anos: 2007 - 2010



Casa da Montanha. Projeto: David
Guerra. Anos: 2007 - 2009



Casa EG. Projeto: Marcelo Alvarenga.
Anos: 2007 - 2011



Casa Galeria. Projeto: Fernando Maculan
e Mariza Machado. Anos: 2008 - 2011



Res. Bosque da Ribeira (EL). Proj.: Eduardo
França e Leticia de Azevedo. 2008 - 2009



Res. Bosque da Ribeira (JT). Proj.: Johanna
Anastasia e Tomàs Anastasia. 2010 - 2013

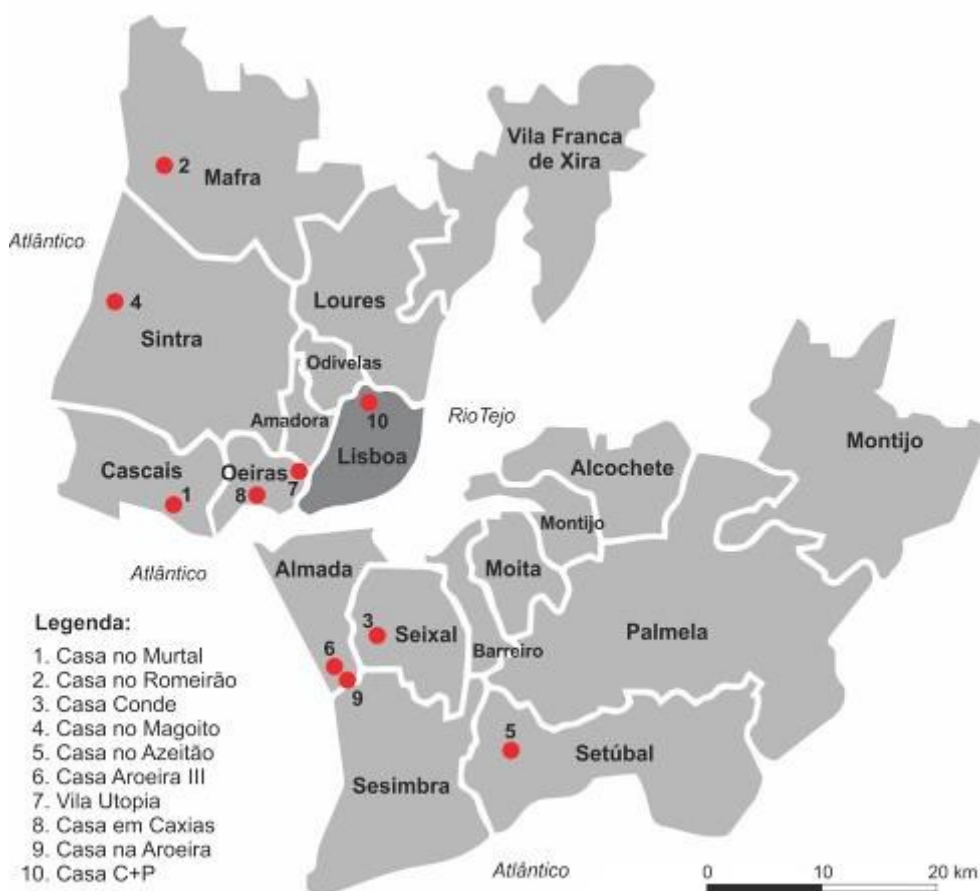


Casa Vale dos Cristais. Projeto: Paulo
Trajano. Anos: 2011 - 2013

7.2.1. Distribuição geográfica da amostragem

As dez casas selecionadas para composição da amostragem do estudo de casos na AML, Figura 69, estão localizadas em oito municípios, a saber: ao norte do rio Tejo, Lisboa, Oeiras, Cascais, Sintra e Mafra; ao sul do Tejo, Almada, Seixal e Setúbal. Chama a atenção o fato de todas as casas selecionadas estarem localizadas a curtas distâncias – entre 1,5 a 7,0 km – em relação às margens do oceano Atlântico e do estuário do Tejo.

Figura 69 - Mapa de localização dos casos de estudo da AML



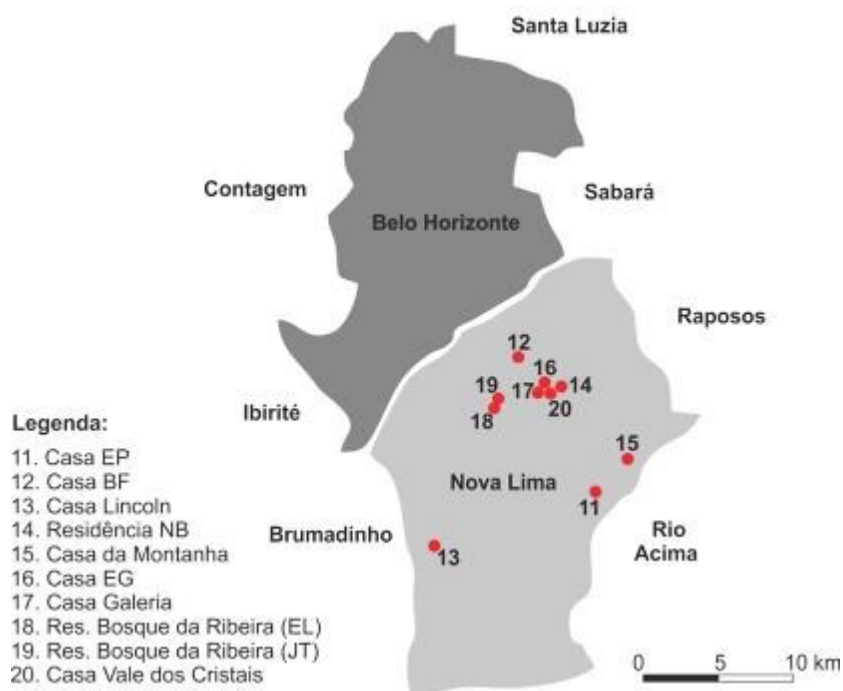
Fonte: o autor, 2019.

Além disso, verifica-se que a amostragem incide em oito dos dezoito municípios da AML, o que corresponde a 44% do total. Por outro lado, as moradias concentram-se na faixa oeste dessa região, o que implica dizer que no âmbito dos critérios adotados para definição da amostragem, casas contemporâneas de referência, a faixa leste, mais interiorizada, não proporcionou exemplares para o estudo. Essa assimetria entre interior e litoral na distribuição territorial dessas casas

de classe média e alta sugere uma correspondência à dicotomia em escala nacional, onde “[...] a distribuição geográfica da actividade económica, social e cultural entre o litoral e o interior é demasiado assimétrica.” (AFONSO, 2018, n.p.).

Quanto à distribuição geográfica da amostragem na RMBH, Figura 70, o fator a se destacar é a incidência das dez casas contemporâneas de referência somente no município de Nova Lima – conurbado à capital –, isto é, todas as moradias concentram-se em apenas um dos 34 municípios integrantes deste imenso território. Esse fenômeno pode ser relacionado ao fato de o município de Nova Lima abrigar grande parte dos loteamentos nobres da RMBH, nomeadamente os condomínios residenciais horizontais fechados (CRHFs) destinados às classes média-alta e alta, que abarcam o perfil socioeconômico dos proprietários das casas selecionadas. Não por acaso, oito das dez casas contemporâneas definidas pelos critérios estabelecidos nesta investigação estão localizadas em CRHFs – somente as casas 11 e 15 não se enquadram a esta condição.

Figura 70 - Mapa de localização dos casos de estudo da RMBH



Fonte: o autor, 2019.

Assim, nota-se que a predominância de tal configuração socioespacial corresponde ao fenômeno de ocorrência em âmbito nacional e internacional em que, “Essas áreas residenciais específicas são arroladas como ‘ilhas’ não urbanas no

território das cidades, onde as classes mais privilegiadas buscam o resguardo da violência urbana, *status* social, e a fuga das adversidades da vida metropolitana.” (ANDRADE, 2016a, n. p.). Por outro lado, ao concentrar casas notabilizadas por premiações e publicações da especialidade, “[...] depreende-se que, concomitante ao potencial criativo dos arquitetos e urbanistas envolvidos na construção desses espaços diferenciados, há uma parcela do público que assim os demanda.” (ANDRADE, 2016a, n. p.).

7.3. O estudo de casos da AML

Esta subseção apresenta o estudo de casos referentes à AML, isto é, a observação direta e indireta incidente sobre as 10 casas contemporâneas selecionadas para a composição da base de dados da investigação neste território. Estruturamos essa apresentação em três subseções, a saber: *Apresentação dos casos de estudo*; *Resultado das grelhas de análise – AML*; e *Resultados das entrevistas – AML*.

A subseção *Apresentação dos casos de estudo* contém três tópicos: A. Dados do(s) autor(es); B. Projeto; e C. Contexto. No tópico A, expomos as informações gerais sobre a biografia dos autores dos projetos – data e local de nascimento; ano e instituição de graduação (licenciatura); realização de pós-graduação; projetos destacados na carreira; outras atuações em arquitetura, e; nome e sede do *atelier*. No tópico B, estão as informações gerais do edifício – localização; datas de projeto e obra; área construída, e; os pavimentos e seus ambientes – acompanhados de plantas e cortes. Já o tópico C, contempla os dados relativos ao lote (área, altitude, forma, topografia, disponibilidade de vista panorâmica, zona de inserção, inserção em condomínio fechado), e à envolvente na escala de bairro (uso predominante, densidade de ocupação, altimetria dos edifícios, paisagem predominante e seus destaques). Acompanha esse tópico uma imagem aérea com a localização do lote da casa em estudo.

Na subseção *Resultado das grelhas de análise – AML*, estão compilados os dados recolhidos dos casos de estudo nas visitas técnicas bem como aqueles oriundos dos projetos arquitetônicos das casas em material disponibilizado pelos autores ou via publicações impressas e digitais. Os dados compilados têm como fonte as informações levantadas e apresentadas no *Apêndice II – Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise*.

Já a subsecção *Resultados das entrevistas – AML* exhibe a compilação das informações recolhidas nas entrevistas realizadas junto aos autores dos 10 casos de estudo. Para facilitar a consulta às informações recolhidos nessas entrevistas, elaboramos uma síntese do conteúdo das respostas e as apresentamos no *Apêndice IV – Síntese das entrevistas com os arquitetos*. As entrevistas completas encontram-se disponíveis no *Apêndice V – Transcrições das entrevistas (CD-ROM)*.

7.3.1. Apresentação dos casos de estudo

Caso de estudo 1 - Casa no Murtal

Figura 71 - Fotos da Casa no Murtal



Da esq. p/ dir.: fachada frontal; pormenor, fachada dos fundos; pormenor, fenestração fundos.
Fonte: Cândido Chuva Gomes Arquitectos.²²⁵

A. Dados do autor

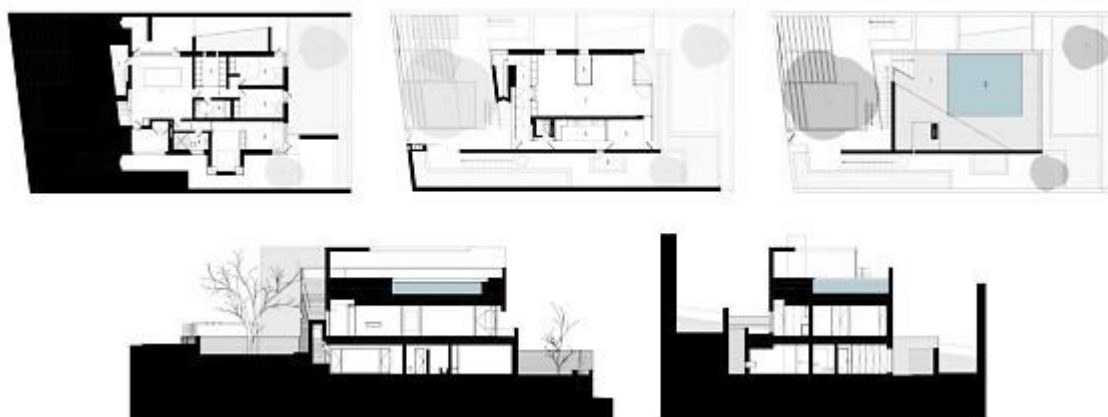
Arquiteto: Cândido Chuva Gomes				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura		Instituição de ensino
1956	Ilhavo	1980		ESBAL
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prémio	Concurso	Publicação	
Mestrado	N/A	Sim	Sim	Docência – Membro de Instituições de Arquitetura – Jurado de premiações
Atelier de arquitetura - Sede				
CCG, Cândido Chuva Gomes Arquitectos – Lisboa.				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Murtal, município de Cascais.	2001-2006	335	Piso -1	Suíte; dois quartos; <i>closet</i> ; casa de banho; estar íntimo.
			Piso 0	<i>Hall</i> ; cozinha; jantar; estar; lavabo, varanda.
			Piso 1	Terraço com piscina; apoio coberto.

²²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2O4SVRo>. Acesso em: 12 mai. 2017.

Figura 72 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Murtal



Em cima, da esq. p/ dir.: planta do piso -1, planta do piso 0, planta do piso 1.

Embaixo, da esq. p/ dir.: corte longitudinal; corte transversal.

Fonte: Cândido Chuva Gomes. (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma perimetral	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
566	68	Retangular	Declive (15%)	Sim	Urbana	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação ²²⁶		Altimetria dos edifícios ²²⁷		
Casas isoladas		Alta		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em colina entremeado por jardins, arborização e lotes vazios.			Disponibilidade visual da praia de São Pedro do Estoril, situada a 1,5 km do lote.			

Figura 73 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Murtal



O retângulo laranja indica o lote da Casa no Murtal.

Fonte: *Google Earth*, altitude 300 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

²²⁶ Relação predominante entre as áreas construídas e as áreas livres nos terrenos do bairro. Densidade baixa: áreas construídas menores que as áreas livres. Densidade média: áreas construídas equivalentes às áreas livres. Densidade alta: áreas construídas maiores que as áreas livres.

²²⁷ Aferida pela média do número de pavimentos dos edifícios vizinhos. Densidade baixa: um pavimento. Densidade média: dois pavimentos. Densidade alta: acima de dois pavimentos.

Figura 74 - Casas vizinhas à Casa no Murtal



Da esquerda para a direita: Casa 1; Casa 2; Casa 3; Casa 4; Casa 5.
Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 2 - Casa no Romeirão

Figura 75 - Fotos da Casa no Romeirão



Da esq. p/ dir.: vista parcial da lateral esquerda; pormenor, volume da suíte; vista da cobertura.
Fonte: ARX Portugal / Fernando Guerra.²²⁸

A. Dados do autor

Arquiteto: José Paulo Feio Ribeiro Mateus				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura		Instituição de ensino
1963	Castelo Branco	1986		FAUTL ²²⁹ (atual FAUL)
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
Não	Sim	Sim	Sim	Docência – Membro de Instituições – Jurado de premiações.
Atelier de arquitetura - Sede				
ARX Portugal - Lisboa				

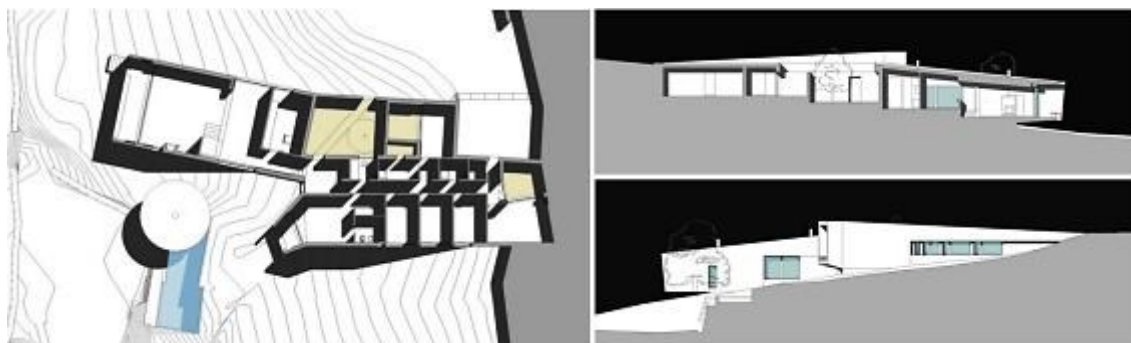
B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Romeirão, município de Mafra.	2001-2003	332	Térreo (em três patamares)	Suíte; quatro quartos; arrumo; casa de banho; dois pátios internos; cozinha; estar; jantar; duas varandas.

²²⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3cP23nM>. Acesso em: 27 fev. 2017.

²²⁹ Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

Figura 76 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Romeirão



À esq.: planta baixa; à dir.(acima), corte longitudinal; à dir. (embaixo), fachada lat. esq.

Fonte: *ArchDaily*.²³⁰ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.800	84	Irregular	Declive (16,4%)	Sim	Rural	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Habitações isoladas		Baixa		Baixa		
Paisagem predominante				Destaque na paisagem		
Casas esparsas, assentadas em vale e entremeadas por pomares, hortas e vegetação nativa.				Ampla encosta frontal ao lote, com extensa massa arbórea livre de obstáculos visuais.		

Figura 77 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Romeirão



O círculo laranja indica a Casa no Romeirão.

Fonte: *Google Earth*, altitude 440 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

²³⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2XSONY5>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Figura 78 - Casas vizinhas à Casa no Romeirão



Da esquerda para a direita: Casa 6; Casa 7; Casa 8; Casa 9; Casa 10. Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 3 - Casa Conde

Figura 79 - Fotos da Casa Conde



Da esq. p/ dir.: vista frontal; pormenor, fachada dos fundos; vista a partir da lateral direita.
Fonte: SAMF Arquitectos / Daniel Malhão.²³¹

A. Dados dos autores

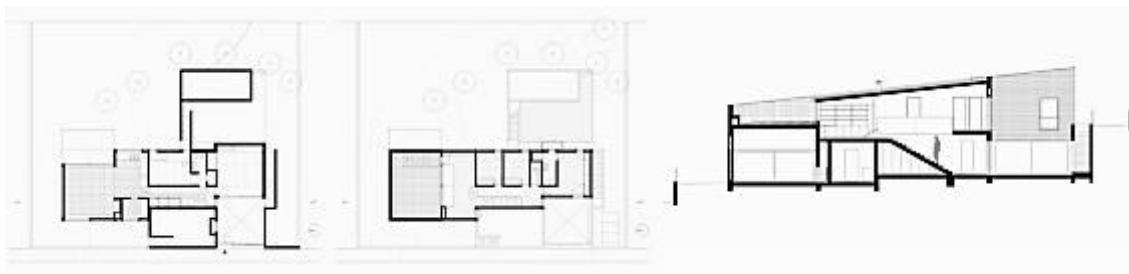
Arquiteta: Sara Antunes Prata Dias da Costa				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura		Instituição de ensino
1973	Lisboa	1996		FAUTL
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prémio	Concurso	Publicação	
Mestrado	Sim	N/A	Sim	N/A
Atelier de arquitetura - Sede SAMF Arquitectos - Lisboa				
Arquiteto: Mário Ferreira				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura		Instituição de ensino
1973	Lisboa	1996		FAUTL
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prémio	Concurso	Publicação	
N/A	Sim	N/A	Sim	N/A
Atelier de arquitetura - Sede SAMF Arquitectos – Lisboa				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Corroios, município de Seixal.	2001-2007	245	Rés do chão	Garagem; <i>hall</i> ; sala de ginástica; lavabo; despensa; cozinha, estar; jantar.
			Piso superior	Escritório; suíte; dois quartos; terraço.

²³¹ Disponível em: <https://bit.ly/3oRHgZx>. Acesso em: 04 abr. 2017.

Figura 80 - Desenhos arquitetônicos da Casa Conde



Da esq. p/ dir.: planta do rés do chão; planta do 1º pavto.; corte longitudinal.
 Fonte: *ArchDaily*.²³² (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
703	49	Retangular	Aclive (17%)	Sim	Suburbana	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Média		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em planície entremeado por jardins, arborização e lotes vazios.			Importante massa arbórea de grande porte nas proximidades do lote.			

Figura 81 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Conde



O retângulo laranja indica o lote da Casa Conde.
 Fonte: *Google Earth*, altitude 300 m, 2018. Adaptada pelo autor, 2019.

Figura 82 - Casas vizinhas à Casa Conde



Da esquerda para a direita: Casa 11; Casa 12; Casa 13; Casa 14; Casa 15.
 Fonte: o autor, 2018.

²³² Disponível em: <https://bit.ly/2YrxRJq>. Acesso em 06 ago. 2019.

Caso de estudo 4 - Casa no Magoito

Figura 83 - Fotos da Casa no Magoito



Da esq. p/ dir.: vista do fundos; vista frontal; fachada dos fundos.
Fonte: Baptista (2009).

A. Dados da autora

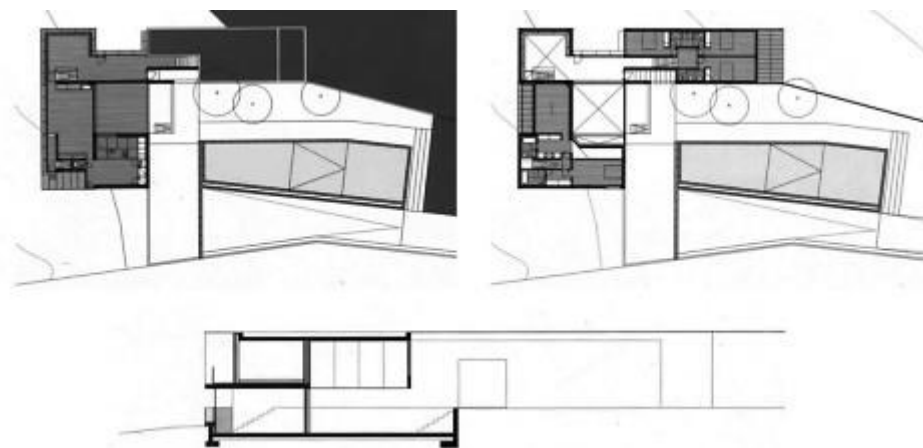
Arquiteta: Inês Varela Maia Lobo				
Ano de nascimento	Local de nascimento		Ano de licenciatura	Instituição de ensino
1966	Lisboa		1989	FAUTL ²³³
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	Sim	Sim	Docência – Curadoria de exposições – Júri de premiação.
Atelier de arquitetura - Sede				
Inês Lobo Arquitectos - Lisboa				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimentos	Espaços
São João das Lampas, município de Sintra.	2003-2009	404	Piso 0	Hall; estar; jantar; cozinha; lavabo; serviço; escritório.
			Piso 1	Cinco suítes.

²³³ A parte inicial da licenciatura da arquiteta Inês Lobo ocorreu na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Figura 84 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Magoito



Em cima, da esq. p/ dir.: planta do piso 0, planta do piso 1. Embaixo: corte longitudinal.

Fonte: Baptista (2009).

(Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
3.740	113	Irregular	Declive (4%)	Sim	Rural	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas de campo e Quintas		Baixa		Baixa		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Colinas e vales com cobertura vegetal abundante e edificações pontuais. (Parque Natural de Sintra-Cascais)			Na pendente do lote, há extenso vale aberto à vista que culmina no oceano Atlântico (Praia do Magoito a 1,7 Km).			

Figura 85 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Magoito



O círculo laranja indica a Casa no Magoito.

Fonte: *Google Earth*, altitude 750 m, 2016. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 86 - Casas vizinhas à Casa no Magoito



Da esquerda para a direita: Casa 16; Casa 17; Casa 18; Casa 19; Casa 20.
Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 5 - Casa no Azeitão

Figura 87 - Fotos da Casa no Azeitão



Da esq. p/ dir.: vista da lateral esquerda; fachada dos fundos; pormenor, vista da lateral direita.
Fonte: Habitar Portugal 2006-08 / Fernando Guerra.²³⁴

A. Dados do autor

Arquiteto: Miguel Beleza Teixeira Seixas e Sousa				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura	Instituição de ensino	
1966	Lisboa	1989	FAUTL	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prémio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	Sim	Sim	N/A
Atelier de arquitetura - Sede				
Atelier Central ²³⁵ - Lisboa				

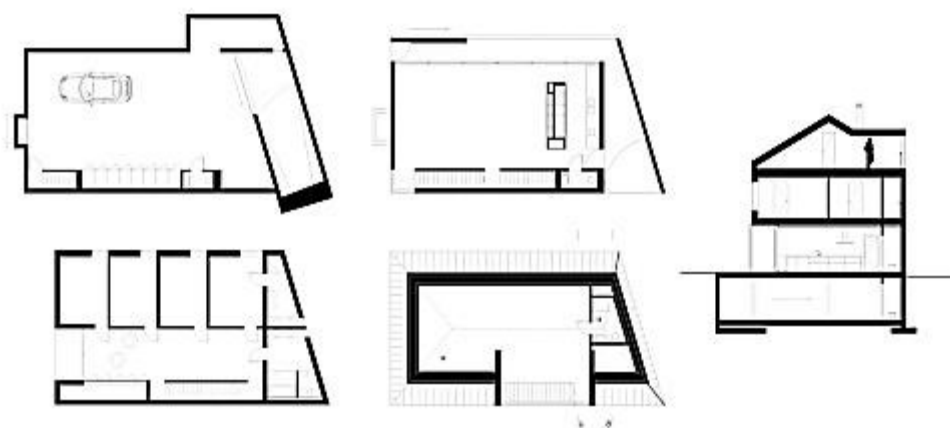
B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Azeitão, município de Setúbal.	2003-2006	509	Subsolo	Garagem; arrumos; lavabo.
			Térreo	Hall; cozinha; estar; jantar.
			1º Piso	Suíte; três quartos; estar; casa de banho.
			Sótão	Escritório; casa de banho.

²³⁴ Disponível em: <https://bit.ly/31lObIC>. Acesso em: 09 ago. 2019.

²³⁵ Vínculo à época da realização do projeto. Atualmente, o arquiteto não faz parte do *atelier*.

Figura 88 - Desenhos arquitetônicos da Casa no Azeitão



Em cima, da esq. p/ dir.: planta subsolo; planta do térreo. Embaixo, da esq. p/ dir.: planta do 1º pavimento; planta sótão. Extremidade direita: corte transversal.

Fonte: Habitar Portugal 2006-08.²³⁶ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
575	84	Poligonal	Plana	Não	Suburbana	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Alta		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em planície entremeado por jardins e lotes vazios.			Parque Nacional da Arrábida e o maciço da serra da Arrábida a sudeste do lote.			

Figura 89 - Imagem aérea do local de inserção da Casa no Azeitão



A forma irregular cor laranja indica o lote da Casa no Azeitão.

Fonte: *Google Earth*, altitude 305 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

²³⁶ Disponível em: <https://bit.ly/31lObIC>. Acesso em: 09 ago. 2019.

Figura 90 - Casas vizinhas à Casa no Azeitão



Da esquerda para a direita: Casa 21; Casa 22; Casa 23; Casa 24; Casa 25.
 Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 6 - Casa Aroeira III

Figura 91 - Fotos da Casa Aroeira III



Da esq. p/ dir.: fachada frontal; vista dos fundos; vista da lateral direita.
 Fonte: ColectivArquitectura / Fernando Guerra.²³⁷ (Adaptada pelo autor, 2019).

A. Dados dos autores

Arquiteto: Vera Martins Alves				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura	Instituição de ensino	
1972	Lisboa	1995	FAUTL	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	N/A	Sim	Docência
Atelier de arquitetura - Sede				
ColectivArquitectura - Lisboa				

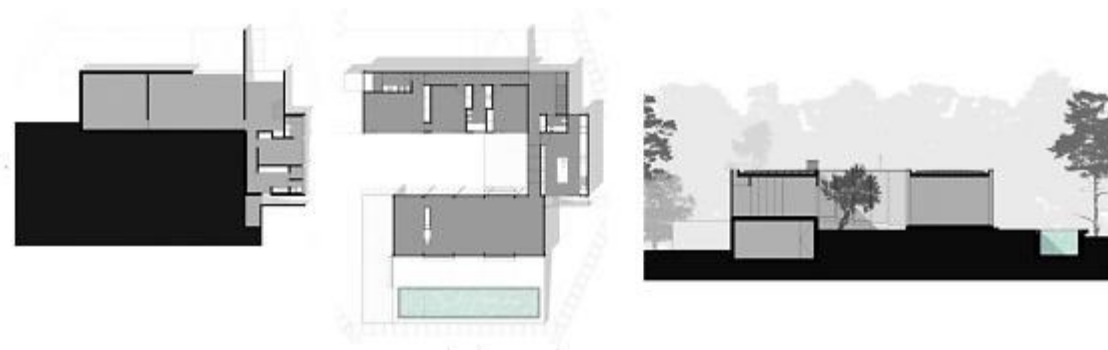
Arquiteto: Cristóvão Fonseca Ferreira				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura	Instituição de ensino	
1972	Lisboa	1996	FAUTL	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	N/A	Sim	N/A
Atelier de arquitetura - Sede				
ColectivArquitectura - Lisboa				

²³⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3rGHePF>. Acesso em: 10 jun. 2017.

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Charneca da Caparica, município de Almada.	2005-2011	412	Piso 0	Vestíbulo; garagem; serviços; arrumos.
			Piso 1	Vestíbulo; suíte, dois quartos; cozinha; estar; jantar; biblioteca.

Figura 92 - Desenhos arquitetônicos da Casa Aroeira III



Da esq. p/ dir.: planta piso 0, planta piso 1; corte transversal.
 Fonte: *ArchDaily*.²³⁸ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.620	63	Hexagonal	Active (6%)	Não	Suburbana	Sim

Envolvente – Escala de bairro		
Uso predominante	Densidade de ocupação	Altimetria dos edifícios
Casas isoladas	Baixa	Média
Paisagem predominante		Destaque na paisagem
Parque edificado em planície, entremeado por denso arvoredo de pinhais e campos de golfe.		Massa arbórea compacta, envolvendo as faces sul e oeste do lote da casa.

²³⁸ Disponível em: <https://bit.ly/33v5kBF>. Acesso em 10 jun. 2015.

Figura 93 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Aroeira III



O hexágono laranja indica o lote da Casa Aroeira III.
 Fonte: *Google Earth*, altitude 300 m, 2016. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 94 - Casas vizinhas à Casa Aroeira III



Da esquerda para a direita: Casa 26; Casa 27; Casa 28; Casa 29; Casa 30.
 Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 7 - Vila Utopia

Figura 95 - Fotos da Vila Utopia



Da esq. p/ dir.: vista dos fundos; vista da lateral direita; pormenor, lateral direita.
 Fonte: *ArchDaily* / Fernando Guerra.²³⁹ (Adaptada pelo autor, 2019).

²³⁹ Disponível em <https://bit.ly/30xvCRp>. Acesso em: 12 ago. 2015.

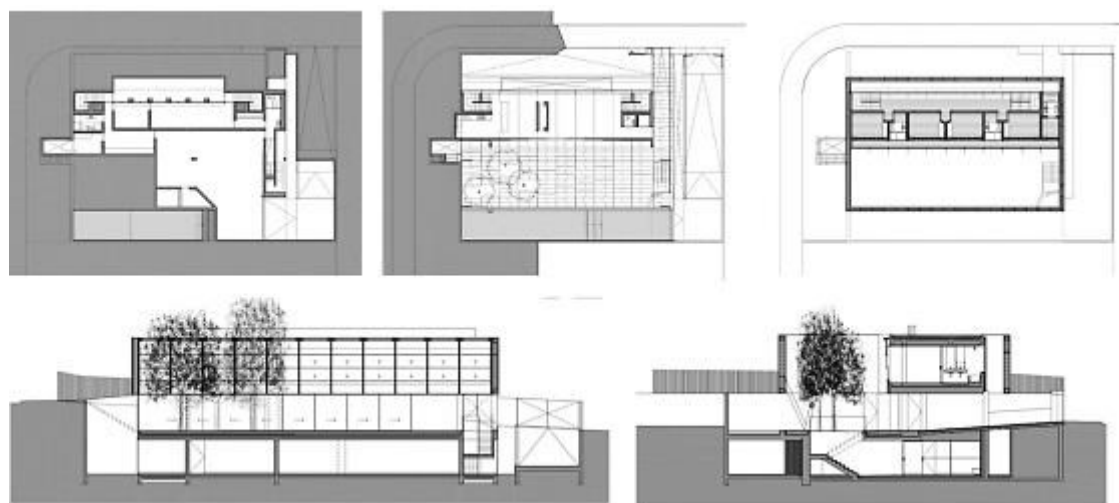
A. Dados do autor

Arquiteto: Gonçalo Nuno Pinheiro de Sousa Byrne				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura	Instituição de ensino	
1941	Alcobaça	1968	ESBAL	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
Doutor	Sim	Sim	Sim	Docência – Direção de Jornal – Jurado de premiações – Membro de instituições.
Atelier de arquitetura - Sede				
Gonçalo Byrne Arquitectos - Lisboa				

B. Projeto

Edifício ²⁴⁰				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Carnaxide, município de Oeiras.	2005-2012	553	Piso -1	Garagem; arrumos; quarto e casa de banho de serviço; lavanderia; despensa; área técnica; sala.
			Piso 0	Cozinha; estar; jantar; lavabo.
			Piso 1	Três suítes; quarto; casa de banho; sala/corredor.

Figura 96 - Desenhos arquitetônicos da Vila Utopia



Em cima, da esquerda p/ direita: planta piso -1; planta piso 0; planta piso 1.

Embaixo, da esquerda p/ direita: corte longitudinal; corte transversal.

Fonte: *ArchDaily*.²⁴¹ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

²⁴⁰ Esta casa (lote 32) é o espelhamento do projeto de outra casa situada no lado oposto da rua (lote 33). As duas casas, projetadas por Gonçalo Byrne, fazem parte do empreendimento imobiliário Vila Utopia, que é um bairro cujas casas foram projetadas por renomados arquitetos portugueses.

²⁴¹ Disponível em <https://bit.ly/30xvCRp>. Acesso em: 12 ago. 2015.

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
760	134	Retangular	Declive (6%)	Sim	Suburbana	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em planície, entremeado por jardins e lotes vazios.			Encosta da serra de Carnaxide, com cobertura vegetal a norte do lote.			

Figura 97 - Imagem aérea do local de inserção da Vila Utopia



O retângulo laranja indica o lote da Vila Utopia.

Fonte: *Google Earth*, altitude 390 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 98 - Casas vizinhas à Vila Utopia



Da esquerda para a direita: Casa 31; Casa 32; Casa 33; Casa 34; Casa 35.

Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 8 - Casa em Caxias

Figura 99 - Fotos da Casa em Caxias



Da esq. p/ dir.: vista lateral esquerda; vista fachada frontal; vista fachada dos fundos.

Fonte: António Costa Lima Arquitectos / Fernando Guerra. (Adaptata pelo autor, 2019).

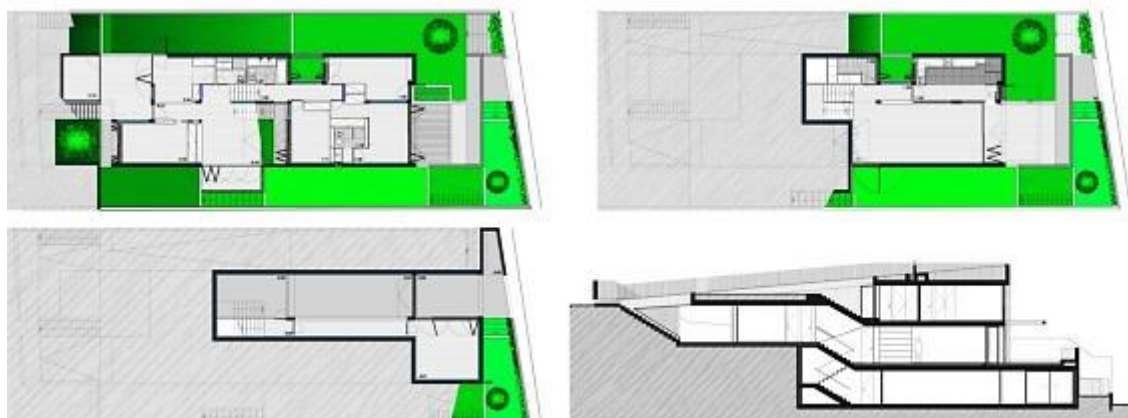
A. Dados do autor

Arquiteto: António Costa Lima				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura	Instituição de ensino	
1969	Lisboa	1992	FAA ULL ²⁴²	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	N/A	Sim	N/A
Atelier de arquitetura - Sede				
António Costa Lima Arquitectos - Lisboa				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Caxias, município de Oeiras.	2007-2012	368	Pisos 0 e 1	Arrecadação; sala; escritório; 2 casas de banho; 3 quartos; suíte.
			Piso -1	Estar; jantar; cozinha; lavandaria.
			Piso -2	Hall; sala de crianças; arrumos; área de serviço; garagem.

Figura 100 - Desenhos arquitetônicos da Casa em Caxias



Em cima, da esquerda p/ direita: planta Pisos 0 e 1; planta Piso -1.

Embaixo, da esquerda. p/ direita: planta Piso -2; Corte longitudinal.

Fonte: António Costa Lima Arquitectos. (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
486	18	Trapezoidal	Declive (20%)	Sim	Urbana	Não

²⁴² Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

Envolvente – Escala de bairro		
Uso predominante	Densidade de ocupação	Altimetria dos edifícios
Casas isoladas	Média	Baixa
Paisagem predominante		Destaque na paisagem
Parque edificado em planície, entremeado por jardins de logradouros.		Vista panorâmica do Vale do Jamor na pendente do terreno, com destaques para a Igreja da Cartuxa, os Jardins da Cascata da Quinta Real de Caxias e a foz do rio Tejo.

Figura 101 - Imagem aérea do local de inserção da Casa em Caxias



O trapézio laranja indica o lote da Casa em Caxias.
Fonte: *Google Earth*, altitude 210 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 102 - Casas vizinhas à Casa em Caxias



Da esquerda para a direita: Casa 36; Casa 37; Casa 38; Casa 39; Casa 40.
Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 9 - Casa na Aroeira

Figura 103 - Fotos da Casa na Aroeira



Da esq. p/ dir.: vista dos fundos; vista do pátio interno; vista frontal.
Fonte: *ArchDaily* / Francisco Caseiro.²⁴³

²⁴³ Disponível em <https://bit.ly/31x4bHQ>. Acesso em: 14 ago. 2015.

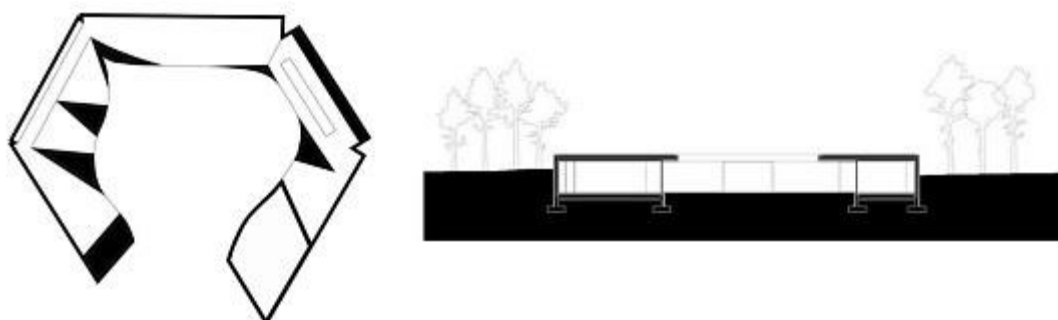
A. Dados do autor

Arquiteto: Manuel Aires Mateus				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura	Instituição de ensino	
1964	Lisboa	1987	FAUTL	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	Sim	Sim	Sim	Docência
Atelier de arquitetura - Sede				
Aires Mateus e Associados - Lisboa				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Charneca da Caparica, município de Almada,	2007-2010	296	Térreo	Estar; jantar; lavabo; três suítes; cozinha; arrumos, área de serviço.

Figura 104 - Desenhos arquitetônicos da Casa na Aroeira



Da esquerda p/ direita: planta rés do chão; corte transversal.

Fonte: Vita (2013). (Montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.270	67	Hexagonal	Aclive (6%)	Não	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Baixa		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em planície, entremeado por denso arvoredo de pinhais e campos de golfe.			Massa arbórea compacta, envolvendo as faces oeste do lote da casa.			

Figura 105 - Imagem aérea do local de inserção da Casa na Aroeira



O hexágono laranja indica o lote da Casa na Aroeira.
 Fonte: *Google Earth*, altitude 345 m, 2016. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 106 - Casas vizinhas à Casa na Aroeira



Da esquerda para a direita: Casa 41; Casa 42; Casa 43; Casa 44; Casa 45.
 Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 10 - Casa C+P

Figura 107 - Fotos da Casa C+P



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista da lateral direita; vista dos fundos.
 Fonte: *ArchDaily* / Fernando Guerra.²⁴⁴

A. Dados do autor

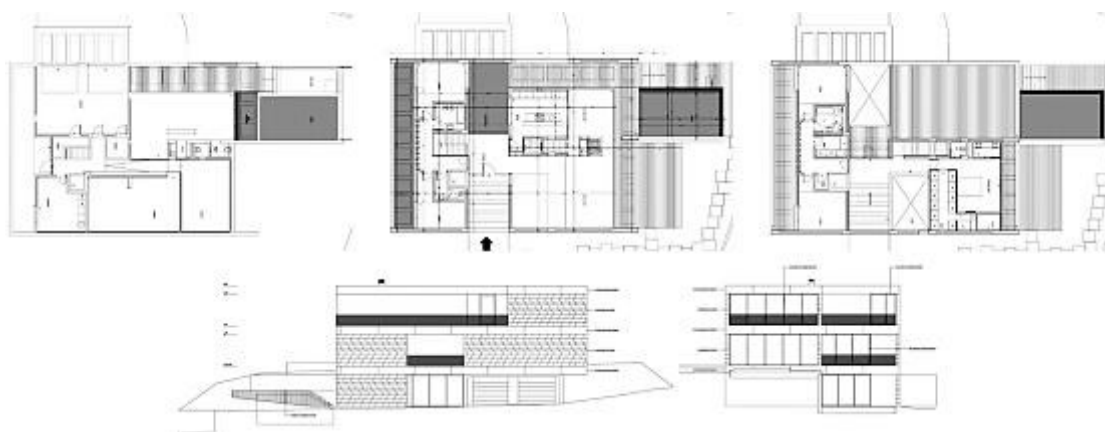
Arquiteto: Gonçalo das Neves Nicolau Nunes				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de licenciatura		Instituição de ensino
1977	Lisboa	2000		FAA ULL
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prémio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	Sim	Sim	N/A
Atelier de arquitetura - Sede				
Lisboa Estúdio, Arquitetura & Design - Lisboa.				

²⁴⁴ Disponível em <https://bit.ly/2KB3ozV>. Acesso em: 15 ago. 2015.

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Lumiar, município de Lisboa	2009-2011	622	Cave	Garagem, arrumos, lavanderia, estar, lavabo, copa
			Piso 0	Vestíbulo, dois quartos, estar, refeições, cozinha.
			Piso 1	Suíte, dois quartos, casa de banho, dois <i>closets</i> , sala de leitura; terraço.

Figura 108 - Desenhos arquitetônicos da Casa C+P



Em cima, da esquerda p/ direita: planta da cave; planta piso 0; planta piso 1.
Embaixo, da esquerda p/ direita: elevação dos fundos; elevação lateral direita.
Fonte: Gonçalo das Neves. (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.000	86	Trapezoidal	Declive (22%)	Sim	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado sobre colinas, entremeado por amplas áreas verdes, campos de golfe e lotes vazios.			Na pendente do lote (Leste), ampla visibilidade do campo de golfe e, em segundo plano, vista dos bairros vizinhos.			

Figura 109 - Imagem aérea do local de inserção da Casa C+P



O trapézio laranja indica o lote da Casa C+P.

Fonte: *Google Earth*, altitude 350 m, 2016. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 110 - Casas vizinhas à Casa C+P



Da esquerda para a direita: Casa 46; Casa 47; Casa 48; Casa 49; Casa 50.

Fonte: o autor, 2018.

7.3.1.1. Resultado das grelhas de análise - AML

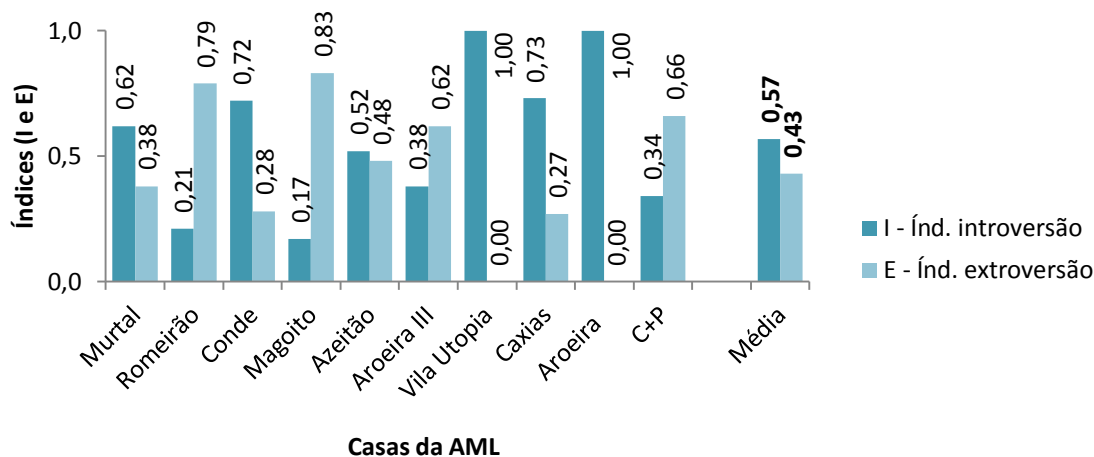
Os dados obtidos através da aplicação das grelhas de análise aos casos de estudo são apresentados aqui de modo compilado através de gráficos temáticos conforme as três ordens de projeto.

Na ordem horizontal de projeto, o conjunto das casas analisadas indica a prevalência da estratégia classificada como **introversão forte**, uma vez que, em termos de valores médios, sobressaem-se os índices de introversão (0,57) e as taxas de opacidade (0,63) nos casos de estudo da AML (Gráficos 1 e 2). Nesse sentido, nota-se que, em 60% dessas casas, os índices de introversão superam os índices de extroversão (Gráfico 1), sendo que a Vila Utopia, a Casa na Aroeira e a Casa Conde se destacam por apresentarem os mais altos índices de introversão, entre 0,72 e 1,0. Já as casas no Romeirão e no Magoito, destacam-se em sentido oposto, por apresentarem altos índices de extroversão, isto é, predominam aberturas orientadas para vistas exteriores ao lote.

Cumprir destacar, conforme as informações relativas aos lotes e às envolventes dos casos de estudo da AML, na subseção anterior, os terrenos das casas analisadas estão majoritariamente inseridos em contextos de espraiamento do edificado no

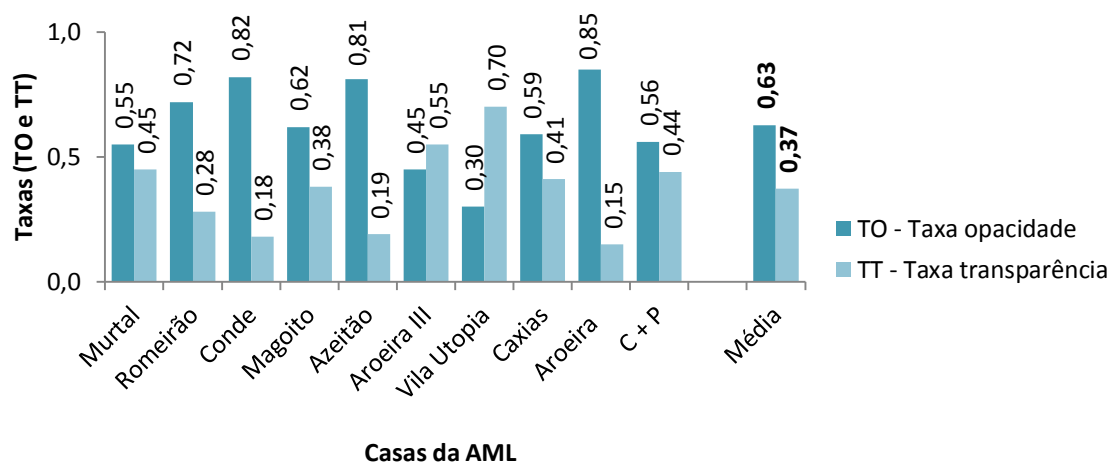
território. Assim, 60% dos lotes oferecem condição de visadas panorâmicas para o entorno; 60% estão inseridos em zonas de baixa densidade de ocupação do parcelamento do solo pelo edificado; e 80% deles estão situados em zonas rurais ou suburbanas.

Gráfico 1 - Índices da ordem horizontal (I e E) das casas da AML



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 2 - Taxas de opacidade (TO) e transparência (TT) das casas da AML

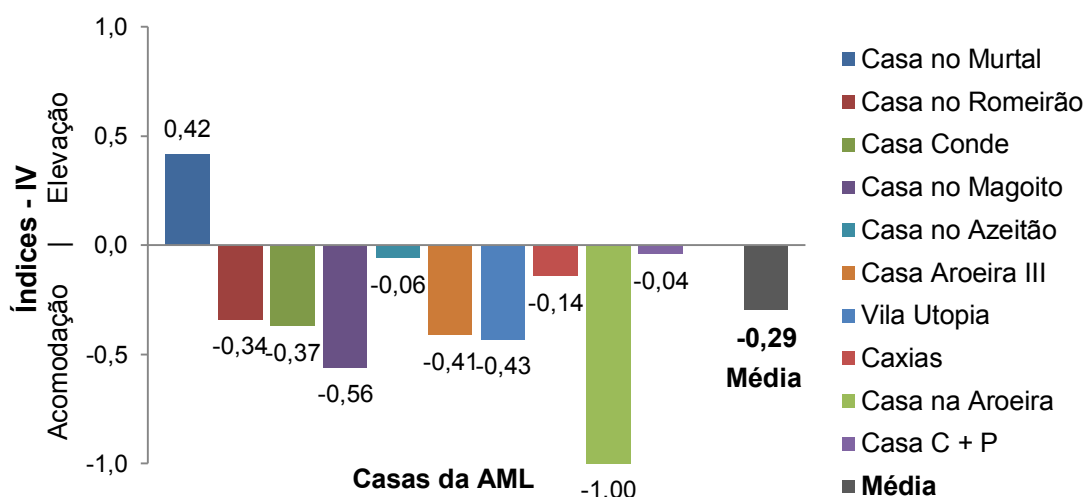


Fonte: o autor, 2019.

Por outro lado, conforme o Gráfico 2, verifica-se que há uma acentuada prevalência de casas na AML nas quais as fachadas são predominantemente cegas. Em 80% delas, as taxas de opacidade são maiores do que as taxas de transparência, dentre as quais, destacam-se a Casa Conde, a Casa no Azeitão e a Casa na Aroeira, que apresentam índices superiores a 0,8. A única casa a destoar do caráter predominante de opacidade é a Vila Utopia, que, embora introvertida, apresenta elevado índice de transparência: 0,7.

Quanto à ordem vertical de projeto, que afere as estratégias de acomodação ou elevação das habitações em relação ao terreno, Gráfico 3, verifica-se que, na grande maioria dos casos de estudo da AML (90%), os arquitetos adotaram a estratégia de acomodação do edifício ao chão. Considerando o conjunto das casas, pelo índice médio calculado para as casas da AML (-0,29), a estratégia de projeto dominante é de **acomodação moderada**. A destoar dessa média, destacam-se, a já mencionada Casa no Murtal, por apresentar estratégia contrária à dominante e a Casa na Aroeira, por sobressair-se em relação às demais pelo índice máximo de acomodação.

Gráfico 3 - Índices da ordem vertical (IV) das casas da AML



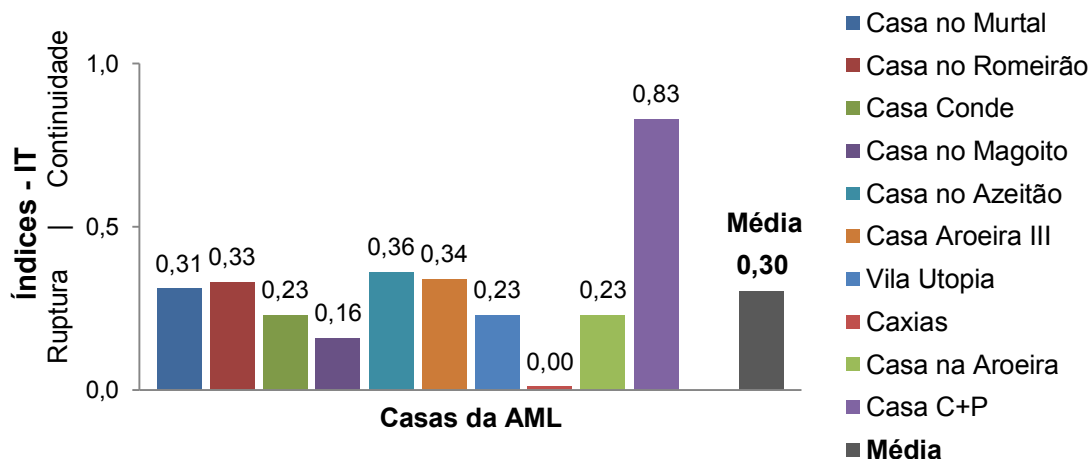
Fonte: o autor, 2019.

Note-se que, de acordo com os dados apurados nos tópicos *Envolvente – Escala de bairro* da subseção anterior, *Apresentação dos casos de estudo*, embora 70% das casas estudadas na AML possuam dois pavimentos, elas apresentam volumetrias com grande sentido de gravidade e massa, já que em todos os casos inexistem elementos capazes de interromper seus assentamentos praticamente monolíticos no chão, tais como volumes em balanço (consola) ou sobre *pilotis*.

Por fim, na ordem transversal de projeto, que apura os índices de continuidade e ruptura dos sistemas construtivos, materiais e linguagem arquitetônica dos casos de estudo em relação às casas vizinhas, Gráfico 4, verifica-se, pela média (0,30), a prevalência da estratégia de **ruptura moderada**. Importa destacar que – dentre as classificações aqui estabelecidas para avaliação das linguagens, ou seja, contemporânea, híbrida ou tradicional (cf. p. 347) – a

configuração arquitetônica predominante das casas da AML é a contemporânea, 90% do número total.

Gráfico 4 - Índices da ordem transversal (IT) das casas da AML



Fonte: o autor, 2019.

Por outro lado, a estratégia de ruptura predominante nas casas da AML ocorre em meio a padrões arquitetônicos de vizinhança majoritariamente, 90% dos casos, tipificados por linguagens tradicionais conforme o *Apêndice II – Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise*. A única exceção é identificada na Casa C+P, cuja estratégia é de continuidade forte, no entanto, o padrão arquitetônico de vizinhança desta casa é caracterizado pela linguagem contemporânea.

7.3.2. Resultados das entrevistas - AML

A compilação dos dados recolhidos através da observação indireta dos casos de estudo da AML, a partir das entrevistas semiestruturadas junto aos arquitetos autores dos projetos, são apresentadas a seguir. Conforme o *Apêndice III – Entrevista semiestruturada padrão*, a apresentação segue os quatro blocos de questões formuladas aos arquitetos, a saber: A- Referências arquitetônicas; B- Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal; C- Lugar e projeto; e D- Sobre o projeto da casa. Os conteúdos essenciais dessas entrevistas encontram-se no *Apêndice IV – Síntese das entrevistas com os arquitetos*.

Antes de entrar nos assuntos relativos aos referidos blocos de questões, solicitou-se aos entrevistados informações preliminares sobre suas origens e formações acadêmicas. Cumpre esclarecer que, embora tenhamos dez casos de

estudo na AML, são doze os arquitetos autores dos projetos, visto que dois deles foram concebidos em coautoria.

Quanto às origens destes arquitetos, nota-se que a grande maioria é natural de Lisboa, nove deles. Apenas três dos arquitetos, embora sediados e atuantes em Lisboa, nasceram em outras cidades: Ílhavo, Castelo Branco e Alcobaça, todas elas situadas fora da AML.

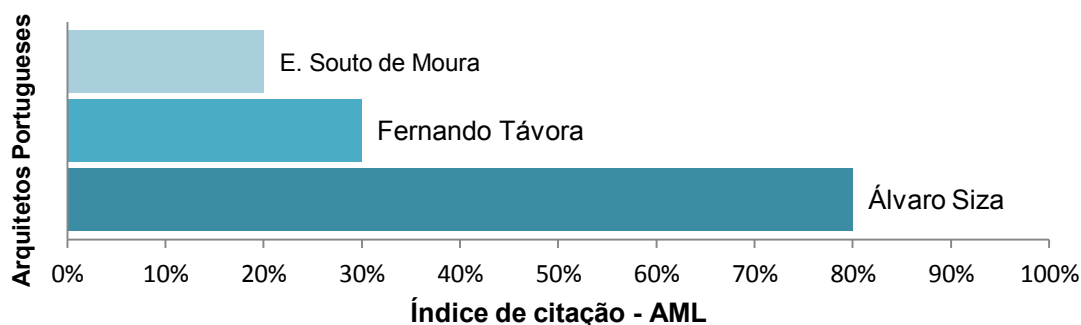
Relativamente à formação acadêmica dos entrevistados, constata-se que apenas duas escolas de arquitetura os diplomaram, uma pública e outra privada. Nesse aspecto, verifica-se o predomínio da FAUL e suas denominações institucionais anteriores (ESBAL e FAUTL), como instituição pública de procedência desses arquitetos, sendo que dez deles licenciaram-se nessa faculdade²⁴⁵, 83% do total. Os outros dois, dos doze arquitetos entrevistados, 17%, estudaram na FAA ULL, instituição privada. Quanto a estudos de pós-graduação, verifica-se que apenas três dos doze arquitetos atuantes na AML os realizaram, 25%. Outro dado relevante sobre a formação desses arquitetos diz respeito à época em que concluíram suas licenciaturas: cinco deles finalizaram seus cursos de arquitetura nos anos 1980, 42%; outros cinco, nos anos 1990, 42%; um, nos anos 1960, 8%; e outro, no ano 2000, 8%.

A. Referências arquitetônicas

Os Gráficos 5 e 6, a seguir, apresentam os arquitetos nacionais e estrangeiros mais citados pelos dez autores entrevistados na AML como sendo aqueles que mais os influenciaram em suas formações acadêmicas e trajetórias profissionais. Aqui, embora tenham sido mencionados doze nomes nacionais e onze internacionais, listamos somente aqueles arquitetos que foram citados por pelo menos 20% dos entrevistados. Cumpre lembrar que essa questão foi apresentada para resposta espontânea dos entrevistados quanto ao apontamento de nomes e nacionalidades.

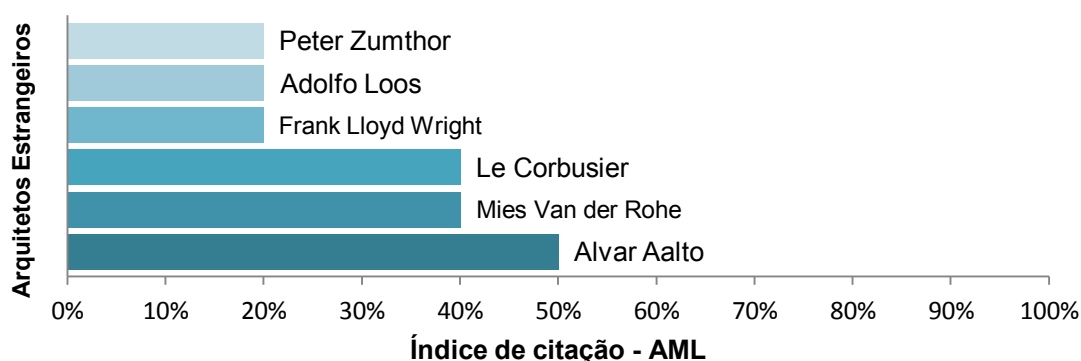
²⁴⁵ A arquiteta Inês Lobo, autora da Casa no Magoito, iniciou sua licenciatura na FAUP e a concluiu na FAUTL, atual FAUL.

Gráfico 5 - Arquitetos portugueses mais influentes entre os autores da AML



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 6 - Arquitetos estrangeiros mais influentes entre os autores da AML



Fonte: o autor, 2019.

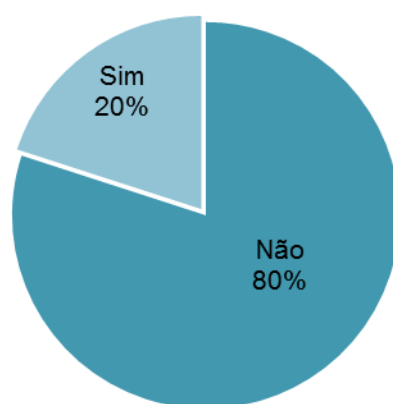
Quanto aos autores nacionais considerados como referência para os entrevistados, Gráfico 5, o grande destaque recai sobre a figura de um arquiteto do Norte de Portugal, Álvaro Siza, citado por 80% dos autores dos casos de estudo da AML. Em patamares mais abaixo, também de origem nortenha, temos Fernando Távora, citado por 30% dos entrevistados, e Eduardo Souto de Moura, citado por 20% dos entrevistados.

Quanto às referências a arquitetos estrangeiros, Gráfico 6, o leque de citação é mais amplo em relação aos nacionais: foram apontados seis arquitetos internacionais com mais de 20% de citação, dos quais coube destaque às figuras de Alvar Aalto, referido por 50% dos entrevistados, bem como Mies Van der Rohe e Le Corbusier, ambos lembrados por 40% dos entrevistados. Ao contrário dos arquitetos portugueses citados, entre os estrangeiros mencionados não há figura que se destaque como referência majoritária, isto é, nenhum deles foi citado por mais de 50% dos arquitetos entrevistados na AML.

No cômputo geral, convém destacar, os arquitetos mais citados como referência para os autores da AML, independente da nacionalidade, foram: Álvaro Siza, mencionado por 80% dos entrevistados, e Alvar Aalto, aludido por 50% dos entrevistados.

Por fim, indagados se os arquitetos enquadravam os próprios projetos a alguma corrente de pensamento em arquitetura, Gráfico 7, a grande maioria dos entrevistados da AML, 80%, afirmou que não enquadravam suas obras a quaisquer correntes arquitetônicas.

Gráfico 7 - Enquadramento dos arquitetos a correntes de arquitetura

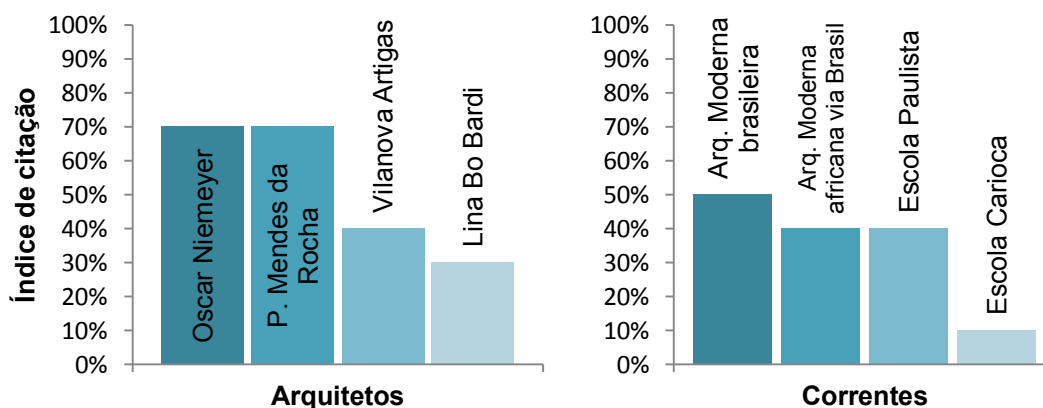


Fonte: o autor, 2019.

B. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal

O Gráfico 8 apresenta a compilação das respostas relativas à questão da existência de arquitetos ou correntes arquitetônicas no Brasil que se apresentam como relevantes para os arquitetos autores entrevistados na AML.

Gráfico 8 - Citações de arquitetos e correntes relevantes no Brasil



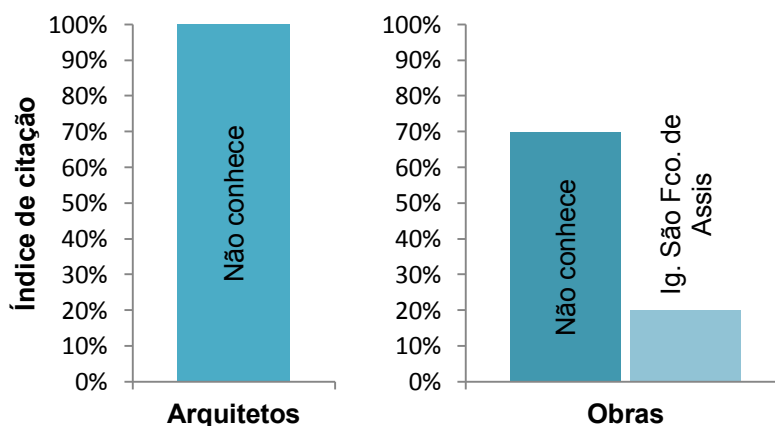
Fonte: o autor, 2019.

Mediante essa questão, foram apontados 14 arquitetos brasileiros como relevantes para os entrevistados da AML, mas apenas quatro desses foram citados por pelo menos 20%. No patamar de destaque, os dois arquitetos brasileiros mais referidos, com expressivos percentuais de citação, foram o fluminense Oscar Niemeyer e o capixaba Paulo Mendes da Rocha, ambos mencionados por 70% dos entrevistados. Em patamares inferiores, foram mencionados o paranaense Vilanova Artigas, mencionado por 40% dos entrevistados, e a ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, citada por 30%.

Do ponto de vista de referências a correntes arquitetônicas no Brasil, houve a prevalência da Arquitetura Moderna brasileira, apontada por 50% dos entrevistados. Num patamar abaixo, figuraram, curiosamente, a denominada Arquitetura Moderna africana de influência brasileira e a Escola Paulista, ambas citadas por 40% dos arquitetos entrevistados da AML.

Outra questão apresentada aos portugueses sondou seus conhecimentos sobre arquitetos e obras da cidade de Belo Horizonte, Gráfico 9. Esse quesito revelou uma inserção quase nula dos fatos arquitetônicos de BH no universo de conhecimento dos entrevistados da AML. Todos eles afirmaram não conhecer arquitetos da mencionada cidade brasileira e 70% alegou desconhecer obras arquitetônicas ali situadas. Apenas quatro obras de BH foram aludidas pelos portugueses, sendo que somente a Igreja São Francisco de Assis, projetada por Oscar Niemeyer, recebeu destaque no patamar mínimo, sendo referida por 20% dos entrevistados.

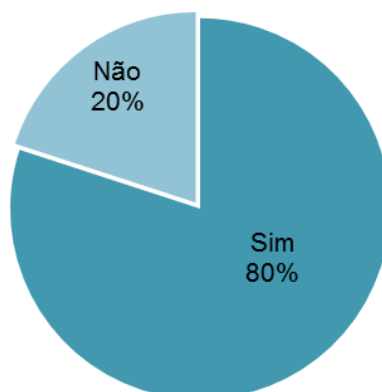
Gráfico 9 - Citações de conhecimento da arquitetura de BH: arquitetos e obras



Fonte: o autor, 2019.

Se, por um lado, os arquitetos autores dos casos de estudo da AML desconhecem a arquitetura de Belo Horizonte; por outro, ao serem questionados se identificavam alguma relação da própria obra com a arquitetura brasileira, Gráfico 10, a grande maioria deles, 80%, revelou haver tal conexão.

Gráfico 10 - Relação da própria obra com a arquitetura brasileira

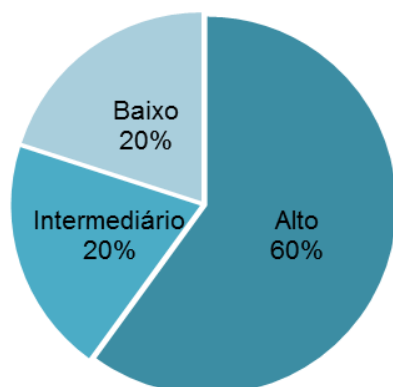


Fonte: o autor, 2019.

C. Lugar e projeto

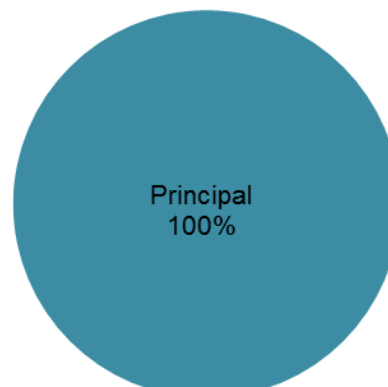
Indagados sobre a percepção do nível de importância da temática do lugar no ensino de projeto em suas licenciaturas, Gráfico 11, a maioria simples dos entrevistados, 60%, afirmou ser alto. Recorde-se que todos os entrevistados licenciaram-se em faculdades de arquitetura de Lisboa. Por outro lado, 100% dos entrevistados revelaram que as questões relativas ao lugar desempenham papel principal na criação dos seus projetos, Gráfico 12.

Gráfico 11 - Nível de importância do lugar no ensino de projeto na licenciatura



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 12 - Papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos



Fonte: o autor, 2019.

D. Sobre o projeto das casas

D1. Questões gerais

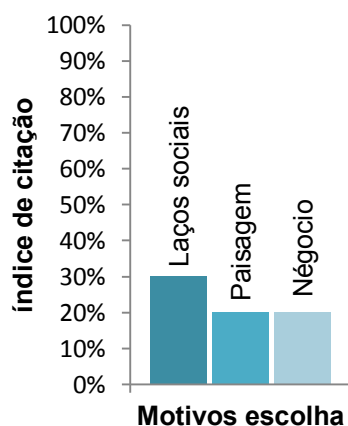
Das questões gerais formuladas aos entrevistados, destacamos aqui as mais significativas para as estratégias de projeto investigadas: escolha do lote, demandas dos clientes e legislação.

Quanto à motivação da escolha do lote por parte dos clientes dos arquitetos, Gráfico 13, apenas três das sete causas apresentadas tiveram um patamar de 20% de citação, informação que denota a diversidade causal e a não prevalência significativa de nenhuma delas. Aqui, por ser um atributo do lugar perquirido nesta investigação, cabe menção a motivação dada à paisagem, citada por apenas 20% dos clientes.

Semelhante situação ocorre quanto às demandas dos clientes em relação ao lugar que teriam impactado nas soluções de projeto, Gráfico 14. Segundo os entrevistados, dado relevante, 40% dos clientes não demandaram soluções de projeto relativas ao lugar. Além disso, o rol das demandas apresentadas ficou no baixo patamar de 20% cada uma delas, embora possamos destacar desse rol aquelas relacionadas à paisagem e à privacidade, demandas que impactam diretamente nas estratégias de projeto ora investigadas.

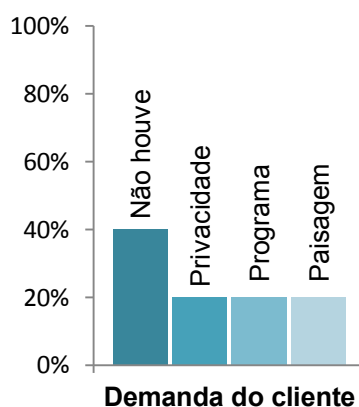
A percepção de impacto da legislação urbanística nas soluções do projeto relativas ao lote e à envolvente, Gráfico 15, foi reportada pela metade dos arquitetos entrevistados; a outra metade afirmou não ter havido interferência.

Gráfico 13 - Motivos mais citados pelos clientes para escolha do lote



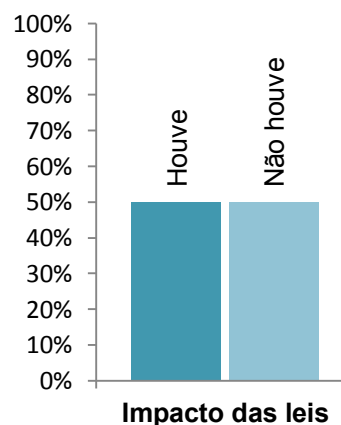
Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 14 - Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 15 - Impacto da legislação no projeto face ao lote e à envolvente



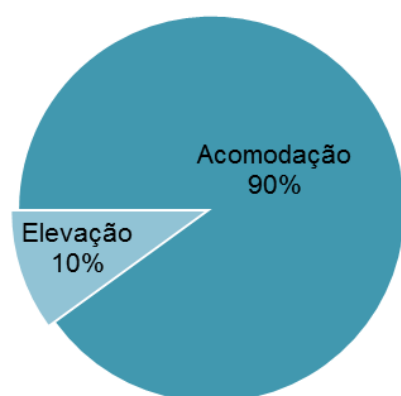
Fonte: o autor, 2019.

D2. Questões relativas às estratégias de acomodação ou elevação

Os dados obtidos pela aplicação da grelha de análise da ordem vertical de projeto apontam que em 90% dos casos de estudo da AML predomina a estratégia de acomodação, Gráfico 16. Questionados sobre os principais fatores motivadores dessa estratégia de acomodação em seus projetos – tendo como opções de resposta a topografia, a envolvente, a cultura arquitetônica local, a legislação, ou outros –, a maioria dos entrevistados, 78%, apontou a topografia como o principal fator, Gráfico 17. Num patamar inferior de motivação, 33% das citações, foi aludido o fator envolvente. A cultura local foi mencionada como motivadora por apenas 11% dos entrevistados.

Em complemento à questão anterior, indagamos aos entrevistados sobre as razões pelas quais os fatores motivadores potenciaram a acomodação das casas aos terrenos, Gráfico 18. Entre o rol das razões apontadas, embora não haja alguma com peso estatístico majoritário, destacam-se, no mesmo patamar de 33% de menção, disposição do programa doméstico e a obtenção de privacidade/intimidade na habitação, ambas relacionadas ao fator topografia. Em outras palavras, maneja-se o terreno para a disposição do programa e criação de privacidade/intimidade.

Gráfico 16 - Estratégias de projeto da ordem vertical, casas da AML



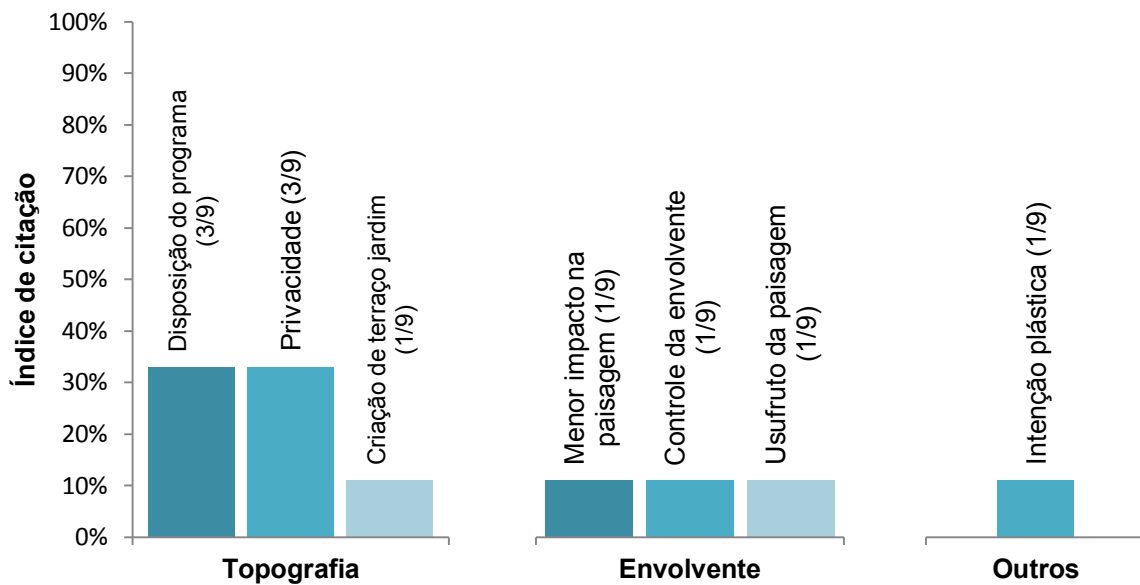
Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 17 - Principais fatores motivadores da acomodação das casas



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 18 - Razões para os fatores potenciarem a acomodação das casas



Fonte: o autor, 2019.

D3. Questões relativas às estratégias de introversão ou extroversão

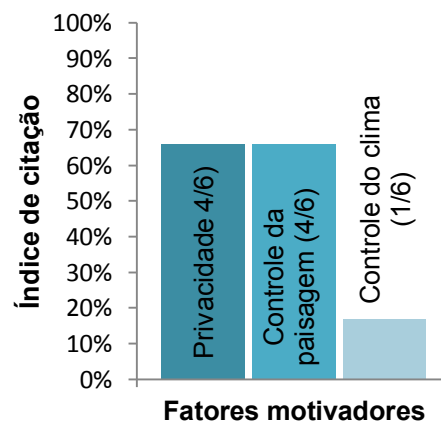
As questões das entrevistas relacionadas à ordem horizontal de projeto derivam dos índices de introversão e extroversão, bem como das taxas de opacidade e transparência apuradas nos casos de estudo.

Gráfico 19 - Estratégias de projeto da ordem Horizontal, casas da AML



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 20 - Fatores motivadores do predomínio da introversão, casas da AML



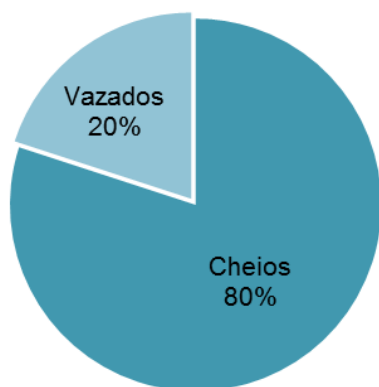
Fonte: o autor, 2019.

O Gráfico 19 exhibe os dados apurados pelas grelhas de análise quanto às estratégias de projeto da ordem horizontal das casas estudadas na AML, onde se constatou a prevalência da estratégia de introversão. A esse respeito, a questão posta

aos seis arquitetos autores dos projetos “introvertidos” teve o propósito de conhecer os principais fatores motivadores dessa estratégia, Gráfico 20. Dentre os fatores apontados como preponderantes na motivação de introversão, sobressaem-se, no mesmo patamar de referência, a obtenção de privacidade e o controle da paisagem – ambos os motivos elencados por dois terços dos entrevistados, 66%.

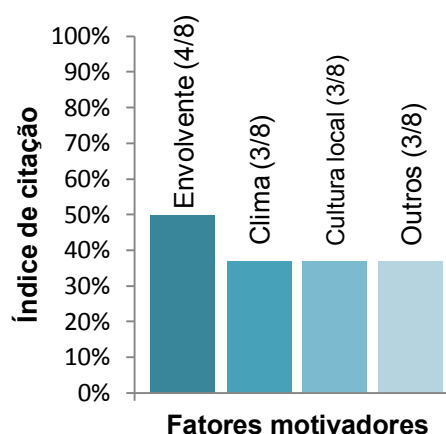
Quanto à prevalência de opacidade ou transparência nas fachadas dos projetos estudados, os dados apurados nas grelhas de análise, Gráfico 21, mostram que 80% dos casos de estudo da AML apresentam predomínio dos cheios sobre os vazados. A partir dessa informação, a questão que se colocou aos entrevistados objetivou classificar, dentre os fatores apresentados – clima, cultura arquitetônica local, envolvente, legislação, ou outros –, aqueles que mais contribuíram para a preponderância da opacidade nas fachadas dessas oito casas.

Gráfico 21 - Predomínio de cheios ou vazados nas fachadas



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 22 - Fatores motivadores do predomínio de cheios nas fachadas



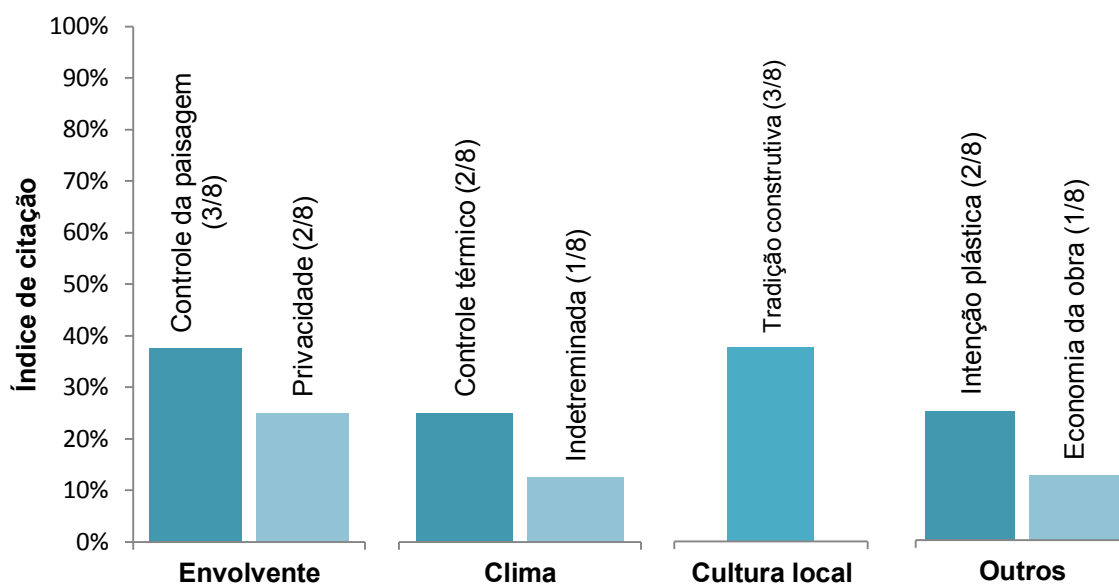
Fonte: o autor, 2019.

As respostas apresentadas, Gráfico 22, demonstram que o fator que se sobressai na motivação para o desenho de fachadas mais cegas tem a ver com a envolvente, alternativa referida por 50% dos arquitetos entrevistados. Em patamar logo abaixo, mas em nível de igualdade na motivação da opacidade das fachadas, foram mencionados os fatores ligados ao clima, à cultura arquitetônica local, e outros – mencionados por 37% dos entrevistados.

Uma vez definidos os principais fatores que provocaram a opacidade das fachadas, verificamos junto aos arquitetos as razões pelas quais esses fatores potenciaram os cheios nas fachadas, Gráfico 23. Assim, relativo ao principal fator

motivador de opacidade, a envolvente, constata-se que a razão dominante, presente em 37% das menções, é o controle da paisagem. A segunda razão é a privacidade das habitações, apontada por 25% dos arquitetos. Dentro dos fatores do segundo escalão de motivação da opacidade das fachadas, há que se destacar a tradição local, mencionada por 37% dos entrevistados como razão dominante do incremento decorrente da cultura arquitetônica local.

Gráfico 23 - Razões para os fatores potenciarem os cheios nas fachadas



Fonte: o autor, 2019.

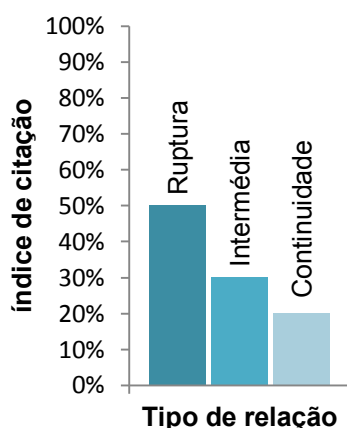
Recorde-se que a prevalência de opacidade ou transparência nas fachadas analisadas não são os marcadores elencados para a definição das estratégias de introversão ou extroversão das casas, mas tão somente os fatores que lhe conferem maior ou menor intensidade, conforme a situação. Nos casos de estudo da AML, conforme os dados apresentados, a prevalência da opacidade está a acentuar a estratégia de introversão.

D4. Questões relativas às estratégias de continuidade ou ruptura

As indagações relativas à ordem transversal de projeto visaram obter a avaliação dos próprios autores quanto ao modo com que a arquitetura das casas projetadas se relaciona com as casas vizinhas preexistentes; a motivação das escolhas dos materiais e técnicas construtivas; e o comparativo da obra projetada com a arquitetura contemporânea de referência – publicada e premiada – em Portugal.

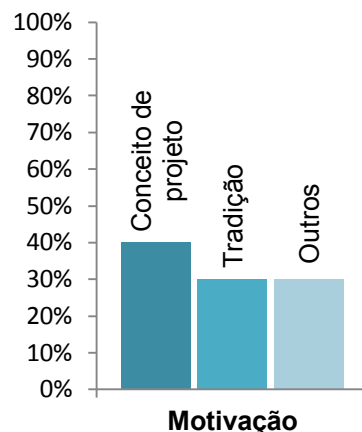
Relativamente à avaliação dos entrevistados sobre a relação da linguagem das casas por eles projetadas em comparação às vizinhas preexistentes, Gráfico 24, verificou-se que: a metade os autores afirmou que houve ruptura com o contexto; 20% disseram que ocorreu continuidade; e os 30% restantes mencionaram uma relação intermédia com a vizinhança, isto é, nem continuidade nem ruptura.

Gráfico 24 - Avaliação da linguagem da casa face às casas preexistentes



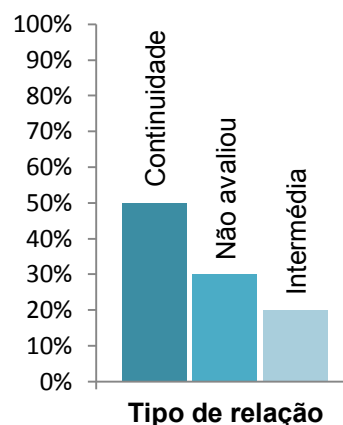
Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 25 - Motivação da escolha dos materiais e tecnologias construtivas



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 26 - Avaliação da casa face à arquitetura contemporânea portuguesa



Fonte: o autor, 2019.

Quanto à motivação das escolhas dos materiais e técnicas construtivas, Gráfico 25, as respostas dos entrevistados apontaram para duas razões dominantes, 40% de menção, resposta ao conceito de projeto; e a tradição construtiva, 30% de menção. As demais causas, 30% do total, por serem variadas, não compuseram blocos representativos.

Solicitados a comparar a arquitetura das próprias casas projetadas com a arquitetura contemporânea portuguesa de referência, Gráfico 26, a metade dos entrevistados afirma que elas estão em continuidade, 20% deles afirmaram que a relação não é nem de continuidade nem de ruptura, ou seja, é intermédia. Os demais entrevistados, 30%, optaram por não fazer tal avaliação.

7.4. O estudo de casos da RMBH

O estudo de casos referente à RMBH é apresentado nas três subseções que se seguem: *Apresentação dos casos de estudo; Resultado das grelhas de análise – RMBH; e Resultados das entrevistas – RMBH.*

7.4.1. Apresentação dos casos de estudo

Caso de estudo 11 - Casa EP

Figura 111 - Fotos da Casa EP



Da esq. p/ dir.: vista da lateral esquerda; vista a partir da piscina; vista a partir do terraço.
Fonte: Morato Arquitetura / Daniel Mansur.

A. Dados do autor

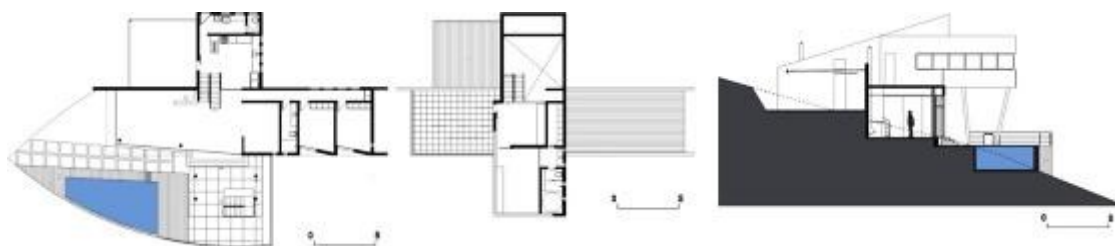
Arquiteto: Ulisses Morato de Andrade				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação		Instituição de ensino
1968	Belo Horizonte	1992		FAMIH ²⁴⁶
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
Especialização	Sim	N/A	Sim	Docência – Membro de instituições – Jurado de premiações.
Escritório de arquitetura - Sede Morato Arquitetura – Belo Horizonte				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m²)	Pavimento	Espaços
São Sebastião das Águas Claras, município de Nova Lima.	2003-2005	230	Térreo (em dois níveis)	Estar; jantar; TV; dois quartos; cozinha; serviço, <i>pilotis</i> .
			Superior	Escritório; suíte; terraço.

²⁴⁶ FAMIH – Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix, atual Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix.

Figura 112 - Desenhos arquitetônicos da Casa EP



Da esquerda p/ direita: planta piso térreo; planta piso superior; corte transversal.
 Fonte: Morato Arquitetura. (Montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.000	1.046	Paralelogramo	Aclive (30%)	Sim	Rural	Não
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Baixa		
Paisagem predominante				Destaque na paisagem		
Montanhas com cobertura vegetal densa e edificações esparsas.				Ampla vale na pendente do lote com extensa massa arbórea livre de obstáculos visuais.		

Figura 113 - Imagem aérea do local de inserção da Casa EP



O paralelogramo laranja indica o lote da Casa EP.

Fonte: *Google Earth*, altitude 1.360 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 114 - Casas vizinhas à Casa EP



Da esquerda para a direita: Casa 51; Casa 52; Casa 53; Casa 54; Casa 55.
 Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 12 - Casa BF

Figura 115 - Fotos da Casa BF



Da esq. p/ dir.: vista da lateral esquerda; vista frontal, a partir da rua; vista a partir da piscina.

Fonte: *ArchDaily* / Eduardo Eckenfels.²⁴⁷

A. Dados do autor

Arquiteto: Humberto Hermeto Pedercini Marinho				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação	Instituição de ensino	
1974	Belo Horizonte	1996	EA-UFMG	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	N/A	Sim	Sim	Docência
Escritório de arquitetura - Sede				
Humberto Hermeto Arquitetura – Nova Lima				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Vila Castela, município de Nova Lima.	2003-2005	475,0	Térreo	Sauna; quarto; banho e área de serviço; depósito; <i>pilotis</i> ; área técnica.
			Superior	Três suítes; <i>closet</i> ; cozinha; estar; jantar; lavabo.

Figura 116 - Desenhos arquitetônicos da Casa BF



Em cima, da esquerda p/ direita: planta pavimento térreo; planta pavimento superior. Embaixo: corte longitudinal. Fonte: Humberto Hermeto. Adaptação e montagem do autor, 2019.

²⁴⁷ Disponível em <https://bit.ly/2ZhaFsU>. Acesso em: 18 ago. 2015.

C. Contexto²⁴⁸

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
964,0	1.112	Paralelogramo	Aclive (38%)	Sim	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Média		Média		
Paisagem predominante				Destaque na paisagem		
Parque edificado em topo de montanha.				Ampla vale na pendente do lote, com extensa massa arbórea livre de obstáculos visuais, sucedido por cadeia de montanhas.		

Figura 117 - Imagem aérea do local de inserção da Casa BF



O paralelogramo laranja indica o lote da Casa BF.

Fonte: *Google Earth*, altitude 1.380 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

Caso de estudo 13 - Casa Lincoln

Figura 118 - Fotos da Casa Lincoln



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista lateral direita; vista dos fundos.

Fonte: *ArchDaily* / Jomar Bragança e Leonardo Finotti.²⁴⁹

²⁴⁸ Este caso de estudo está inserido num condomínio residencial fechado onde não é permitido o livre registo fotográfico das suas casas. Sendo assim, o registo das informações sobre as casas vizinhas (56 a 60) ocorreu exclusivamente por meio dos formulários de recolha de dados preenchidos no local (Apêndice I).

²⁴⁹ Disponível em <https://bit.ly/2NDEIKK>. Acesso em: 20 ago. 2015.

A. Dados do autor

Arquiteto: Gustavo de Araújo Penna				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação	Instituição de ensino	
1950	Belo Horizonte	1973	EA-UFMG	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	Sim	Sim	Sim	Docência – Membro de instituições – Gestão pública.
Escritório de arquitetura - Sede				
GPA&A - Gustavo Penna Arquiteto & Associados – Belo Horizonte				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Condomínio Serra dos Manacás, município de Nova Lima.	2007-2009	833,0	Térreo	Vestíbulo, estar; jantar; cozinha; despensa; quatro suítes; TV; varanda; sacada.
			Inferior	<i>Pilotis</i> ; garagem; área de serviço; estúdio; costura; oficina; depósitos; lavanderia; dois quartos de serviço, área técnica.

Figura 119 - Desenhos arquitetônicos da Casa Lincoln



Da esquerda p/ direita: planta pavimento inferior; planta pavimento térreo, corte longitudinal.
 Fonte: GPA&A. (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
2.115	1.445	Retangular	Declive (12%)	Sim	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em colina, entremeado por jardins e lotes vazios.			Ampla encosta de colina, na pendente do lote, com cobertura vegetal. Em segundo plano, cadeia de montanhas.			

Figura 120 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Lincoln



O retângulo laranja indica o lote da Casa Lincoln.

Fonte: *Google Earth*, altitude 1.810 m, 2019. Adaptado pelo autor, 2019.

Figura 121 - Casas vizinhas à Casa Lincoln



Da esquerda para a direita: Casa 61; Casa 62; Casa 63; Casa 64; Casa 65.

Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 14 - Residência NB

Figura 122 - Fotos da Residência NB



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista do pátio; vista lateral esquerda.
Fonte: Arquitetos Associados / Alexandre Brasil e Daniel Mansur.²⁵⁰

A. Dados dos autores

Arquiteto: Alexandre Brasil Garcia				
Ano de nascimento 1973	Local de nascimento Belo Horizonte	Ano de graduação 1997	Instituição de ensino EA-UFGM	
Pós-graduação Mestrado	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura Docência
	Prêmio Sim	Concurso Sim	Publicação Sim	
Escritório de arquitetura - Sede Arquitetos Associados – Belo Horizonte				

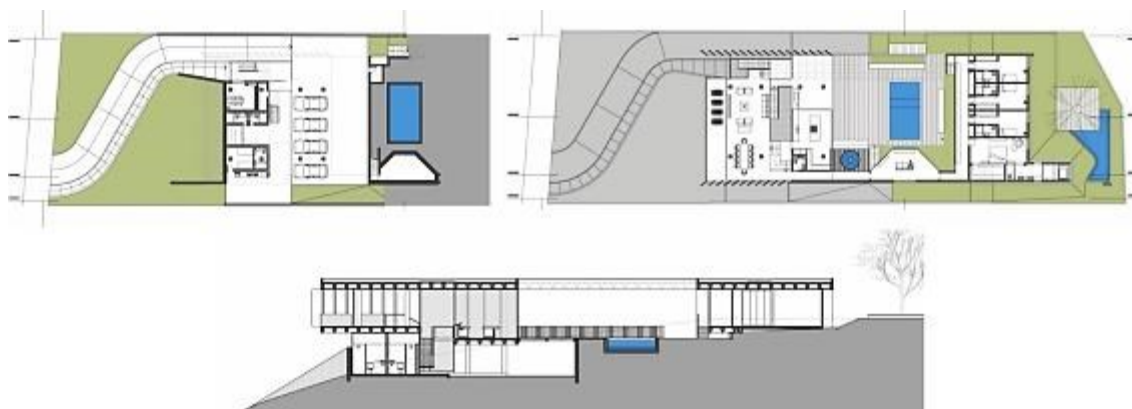
²⁵⁰ Disponível em <https://bit.ly/2KSYazP>. Acesso em: 12 set. 2016.

Arquiteta: Paula Zasnicoff Duarte Cardoso da Silva				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação	Instituição de ensino	
1976	São Paulo-SP	2000	FAU-USP	
Pós-graduação	Projetos destacados		Outras atuações em arquitetura	
	Prêmio	Concurso		Publicação
Mestrado	Sim	Sim	Sim	Docência
Escritório de arquitetura - Sede				
Arquitetos Associados – Belo Horizonte				

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Area (m ²)	Pavimento	Espaços
Vale dos Cristais, Nova Lima.	2007-2010	677,0	Inferior	Hall; adega; vestiário; área e quarto de serviço, depósito, sala crianças; garagem/pilotis.
			Superior	Hall; estar; jantar; cozinha; varanda; lavabo; TV; estudos; quatro suítes.

Figura 123 - Desenhos arquitetônicos da Residência NB



Em cima, da esquerda p/ direita: planta pavimento inferior; planta pavimento superior.
Embaixo: corte longitudinal.

Fonte: Arquitetos Associados. (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto²⁵¹

Lote						
Area (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.290	1.116	Irregular	Aclive (16%)	Sim	Suburbana	Sim

²⁵¹ Apenas três casas estavam construídas na vizinhança no momento de início do projeto da Residência NB. Além disso, este caso de estudo está inserido num condomínio residencial fechado onde não é permitido o livre registro fotográfico das suas casas. Sendo assim, o registro das informações sobre as casas vizinhas (66, 67, 68) ocorreu exclusivamente por meio dos formulários de recolha de dados preenchidos no local (Apêndice I).

Envolvente – Escala de bairro		
Uso predominante	Densidade de ocupação	Altimetria dos edifícios
Casas isoladas	Média	Média
Paisagem predominante		Destaque na paisagem
Parque edificado em montanhas, entremeado por jardins, áreas de preservação e lotes vazios.		A leste e a oeste do lote, vertentes de montanha com amplas visadas panorâmicas dos bairros vizinhos e cadeias de montanhas.

Figura 124 - Imagem aérea do local de inserção da Residência NB



A forma irregular laranja indica o lote da Residência NB.

Fonte: *Google Earth*, altitude 1.470 m, 2019. (Adaptada pelo autor, 2019).

Caso de estudo 15 - Casa da Montanha

Figura 125 - Fotos da Casa da Montanha



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista dos fundos, área de lazer; pormenor, vista da piscina.

Fonte: *ArchDaily* / Jomar Bragança.²⁵²

A. Dados do autor

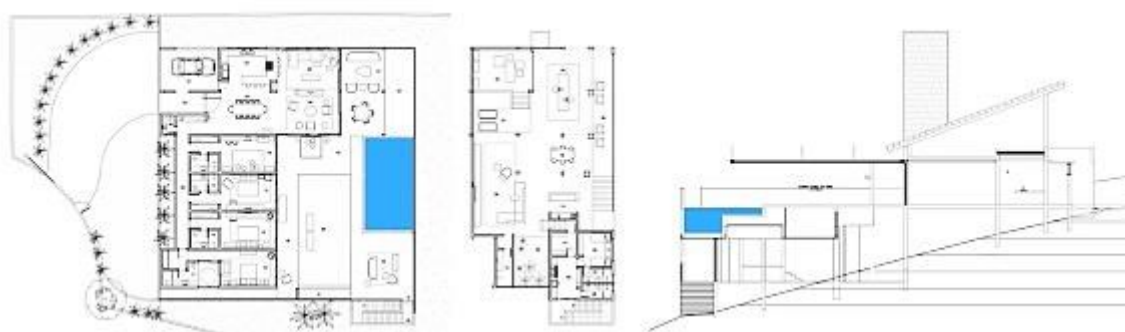
Arquiteto: David Guerra				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação		Instituição de ensino
1968	Santa Maria de Itabira	1991		EA-UFG
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	Sim	N/A	Sim	N/A
Escritório de arquitetura - Sede				
David Guerra, Arquitetura e Interiores – Belo Horizonte.				

²⁵² Disponível em <https://bit.ly/2KUpyxn>. Acesso em: 21 ago. 2015.

B. Projeto

Edifício						
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços		
Green Park, município de Nova Lima.	2007-2009	657	Térreo	Garagem; hall; cozinha; estar; jantar; quatro suítes; varanda.		
			Subsolo	Quarto e área de serviço; cozinha; estar; refeições; TV; escritório; lavabo.		
Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
3.000	1.003	Irregular	Declive (26%)	Sim	Rural	Sim

Figura 126 - Desenhos arquitetônicos da Casa da Montanha



Da esquerda p/ direita: planta do térreo; planta do subsolo; corte longitudinal.
 Fonte: *ArchDaily*.²⁵³ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Envolvente – Escala de bairro		
Uso predominante	Densidade de ocupação	Altimetria dos edifícios
Casas isoladas	Baixa	Baixa
Paisagem predominante		Destaque na paisagem
Montanhas com cobertura vegetal densa e edificações esparsas.		Extensa massa arbórea livre de obstáculos visuais junto às divisas laterais e de fundo do lote. Em segundo plano, à pendente do lote, panorama de cadeia de montanhas.

²⁵³ Disponível em <https://bit.ly/2KUpyxn>. Acesso em: 21 ago. 2015.

Figura 127 - Imagem aérea do local de inserção da Casa da Montanha



A forma irregular laranja indica o lote da Casa da Montanha.
 Fonte: *Google Earth*, altitude 1.370 m, 2015. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 128 - Casas vizinhas à Casa da Montanha



Da esquerda para a direita: Casa 69; Casa 70; Casa 71; Casa 72; Casa 73.
 Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 16 - Casa EG

Figura 129 - Fotos da Casa EG



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista da piscina, lateral direita; vista da lateral esquerda.
 Fonte: Play Arquitetura / Leonardo Finotti.²⁵⁴

A. Dados do autor

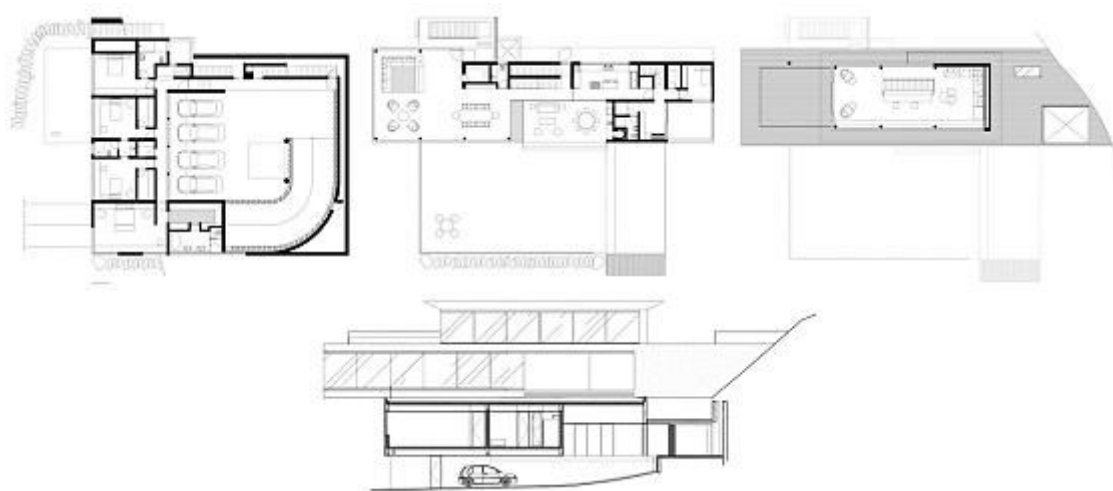
Arquiteto: Marcelo Bastos Alvarenga				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação	Instituição de ensino	
1973	João Monlevade, MG	1995	EA-UFGM	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
Especialização	Sim	N/A	Sim	N/A
Escritório de arquitetura - Sede				
Play Arquitetura – Belo Horizonte				

²⁵⁴ Disponível em <https://bit.ly/33X63f1>. Acesso em: 25 ago. 2015.

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Vale dos Cristais, município de Nova Lima.	2007-2011	828	Primeiro	Garagem; duas suítes; dois quartos; banho.
			Segundo	Estar; jantar; lavabo; cozinha; varanda; área e quarto de serviço.
			Terraço	Estar; biblioteca.

Figura 130 - Desenhos arquitetônicos da Casa EG



Em cima, da esq. p/ dir.: planta 1º pavimento; planta 2º pavimento; planta terraço. Em baixo: corte longitudinal. Fonte: *ArchDaily*.²⁵⁵ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto²⁵⁶

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.480	1.101	Polígono	Aclive (38%)	Sim	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas Isoladas		Média		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em montanhas, entremeado por jardins, áreas de preservação e lotes vazios.			Ao norte do lote, vertente de montanha com amplas visadas panorâmicas do bairro, cadeias de montanhas, e cidade ao fundo.			

²⁵⁵ Disponível em <https://bit.ly/2U17Par>. Acesso em: 22 ago. 2015.

²⁵⁶ Apenas três casas estavam construídas na vizinhança no momento de início do projeto da Casa EG. Além disso, este caso de estudo está inserido num condomínio residencial fechado onde não é permitido o livre registro fotográfico das suas casas. Sendo assim, o registro das informações sobre as casas vizinhas (66, 67, 68) ocorreu exclusivamente por meio dos formulários de recolha de dados preenchidos no local (Apêndice I).

Figura 131 - Imagem aérea do local de inserção da Casa EG



O polígono laranja indica o lote da Casa EG.

Fonte: *Google Earth*, altitude 1.460 m, 2018. (Adaptado pelo autor, 2019).

Caso de estudo 17 - Casa Galeria

Figura 132 - Fotos da Casa Galeria



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista da piscina, lateral esquerda; vista da lateral direita.

Fonte: MACH Arquitetos / Fabio Del Re & Carlos Stein.

A. Dados dos autores

Arquiteto: Fernando Maculan Assumpção			
Ano de nascimento 1974	Local de nascimento Belo Horizonte	Ano de graduação 1997	Instituição de ensino EA-UFGM
Pós-graduação	Projetos destacados		
	Prêmio	Concurso	Publicação
N/A	Sim	Sim	Sim
Outras atuações em arquitetura Docência – Curadoria – Membro de instituições.			
Escritório de arquitetura - Sede MACH Arquitetos – Belo Horizonte			

Arquiteta: Mariza Machado Coelho			
Ano de nascimento 1951	Local de nascimento Belo Horizonte	Ano de graduação 1976	Instituição de ensino EA-UFGM
Pós-graduação	Projetos destacados		
	Prêmio	Concurso	Publicação
N/A	Sim	Sim	Sim
Outras atuações em arquitetura N/A			
Escritório de Arquitetura - Sede MACH Arquitetos – Belo Horizonte			

B. Projeto

Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Edifício	
			Pavimento	Espaços
Vale dos Cristais, município de Nova Lima.	2008-2011	1.431	Nível 108,0	Spa; sauna; ginástica; vestiários; área técnica.
			Nível 110,8	Cozinha; despensa; estar; jantar; lavabo; depósito; acervo; <i>pilotis</i> ; varanda.
			Nível 114,5	Garagem; quarto e área de serviço; quatro suítes; TV; varanda; terraço.

Figura 133 - Desenhos arquitetônicos da Casa Galeria



Em cima, da esq. p/ dir.: planta nível 110,8; planta nível 114,5.
 Embaixo: planta nível 108,0; corte transversal.
 Fonte: *ArchDaily*.²⁵⁷ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto²⁵⁸

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
3.000	1.106	Irregular	Aclive (26%)	Sim	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Média		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em montanhas, entremeado por jardins, áreas de preservação e lotes vazios.			À frente do lote, vertente de montanha com amplas visadas panorâmicas do bairro, cadeias de montanhas, e cidade ao fundo.			

²⁵⁷ Disponível em <https://bit.ly/341yh8q>. Acesso em: 28 ago. 2015.

²⁵⁸ Este caso de estudo está inserido num condomínio residencial fechado onde não é permitido o livre registro fotográfico das suas casas. Sendo assim, o registro das informações sobre as casas vizinhas (66, 67, 68, 74, 75) ocorreu exclusivamente por meio dos formulários de recolha de dados preenchidos no local (Apêndice I).

Figura 134 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Galeria



A forma irregular laranja indica o lote da Casa Galeria.

Fonte: *Google Earth*, altitude 1.580 m, 2017. (Adaptada pelo autor, 2019).

Caso de estudo 18 - Residência Bosque da Ribeira (EL)

Figura 135 - Fotos da Res. Bosque da Ribeira (EL)



Da esq. p/ dir.: vista frontal; vista do pátio interno; vista da varanda frontal.

Fonte: Galeria da Arquitetura / Jomar Bragança.²⁵⁹

A. Dados dos autores

Arquiteto: Eduardo Oliveira França				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação		Instituição de ensino
1982	João Monlevade, MG	2005		EA-UFGM
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
Sim	Sim	Sim	Sim	Docência – Editoria – Coordenação e direção de instituição de ensino
Escritório de arquitetura – Sede				
Estudio Arquitetura – Belo Horizonte				
Arquiteta: Letícia de Azevedo Oliveira				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação		Instituição de ensino
1981	Belo Horizonte	2005		EA-UFGM
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	Sim	Sim	Sim	Editoria
Escritório de arquitetura - Sede				
Estudio Arquitetura – Belo Horizonte				

²⁵⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2Uahbk8>. Acesso em 28 ago. 2015.

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Bosque da Ribeira, município de Nova Lima.	2008-2009	619,0	Garagem	Garagem/ <i>pilotis</i> .
			Primeiro	Estar; jantar; lavabo; cozinha; despensa; serviço; estúdio; ginástica.
			Segundo	Quatro suítes; escritório.

Figura 136 - Desenhos arquitetônicos da Res. Bosque da Ribeira (EL)



Em cima, da esq. p/ dir.: planta garagem; planta 1º pavimento; planta 2º pavimento.

Embaixo: corte longitudinal.

Fonte: Estudio Arquitetura.²⁶⁰ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.085	1.172	Retangular	Aclive (8%)	Não	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Média		Média		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em cume de montanha, entremeado por jardins, áreas de preservação e lotes vazios.			Massa arbórea de grande porte junto à divisa dos fundos do lote.			

²⁶⁰ Disponível em <https://bit.ly/2NEQ13y>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Figura 137 - Imagem aérea do local de inserção da Res. Bosque da Ribeira (EL)



O retângulo laranja indica o lote da Residência Bosque da Ribeira (EL).
Fonte: *Google Earth*, altitude 1.470 m, 2018. Adaptado pelo autor, 2019.

Figura 138 - Casas vizinhas à Res. Bosque da Ribeira (EL)



Da esquerda para a direita: Casa 76; Casa 77; Casa 78; Casa 79; Casa 80.
Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 19 - Residência Bosque da Ribeira (JT)

Figura 139 - Fotos da Res. Bosque da Ribeira (JT)



Da esq. p/ dir.: vista externa, a partir da rua; vista da lateral esquerda, vista da fachada frontal.
Fonte: *ArchDaily* / Jomar Bragança.²⁶¹

A. Dados dos autores

Arquiteto: Tomás Anastasia Rebelo Horta				
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação	Instituição de ensino	
1973	Belo Horizonte	1996	EA-UFMG	
Pós-graduação	Projetos destacados			Outras atuações em arquitetura
	Prêmio	Concurso	Publicação	
N/A	Sim	N/A	Sim	N/A
Escritório de arquitetura - Sede				
Anastasia Arquitetos – Belo Horizonte				
Arquiteta: Johanna Anastasia Cardoso				

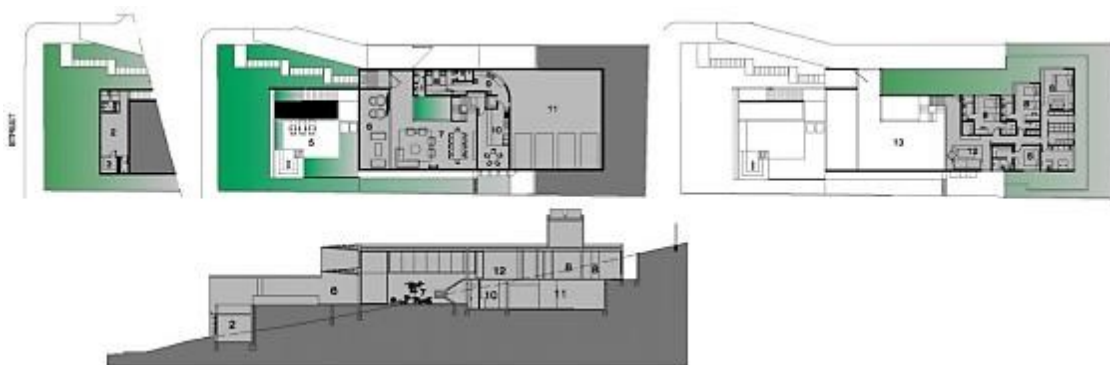
²⁶¹ Disponível em <https://bit.ly/2Zp18Vn>. Acesso em: 05 set. 2015

Ano de nascimento 1973	Local de nascimento Belo Horizonte	Ano de graduação 1996	Instituição de ensino PUC Minas ²⁶²
Pós-graduação	Projetos destacados		Outras atuações em arquitetura
	Prêmio Sim	Concurso N/A	
Especialização	N/A		
Escritório de arquitetura - Sede Anastasia Arquitetos – Belo Horizonte			

B. Projeto

Edifício				
Localização	Ano do projeto/obra	Área (m ²)	Pavimento	Espaços
Bosque da Ribeira, município de Nova Lima.	2010-2013	628	Nível 0,0	Banheiro; ginástica; sauna.
			Nível 4,5	Varanda; estar; jantar; lavabo; cozinha; quarto e área de serviço; garagem.
			Nível 8,0	Estar; quatro suítes.

Figura 140 - Desenhos arquitetônicos da Res. Bosque da Ribeira (JT)



Em cima, da esq. p/ dir.: planta nível 0,00; planta nível 4,50; planta nível 8,00. Embaixo: corte longitudinal. Fonte *ArchDaily*.²⁶³ (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.045	1.145	Retangular	Aclive (20%)	Não	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Média		
Paisagem predominante				Destaque na paisagem		
Parque edificado em cume de montanha, entremeado por jardins, áreas de preservação e lotes vazios.				Presença de massa arbórea de grande porte em todo o condomínio e seus arredores.		

²⁶² Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

²⁶³ Disponível em <https://bit.ly/2Zp18Vn>. Acesso em: 05 set. 2015.

Figura 141 - Imagem aérea do local de inserção da Res. Bosque da Ribeira (JT)



O retângulo laranja indica o lote da Residência Bosque da Ribeira (JT).
Fonte: *Google Earth*, altitude 1.460 m, 2018. (Adaptada pelo autor, 2019).

Figura 142 - Casas vizinhas à Res. Bosque da Ribeira (JT)



Da esquerda para a direita: Casa 81; Casa 82; Casa 83; Casa 84; Casa 85.
Fonte: o autor, 2018.

Caso de estudo 20 - Casa Vale dos Cristais

Figura 143 - Fotos da Casa Vale dos Cristais



Da esq. p/ dir.: vista da fachada frontal; pormenor, vista dos fundos, vista da lateral esquerda.
Fontes: ArcoWeb e Paulo Trajano Arquiteto / Gustavo Xavier e Paulo Trajano.^{264 265}

A. Dados do autor

Arquiteto: Paulo Trajano Menicucci Junior			
Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de graduação	Instituição de ensino
1973	Belo Horizonte	2000	EA-UFMG
Pós-graduação	Projetos destacados		
	Prêmio	Concurso	Publicação
N/A	N/A	N/A	Sim
Outras atuações em arquitetura			
Função pública			
Escritório de arquitetura - Sede			
Paulo Trajano Arquiteto – Uberaba, MG			

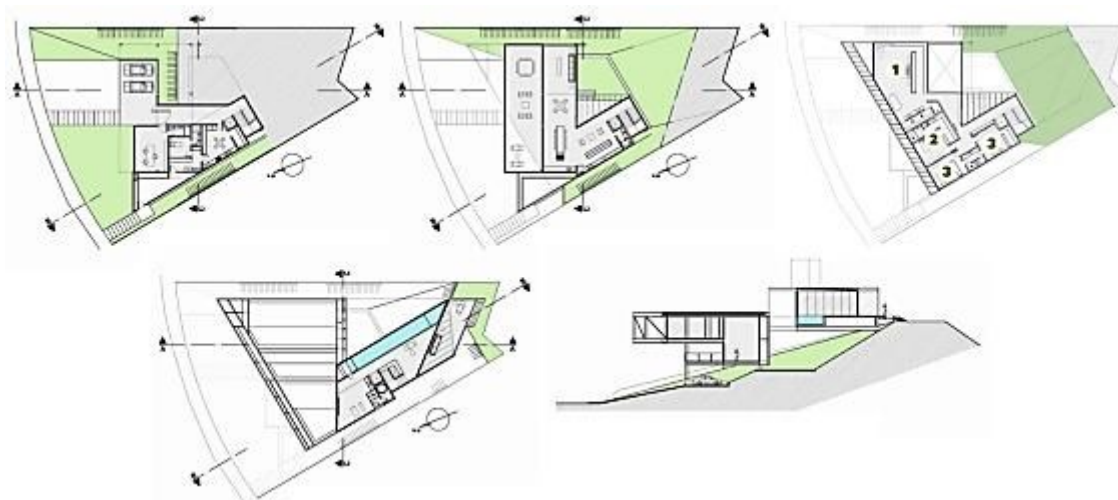
²⁶⁴ Disponível em <https://bit.ly/30SvYCM>. Acesso em: 08 set. 2015.

²⁶⁵ Disponível em <https://bit.ly/2ZnMkGC>. Acesso em: 08 set. 2015.

B. Projeto

Localização	Ano de projeto/obra	Área (m ²)	Edifício	
			Pavimento	Espaços
Vale dos Cristais, Nova Lima.	2011-2013	920	Primeiro	Garagem; escritório; quarto e área de serviço.
			Segundo	Varanda; estar; jantar; cozinha
			Terceiro	Duas suítes, dois quartos, banheiro.
			Quarto	Piscina; sauna; banheiro.

Figura 144 - Desenhos arquitetônicos da Casa Vale dos Cristais



Em cima, da esq. p/ dir.: planta 1º pavimento; planta 2º pavimento; planta 3º pavimento.

Embaixo, da esq. p/ dir.: planta 4º pavimento; corte longitudinal.

Fonte: ArcoWeb e Paulo Trajano.^{266 267} (Adaptação e montagem do autor, 2019).

C. Contexto²⁶⁸

Lote						
Área (m ²)	Altitude (m)	Forma	Topografia (inclinação)	Oferece panorama	Zona de inserção	Condomínio fechado
1.005	1.126	Irregular	Active (27%)	Sim	Suburbana	Sim
Envolvente – Escala de bairro						
Uso predominante		Densidade de ocupação		Altimetria dos edifícios		
Casas isoladas		Baixa		Baixa		
Paisagem predominante			Destaque na paisagem			
Parque edificado em montanhas, entremeado por jardins, áreas de preservação e lotes vazios.			Ao norte do lote, vertente de montanha com amplas visadas panorâmicas do bairro, cadeias de montanhas, e cidade em último plano.			

²⁶⁶ Disponível em <https://bit.ly/30SvYCM>. Acesso em: 08 set. 2015.

²⁶⁷ Disponível em <https://bit.ly/2ZnMkGC>. Acesso em: 08 set. 2015.

²⁶⁸ Este caso de estudo está inserido num condomínio residencial fechado onde não é permitido o livre registro fotográfico das suas casas. Sendo assim, o registro das informações sobre as casas vizinhas (86 a 90) ocorreu exclusivamente por meio dos formulários de recolha e processamento de dados preenchidos no local (Apêndice I).

Figura 145 - Imagem aérea do local de inserção da Casa Vale dos Cristais

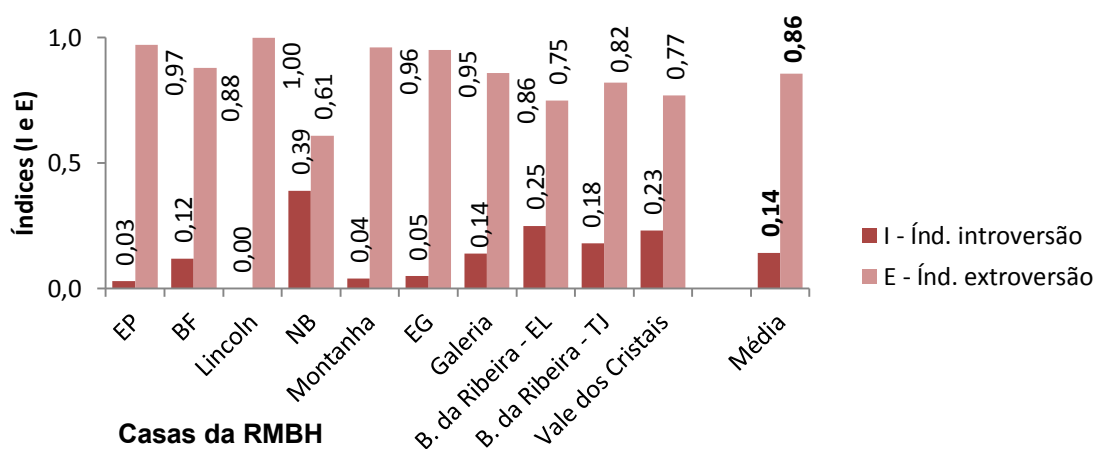


A forma irregular laranja indica o lote da Casa Vale dos Cristais.
 Fonte: Google Earth, altitude 1.500 m, 2017. (Adaptada pelo autor, 2019).

7.4.2. Resultados das grelhas de análise - RMBH

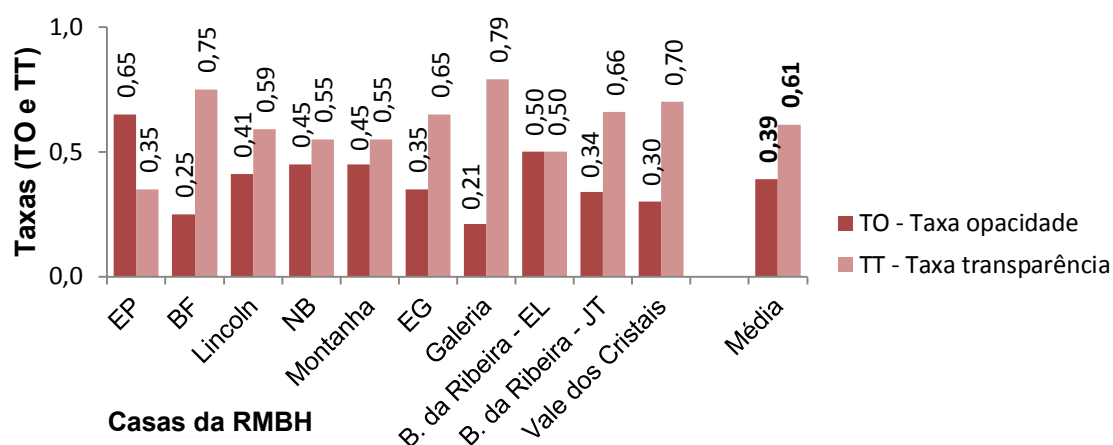
Relativamente à ordem horizontal de projeto, os dados obtidos pelas grelhas de análise revelam que nos projetos das casas da RMBH prevalece a estratégia classificada como **extroversão forte**, visto que, em termos das médias dos valores, os índices de extroversão e as taxas de transparência são os maiores, (Gráficos 27 e 28). Note-se que todas as casas se enquadram na estratégia de extroversão e, além disso, a média geral do índice de extroversão é significativamente alta (0,86), Gráfico 27. A reforçar a extroversão, destaque-se a alta incidência de casas com predomínio de aberturas nas fachadas: 80% delas apresentam taxas de transparência superiores às taxas de opacidade, Gráfico 28.

Gráfico 27 - Índices da ordem horizontal (I e E) das casas da RMBH



Fonte: o autor 2019

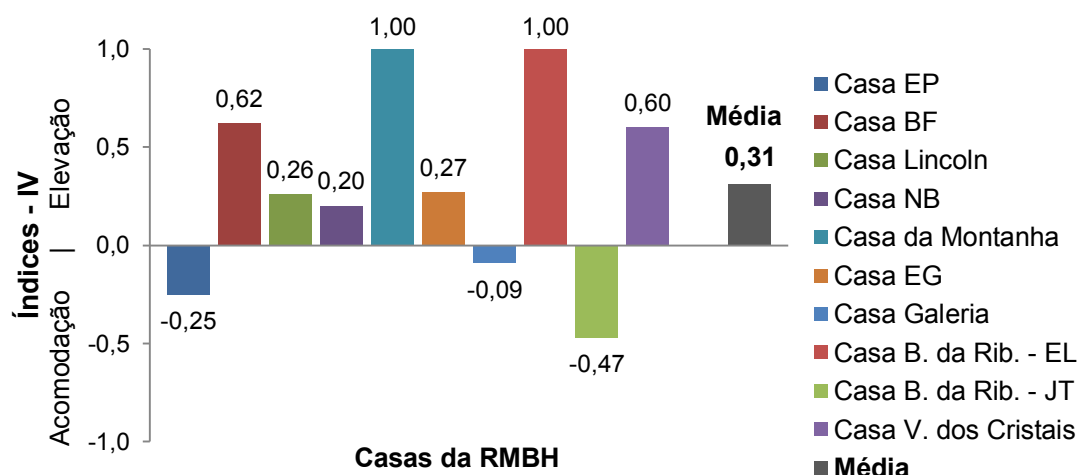
Gráfico 28 - Taxas de opacidade (TO) e transparência (TT) das casas da RMBH



Fonte: o autor 2019

Vale destacar, conforme os dados relativos aos lotes e às envolventes dos casos de estudo da RMBH, apresentados na subseção anterior, os terrenos das casas analisadas estão majoritariamente inseridos em localizações que apresentam espraiamento do edificado no território: 80% dos lotes oferecem condição de visadas panorâmicas para o entorno; 100% estão inseridos em zonas de baixa densidade de ocupação do parcelamento solo pelo edificado; e 100% deles estão situados em zonas rurais ou suburbanas.

Gráfico 29 - Índices da ordem vertical (IV) das casas da RMBH



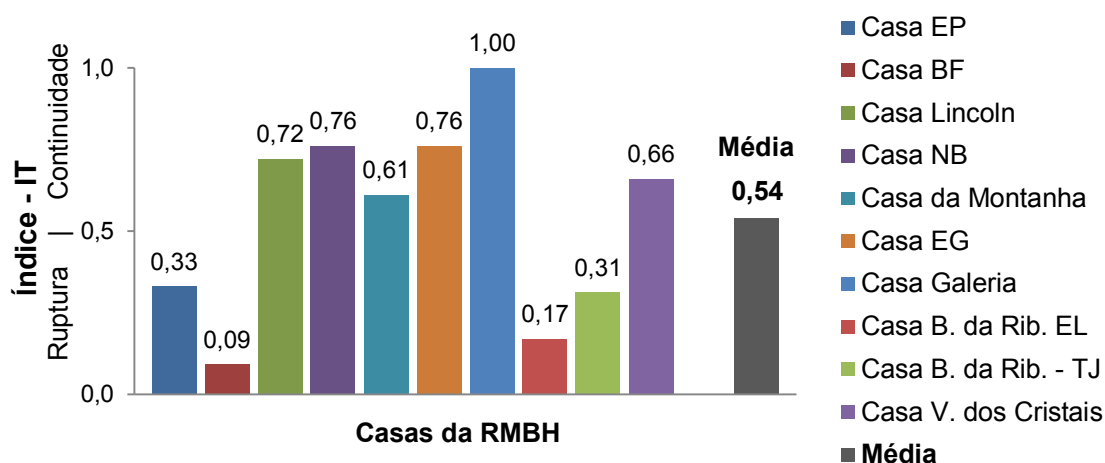
Fonte: o autor 2019

Quanto aos dados obtidos nas grelhas de análise da ordem vertical de projeto, Gráfico 29, eles revelam a ampla prevalência da estratégia de elevação das habitações em relação aos terrenos, 70% dos casos de estudo da RMBH. Em termos

gerais, considerando o índice médio de 0,31, as casas da RMBH enquadram-se na estratégia de **elevação moderada**. Em sentido contrário, apenas três casas apresentaram índices que indicam a acomodação do edifício ao terreno: a Casa EP; a Casa Galeria; e a Casa Bosque da Ribeira (JT).

Na ordem transversal de projeto, cujas grelhas de análise apuram os índices de continuidade e ruptura dos sistemas construtivos, materiais e linguagem arquitetônica dos casos de estudo em relação às casas vizinhas, Gráfico 30, constata-se que, pelo valor do índice médio (0,54), ocorre a prevalência da estratégia de **continuidade moderada**. Registre-se que – do rol das classificações aqui estabelecidas para avaliação das linguagens (contemporânea, híbrida ou tradicional) – a configuração arquitetônica majoritária dos casos de estudo da RMBH é contemporânea, 90% delas.

Gráfico 30 - Índices da ordem transversal (IT) das casas da RMBH



Fonte: o autor 2019

Importa mencionar, entretanto, que a prevalência da estratégia de continuidade ocorre majoritariamente, em cinco dos seis casos de estudo, em contextos cujos padrões de vizinhança são tipificados por arquiteturas contemporâneas, conforme os dados do *Apêndice II – Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise*. Por outro lado, nos quatro casos de estudo em que prevaleceu a estratégia de ruptura, observa-se que o padrão arquitetônico de vizinhança é tradicional.

7.4.3. Resultados das entrevistas - RMBH

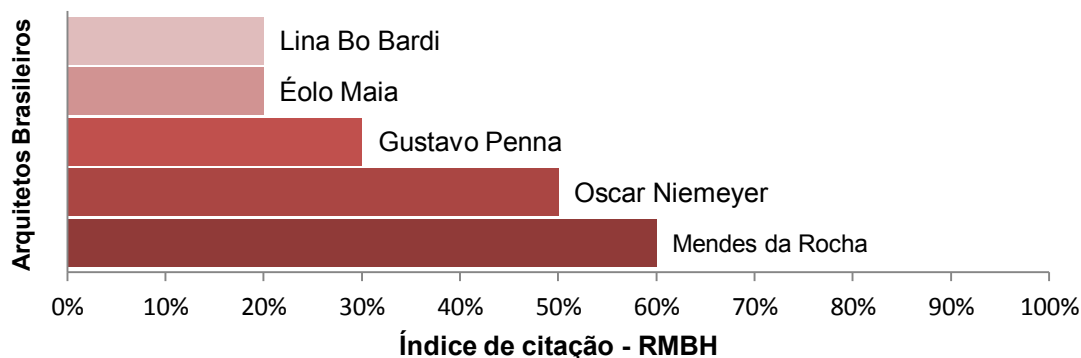
Conforme os dados registrados nos quadros "A. Projeto e contexto", inseridos na apresentação dos casos de estudo da RMBH, o número total de arquitetos autores dos projetos é quatorze, isto é, seis projetos com autoria individual e quatro elaborados em coautoria. Relativamente às origens desses arquitetos, nota-se que a grande maioria, dez deles, é natural da cidade de Belo Horizonte. Verifica-se ainda que dois deles são naturais de João Monlevade, Minas Gerais. Ainda, Santa Maria de Itabira, Minas Gerais, e São Paulo, capital do estado homônimo, são as outras duas cidades de origem dos dois arquitetos restantes.

Do ponto de vista da formação desses arquitetos, constata-se que eles graduaram-se majoritariamente em escolas de ensino público. A EA-UFMG é a faculdade pública de formação dominante dos entrevistados, nela formaram-se onze dos quatorze arquitetos autores, 78% do total. Outra faculdade pública registrada foi a FAU-USP, instituição de formação de um dos entrevistados. Por fim, dois dos quatorze entrevistados, 14% do total, são oriundos de duas faculdades privadas: a PUC Minas e a FAMIH. A pós-graduação foi realizada por seis dos quatorze arquitetos entrevistados, 43% do total. Quanto à época em que os entrevistados concluíram suas graduações em arquitetura, temos: oito deles na década de 1990, 57%; quatro, na primeira década do presente século, 28%; e dois, na década de 1970, 15%.

A. Referências arquitetônicas

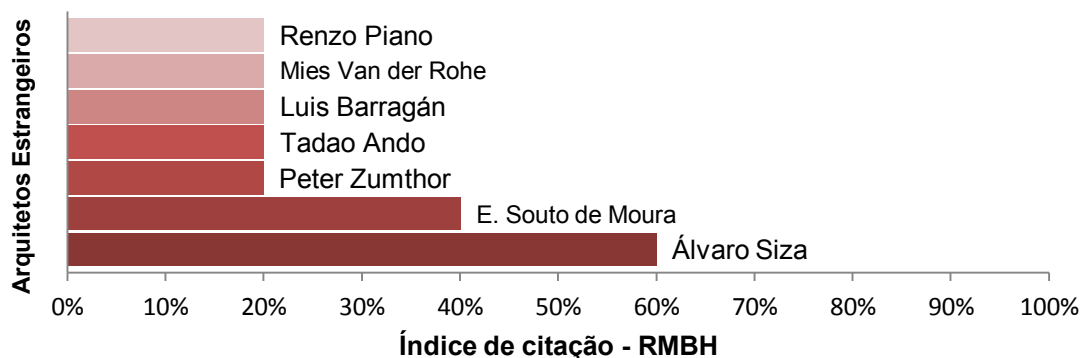
Os arquitetos nacionais e internacionais mais citados pelos entrevistados da RMBH como os mais influentes nos seus períodos de graduação e atuação profissional estão representados nos Gráficos 31 e 32, a seguir. Do conjunto dos nomes mencionados, dezessete nacionais e trinta estrangeiros, apresentamos aqui somente aqueles arquitetos que obtiveram pelo menos 20% das menções dos entrevistados. Entre os arquitetos nacionais, o nome de maior referência é Paulo Mendes da Rocha, 60%; seguido de perto por Oscar Niemeyer, mencionado por 50% dos entrevistados da RMBH. Note-se que, neste rol de referências nacionais, no patamar intermediário de citação, 30%, encontra-se o arquiteto Gustavo Penna, que é um dos autores de um dos casos de estudo da RMBH.

Gráfico 31 - Arquitetos brasileiros mais influentes entre os autores da RMBH



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 32 - Arquitetos estrangeiros mais influentes entre autores da RMBH



Fonte: o autor, 2019.

Quanto aos estrangeiros mais citados pelos entrevistados da RMBH, Gráfico 32, interessante notar, os dois mais referenciados são arquitetos portugueses, Álvaro Siza, mencionado por 60% dos entrevistados, e Eduardo Souto de Moura, aludido por 50% dos brasileiros. Os demais arquitetos estrangeiros figuram no patamar mínimo de citação.

Note-se que, independentemente da nacionalidade, os dois nomes de maior referência na arquitetura para os entrevistados da RMBH pertencem ao âmbito luso-brasileiro, Álvaro Siza e Paulo Mendes da Rocha, ambos com 60% de citação.

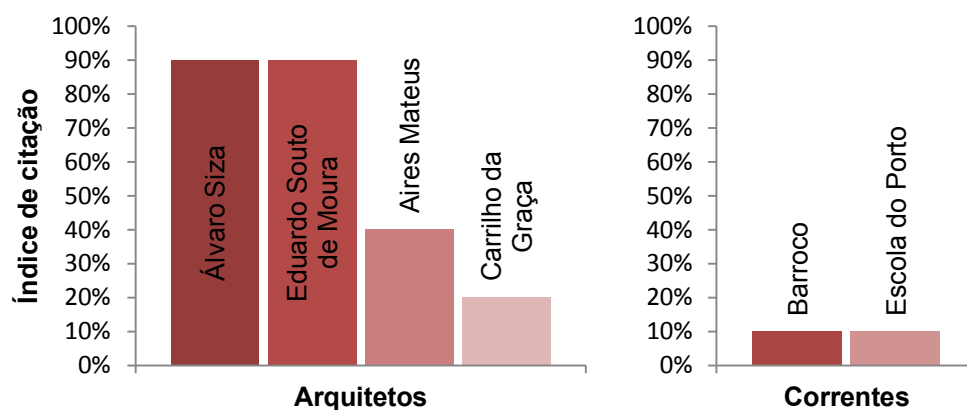
Finalmente, questionados sobre o enquadramento da própria obra a linhas de pensamento em arquitetura, a maioria simples dos entrevistados, 60%, revelou a ocorrência de tal condição.

B. Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal

As figuras mais relevantes para os brasileiros em termos de referência arquitetônica em Portugal, Gráfico 33, são Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura,

dois nomes do norte daquele país que foram mencionados por expressivos 90% dos entrevistados. Por outro lado, dois nomes ligados a Lisboa estão, respectivamente, em patamares intermédio e mínimo de referência: os irmãos Aires Mateus e Carrilho da Graça. Verifica-se que, em termos de correntes arquitetônicas, os brasileiros não fazem menções significativas à produção portuguesa.

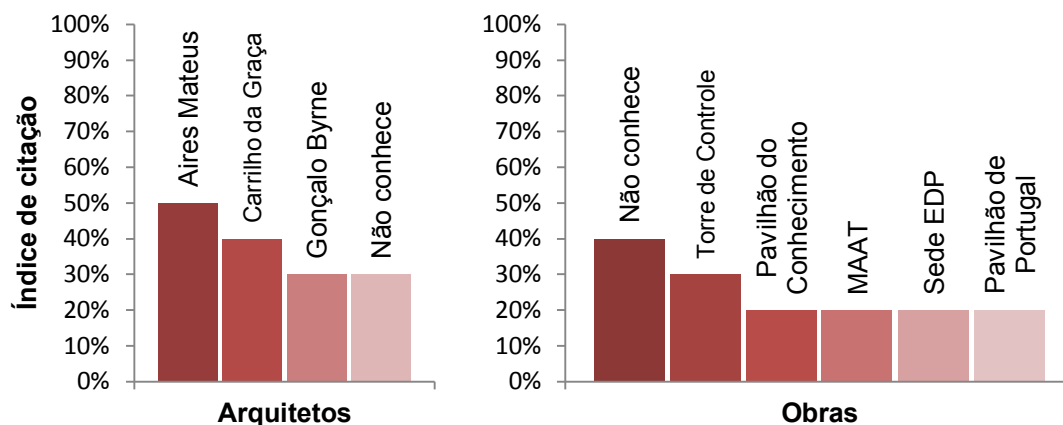
Gráfico 33 - Citações de arquitetos e correntes relevantes em Portugal



Fonte: o autor, 2019.

As informações do Gráfico 34 demonstram que a inserção dos arquitetos lisboetas ou atuantes em Lisboa no universo de conhecimento dos entrevistados da RMBH é significativa, apenas 30% não citaram nomes ligados a essa cidade portuguesa. Destaque para os irmãos Aires Mateus, lembrado por 50% dos entrevistados e, não muito distantes desses, Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne. Além disso, a maioria simples dos entrevistados, 60%, manifestou conhecimento de obras arquitetônicas em Lisboa. Note-se, houve considerável amplitude de citação a obras conhecidas, onde, das onze obras de Lisboa mencionadas pelos brasileiros, cinco delas foram referenciadas por pelo menos 20% dos entrevistados, Gráfico 34, destacando-se a Torre de Controle de Tráfego Marítimo de Lisboa, projetada por Gonçalo Byrne.

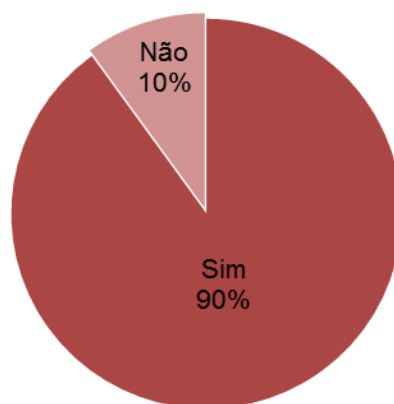
Gráfico 34 - Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa: arquitetos e obras



Fonte: o autor, 2019.

Os dados do Gráfico 35 reforçam as evidências da boa inserção da arquitetura lusitana no campo de conhecimento dos entrevistados da RMBH. Uma expressiva maioria dos arquitetos da RMBH, 90%, revelou haver ligação da própria obra com a arquitetura oriunda de Portugal.

Gráfico 35 - Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa

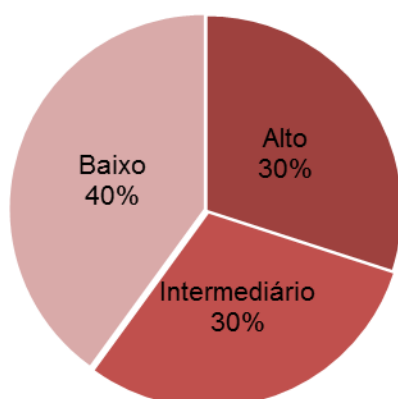


Fonte: o autor, 2019.

C. Lugar e projeto

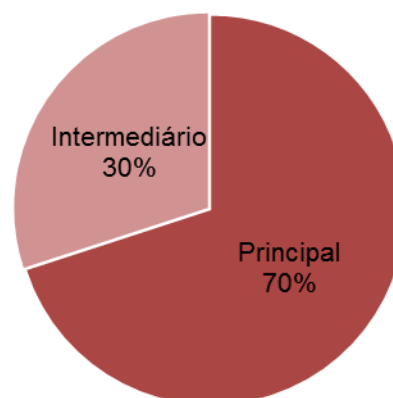
A par da avaliação do nível de importância dada ao tema do lugar no ensino de projeto no período de graduação, Gráfico 36, verifica-se que, pelo olhar dos arquitetos entrevistados da RMBH, esse aspecto não ocupa um papel preponderante no campo acadêmico em questão, uma vez que as avaliações relativas aos níveis intermediário e baixo de relevância concentram 70% das menções. Por outro lado, tendo em conta o papel que o lugar desempenha na criação dos próprios projetos, Gráfico 37, parte significativa dos entrevistados, 70%, consideraram-no principal.

Gráfico 36 - Nível de importância do lugar no ensino de projeto na graduação



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 37 - Papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos



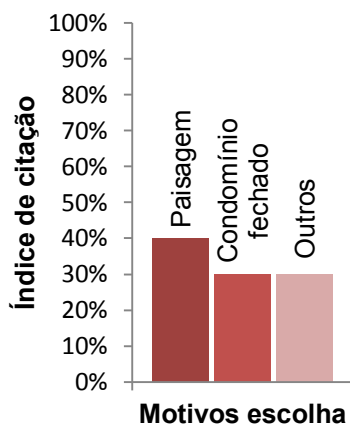
Fonte: o autor, 2019.

D. Sobre o projeto das casas

D1. Questões gerais

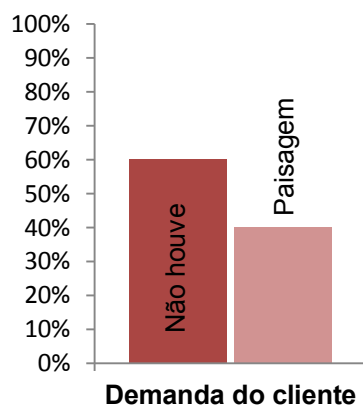
Nos casos de estudo da RMBH, nota-se que a escolha do lote por parte dos proprietários foi motivada por dois aspectos dominantes, Gráfico 38. Em primeiro lugar, a disponibilidade de paisagens e, em seguida, os atributos comumente relacionados aos condomínios residenciais fechados, tais como áreas verdes, segurança e privacidade. Quanto a solicitações dos proprietários dos lotes, aos arquitetos autores em relação ao lugar que tenham impactado no projeto, a maioria simples dos entrevistados, 60%, revelou que não houve. Nas situações em que o cliente demandou soluções de projeto quanto ao lugar, Gráfico 39, essas foram pautadas pela paisagem, nomeadamente, a exploração de visadas. Quanto a possíveis impactos da legislação urbanística nas soluções de projeto relativas ao lote ou à envolvente, Gráfico 40, a grande maioria dos entrevistados, 70%, revelou não ter ocorrido.

Gráfico 38 - Motivos mais citados pelos clientes para escolha do lote



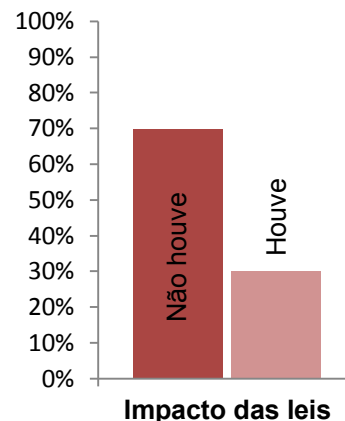
Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 39 - Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 40 - Impacto da legislação no projeto em relação ao lote ou envolvente

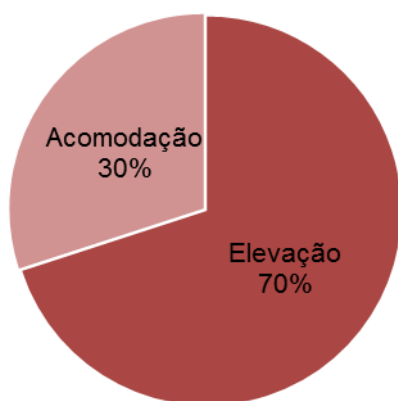


Fonte: o autor, 2019.

D2. Questões relativas às estratégias de acomodação ou elevação

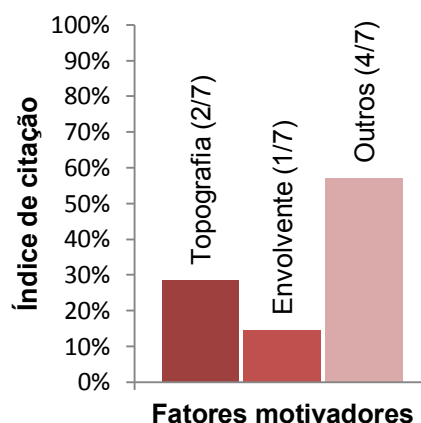
Os dados obtidos nas grelhas de análise da ordem vertical revelam que em 70% das casas estudadas na RMBH prevalecem a estratégia de elevação, Gráfico 41.

Gráfico 41 - Estratégias de projeto da ordem vertical, casas da RMBH



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 42 - Principais fatores motivadores da elevação das casas



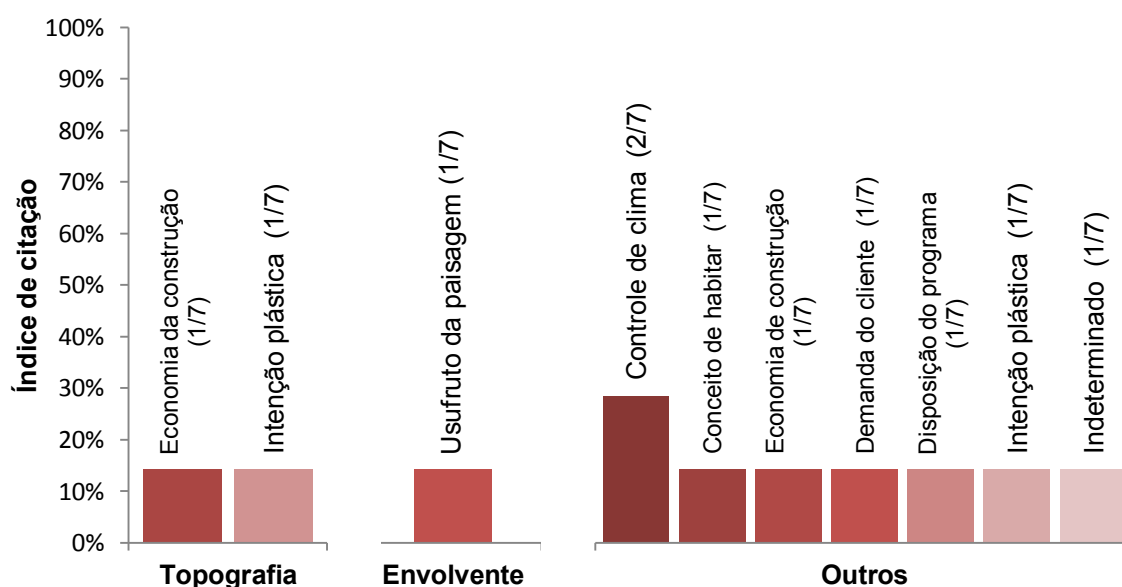
Fonte: o autor, 2019.

Ao questionamento sobre os fatores motivadores da elevação dessas sete casas em relação ao chão, os dois fatores preponderantes apontados pelos entrevistados foram a topografia e outros, esse último como prevalente, Gráfico 42. Lembre-se de que as opções apresentadas para resposta a essa questão foram:

topografia, envolvente, cultura arquitetônica local, legislação, ou outros. Aqui, verifica-se que predomina a dispersão de fatores motivadores da elevação das casas na RMBH.

Em questão complementar, inquirimos aos autores dos projetos sobre as razões pelas quais os fatores motivadores potenciaram a elevação dessas sete casas em relação aos seus terrenos, Gráfico 43. Nota-se uma grande diversidade de razões apresentadas pelos entrevistados, contudo, sem haver prevalência significativa de alguma delas. Importante notar que, dentre o rol de razões apontadas pelos arquitetos, somente o fator ligado ao controle do clima apresentou certo destaque em relação ao conjunto, 28% das citações em relação aos 14% em cada uma das demais. Além disso, cumpre mencionar a indicação do usufruto da paisagem nesse rol de razões de elevação das casas, posto que, como veremos adiante, ela constará como motivação dominante para a estratégia de extroversão das casas da RMBH.

Gráfico 43 - Razões para os fatores potenciarem a elevação das casas no terreno



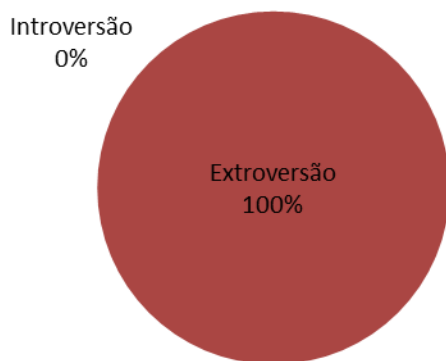
Fonte: o autor, 2019.

D3. Questões relativas às estratégias de introversão ou extroversão

Os dados apurados nas grelhas de análise quanto às estratégias de projeto da ordem horizontal dos casos de estudo da RMBH, Gráfico 44, evidenciam a preponderância integral da estratégia de extroversão. Nesse sentido, em questão complementar, buscou-se classificar os principais fatores motivadores dessa estratégia, Gráfico 45. Dentre os fatores apontados como motivação para a busca por

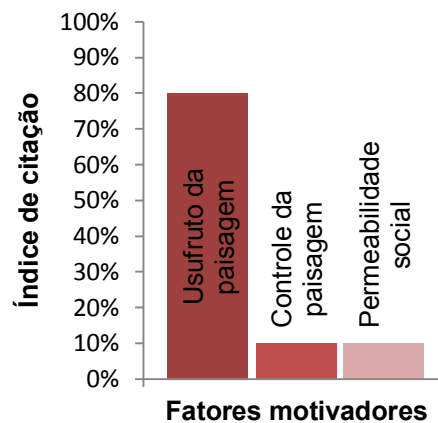
visadas externas aos lotes das casas, sobressai-se, acentuadamente, o usufruto da paisagem, fator mencionado pela maior parte dos entrevistados, 80%.

Gráfico 44 - Estratégias de projeto da ordem horizontal apuradas nas casas



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 45 - Fatores motivadores do predomínio da extroversão nas casas



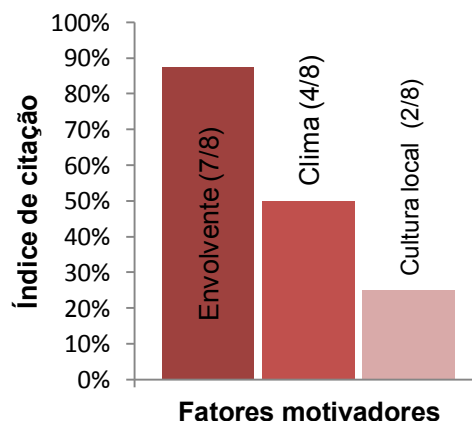
Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 46 - Predomínio de cheios ou vazados nas fachadas



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 47 - Fatores motivadores do predomínio de vazados nas fachadas



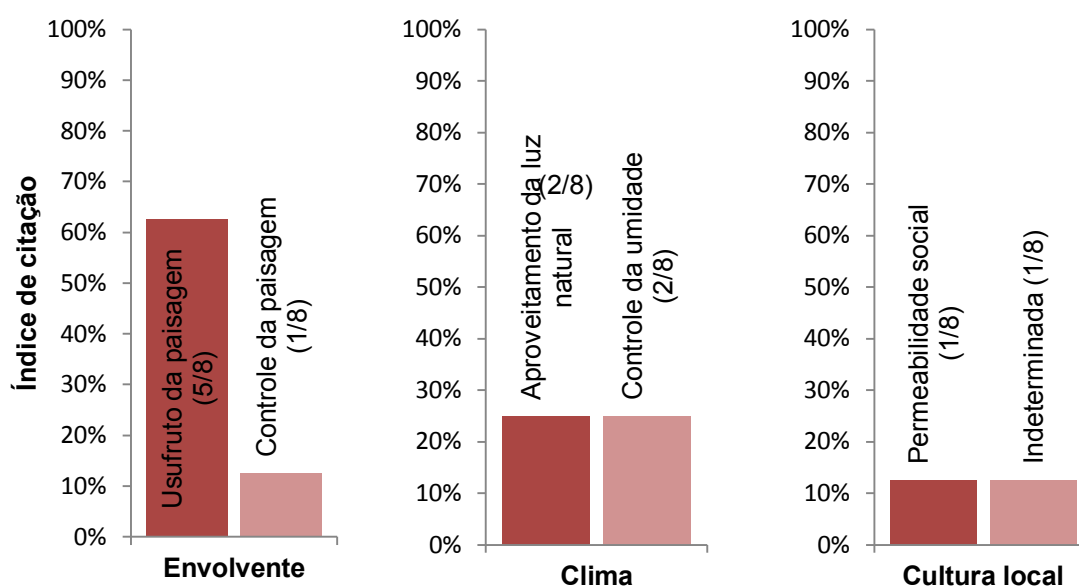
Fonte: o autor, 2019.

Os dados obtidos nos casos de estudo da RMBH e apresentados no Gráfico 46 demonstram a prevalência de elementos vazados nas fachadas em 80% dessas habitações, fator que acentua a estratégia de extroversão adotada nas moradias em questão. Ao serem indagados sobre os principais fatores que motivaram a criação de fachadas mais vazadas, Gráfico 47, sete autores dessa solução apontaram a envolvente como o fator principal, 87% das respostas, que ainda poderiam ser

relacionadas ao clima, à cultura arquitetônica local, à legislação, ou a outros fatores. Note-se que cerca de 50% desses arquitetos também apontaram o clima como fator motivador e, ainda, com menor aporte motivacional, a cultura arquitetônica local, com 25%.

Inquiridos sobre as razões pelas quais os fatores motivadores potenciaram o predomínio dos vazados nas fachadas, Gráfico 48, os arquitetos entrevistados elencaram o usufruto da paisagem, ligada à envolvente, como a razão de maior incidência, 62% das respostas. O fator clima também apresenta outras duas razões para maiores aberturas nas fachadas que merecem a atenção: aproveitamento da luz natural e controle de umidade, ambas no patamar de 25% de citação.

Gráfico 48 - Razões para os fatores potenciarem os vazados nas fachadas

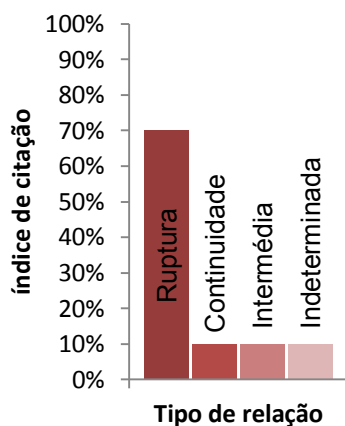


Fonte: o autor, 2019.

D4. Questões relativas às estratégias de continuidade ou ruptura

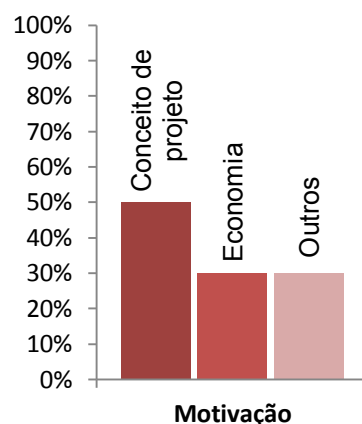
Quanto à avaliação sobre a relação da linguagem das casas projetadas pelos entrevistados face às vizinhas preexistentes, Gráfico 49, a ampla maioria, 70%, afirmou ter ocorrido ruptura. As relações definidas como continuidade, ruptura e indeterminada ficaram no mesmo patamar de 10%.

Gráfico 49 - Avaliação da linguagem da casa face às casas preexistentes



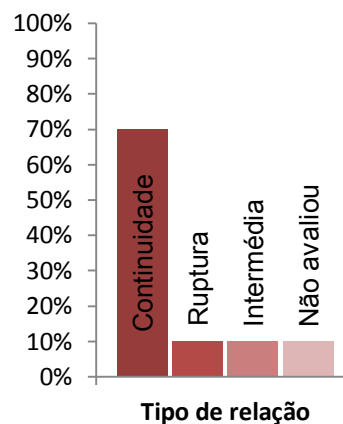
Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 50 - Motivação da escolha dos materiais e tecnologias construtivas



Fonte: o autor, 2019.

Gráfico 51 - Avaliação da casa face à arquitetura contemporânea brasileira



Fonte: o autor, 2019.

A respeito da indagação sobre a motivação das escolhas dos materiais e técnicas construtivas, Gráfico 50, a principal resposta, 50%, foi o alinhamento ao conceito de projeto. A outra causa das escolhas foi a economia na execução das obras. Os outros motivos diluíram-se em respostas variadas e não constituíram conjuntos representativos.

Na avaliação da relação da arquitetura das próprias casas projetadas com a arquitetura contemporânea brasileira de referência, Gráfico 51, a ampla maioria dos entrevistados na RMBH, 70%, afirmou estar em continuidade a essas. As demais citações de tipos de relação diluíram-se e não compuseram grupos significativos.



Imagem:
Casa em Caxias. AML.
Fonte: o autor, 2018.

8. Entre o céu, a terra, o horizonte e o tempo: estratégias de projeto

O homem sentiu sempre um especial fascínio pela linha do horizonte. Onde se juntam, ou se separam, o céu e a terra. Com Semper e com Frampton, diríamos que o horizonte é a misteriosa linha que separa o mundo estereotómico ligado à terra pesada do mundo tectónico ligado ao céu, à luz. (CAMPO BAEZA, 2011, p. 16).

Entre o céu e a terra, estudamos os modos de assentamento das casas contemporâneas da AML e RMBH; face aos horizontes dos lugares, perquirimos suas maneiras de relacionamento com a envolvente; e perante os aspectos derivados do tempo formal e tectónico das arquiteturas locais, a memória edilícia do entorno, apuramos suas posturas em relação à tradição e à contemporaneidade.

A verificação empírica da investigação – a confrontação da hipótese com os dados observados, a fim de confirmá-la ou infirmá-la (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2013, p. 137) –, conforme os resultados apresentados na seção anterior, corrobora as premissas contidas na hipótese deste estudo. O que implica dizer: em relação à topografia, a maioria das casas analisadas na AML adota a estratégia de acomodação; perante seus horizontes elas são introvertidas; e empregam estratégias de continuidade às paisagens arquitetônicas contemporâneas e ruptura às paisagens tradicionais. Por sua vez, a maior parte das casas da RMBH, em sentido oposto às casas da AML, evidencia as estratégias de extroversão e elevação e, em sentido paralelo, apresenta as mesmas posturas de continuidade ou ruptura verificadas na região de Lisboa.

Uma vez comprovado o enunciado da hipótese, esta seção analisa – a par de subsídios teóricos, da pergunta de partida e da hipótese da investigação – os resultados obtidos na observação dos casos de estudo pelo modelo de análise e os conteúdos apurados nas entrevistas aos arquitetos autores. O conjunto desses resultados, que compõe a base de dados desta investigação, encontra-se distribuído na seção 6. *Casos de casas contemporâneas na AML e RMBH* e nos apêndices I, II, III IV e V.

Sendo assim, as duas primeiras subseções que se seguem tratam daquilo que provê a ação projetual, ou seja, o substrato cultural dos arquitetos da AML e RMBH. Já as três últimas subseções abordam as estratégias de projeto propriamente ditas, de

modo a verificar as causas, as tendências dominantes e os casos discrepantes, assim como as convergências e divergências entre as regiões de estudo.

8.1.1. A cultura arquitetônica dos autores

O ponto de partida para o entendimento das estratégias de projeto quanto ao lugar relaciona-se com alguns aspectos culturais que subsidiam as ideias de criações dos arquitetos que conceberam as casas notabilizadas na AML e RMBH, quais sejam: suas formações acadêmicas; seus autores de referência; seus posicionamentos quanto às correntes de pensamento; suas visões acerca da relevância do lugar no aprendizado e na prática do projeto; e os possíveis fluxos de influências entre Brasil e Portugal de modo geral e, especificamente, entre Lisboa e Belo Horizonte, no campo da arquitetura.

Quanto às origens acadêmicas dos autores, verifica-se, tanto em Lisboa quanto em Belo Horizonte, que as instituições públicas são as grandes responsáveis pela formação dos profissionais produtores das arquiteturas de notoriedade dos casos de estudo desta investigação. Nesse quesito, as faculdades de arquitetura mais tradicionais nos contextos de Lisboa e Belo Horizonte superam em larga medida as privadas como fornecedoras do aparato técnico e artístico aos arquitetos destacados no presente estudo: a EA-UFMG, fundada em 1930, a primeira escola sul-americana a surgir desvinculada das Belas Artes e das Politécnicas, pioneira no ensino de arquitetura em Minas Gerais; e a FAUL, cuja origem remonta ao século XVI, instituição que também foi pioneira no ensino disciplinar na capital portuguesa, desmembrada das Belas Artes na segunda metade do século XX. Assim, os dados levantados sugerem que, no universo profissional investigado, os arquitetos oriundos das escolas públicas tendem a prevalecer na produção de arquiteturas de referência – publicadas e premiadas – no âmbito birregional. Entretanto, não é propósito desta investigação aprofundar a compreensão desse fenômeno.

Cabe comentar, ainda, o “espírito da época” da formação desses arquitetos. As gerações licenciadas nos anos 1980 e 1990 compõem a maioria dos autores de Lisboa aqui estudados; ao passo que, em Belo Horizonte, prevalecem os graduados nos anos 1990. Diplomaram-se, portanto, no período situado entre o ambiente intelectual dos anos 1980 – que pode ser lido pela polarização entre os defensores e detratores da modernidade no debate internacional da arquitetura, simbolicamente representados pela exposição historicista *Strada Novissima*, na Bienal de Arquitetura

de Veneza de 1980, e o seu contraponto neovanguardista, a exposição *Modernidade: um Projeto Inacabado no Festival de Outono de Paris de 1982* – e o contexto cultural da década seguinte, os anos 1990, marcada pela superação dessa polarização, que não ocorreu por convergências, mas pela ampliação do estilhaçamento de tendências e teorias que ainda marcam a contemporaneidade da arquitetura.

Ressalte-se, o português Álvaro Siza foi um dos 40 arquitetos convidados a participar da exposição de Paris em 1982 que, essencialmente, pleiteava uma reação aos novos ecletismos e uma continuidade crítica da Arquitetura Moderna, isto é, conforme Nesbitt, a postura Pós-Moderna de cunho “[...] progressista, que deseja estender ou completar a tradição cultural moderna.” (2008, p. 49). Do mesmo modo, nas obras do grupo de arquitetos dos casos de estudo desta investigação, verifica-se que não há maiores vestígios de referências a linguagens arquitetônicas vinculadas a períodos pré-modernos ou pós-modernos historicistas.

Assim, nos dias atuais, um dos aspectos relevantes que compõem o pano de fundo cultural dos arquitetos autores remete à filiação das próprias produções a alguma linha de pensamento em arquitetura. Os dados colhidos nas entrevistas demonstram que – ainda que seja possível identificar seus traços de filiação – a maioria dos agentes criadores na AML mostra-se refratária ao autoenquadramento a tais categorizações. Porém, há que se destacar a vigência do *modus operandi* projetual ancorado nas demandas pragmáticas e contextuais, como bem afirmam Manuel Aires Mateus, “[...] o que nós defendemos é que cada projecto é único. Cada projecto parte de um problema e é uma possibilidade de reflexão sobre um problema específico [...]”²⁶⁹; Vera Martins, “[...] a ligação é sempre ao local e ao programa dos clientes, e é naturalmente influenciada pelo momento profissional e pessoal que vivemos [...]”²⁷⁰; e Inês Lobo “[...] aquilo que nós fazemos é mais até uma resposta direta a um problema [...]”²⁷¹.

Em contrapartida, dos sete arquitetos da RMBH que se manifestaram acerca dessa questão, a maioria situou suas obras no legado da dupla vertente da Arquitetura Moderna brasileira (Escola Paulista e Escola Carioca), que ainda ecoa no imaginário dos autores mineiros, conforme demonstra os apontamentos deste autor,

²⁶⁹ Manuel Aires Mateus. **Entrevista IX**. [Via correio eletrônico, jul. 2019]. (Apêndice V).

²⁷⁰ Vera Martins Alves. **Entrevista VI**. [Via correio eletrônico, nov. 2018]. (Apêndice V).

²⁷¹ Inês Lobo. **Entrevista IV**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

“Penso que sigo uma linha de projeto que dá sequência à tradição moderna brasileira [...]”²⁷², cujo teor também pode ser identificado nas declarações dos arquitetos Alexandre Brasil, Marcelo Alvarenga, Fernando Maculan e Paulo Trajano.

No tocante aos nomes de maior influência na formação e atuação profissional dos autores dos casos de estudo, em ambas as regiões estudadas as figuras nacionais são as mais referenciadas: Álvaro Siza Vieira para os portugueses (Gráfico 5, p. 234) e Paulo Mendes da Rocha para os brasileiros, que na mesma intensidade também apontam o português Siza Vieira (Gráficos 31 e 32, p. 267). Nesse sentido, Siza é a grande figura de prestígio no âmbito birregional, visto que está no topo das menções de referência tanto para os autores da AML quanto para aqueles da RMBH. O depoimento de José Mateus revela a apreço do arquiteto Siza Vieira pelas gerações atuais:

[...] nós temos a felicidade de ter uma figura como o Álvaro Siza, que ainda está vivo e com qual podemos entrar em diálogo direto, não é? O que é um grande privilégio, mas que é, efetivamente, uma figura inspiradora que nos marca muito a todos em Portugal.²⁷³

Figura 146 - Siza Vieira e Mendes da Rocha, referências na AML e RMBH



Fontes: FAUP²⁷⁴ e revista *Projeto*.²⁷⁵ (Adaptadas pelo autor, 2020).

É importante notar que, conforme o Gráfico 5, p. 234, os três arquitetos nacionais mais citados pelos autores de Lisboa são oriundos da chamada Escola do Porto: Álvaro Siza, Fernando Távora e Souto de Moura. Tal dado sugere dois aspectos: a força da referida Escola no imaginário nacional e um arrefecimento na histórica polaridade entre as escolas de arquitetura do Porto e Lisboa. A esse respeito, André Tavares afirma que os anos 1990 demarcam um novo ciclo na arquitetura nacional: “Tinha acabado a euforia do pós-moderno e a auto-estrada Lisboa-Porto

²⁷² Ulisses Morato. **Entrevista XI**. [Belo Horizonte, fev. 2019]. (Apêndice V).

²⁷³ José Mateus. **Entrevista II**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

²⁷⁴ Disponível em: <https://bit.ly/32D8zsb> (Siza Vieira). Acesso em: 17 set. 2020.

²⁷⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2ZMF2KQ> (Mendes da Rocha). Acesso em: 17 set. 2020.

esvaziava o sentido às dicotomias regionais, permitindo aos arquitectos medirem-se em contexto europeu.” (TAVARES, 2017, n.p.). A inserção dos irmãos lisboetas Aires Mateus na vanguarda da arquitetura europeia, informa Tavares (2017), contribuiu para equilibrar o foco das atenções em Portugal. Compete mencionar ainda que, além dos Aires Mateus, Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne, oriundos da escola de Lisboa, conquistaram significativos reconhecimentos e encomendas internacionais nas últimas décadas.

No inventário de influenciadores dos arquitetos brasileiros (Gráficos 31 e 32, p. 267), não há destaque para nomes estrangeiros fora do âmbito português. Depois de Siza, a segunda personalidade internacional mais lembrada também é portuguesa: Eduardo Souto de Moura. Entre os atuantes na RMBH, cumpre mencionar, o segundo arquiteto de maior prestígio é Oscar Niemeyer. Já para os arquitetos portugueses da AML, embora em patamares abaixo das referências a Álvaro Siza, há espaço para nomes internacionais como Alvar Aalto, em maior grau, e, em menor grau, Le Corbusier e Mies van der Rohe (Gráfico 6, p. 234). Assim, os arquitetos atuantes em Lisboa demonstram ser mais abertos a influências de figuras internacionais; e os sediados em Belo Horizonte se apresentam refratários a tais influxos, com exceção aos nomes vindos de Portugal. Em todo caso, cabe destacar, ainda que estejamos em tempos de intensa globalização da informação, esses arquitetos portugueses e brasileiros se inspiram, majoritariamente, nas potências criativas nacionais, as quais, por sua vez, foram alvo de ampla consagração em instâncias internacionais, como Siza Vieira, Souto de Moura, Niemeyer e Mendes da Rocha – todos eles laureados com o prestigiado Prêmio Pritzker de arquitetura.

8.1.2. Arquitetura transatlântica, fluxos intermetropolitanos

Se, por um lado, os arquitetos da AML demonstram conhecer correntes arquitetônicas brasileiras (Gráfico 8, p. 235); por outro, os arquiteto da RMBH praticamente as desconhecem em Portugal (Gráfico 33, p. 268), embora, entre esses haja expressiva valoração de figuras da arquitetura portuguesa, o que sugere o cultivo personalista em detrimento à observância dos movimentos históricos de além-mar. Quanto aos autores da AML, a Arquitetura Moderna brasileira, ainda hoje, é a corrente mais sedimentada no imaginário coletivo. A reforçar esse influxo, observou-se nas entrevistas significativa menção à Arquitetura Moderna de caráter

brasileiro expressa nas ex-colônias portuguesas da África, cujos mentores são arquitetos procedentes de Portugal, sobretudo de Lisboa.

Na abordagem de conhecimento mútuo das arquiteturas contemporâneas, circunscritas apenas às duas regiões de estudo, os arquitetos sediados em Belo Horizonte demonstraram vultosa ciência da produção ligada à AML (Gráfico 34, p. 269), ao passo que os arquitetos atuantes em Lisboa – em que pese a considerável inserção de obras mineiras em *sites* especializados internacionais²⁷⁶ – manifestaram noções praticamente inexistentes de nomes e obras ligadas à RMBH (Gráfico 9, p. 236). Aqui, cumpre assinalar, há significativa discrepância nos fluxos de viagens dos autores entre as duas sedes regionais deste estudo: a grande maioria dos arquitetos da RMBH, 80%, visitou Lisboa e somente o arquiteto Gonçalo Byrne desembarcou em Belo Horizonte.

Em Belo Horizonte, os arquitetos atuantes em Lisboa mencionados foram os irmãos Aires Mateus, Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne; ao passo que, em Lisboa, nenhum arquiteto atuante em Belo Horizonte foi referido. Ainda, enquanto todos os brasileiros citaram, ao todo, onze obras contemporâneas erguidas em Lisboa; apenas três dos arquitetos portugueses entrevistados referiram-se a três obras de BH, das quais somente o *Atelier* Amílcar de Castro, inaugurado em 2001, efetivamente pertence à contemporaneidade recente.

Figura 147 - Obras contemporâneas referenciadas na AML e RMBH



Da esq. p/ dir.: Pavilhão do Conhecimento (Lisboa, 1995-98) Carrilho da Graça; Torre de Controle Marítimo do Porto de Lisboa (Lisboa, 1997-2001) Gonçalo Byrne; Sede EDP (Lisboa, 2008-15), *Atelier* Aires Mateus; *Atelier* Amílcar de Castro (Nova Lima, 2001), Allen Roscoe. Fontes: O autor (Pav. do Conhecimento e Sede EDP); Daniel Malhão²⁷⁷; Leonardo Finotti.²⁷⁸

Portanto, se outrora as obras modernas da Pampulha encomendadas pelo então prefeito Juscelino Kubistchek foram importantes para a informação da

²⁷⁶ A título de exemplo, note-se que 90% dos autores dos casos de estudo da RMBH possuem várias obras publicadas no *site* da especialidade mais acessado no mundo, o *ArchDaily*; e que há ampla divulgação internacional dos edifícios culturais do Instituto Inhotim, cuja arquitetura é majoritariamente assinada por arquitetos de Belo Horizonte.

²⁷⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3hTeTjO> (Torre de Controle Marítimo). Acesso em: 19 set. 2020.

²⁷⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3iNg0mh> (*Atelier* Amílcar de Castro). Acesso em: 19 set. 2020.

arquitetura de Belo Horizonte em Portugal, via *Brazil Builds* (GOODWIN, 1943), no presente – segundo as informações apuradas junto aos portugueses –, a difusão da produção contemporânea da capital mineira na capital lusitana ainda está por construir. Em contrapartida, no âmbito dos profissionais de referência, o influxo de informação sobre a arquitetura lisboeta no imaginário dos arquitetos atuantes em Belo Horizonte encontra-se em nível vigoroso de intensidade. Cumpre salientar que a amplitude de absorção de referências oriundas de Lisboa não encontra registro similar na literatura abordada sobre a arquitetura da capital mineira.

A verificação da intensidade das influências entre Brasil e Portugal no campo da arquitetura, complementa o quadro analítico do manancial criativo dos arquitetos autores da AML e RMBH. Os depoimentos desses arquitetos revelam a existência de significativo volume de conhecimento e influências mútuas quando consideramos as referências nos âmbitos nacionais (Gráficos 10 e 35, pp. 237 e 269).

A grande maioria dos autores de cada um dos países, fenômeno marcante, reconhece traços na própria arquitetura provenientes da cultura arquitetônica do outro país. Emblemática, é a menção de Manuel Aires Mateus que se identifica com certa leveza arquitetônica do outro lado do Atlântico, a “[...] liberdade de praticamente não tocar o mundo, acrescentar ao mundo qualquer coisa sem lhe tocar, que eu reconheço na arquitetura brasileira e que nós procuramos.”²⁷⁹ Por outro lado, a identificação com determinada expressão tectônica brasileira é patente nas referências ao Brutalismo Paulista nos depoimentos de Cândido Chuva e José Mateus, que podem ser representados pelos dizeres da arquiteta Inês Lobo, “Acho que há uma espécie de uma relação direta, talvez muito com a arquitetura paulista, que é esta ideia de que a estrutura é fundamental na construção da ideia.”²⁸⁰ A aproximação de Lisboa à Escola Paulista (ANDRADE, 2016b), entretanto, não se restringe ao mundo das ideias, como referido, o arquiteto Mendes da Rocha projetou o novo Museu Nacional dos Coches (Lisboa, 2008-15) em parceria como o *atelier* lisboeta de Ricardo Bak Gordon e, com a própria Inês Lobo, a Residência da Rua do Quelhas (Lisboa, 2010-17).

Os autores sediados em BH revelaram acentuada identificação de atributos da arquitetura portuguesa na produção das suas obras arquitetônicas em geral. Um

²⁷⁹ Manuel Aires Mateus. **Entrevista IX**. [Via correio eletrônico, jul. 2019]. (Apêndice V).

²⁸⁰ Inês Lobo. **Entrevista IV**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

compêndio do teor dessa absorção pode ser sumarizado pelas declarações dos arquitetos Gustavo Penna, “[...] nós somos o signo de um Portugal reinterpretado, de um Portugal ressignificado. É a nossa história.”²⁸¹; Alexandre Brasil, “[...] esses projetos de Inhotim, eles têm muito dessa arquitetura de massa. Massa pesada, chegando ao chão, sem *pilotis*.”²⁸²; e Fernando Maculan, “[...] essa matriz mais abstrata ou de um tratamento um pouco mais escultórico do objeto arquitetônico [...]”²⁸³ Aqui, nota-se que a filiação histórica e a capacidade adaptativa ao meio, o edifício telúrico e a abstração formal, são alguns traços de além-mar que precipitam nas obras desses arquitetos mineiros segundo seus depoimentos.

A ampliação territorial relativa às fontes de referência assinalada pelos arquitetos de Minas Gerais demonstra alguma quebra no reiterado discurso teórico nacional sobre a própria arquitetura, caracterizado pelo “[...] relativo insulamento, um certo comprazimento em bastar-se, em seguirmos comodamente limitados por nossas amplas fronteiras, algumas vezes nos retroalimentado de nossos próprios passados.” (BASTOS; ZEIN, 2010, p. 394). No tocante aos autores da RMBH, verifica-se, portanto, que essa “ilha” arquitetônica nacional é alargada pela incorporação de atributos procedentes do território lusófono matricial, as terras lusitanas.

8.1.3. Lugares e projetos

A questão atinente aos temas lugar e projeto de arquitetura requereu dos entrevistados desta investigação a avaliação do nível de importância dado à abordagem do lugar no ensino de projeto nos seus percursos universitários (Gráficos 11 e 36, pp. 237 e 270). Nesse quesito, os autores da AML e RMBH apresentaram juízos distintos. Enquanto a maioria dos portugueses consignou um alto nível de relevância deste tema nas cadeiras de projeto; apenas um terço dos brasileiros reputou o mesmo grau.

De acordo com o arquiteto mineiro Gustavo Penna, à exceção de alguns professores, a academia “[...] pensava no objeto arquitetônico, ela nunca pensou no lugar que o objeto arquitetônico gera, no lugar que preexistia, e no lugar que vai existir a partir da inserção desse novo edifício.”²⁸⁴, crítica que é confirmada pela

²⁸¹ Gustavo Penna. **Entrevista XIII**. [Belo Horizonte, jul. 2019]. (Apêndice V).

²⁸² Alexandre Brasil. **Entrevista XIV**. [Belo Horizonte, abr. 2018]. (Apêndice V).

²⁸³ Fernando Maculan. **Entrevista XVII**. [Belo Horizonte, abr. 2018]. (Apêndice V).

²⁸⁴ Gustavo Penna. **Entrevista XIII**. [Belo Horizonte, jul. 2019]. (Apêndice V).

geração mais recente. Fernando Maculan, graduado nos anos 1990, assinalou haver no ambiente universitário maior foco pedagógico no edifício propriamente dito, onde “[...] poucos professores voltavam uma atenção para o lugar e para o contexto, seja construído, seja natural.”²⁸⁵

Em sentido oposto ao ajuizado pelos brasileiros, a corroborar a posição dominante entre os entrevistados portugueses, José Mateus pondera: “[...] essa reflexão sobre o lugar [...] é central no ensino da arquitetura em Portugal desde os meus tempos de faculdade. Eu diria que hoje até é mais forte do que quando eu fui aluno.”²⁸⁶

Em se tratando da avaliação do papel do lugar na criação dos próprios projetos (Gráficos 12 e 37, págs. 237 e 270), tanto os autores sediados em Lisboa, em unanimidade, quanto os atuantes em BH, majoritariamente, convergem em assinalar que tal papel é principal. O que quer dizer que, dos dois lados do Atlântico, os arquitetos autores dos casos de estudo atribuem um alto nível de importância às condicionantes do lugar no processo de criação das suas obras. Nesse sentido, infere-se, os autores contemporâneos de referência nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte dão seguimento, embora pautados por outras questões, ao referido *modus operandi* projetual luso-brasileiro, que preza pela valoração do lugar no conceito arquitetural (ANDRADE, 2019).

Neste ponto, entramos na análise comparativa das questões diretamente relacionadas aos projetos das casas contemporâneas e as estratégias adotadas pelos arquitetos como respostas ao lugar, aquelas identificadas nas grelhas de análise.

8.1.4. Entre o céu e a terra, estratégias de acomodação e elevação

Quanto à ordem vertical de projeto (Gráfico 52), constata-se uma oposição na adoção das estratégias entre as casas da AML e RMBH. Nos casos de estudo de Portugal, prevalece a estratégia de acomodação; e, na RMBH, a estratégia dominante entre as moradias é de elevação dos seus programas em relação ao terreno.

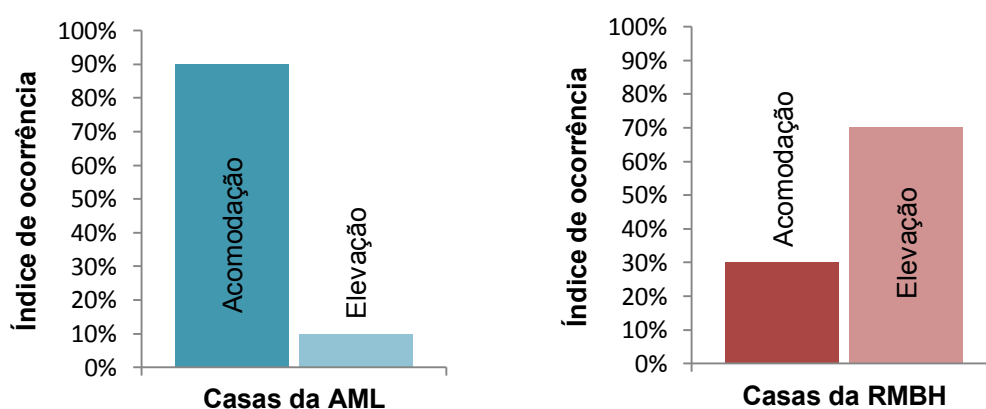
A esse modo dicotômico de contato do edifício com o chão – acomodação *versus* elevação – estabelecido pelas habitações de Lisboa e Belo Horizonte, podemos correlacionar à antítese entre as arquiteturas estereotômicas e tectônicas conceituadas por Semper e Frampton, e retrabalhados por Alberto Campo Baeza no

²⁸⁵ Fernando Maculan. **Entrevista XVII**. [Belo Horizonte, abr. 2018]. (Apêndice V).

²⁸⁶ José Mateus. **Entrevista II**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

texto *Da Caverna à Cabana: Sobre o Estereotómico e o Tectónico na Arquitectura* que integra o livro *Pensar com as Mãos* (2011). Campo Baeza esclarece que a arquitetura “estereotómica” é aquela firmemente assentada na terra com inequívoco sentido monolítico, em que as forças da gravidade sobre os materiais duros, pesados, se transferem a terra por compressão; e a arquitetura “tectónica” é aquela cujos artifícios das estruturas articuladas, leves e aéreas, distribuem a força da gravidade em tramas que as descarregam no chão em alguns pontos de contato (CAMPO BAEZA, 2011, p. 28).

Gráfico 52 - Estratégias de acomodação e elevação, casas AML e RMBH



Fonte: o autor, 2019.

Conforme os apontamentos dos arquitetos da AML, o principal fator motivador da acomodação das casas na região de Lisboa é a topografia e, em relação a esse fator, destacam-se: o manejo do terreno (escavar ou aproveitar os níveis) para disposição do programa ou, no mesmo patamar de relevância, obtenção de privacidade (Gráfico 18, p. 240). Aqui, a conformação de tais casas reforça a atitude projetual dos portugueses de deferência às condicionantes operativas e à intimidade doméstica. As soluções de projeto adotadas pela arquiteta Inês Lobo na Casa no Magoito reúnem esse duplo motor para a acomodação da casa no terreno:

[...] quando eu entro em casa, entro numa espécie de meia cota da qual subo para uma parte traseira, a parte dos quartos, desço ligeiramente e estou nos espaços comuns. [...] era importante que os espaços sociais se encaixassem bastante no terreno e construíssem um pouco aquela sensação de abrigo que pretendia.²⁸⁷

²⁸⁷ Inês Lobo. **Entrevista IV**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

Figura 148 - Casos de estudo da AML, acomodação ao terreno



Da esq. p/ dir.: Casa no Romeirão, José Mateus; Casa no Magoito, Inês Lobo; Casa na Aroeira, Manuel Aires Mateus; Casa em Caxias, António Costa.

Fontes: Fernando Guerra²⁸⁸; Leonardo Finotti²⁸⁹; o autor; Fernando Guerra.²⁹⁰
(Adaptadas pelo autor, 2020).

Nos depoimentos dos arquitetos da AML, chama a atenção não haver referências aos terremotos como indutores do agarramento das casas ao chão. Sabe-se que esse fenômeno natural é recorrente e de memória trágica em Lisboa, e que pode afetar as construções em todo o território português. Assim, elucubrou-se, a despeito dos avanços tecnológicos, que a raridade de estruturas desprendidas do chão nessas casas também estivesse vinculada ao receio dos abalos sísmicos ou de custos adicionais para contê-las em tais condições volumétricas, expectativa não confirmada nas entrevistas aos arquitetos da AML.

Recorde-se que, nos idos de 1937, o arquiteto Cassiano Branco alertava para necessidade de “[...] oferecer tanto quanto possível aos habitantes de Lisboa casas anti-sísmicas [...]” e que essas até poderiam ser do tipo “arranha-céus” graças às estruturas de concreto armado, que lhes garantiriam a necessária “[...] elasticidade e poder de resistência ao choque.” (BRANCO, 2010, p. 279). Em contrapartida, num estudo recente sobre o comportamento estrutural de um edifício representativo da Arquitetura Moderna de Lisboa no segundo pós-guerra, Rodrigues, Varum e Costa desabonam a tese anterior: “[...] os edifícios apoiados em *'pilotis'*, muito frequentes neste estilo arquitectónico, podem originar mecanismos de comportamento tipo *soft-storey*, o que torna estas estruturas muito vulneráveis a acções sísmicas.” (RODRIGUES; VARUM; COSTA, 2007, p. 1).

É importante notar que o único caso de estudo da AML a apresentar estratégia de elevação, a Casa no Murtal, estabelece esse artifício sem se valer de volumes suspensos por *pilotis* ou em balanço (consola). Aqui, a verticalização do programa não implica na perda do sentido de conexão monolítica do volume arquitetônico com

²⁸⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3i8W7VJ> (Casa no Romeirão). Acesso em: 27 set. 2020.

²⁸⁹ Disponível em: <https://bit.ly/342VNCJ> (Casa no Magoito). Acesso em: 27 set. 2017.

²⁹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3nbMBF4> (Casa em Caxias). Acesso em: 27 mar. 2019.

o chão, isto é, a arquitetura ainda mantém sua disposição “estereotômica”. Nesse caso, o arquiteto Cândido Chuva justifica a criação dos níveis de pavimento da casa como artifício de distribuição do seu programa e de relação com a envolvente: “Eu acho que nesses três níveis estão também os três níveis de convívio direto com a paisagem.”²⁹¹

Figura 149 - Casa no Murtal, elevação sem *pilotis* ou balanços



Fonte: *Atelier* Cândido Chuva.²⁹² (Adaptadas pelo autor, 2020).

Já na região de BH, os fatores motivadores da elevação das casas apontados pelos arquitetos diluíram-se de modo relativamente equilibrado sem que nenhum deles se apresentasse majoritário (Gráfico 43, p. 272). As declarações dos autores, portanto, não nos permite indicar uma causa dominante para a elevação dessas casas.

Além dos depoimentos colhidos, a literatura e a observação dos fatos arquitetônicos nos fornecem subsídios para a empreitada de entendimento da tendência à acomodação do edifício ao terreno em Portugal (arquitetura estereotômica), confirmada na AML, e a disposição de elevar o edifício do chão (arquitetura tectônica), no Brasil, observada na RMBH.

Um bom indicativo dessa dicotomia entre Brasil e Portugal no modo de relacionamento dos edifícios com o chão pode ser aferido pelo grau de adesão àquele que é um dos principais atributos da Arquitetura Moderna preconizado pela Carta de Atenas, o edifício elevado por *pilotis*.

Em Portugal, o agarramento das construções ao terreno persiste mesmo na expressão da sua Arquitetura Moderna, visto que o uso dos *pilotis* não se generalizou. Poucos foram os edifícios dessa linha arquitetônica que os adotaram em plenitude, diferentemente de outros países, dentre os quais o Brasil. Sergio

²⁹¹ Cândido Chuva. *Entrevista I*. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

²⁹² Disponível em: <https://bit.ly/3l8jINp>. Acesso em: 25 abr. 2017.

Fernandez, ao mencionar um bloco de habitação coletiva projetado em 1949 para a cidade do Porto, assinalou que os seus *pilotis* “[...] por não corresponderem a espaço aberto, fazem a sua aparição meramente formal, facto que se repetirá em muitos dos edifícios de nossas cidades.” (1988, p. 78).

Figura 150 - Casos de estudo da RMBH, elevação ao terreno



Da esq. p/ dir.: Casa BF, Humberto Hermeto; Residência NB, Alexandre Brasil e Paula Zasnico; Casa EG, Marcelo Alvarenga; Casa Vale dos Cristais, Paulo Trajano.
Fontes: Eduardo Eckenfels²⁹³; Leonardo Finotti²⁹⁴; Daniel Mansur²⁹⁵; ArcoWeb.²⁹⁶

No Brasil, em sentido oposto, os *pilotis* como recurso de descolamento dos edifícios do chão, segundo a professora Ana Luiza Nobre, “[...] proliferaram como em nenhuma outra parte do planeta a partir da década de 1930 [...]” (NOBRE, 2019, p. 154). A corroborar essa afirmativa, note-se, entre as casas da RMBH estudadas nesta investigação, 70% delas utilizaram os *pilotis*. Contudo, no texto *Ventilação no Trópico*, Miran de Barros Latif assevera que a plena adesão e difusão desse artefato corbusiano no Brasil só foi possível graças aos seus tradicionais modos de habitar:

O sucesso entre nós de Le Corbusier [...] vem principalmente dos “pilotis” [...]. Era uma solução técnica e plástica que surgia ao encontro de um velho anseio nosso. [...] Colocávamos tudo sobre jirau [²⁹⁷], não tanto para isolar do ataque dos grandes animais [...], mas para melhor ventilação e isolar da minúscula bicharia a pulular na “vivência” pastosa do trópico. E o mérito de Le Corbusier não foi tanto nos ensinar os “pilotis” quanto lembrar-nos de prosseguir naquela procura do “jirau para tudo”, numa arquitetura popular certamente mais apreciável em sua autenticidade que a erudita. (LATIF, 2003, p. 309).

²⁹³ Disponível em: <https://bit.ly/2ZhaFsU> (Casa BF). Acesso em: 18 ago. 2015.

²⁹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/33X63f1> (Residência NB). Acesso em: 25 ago. 2015.

²⁹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2KSYazP> (Casa EG). Acesso em: 12 set. 2016.

²⁹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/30SvYCM> (Casa Vale dos Cristais). Acesso em: 08 set. 2015.

²⁹⁷ O termo jirau, conforme o dicionário Houaiss, significa: 1. armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser usado como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc.; 2. armação de madeira sobre a qual se constrói uma casa de modo a evitar a água e a umidade. [...] 4. estrado ou pavimento construído a meia altura de um recinto e do qual cobre parcialmente a área.

Sob esse aspecto, importante notar, dentre o rol de razões elencadas pelos autores da RMBH para explicar a elevação das casas nos terrenos (Gráfico 43, p. 272), o manejo do edifício para o controle do clima (ventilação e iluminação) foi o único motivo que teve algum destaque em relação aos demais.

A tradição local também nos informa que retirar a habitação do rés do chão e levá-la a pavimentos acima, já no período colonial brasileiro, conforma um gesto arquitetônico de diferenciação social para os membros das elites econômicas (MELLO, 1985, p. 100). Note-se, os casos de estudo da RMBH inserem-se em locais nobres do território expandido da capital financeira e administrativa de Minas Gerais. A ideia de verticalização da moradia como distintivo de classe é sustentada por Yi-Fu Tuan, “[...] as casas particulares aumentam o prestígio com a elevação. [...] Os ricos e poderosos [...] dominam mais espaço visual. [...] de suas residências os ricos reafirmam sua posição na vida a cada vez que olham pela janela e veem o mundo aos seus pés.” (TUAN, 1983, p. 44–45).

Em oposição à tendência dominante de elevação (Gráfico 29, p. 264), verificou-se numa pequena amostragem dos casos de estudo da RMBH a ocorrência da estratégia de acomodação da moradia ao chão: na Casa EP; na Casa Galeria; e na Residência Bosque da Ribeira (JT). Contudo, nessas três casas, a permanência do anseio de descolamento do edifício do chão, seu caráter “tectônico”, manifesta-se em trechos notáveis dessas obras, isto é, observam-se ostentosos volumes que se destacam na composição arquitetônica, por se elevarem do chão, sobre *pilotis* ou em balanço.

Figura 151 - Casas da RMBH, acomodação atenuada por *pilotis* e balanço



Da esq. p/ dir.: Casa EP, Ulisses Morato; Casa Galeria, Fernando Maculan e Mariza Machado; Res. Bosque da Ribeira (JT), Johanna Anastasia e Tomás Anastasia.
Fontes: Daniel Mansur; Fábio Del Re & Carlos Stein; Jomar Bragança.²⁹⁸

²⁹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/36vMsWQ> (Casa Bosque da Ribeira - JT). Acesso em 03 mar. 2020.

Em Portugal, a persistência do gosto pela força da gravidade sobre a massa pétreia horizontal, típica das arquiteturas antigas, “estereotómicas” – dentre as quais a românica, que teve grande presença no território –, indica a aversão dos portugueses aos arroubos de verticalização ao longo dos tempos. Mesmo nos dias atuais, ao contrário do Brasil, são poucos os edifícios do tipo arranha-céu a brotar do solo Português.²⁹⁹ Ao invés disso, a partir de meados dos anos 1950, a aspiração pela incrustação da arquitetura na terra ou pela organicidade aderente ao relevo, vem demonstrando renovado vigor ao longo de explorações topográficas verificadas em obras paradigmáticas, tais como: as Piscinas do Tamariz (Estoril, 1954-56), de Manuel Tainha; as Piscinas das Marés (Matosinhos, 1961-66), de Álvaro Siza; o Hotel do Mar (Sesimbra, 1962-66), de Conceição e Silva e Maurício de Vasconcellos; o Museu da Luz (Mourão, 1998-2003), de Pedro Pacheco e Marie Clément; o Centro das Artes Casa das Mudas (Ilha da Madeira, 2001-04), de Paulo David; o Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia (Alcácer do Sal, 2006-10), dos irmãos Aires Mateus; entre muitas outras.

Nessa conjuntura, em análise das residências criadas pelo *atelier* do lisboeta Nuno Teotónio Pereira a partir dos anos 1950, a professora Ana Tostões (2004) – citada por Madeira da Silva (2008, p. 248) – assinalou: “Concebidas para contextos muito diferenciados, todas estas casas são deliberadamente agarradas ao terreno, numa aproximação orgânica que procura revelar o sentido topográfico de cada lugar.” Essa tradição do compromisso topográfico na arquitetura portuguesa reverbera em algumas casas da AML estudadas nesta investigação, sobretudo, na Casa no Romeirão, Casa no Magoito, Casa na Aroeira e Casa em Caxias (Figura 148, p. 287).

Por fim, cumpre assinalar, embora as casas das duas regiões estabeleçam estratégias opostas de disposição dos seus programas em relação aos terrenos disponíveis, tal antítese não se deve às disparidades da relação entre os tamanhos dessas casas e o tamanho dos seus terrenos na comparação birregional. O percentual das áreas edificadas das moradias em relação às áreas dos seus lotes – o que no

²⁹⁹ A Torre Vasco da Gama, situado no Parque das Nações, em Lisboa, é um dos poucos edifícios de Portugal com mais de 100 metros de altura. Essa obra, que possui 145 metros de altura, foi concluída em 1998. No Brasil, o Edifício A Noite, considerado o primeiro arranha-céu da América Latina, com 102 metros de altura, foi inaugurado na cidade do Rio de Janeiro em 1929. Em Belo Horizonte, o Edifício Acaiaca, com 120 metros de altura, foi o edifício mais alto do Brasil entre 1943, ano de sua inauguração, e 1947, quando foi superado pelo edifício Altino Arantes, São Paulo, com 161 metros de altura.

Brasil é denominado Coeficiente de Aproveitamento (CA) – não é discrepante: na AML, o CA médio corresponde a 33%; e, na RMBH, ele é de 46%. Não por acaso, na comparação entre doze casos de estudo das regiões de Lisboa e Belo Horizonte, Tabela 8, nos quais esses coeficientes são muito próximos (variações contidas em intervalos de 10%), as estratégias de projeto são opostas.

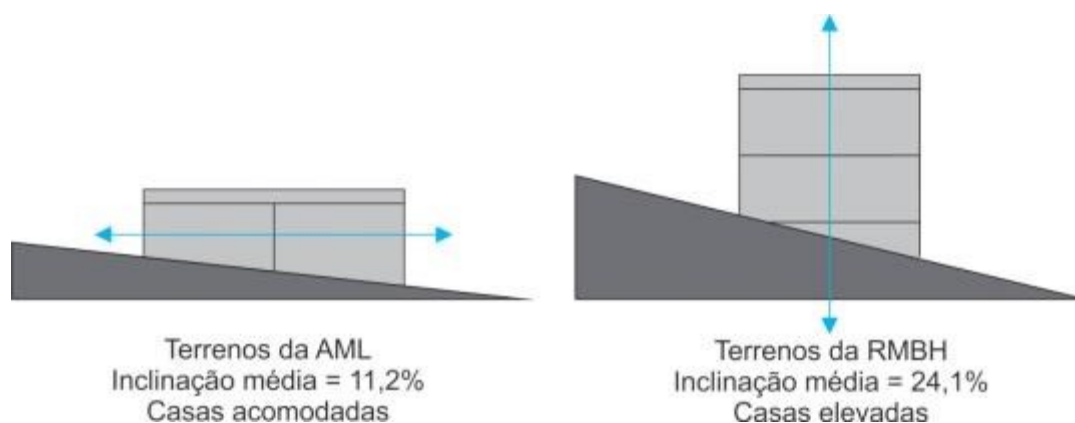
Tabela 8 - Coeficientes de aproveitamento próximos, estratégias opostas

Estratégia de Acomodação - AML		Estratégia de Elevação- RMBH	
Caso de estudo	CA	Caso de estudo	CA
Casa no Romeirão	18%	Casa da Montanha	22%
Casa na Aroeira	22%		
Aroeira III	25%		
Casa Conde	35%	Casa Lincoln	39%
Casa C+P	62%	Residência NB	52%
		Casa EG	56%
		Casa B. Ribeira (EL)	57%
Casa no Azeitão	89%	Casa Vale dos Cristais	92%

Fonte: o autor, 2020.

Já em relação à caracterização topográfica dos lotes, nota-se que a oposição entre os perfis típicos das duas regiões – perfis de inclinações suaves na AML e de inclinações acentuadas na RMBH – revelaram disposições também opostas da relação do edifício com o chão. A prevalência das decisões de elevar camadas das habitações acima do chão nos projetos da RMBH ocorre em terrenos com perfis topográficos com forte inclinação (24,1% em média); ao passo que, na AML, a dominância das decisões de distender a edificação em posição rente ao chão se manifesta em terrenos com perfis topográficos pouco inclinados (11,2% em média).

Figura 152 - Perfis topográficos da AML e RMBH e as implantações típicas



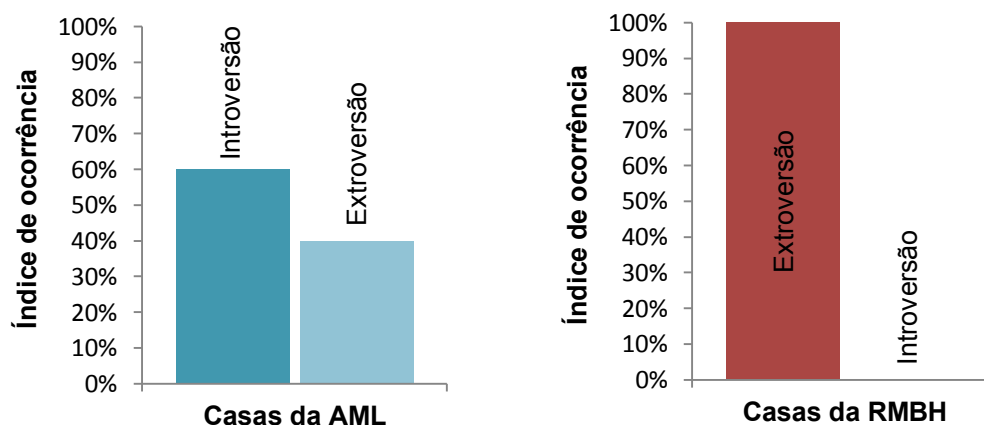
Fonte: o autor, 2020.

Na criação arquitetônica sabe-se que, num mesmo território, os terrenos inclinados podem induzir projetos com soluções de edifícios em patamares escalonados e rentes ao chão ou em patamares verticalizados, em distanciamento progressivo do perfil topográfico conforme os acréscimos de pavimentos. Já nas casas contemporâneas estudadas na AML e RMBH, entretanto, em cada região prevalece um tipo de solução, isto é, no interior de cada grupo não encontramos variações importantes quanto aos sistemas de disposição dos edifícios no chão, constatação que reforça a ideia de que, em cada território, há uma cultura arquitetônica local forte o suficiente para homogeneizar as implantações dos projetos.

8.1.5. Os horizontes, estratégias de introversão e extroversão

Na ordem horizontal de projeto, observa-se que, na comparação birregional dos dados obtidos (Gráfico 53), as estratégias de fenestração das casas em relação aos seus horizontes estabeleceram oposição máxima: na AML, verificou-se a introversão forte; e, na RMBH, observou-se a extroversão forte. Lembremos, a intensidade forte associada a tais estratégias no âmbito birregional são decorrentes de fachadas, predominantemente, opacas na AML e transparentes na RMBH.

Gráfico 53 - Estratégias de introversão e extroversão, casas da AML e RMBH



Fonte: o autor, 2019.

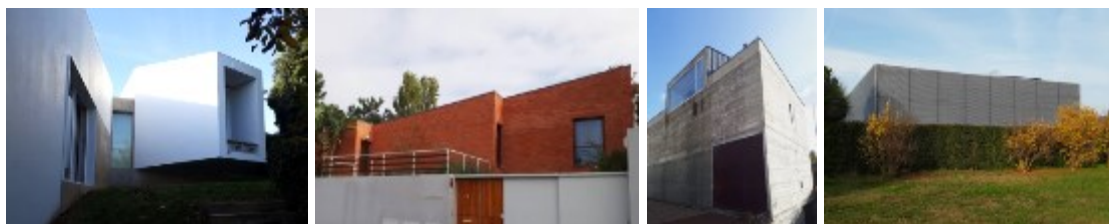
Entretanto, importa referir, essa dicotomia de estratégias de projeto entre as duas regiões não se deve à oposição entre os contextos dos terrenos dos casos de estudo à escala de bairro. Em ambas as regiões metropolitanas – conforme os dados de apresentação dos casos de estudo – os lotes dessas casas estão majoritariamente localizados em zonas suburbanas, onde se verificam baixas e médias densidades de

ocupação do solo pelo parque edificado. Além disso, a posição nos relevos locais da grande maioria dos terrenos dessas casas possibilita visadas de longo alcance, isto é, vistas panorâmicas da envolvente.

O célebre sociólogo Sérgio Buarque de Holanda assinala que a dicotomia introversão-extroversão é um fenômeno de âmbito geral e diferenciador dos modos de morar brasileiro e português desde o período colonial. No seu clássico livro de 1936, *Raízes do Brasil*, Holanda afirma: “A casa peninsular, severa e sombria, voltada para dentro, ficou menos circunspecta sob o novo clima, perdeu um pouco de sua aspereza [...]” (1978, p. 16). No entanto, atualmente, circunscrevendo a análise às regiões de Lisboa e BH, essa dicotomia entre os modos de fenestração verificados nos casos de estudo não mais se estabelecem pela prevalência das diferenças climáticas.

Segundo os arquitetos da AML, os principais motivadores da adoção da estratégia de introversão (Gráfico 20, p. 240), onde prevalecem aberturas orientadas para o interior do lote em fachadas predominantemente opacas, estão relacionadas com a busca de privacidade/intimidade doméstica, fator principal. Já o controle da paisagem – leia-se seleção, direcionamento, e enquadramento dos vãos para algumas partes da envolvente – é o segundo fator mais determinante. Quanto a esse último, a narrativa do arquiteto António Costa, autor da Casa em Caxias, é didática, “[...] ao haver uma contenção de vistas, para depois culminar com uma vista mais significativa, faz parte de qualquer composição, é revelar aquilo que é mais importante, sublinhar, enfatizar.”³⁰⁰

Figura 153 - Casos de estudo da AML, privacidade e controle da paisagem



Da esq. p/ dir.: Casa no Romeirão, José Mateus; Casa Conde, Sara Antunes e Mário Ferreira; Casa no Azeitão, Miguel Beleza; Vila Utopia, Gonçalo Byrne.
Fonte: o autor, 2018.

Para o português, o anseio por privacidade, de voltar-se para o resguardo interior do lar, de apenas espreitar a paisagem, será porventura algo atávico na sua cultura, a isso concorrem alguns fatores: a herança de traços da organização social

³⁰⁰ António Costa Lima. **Entrevista VIII**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

islâmica, a ancestral insegurança provocada por inúmeras invasões do território ao longo dos tempos e até mesmo aspectos da estética urbana.

A professora e historiadora Fernanda Olival, no seu texto contributo para a *História da Vida Privada em Portugal: A Idade Moderna* (2010), traz informações bastante indicativas deste “melindre” ao público, verificado na sociedade portuguesa já nessa época pretérita:

O que era “público e notório” tinha muito peso na sociedade do Antigo Regime. Era assim para os vários grupos sociais. Na jurisprudência criou-se a ideia de que um crime que ocorresse em tal arena causava escândalo e devia receber igualmente pena pública. A honra ferida neste âmbito era mais ultrajada. A vigilância dessa esfera era por isso grande [...]. O que ocorria diante de terceiros constituía-se como espaço de escrutínio da comunidade [...]. A este território opunha-se o que ocorria no resguardo ou no recolhimento [...] (OLIVAL, 2010, p. 244).

Antes, porém, entre os séculos VIII e XV, a dominação muçulmana sedimentou em parte do território português a habitação de feição oriental, árabe, de caráter introspectivo, cujas parcas aberturas para o exterior e os pátios internos garantiam a intimidade doméstica e o resguardo do olhar público (ANDRADE, 2017). As próprias gelosias, que chegaram ao Brasil pelos portugueses, derivam dessa cultura muçulmana de filtragem da visão pública para o interior das casas. Na contemporaneidade, interessante notar, segundo os autores das casas da AML, os principais fatores que levaram à criação de fachadas onde prevalecem os cheios sobre os vazados foram a tradição construtiva e o controle da paisagem (Gráfico 23, p. 242), traços ligados a essa herança cultural.

Além disso, assim como na Europa em geral, Portugal foi palco de sucessivas disputas de território nas quais as invasões violentas foram recorrentes durante séculos. As implicações dessas ameaças no comportamento do povo e, conseqüentemente, na feição das construções são notórias. Se tomarmos o longo período medieval como exemplo, as muralhas de pedra; a robustez dos edifícios estratégicos; o acastelamento; as torres de vigília; e a contenção dos vãos marcam de modo indelével o artifício urbano e arquitetônico, assim como o espírito do povo.

Sob essa perspectiva, notemos, Mário Ferreira vincula a opacidade das fachadas e as contidas aberturas da Casa Conde à memória construtiva portuguesa: “[...] a arquitetura tradicional cá, é uma cultura de cheios com aberturas

reduzidas.”³⁰¹, e sobre a fenestração de controle dessa casa, Sara Antunes diz: “[...] esta janela virada para aqui, é para a pessoa poder, quando tocam à porta, poder abrir uma janela onde se pudesse se espreitar.”³⁰², de modo que, arremata Mário Ferreira: “[...] se criou um ‘castelo’ em que aquele que está lá em cima controla o que se passa lá embaixo.”³⁰³

É sabido que o influente ícone da arquitetura portuguesa Álvaro Siza narra e faz uso do expediente de resguardo para o exterior nos seus edifícios que confrontam paisagens vizinhas de aspecto indesejado. Essa estratégia de introversão derivada da estética urbana também ocorre nos casos de estudo da AML. A título de exemplo, tomemos o depoimento da arquiteta Sara Antunes, no qual informa a preocupação do futuro morador da Casa Conde quanto à possível má qualidade arquitetônica da vizinhança ainda por construir: “[...] o cliente nos disse que gostava da privacidade. E também porque o próprio lote à volta, ele tinha muito medo e transmitiu-nos esse medo, poderia vir uma casa muito feia que ele tinha que olhar para ela todos os dias.”³⁰⁴ José Mateus, mesmo não optando pela introversão na Casa do Romeirão, segue essa postura face à uma parcela da vizinhança: “[...] onde a arquitetura não é uma arquitetura de qualidade [...] a nossa reação foi mais de recusa, como eu referi há pouco, orientar a casa de costas para as casas vizinhas e virá-la para o vale e para sul.”³⁰⁵

Em sentido oposto à tendência de introversão (Gráfico 19, p. 240), os dados demonstram que 40% dos casos de estudo da AML adotaram a estratégia de extroversão em relação aos seus horizontes: Casa no Romeirão; Casa no Magoito; Casa na Aroeira III; e Casa C+P. Aqui, o motivo unânime apontado pelos autores para a adoção dessa estratégia de extroversão foi o usufruto da paisagem. Ainda assim, essa busca da paisagem é controlada, visto que, à exceção da Casa na Aroeira III, todas essas moradias possuem fachadas predominantemente opacas (Gráfico 2, p. 230).

Do outro lado do Atlântico, a estratégia de extroversão, identificada em todas as casas estudadas na RMBH, denota uma forte aspiração pelo usufruto da paisagem

³⁰¹ Sara Antunes e Mário Ferreira. **Entrevista III**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

³⁰² *Idem*.

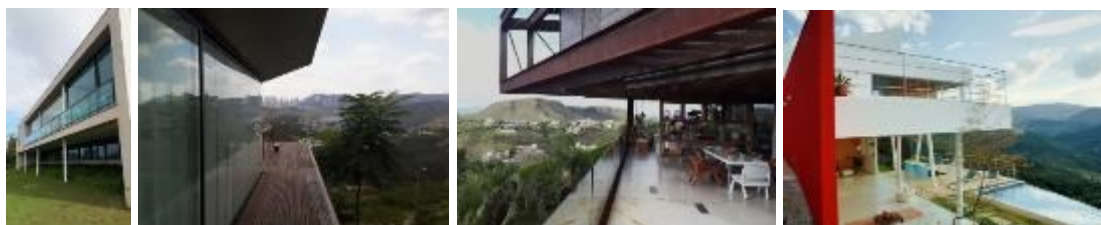
³⁰³ *Ibidem*.

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ José Mateus. **Entrevista II**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

– fator majoritariamente apontado pelos autores dos projetos como motivador desse arranjo das aberturas nas fachadas em relação aos seus horizontes (Gráfico 45, p. 273). Aqui, o temor às ameaças oriundas da natureza é figura do passado. Atualmente, sabe-se que a ideia da posse de vistas panorâmicas é uma mais valia associada aos valores de uso das habitações brasileiras. Ao mesmo tempo, o conceito moderno de amplos vãos que promovem a visão do exterior no interior do edifício – sedimentado na cultura arquitetônica brasileira a partir dos aportes corbusianos do início do século XX – ainda demonstra grande vitalidade na produção contemporânea local. A prevalência dos vazados sobre os cheios nas fachadas em 80% dos casos de estudo da RMBH confirma esse fenômeno (Gráfico 46, p. 273).

Figura 154 - Casos de estudo da RMBH, usufruto da paisagem



Da esq. p/ dir.: Casa Lincoln, Gustavo Penna; Casa EG, Marcelo Alvarenga; Casa Vale dos Cristais, Paulo Trajano; Casa EP, Ulisses Morato.
Fontes: o autor; Daniel Mansur.³⁰⁶

A paisagem, nos anseios dos moradores e nos projetos dos arquitetos mineiros é parte inseparável da ideia de habitação. A declaração do arquiteto David Guerra sobre os desejos dos moradores da Casa da Montanha: “Como o lugar é muito bonito, as pessoas queriam que o cenário fosse parte, como se fosse a moldura da casa.”³⁰⁷; e o relato de Gustavo Penna, acerca do seu conceito de habitação: “Quando eu crio uma casa [...] Eu gosto que esse lugar seja o enquadrador do mundo, é como se eu colocasse aquela natureza, aquela paisagem, em moldura.”³⁰⁸, sintetizam essa ideia de construir morada com a paisagem, onde a fenestração é uma componente basilar.

Além disso, a extroversão dessas casas pode refletir o modo expansivo de sociabilidade do brasileiro. Segundo Marcelo Alvarenga, autor da Casa EG, a casa voltada para o exterior reproduz este traço cultural, isto é, “[...] uma permeabilidade

³⁰⁶ Casa EP.

³⁰⁷ David Guerra. **Entrevista XV**. [Belo Horizonte, abr. 2018]. (Apêndice V).

³⁰⁸ Gustavo Penna. **Entrevista XIII**. [Belo Horizonte, jul. 2019]. (Apêndice V).

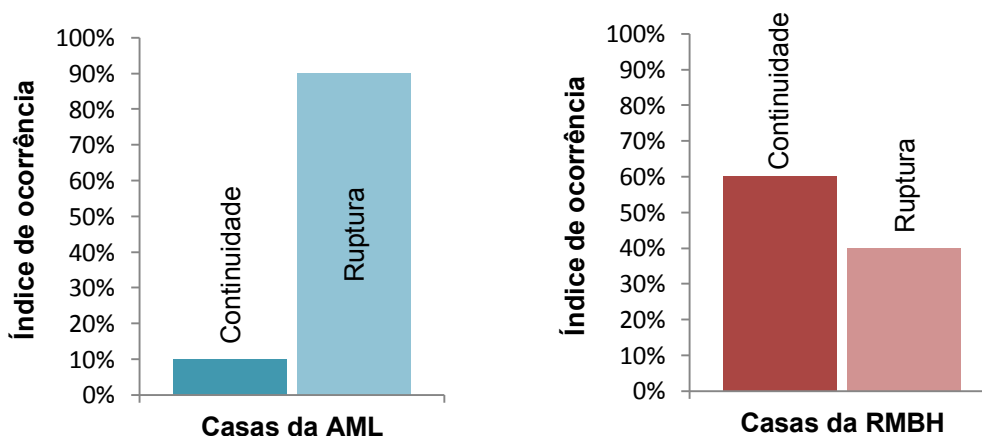
ao social, que é o contrário de vidas mais reservadas, mais privadas, mais cerradas.”³⁰⁹

Por outro lado, em comparação ao Brasil, o caráter mais cerrado à vizinhança por parte das “casas nobres” da AML pode ainda estar associado à ocorrência de poucos condomínios de larga escala, num território onde há maior mescla social, geográfica e urbanística – o que faz com que os arquitetos procurem resguardar a vista de contextos próximos de construções, existentes ou a construir, carentes de qualidades arquitetônicas.

8.1.6. O tempo, estratégias de continuidade e ruptura

Romper ou dar continuidade aos seus contextos é tarefa que se impõe ao projetista no processo de criação do edifício. Mediante as grandes questões que demandam respostas do arquiteto no exercício projetual, dentre as quais aquelas atinentes ao tempo arquitetural – tradição ou contemporaneidade das linguagens, das técnicas e dos materiais –, “As mentes que projetam combinam a mudança e a aceitação em graus variados.” (UNWIN, 2013, p. 111).

Gráfico 54 - Estratégias de continuidade e ruptura, casas AML e RMBH



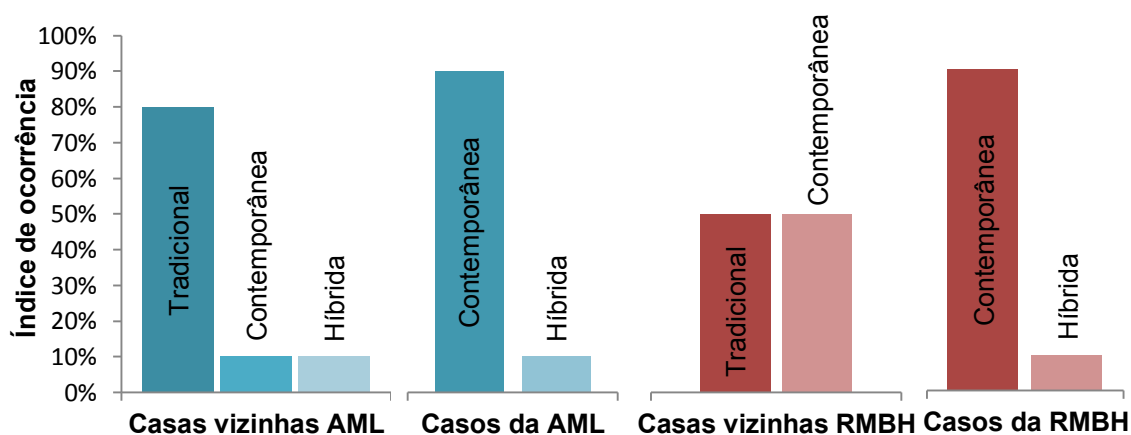
Fonte: o autor, 2019.

Sendo assim, em relação à ordem transversal, embora os dados comparados revelem oposição entre as estratégias de projeto assumidas pelos arquitetos da AML e RMBH (Gráfico 54), o que ocorre, efetivamente, é a similaridade de posturas quanto aos tempos arquitetônicos. Em ambas as regiões, os autores dos casos de estudo

³⁰⁹ Marcelo Alvarenga. **Entrevista XVI**. [Belo Horizonte, abr. 2018]. (Apêndice V).

adotam estratégias de ruptura aos contextos em que prevalecem casas vizinhas com expressões lastreadas pela tradição; e continuidade em paisagens, cujas casas vizinhas são tipificadas por arranjos contemporâneos (Gráfico 55).

Gráfico 55 - Linguagem arquitetônica: casos de estudo e casas vizinhas



Fonte: o autor, 2019.

Vale lembrar que, no âmbito birregional, a linguagem arquitetônica da quase totalidade dos casos de estudo é contemporânea. Assim, tanto os projetos residenciais estudados na AML quanto aqueles na RMBH, alinham-se aos padrões arquitetônicos contemporâneos e contrapõem-se aos padrões tradicionais. Portanto, a recorrente conciliação da arquitetura luso-brasileira do Novecentos com as suas expressões vernaculares ou pré-modernas não mais se verifica nos âmbitos de Lisboa e Belo Horizonte neste início de terceiro milênio.

A considerar os depoimentos dos próprios autores sobre a relação entre a arquitetura das casas por eles projetadas e a arquitetura contemporânea de referência nos seus países (Gráficos 26 e 51, pp. 243 e 275), tanto os arquitetos da AML quanto os da RMBH convergiram em afirmar a continuidade dessas residências às arquiteturas nacionais publicadas e premiadas. Tais dados reforçam o paralelismo das posturas birregionais dos arquitetos no que concerne aos chamados tempos arquitetônicos, não só quanto aos contextos locais de inserção das casas, mas também no tocante aos contextos nacionais.

Aqui, é oportuno citar um trecho da canção intitulada Sampa, composta por Caetano Veloso, na qual o célebre artista brasileiro canta: “Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto. É que Narciso acha feio o que não é espelho.” Esta passagem tem o poder de sintetizar os modos de integração ao meios que lhes são

familiares (contemporâneos) e de desconexão àqueles que lhes são avessos (tradicionais) verificados nas estratégias de inserção aos contextos das casas projetadas nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte.

Sob esse aspecto, note-se, as narrativas e obras que dialogam com a tradição pré-moderna – que outrora contribuíram para a sacração das arquiteturas modernas luso-brasileiras no século XX – no atual século, decrescem de importância na concepção das casas contemporâneas estudadas nas regiões metropolitanas de Lisboa e Belo Horizonte.

Contudo, tal como no século XX – em que o pensamento e as obras de mestres como Lucio Costa, Fernando Távora, Keil do Amaral, e Sylvio de Vasconcellos estiveram marcados por referências às arquiteturas tradicionais –, a linguagem das casas contemporâneas abordadas na AML e RMBH também conversa com o seu passado. Mas, agora, este diálogo é estabelecido com o tempo arquitetônico forjado por esses mesmos mestres, já que a linguagem arquitetônica observada na atualidade birregional representa muito mais um desdobramento do sistema projetual luso-brasileiro do Novecentos do que a sua negação enfática. Não por acaso, como referido, Mendes da Rocha e Siza Vieira são os arquitetos mais influentes entre os autores de Lisboa e BH. Assim, mesmo que um tanto genérica, a fala do crítico e professor Guilherme Wisnik é oportuna:

[...] há uma semelhança entre o Brasil e Portugal porque, nos dois casos, o pós-modernismo nunca vingou muito. O que tem vantagens e desvantagens. O pós-modernismo foi uma discussão importante no mundo. No Brasil, a ausência disso faz um pouco de falta, porque, até hoje, vigora a ideologia moderna um pouco sem crítica. (WISNIK, 2014, n. p.).

Todavia, tal influxo acrítico da Arquitetura Moderna brasileira no contemporâneo é contestado. Na produção da nova geração de arquitetos atuantes no Brasil do início do século XXI, Cavalcanti e Lago (2005, p. 19) identificam nítidas referências ao Modernismo nacional, nas quais o “[...] moderno é tomado como linguagem e não mais como ideologia”, entretanto, sem denotar o emprego superficial daquele léxico ou “[...] uma postura nostálgica.” Para esses autores, com efeito, tal retomada embasou novas experiências compositivas e tectônicas na arquitetura brasileira.

Em diagnóstico equivalente, sobre a produção de arquitetos como Manuel Aires Mateus, José Mateus e Inês Lobo, entre outros, dessa geração que despontou nos anos 1990, a professora Ana Tostões assevera que “continuidade” é o termo a ser empregado para referir-se ao anseio desses autores em seguir, “não tanto por mimetismo”, a trilha aberta pela “tradição moderna” portuguesa “[...] assimilada ao longo dos anos 50 do século XX [...]” (TOSTÕES, 2008, p. 246–251).

Se, em meados do Novecentos, conforme as palavras de Eduardo Souto de Moura, “[...] a Arquitetura Moderna entra em Portugal, e é desenvolvida, via Brasil.” (2018), hoje, ela retorna aos trópicos, em outros termos, através da ampla assimilação das figuras do próprio Souto de Moura e de Siza Vieira pelos arquitetos atuantes em Minas Gerais. E aqui, este estudo demonstra haver uma renovação nos processos de influência mútua entre as arquiteturas portuguesa e brasileira.

Assim, lastreadas pelas especificidades dos seus passados recentes, as expressões formais observadas nas casas contemporâneas das regiões metropolitanas de Lisboa e Belo Horizonte operam em campos opostos. As casas da região de Lisboa apresentam sintaxes compositivas muito mais contidas e austeras do que as da RMBH, traços que as posicionam na cultura arquitetônica portuguesa do trabalho à pequena escala, da economia de meios, do pragmatismo, e da integração à paisagem. Ao falar sobre a implantação da Casa em Caxias, António Costa Lima ilustra tal contenção formal: “[...] é uma casa que é discreta, quer dizer, quer desaparecer [...]”.³¹⁰ Do mesmo modo, referindo-se à Casa no Magoito, Inês Lobo expõe que sua inserção no lugar: “[...] não deixa de tentar ser o mais silenciosa possível.”³¹¹

Em contrapartida, as residências desenhadas pelos autores em Minas Gerais revelam grande dinamismo formal, cuja expressão filia-se tanto à exuberância plástica da Escola Carioca quanto ao virtuosismo estrutural da Escola Paulista, mas também a alguma informação da cena contemporânea universal. Tal articulação formal comporta, em última instância, uma liberdade na mescla de linguagens. Em outras palavras, representa uma insurgência às ortodoxias arquitetônicas nacionais em prol de uma expressão própria já identificada por Carlos Antônio Leite Brandão (2017) a partir da “oxigenação” Pós-Moderna no Brasil, processada em Belo

³¹⁰ António Costa Lima. **Entrevista VIII**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

³¹¹ Inês Lobo. **Entrevista IV**. [Lisboa, nov. 2018]. (Apêndice V).

Horizonte nos anos 1980 e com suas aproximações internacionais na década de 1990. Nesse período, “[...] os arquitetos mineiros desenvolveram não uma escola, mas um amadurecimento do pensamento e uma coragem para questionar e ultrapassar todas as escolas e modos predefinidos para o fazer arquitetural.” (BRANDÃO, 2017, p. 233). Além disso, um importante achado deste estudo e que corrobora esse quadro, os autores atuantes em Minas Gerais revelaram nas entrevistas, como referido, um significativo influxo de referências lusitanas nas suas arquiteturas.

Em termos de linguagem, o ponto fora da curva nos casos de BH, e até mesmo em relação aos de Lisboa, é observado na Casa da Montanha, desenhada por David Guerra. A arquitetura dessa casa é a única a constituir uma sintaxe que faz uma aproximação nítida ao léxico arquitetônico pré-moderno – embora expresse plenamente uma estética contemporânea. Atitude, aliás, que corrobora o referido não alinhamento purista de Minas às escolas dominantes no Brasil. Se quisermos apontar algum alinhamento estético, esse será justamente aquele que preza pela miscigenação, isto é, ao que aqui desenvolvemos como “arquitetura antropofágica”.

Figura 155 - Casa da Montanha, RMBH: diálogo com a tradição pré-moderna



Fonte: *ArchDaily* / Jomar Bragança.³¹²

O trânsito em distintos tempos arquitetônicos do ponto de vista formal, registrado na composição da Casa da Montanha, é declarado pelo próprio arquiteto. Ao referir-se ao caráter de ruptura à arquitetura contemporânea brasileira, David Guerra aponta que a Casa da Montanha: “[...] agrega vários elementos, do Colonial ao Contemporâneo, e ao Moderno, juntos, de maneira que ela é um pouco de cada coisa.”³¹³

Em contrapartida, nas casas da região de Lisboa, se a economia de meios do ponto de vista técnico e material não é mais tão indispensável, esse modo operativo

³¹² Disponível em <https://bit.ly/2KUpxn>. Acesso em: 21 ago. 2015.

³¹³ David Guerra. **Entrevista XV**. [Belo Horizonte, abr. 2018]. (Apêndice V).

é mantido na composição da forma arquitetônica, na qual prevalecem a compacidade e o minimalismo volumétrico; a estabilidade plástica; a fenestração estrategicamente estudada e distribuída; assim como um acentuado sentido de escala humana.

Se tomarmos a racionalidade na composição das formas – patente na ortogonalidade de volumes e plantas, outra marca importante do legado moderno –, observa-se que esse tipo de arranjo é dominante no âmbito birregional. Fogem a esse esquema formal, na AML, apenas a Casa na Aroeira e a Casa no Romeirão e, na RMBH, somente a Casa Galeria, a Casa Vale dos Cristais e a Casa EP. Nesses projetos estão patentes a não perpendicularidade dos traços e a fragmentação formal, caracteres marcadamente Pós-Modernos inaugurados no fim dos anos 1980 pela corrente conhecida como Desconstrutivismo, ao qual certa filiação podemos associar mais diretamente os projetos da Casa no Romeirão, desenhada por José Mateus, que em 1991 trabalhou com Daniel Libeskind, um dos expoentes dessa corrente; da Casa Vale dos Cristais, projetada por Paulo Trajano, que se enquadrou, entre outras, a essa linha de criação³¹⁴; e da Casa EP – projetada por este autor – que, a respeito da concepção formal dessa habitação, declarou à revista *Arquitetura e Urbanismo*:

Na casa, o pilotis, a transparência e a fluidez espacial, típicos do modernismo, são articulados numa ordem fragmentária, que rompe com a lógica racionalista do desenho e remete a uma estética vinculada à complexidade da vida contemporânea." (ANDRADE *apud* FIGUEROLA, 2006, p. 26–27).

Relativamente aos sistemas construtivos e à materialidade das residências contemporâneas estudadas, constata-se a convergência entre as proposições dos arquitetos da AML e RMBH. Nesse aspecto, o que as une é a diversidade da experimentação construtiva. No âmbito birregional, diferentemente dos seus passados heroicos – em que as técnicas e os materiais estiveram à volta das estruturas de concreto armado, vidros e alvenarias tradicionais brancas, além de alguns aportes rústicos –, hoje, em aplicações exclusivas ou combinadas, as estruturas e painéis metálicos, as madeiras tratadas, as peças industrializadas, e as alvenarias em tijolos ou concreto à vista, conferem a essas casas uma invulgar variedade de expressões tectônicas.

³¹⁴ Paulo Trajano. *Entrevista XX*. [Via correio eletrônico, ago. 2019]. (Apêndice V).

Figura 156 - Casas da AML e RMBH, diversidade técnica e material



Em cima, da esq. p/ dir.: Casa em Caxias, António Costa; Casa Conde, Sara Antunes e Mário Ferreira; Vila Utopia, Gonçalo Byrne; Casa Aroeira III, Vera Martins e Cristóvão Fonseca. Em baixo, da esq. p/ dir.: Casa da Montanha, David Guerra; Casa Vale dos Cristais, Paulo Trajano; Casa Bosque da Ribeira (JT), Johanna Anastasia e Tomás Anastasia; Casa Bosque da Ribeira (EL), Eduardo França e Letícia de Azevedo. Fontes: o autor³¹⁵; Fernando Guerra^{316 317}; Jomar Bragança^{318 319 320}; Paulo Trajano.³²¹ (Adaptadas pelo autor, 2020).

As motivações dos arquitetos para as escolhas dos materiais e das tecnologias construtivas dos casos de estudo também convergiram na comparação birregional (Gráficos 25 e 50, pp. 243 e 275). Aqui, o fator motivador preponderante dessas escolhas foi o ajustamento a conceitos específicos de projeto constituídos pelos autores. Portanto, se a elaboração formal das casas da AML e RMBH é derivada de uma tradição arquitetônica recente, de caráter coletivo, as eleições tecnológicas e materiais, por sua vez, procedem das especulações intelectuais individuais, no que resulta a referida diversidade tectônica. Miguel Beleza, autor da Casa no Azeitão, assim definiu a escolha dos materiais empregados nessa moradia: “Os materiais usados na casa obedecem a uma escolha discutível e meramente pessoal que não procura qualquer espécie de relação especial com a envolvente.”³²²

As explorações tecnológicas e materiais verificadas nas obras de Lisboa e Belo Horizonte, porém, não se sobrepõem aos demais aspectos das composições arquitetônicas, a ponto de se transformarem na marca distintiva dessas casas, como

³¹⁵ Casa em Caxias e Casa Conde.

³¹⁶ Disponível em <https://bit.ly/30xvCRp> (Vila Utopia). Acesso em: 12 ago. 2015.

³¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2HZdeNe> (Casa Aroeira III). Acesso em: 10 jun. 2015.

³¹⁸ Disponível em <https://bit.ly/2KUpyxn> (Casa da Montanha). Acesso em: 21 ago. 2015.

³¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/36vMsWQ> (Casa Bosque da Ribeira - JT). Acesso em 03 mar. 2020.

³²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2Uahbk8> (Casa Bosque da Ribeira - EL). Acesso em 28 ago. 2015.

³²¹ Disponível em <https://bit.ly/2ZnMkGC> (Casa Vale dos Cristais). Acesso em: 08 set. 2015.

³²² Miguel Beleza. **Entrevista V**. [Via correio eletrônico, nov. 2018]. (Apêndice V).

por exemplo no apelo estrutural da Escola Paulista ou tecnológico da arquitetura denominada *High Tech*.

Por fim, a título de síntese conceitual das estratégias de projeto da ordem transversal, diante das reminiscências formais e das atualidades tectônicas observadas nos casos de estudo de Lisboa e Belo Horizonte, pode-se dizer delas que: correspondem a uma arquitetura cuja “alma” pertence à tradição recente e o “corpo” é formado no tempo contemporâneo.

Além disso, embora referenciadas na expressão arquitetônica desse passado luso-brasileiro heróico e recente – que esteve notadamente pautada pela afirmação de identidades nacionais –, as narrativas de projeto, as linguagens arquitetônicas, as técnicas construtivas e os materiais das casas contemporâneas gestadas nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte indicam que essas não mais carregam grandes questões de identidades regionais ou nacionais.



Imagem:
Casa Vale dos Cristais. RMBH.
Fonte: o autor, 2018.

9. Conclusões

A pergunta de partida desta investigação buscou identificar as estratégias de projeto adotadas na criação de casas contemporâneas de referência na AML e RMBH como respostas ao lugar no tocante à topografia, aos horizontes e às paisagens arquitetônicas preexistentes. Em outras palavras, procurou-se compreender as soluções arquitetônicas atuais comumente utilizadas em casas projetadas por arquitetos atuantes no referido âmbito birregional quanto ao manejo do edifício entre o céu e o rés do chão; ao sentido e intensidade de visadas entre o interior doméstico e a envolvente através da caixa arquitetural; e quanto à afirmação da temporalidade da expressão arquitetônica no contexto local.

Para responder a essa indagação de partida, lançamos a hipótese segundo a qual, em relação à topografia e aos horizontes, as estratégias de projeto adotadas na composição das casas da AML e RMBH são opostas; e em relação às suas paisagens arquitetônicas preexistentes, as estratégias são análogas. Em outros termos, enquanto as casas contemporâneas da AML são acomodadas ao chão e introvertidas no que concerne aos seus horizontes; as casas da RMBH são respectivamente elevadas e extrovertidas; e, relativamente às paisagens arquitetônicas preexistentes, as casas de ambas as regiões estabelecem estratégias de ruptura com as arquiteturas tradicionais ou de continuidade com aquelas contemporâneas.

Na resolução da pergunta de partida da investigação, empregou-se o método hipotético-indutivo, que correspondeu à observação e análise de uma fração do universo de estudo, a amostragem, para a proposição das tendências dominantes. Assim, foram selecionadas dez casas contemporâneas de referência em cada uma das áreas geográficas delimitadas, os casos de estudo, cujo critério de eleição foi a notoriedade dos projetos, isto é, habitações destacadas em premiações e/ou publicações da especialidade, sobretudo impressas, em âmbitos nacionais ou internacionais.

A verificação da validade da hipótese ocorreu mediante aplicação do modelo de análise elaborado para observar e obter os dados atinentes aos casos de estudo em três grupos binários de estratégias de projeto como resposta ao lugar: acomodação ou elevação da edificação tendo em conta a topografia (ordem vertical de projeto); extroversão ou introversão das habitações, conforme a quantidade e orientação dos seus vãos em relação aos seus horizontes (ordem horizontal de

projeto); e continuidade ou ruptura das moradias em relação às suas paisagens arquitetônicas de vizinhança (ordem transversal de projeto). A recolha de dados relativos às vinte casas contemporâneas da AML e RMBH efetivou-se por meio de análise documental dos projetos em material impresso e digital, bem como em visitas técnicas de campo em que foram preenchidos formulários com informações sobre os casos de estudo e suas casas vizinhas, isto é, sistemas construtivos, linguagens arquitetônicas e materiais de acabamento.

Em cada grupo binário de estratégia de projeto, apuraram-se as relações entre as dimensões do lugar (topografia, horizontes, paisagem arquitetônica) e o conjunto de indicadores arquitetônicos das moradias contemporâneas de referência em estudo. O levantamento desses indicadores arquitetônicos foi operacionalizado por grelhas de análise – modelos matemáticos que permitiram transmutar indicadores numéricos das habitações em categorias correspondentes aos binários de cada ordem de projeto.

Na ordem vertical de projeto, que verificou a acomodação ou elevação à topografia, foram mensuradas as áreas dos compartimentos da moradia situadas acima, abaixo e junto ao perfil do terreno; na ordem horizontal, que examinou a introversão ou extroversão aos horizontes, foram calculadas as áreas e as proporções dos vãos das fachadas das casas, conforme suas orientações quanto à envolvente, se para o exterior ou para o interior do lote; e na ordem transversal, que verificou a continuidade ou ruptura às paisagens arquitetônicas, compararam-se os dados apurados nos casos de estudo e nas casas vizinhas relativamente aos sistemas construtivos, às linguagens arquitetônicas e aos materiais de acabamento.

Como método complementar de recolha de dados dos casos de estudo, utilizou-se a entrevista semiestruturada, isto é, questões padronizadas apresentadas aos autores dos projetos que visaram à compreensão da base cultural dos arquitetos; à identificação das possíveis relações arquitetônicas nos âmbitos nacionais e birregionais; e às motivações das estratégias de projeto previamente identificadas pelo modelo de análise.

Os resultados obtidos nesta investigação confirmaram os termos propostos na hipótese. Nas casas contemporâneas estudadas na AML, as estratégias predominantes foram: acomodação aos seus perfis topográficos (ordem vertical); introversão em relação aos seus horizontes (ordem horizontal); e, em relação às suas paisagens arquitetônicas preexistentes (ordem transversal), estabelecem continuidade

aos padrões de vizinhança contemporâneos e ruptura aos padrões tradicionais. Por outro lado, nas casas contemporâneas da RMBH prevaleceram as seguintes estratégias: elevação do rés do chão (ordem vertical); extroversão quanto aos seus horizontes (ordem horizontal); e continuidade aos padrões arquitetônicos contemporâneos de vizinhança, bem como ruptura aos padrões tradicionais (ordem transversal). Assim, conforme os termos enunciados na hipótese, na comparação entre a arquitetura da casa contemporânea da AML e RMBH verificaram-se a adoção de estratégias opostas de respostas ao lugar nas ordens de projeto vertical e horizontal, e estratégias análogas nas soluções de projeto da ordem transversal.

Nesse sentido, a seguir, apresentamos alguns quadros com a síntese comparativa dos principais achados desta investigação a partir das tendências dominantes apuradas nas grelhas de análise do estudo de casos, bem como das informações colhidas nas entrevistas junto aos arquitetos autores. Além disso, abordaremos os resultados que destoam da disposição geral observada. Os quadros que se seguem estão organizados conforme os objetivos da observação no presente estudo, ou seja, a cultura arquitetônica dos autores, as relações arquitetônicas birregionais e as estratégias do projeto das casas face ao lugar.

Quadro 16 - Principais achados: cultura arquitetônica dos autores, AML e RMBH

Cultura arquitetônica dos autores dos projetos da AML e RMBH	
Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Formação acadêmica	Paralelismo na preponderância das instituições públicas de ensino. No âmbito birregional, as universidades públicas de ensino são as responsáveis pela formação dos profissionais produtores das arquiteturas de referência dos casos de estudo. Neste quesito, destacam-se a FAUL e a EA-UFMG.
Época de formação	Paridade das épocas de formação acadêmica. As gerações licenciadas nos anos 1980 e 1990 compõem a maioria dos autores de Lisboa; ao passo que, em BH, prevalecem os graduados nos anos 1990. Período marcado por debates internacionais responsáveis pela ascensão e superação da Arquitetura Pós-Moderna de caráter historicista.
Autoenquadramento a correntes arquitetônicas	Posturas opostas acerca da adesão a correntes arquitetônicas. Os autores da AML não se autoenquadram a correntes arquitetônicas. Por outro lado, os arquitetos da RMBH situam suas obras na continuidade das grandes vertentes da Arquitetura Moderna brasileira: Escola Paulista e Escola Carioca.

Continua

Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Arquitetos de referência	<p>Paralelismo na valoração das figuras nacionais. Tanto na AML quanto na RMBH os arquitetos nacionais são os mais prestigiados: Álvaro Siza Vieira para os portugueses; e Paulo Mendes da Rocha para os brasileiros.</p> <p>Prestígio birregional do arquiteto Álvaro Siza. Siza Vieira é o principal autor de referência em arquitetura tanto para os arquitetos da AML quanto para os da RMBH, que o prestigia em patamar de igualdade ao brasileiro Paulo Mendes da Rocha.</p> <p>Especificidades quanto às referências internacionais. Entre as figuras internacionais de maior referência para os arquitetos da RMBH não há nomes fora do âmbito português: Siza Vieira e Souto de Moura, representantes da Escola do Porto, ocupam esse lugar. Já entre os internacionais mais referenciados pelos autores da AML, figuram os antigos mestres do Movimento Moderno europeu como Alvar Aalto, Mies van Der Rohe e Le Corbusier</p>

Fonte: o autor, 2020.

Quadro 17 - Principais achados: relações arquitetônicas, AML e RMBH

Relações arquitetônicas entre autores da AML e RMBH	
Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Conhecimento mútuo de correntes arquitetônicas nos âmbitos nacionais	Discrepância no conhecimento mútuo das correntes arquitetônicas nacionais. Os arquitetos da AML conhecem correntes arquitetônicas brasileiras, sobretudo a Arquitetura Moderna brasileira, que também é identificada em sua expressão na África portuguesa. Os arquitetos da RMBH desconhecem as correntes arquitetônicas portuguesas.
Conhecimento mútuo de arquitetos e obras contemporâneas no âmbito birregional	Discrepância no conhecimento mútuo da produção arquitetônica contemporânea no âmbito birregional. Os arquitetos sediados em Lisboa desconhecem os arquitetos e as obras contemporâneas da RMBH; já os arquitetos que atuam em BH, possuem expressivo conhecimento de obras e arquitetos da AML.
Relação da própria obra com a arquitetura do outro país	Significativas influências arquitetônicas mútuas. Tanto os arquitetos autores da AML quanto os da RMBH reconhecem traços da própria arquitetura oriundos da cultura arquitetônica do outro país.

Fonte: o autor, 2020.

Quadro 18 - Principais achados: o lugar no ensino e na prática, AML e RMBH

O lugar no ensino e prática do projeto segundo os arquitetos da AML e RMBH	
Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Importância do tema lugar no ensino de projeto na formação universitária	Oposição nas avaliações sobre o tema lugar no ensino de projeto. Enquanto os arquitetos da AML assinalaram um alto grau de relevância desse tema nas cadeiras de projeto; os autores da RMBH não identificaram tal situação nos seus percursos acadêmicos.
Papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	Convergência na relevância do lugar para o projeto. Tanto os autores da região de Lisboa quanto os atuantes na RMBH informam que o lugar desempenha papel principal na criação do projeto.

Fonte: o autor, 2020.

Quadro 19 - Principais achados: ordem vertical de projeto, AML e RMBH

A ordem vertical de projeto na AML e RMBH	
Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Estratégias de acomodação e elevação	Estratégias opostas quanto à topografia. As casas contemporâneas da AML adotam estratégias de acomodação à topografia; em sentido oposto, as moradias da RMBH empregam estratégias de elevação do edifício em relação ao terreno.
Motivação das estratégias dominantes	Dispersão das motivações. Na AML, o manejo do terreno para disposição do programa e a obtenção de privacidade são fatores determinantes da estratégia de acomodação. A adoção da estratégia de elevação das casas na RMBH apresentou grande variação de motivações sem haver prevalência de qualquer uma delas.
Estratégias dissonantes	Mesmo nas estratégias dissonantes, mantêm-se os traços da estratégia prevalente em cada região. Na AML, a única casa que adotou estratégia de elevação não usou volumes suspensos por <i>pilotis</i> ou em balanço (consola) – a verticalização do edifício não eliminou a sua conexão monolítica com o terreno. As três casas da RMBH que apresentaram estratégias de acomodação mantiveram consideráveis partes do edifício em elevação, sobre <i>pilotis</i> ou em balanço.

Fonte: o autor, 2020.

Quadro 20 - Principais achados: ordem horizontal de projeto, AML e RMBH

A ordem horizontal de projeto na AML e RMBH	
Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Estratégias de introversão e extroversão	Estratégias em oposição máxima quanto aos horizontes. Nas casas da AML, prevalece a estratégia de introversão forte; e nas casas da RMBH prepondera a extroversão forte em relação aos seus horizontes.
Motivação das estratégias dominantes	Introversão para privacidade e extroversão para usufruto da paisagem. Na AML, o principal motivador da estratégia de introversão é a busca da privacidade/intimidade doméstica; na RMBH, o grande motivador da estratégia de extroversão é o usufruto da paisagem.
Opacidade ou transparência das fachadas	Oposição dos modos de fenestração. Nas fachadas das casas contemporâneas da AML predominam a opacidade; já nas fachadas das casas da RMBH predominam a transparência.
Motivação da opacidade ou transparência das fachadas	Motivações específicas para os modos de fenestração. A opacidade das fachadas da AML é decorrente da necessidade de controle da paisagem e da cultura arquitetônica; já a transparência das fachadas das casas da RMBH provém da demanda de usufruto da paisagem. Convergência quanto ao fator clima nos modos de fenestração. Em ambas as regiões estudadas, o clima não é fator determinante da opacidade ou transparência das fachadas.
Estratégias dissonantes	Na dissonância, apenas na AML, a estratégia adotada coincidiu com a do outro país. Na AML, as quatro casas que adotaram estratégias de extroversão, fizeram-na pelo mesmo motivo identificado na RMBH, o usufruto da paisagem.

Fonte: o autor, 2020.

Quadro 21 - Principais achados: ordem transversal de projeto, AML e RMBH

A ordem transversal de projeto na AML e RMBH	
Tópico investigado	Principais achados – síntese comparativa
Estratégias de continuidade e ruptura	Estratégias paralelas quanto às paisagens arquitetônicas preexistentes. Em ambas as regiões os arquitetos adotam em seus projetos residenciais estratégias de ruptura às paisagens arquitetônicas tradicionais e continuidade àquelas com padrões contemporâneos.
Filiação formal das casas estudadas	Posturas análogas quanto as filiações formais. Tanto na AML quanto em RMBH a arquitetura da casa contemporânea revela: a interrupção de referências às linguagens pré-modernas e a referência aos códigos estéticos da Arquitetura Moderna desenvolvida nos respectivos países.
Motivação das escolhas dos materiais e técnicas construtivas	Motivações similares na adoção de materiais e técnicas. Tanto para os arquitetos da AML quanto da RMBH o motivo que prevalece na adoção de materiais e técnicas na arquitetura das casas é o conceito específico do projeto e suas circunstâncias, fator que denota o caráter particularista das soluções tectônicas adotadas.
Estratégias dissonantes	Caso único, diálogo com a linguagem pré-moderna. No âmbito birregional, apenas uma casa na RMBH apresentou linguagem arquitetônica de continuidade à estética tradicional, mesmo que a sintaxe desta casa se enquadre ao léxico contemporâneo.

Fonte: o autor, 2020.

Se, por um lado, a confirmação da hipótese desta investigação corrobora conceitos verificados na literatura da especialidade; por outro, os achados subjacentes às suas causas ofereceram contributos que permitem avançar e matizar os conhecimentos sobre a arquitetura da casa contemporânea na sua relação com o lugar, assim como as conexões arquitetônicas entre as regiões de Lisboa e Belo Horizonte.

A ratificação das tendências de acomodação da casa ao chão e sua introversão face aos horizontes na região de Lisboa, bem como de elevação da moradia acima do perfil do terreno e sua extroversão quanto à envolvente na RMBH, reforçam noções pulverizadas em estudos que tratam das arquiteturas brasileira e portuguesa. Além disso, o *modus operandi* projetual identificado na literatura que aponta a tendência das arquiteturas portuguesa e brasileira ao recurso à tradição nos processo de incorporação das expressões arquitetônicas globais, também se confirma na concepção da casa contemporânea de Lisboa e BH, que se valem da tradição recente para o desenvolvimento das suas arquiteturas atuais. Assim, se, por um lado, a arquitetura das casas contemporânea das regiões de Lisboa e BH interrompem seus diálogos com as linguagens das tradições pré-modernas; por outro, elas se relacionam com as suas tradições da Arquitetura Moderna.

Contudo, os resultados obtidos nesta investigação permitem-nos apontar novos contributos ao conhecimento do objeto de análise. Assim, mediante os achados compilados anteriormente, podemos listar os seguintes aportes ao tema de estudo em questão:

1. Aproximação arquitetônica e estruturação de um quadro comparativo entre duas regiões com fortes vínculos históricos, por meio de linha investigativa até então praticamente inexplorada, sobretudo em relação ao período pós-colonial;
2. Melhor ciência de um tema que ainda hoje é pouco estudado nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte, a arquitetura da casa isolada;
3. Estabelecimento de um modo de abordagem do sistema casa-lugar, de cunho operativo, distinto daqueles apontados no *corpus* teórico dessa temática (seção 3, *Espaço e lugar na arquitetura*). Modo que pode ser replicado a outros estudos;
4. Identificação de significativos fluxos de influências arquitetônicas de origens cruzadas – brasileiras e portuguesas – nas arquiteturas dos autores da AML e RMBH.
5. Constatação de expressivo volume de conhecimento da arquitetura contemporânea de Lisboa entre os arquitetos atuantes em Belo Horizonte, onde, o *atelier* Aires Mateus, Carrilho da Graça, e Gonçalo Byrne – assim como algumas de suas importantes obras na capital portuguesa – são distinguidos;
6. Constatação do desconhecimento praticamente integral da arquitetura e autores contemporâneos de Belo Horizonte entre os arquitetos da AML; contudo esses revelaram substancial conhecimento da Escola Carioca e da Escola Paulista;
7. Verificação de grande discrepância nos fluxos de viagens dos arquitetos entre as duas sedes regionais deste estudo: a ampla maioria dos autores da RMBH visitou Lisboa e apenas um autor da AML esteve em Belo Horizonte;
8. Identificação da prevalência de figuras das próprias nações, mas consagradas internacionalmente, como sendo as principais referências de arquitetura para os autores da AML e RMBH, sendo que Siza Vieira consta como a principal referência para os arquitetos atuantes neste âmbito birregional.
9. Apuração de que as maiores referências internacionais para os arquitetos da RMBH são oriundos da Escola do Porto: Siza Vieira e Souto de Moura;

10. Identificação de incidências geográficas bastante distintas das casas contemporâneas de referência nos dois territórios de estudo: na AML, pulverização em localizações mais litorâneas em oito municípios; e na RMBH, concentração em loteamentos nobres de apenas um município;
11. Verificação de que as soluções dos projetos das casas no que tange às suas interfaces com os lotes ou com suas envolventes não são significativamente impactadas pelas legislações municipais de obra na RMBH; ao passo que, na AML, os impactos legais são intermediários para tais interfaces;
12. Constatação de que a prevalência de climas quentes ou frios não é determinante da relação entre os cheios e os vazados na caixa arquitetural da casa isolada contemporânea no âmbito birregional. A opacidade nas casas da AML decorre do controle da paisagem e da tradição; já a transparência nas casas da RMBH provém do usufruto da paisagem;
13. Apuramento da irrelevância dos sismos, como motivação declarada, nas estratégias da acomodação da casa isolada contemporânea na AML face à topografia;
14. Constatação da ruptura dos diálogos com as linguagens pré-modernas e vernaculares na concepção da arquitetura da casa contemporânea no âmbito birregional;
15. Constatação de que as respostas ao lugar dadas pelos projetos das casas contemporâneas das regiões de Lisboa e BH – no que tange às linguagens arquitetônicas, às técnicas construtivas, e aos materiais – não compõem narrativas de afirmação de identidades arquitetônicas regionais ou nacionais;
16. Verificação de tendência ao hibridismo de códigos estéticos e tectônicos, sobretudo oriundos das escolas Paulista e Carioca, na formulação da linguagem arquitetônica da casa contemporânea da RMBH;
17. Identificação de que o anseio pela privacidade/intimidade doméstica é uma forte componente no projeto da casa contemporânea da AML, posto ele estar presente não só na motivação das estratégias de introversão do edifício, mas também naquelas de acomodação;
18. Constatação de que o usufruto da paisagem é o grande motivador das estratégias de extroversão e da transparência no projeto da casa da RMBH, e que suas estratégias de elevação revelaram múltiplas causas.

Além de tais achados, cumpre destacar aqui, um aspecto que, provavelmente, constitui uma peculiaridade desta investigação, isto é, o esquema analítico do processo de criação da casa contemporânea nas regiões de estudo que encerra dois sentidos opostos, mas que se complementam. Se, “de dentro para fora”, obtivemos os testemunhos, em primeira mão, da percepção que os autores estudados têm da sua própria obra/processo de trabalho; “de fora para dentro”, temos a visão eminentemente objetiva e distanciada do observador – corporificada no sistema racional dos modelos de análise – a perquirir suas arquiteturas e seus procedimentos projetuais. Assim, o inusual cruzamento desses dois fluxos analíticos, numa mesma investigação, se apresenta como um traço metodológico distintivo deste estudo.

Por outro lado, relativamente a esses achados e os respectivos aportes de conhecimento oriundos deste trabalho, julgamos necessário assinalar algumas problematizações. Portanto, a seguir, apresentamo-nas conforme os tópicos investigados.

Cultura arquitetônica dos autores dos projetos da AML e RMBH

Embora os arquitetos da AML não se autoenquadrem a correntes arquitetônicas, fator que pode estar relacionado à necessidade comum aos arquitetos em afirmar sua individualidade criativa, é notório o ajustamento de suas obras ao “espírito de época”, no mínimo de âmbito nacional. A própria prevalência de Álvaro Siza como referência arquitetônica no círculo lisboeta dos autores em questão indica determinadas linhas de projeto por eles adotadas. O minimalismo expressivo do conjunto das obras e a própria pujança do discurso sobre o lugar nas conceituações dos projetos indicam uma coesão de princípios arquitetônicos passíveis de consideração.

Relações arquitetônicas entre autores da AML e RMBH

Chama a atenção a declaração de desconhecimento de correntes arquitetônicas portuguesas por parte dos arquitetos da RMBH, posto que eles têm em referência uma invulgar gama de nomes da arquitetura lusitana Moderna e Contemporânea, tanto do Porto quanto de Lisboa. Tal constatação suscita algumas questões. Esse desconhecimento pode ser creditado ao desinteresse em maiores aprofundamentos sobre a historiografia arquitetônica portuguesa? Há lacunas na formação acadêmica de tais arquitetos quanto à cultura arquitetônica portuguesa? Embora crescente, o intercâmbio cultural e acadêmico entre Brasil e Portugal no

campo da arquitetura ainda está longe de estar em nível satisfatório? Mesmo que a abordagem desta investigação não ambicione oferecer estas respostas, é conveniente apontar tais problematizações, posto estarmos tratando de estudo comparativo entre culturas irmãs.

Por outro lado, o desconhecimento dos arquitetos da AML no tocante às obras e aos nomes ligados à arquitetura contemporânea da RMBH – embora gozem de alcance internacional através de autores como Gustavo Penna, David Guerra, Fernando Maculan, e dos escritórios BCMF³²³ e Arquitetos Associados – sugere que a disposição do olhar do europeu para a cultura arquitetônica brasileira ainda permanece no modo bifocal, que privilegia as produções paulistana e carioca? Em contrapartida, tal estado das coisas também insinuaria que a relevante produção arquitetônica da RMBH carece de incremento à sua “diplomacia cultural”, seja por representantes da categoria profissional, seja por gestores públicos?

No fundo, talvez uma parcela de cada uma dessas conjecturas aqui pautadas explique os referidos desconhecimentos no campo das relações arquitetônicas entre os autores da AML e RMBH.

O lugar no ensino e prática do projeto segundo os arquitetos da AML e RMBH

Apontou-se, nesta investigação, que a deferência aos atributos de lugar tem sido um importante motor na configuração das arquiteturas lusitana e brasileira em diversas passagens da história, sobretudo no século XX. No entanto, aqui cabe uma ponderação quanto ao posicionamento dos arquitetos da RMBH, que informaram importância principal das condicionantes de lugar na criação dos seus projetos.

Diferentemente de Portugal, que ainda mantém essa temática em grande vocalização nos discursos correntes sobre arquitetura, tal fenômeno não encontra paralelo no Brasil nos tempos atuais. Nesse sentido, cumpre questionar: até que ponto o próprio tema desta investigação, evidenciado nas entrevistas, sugestionou os arquitetos mineiros a uma supervalorização do papel do lugar na formulação do projeto na RMBH? Em certo grau, podemos supor que houve valorização extra nessas declarações, já que, no Brasil, de modo geral, para além das condicionantes de lugar,

³²³ Escritório liderado por Bruno Campos, Marcelo Fontes e Silvio Todeschi. É deste escritório os projetos para o Complexo Esportivo de Deodoro, destinado aos Jogos Pan-americanos Rio 2007; a maioria dos estudos conceituais da Candidatura Rio 2016 para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro; e o projeto executivo para a renovação do estádio de futebol Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, em Belo Horizonte, para a Copa do Mundo de 2014.

os aspectos estruturais, econômicos e, sobretudo, plásticos, talvez tenham um peso maior na formulação da sua arquitetura.

A ordem vertical de projeto na AML e RMBH (acomodação ou elevação)

Aqui, cumpre por em causa a ausência de declaração da influência dos sismos na motivação das estratégias de acomodação das casas estudadas na AML por parte dos autores dos projetos. Embora não tenha sido mencionado, esse fenômeno natural – recorrente no território e com dimensões trágicas na história do país – não estaria, inconscientemente, influenciando o inequívoco e dominante “agarramento” das casas ao rés do chão nessa região? Nesse sentido, é expectável que a constância e ancestralidade desse problema geológico, que provavelmente acarretam um alto grau do seu enraizamento nas mentes dos arquitetos, podem levá-los a respostas construtivas tão “automáticas” que já não suscitem vocalizações. A própria ausência dos *pilotis* nas casas da AML, fator que também as torna mais firmemente ligadas ao solo, também não estaria relacionada ao temor atávico dos sismos?

Do outro lado do Atlântico, por sua vez, a persistência do recurso aos *pilotis*, um dos elementos emblemáticos do Modernismo heróico brasileiro – para além de indicar a permanência da sua força simbólica no plano da linguagem e operativa no plano climático – não estaria contribuindo para o melhor ajustamento do programa das casas à topografia acidentada da RMBH? Podemos inferir que, extrapolando o teor dos apontamentos da literatura e mesmo das entrevistas, as soluções de *pilotis* utilizadas na Casa BF, Residência NB, Casa Galeria e na Casa Vale dos Cristais, nitidamente atenderam a essa função de ajuste do edifício à topografia mineira.

A ordem horizontal de projeto na AML e RMBH (introversão ou extroversão)

Na adoção de estratégias de introversão ou extroversão das casas em relação aos seus horizontes, para além dos fatores de influência tratados anteriormente, há que se ponderar também a densidade construtiva do lugar, variante conforme a zona de inserção do edifício. Nesse sentido, seria expectável que edifícios inseridos em zonas rurais e suburbanas, cujas densidades de construção normalmente são baixas e médias, respectivamente, demandariam menores resguardos de visadas para as envolventes, situação que favoreceria a adoção de estratégias de extroversão dos edifícios.

No entanto, se considerarmos a zona de maior incidência das casas estudadas no âmbito birregional, a suburbana, que abriga 60% das casas na AML, e 80% na

RMBH, as estratégias que prevalecem na relação dessas com seus horizontes são opostas: introversão na AML; e de extroversão na RMBH. Aqui, temos o reforço dos indícios da ocorrência de uma “cultura da introversão” na concepção da casa de referência na AML; e uma “cultura da extroversão” nas moradias da RMBH.

Já em relação à zona de menor incidência dos casos de estudo no âmbito birregional, a zona rural – que abriga 20% das casas, tanto da AML quanto da RMBH –, observa-se a adoção da mesma estratégia de extroversão em relação aos horizontes. Ainda assim, note-se, a ocorrência da extroversão nas casas da AML se dá através de fachadas predominantemente opacas; e na RMBH em fachadas onde prevalece a transparência.

Quanto à zona urbana, esta investigação não propiciou uma base de comparação, já que os dois únicos casos estudados se encontram na AML.

Uma vez apontados esses fatores adicionais, cumpre ressaltar que a tendência dicotômica assinalada na hipótese quanto às estratégias de introversão e extroversão entre as casas da AML e RMBH – embora comprovada na zona de maior incidência neste estudo, a zona suburbana – poderá não se confirmar nas zonas rurais e urbanas. Tal ressalva indica que a base comparativa da investigação carece de ampliação e equiparação relativamente a essas duas zonas de inserção.

A ordem transversal de projeto na AML e RMBH (continuidade ou ruptura)

Quanto à ordem transversal de projeto – onde se verificou que no âmbito birregional as configurações de projeto dos casos de estudo coincidiram em estabelecer continuidade às paisagens arquitetônicas contemporâneas e ruptura àquelas tradicionais pré-modernas –, cabe acrescentar algumas questões acerca dessas estratégias. Sendo paralelas, teriam as mesmas motivações nas duas regiões, ou seriam diversas? Seriam fruto de uma questão geracional?

Se considerarmos que os autores das casas contemporâneas da AML e RMBH, conforme apurado nas entrevistas, pertencem a grupos intelectuais, cujas formações acadêmicas, referências arquitetônicas e cujos posicionamentos quanto às correntes arquitetônicas estão situadas em universos de valores não discrepantes, tudo indica que suas aproximações projetuais às paisagens contemporâneas em detrimento às tradicionais decorrem tanto de razões análogas quanto de afinidades culturais de geração – condições que, em última instância, correspondem a um *Zeitgeist* ou, se

quisermos ampliar a questão, à revitalização da índole iconoclasta das vanguardas Novecentistas.



Imagem:
Casa Aroeira III. AML.
Fonte: Fernando Guerra.
Adaptada pelo autor, 2020.

10

10. Recomendações para futuras investigações

No decurso desta investigação – em decorrência das limitações impostas pelos próprios enquadramentos do estudo ou por ultrapassar o âmbito da base de dados da observação –, alguns tópicos foram identificados como passíveis de maiores aprofundamentos em trabalhos posteriores. Aqui, listamo-los sumariamente:

- Incidência geográfica das casas contemporâneas de referência na RMBH. Recomenda-se uma linha de estudo que investigue a motivação da concentração geográfica da ocorrência das casas contemporâneas de referência na RMBH, nomeadamente no município de Nova Lima. Para isso, o aporte de ferramentas dos campos da economia e do urbanismo é desejável;
- Influência dos sismos na arquitetura das casas contemporâneas da AML. Sugere-se um estudo que permita confirmar ou refutar a influência sismológica quanto à prevalência da estratégia de acomodação das casas ao chão na AML;
- Zonas rurais e urbanas de incidência das casas contemporâneas de referência. Indica-se a avaliação das estratégias de projeto nas zonas rurais e urbanas da AML e RMBH em estudo de casos complementar. A amostragem desta investigação, conforme os critérios de seleção adotados, não gerou uma base numérica de casos em zonas rurais e urbanas que permitisse a operação de análise e comparação;
- Conhecimentos arquitetônicos mútuos, AML e RMBH. Considerando os significativos fluxos de informação arquitetônica binacional entre os arquitetos entrevistados nesta investigação, recomenda-se um estudo com vistas a investigar o desconhecimento de movimentos e correntes arquitetônicas portuguesas em geral, declarado pelos arquitetos da RMBH; assim como o desconhecimento da arquitetura e arquitetos contemporâneos da RMBH manifesto pelos arquitetos da AML.

Por fim, os achados desta investigação sugerem haver um campo fértil para que se extrapolem as questões tratadas neste estudo através de fóruns acadêmicos birregionais com vistas à ampliação dos conhecimentos mútuos e abertura de novas linhas de estudo sobre a arquitetura da casa contemporânea nas regiões de Lisboa e Belo Horizonte. Assim, a instauração de congressos, seminários, colóquios, entre outros, se apresenta como recomendação factível e promissora.

11. Referências

- ABRAHAM, R. Negação e Reconciliação. In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 444–461.
- AFONSO, Ó. Litoral “versus” Interior – Divergência sem Fim à Vista. **Público**, 3 jul. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3mBr07T>>. Acesso em: 28 out. 2020.
- AGAREZ, R.; MOTA, N. **“Regionalism Redivivus”**: Um outro Olhar sobre um Tema Persistente. Disponível em: <<https://bit.ly/3cOzOCs>>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- ALBERTI, L. B. **Da Arte de Construir: Tratado de Arquitetura e Urbanismo**. Tradução: Sergio Romanelli. São Paulo: Hedra, 2012.
- ALEXANDRE, R. Arqa - Arquitetura e Arte. **Entrevista: Rui Alexandre**, n. 121, p. 20–21, dez. 2015.
- ALMEIDA, P. R. de. O Pensamento Estratégico de Varnhagen: Contexto e Atualidade. In: LIMA, S. E. M. (Ed.). **Varnhagen (1816-1878): Diplomacia e Pensamento Estratégico**. História diplomática. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016.
- ALMEIDA, R. V. de. De 1976 ao Final de Século. Convergências, Divergências e Cruzamentos de Nível. In: BECKER, A. et al. (Ed.). **Portugal**. Architektur im 20. Jahrhundert. München; New York: Prestel, 1997. p. 41–53.
- ALVES COSTA, A. **Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa. Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa**. Porto: FAUP, 1995.
- ALVES COSTA, A. Portugal, Cidade e Arquitectura. **Revista de História da Arte**, n. 4, p. 6–23, 2007.
- AMARAL, F. K. do. **Lisboa, uma Cidade em Transformação**. 1. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1969.
- AMARAL, F. K. do. Uma Iniciativa Necessária. In: RODRIGUES, J. M. (Ed.). **Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos | Caleidoscópio, 2010.
- ANDRADE, O. de. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, v. 1, n. 1, p. 3–7, 1928.
- ANDRADE, O. de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: **Oswald de Andrade. Obras Completas: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 3–10.
- ANDRADE, U. M. de. A Paisagem na Configuração da Arquitetura dos Condomínios Residenciais de Nova Lima, Minas Gerais. In: IV Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte. **Anais [...]**. In: IV Colóquio Ibero-

Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte: UFMG / IPHAN / IEDS / ICOMOS-BRASIL, 2016a. CD-ROM.

ANDRADE, U. M. de. Em Lisboa, Paulo Mendes da Rocha é Paulo Mendes da Rocha! O Novo Museu Nacional dos Coches - Belém. **Arquiteturismo - Vitruvius**, n. 109.01, abr. 2016b. Disponível em: <<https://bit.ly/2yDS96P>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

ANDRADE, U. M. de. O Território da Casa Contemporânea de Referência na Região de Lisboa: Paisagem Suburbana e Projeto. In: **4º CIHEL - Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono - Livro de Atas**. Covilhã: CIARCHE-UBI, 2017. p. 235 [Livro], D02 1-16 [CD-ROM].

ANDRADE, U. M. de. Belo Horizonte, Cidade Iconoclasta. A Tradição da Renovação Vista pela Arquitetura da Casa. **Visioni Latinoamericane**, n. 18, p. 89–112, 2018.

ANDRADE, U. M. de. Cultural Anthropophagy and Regionalism in the Architectures of Brazil and Portugal in the 20th Century. In: MONTEIRO, M. DO R.; KONG, M.; NETO, M. J. (Ed.). **Modernity, Frontiers and Revolutions: Proceedings of the 4th International Multidisciplinary Congress (PHI 2018), S. Miguel, Azores, Portugal**. 1. ed. London: Taylor & Francis, 2019. p. 91–97.

ANDRADE, G. Imponência Rústica. **Imobiliare**, n. 34, p. 160–166, 2015.

ANDRÉ, P. Arquiteturas e Cidades Devoradas entre Portugal e o Brasil. **Arquitextos - Vitruvius**, n. 148.00, set. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/qZMqpo>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

ARAUJO, R. **As Cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão**. 2. ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1998.

ARCHDAILY; LIMA, A. C. House in Caxias / Antonio Costa Lima + L Arquitectos. **ArchDaily**, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2XGus9a>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

ARCOWEB. Casa do Dia: António Costa Lima Arquitectos. **ARCOWeb**, 28 mar. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2R2K4ix>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

ARTIGAS, R. C. (ed.). **João Walter Toscano**. São Paulo: UNESP; Instituto Takano, 2002.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. Resolução da Assembleia da República 83/2000. Aprova o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil. **Diário da República**: Série I-A, Lisboa, n. 287, p. 7172–7178, 14 dez. 2000.

AUGÉ, M. **Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Letra Livre, 2016.

AV: MONOGRAFÍAS. Madrid: Arquitectura Viva SL, n.120, 2006.

AZEVEDO, C. de. **Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre**. 2. ed. Lisboa: Horizonte, 1988.

AZEVEDO, P. O. D. de (ed.). **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia - Monumentos e Sítios do Recôncavo, II Parte**. Salvador: Secretaria da Indústria e Comércio, 1982. v. III

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BAHAMÓN, A.; ALVAREZ, A. M. **Casas Ventana**. Barcelona: Parramón, 2009.

BAÍA, P. L'Esagono Perfetto. **Domus**, n. 953, p. 48–53, dez. 2011.

BANDEIRINHA, J. A. **O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

BANHAM, R. **Guide to Modern Architecture**. London: Architectural Press, 1962.

BAPTISTA, L. S. (ed.). Casa no Magoito, São João das Lampas, Sintra. **Arq/a – Arquitectura e Arte**, n. 66, p. 34–39, fev. 2009.

BARRETO, A. **Belo Horizonte: Memória Histórica e Descritiva. História Antiga**. 2. ed. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: PBH, Secretaria Municipal de Cultura, 1996. v. 1

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil, Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BASUALDO, A. Aroma de Pino. **Arquitectura Y Diseño**, n. 141, p. 108–121, 2012.

BEIRÃO, J. N. Moradia Quinta dos Foios, Azeitão: Saber Usar as Limitações e Recusar as Convenções. **Arquitectura e Vida**, n. 74, p. 66–71, set. 2006.

BELL, J.; STATHAKI, E. **The New Modern House: Redefining Functionalism**. London: Laurence King, 2010.

BESSA-LUÍS, A.; TÁVORA, F. **Breviário do Brasil: Diário de Viagem | Brazilian Breviary: Diary of a Journey**. Porto: Edições ASA, 1991.

BOLLNOW, O. F. **O Homem e o Espaço**. Tradução: Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Westport: Greenwood Press, 1986.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL, 1989.

- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Tradução: Vários. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. Tradução: Kern Daniela; Guilherme J. F Teixeira. São Paulo; Porto Alegre: EDUSP Zouk, 2008.
- BRANCO, C. O Perigo dos Tremores de Terra em Portugal. In: RODRIGUES, J. M. (Ed.). **Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos | Caleidoscópico, 2010.
- BRANDÃO, C. A. L. A Cena Contemporânea. In: CASTRIOTA, L. B. (Ed.). **Arquitetura da Modernidade**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2017. p. 221–245.
- BROWNE, E. Espiritu de La Epoca y Espiritu del Lugar. **SUMMA**, n. 232, 1986.
- BROWNE, E. **Otra Arquitectura en América Latina**. México D.F.: Gustavo Gili, 1988.
- BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 3. ed. São Paulo, SP, Brasil: Editora Perspectiva, 1997.
- BURY, J. B. The Architecture and Art of Colonial Brazil. In: BETHELL, L. (Ed.). **The Cambridge History of Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 747–770.
- BYRNE, G. Casas Lote 32 e 33, Vila Utopia, Carnaxide, Oeiras, Portugal. **Arq/a – Arquitectura e Arte**, n. 117, p. 44–53, 2015.
- CAMINHA, P. V. de. **Carta ao Rei Dom Manuel**. Porto Alegre, R.S.: Mercado Aberto, 1999.
- CAMPO BAEZA, A. **Pensar com as Mãos**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2011.
- CANIZARO, V. B. (ed.). **Architectural Regionalism: Collected Writings on Place, Identity, Modernity, and Tradition**. New York: Princeton Architectural Press, 2007.
- CAPUCHO, D.; RAMALHO, M. J. (ed.). **Núcleo Cascais XXI: Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007**. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2007.
- CARDIM, C. H. Varnhagen: o Descobridor de Brasília. In: LIMA, S. E. M. (Ed.). **Varnhagen (1816-1878): Diplomacia e Pensamento Estratégico**. História diplomática. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016.
- CASCÃO, R. Modos de Habitar. In: MATTOSO, J.; VAQUINHAS, I. M. (Ed.). **História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea**. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2011.
- CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: Conceitos, Políticas, Instrumentos**. Belo Horizonte : São Paulo, SP: IEDS ; Annablume, 2009.

CASTRO, A. C. V.; MELLO, J. História e Historiografia da Arquitetura e da Cidade. In: IV ENANPARQ, Porto Alegre. **Anais [...]**. In: IV ENANPARQ. Porto Alegre: PROPAP / UFRGS, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/38QHjH>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

CAVALCANTI, L. Arquitetura Brasileira Fez Sonho Antropofágico. **Folha de São Paulo**, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2HElCNq>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

CAVALCANTI, L.; LAGO, A. A. C. do. **Ainda Moderno? Arquitetura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

CHICÓ, M. T. **Monumentos de Portugal e do Brasil. Exposição de Fotografias: Séculos XII - XVIII**. Funchal: Sociedade Industrial de Tipografia, 1961.

CHING, F. D. K.; JARZOMBK, M.; PRAKASH, V. **Una Historia Universal de la Arquitectura: un Analisis Cronologico Comparado a Traves de las Culturas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2011. v. 2

CHOAY, F. (ed.). **O Urbanismo**. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CITY OF PRAGUE MUSEUM. **Raumplan**. Disponível em: <<https://bit.ly/3kHCu8W>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

COHEN, J. Learning from Barcelona; Twenty Years of Urban Projects and their Reception. In: SUBIRÓS, P.; ACEBILLO, J. (Ed.). **Ciutat Real, Ciutat Ideal: Significat i Funció a L'espai Urbà Modern**. Urbanitats. Barcelona: CCCB, 1998.

COHEN, R. לטבע ראוה חלון [Uma Vitrine para a Natureza]. **Trend Magazine**, n. 122, p. 153–155, 2010.

COLONTONIO, A. A Casa, o Balanço e o Tempo. **Kaza**, n. 117, p. 52–59, 2013.

COLQUHOUN, A. Critique of Regionalism. In: CANIZARO, V. B. (Ed.). **Architectural Regionalism: Collected Writings on Place, Identity, Modernity, and Tradition**. New York: Princeton Architectural Press, 2007. p. 141–145.

CONDE, S. A Casa. In: MATTOSO, J.; SOUSA, B. V. E (Ed.). **História da Vida Privada em Portugal: A Idade Média**. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2010. p. 54–77.

CORREIA, T. de B. Arquitetura e Ambiente: a Noção de Adaptabilidade ao Meio no Discurso Modernista. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v. 0, n. 25, p. 134–150, 1 jun. 2009.

COSTA, A. A. A Viagem. Fernando Távora, a Nossa Escola e o Desenho. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, v. 15, n. 2, p. 27–39, 2017.

COSTA, M. G. da. **XXI, Arquitectura Contemporânea Portuguesa**. Parede: Monstera, 2006.

COSTA, P. M. C. B. da. **Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981**. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3tNgfUj>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

COSTA, L. Documentação Necessária. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 1, p. 31–39, 1937.

COSTA, L. Tradição Local. In: **Lucio Costa: Registro de uma Vivência**. 3. ed. São Paulo: Edições SESC : Editora 34, 2018a. p. 451–454.

COSTA, L. **Lucio Costa: Registro de uma Vivência**. 3. ed. São Paulo: Edições SESC : Editora 34, 2018b.

COSTA, L. Documentação Necessária. In: **Lucio Costa: Registro de uma Vivência**. 3. ed. São Paulo: Edições SESC : Editora 34, 2018c. p. 457–462.

COSTA, L.; PESSÔA, J.; COSTA, M. E. **Bloquinhos de Portugal: a Arquitetura Portuguesa no Traço de Lucio Costa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2013.

COX, C. F. Hacia una Modernidad Apropriada: Factores y Desafios Internos. **Summa**, n. 200/201, 1984.

COX, C. F. ¿Regionalismo Crítico o Modernidad Apropriada? **Summa**, n. 248, p. 63–67, 1988.

COX, C. F. Modernidad Apropriada (Ponencia presentada en el IV Seminario de Arquitectura Latinoamericana. Tlaxcala, México 1989). **Arquitecturas del Sur**, v. 5, n. 14, p. 2–5, 1989.

CUNHA, J. Floresta Mineira. **Casa Mix**, n. 111, p. 84–93, 2015.

CURTIS, W. J. R. **Modern Architecture since 1900**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1983.

CURTIS, W. J. R. Towards an Authentic Regionalism. **Mimar: Architecture in Development**, n. 19, p. 24–31, 1986.

D'ALMEIDA, P. B. et al. **Victor Palla e Bento d'Almeida: Arquitetura de Outro Tempo**. 1. ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017.

DAHLE, A. Enebolig São Pedro - Estoril, Portugal 2011. **Mur + Betong**, n. 3/2011, p. 66–69, 2011.

DAHYOUNG, C. Space Magazine. **House in Ericeira**, n. 466, p. 78–85, set. 2006.

D'ARCHITECTURES. Paris: Innovapresse, n. 174, 2008.

DE STEFANI, P. Reflexiones sobre los Conceptos de Espacio y Lugar en la Arquitectura del Siglo XX. In: OPAZO, J. S.; PALACIOS, M. V.; ESTAY, L. C. (Ed.). **Vectores de Residencia. Antología Revista Diseño Urbano y Paisaje 2005-2013**. Santiago de Chile: CEAUP, 2015. p. 316–337.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EMANUEL, M. (ed.). **Contemporary Architects**. London: Macmillan Press, 1980.

EMÍLIA, C.; FURTADO, G. Ideias da Arquitectura Portuguesa em Viagem. **Joelho: Revista de Cultura Arquitectónica**, n. 3, p. 1–11, 2012.

EMMANUEL, C. D'Architectures - Le Magazine Professionnel de la Création Architecturale. **Maison a Romeirão, Portugal**, n. 174, p. 90–93, 2008.

ESTER, J. Tributo às Montanhas. **Habitat**, n. 30, p. 144–149, 2009a.

ESTER, J. Rodeado pelas Montanhas. **Habitat**, n. 31, p. 68–73, ago. 2009b.

FARIAS, H. J. A. T. L. **La Casa : Experimento y Matriz : La Casa de Ofir (1958), de Fernando Távora, y la Casa de Vila Viçosa (1962), de Nuno Portas y Nuno Teotónio Pereira, en el Proceso de Revisión Crítica de la Arquitectura Moderna en Portugal**. 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura) - E.T.S. Arquitectura (UPM), Madrid, 2011. Disponível em: <<http://oa.upm.es/10428/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

FARIAS, H.; RAMOS, T. B.; CABIDO, J. A. J. M. **Tipologia, Tipo, Modelo: Classificação Tipológica de Edifícios Habitacionais**. 2015. Material Didático do CDA FAUL, Arquitetura da Habitação I [Arquivo PDF].

FERNANDES, J. M. **Arquitectura Portuguesa: uma Síntese**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

FERNANDES, J. M.; PINHEIRO, M. L. B. (ed.). **Portugal, Brasil, África. Urbanismo e Arquitectura: do Ecletismo ao Modernismo**. Lisboa, São Paulo, Casal de Cambra: UAL Universidade Autónoma de Lisboa; FAU USP; Caleidoscópio, 2013.

FERNANDEZ, S. **Percurso: Arquitectura Portuguesa: 1930-1974**. 2. ed. Porto: FAUP, 1988.

FERNÁNDEZ-GALIANO, L. (ed.). Casa en Romeirão, Ericeira (Lisboa). **AV: Monografías**, n. 120, p. 78–81, 2006a.

FERNÁNDEZ-GALIANO, L. (ed.). Casa Quinta dos Foios, Azeitão (Setúbal). **AV: Monografías**, n. 120, p. 82–85, 2006b.

FERRAZ, M. Lina Bardi e a Tropicália. **Arquitextos - Vitruvius**, n. 093.00, fev. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2E5OuQM>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

- FIGUEIRA, J. **A Periferia Perfeita: Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 1960-1980**. 2009. Tese (Doutorado em Arquitectura) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
- FIGUEROLA, V. Pilotis na Montanha. **AU - Arquitectura e Urbanismo**, n. 144, p. 26–31, mar. 2006.
- FIGUEROLA, V. Integrada à Mata. **Arquitectura & Aço**, n. 40, p. 8–10, 2014.
- FRAMPTON, K. Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, H. (Ed.). **The Anti-aesthetic: Essays on Postmodern Culture**. 1. ed. Port Townsend: Bay Press, 1983. p. 16–30.
- FRAMPTON, K. **Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica**. Tradução: Paulo Martins Barata. Lisboa, Portugal; Matosinhos, Portugal: Associação dos Arquitectos Portugueses ; Contemporânea Editora, 1998.
- FRAMPTON, K. Perspectiva para um Regionalismo Crítico. In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitectura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 504–520.
- FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitectura Moderna**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo; Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FRAMPTON, K.; QUANTRILL, M. (ed.). **Latin American Architecture: Six Voices**. College Station: Texas A&M University Press, 2000.
- FRANÇA, J.-A. **A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961**. 3. ed. Venda Nova: Bertrand, 1991.
- FRANZOIA, E. La Casa nella Roccia. **Ottagono**, n. 246, p. 128–135, 2012.
- FRY, M.; DREW, J. **Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones**. New York: Reinhold Pub. Corp., 1964.
- GARCIA, M. S.; SÁ, É. (ed.). **OCA - Arquitectura no Brasil - Casas**. São Paulo: Victoria Books, 2010. v. 7
- GIEDION, S. Le Brésil et L'Architecture Contemporaine. **L'Architecture d'aujourd'hui**, n. 42–43, 1952.
- GIEDION, S. The State of Contemporary Architecture: The Regional Approach. **Architectural Record**, v. 115, p. 132–137, jan. 1954.
- GIEDION, S. **La Arquitectura, Fenómeno de Transición: las Tres Edades del Espacio en Arquitectura**. Tradução: Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- GIEDION, S. **Espaço, Tempo e Arquitectura: o Desenvolvimento de uma Nova Tradição**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOODWIN, P. **Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- GREGOTTI, V. Território e Arquitetura. In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 504–520.
- GUERRA, A. **Lúcio Costa - Modernidade e Tradição. Montagem Discursiva da Arquitetura Moderna Brasileira**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura) - UNICAMP, Campinas, SP, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/3a9j2iE>>. Acesso em: 5 maio. 2017.
- HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. In: CHOAY, F. (Ed.). **O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma Antologia**. Estudos. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM
- HOWARD, E. **Cidades-Jardins de Amanhã**. Tradução: Marco Aurélio De Lagonegro. São Paulo: Hucitec, 1996.
- HURTADO, P. H. Armónica Naturalidad. **EntreMuros: Diseño y Arquitectura**, n. 214, p. 52–53, 2014.
- JODIDIO, P. **Architecture Now! Houses**. Cologne: Taschen, 2013. v. 3
- JOHNSON, J. S. **Alvar Aalto: Furniture and Glass. Exhibition MoMA, New York**. New York: MoMA, 1984.
- KUBLER, G. **A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes, 1521-1706**. Tradução: Jorge Henrique Pais da Silva. 2. ed. Lisboa: Vega, 2005.
- KUBLER, G.; SORIA, M. **Art and Architecture in Spain and Portugal and their American Dominions: 1500 to 1800**. Baltimore: Penguin Books, 1959.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LAN, B. Q. **Arch-Manual 4**. Pequim: Phoenix Publishing, 2012.
- LAND, C.; HÜCKING, K. J.; TRIGUEIROS, L. **Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974**. Lisboa: Blau, 2005.

LATIF, M. de B. Ventilação no Trópico. In: XAVIER, A.; KATINSKY, J. R. (Ed.). **Depoimento de uma Geração: Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LAURENCE, P. Modern (or Contemporary) Architecture circa 1959. In: HADDAD, E.; RIFKIND, D. (Ed.). **A Critical History of Contemporary Architecture: 1960-2010**. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2014. p. 10–29.

LE CORBUSIER. **Vers Une Architecture**. Paris: G. Crès et Cie, 1924.

LE CORBUSIER; JEANNERET, P. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret: Œuvre Complète de 1929-1934**. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1935a.

LE CORBUSIER; JEANNERET, P. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret: Œuvre Complète de 1910-1929**. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1935b.

LEATHERBARROW, D. **Uncommon Ground: Architecture, Technology, and Topography**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2000.

LEATHERBARROW, D. **Topographical Stories: Studies in Landscape and Architecture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. 288 p.

LEATHERBARROW, D.; MOSTAFAVI, M. **On Weathering: the Life of Buildings in Time**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993.

LEATHERBARROW, D.; MOSTAFAVI, M. **Surface Architecture**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2002.

LEE, U. **House on the Landscape**. Seoul: C3 Publishing Co., 2009.

LEFAIVRE, L.; TZONIS, A. The Grid and the Pathway: An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek. **Architecture in Greece**, n. 15, p. 164–178, 1981.

LEFAIVRE, L.; TZONIS, A. (ed.). Tropical Critical Regionalism: Introductory Comments. In: **Tropical Architecture: Critical Regionalism in the Age of Globalization**. Chichester: John Wiley & Sons, 2001.

LEFAIVRE, L.; TZONIS, A. **Critical Regionalism Architecture and Identity in a Globalised World**. Munich; New York: Prestel, 2003.

LEFAIVRE, L.; TZONIS, A. **Architecture of Regionalism in the Age of Globalization: Peaks and Valleys in the Flat World**. New York: Routledge, 2012.

LEITE, I. Atelier Conceição Silva: Território e Turismo. **Jornal Arquitectos**, p. 26–31, 2007.

LEMOS, C. A. C. **Historia da Casa Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

LEMOS, C. A. C. O Fato Arquitetônico. **Folha de São Paulo**, 8 abr. 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2Met8lu>>. Acesso em: 29 maio. 2020.

LERMA, J. A. Un Balcón de Formas y Colores hacia la Naturaleza. **Casa & Estilo Internacional**, n. 87, p. 50–57, 2010.

LINARES DE LA TORRE, O. Las Concepciones Espaciales de Sigfried Giedion como Teoría del Proyecto. **BAC Boletín Académico. Revista De investigación Y Arquitectura contemporánea**, n. 5, p. 11–18, 2015.

LINO, R. **Auriverde Jornada: Recordações de uma Viagem ao Brasil**. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937a.

LINO, R. **L'Évolution de L'architecture Domestique au Portugal**. Lisbonne: Institut Français au Portugal, 1937b.

LINO, R. **Casas Portuguesas: Alguns Apontamentos sobre o Arquectar das Casas Simples**. 8. ed. Lisboa: Cotovia, 1992.

LINO, R. **A Nossa Casa: Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples**. 2. ed. Lisboa: Libânio da Silva, 1998.

LINO, S. F. O Modernismo “com Sabor Local”: uma Arquitetura Antropofágica? **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, PUC Minas**, v. 12, n. 13, p. 133–152, 2005.

LOBO, M. L. da C.; JÚNIOR, J. G. S. (ed.). **Urbanismo de Colina: uma Tradição Luso-brasileira**. São Paulo: SciELO – Editora Mackenzie, 2012.

LOOS, A. Arquitetura. In: RODRIGUES, J. M. (Ed.). **Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos | Caleidoscópio, 2010.

LOUREIRO, J. C.; PEIXOTO, P. T.; SANTOS, P. M. **Conhecer para Preservar: Casas de Brasileiro**. Porto: Edições Afrontamento, 2017.

MADEIRA DA SILVA, T. M. **O Lugar Arquitectónico: um Modelo Teórico de Interpretação**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) - ISCTE, Lisboa, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2Z7OYxD>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

MADEIRA DA SILVA, T. M. Singularidade do Lugar Arquitectónico - Sete Dimensões para uma Leitura do Território Contemporâneo. In: CHAVES, M. (Ed.). **Que Futuro?** Lisboa: Universidade Lusíada, 2011. p. 129–137.

MAIRS, J. Green Roofs and Observation Decks Top Hillside Villa by António Costa Lima. **Dezeen**, 6 mar. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2L4QdHb>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MARQUES, A. H. de O. **Breve História de Portugal**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

MARQUES, C. A. **Habitação: da Indústria à Fábrica da Cidade**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

MÁRQUEZ CECILIA, F. et al. (ed.). **Aires Mateus: 2002 - 2011. Construir el molde del espacio | building the mould of space**. Madrid: El Croquis, 2011.

MARTINS, C. A. F. Bajo Aquella Luz Nació una Arquitectura: Reflexiones en Torno a la Relación entre Arquitectura y Paisaje en Le Corbusier y la Arquitectura Brasileña. **Block: Revista de Cultura de la Arquitectura la Ciudad y el Territorio**, n. 2, p. 76–87, 1998.

MARTINS, J. P. Arquitectura Moderna em Portugal: A Dificil Internacionalização. Cronologia. In: TOSTÕES, A. (Ed.). **Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970**. Património moderno. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2004. p. 156–171.

MATOS, M. C.; RAMOS, T. B. Um Encontro, um Desencontro. Lucio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos. In: 7º Seminário Docomomo Brasil, 2007, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Docomomo - Brasil, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2zZanQl>>. Acesso em: 23 maio. 2020.

MATOS, M. C.; RAMOS, T. B. Por via do Atlântico: Traçados e Monumentos Urbanos no Brasil e em Territórios Africanos de Colonização Portuguesa. In: 8º Seminário Docomomo Brasil, 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Docomomo - Brasil, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3081X40>>.

MATTOSO, J.; MONTEIRO, N. G. (ed.). **História da Vida Privada em Portugal: A Idade Moderna**. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2010.

MELENDEZ, A. Na Sala-Mirante Paredes de Vidro Revelam a Paisagem. **Projeto Design**, n. 337, p. 36–41, 2008.

MELENDEZ, A. Arte e Arquitetura, em Partido Escultórico. **Projeto Design**, n. 380, p. 58–63, 2011a.

MELENDEZ, A. Do vazio, Surge a Praça de Chegada. **Projeto Design**, n. 382, p. 50–57, 2011b.

MELENDEZ, A. Como Aço, Ferro Retorna ao Solo. **Projeto Design**, n. 421, p. 38–43, 2015.

MELLO, S. de. **Barroco Mineiro**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MELLO, J. **Ricardo Severo: da Arqueologia Portuguesa à Arquitectura Brasileira**. Coimbra; São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra; AnnaBlume, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro De Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGUEL, J. M. C. A Terceira Pele. **Akrópolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 9, n. 3, p. 149–158, 2001.

MILHEIRO, A. V. **A construção do Brasil: Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa**. Porto: FAUP, 2005.

MILHEIRO, A. V. As Coisas não São o que Parece que São: Arquitectura Brasileira na África Portuguesa (1953-75). **Opúsculos**, n. 15, p. 1–16, jul. 2008.

MILHEIRO, A. V. Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v. 0, n. 25, p. 56–79, 2009.

MILHEIRO, A. V. **Nos Trópicos sem Le Corbusier: Arquitectura Luso-africana no Estado Novo**. Lisboa: Relógio d'Água, 2012.

MILHEIRO, A. V.; FERREIRA, J. M. F. F. A Joyous Architecture: As exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua Influência nos Territórios Português e Africano. In: 8º Seminário Docomomo Brasil, 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Docomomo - Brasil, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2AYt6Mu>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

MINGUET, J. M. **Houses in Difficult Places | Casas en Terrenos Extremos**. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, 2010.

MIRANDA, C. S.; COSTA, R. da G.-R. **Hospitais e Saúde no Oitocentos: Diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2018.

MONTANER, J. M. Ensayo Sobre Arquitectura Moderna y Lugar. **Boletín Académico ETSAC**, n. 18, p. 4–11, 1994.

MONTANER, J. M. Naturaleza. In: RODRÍGUES, C. (Ed.). **Introducción a la Arquitectura: Conceptos Fundamentales**. Barcelona: Edicions UPC, 2000.

MONTANER, J. M. **Depois do Movimento Moderno: Arquitectura da Segunda Metade do Século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MONTANER, J. M. **A Condição Contemporânea da Arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2016.

MONTANER, J. M. **A Modernidade Superada: Ensaio sobre Arquitectura Contemporânea**. Tradução: Esther Pereira Da Silva; Carlo Muñoz Gallego; Alícia Duarte Penna. Barcelona; São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

MONTE-MÓR, R. L. de M. Belo Horizonte: a Cidade Planejada e a MetrÓpole em Construção. In: **Belo Horizonte: Espaços e Tempos em Construção**. BH 100 Anos. Belo Horizonte: PBH, UFMG, CEDEPLAR, 1994. 1p. 11–27.

MORAIS, J. S. **Arquitetura Moderna Tropical: uma Lição sobre a sua Construção na África Lusófona**. 2. ed. Lisboa: Caleidoscópio, 2017.

MOREIRA, F. D. **Arquitetura Contemporânea Brasileira, 1970-2010**. In: RAMOS, T. B. (Ed.). **Entre Brasil e Portugal: Desafios, Discursos e Práticas da Arquitetura Moderna e Contemporânea**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.

MOREIRA, R.; ARAÚJO, R. A Engenharia Militar do Século XVIII e a Ocupação da Amazônia. In: **Amazônia Felsínea: António José Landi, Itinerário Artístico e Científico de um Arquitecto Bolonhês na Amazônia do Século XVIII**. Lisboa: CNCDP, 1999. p. 173–195.

MOTA, N. Quando o Mito da Intocável Virgem Branca se Desfez. **Arquitectos - Vitruvius**, n. 145.02, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/qZMqpo>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

MUMFORD, L. **The South In Architecture: The Dancy Lectures Alabama College 1941**. New York: Harcourt, Brace & Co, 1941.

MUMFORD, L. The Sky Line: Status Quo. **The New Yorker**, p. 104–110, out. 1947.

MUNTAÑOLA, J. **La Arquitectura como Lugar**. Barcelona: Edicions UPC, 1997.

NESBITT, K. **Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NEVES, J. M. das (ed.). **Manuel Tainha: Projectos 1954-2002**. Porto: Edições Asa, 2003.

NEVES, J. M. das (ed.). **24 Casas**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

NEVES, J. M. das. **Colectiva Arquitectura: Casa Aroeira III + Casa Porto Côvo / Escritório TBWA - Lisboa**. Lisboa: Uzina Books, 2012.

NEVES, J. M. das (ed.). **Portuguese Contemporary Houses**. Lisboa: Uzina Books, 2013.

NOBRE, A. L. Casas de Brasileiros: Fluxos Arquitetônicos, Migratórios e Simbólicos Entre Brasil e Portugal. **Muros de Ar, Biennale di Venezia, 2018**, p. 56–65, 2018.

NOBRE, A. L. Tanto Chão: Topografias da Arquitetura Contemporânea entre Brasil e Portugal. In: NOBRE, A. L.; KAMITA, J. M. (Ed.). **Arquitetura Atlântica: Deslocamentos entre Brasil e Portugal**. São Paulo; Rio de Janeiro: Romano Guerra; Editora PUC-Rio, 2019.

NOBRE, A. L.; KAMITA, J. M. (ed.). **Arquitetura Atlântica: Deslocamentos entre Brasil e Portugal**. São Paulo; Rio de Janeiro: Romano Guerra; Editora PUC-Rio, 2019.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1979.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Tradução: Adrián Margarit. Barcelona: Blume, 1980.

NORBERG-SCHULZ, C. O Fenômeno do Lugar. In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 444–461.

NOTO, F. de S. **Paralelos entre Brasil e Portugal: a Obra de Lucio Costa e Fernando Távora**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/3pcBStN>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

NUNES, J. Paisagem como Transformação. Entrevista com o Arquiteto Paisagista João Nunes [concedida ao Grupo Inquérito Portugal]. **Entrevista - Vitruvius**, n. 093.00, nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zxoXOY>>. Acesso em: 1 maio. 2019.

OLIVAL, F. Os Lugares e Espaços do Privado nos Grupos Populares e Intermédios. In: MATTOSO, J.; MONTEIRO, N. G. (Ed.). **História da Vida Privada em Portugal: A Idade Moderna**. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2010. p. 244–275.

OLIVEIRA, A.; SEIXAS, P. C.; FARIA, L. P. A Casa e suas Casas. **Temáticas**, v. 21, n. 42, p. 141–163, 30 dez. 2013.

OLIVEIRA, E. V. de. **Casas Esguias do Porto e Sobrados do Recife**. Recife: Pool Editorial, 1986.

OLIVEIRA, O. A Casa do Chame-Chame foi um Manifesto. [Entrevista concedida a Regina de Sá]. **A Tarde**, 4 dez. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2EiYkUN>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

OTTAGONO. Milano: CO.P.IN.A., n.246, 2012.

PALLASMAA, J. A Geometria do Sentimento: Um Olhar Sobre a Fenomenologia da Arquitetura. In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 444–461.

PALLASMAA, J. **Os Olhos da Pele: A arquitetura e os Sentidos**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Pancho Guedes: Visita ao Brasil, 1961. Roteiro: Ana Vaz Milheiro. Produção: Ricardo Nogueira. Lisboa, 12 ago. 2008. Vídeo (1h02min29s). Disponível em: <<https://bit.ly/2yTLVQh>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

PEDERZOLI, A.; JULIÃO, L.; PASSOS, L. M. do C. **Velhos Horizontes. Um Ensaio sobre a Moradia no Curral del Rei**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, PBH: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

PEREIRA, N. T. **Escritos: 1947-1996, Seleção**. Porto: FAUP, 1996.

PHILIPPOU, S. The Primitive as an Instrument of Subversion in Twentieth-Century Brazilian Cultural Practice. **Architectural Research Quarterly**, v. 8, n. 3–4, p. 285–298, 2004.

PIMENTA, J. **Casas sem Fronteiras**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009.

PINHEIRO, M. L. B. Repercussão da Ideias de Ricardo Severo e Raul Lino no Debate Cultural Arquitetônico dos Anos 1920 no Brasil. In: FERNANDES, J. M.; PINHEIRO, M. L. B. (Ed.). **Portugal, Brasil, África. Urbanismo e Arquitectura: do Ecletismo ao Modernismo**. Lisboa, São Paulo, Casal de Cambra: UAL Universidade Autónoma de Lisboa; FAU USP; Caleidoscópio, 2013. p. 47–68.

PINTO, J. C.; MANTAS, C.; REAL, T. **Archi News: Revista de Arquitectura, Urbanismo, Interiores e Design**. 7. ed. Lisboa: Westwing, 2004.

PIRES, A. G. **A Quinta de Recreio em Portugal: Vilegiatura, Lugar e Arquitectura**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Tradução: João Minhoto Marques; Maria Amália Mendes; Maria Carvalho. 6. ed. Lisboa: Gradiva, 2013.

RAEL, R. **Earth Architecture**. New York, N.Y: Princeton Architectural Press, 2009.

RAMOS, R. J. G. **A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa: Mudança e Continuidade no Espaço Doméstico na Primeira Metade do Século XX**. 2005. Tese (Doutorado em Arquitectura) - Universidade do Porto, Porto, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3pkzgdR>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

RAMOS, R. J. G. A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais. **Monumentos**, n. 31, p. 106–121, 2011.

RAMOS, T. B. (ed.). **Entre Brasil e Portugal: Desafios, Discursos e Práticas da Arquitectura Moderna e Contemporânea**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.

RAMOS, T. B.; MATOS, M. C. Recepção da Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal – Registos e uma Leitura. In: 6º Seminário Docomomo Brasil, 2005, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: Docomomo - Brasil, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ty6RDs>>.

RAMOS, T. B.; MATOS, M. C. Viana de Lima e o Brasil: Património e Modernidade. In: 2º Seminário Docomomo Brasil N-NE, 2008, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Docomomo Brasil N-NE, 2009.

RAMOS, T. B.; MATOS, M. C. Presenças e Projectos de Simões de Carvalho em Portugal, em Angola e no Brasil. In: ROCHA, M.; TINEM, N. (Ed.). **Caderno de Resumos e Programação do 3º Seminário Docomomo Norte e Nordeste**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2010. p. 124.

RAMOS, T. B.; MATOS, M. C. Percursos Intercontinentais. Arquitetos Partindo de Portugal no Século XX. **URBANA**, v. 4, n. 4, p. 152–171, mar. 2012.

RAPOPORT, A. **Vivienda y Cultura**. Tradução: C. Díez De España. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

REGO, J. L. do. O Homem e a Paisagem. In: XAVIER, A.; KATINSKY, J. R. (Ed.). **Depoimento de uma Geração: Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

REIS, C. J. B. **Maurício de Vasconcellos: a Obra entre 1950-1970. Um Percorso na Carreira**. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2010.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500-1720)**. 1. ed. São Paulo: Pioneira | EDUSP, 1968.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

REIS FILHO, N. G.; BUENO, B. P. S.; BRUNA, P. J. V. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2000.

RIBEIRO, O. **Geografia e Civilização: Temas Portugueses**. Lisboa: Letra Livre, 2013.

RIEGL, A. **Die Spätrömische Kunst-Industrie nach den Funden in Österreich-Ungarn**. Wien: Österreichische. Staatsdruckerei, 1901.

RISSELADA, M. et al. **Raumplan versus Plan Libre Adolf Loos and Le Corbusier, 1919-1930**. New York: Rizzoli, 1988.

RODRIGUES, H.; VARUM, H.; COSTA, A. Avaliação da Vulnerabilidade e Reforço Sísmico de um Edifício Representativo da Arquitectura Moderna em Portugal. **Sísmica 2007: 7º Congresso de Sismologia e Engenharia Sísmica**, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2SEgVK4>>. Acesso em: 7 out. 2019.

RODRIGUES, J. W. **Documentário Arquitetônico**. São Paulo: Martins Fontes, 1944. v. 1

ROSSA, W.; ARAÚJO, R.; CARITA, H. **Universo Urbanístico Português, 1415-1822: Actas**. Lisboa: C.N.C.D.P, 2001.

ROSSETTI, C. P. **Flávio de Carvalho: Questões de Arquitetura e Urbanismo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2MMSHld>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RYBCZYNSKI, W. **Casa: Pequena História de uma Idéia**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RYKWERT, J. **La casa de Adán en el Paraíso**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

- SÁ JÚNIOR, A. de. **Aplicação da Classificação de Köppen para o Zoneamento Climático do Estado de Minas Gerais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/39qNMvP>>. Acesso em: 30 out. 2020.
- SAIA, L. Origens da Casa Brasileira. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, n. 18–19, p. 170–176, 30 dez. 2014.
- SALEMA, I. Crítico Kenneth Frampton Ganha Prémio Carreira da Trienal de Lisboa. **Público**, 15 dez. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3cYAtI8>>. Acesso em: 11 maio. 2020.
- SALEMA, I. A Arquitectura Alegre. **Público**, 20 abr. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3cYAtI8>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- SALMASO, C. Contemplação Singular. **DCasa**, n. 50, p. 36–45, 2011.
- SAMPAIO, J. P. de; BOTELHO, C. de A. **Casas Portuguesas e Brasileiras: duas Visões, dois Testemunhos**. Lisboa: Edições INAPA, 2000.
- SANCHEZ VIDIELLA, A. (ed.). **Natural Stone Houses 2**. Köln: Könemann, 2013.
- SANDU PUBLISHING (ed.). **Modern Lux Housing 2**. Hong Kong: Page One Publishing, 2013.
- SANTOS, J. **Raul Lino**. Vila do Conde: Quidnovi, 2011.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- SANTOS, P. F. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- SCHMARSOW, A. **Das Wesen der Architektonischen Schöpfung**. Leipzig: Karl W. Hiersemann, 1894.
- SCHOENAUER, N. **6.000 Años de Hábitat: de los Poblados Primitivos a la Vivienda Urbana en las Culturas de Oriente y Occidente**. Barcelona: Gili, 1984.
- SCULLY, V. **The Shingle Style and the Stick Style: Architectural Theory and Design from Downing to the Origins of Wright**. New Haven; London: Yale University Press, 1971.
- SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- SEGRE, R. O Regionalismo “Radical” do Século 21. **Projeto Design**, n. 275, 2003.
- SEGRE, R. **Casas Brasileiras - Brazilian Houses**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010.

SEMPER, G. **The Four Elements of Architecture and Other Writings**. Tradução: Harry Francis Mallgrave; Wolfgang Herrmann. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SERAPIÃO, F. Volume Simples Contrasta com Arranjo Interno Complexo. **Projeto Design**, n. 370, p. 32–39, 2010.

SERAPIÃO, F. (ed.). Casa Lincoln (2007/2009), Nova Lima, MG. **Monolito**, n. 12, 2012a.

SERAPIÃO, F. (ed.). Play Arquitetura, Casa EG, Nova Lima, MG. **Monolito**, n. 11, 2012b.

SILVA, R. H. da. Portugal-Brasil no Século XIX: Cruzamentos Culturais em Prol da Definição de Pátria. In: FERNANDES, J. M.; PINHEIRO, M. L. B. (Ed.). **Portugal, Brasil, África. Urbanismo e Arquitectura: do Ecletismo ao Modernismo**. Lisboa, São Paulo, Casal de Cambra: UAL Universidade Autónoma de Lisboa; FAU USP; Caleidoscópio, 2013. p. 33–46.

SMITH, R. C. The Colonial Architecture of Minas Gerais in Brazil. **The Art Bulletin**, p. 110–159, 1939.

SMITH, R. C. Jesuit Buildings in Brazil. **The Art Bulletin**, v. 30, n. 3, p. 187–213, 1948.

SNA et al. **Arquitetura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional de Arquitectos - SNA, 1961. v. 1–2

SOARES, M.; NÓBREGA, T. de; HENRIQUES, A. Portugal tem Três Projectos de Niemeyer na Gaveta. **Público**, 6 dez. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2AlZqIW>>. Acesso em: 31 maio. 2020.

SOUTO DE MOURA, E. **Archdaily Entrevistas: Souto de Moura**, 27 fev. 2018. Vídeo (10 min). Disponível em: <<https://bit.ly/3jy0gUE>>. Acesso em: 5 out. 2019.

STIRLING, J. Regionalismo e Arquitetura Moderna. In: RODRIGUES, J. M. (Ed.). **Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos | Caleidoscópio, 2010.

TAVARES, A. A Convicção da Arquitectura. **Público**, 15 dez. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3iGs5J9>>. Acesso em: 7 out. 2019.

TAVARES, D. **Casas de Brasileiro: Erudito e Popular na Arquitectura dos Torna-viagem**. Porto: Dafne Editora, 2015.

TÁVORA, F. **O Problema da Casa Portuguesa**. Lisboa: Editorial Organizações, 1947.

TONON, C. **Ville in Portogallo**. Milano: Electa Architettura, 2010.

TOSTÕES, A. Modernização e Regionalismo, 1948 - 1961. In: BECKER, A. et al. (Ed.). **Portugal**. Architektur im 20. Jahrhundert. München; New York: Prestel, 1997. p. 41–53.

- TOSTÕES, A. (ed.). **Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970**. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2004.
- TOSTÕES, A. **Arquitectura Portuguesa Contemporânea**. Lisboa: CTT-Correios de Portugal, 2008.
- TOSTÕES, A. **Francisco Keil do Amaral**. Vila do Conde: Verso da História, 2013.
- TOUSSAINT, M. A Primeira Fase do Arquitecto. In: **Manuel Tainha: Projectos 1954-2002**. Arquitectura monografias. Porto: Edições Asa, 2003. p. 9–26.
- TRIGUEIROS, L.; SAT, C. (ed.). **Raul Lino: 1879-1974**. Lisboa, Portugal: Editorial Blau, 2003.
- TRINDADE, L. **Urbanismo na Composição de Portugal**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- TUAN, Y.-F. **Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência**. Tradução: Livia De Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- TZONIS, A.; LEFAIVRE, L. El Regionalismo Crítico y La Arquitectura Española Actual. **AV: Monografías**, n. 3, p. 4–19, 1985.
- TZONIS, A.; LEFAIVRE, L. Por que Regionalismo Crítico Hoje? In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 504–520.
- TZONIS, A.; LEFAIVRE, L.; STAGNO, B. (ed.). **Tropical Architecture: Critical Regionalism in the Age of Globalization**. Chichester: John Wiley & Sons, 2001.
- UFFELEN, C. van. **Living in Style: Architecture + Interiors**. Salenstein: Braun, 2015.
- UNWIN, S. **A Análise da Arquitetura**. Tradução: Alexandre Salvaterra. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- VARNHAGEN, F. A. **A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?** Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Archivo Nacional, 1935.
- VASCONCELLOS, S. de. Arquitetura em Portugal. **Acrópole**, n. 324, p. 32–35, dez. 1965.
- VASCONCELLOS, S. de. **Mineiridade: Ensaio de Caracterização**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- VASCONCELLOS, S. de. **Arquitetura: dois Estudos**. 2. ed. Goiânia: Ministério da Educação e Cultura, 1983.
- VASCONCELLOS, S. de. Contribuição para o Estudo da Arquitetura Civil em Minas Gerais. **Topos - Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 1, n. 1, p. 148–163, 1999.

VASCONCELLOS, S. de. O Aleijadinho e a Consciência de Nacionalidade (I). In: LEMOS, C. B. (Ed.). **Sylvio de Vasconcellos: Arquitetura, Arte e Cidade. Textos Reunidos**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004a. p. 87–92.

VASCONCELLOS, S. de. Os Portugueses em Minas Gerais. In: LEMOS, C. B. (Ed.). **Sylvio de Vasconcellos: Arquitetura, Arte e Cidade. Textos Reunidos**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004b. p. 141–144.

VASCONCELOS, A. C. A Presença de Paulo Ferreira Santos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 30, p. 167–187, 31 dez. 1989.

VAUTHIER, L. L. A Casa de Residência no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro**, n. 7, p. 99–208, 1943.

VEN, C. van de. **Space in Architecture: the Evolution of a New Idea in the Theory and History of the Modern Movements**. Assen: Van Gorcum, 1978.

VENTURI, R.; IZENOUR, S.; BROWN, D. S. **Aprendendo com Las Vegas o Simbolismo (Esquecido) da Forma Arquitetônica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

VERÍSSIMO, F. S.; BITTAR, W. S. M. **500 Anos da Casa no Brasil: as Transformações da Arquitetura e da Utilização do Espaço de Moradia**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1999.

VIANA, A. de O. O Princípio do Revestimento em Gottfried Semper e a Questão da Policromia na Arquitetura. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 13, n. 31, p. 34–47, 18 out. 2012.

VIDLER, A. A Terceira Tipologia. In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995**. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 504–520.

VIEIRA DE AGUIAR, D. Espaço, Corpo e Movimento: Notas sobre a Pesquisa da Espacialidade na Arquitetura. **Revista ARQTEXTO**, n. 8, p. 74–95, 2006.

VIOLLET-LE-DUC, E.-E. **Dictionnaire Raisoné de L'architecture Française du XIe au XVIe Siècle**. Paris: Bance; Morel, 1854. v. 6

VITA, F. **Aires Mateus**. Vila do Conde: Verso da História, 2013.

VITRÚVIO. **Tratado de Arquitetura**. Tradução: M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALSH, N. P. Como Será o Campo quando Todo Mundo Estiver Vivendo na Cidade? **Artigos - ArchDaily**, 7 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2y0p0IU>>. Acesso em: 12 maio. 2020.

WAN, L. **Villas of the World**. Hong Kong: Boyuan Int'l Book Press Co., 2011.

WISNIK, G. "Seria Maravilhoso se Tivéssemos no Mundial um Estádio do Souto de Moura ou do Álvaro Siza". **Público**, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/SqmF9M>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

WRIGHT, F. L. **The Disappearing City**. New York: W. F. Payson, 1932.

WRIGHT, F. L. A Arquitectura Orgânica [Excerto]. In: RODRIGUES, J. M. (Ed.). **Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos | Caleidoscópico, 2010. p. 91.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ZEVI, B. **Verso un'Architettura Organica: Saggio Sullo Sviluppo del Pensiero Architettonico negli Ultimi Cinquant'anni**. Torino: Einaudi, 1945.

ZEVI, B. **Saber Ver a Arquitetura**. Tradução: Maria Isabel Gaspar; Gaetan Martins De Oliveira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZIMMERMAN, C. **Mies van der Rohe: 1886-1969; a Estrutura do Espaço**. Tradução: António Mendes. Köln e.o.: Taschen, 2007.

ZUMTHOR, P. **Thinking Architecture**. Tradução: Maureen Oberli-Turner; Catherine Schelbert. 2. ed. Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser, 2006.

12. Apêndices

Apêndice I – Formulários de campo para recolha de dados

Formulários de campo para recolha de dados

Os formulários de campo serviram para a recolha dos dados utilizados no enquadramento dos casos de estudo às estratégias da ordem transversal de projeto, isto é, à continuidade ou ruptura deles com as paisagens arquitetônicas locais.

Os três modelos de formulário de campo que se seguem foram usados para anotação das características arquitetônicas dos casos de estudo e suas respectivas cinco casas vizinhas no ato das visitas técnicas realizadas. Em cada uma das linhas dos formulários, que correspondem às casas observadas, foram marcadas uma das opções para cada grupo de elementos arquitetônicos.

Formulário de campo 1

Caracterização dos sistemas construtivos dos casos de estudo e das cinco casas vizinhas mais próximas.

Formulário de campo 1											
Caso de estudo n.:			Local:				Data:				
Indicadores dos sistemas construtivos											
Casa	Paredes			Vãos		Cobertura			Estrutura		
	Alvenaria	Industrial	Concreto	Caixilhos	Painéis de vidros	Telhado	Laje plana	Outra	Aparente	Embutida	Mista
CE											
1											
2											
3											
4											
5											

Obs.: CE indica o caso de estudo; e os algarismos de 1 a 5 indicam as casas vizinhas.

Formulário de campo 2

Caracterização dos materiais de acabamento predominantes dos casos de estudo e das cinco casas vizinhas mais próximas.

Formulário de campo 2														
Caso de estudo n.:			Local:						Data:					
Casa	Materiais de acabamento predominantes													
	Paredes						Cobertura				Vãos			
	Tijolo/pedra	Madeira	Vidro	Metal	Concreto	Pintura	Cerâmica	Metal	Concreto	Pedra	Lona	Madeira	Metal	Vidro
CE														
1														
2														
3														
4														
5														

Obs.: CE indica o caso de estudo; e os algarismos de 1 a 5 indicam as casas vizinhas.

Formulário de campo 3

Caracterização das composições arquitetônicas dos casos de estudo e das cinco casas vizinhas mais próximas, conforme as linguagens tradicional, contemporânea e híbrida.

Formulário de campo 3												
Caso de estudo n.:			Local:						Data:			
Casa	Linguagem arquitetônica											
	Volumetria			Fenestração			Tipo de cobertura			Tratamento mural		
	Tradicional	Contemporânea	Híbrida	Tradicional	Contemporânea	Híbrida	Tradicional	Contemporânea	Híbrida	Tradicional	Contemporâneo	Híbrido
CE												
1												
2												
3												
4												
5												

Obs.: CE indica o caso de estudo; e os algarismos de 1 a 5 indicam as casas vizinhas.

Relativamente a essa ficha de campo, os critérios de classificação das linguagens arquitetônicas utilizados nesta investigação, às quais foram enquadrados os elementos arquitetônicos das casas observadas, são apresentados a seguir:

Linguagens tradicionais: aquelas composições formais anteriores ao Movimento Moderno, assim como aquelas ligadas a correntes posteriores, mas referenciadas em estilos anteriores a tal movimento arquitetônico. Características: ornamentação, materiais menos industrializados, formas enquadradas aos cânones de época.

Linguagens contemporâneas: aquelas filiadas às proposições formais do Movimento Moderno, bem como às correntes posteriores não historicistas. Características: materiais com maior agregado tecnológico, abolição da ornamentação e formas livres.

Linguagens híbridas: aquelas que mesclam elementos formais das linguagens tradicionais e contemporâneas por meio de relações de contraste ou fusão.

Apêndice II – Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise

Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise - AML

Caso de estudo 1 – Casa no Murtal | Arquitetura: Cândido Chuva

Casa no Murtal
 Fonte: Cândido Chuva Arquitectos / Fernando
 Guerra.
 (Adaptada pelo autor).

Disponível em: <https://bit.ly/3rtAYuj>.
 Acesso em 15 abr. 2019.



A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	275,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	77,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	47,00
AC - área de fachadas cegas	151,00

Processamento dos dados da ordem horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,45
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,55

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,62
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,38

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	336,20
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	238,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	23,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	75,20

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,71
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,07
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,22

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	0,42

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
1	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
2	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
3	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
4	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
5	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa no Murtal:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Murtal	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
1	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
2	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
3	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
4	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
5	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa no Murtal:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Murtal	Contemp.	Contemp.	Contemp.	Híbrida

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
1	Pintura	Metal	Cerâmica
2	Pintura	Metal	Cerâmica
3	Pintura	Metal	Cerâmica
4	Pintura	Metal	Cerâmica
5	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa no Murtal:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Murtal	Tijolo	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa no Murtal e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa no Murtal	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,5
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa no Murtal e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa no Murtal	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Híbrida	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa no Murtal e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa no Murtal	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Tijolo	Pintura	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Concreto	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa no Murtal e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,23
--	-------------

Caso de estudo 2 – Casa no Romeirão | Arquitetura: José Mateus



Casa no Romeirão
Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	280,24
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	16,25
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	60,82
AC - área de fachadas cegas	203,17

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de Transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,28
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,72

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,21
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,79

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	332,30
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	108,64
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	56,54
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	167,12

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,33
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,17
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,50

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,34

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
6	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
7	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
8	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
9	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
10	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa no Romeirão:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Romeirão	Alvenaria	Painéis de Vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de Cobertura	Tratamento mural
6	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
7	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
8	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
9	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
10	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa no Romeirão:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Romeirão	Contemp.	Contemp.	Contemp.	Contemp.

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
6	Pintura	Metal	Cerâmica
7	Pintura	Madeira	Cerâmica
8	Pintura	Metal	Cerâmica
9	Pintura	Metal	Cerâmica
10	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa no Romeirão:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Romeirão	Pintura	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa no Romeirão e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa no Romeirão	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,50
Vãos	Painéis de Vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa no Romeirão e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa no Romeirão	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Híbrido	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa no Romeirão e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa no Romeirão	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa no Romeirão e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,33
--	-------------

Caso de estudo 3 – Casa Conde | Arquitetura: Sara Antunes e Mário Ferreira



Casa Conde
Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	225,22
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	29,37
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	11,70
AC - área de fachadas cegas	184,15

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,18
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,82

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,72
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,28

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	245,29
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	77,02
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	61,20
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	107,07

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,31
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,25
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,44

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,37

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
11	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
12	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
13	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
14	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
15	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa Conde:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Conde	Alvenaria	Painéis de Vidro	Laje Inclinada	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
11	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
12	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
13	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
14	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
15	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa Conde:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Conde	Contemp.	Híbrida	Contemp.	Contemp.

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
11	Pintura	Madeira	Cerâmica
12	Pintura	Metal	Cerâmica
13	Pintura	Metal	Cerâmica
14	Pintura	Madeira	Cerâmica
15	Pintura	Madeira	Cerâmica
Padrão	Pintura	Madeira	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa Conde:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Conde	Tijolo à vista	Madeira	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa Conde e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa Conde	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje Inclinada	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa Conde e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa Conde	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Híbrida	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa Conde e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa Conde	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Tijolo à Vista	Pintura	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Madeira	Madeira	0,30	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa Conde e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,23
--	---	-------------

Caso de estudo 4 – Casa no Magoito | Arquitetura: Inês Lobo

Casa no Magoito
 Fonte: Inês Lobo Arquitectos /Leonardo Finotti
 (Adaptada pelo autor, 2020).

Disponível em: <https://bit.ly/3oZtyxf>.
 Acesso em 20 abr. 2020



A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	367,38
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	23,19
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	116,51
AC - área de fachadas cegas	227,68

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,38
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,62

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,17
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,83

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	404,38
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	89,22
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	315,16
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	0,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,22
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,78
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,56

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
16	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
17	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
18	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
19	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
20	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa no Magoito:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Magoito	Betão	Painéis de Vidro	Betão	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
16	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
17	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
18	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
19	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
20	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa no Magoito:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Magoito	Contemp.	Contemp.	Contemp.	Contemp.

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
16	Alvenaria	Madeira	Cerâmica
17	Alvenaria	Metal	Cerâmica
18	Alvenaria	Metal	Cerâmica
19	Alvenaria	Metal	Cerâmica
20	Alvenaria	Metal	Cerâmica
Padrão	Alvenaria	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa no Magoito:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
no Magoito	Betão	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa no Magoito e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa no Magoito	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Betão	Alvenaria	0,00	0,25
Vãos	Painéis de Vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Betão	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa no Magoito e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa no Magoito	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa no Magoito e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa no Magoito	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Betão	Alvenaria	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa no Magoito e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,16
--	-------------

Caso de estudo 5 – Casa no Azeitão | Arquitetura: Miguel Beleza



Casa no Azeitão
Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	275,67
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	28,04
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	25,43
AC - área de fachadas cegas	222,20

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,19
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,81

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,52
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,48

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	509,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	239,73
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	142,27
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	127,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,47
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,28
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,25

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,06

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
21	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
22	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
23	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
24	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
25	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos – Casa no Azeitão:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Azeitão	Betão	Painéis de vidro	Telhado	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
21	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional
22	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
23	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Híbrido
24	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
25	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa no Azeitão:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Azeitão	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Contemp.

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
21	Pintura	Metal	Cerâmica
22	Pintura	Madeira	Cerâmica
23	Pintura	Madeira	Cerâmica
24	Pintura	Madeira	Cerâmica
25	Pintura	Madeira	Cerâmica
Padrão	Pintura	Madeira	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa no Azeitão:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Azeitão	Betão	Painéis de vidro	Metal

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa no Azeitão e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa no Azeitão	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Betão	Alvenaria	0,00	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Telhado	Telhado	0,25	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa no Azeitão e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa no Azeitão	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Tradicional	Tradicional	0,25	0,50
Fenestração	Híbrida	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Tradicional	Tradicional	0,25	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa no Azeitão e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa no Azeitão	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Betão	Alvenaria	0,00	0,00
Vãos (caixilhos)	Painéis de vidro	Madeira	0,00	
Cobertura	Metal	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa no Azeitão e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,36
--	---	-------------

Caso de estudo 6 – Casa na Aroeira III | Arquitetura: Vera Martins e Cristóvão Fonseca



Casa Aroeira III
Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	310,63
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	64,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	106,00
AC - área de fachadas cegas	140,63

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,55
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,45

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,38
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,62

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	412,30
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	121,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	124,80
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	166,50

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,29
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,30
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,40

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	- 0,41

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
26	Alvenaria	Painéis de Vidro	Telhado	Embutida
27	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
28	Pré-fabricadas	Painéis de Vidro	Telhado	Embutida
29	Pré-fabricadas	Painéis de Vidro	Laje plana	Embutida
30	Alvenaria	Painéis de Vidro	Laje plana	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de Vidro	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa Aroeira III:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Aroeira III	Pré-fabricadas	Painéis de Vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
26	Híbrida	Contemp.	Tradicional	Híbrido
27	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
28	Híbrida	Contemp.	Tradicional	Híbrido
29	Contemp.	Contemp.	Contemp.	Contemp.
30	Híbrida	Híbrida	Híbrida	Híbrido
Padrão	Híbrida	Contemp.	Tradicional	Híbrido

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa Aroeira III:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Aroeira III	Contemp.	Contemp.	Contemp.	Contemp.

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
26	Pintura	Metal	Cerâmica
27	Pintura	Madeira	Cerâmica
28	Madeira	Metal	Cerâmica
29	Madeira	Metal	Betão
30	Pintura	Metal	Betão
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa Aroeira III:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Aroeira III	Madeira	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa Aroeira III e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa Aroeira III	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Pré-fabricadas	Alvenaria	0,00	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa Aroeira III e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa Aroeira III	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Híbrida	0,00	0,25
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Híbrido	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa Aroeira III e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa Aroeira III	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Madeira	Pintura	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa Aroeira III e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,34
--	---	-------------

Caso de estudo 7 – Vila Utopia | Arquitetura: Gonçalo Byrne



Vila Utopia
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	283,48
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	198,35
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	0,00
AC - área de fachadas cegas	85,13

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,70
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,30

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	1,00
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,00

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	553,58
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	158,43
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	127,15
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	268,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,28
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,23
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,48

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,43

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
31	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
32	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
33	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
34	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
35	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa Vila Utopia:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Vila Utopia	Pré-fabricadas	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
31	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional
32	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
33	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
34	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea
35	Híbrida	Híbrida	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Trad./Híb.	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Vila Utopia:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Vila Utopia	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
31	Pintura	Metal	Cerâmica
32	Pintura	Madeira	Cerâmica
33	Pintura	Metal	Cerâmica
34	Pintura	Metal	Betão
35	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Vila Utopia:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Vila Utopia	Vidro / Alumínio	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Vila Utopia e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Vila Utopia	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Pré-fabricadas	Alvenaria	0,00	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Vila Utopia e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Vila Utopia	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Trad./Híb.	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Vila Utopia e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Vila Utopia	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Vidro / Alumínio	Pintura	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Vila Utopia e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,23
--	---	-------------

Caso de estudo 8 – Casa em Caxias | Arquitetura: António Costa Lima



Casa em Caxias
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	231,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	69,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	26,00
AC - área de fachadas cegas	136,00

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,41
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,59

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,73
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,27

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	368,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	157,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	99,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	112,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,43
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,27
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,30

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,14

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
36	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
37	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
38	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
39	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
40	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa em Caxias:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Caxias	Betão	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de Cobertura	Tratamento mural
36	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
37	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
38	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional
39	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
40	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa em Caxias:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Caxias	Contemp.	Contemp.	Contemp.	Contemp.

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
36	Pintura	Madeira	Cerâmica
37	Pintura	Madeira	Cerâmica
38	Pintura	Metal	Cerâmica
39	Pintura	Madeira	Cerâmica
40	Pintura	Madeira	Cerâmica
Padrão	Pintura	Madeira	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa em Caxias:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Caxias	Betão	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa em Caxias e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa em Caxias	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Betão	Alvenaria	0,00	0,00
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa em Caxias e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa em Caxias	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa em Caxias e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa em Caxias	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Betão	Pintura	0,00	0,00
Vãos (caixilhos)	Metal	Madeira	0,00	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa em Caxias e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,00
--	-------------

Caso de estudo 9 – Casa na Aroeira | Arquitetura: Manuel Aires Mateus

Casa na Aroeira
 Fonte: *ArchDaily* / Francisco Caseiro
 (Adaptada pelo autor, 2018)

Disponível em <https://bit.ly/31x4bHQ>.
 Acesso em: 14 ago. 2015.



A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	239,07
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	35,97
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	0,00
AC - área de fachadas cegas	203,10

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,15
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,85

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	1,00
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,00

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	296,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	0,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	296,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,00
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	1,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-1,00

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
41	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
42	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
43	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
44	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
45	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa na Aroeira:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Aroeira	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
41	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
42	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
43	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
44	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Híbrida
45	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa na Aroeira:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Aroeira	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
41	Pintura	Metal	Cerâmica
42	Pintura	Madeira	Cerâmica
43	Pintura	Madeira	Cerâmica
44	Pintura	Metal	Betão
45	Pintura	Madeira	Cerâmica
Padrão	Pintura	Madeira	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa na Aroeira:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Aroeira	Pintura	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos – Casa na Aroeira e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa na Aroeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas – Casa na Aroeira e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa na Aroeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa na Aroeira e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa na Aroeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	0,35
Vãos (caixilhos)	Metal	Madeira	0,00	
Cobertura	Betão	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa na Aroeira e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,23
--	-------------

Caso de estudo 10 – Casa C+P | Arquitetura: Gonçalo das Neves



Casa C+P
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	356,51
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	53,20
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	102,73
AC - área de fachadas cegas	200,58

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,44
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,56

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,34
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,66

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	622,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	299,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	323,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	0,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,48
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,52
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,04

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
46	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje Inclinada	Embutida
47	Painéis Pré-fab.	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente
48	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
49	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
50	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa C+P:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
C+P	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
46	Híbrida	Híbrida	Híbrida	Contemporâneo
47	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
48	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
49	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
50	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
Padrão	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa C+P:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
C+P	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
46	Pintura	Metal	Metal
47	Madeira	Metal	Betão
48	Pintura	Metal	Betão
49	Pintura	Metal	Cerâmica
50	Pintura	Metal	Betão
Padrão	Pintura	Metal	Betão

Indicadores de materiais de acabamento - Casa C+P:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
C+P	Pedra	Metal	Betão

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa C+P e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa C+P	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,75
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Laje plana	0,25	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa C+P e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa C+P	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Contemp.	0,25	1,00
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Contemp.	0,25	
Trat. mural	Contemp.	Contemp.	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa C+P e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa C+P	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pedra	Pintura	0,00	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Betão	Betão	0,35	

Índice final de alinhamento - Casa C+P e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,83
--	-------------

Síntese e tabulação dos dados das grelhas de análise - RMBH

Caso de estudo 11 – Casa EP | Arquitetura: Ulisses Morato de Andrade



Casa EP
Fonte: Daniel Mansur, 2018
(Adaptada pelo autor, 2019)

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	203,50
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	2,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	69,10
AC - área de fachadas cegas	132,40

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,35
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,65

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,03
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,97

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	230,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	56,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	30,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	144,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,24
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,13
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,62

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-025

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
51	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
52	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
53	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
54	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
55	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa EP:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
EP	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
51	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
52	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
53	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
54	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
55	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa EP:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
EP	Contemporânea	Contemporânea	Híbrida	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
51	Pintura	Madeira	Cerâmica
52	Pintura	Metal	Cerâmica
53	Pintura	Madeira	Cerâmica
54	Pintura	Metal	Cerâmica
55	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa EP:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
EP	Pintura	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa EP e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa EP	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa EP e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa EP	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Híbrida	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa EP e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa EP	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Concreto	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa EP e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,33
--	---	-------------

Caso de estudo12 – Casa BF | Arquitetura: Humberto Hermeto

Casa BF
 Fonte: *ArchDaily* / Eduardo Eckenfels.
 (Adaptado pelo autor, 2016).

Fonte: Disponível em <https://bit.ly/2ZhaFsU>.
 Acesso em: 18 ago. 2015.



A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	207,56
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	18,70
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	136,00
AC - área de fachadas cegas	52,86

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,75
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,25

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,12
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,88

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	475,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	337,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	48,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	90,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,71
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,10
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,19

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	0,62

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
56	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
57	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
58	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
59	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
60	Painéis pré-fab.	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa BF:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
BF	Painéis pré-fab.	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
56	Contemporânea	Contemporânea	Híbrida	Contemporâneo
57	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
58	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
59	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
60	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa BF:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
BF	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
56	Pintura	Metal	Cerâmica
57	Pintura	Metal	Cerâmica
58	Pintura	Madeira	Cerâmica
59	Pintura	Madeira	Cerâmica
60	Vidro	Metal	Metal
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa BF:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
BF	Vidro	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa BF e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa BF	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Painéis pré-fab.	Alvenaria	0,00	0,00
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa BF e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa BF	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa BF e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa BF	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Vidro	Pintura	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
cobertura	Concreto	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa BF e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,09
--	-------------

Caso de estudo 13 – Casa Lincoln | Arquitetura: Gustavo de A. Penna



Casa Lincoln
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	347,90
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	0,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	203,80
AC - área de fachadas cegas	144,10

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,59
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,41

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,00
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	1,00

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	833,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	459,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	66,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	308,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,55
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,08
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,37

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	0,26

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
61	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
62	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
63	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
64	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
65	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa Lincoln:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Lincoln	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
61	Contemporânea	Contemporânea	Híbrida	Contemporâneo
62	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional
63	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
64	Contemporânea	Contemporânea	Híbrido	Contemporâneo
65	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
Padrão	Contemporânea	Contemporânea	Híbrida	Contemporâneo

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa Lincoln:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Lincoln	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
61	Textura	Metal	Cerâmica
62	Textura	Metal	Cerâmica
63	Pintura	Madeira	Concreto
64	Pintura	Metal	Cerâmica
65	Pintura	Metal	Concreto
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa Lincoln:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Lincoln	Pintura	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa Lincoln e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa Lincoln	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,75
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa Lincoln e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa Lincoln	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Contemp.	0,25	0,75
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Hibrido	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Contemp.	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa Lincoln e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa Lincoln	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Concreto	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa Lincoln e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,72
--	---	-------------

Caso de estudo 14 – Residência NB | Arquitetura: Alexandre Brasil e Paula Zasnico



Residência NB
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	375,50
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	79,60
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	126,20
AC - área de fachadas cegas	169,70

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,55
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,45

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,39
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,61

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	677,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	241,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	166,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	136,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	134,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,36
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,25
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,20
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,20

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	0,20

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
66	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
67	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
68	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Residência NB:

Res.	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
NB	Painéis pré-fab.	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
66	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
67	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
68	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea
Padrão	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores da linguagem arquitetônica – Residência NB:

Res.	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
NB	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
66	Pintura	Metal	Concreto
67	Pintura	Madeira	Cerâmica
68	Pintura	Metal	Concreto
Padrão	Pintura	Metal	Concreto

Indicadores de materiais de acabamento – Residência NB:

Res.	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
NB	Vidro	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Residência NB e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Residência NB	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Painéis pré-fab.	Alvenaria	0,00	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Laje plana	0,25	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Residência NB e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Residência NB	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Contemp.	0,25	1,00
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Contemp.	0,25	
Trat. mural	Contemp.	Contemp.	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Residência NB e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Residência NB	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Vidro	Pintura	0,00	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Concreto	Concreto	0,35	

Índice final de alinhamento - Residência NB e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,76
--	---	-------------

Caso de estudo 15 – Casa da Montanha | Arquitetura: David Guerra

Casa da Montanha
 Fonte: *ArchDaily* / Jomar Bragança
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em <https://bit.ly/2KUpyxn>.
 Acesso em: 21 ago. 2015.



A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	312,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	7,63
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	165,23
AC - área de fachadas cegas	139,14

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,55
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,45

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,04
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,96

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	657,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	657,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	0,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	1,00
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	1,00

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
69	Painéis pré-fab.	Caixilhos	Telhado	Aparente
70	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
71	Painéis pré-fab.	Caixilhos	Telhado	Aparente
72	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
73	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa da Montanha:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Montanha	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
69	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
70	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
71	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
72	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
73	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa da Montanha:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Montanha	Contemporânea	Contemporânea	Tradicional	Tradicional

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
69	Madeira	Madeira	Cerâmica
70	Pintura	Metal	Cerâmica
71	Madeira	Madeira	Cerâmica
72	Pintura	Metal	Cerâmica
73	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Casa da Montanha:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Montanha	Tijolo	Metal	Cerâmica

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa da Montanha e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa da Montanha	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,75
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Telhado	Telhado	0,25	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa da Montanha e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa da Montanha	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,50
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Tradicional	Tradicional	0,25	
Trat. mural	Tradicional	Tradicional	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa da Montanha e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa da Montanha	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Tijolo	Pintura	0,00	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Cerâmica	Cerâmica	0,35	

Índice final de alinhamento - Casa da Montanha e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,61
--	---	-------------

Caso de estudo 16 – Casa EG | Arquitetura: Marcelo Bastos Alvarenga



Casa EG
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	324,90
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	9,87
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	202,33
AC - área de fachadas cegas	112,70

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,65
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,35

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,05
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,95

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	828,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	527,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	301,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	0,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,64
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,36
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	0,27

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
66	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
67	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
68	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa EG:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
EG	Painéis armados	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
66	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
67	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
68	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
Padrão	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa EG:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
EG	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
66	Pintura	Metal	Concreto
67	Pintura	Madeira	Cerâmica
68	Pintura	Metal	Concreto
Padrão	Pintura	Metal	Concreto

Indicadores de materiais de acabamento – Casa EG:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
EG	Concreto	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa EG e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa EG	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Painéis armados	Alvenaria	0,00	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Laje plana	0,25	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa EG e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa EG	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Contemp.	0,25	1,00
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Contemp.	0,25	
Trat. mural	Contemp.	Contemp.	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa EG e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa EG	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Concreto	Pintura	0,00	0,65
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Concreto	Concreto	0,36	

Índice final de alinhamento - Casa EG e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,76
--	---	-------------

Caso de estudo 17 – Casa Galeria – Arquitetura: Fernando Maculan e Mariza Machado Coelho



Casa Galeria
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	420,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	45,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	287,00
AC - área de fachadas cegas	88,00

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,79
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,21

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,14
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,86

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	1.431,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	506,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	127,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	301,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	497,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,35
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,09
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,21
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,35

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,12

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
66	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
67	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
68	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
74	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
75	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa Galeria:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
Galeria	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de Cobertura	Tratamento mural
66	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
67	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
68	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
74	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
75	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Híbrido
Padrão	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa Galeria:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
Galeria	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
66	Pintura	Metal	Concreto
67	Pintura	Madeira	Cerâmica
68	Pintura	Metal	Concreto
74	Pintura	Metal	Concreto
75	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Concreto

Indicadores de materiais de acabamento – Casa Galeria:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Galeria	Pintura	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa Galeria e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa Galeria	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	1,00
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Laje plana	0,25	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa Galeria e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa Galeria	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Contemp.	0,25	1,00
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Contemp.	0,25	
Trat. mural	Contemp.	Contemp.	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa Galeria e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa Galeria	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	1,00
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Concreto	Concreto	0,35	

Índice final de alinhamento - Casa Galeria e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	1,00
--	---	-------------

Caso de estudo 18 – Residência Bosque da Ribeira (EL) – Arquitetura: Eduardo França e Leticia de Azevedo



Residência Bosque da Ribeira (EL)
Fonte: Ulisses Morato, 2018

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	394,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	48,40
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	149,00
AC - área de fachadas cegas	196,60

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,50
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,50

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,25
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,75

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	619,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	500,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	119,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	0,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,81
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,19
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	1,00

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
76	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
77	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
78	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
79	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
80	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos – Res. B. da Ribeira (EL):

Res.	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
B. Rib.	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de Cobertura	Tratamento mural
76	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional
77	Híbrida	Híbrida	Tradicional	Híbrido
78	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
79	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
80	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Residência Bosque da Ribeira (EL):

Res.	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
B. Rib.	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
76	Pintura	Madeira	Cerâmica
77	Pintura	Madeira	Cerâmica
78	Pintura	Madeira	Cerâmica
79	Pintura	Madeira	Cerâmica
80	Pintura	Madeira	Cerâmica
Padrão	Pintura	Madeira	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Residência Bosque da Ribeira (EL):

Res.	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Bosque da Ribeira	Pintura	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Residência Bosque da Ribeira (EL): e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Res. Bosque da Ribeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,25
Vãos	Painéis de vidro	Caixilhos	0,00	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Residência Bosque da Ribeira (EL): e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Res. Bosque da Ribeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Tradicional	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Residência Bosque da Ribeira (EL): e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Res. Bosque da Ribeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	0,35
Vãos (caixilhos)	Metal	Madeira	0,00	
Cobertura	Concreto	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento – Res. Bosque da Ribeira (EL): e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,17
--	---	-------------

Caso de estudo 19 – Residência Bosque da Ribeira (JT) – Arquitetura: Johanna Anastasia e Tomás Anastasia

Residência Bosque da Ribeira (JT)
Fonte: *ArchDaily* / Jomar Bragança

Disponível em <https://bit.ly/2Zp18Vn>.
Acesso em: 05 set. 2015 referenciar



A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	225,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	26,50
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	121,00
AC - área de fachadas cegas	77,50

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,66
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,34

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,18
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,82

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	628,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	165,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	0,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	0,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	463,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,26
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,00
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,00
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,73

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	-0,47

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
81	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
82	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Embutida
83	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
84	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
85	Alvenaria	Caixilhos	Telhado	Aparente
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos – Res. Bosque da Ribeira (JT):

Res.	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
B. Rib.	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
81	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional
82	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Híbrido
83	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Híbrido
84	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
85	Tradicional	Tradicional	Tradicional	Tradicional
Padrão	Tradicional	Híbrida	Tradicional	Tradicional

Indicadores da linguagem arquitetônica – Res. Bosque da Ribeira (JT):

Res.	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
B. Rib.	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
81	Pintura	Madeira	Cerâmica
82	Pintura	Madeira	Cerâmica
83	Pintura	Metal	Cerâmica
84	Pintura	Madeira	Cerâmica
85	Pintura	Madeira	Cerâmica
Padrão	Pintura	Madeira	Cerâmica

Indicadores de materiais de acabamento – Res. Bosque da Ribeira (JT):

Res.	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
B. Rib.	Pintura	Metal	Concreto

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Res. Bosque da Ribeira (JT) e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Res. B. da Ribeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Alvenaria	Alvenaria	0,25	0,75
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Telhado	0,00	
Estrutura	Embutida	Embutida	0,25	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Res. Bosque da Ribeira (JT) e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Res. B. da Ribeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Tradicional	0,00	0,00
Fenestração	Contemp.	Híbrida	0,00	
Tipo cobertura	Contemp.	Tradicional	0,00	
Trat. mural	Contemp.	Tradicional	0,00	

Comparativo dos materiais de acabamento - Res. Bosque da Ribeira (JT) e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Res. B. da Ribeira	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Pintura	Pintura	0,35	0,35
Vãos (caixilhos)	Metal	Madeira	0,00	
Cobertura	Concreto	Cerâmica	0,00	

Índice final de alinhamento - Res. Bosque da Ribeira (JT) e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento.	$IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,31
--	---	-------------

Caso de estudo 20 – Casa Vale dos Cristais – Arquitetura: Paulo Trajano



Casa Vale dos Cristais
Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - Dados relativos à ordem horizontal

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
AF - área total das fachadas (cegas e translúcidas) ligadas aos ambientes principais da casa.	600,00
AI - área total de vãos orientados para o interior do lote ou para pátios internos	99,00
AE - área total de vãos orientados para a envolvente, com vistas livres em relação aos muros de divisa e ao próprio edifício.	324,00
AC - área de fachadas cegas	177,00

Processamento dos dados da Ordem Horizontal

Taxas de transparência e opacidade:

Item	Resultado
TT - Taxa de transparência. $TT = (AE+AI) \div AF$	0,70
TO - Taxa de opacidade. $TO = AC \div AF$	0,30

Índices de introversão e extroversão:

Item	Resultado
I - Índice de introversão. $E = AE \div (AI + AE)$	0,23
E - Índice de extroversão. $I = AI \div (AI + AE)$	0,77

B - Dados relativos à ordem vertical

Dados preliminares:

Item	Quantidade (m ²)
T - área total da edificação (inclui varandas cobertas e <i>pilotis</i>)	920,00
A - áreas da edificação situadas em cotas acima do chão	683,00
P - áreas da edificação situadas em pavimentos de <i>pilotis</i>	53,00
R - áreas da edificação situadas em cotas ao rés do chão	184,00
S - áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão	0,00

Processamento dos dados da ordem vertical

Taxas TA, TP, TR, e TS:

Item	Resultado
TA - taxa de áreas da edificação situadas em cotas acima do chão. $TA = A \div T$	0,74
TP - taxa de áreas da edificação situadas em <i>pilotis</i> . $TP = P \div T$	0,06
TR - taxa de áreas da edificação situadas em cotas rentes ao chão. $TR = R \div T$	0,20
TS - taxa de áreas da edificação situadas em cotas abaixo do chão. $TS = S \div T$	0,00

Índice da ordem vertical:

Item	Resultado
IV – índice da ordem vertical. $IV = (TA + TP) - (TR + TS)$	0,60

C- Dados relativos à ordem transversal

Indicadores dos sistemas construtivos - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
86	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
87	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
88	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
89	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida
90	Alvenaria	Painéis de vidro	Telhado	Embutida
Padrão	Alvenaria	Painéis de vidro	Laje plana	Embutida

Indicadores dos sistemas construtivos - Casa Vale dos Cristais:

Casa	Indicadores dos sistemas construtivos			
	Paredes	Vãos	Cobertura	Estrutura
V. C.	Painéis pré-fab.	Painéis de vidro	Laje plana	Aparente

Indicadores da linguagem arquitetônica - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
86	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
87	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
88	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
89	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo
90	Híbrida	Híbrida	Tradicional	Híbrido
Padrão	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores da linguagem arquitetônica – Casa Vale dos Cristais:

Casa	Indicadores da linguagem arquitetônica			
	Volumetria	Fenestração	Tipo de cobertura	Tratamento mural
V. Cristais	Contemporânea	Contemporânea	Contemporânea	Contemporâneo

Indicadores de materiais de acabamento - Casas vizinhas e padrão:

Casa Vizinha	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
86	Pintura	Metal	Concreto
87	Pintura	Metal	Concreto
88	Pintura	Metal	Concreto
89	Pintura	Metal	Concreto
90	Pintura	Metal	Cerâmica
Padrão	Pintura	Metal	Concreto

Indicadores de materiais de acabamento – Casa Vale dos Cristais:

Casa	Indicadores de materiais de acabamento		
	Paredes	Vãos (caixilhos)	Cobertura
Vale dos Cristais	Vidro	Metal	Metal

Processamento dos dados da ordem transversal

Comparativo dos sistemas construtivos - Casa Vale dos Cristais e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de sistemas construtivos				
Indicador	Casa Vale dos Cristais	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IS - Índice alinhamento
Paredes	Painéis pré-fab.	Alvenaria	0,00	0,50
Vãos	Painéis de vidro	Painéis de vidro	0,25	
Cobertura	Laje plana	Laje plana	0,25	
Estrutura	Aparente	Embutida	0,00	

Comparativo das linguagens arquitetônicas - Casa Vale dos Cristais e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de linguagens arquitetônicas				
Indicador	Casa Vale dos Cristais	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IL - Índice alinhamento
Volumetria	Contemp.	Contemp.	0,25	1,00
Fenestração	Contemp.	Contemp.	0,25	
Tipo cobertura	Contemp.	Contemp.	0,25	
Trat. mural	Contemp.	Contemp.	0,25	

Comparativo dos materiais de acabamento - Casa Vale dos Cristais e padrão da vizinhança, taxas e índice de alinhamento:

Comparativo de materiais de acabamento				
Indicador	Casa Vale dos Cristais	Padrão da vizinhança	Taxa alinhamento	IM - Índice alinhamento
Paredes	Vidro	Pintura	0,00	0,30
Vãos (caixilhos)	Metal	Metal	0,30	
Cobertura	Metal	Concreto	0,00	

Índice final de alinhamento - Casa Vale dos Cristais e padrão da vizinhança:

IT - Índice final de alinhamento. $IT = [IS + (IL \times 1,5) + IM] \div 3,5$	0,66
--	-------------

Apêndice III – Entrevista semiestruturada padrão

Entrevista semiestruturada padrão

Identificação.

Número da entrevista:

Caso de estudo n.:

Nome do arquiteto entrevistado:

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Apresentação sumária do conteúdo da tese.

Tema da tese; pergunta de partida; hipótese; e o estudo de casos.

Questões apresentadas aos arquitetos autores(as) dos projetos na AML e RMBH.

Questões apresentadas em 4 blocos de assuntos distintos (A, B, C, e D).

A) Referências arquitetônicas

- Quais são os arquitetos que mais influenciaram a sua formação acadêmica e o seu trabalho profissional?
- O(a) senhor(a) enquadra os projetos do ateliê (escritório) a alguma corrente de pensamento em arquitetura?

B) Relações arquitetônicas entre Brasil e Portugal

- No Brasil (Portugal), há referências de arquitetura (autores e/ou correntes) que o senhor(a) considera relevante?
- O(a) senhor(a) já esteve em Belo Horizonte (Lisboa)?
- Independentemente de ter visitado a cidade, conhece algum arquiteto(a) de Belo Horizonte (Lisboa)? Recorda-se de alguma obra de arquitetura contemporânea nessa cidade?
- Na obra do seu ateliê (escritório), identifica alguma relação com a arquitetura brasileira (portuguesa)? Caso identifique, em que sentido esta relação se estabelece?

C) Lugar e projeto

- Na avaliação do(a) senhor(a), qual o nível de importância que foi dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na sua licenciatura (graduação) em

arquitetura? (Aqui, considerando lugar enquanto as características de clima, topografia, paisagens naturais e culturais do local de inserção de um edifício).

- Na leitura do(a) senhor(a), qual é o grau de relevância que o lugar tem para a arquitetura contemporânea portuguesa (brasileira) de referência?
- Na sua prática profissional, o lugar de inserção de uma obra desempenha papel principal, intermediário ou secundário na concepção do projeto?
- Quais são os procedimentos que o(a) senhor(a) utiliza para apreender e registrar as características do lugar antes de projetar um edifício?
- Quando projeta um edifício para um determinado sítio, que tipo de relação busca estabelecer com o lugar de inserção?

D) Sobre o projeto da casa

D1 - Questões gerais

- Resumidamente, qual é o perfil social e profissional dos clientes?
- O projeto da casa foi encomendado para uso esporádico ou permanente?
- O cliente apresentou necessidades específicas que determinaram soluções do projeto em relação ao lugar?
- O(a) senhor(a) participou da escolha do lote?
 - () Sim. O que foi determinante para essa escolha?
 - () Não. O cliente revelou o motivo da escolha?
- Houve algum aspecto da legislação de construção que foi determinante para a solução global do projeto em relação ao terreno ou à envolvente?
- Como o(a) senhor(a) caracteriza o entorno de inserção desta casa em termos da arquitetura de vizinhança, paisagens, topografia, clima, etc.?
- Acredita que o lugar potencializou o reconhecimento desta obra de arquitetura?

D2 - Questões relativas às estratégias de acomodação ou elevação

- Nesta casa, predominam ambientes em cotas abaixo (acima) do terreno natural, o que eu classifico como uma estratégia de acomodação (elevação) do edifício em relação ao chão. Nesse sentido, dentre os fatores listados abaixo, qual foi o principal motivador desta solução de projeto?
 1. () Topografia
 2. () Envolvente

- 3. () Cultura local
- 4. () Legislação
- 6. () Outro: _____

- Por que este fator potencializou a acomodação da casa ao terreno?

D3 - Questões relativas às estratégias de introversão ou extroversão

- Nas fachadas ligadas aos ambientes de uso principal da casa (salas, quartos, cozinha, hall), há o predomínio dos cheios (vazados) em relação às aberturas. Nesse sentido, dentre os fatores listados abaixo, qual foi o motivador principal desta solução de projeto?

- 1. () Clima
- 2. () Cultura arquitetônica local
- 3. () Envolvente
- 4. () Legislação
- 5. () Outro: _____

- Por que o fator apontado acima potencializou o predomínio de aberturas nas fachadas ligadas aos ambientes principais da casa?
- Identificamos que as aberturas nas fachadas (portas, janelas e painéis translúcidos) estão predominantemente orientadas para a envolvente (o interior) do lote, o que eu classifico como estratégia de extroversão (introversão). Sendo assim, qual foi o principal motivador dessa estratégia? Por quê?
- Qual é a proposta de relação da casa com a rua? Por quê?

D4 - Questões relativas às estratégias de continuidade ou ruptura

- Considerando a linguagem arquitetônica das casas vizinhas preexistentes, que tipo de relação o seu projeto estabelece com elas?
- O que determinou as opções pelos materiais e tecnologias construtivas empregadas na casa? Além disso, como essas opções se relacionam com o padrão construtivo da vizinhança?
- Para finalizar, pensando no panorama da arquitetura contemporânea erudita portuguesa (brasileira), aquela reconhecida por prêmios e publicações especializadas, como o(a) senhor(a) posiciona a arquitetura desta casa, em continuidade ou ruptura com esse universo?

Apêndice IV – Síntese das entrevistas com os arquitetos

Síntese das entrevistas com os arquitetos da AML

Caso de estudo 1 - Casa no Murtal
Síntese da Entrevista I
Arquiteto: Cândido Chuva | Local: Lisboa | Data: 20/11/2018

Imagem: arquiteto Cândido Chuva.
 Fonte: Cândido Chuva Gomes Architectos.
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/3oYbNOW>.
 Acesso em: 23 jul. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Maurício de Vasconcellos; Nuno Teotónio Pereira; Nuno Portas; Álvaro Siza; Victor Figueiredo; Pedro Vieira de Almeida; Fernando Távora.	Alvar Aalto; Mies van der Rohe; Frank Lloyd Wright.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Sim: Regionalismo Crítico	

B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Arquitetura Moderna brasileira	Vilanova Artigas; Paulo Mendes da Rocha; Affonso Eduardo Reidy.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não há	Não há
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	Arquitetura é estrutura – brutalismo paulista

C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Alto: “E isso permitiu de fato olhar para o espírito do local, sentir que cada sítio tinha uma tradição, tinha uma ordem, e uma luz, e um relevo, tinha uma cultura.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Muito importante: “Eu penso que tem muito porque, digamos, a partilha de bases comuns, que é uma interpretação de vida e paisagem muito semelhante entre todos nós [...]”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Intermediário: “Não sei se é a principal, mas é importantíssima.”	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita local; fotos; esquissos; maquete do terreno.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável, conforme o contexto.	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional dos clientes
Casal de farmacêuticos ligados à indústria farmacêutica multinacional
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
Não houve
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa
Proximidade da praia e vínculos de amizade local.
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
Não houve
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
Indeterminada: “Não sei, é difícil, é uma coisa que se foi construindo.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fatores motivadores da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural ³²⁴
Topografia e envolvente.
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa face ao terreno natural
Topografia - Acréscimo de níveis para disposição do programa: “[...] temos uma estrutura social que está diretamente relacionada com a rua, embora com algum filtro; e depois temos aquilo que é o promontório sobre a paisagem”.
Envolvente - Acréscimo de níveis para usufruto da paisagem: “Eu acho que nesses três níveis estão também os três níveis de convívio direto com a paisagem.”
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fatores indutores do predomínio dos cheios nas fachadas dos ambientes principais ³²⁵
Envolvente.
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais
Manejo das aberturas para o controle da paisagem: “É a coisa de estarmos num sítio aparentemente fechado, e controlamos tudo.”
Fatores motivadores da estratégia de introversão da casa em relação à envolvente
Controle da paisagem
Proposta de relação da casa com a rua
Resguardo: “Eu não rejeito a urbanidade, pelo contrário. Mas acho que ela tem que ser filtrada com determinado controle. [...] Eu tenho a tendência para esconder a rua.”
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “Nenhuma”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
A tradição construtiva evocada pela materialidade do tijolo à vista
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Intermediária: “O padrão construtivo é capaz de ser semelhante, a roupagem é que é outra.”
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional
Não avaliou: “Não sei, não procuro este tipo de coisa.”

³²⁴ O entrevistado discordou do pressuposto da pergunta, afirmou prevalecer a acomodação da casa ao terreno; no entanto, os cálculos indicam a estratégia de elevação (Cf. Apêndice II).

³²⁵ O entrevistado discordou do pressuposto da pergunta, afirmou prevalecer os vazados nas fachadas; no entanto, os cálculos indicam o predomínio dos cheios em relação aos vazados (Cf. Apêndice II).

Caso de estudo 2 - Casa no Romeirão
Síntese da Entrevista II
Arquiteto: José Mateus | Local: Lisboa | Data: 13/11/2018

Imagem: arquiteto José Mateus.
 Fonte: ARX Portugal.

Disponível em: <https://bit.ly/3oYcqrM>.
 Acesso em: 05 jun. 2018.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional ³²⁶	
Portugueses	Estrangeiros
Álvaro Siza; Ruy d'Atouguia; Keil do Amaral.	Le Corbusier; Frank Lloyd Wright; Alvar Aalto; Mies van der Rohe; Adolf Loos .
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não: “Queremos trabalhar com uma grande mobilidade, digamos assim, sem estar presas a esse tipo de amarras.”	

B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Arquitetura Moderna brasileira; Arquitetura Moderna Africana de influência brasileira.	Lucio Costa; Vilanova Artigas; Oscar Niemeyer; Paulo Mendes da Rocha; Burle Marx; Lina Bo Bardi.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não há	Não há
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	“expressão da tectônica”; integração visual interior-exterior; fluidez nos espaços internos; estrutura como arquitetura (Escola Paulista).

C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Alto: “é central no ensino da arquitetura em Portugal desde os meus tempos de faculdade.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Importante. Fator de identidade da arquitetura portuguesa.	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal.	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita local; fotos; maquete do terreno; 3D com a envolvente; esboços.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Interação do edifício com as contingências e/ou características marcantes do lugar.	

³²⁶ Além dos arquitetos mencionados, o entrevistado também mencionou o “Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa” como importante fonte de influência para a sua formação e prática profissional.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional do cliente	
Advogado, pai de família, divorciado. Classe média.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não houve	
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto	
Topografia, insolação e paisagem identificadas como favoráveis ao desenho da casa.	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Não houve	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Intermediária.	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia; envolvente.	
Razões para os fatores citados potenciarem a acomodação da casa ao terreno natural	
Topografia - Manejo do terreno para intimidade/privacidade: “[...]as pessoas podem estar numa situação muito íntima, encaixada no terreno, que se percebe que estamos abaixo do nível do solo”. Envolvente - Manejo do terreno para camuflar a edificação: “Esta casa tentava produzir uma marca mais sutil na paisagem [...]”.	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Clima; envolvente; cultura arquitetônica; outro (economia da construção).	
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais	
Clima : controle térmico. Envolvente : controle da paisagem e promoção de privacidade. Cultura arquitetônica : tradição construtiva. Economia da construção : racionalização de recursos	
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Usufruto da paisagem	
Proposta de relação da casa com a rua	
Indeterminado	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Ruptura: “[...] a nossa reação foi mais de recusa [...], orientar a casa de costas para as casas vizinhas e virá-la para o vale e para sul.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Várias: integração ao terreno e à tradição construtiva portuguesa, bem como a economia da obra.	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Continuidade.	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional	
Continuidade: “[...] é uma casa que pode ser facilmente identificada, ou associada, a um panorama da arquitetura portuguesa.”	

Caso de estudo 3 – Casa Conde
Síntese da Entrevista III
Arquitetos: Sara Antunes (SA) e Mário Ferreira (MF)
Local: Lisboa | Data: 26/11/2018

Imagem: arquitetos Sara Antunes e Mário Ferreira.
 Fonte: SAMF Arquitectos.

Disponível em: <https://bit.ly/3oRQBtO>.
 Acesso em: 08 abr. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Álvaro Siza.	Alvar Aalto; Adolf Loos; Le Corbusier.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Arquitetura Moderna brasileira	Oscar Niemeyer; Vilanova Artigas; Lina Bo Bardi; Paulo Mendes da Rocha.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não há.	Não há.
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	Integração interior-exterior. Uso material: madeiras. Postura: “[...]o Modernismo [brasileiro] é menos dogmático que o Modernismo Europeu.” (MF)
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
“Era um dado mesmo muito importante.” (SA); “Desde o primeiro ano até o quinto, acho que foi sempre uma coisa muito incentivada.” (SA).	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Importante, mas “[...] se calhar, vendo bem, na produção final acaba por ser menos importante do que os arquitetos dizem, [...] e aquilo está muito homogêneo. E se o lugar fosse tão importante, então havia mais diferenças.” (MF)	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal.	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita local; fotos; desenhos.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável, conforme o terreno.	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional dos clientes
Casal de músicos. Classe média.
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
Aproveitamento da condição elevada do terreno em relação à rua para a privacidade da casa
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa
Laços familiares
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
“Não, não foi nada determinante, é o que é normal em todos os projetos.” (AS)
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
Indeterminada.
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fator motivador da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural
Topografia; outro (Intenção Plástica)
Razões para o fator citado levar à acomodação da casa ao terreno natural
Topografia: manejo do terreno para promover a privacidade/intimidade. Aproveitamento das cotas altas do terreno em relação à rua. Intenção plástica: o perfil do terreno como sugestão da forma da casa “[...] porque a ideia também da casa é que é um volume de uma inclinação única e que essa inclinação acompanha o terreno.” (MF)
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fatores indutores do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Envolvente; cultura arquitetônica; outro (Intenção Plástica).
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais
Envolvente: controle da paisagem. Cultura arquitetônica: “é uma cultura de cheios com aberturas reduzidas” para conforto ambiental (MF). Intenção plástica: volumetria maciça da casa aliada ao uso do tijolo.
Fatores motivadores da estratégia de introversão da casa em relação à envolvente
Privacidade/intimidade. Controle da paisagem.
Proposta de relação da casa com a rua
Controle: “se criou um ‘castelo’ em que aquele que está lá em cima controla o que se passa lá em baixo.” (MF). Privacidade “[...] mas não é nenhuma questão só de controle, é maior mesmo a questão da privacidade.” (SA)
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “Não houve vontade de salientar uma ruptura, mas não havia nada de interessante para se relacionar.” (SA)
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
“O tijolo, como nós falamos, veio um bocado dessa influência holandesa” (MF). “E os materiais naturais é algo que nós gostamos muito porque tem a ver com o tempo e com o envelhecimento no tempo, e deles ganharem qualidade em vez de perderem qualidade” (SA)
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Ruptura: “A relação com a vizinhança não existe.” (SA)
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional
Intermediária: “Não é um extraterrestre que está ali. Também não é o mais normal cá.” (MF)

Caso de estudo 4 - Casa no Magoito
Síntese da Entrevista IV
Arquiteta: Inês Lobo | Local: Lisboa | Data: 23/11/2018



Imagem: arquiteta Inês Lobo
 Fonte: *Revista Arq/a* n. 66, 2009.
 (Adaptada pelo do autor, 2019).

A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Fernando Távora; Álvaro Siza; Souto de Moura; Carrilho da Graça.	Não mencionou.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não o fez: “É uma coisa que não me interessa fazer.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Arquitetura Moderna brasileira; Arquitetura Moderna Africana de influência brasileira.	Paulo Mendes da Rocha
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Não conhece
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	“Acho que há uma espécie de uma relação direta, talvez muito com a arquitetura paulista, que é esta ideia de que a estrutura é fundamental na construção da ideia.”
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Alto: “Tanto na Escola do Porto, em que Álvaro Siza diz que, sem dúvida, a arquitetura nasce do lugar, e a resposta está no lugar como Carrilho da Graça. Portanto, estou a falar dos meus dois momentos, início e fim da formatura [...]”.	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Intermediária: “Eventualmente não em todas as escolas de arquitetura, não em todas as formas de fazer.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao local.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Propiciar, em simultâneo, abrigo e vivência do território (Casa no Magoito)	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional dos clientes	
Um casal, sendo ele músico e ela ligada à televisão. Classe média, média Alta.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
“Era também um programa que da parte deles também já intuía uma forma de se relacionar com aquele lugar. [...] mas tinha também a ver com essa ideia de se abrigarem, da vista, de estarem afastados do ponto onde se entra, etc.”	
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa	
“[...] uma espécie de encanto que tinham já por esse lugar.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
“[...] tinha um projeto já aprovado. Tínhamos que construir no sítio em que o projeto estava aprovado.” Além disso, parte do lote é “território protegido, onde não se pode construir.”	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Positiva: “[...] não posso deixar de dizer que uma das grandes qualidades desse projeto é também o sítio.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural	
“Topografia, sem dúvida.”	
Razões para o fator citado potenciar a acomodação da casa face ao terreno natural	
Manejo do terreno para privacidade/intimidade: “era importante que os espaços sociais se encaixassem bastante no terreno e construíssem um pouco aquela sensação de abrigo que pretendia.” Uso dos níveis naturais para assentamento dos quartos.	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fator indutor do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Clima	
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais	
Controle térmico: “Em Portugal, a necessidade de proteção que nós temos, quer dizer, uma casa funciona termicamente melhor quanto mais nós a protegemos tanto no inverno, como no verão.”	
Fatores motivadores da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Usufruto da paisagem pelos vãos: “o grande objetivo deles é a sua relação com o território.”	
Proposta de relação da casa com a rua	
Privacidade: “A ideia foi a casa afastar-se do ponto de chegada.”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Intermediária: “[...] a casa não tenta entrar em diálogo a partir da arquitetura construída ou da linguagem por construir, mas não deixa de tentar ser o mais silenciosa possível.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Tradição: “É fácil relativamente a uma qualidade construtiva mais ou menos simples em Portugal, que é fazer muros em betão.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Não avaliou.	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional	
Continuidade: “Acho que dialoga.”	

Caso de estudo 5 - Casa no Azeitão
Síntese da Entrevista V
Arquiteto: Miguel Beza | Via correio eletrônico | Data: 10/12/2018

Imagem: arquiteto Miguel Beza.
 Fonte: Uzina Books.
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/3ttMAzc>.
 Acesso em: 17 mar. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Não citou	Não citou
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não enquadrou	

B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Oscar Niemeyer; Paulo Mendes Rocha.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Não conhece
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Não identifica	N/A

C - LUGAR E PROJETO
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura
Baixo: “Quase nenhuma com a exceção das aulas do Arq. Carrilho da Graça no último ano da licenciatura.”
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial
Positiva: “O lugar é sempre relevante mesmo quando se ignora.”
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos
“Papel principal e nunca o ignoro.”
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar
“Visitar e sentir o sítio.”
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar
“Procuro sempre integração e raramente ruptura.”

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional dos clientes	
Um profissional de nível superior, sua esposa e três filhos.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente.	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não houve	
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa	
“A sua irregularidade.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
“O regulamento do loteamento foi crucial no desenvolvimento do projecto.”	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Relativa: “Não me parece de todo!”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural ³²⁷	
Topografia; envolvente; cultura local; legislação.	
Razões para os fatores citados potenciarem a acomodação da casa face ao terreno natural	
Indeterminadas: “Todos os factores assinalados influenciaram a concepção geral do projecto.”	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Cultura arquitetónica local.	
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais	
“Tomo por cultura arquitectónica local a tipologia da ideia de casa que predomina. Janelas são sempre mais pequenas do que as paredes em que se inserem.”	
Fatores motivadores da estratégia de introversão da casa em relação à envolvente	
Clima e privacidade	
Proposta de relação da casa com a rua	
“O projecto tenta mais proteger-se da rua do que ter alguma relação especial com a mesma.”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetónica da casa com as casas vizinhas	
Intermediária: “Existe continuidade porque a casa apresenta os mesmos elementos que quase todas as outras. Existe ruptura pelo deslocamento de elementos decorativos e pela escolha dos materiais de acabamento.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Pessoal: “Os materiais usados na casa obedecem a uma escolha discutível e meramente pessoal que não procura qualquer espécie de relação especial com a envolvente. O resultado final acaba por induzir uma clara sensação de ruptura.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Ruptura: “O uso do betão descobrado e de um telhado em zinco não tem qualquer relação com o contexto local.”	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional	
“Não me posiciono.”	

³²⁷ O entrevistado discordou do pressuposto da pergunta, afirmou prevalecer a elevação da casa, no entanto os cálculos indicam a estratégia de acomodação suave (Cf. Apêndice II).

Caso de estudo 6 - Casa em Aroeira III
Síntese da Entrevista VI
Arquitetos: Vera Martins e Cristóvão Fonseca
Via correio eletrônico | Data: 11/11/2018

Imagem: arquitetos Vera Martins e
 Cristóvão Fonseca.
 Fonte: Uzina Books.

Disponível em: <https://bit.ly/2N1xssj>.
 Acesso em: 09 fev. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Não citaram ³²⁸	Não citaram ³²⁹
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
“Não, a ligação é sempre ao local e ao programa dos clientes.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citaram	Oscar Niemeyer.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não conhecem	Não conhecem
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Não houve	Não apresentaram
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Alto: “Muito importante e fundamental para a abordagem aos diferentes projectos e estudos efectuados durante o curso.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
“Elevado grau de relevância.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal.	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
“Privilegiamos a abordagem sensitiva e intuitiva.”	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
“Dependendo do projecto as abordagens são distintas.”	

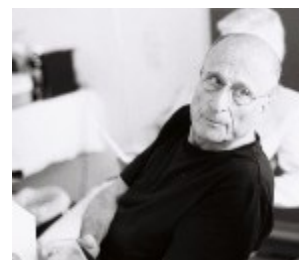
³²⁸ Os arquitetos mencionaram de maneira genérica a arquitetura portuguesa como fonte de influência

³²⁹ Os arquitetos mencionaram de maneira genérica a arquitetura brasileira como fonte de influência.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional dos clientes
“Profissional de medicina, culturalmente muito bem informado.”
Tipo de uso da habitação
“Uso semipermanente.”
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
Programa: “Sim, fazemos sempre depender as escolhas projectuais do programa dos clientes.”
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa
“O cliente já tinha adquirido o terreno 20 anos antes.”
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
“Sim, as condicionantes urbanísticas representam sempre constrangimentos relevantes no resultado final.”
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
Não há
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural
Topografia
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa face ao terreno natural
Manejo do terreno para disposição do programa: “O desnível natural do terreno potenciou a solução preconizada, fazendo com que parte da construção seja enterrada.”
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fatores indutores do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Envolvente
Razão para o fator citado potenciar os vazados nas fachadas dos ambientes principais
Usufruto da paisagem. Conjugaram esta resposta à questão posterior.
Fatores motivadores da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente
Usufruto da paisagem: “Tirar partido da envolvente natural, estabelecer uma relação constante entre exterior/ interior e interior/exterior.”
Proposta de relação da casa com a rua
“Fechamento para privacidade.”
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetónica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “Na nossa intenção nenhum. A envolvente é muito heterogénea.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
“A intenção do cliente em ter uma casa com madeira e betão.”
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Ruptura: “Qualquer semelhança com a vizinhança (excepto o nosso outro projecto - AROEIRA I) é pura coincidência.”
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional
Intermédia: “Na nossa perspectiva, nem uma coisa nem outra, na realidade não nos detemos sobre esse tema, nem procuramos seguir ou divergir de nenhuma corrente ou tendência actual.”

Caso de estudo 7 – Vila Utopia
Síntese da Entrevista VII
Arquiteto: Gonçalo Byrne | Local: Lisboa | Data: 27/11/2018

Imagem: arquiteto Gonçalo Byrne.
 Fonte: Gonçalo Byrne Arquitectos.
 (Adaptada pelo autor, 2019).



Disponível em: <https://bit.ly/3rsPwde>.
 Acesso em 15 mai. 2019.

A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional³³⁰	
Portugueses	Estrangeiros
Fernando Távora; Álvaro Siza.	Le Corbusier; Alvar Aalto; Mies Van der Rohe; Leon Battista Alberti.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não o faz: “Eu confesso que eu tenho alguma dificuldade em correr dentro do que hoje em dia é o <i>mainstream</i> . Eu sempre fui uma pessoa muito avessa a rótulos e a classificações.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Escola Paulista; Escola Carioca.	Severiano Porto; João Filgueiras Lima; João Walter Toscano; Gustavo Penna.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não citou	Escola de Arquitetura da UFMG; Casa <i>Atelier</i> de Amílcar de Castro
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	Indeterminado. Menciona de maneira genérica a influência da Arquitetura Moderna brasileira dos anos 1950 em Portugal.
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Intermediário: “A minha licenciatura, como já lhe disse, na Escola de Belas Artes de Lisboa, que é bastante híbrida em certos aspectos.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Positiva: “E esta gente é apreciada muito por isto.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal: “Acho que um protagonista absolutamente central, fundamental.”	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Documentos prévios (cartografia, fotografias, informação histórica); visita ao local.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Dinâmica: “[...] o projeto também vai influenciar o contexto.”	

³³⁰ Além dos arquitetos mencionados, o entrevistado também mencionou o “Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa” como importante fonte de influência para a sua formação e prática profissional.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional dos clientes	
Perfil tipo para um empreendimento imobiliário: “Classe Média, Média Alta.”	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não houve	
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa	
O lote fazia parte do empreendimento imobiliário, que escolheu alguns arquitetos para projetar as casas.	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Sim, os afastamentos.	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Intermediária: “Eu acho que o lugar participou, mas mais do que o lugar eu acho que foi um pouco a forma e a presença do edifício.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fator motivador da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia.	
Razões para os fatores citados potenciarem a acomodação da casa ao terreno natural	
Topografia: manejo do terreno (escavar) para disposição do programa. “Há uma espécie de estratificação do programa que é gerida dentro daquele mundo da vertical.”	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Outro (pátio interno)	
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais	
Integração visual ao pátio interno: “[...] de fato a vida do pátio é a casa, é a vida.”	
Fatores motivadores da estratégia de introversão da casa em relação à envolvente	
Privacidade/intimidade: negação da paisagem envolvente e usufruto visual do pátio interno.	
Proposta de relação da casa com a rua	
Resguardo	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Intermédia: “O diálogo a estabelecer tem que chegar também à percepção e à interpretação das linguagens preexistentes e a alguma materialidade, alguma textura, mas não tem que ficar completamente prisioneira da mimese e da cópia.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Leveza da construção: “A textura daquele anel que anda à volta e uma textura translúcida, uma fibra, que de resto é importante também para não ter peso.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Não especificou.	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional	
Continuidade: “Eu acho que o projeto vem numa linha de continuidade, claramente. [...] Para mim continuidade é uma coisa muito importante, mas não quer dizer congelamento.”	

Caso de estudo 8 - Casa em Caxias
Síntese da Entrevista VIII
Arquiteto: António Costa Lima | Local: Lisboa | Data: 07/11/2018

Imagem: arquiteto António Costa Lima.
 Fonte: António Costa Lima Architectos.
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/39V1YwM>.
 Acesso em: 07 mai. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Álvaro Siza	Peter Zumthor
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não: “[...] eu prefiro não me enquadrar.”	

B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou.	Oscar Niemeyer; Paulo Mendes da Rocha.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Igreja São Francisco de Assis (Oscar Niemeyer).
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	Integração interior-exterior: “[...] gosto desta invasão do espaço do jardim para dentro da casa. Isso aconteceu em vários projetos que eu tenho, mas acontece claramente na arquitetura brasileira.”

C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Intermediário: “foi bastante motivante, foi bastante desafiante, mas eu não posso dizer que tenha sido um trunfo do curso que eu tirei.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Positiva: “[...] o lugar é absolutamente essencial.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao local; esboços; fotografias; “pesquisa em torno da história, das origens do desenho urbano daquele sítio, sempre.”	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável conforme o contexto.	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional dos clientes	
Casal de advogados. “São pessoas de classe média alta.”	
Tipo de uso da habitação	
Permanente.	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
“Sim, mas não muito detalhadas.”	
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa	
“Razão familiar. Proximidade aos pais, aos irmãos.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Não houve.	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
“O lugar potenciou. O lugar, a forma do terreno...”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia; envolvente.	
Razões para os fatores citados potenciarem a acomodação da casa ao terreno natural	
Topografia - Manejo do edifício (plataforma em cunha) criar um terraço jardim. Envolvente - Manejo do edifício (escalonamento no declive) para usufruto da paisagem à pendente.	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
O fator apontado pelo entrevistado foi a envolvente . Mas, pelo argumento contido na resposta à pergunta posterior, infere-se que nesta questão a resposta lógica é intenção plástica (criação de volumetria maciça).	
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais	
“[...] a casa é como se fosse um talude [...] toda a casa é com esta abordagem discreta de surgimento no terreno [...]. Ao ser um talude, é natural que as aberturas tenham uma regra mais controlada.”	
Fatores motivadores da estratégia de introversão da casa em relação à envolvente	
Manejo das aberturas para controle da paisagem: “[...] ao haver uma contenção de vistas, para depois culminar com uma vista mais significativa [...], é relevar aquilo que é mais importante, sublinhar, enfatizar.”	
Proposta de relação da casa com a rua	
“[...] criar uma ruptura no ritmo de casas que aquela rua tem. É uma rua sempre ritmada por casa, [...] chegamos ao nosso lote e vemos um jardim, não vemos lá uma casa.”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Continuidade: “Eu acho que se entrega perfeitamente. Não provoca ruptura.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
“[...] a casa sendo um talude encontrou no betão uma resposta que se coaduna com a ideia.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Continuidade: “Integra.”	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional	
Continuidade: “A casa não é uma ideia que não se vê em mais lado nenhum.”	

Caso de estudo 9 - Casa na Aroeira
Síntese da Entrevista IX

Arquiteto: Manuel Aires Mateus | Via correio eletrônico | Data: 11/07/2019

Imagem: arquiteto Manuel Aires Mateus
Fonte: *Royal Academy*.
(Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/2MzFCs5>.
Acesso em 27 jun. 2019



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Álvaro Siza.	Peter Zumthor; Francesco Borromini; Andrea Palladio.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
“Não, o que nós defendemos é que cada projecto é único. Cada projecto parte de um problema e é uma possibilidade de reflexão sobre um problema específico [...]”.	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Escola Paulista	Oscar Niemeyer; Paulo Mendes da Rocha
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Não conhece
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	“[...] liberdade de praticamente não tocar o mundo, acrescentar ao mundo qualquer coisa sem lhe tocar que, eu reconheço na arquitectura Brasileira e que nós procuramos. [...] Depois uma certa leveza na forma como introduzimos as coisas a partir da qual se pode estabelecer uma ligação da nossa arquitectura e da arquitectura brasileira.”
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Baixo: “não tem grande relevância.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Positiva: “Tem enorme, mas no sentido de ser uma possibilidade de um lugar de transformação.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Fotografias, vídeos, desenhos à mão; documentos prévios; maquete do terreno.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Intercâmbio: “O que nos interessa não é lutar contra um lugar, é tirar dele valor para o projecto e que projecto aporte valor para o lugar.”	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional dos clientes
Advogado e gestor bancário. Classe média alta.
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
“[...] viver para um lugar mais calmo e tranquilo em que se conseguisse relacionar, fundamentalmente com a natureza. [...] um desenho que pretende, numa zona com várias casas, a única visão que se tenha a partir da casa tenha a ver com a natureza.”
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa
“[...] possibilidade de construir uma casa em que só havia natureza.”
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
“Houve, nós ocupámos o polígono máximo de implantação e ganhámos todo o espaço livre para dentro de um pátio [...]”.
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
Positiva: “A obra e o lugar, aqui, são uma simbiose.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural
Topografia; Envolvente ³³¹
Razões para o fator citado potenciar a acomodação da casa face ao terreno natural
Envolvente: Manejo do terreno (escavar) para controle da envolvente: “Manipula-se a topografia para regular a envolvente.”
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fator indutor do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Clima.
Razão para o fator citado potenciar os cheios nas fachadas dos ambientes principais
Indeterminado: “É o clima e os ambientes pretendidos para cada espaço.”
Fatores motivadores da estratégia de introversão da casa em relação à envolvente
Privacidade e controle da paisagem: “Para ter o mundo protegido de todo o entorno, e redesenhar o entorno de maneira que só desse interior da casa só temos a percepção da copa das árvores e depois da natureza que se abre em frente da casa.”
Proposta de relação da casa com a rua
Legibilidade e privacidade: A ideia é que quando se chega o que se vê da casa é a cobertura, portanto, lê-se a planta da casa e uma pessoa percebe que ali se pode vir a proteger, naquele pátio, da envolvente.
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “Nenhuma.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
Conceito de habitar: A vontade é ter uma casa muito luminosa, à espera de uma vida a acontecer. A casa é um receptor de espaço à espera da vida.
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Ruptura: “Não se relacionam.”
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional
Não avaliou: “Não tenho opinião.”

³³¹ Pelas razões citadas para acomodação, infere-se que o fator motivador é somente a envolvente.

Caso de estudo 10 - Casa C+P
Síntese da Entrevista X

Arquiteto: Gonçalo das Neves Nunes | Local: Lisboa | Data: 19/11/2019

Imagem: arquiteto Gonçalo das Neves
 Fonte: Ordem dos Arquitectos.
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/3oX3yTk>.
 Acesso em: 09 jul. 2029.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Portugueses	Estrangeiros
Souto de Moura; Álvaro Siza; Inês Lobo.	Mies Van der Rohe; Le Corbusier; Alvar Aalto; Arne Jacobsen; Marcel Breuer.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Sim: “uma espécie dum ‘Barroco moderno’, que é um pós Pós-Modernismo”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura brasileira	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Arquitetura Moderna brasileira	Oscar Niemeyer; Vilanova Artigas; Lina Bo Bardi; Márcio Kogan; Isay Weinfeld; Bernardes Arquitetura.
Citações de conhecimento da arquitetura de Belo Horizonte	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Igreja de São Francisco de Assis (Oscar Niemeyer)
Relação da própria obra com a arquitetura brasileira	
Autoidentificação	Aspecto de identificação
Sim	Materialidade (betão descoberto, madeira)
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na licenciatura	
Alto: “Foi enorme. Foi, provavelmente, a coisa mais batalhada.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea portuguesa referencial	
Alto: “Muito grande. Independentemente de alguma espécie de estilo – de algum ou outro arquiteto, a linguagem que tenha mais característica – a verdade é que eu acho que é muito fácil identificar a arquitetura portuguesa.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao local; fotografias; esquissos;	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável, conforme o contexto	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional dos clientes	
“São de classe média alta e são ligados ao Direito e à Hotelaria.”	
Tipo de uso da habitação	
Permanente.	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Dimensão da casa: “a área que pretendiam ter <i>versus</i> o espaço do terreno foi um desafio difícil de contornar.”	
Motivação de escolha do lote por parte dos proprietários da casa	
“Foi uma questão mais de oportunidade de negócio.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
“[...] nada que tenha sido forte.”	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Pequena: “Mas não penso que tenha sido destaque de ser uma obra num condomínio de Lisboa por terem trazido este destaque, penso eu.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia	
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa face ao terreno natural	
Manejo do terreno para disposição do programa: a inclinação do terreno sugeriu a distribuição dos níveis do programa arquitetónico e os acessos diferenciados conforme os níveis das ruas.	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Envolvente	
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais	
Privacidade/intimidade: “[...] teve a ver, precisamente, com a envolvente e com este princípio nos de fecharmos ao condomínio e nos abrimos para o interior da casa.”	
Fatores motivadores da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Usufruto da paisagem: “as zonas sociais, essas, sim, e o quarto principal também, a suíte, também se vira para o mesmo lado de um grande envidraçado, têm essa relação com a paisagem.”	
Proposta de relação da casa com a rua	
Resguardo	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetónica da casa com as casas vizinhas	
Integração	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Betão: “ideia inicial do bunker e do fecho”. Nobreza: travertino. Conforto: madeiras.	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Não especificou	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea nacional	
Continuidade: “Eu acho que estará em continuidade porque não me parece que pretende ser disruptiva com alguma coisa.”	

Síntese das entrevistas com os arquitetos da RMBH

Caso de estudo 11 - Casa EP
Síntese da Entrevista XI
Arquiteto: Ulisses Morato | Local: BH | Data: 18/02/2019



Imagem: arquiteto Ulisses Morato
 Fonte: Bruna Christófar, 2016.

A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas; Paulo Mendes da Rocha; Gustavo Penna.	Não citou
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
“Penso que sigo uma linha de projeto que dá sequência à tradição moderna brasileira [...]”.	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa³³²	
Arquitetos	Obras
João Luís Carrilho da Graça; Manuel e Francisco Aires Mateus; Gonçalo Byrne.	Pavilhão do Conhecimento e Escola Superior de Música (Carrilho da Graça); Reitoria da Universidade Nova de Lisboa e Edifício Habitacional Alcântara (Aires Mateus); Torre de Controle de Tráfego Marítimo de Lisboa (Gonçalo Byrne).
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	Economia de meios e a adaptabilidade do edifício ao lugar.
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Intermediário: “Avalio que as noções básicas dessa abordagem me foram passadas [...]”.	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
Intermediária: “[...] ainda mantém certa tradição de diálogo com o lugar [...]”.	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Intermediária.	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao local e fotografias.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Integração à topografia e contraste com a envolvente.	

³³² Referências anteriores ao início do doutoramento em Lisboa, setembro de 2015.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional do cliente
Jovem empreendedor (economista), solteiro, de classe média.
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
“Sim, aproveitamento das ótimas condições visuais que o terreno oferecia em relação à paisagem.”
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto
A exuberante paisagem nativa do entorno.
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
Não houve
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
“Sem dúvida, esta casa é resultante de uma intensa relação com o lugar que a recebeu, especialmente com a paisagem.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fatores motivadores da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural
Topografia
Razões para os fatores citados potenciarem a acomodação da casa ao terreno natural
Manejo do terreno para economia da construção: “A topografia [...] requereu uma estratégia de acomodação da construção ao perfil natural do terreno para se evitar grandes movimentos de terra e grandes muros de arrimo.”
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fator indutor do predomínio dos cheios nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Clima.
Razões para os fatores citados potenciarem os cheios nas fachadas dos ambientes principais
Manejo de aberturas para controle térmico: “No clima tropical as aberturas nas fachadas têm que ser bastante controlados para que não haja excesso de exposição aos raios solares e superaquecimento dos ambientes internos.”
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente
Usufruto da paisagem: “O usufruto da exuberante paisagem natural a que se abre, sem obstáculos, na porção frontal ao terreno [...]”.
Proposta de relação da casa com a rua
Manejo da edificação (assentamento em cota alta) para domínio visual e privacidade.
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “O desenho que elaborei para esta casa filia-se ao um repertório mais contemporâneo com referências na Arquitetura Moderna brasileira.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
Economia na obra: “[...] buscamos aquilo que era mais usual na localidade [...]”.
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Continuidade: “[...] percebo pontos de contato muito próximos com a vizinhança.”
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira
Continuidade.

Caso de estudo 12 - Casa BF
Síntese da Entrevista XII
Arquiteto: Humberto Hermeto | Local: BH | Data: 16/04/2018



Imagem: arquiteto Humberto Hermeto
 Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Oscar Niemeyer; Paulo Mendes da Rocha.	Eduardo Souto de Moura; Peter Zumthor; RCR <i>Architectes</i> ; Álvaro Siza.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não: “[...] eu não consigo me enquadrar em nada, não.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Eduardo Souto de Moura; Álvaro Siza.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Aires Mateus	Não citou
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	Rigor e relação com o terreno (obra do Souto de Moura).
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Baixo: “Eu achei meu curso muito ruim.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
Intermediária: “Em alguns [arquitetos] eu consigo ver, mas a grande maioria me parece querer fazer uma obra assinada.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Intermediária: “Isso varia de projeto pra projeto.”	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao terreno, fotografias, filmagens, maquete do terreno.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável, conforme o contexto.	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional do cliente	
É um casal de oftalmologistas. Classe média alta.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não houve	
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto	
“Acharam bom preço.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Não houve	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Positiva: “Eu acho que sim, porque se ele [lote] não fosse assim ela [casa] não seria desse jeito.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fator motivador da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia.	
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa ao terreno natural	
Manejo da edificação para economia da construção: execução do acesso mais barato (a partir do comparativo entre elevador x rampa sobre o terreno definiu-se pelo elevador).	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fator indutor do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Entorno; clima.	
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais	
Entorno – Manejo de aberturas para usufruto da paisagem. Clima – Manejo de aberturas para controle de humidade.	
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Usufruto da paisagem: “A vista.”	
Proposta de relação da casa com a rua	
Secundária: “A casa é assim não é por causa da rua. Não é por causa de uma vontade de uma relação com a rua.”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Ruptura: “Antagonismo.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
“É a construção mais barata, fazer em concreto e ele já ser o material de acabamento. E o vidro é para aproveitar as visadas, aproveitar o sol.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Continuidade	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira	
“É continuidade, sim.”	

Caso de estudo 13 - Casa Lincoln
Síntese da Entrevista XIII
Arquiteto: Gustavo Penna | Local: BH | Data: 26/07/2019

Imagem: arquiteto Gustavo Penna.
 Fonte: GPA&A.
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/36Q1whj>.
 Acesso em 15 ago. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Oscar Niemeyer; Humberto Serpa.	Raffaello Berti; Álvaro Siza; Fernando Távora; Rafael Moneo.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não: “Eu não sou muito afeito a ficar teorizando sobre o meu trabalho.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não Citou	Aires Mateus; Carrilho da Graça; Gonçalo Byrne.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Aires Mateus; Carrilho da Graça; Gonçalo Byrne.	Torre de Controle de Tráfego Marítimo de Lisboa (Gonçalo Byrne); Residências em Alcácer do Sal ³³³ (Aires Mateus); Ponte Pedonal sobre a Ribeira da Carpinteira ³³⁴ (Carrilho da Graça).
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	“[...] nós somos o signo de um Portugal reinterpretado, de um Portugal ressignificado. É a nossa história.”
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Pouca importância: “[...] a Escola não tinha essa vertente.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
Resposta indeterminada	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Intermediário	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao local: “[...] eu vou pra lá como se eu fosse o edifício, o edifício sou eu!”	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Diálogo com o entorno: “Eu olho em volta.”	

³³³ Obra projetada por arquiteto atuante em Lisboa, no entanto, localizada em outra cidade.

³³⁴ Obra projetada por arquiteto atuante em Lisboa, no entanto, localizada em outra cidade.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional do cliente
Casal de terceira idade, sendo o marido um empresário. Classe alta.
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
Usufruto da paisagem
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e do arquiteto
“O olhar as montanhas, quer dizer, ele queria um terreno que pudesse ver as montanhas.”
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
Não houve.
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
Positiva: “Claro, porque é uma coisa assim, é enfático, como a paisagem é muito grande, muito ampla, e muito generosa, e muito sedutora, a casa é toda aberta pra ela.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fatores motivadores da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural
Outros (conceito de habitar; clima; economia da construção)
Razões para os fatores citados potenciarem a acomodação da casa ao terreno natural
Conceito de habitar – “Eu quero que você, pelo menos, entre na minha casa ou suba pra minha casa.” Clima – Manejo do edifício (desconexão do solo) para controle térmico e humidade. Economia da construção – Evitar cortes no terreno e a criação de arrimos.
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fator indutor do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Clima; envolvente.
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais
Clima – Manejo das aberturas para aproveitamento da luz natural. Envolvente – Manejo das aberturas para usufruto da paisagem.
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente
Usufruto da paisagem: “Eu gosto que esse lugar seja o enquadrador do mundo, é como eu colocasse aquela natureza, aquela paisagem, em moldura.”
Proposta de relação da casa com a rua
Privacidade: “[...] é o muxarabi. Você poder ver de dentro, lá fora, e do lado de fora você não vê lá dentro.”
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Indeterminada: “A minha conversa é com outra coisa, muito maior. [...]. Esta coisa chama-se: a paisagem das montanhas de Minas Gerais, e aquele estender o olhar ao infinito.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
“Grandes vãos em concreto e a sala central em estrutura metálica, porque eu precisava de um pilar quase não presente, que segurasse aquela abertura [de vidro] no teto.”
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Indeterminada
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira
“É aquela coisa, eu não quero explicar muito porque eu não gosto de ter uma razão exterior, não.”

Caso de estudo 14 - Residência NB
Síntese da Entrevista XIV

Alexandre Brasil e Paula Zasnicoff ³³⁵ | Local: BH | Data: 04/04/2018

Imagem: arquitetos Alexandre Brasil e Paula Zasnicoff
Fontes: Ulisses Morato (esq.);
Arquitetos Associados (dir.).

Disponível em: <https://bit.ly/2MzHfGd> (Paula).
Acesso em: 22 set. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Éolo Maia; Carlos Alexandre Dumont (Carico).	Não citou.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
“[...] os nossos projetos, os projetos que eu faço em comum com ela [Paula Zasnicoff], eles têm uma linguagem bastante Moderna. Uma linguagem até bastante da arquitetura paulista.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Álvaro Siza; Eduardo Souto de Moura; Paulo David.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
João Luís Carrilho da Graça; Gonçalo Byrne.	Pavilhão do Conhecimento (Carrilho da Graça); Torre de Controle de Tráfego Marítimo de Lisboa (Gonçalo Byrne)
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	“[...] esses projetos de Inhotim, eles têm muito dessa arquitetura de massa. Massa pesada, chegando ao chão, sem <i>pilotis</i> .”
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Intermediário	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
“Hoje, eu acho que continua forte. E eu acho que sempre foi forte, desde o Niemeyer.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal: “A nossa estratégia sempre tenta lidar com o lugar: pra onde que você vai ver; a questão da topografia, como você a trabalha.”	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao terreno, fotografias, filmagens, maquete do terreno.	
Relação que os arquitetos buscam estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Potenciar o uso público e “[...] a relação volumétrica adequada ao lugar.”	

³³⁵ Por indisponibilidade de agenda a arquiteta Paula Zasnicoff não pôde participar da entrevista.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional do cliente	
Um casal, classe média alta, sendo ele empresário.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não houve	
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa	
“Esse lote, como ele é morro acima, para ele foi uma questão de ter vistas, visadas amplas porque é um ponto alto do condomínio.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Não houve	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Positiva: “Uma casa no meio de montanha acaba sendo uma situação pouco usual num contexto de casa na cidade.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia	
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa ao terreno natural	
Uso de desnível: a parte frontal do terreno, mais baixa, possibilitou o volume em balanço.	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fator indutor do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Envolvente	
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais	
Controle da paisagem: vista livre na frente e fundo, e controlada nas laterais.	
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
“Acho que é introversão, trazer o pátio para dentro. Muito por causa do frio, lá venta muito, é muito alto.”	
Proposta de relação da casa com a rua	
“A gente recuou o fechamento da casa. Então de certa forma quem estiver na rua pode entrar aqui [área frontal], circundar...”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Ruptura: “O cliente falou assim, isso [casas vizinhas] a gente não quer. [...] Eu acho que ela se diferencia, apesar de ter uma linguagem abstrata, Moderna, ela não é tão enquadrada.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Verdade material e estrutural	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Ruptura: “Na vizinhança predomina o reboco pintado de branco, alvenaria. Não se vê muito as estruturas aparentes...”	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira	
“Continuidade, muito com uma ideia de uma arquitetura que vem sendo feita em São Paulo, acho que aí até por influência da Paula [Zasnicoff]. Mas acho que de continuidade com a arquitetura paulista atual.”	

Caso de estudo 15 - Casa da Montanha
Síntese da Entrevista XV
Arquiteto: David Guerra | Local: BH | Data: 02/04/2018



Imagem: arquiteto David Guerra
 Fonte: Ulisses Morato, 2018.

A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Freusa Zechmeister; Fernando Graça; Oscar Niemeyer; Lina Bo Bardi; Paulo Mendes da Rocha.	Kengo Kuma; Tadao Ando; Luis Barragán, o Ricardo Legorreta; Mies Van der Rohe; Álvaro Siza; Antoni Gaudí.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
“[...] a minha arquitetura, eu falo que ela trabalha essencialmente com o Homem, ela é humanista.”	

B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Barroco português	Álvaro Siza; Eduardo Souto de Moura.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Não conhece
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	A expressão miscigenada da arquitetura barroca mineira de influência portuguesa

C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Intermediário: “Foi dada a receita do bolo.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
“O Lugar é de extrema importância [...]”.	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Planta topográfica; visita ao local, fotos e vídeos.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Integração à cidade e à paisagem.	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional do cliente
Mãe com formação superior e dois filhos casados. Empresários. Classe alta.
Tipo de uso da habitação
Habitação para fins de semana e férias.
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
“Eles queriam uma casa de um pavimento só. Eles queriam uma casa que usufruísse o máximo da vista.”
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto
Terreno herdado da família
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
Não houve
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
“Eu acho que o que potencializou foi o conceito de individualismo da casa, de você não ter muitas referências de casas iguais a essa, que usa a madeira, mas que é muito contemporânea.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fatores motivadores da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural
Outro: desejo do cliente
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa ao terreno natural
“[...] a casa se torna num pavimento só por exigência dos clientes.”
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fator indutor do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Envolvente
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais
“Como o lugar é muito bonito, as pessoas queriam que o cenário fosse parte, como se fosse a moldura da casa.”
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente
Usufruto da paisagem
Proposta de relação da casa com a rua
“Eles [clientes] queriam essa coisa do muro, porque eles queriam privacidade total.”
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Continuidade: “Nesse sentido, eu acho até que tem uma simbiose.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
Integração com a preexistência: “Todos esses elementos, cada um em uma casa aparecem lá: pedra, madeira, tijolo. Eram muito comuns lá.”
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Intermédia: Materiais semelhantes, mas com utilização de planejamento de obra e elementos pré-fabricados.
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira
“Eu acho que essa casa cria uma ruptura, sim. Porque eu acho que ela é bem diferente, até pra tudo que eu já fiz. Ela agrega vários elementos, do colonial ao contemporâneo, e ao moderno, juntos, de maneira que ela é um pouco de cada coisa.”

Caso de estudo 16 - Casa EG
Síntese da Entrevista XVI

Arquiteto: Marcelo Bastos Alvarenga | Local: BH | Data: 18/04/2018

Imagem: arquiteto Marcelo Alvarenga.
 Fonte: Arquivo PH / Paula Huven.
 (Adaptada pelo autor, 2029).

Disponível em: <https://bit.ly/3pYHLM1>.
 Acesso em 19 out. 2019



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Não citou	Rem Koolhaas; do Louis Kahn; Robert Venturi; Siza, Álvaro Siza; Carrilho da Graça; Souto de Moura; Shigeru Ban; Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Sim: linha evolutiva do Arquitetura Moderna brasileira e “como arquiteto mineiro, eu acho que a gente tem certos regionalismos de uma maneira mais forte [...]”.	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Álvaro Siza; Carrilho da Graça; Souto de Moura; Aires Mateus.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Carrilho da Graça; Aires Mateus.	MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia(Amanda Levet); Sede da EDP e Livraria Almedina Lisboa (Aires Mateus)
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	“Eu acho uma arquitetura singela, a arquitetura portuguesa eu acho que é singela. Então, isso eu admiro, isso eu faço.”
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Alto: “[...] eu acho que foi bem foi bem colocado pelos professores.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
Negativa: o arquiteto brasileiro “[...] está num meio, num contexto sociocultural e de questões pragmáticas da cidade, muito limitado.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Informações geográfico-topográficas, visitas ao local, fotos, desenhos.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Não mencionou.	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional do cliente	
Um casal de profissionais liberais, ele engenheiro, ela dentista. Classe média alta.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não houve	
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto	
Estar perto de uma área de reserva de mata	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Sim: “[...] teve uma coisa [a limitação de construção acima] de 9 metros de altura do perfil natural do terreno. Então, isso gera uma volumetria escalona.”	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Positiva	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fatores motivadores da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural ³³⁶	
O motivador da relação da casa com o solo foi apontado a envolvente.	
Razões para os fatores citados potenciarem a elevação da casa ao terreno natural	
Manejo da edificação para usufruto da paisagem: “[...]esse balanço como o ápice de um aproveitamento, tanto de dentro para fora como uma relação de debruçar numa qualidade principal desse terreno que sempre foi a vista.”	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fator indutor do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Cultura local	
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais	
Permeabilidade social: “[...] a gente está mais querendo sair e entrar, com essa permeabilidade, do que ficar protegido, do que ficar privado.”	
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Clima	
Proposta de relação da casa com a rua	
“Primeiro é clima. Evidente que é o clima, que nos faz poder ficar fora, não ter tanta preocupação com vedação extremada. [...]é uma permeabilidade ao social, que é contrário de vidas mais reservadas, mais privadas, mais cerradas.”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Ruptura: o trabalho de desenho e detalhamento cria o diferencial face à preexistência.	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Não mencionou.	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Continuidade: “[...] está todo mundo mais ou menos no mesmo barco, com intenções de fazer uma casa mais contemporânea [...].”	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira	
Continuidade: “Acho que sim. A casa teve bastante repercussão.”	

³³⁶ O entrevistado discordou do pressuposto da pergunta, afirmou haver a estratégia de acomodação, no entanto os cálculos indicam a estratégia de elevação (Cf. Apêndice II).

Caso de estudo 17 - Casa Galeria
Síntese da Entrevista XVII

Fernando Maculan e Mariza Machado³³⁷ | Local: BH | Data: 06/04/2018

Imagem: arquitetos Fernando Maculan e Mariza Machado.
Fonte: Ulisses Morato (esq.); Mach Arquitetos (dir.).
(Adaptada pelo autor, dir.).

Disponível em: <https://bit.ly/3aJUIZq> (Mariza).
Acesso em: 24 ago. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Paulo Mendes da Rocha.	Peter Zumthor; Tadao Ando; Fumihiko Maki.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
“[...] por um lado você tem essa, deliberadamente, intenção pela diversidade [...]. Mas, por outro lado, a gente não pode negar que não tem uma herança, tem uma genética aí que é moderna.”	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Álvaro Siza
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Aires Mateus	Pavilhão de Portugal (Álvaro Siza); Centro Cultural Belém (Vittorio Gregotti e Manuel Salgado).
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	“[...] essa matriz mais abstrata ou de um tratamento um pouco mais escultórico do objeto arquitetônico [...]”.
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Baixo: “[...] foco desproporcionalmente mais voltado para o objeto do que para relação desse objeto com o lugar.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
“[...] extremamente relevante e incontornável.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Fotografias, filme, mapeamentos, diagramas, <i>drone</i> .	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável, conforme a leitura do lugar (neutralidade, contraste, continuidade).	

³³⁷ Houve a definição prévia, por parte dos arquitetos autores, que a entrevista proposta pelo investigador seria concedida pelo arquiteto Fernando Maculan.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional do cliente
Um casal de alto poder aquisitivo. Ele, empresário e colecionador de arte.
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
Não houve
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto
Proximidade à cidade; segurança; presença da natureza.
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
Altimetria máxima da construção de 9 metros em relação ao perfil do terreno
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
Positiva: “[...] não tem como negar a importância da paisagem para a completude da solução arquitetônica.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fator motivador da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural
Topografia
Razões para o fator citado potencializar a acomodação da casa ao terreno natural
Manejo do edifício para preservação do terreno: “A tentativa foi de intervir minimamente no terreno. [...] a ideia é trabalhar com escalonamento [do edifício] ao longo das curvas de nível e ter um aproveitamento da própria declividade, assumir a essa declividade.”
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fator indutor do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Envolvente
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais
Manejo de aberturas para usufruto da paisagem: “Eles [os vãos] têm uma abertura contínua para uma paisagem que é relativamente preservada de edificações e bem bonita. Então é quase como se fosse a nossa vista obrigatória [...]”.
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente
Usufruto da paisagem
Proposta de relação da casa com a rua
“[...] com a rua eu acho que a gente tem uma tentativa de estabelecer um distanciamento.”
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “Nesse caso não existe uma relação com esse contexto construído que traga implicações para o desenho da casa.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
“Então uma neutralidade deveria acontecer e que no nosso entendimento, desde o princípio, ele deveria, igualmente, existir dentro e fora [...]”.
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Continuidade: “De uma maneira geral, eu acho que ele não rompe [...]”.
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira
Continuidade: “Eu acho que ela está alinhada num sentido da abertura que esse tempo em que a gente está: ele está talvez muito mais aberto à diversidade ou ao não seguimento estrito a um tipo de escola.”

Caso de estudo 18 – Residência Bosque da Ribeira (EL)
Síntese da Entrevista XVIII
Eduardo França e Letícia de Azevedo³³⁸ | Local: BH | Data: 05/04/2018

Imagem: arquitetos
 Eduardo França e Letícia de Azevedo.
 Fontes: Ulisses Morato (esq.);
 Estúdio Arquitetura (dir.).

Disponível em: <https://bit.ly/3rvDrnV> (Letícia)
 Acesso em: 11 jul. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Éolo Maia; Gustavo Penna; Paulo Mendes da Rocha.	Renzo Piano; Richard Rogers; Souto de Moura; Álvaro Siza.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Glocal: “[...] aliar sempre local com global [...]”.	

B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Eduardo Souto de Moura; Álvaro Siza.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Não conhece
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	Via influência do Gustavo Penna, que tem relação com a obra de Siza.

C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Alto: “[...]na nossa formação essa condição ela sempre foi muito fortemente posta.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
“[...] acho que o lugar, no que diz respeito às preexistências, é considerado.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal: “Eu entendo que desempenha um papel primordial.”	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Fotografias, vídeo, diagramas.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
Variável, conforme a leitura do lugar: “[...] o contexto, é o maior norteador, o maior parceiro, vamos dizer assim, de projeto.”	

³³⁸ Os arquitetos autores do projeto definiram que a entrevista proposta pelo investigador seria concedida pelo arquiteto Eduardo França.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA
D1 - QUESTÕES GERAIS
Perfil social e profissional do cliente
Empresário, classe média alta. Formação de nível superior.
Tipo de uso da habitação
Permanente
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto
“Sim. Porém foram questões muito mais voltadas para um uso interno [...]”.
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto
Segurança; presença da natureza, privacidade.
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente
Não houve.
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto
“Não muito, confesso que não muito.”
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO
Fator motivador da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural
Envolvente
Razões para o fator citado potencializar a elevação da casa em relação ao terreno natural
Manejo do edifício para usufruto da paisagem: “[...] quando a gente levava alguns usos para o outro pavimento como, por exemplo, a possibilidade de ter visadas diferentes [...]”.
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO
Fator indutor do equilíbrio entre cheios e vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais
Envolvente
Razões para os fatores citados determinarem o equilíbrio entre cheios e vazados nas fachadas dos ambientes principais
Usufruto da paisagem: “[...] o fato de ser uma área com muita vegetação e, portanto, com uma vista muito agradável, essa condição ajuda muito que se tenham grandes aberturas nos espaços de grande permanência.” Privacidade: aberturas controladas nas fachadas laterais.
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente
Usufruto da paisagem
Proposta de relação da casa com a rua
Integração: “[...] entender o nível de chegada da edificação como uma espécie de extensão da rua.”
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas
Ruptura: “Eu acho que esta casa estabelece uma espécie de ruptura com a grande maioria das casas que estão edificadas ali.”
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa
Concepção estrutural; velocidade na execução; estética contemporânea.
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança
Ruptura
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira
Continuidade: “[...] se eu passo a comparação para o que é feito nessa arquitetura de autor, eu acho que ela é mais de continuidade.”

Caso de estudo 19 – Residência Bosque da Ribeira (JT)
Síntese da Entrevista XIX
Johanna Anastasia e Tomás Anastasia³³⁹ | Local: BH | Data: 03/04/2018

Imagem: arquitetos Johanna Anastasia e Tomás Anastasia.
 Fontes: Anastasia Arquitetura (esq.);
 Ulisses Morato (dir.);
 Adaptada pelo autor (esq.), 20219.



Disponível em: <https://bit.ly/3jtxPaV> (Johanna).
 Acesso em: 29 mai. 2019.

A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Gustavo Penna; Flávio Almada; José Eduardo Ferolla; Andrade & Morettin; Álvaro Puntoni; Ângelo Bucci; Márcio Kogan; Bernardes Arquitetura; Isay Weinfeld.	Norman Foster; Álvaro Siza; Eduardo Souto de Moura; Frank Gehry; Steven Holl.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Não enquadra.	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Escola do Porto	Eduardo Souto de Moura; Álvaro Siza; Paulo David; Aires Mateus.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Aires Mateus	MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (Amanda Levet); Sede EDP (Aires Mateus); Pavilhão de Portugal (Álvaro Siza); Oceanário de Lisboa (Peter Chermayeff / Promontório Architecture).
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Sim	“Mais pelo método construtivo.”
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Baixo: “[...] foi mais bibliográfica e de trabalhar do que dentro da Escola mesmo.”	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
Sem registro	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
Visita ao terreno, fotografia, croquis.	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
“Uma relação de harmonia. Eu acho que a casa tem que estar inserida de uma forma suave.”	

³³⁹ Houve a definição prévia, por parte dos arquitetos autores, que a entrevista proposta pelo investigador seria concedida pelo arquiteto Tomás Anastasia.

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional do cliente	
Casal jovem. Ele, diretor de banco e ela, comerciante. Classe alta.	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Não Houve	
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa e arquiteto	
Estilo de vida proporcionado pelo condomínio e proximidade familiar.	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Sim: taxa de permeabilidade do solo de 40%	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Positiva: “Com certeza, porque o lugar proporcionou o jeito que ela é.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fator motivador da estratégia de acomodação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia	
Razões para o fator citado potencializar a acomodação da casa ao terreno natural	
Manejo do terreno para criar privacidade (plataformas de assentamento em cotas que não se elevam em relação à vizinhança).	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Clima; envolvente.	
Razões para os fatores citados potenciarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais	
Clima – Manejo de aberturas para controle térmico. Envolvente – Manejo das aberturas para usufruto da paisagem.	
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Usufruto da paisagem	
Proposta de relação da casa com a rua	
Privacidade: “[...] a proteção dela nesse caso é a elevação.”	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Ruptura: “Em relação à vizinhança, contrasta, porque já é uma coisa de outra geração.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
Economia da construção: “A casa é de concreto com alvenaria. [...] Não intencional, mas gerado por um contexto econômico.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Continuidade: “A relação existe porque é o mesmo sistema construtivo.”	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira	
Continuidade: “Tem uma identidade com o que tem sido feito ai. É mais de continuidade do que ruptura.”	

Caso de estudo 20 – Casa Vale dos Cristais
Síntese da Entrevista XX
Arquiteto: Paulo Trajano | Via correio eletrônico | Data: 24/08/2019

Imagem: arquiteto Paulo Trajano.
 Fonte: Construir com Arte.
 (Adaptada pelo autor, 2019).

Disponível em: <https://bit.ly/39ZuhKK>.
 Acesso em: 21 nov. 2019.



A - REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS	
Arquitetos citados como influência na formação e atuação profissional	
Brasileiros	Estrangeiros
Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, Lina Bo Bardi.	Mies van der Rohe; Renzo Piano; Zaha Hadid; Morphosis; Coop Himmelb(l)au; Solano Benitez; Luis Barragán; Peter Eisenman.
Enquadramento da própria obra a correntes de pensamento em arquitetura	
Modernismo, Brutalismo, Minimalismo, Deconstrutivismo.	
B - RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL	
Citações de relevância na arquitetura portuguesa	
Correntes arquitetônicas	Arquitetos
Não citou	Eduardo Souto de Moura; Álvaro Siza.
Citações de conhecimento da arquitetura de Lisboa	
Arquitetos	Obras
Não conhece	Não citou
Relação da própria obra com a arquitetura portuguesa	
Autoidentificação	Aspectos de identificação
Não	N/A.
C - LUGAR E PROJETO	
Nível de importância dada à abordagem do lugar no ensino de projeto na graduação	
Alto: “Acho que foi dada bastante importância [...]”.	
Avaliação da relevância do lugar para a arquitetura contemporânea brasileira referencial	
Alto: “Grau máximo.”	
Avaliação do papel desempenhado pelo lugar na criação dos próprios projetos	
Principal	
Procedimentos para a apreensão e o registro das características do lugar antes de projetar	
“Visita, fotos, levantamento topográfico, relações culturais, econômicas.”	
Relação que o arquiteto busca estabelecer entre o lugar e o edifício a projetar	
“Relações de sintonia e/ou contraste, discrição e/ou visibilidade, intenção, escala, tempo, clima.”	

D - SOBRE O PROJETO DA CASA	
D1 - QUESTÕES GERAIS	
Perfil social e profissional do cliente	
“Meus clientes residenciais vão de classe média, média, e alta [...]”	
Tipo de uso da habitação	
Permanente	
Demanda do cliente em relação ao lugar que impactou no projeto	
Sim: aproveitamento da vista	
Motivação de escolha do lote por parte do proprietário da casa	
“As vistas de frente e de fundo, a altitude.”	
Impacto da legislação na solução do projeto em relação ao terreno ou à envolvente	
Não houve	
Avaliação da importância do lugar de inserção da casa no reconhecimento do projeto	
Positiva: “Com certeza.”	
D2 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE ACOMODAÇÃO OU ELEVAÇÃO	
Fator motivador da estratégia de elevação da casa em relação ao terreno natural	
Topografia; envolvente ³⁴⁰ .	
Razões para o fator citado potencializar a elevação da casa ao terreno natural	
Outros: “Um terreno em acentuação com amplas vistas favoreceu no sentido estético [intenção plástica], melhor ventilação e iluminação, melhor relação com águas pluviais e umidade [clima] e melhor aproveitamento do espaço [disposição do programa].”	
D3 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE INTROVERSÃO OU EXTROVERSÃO	
Fatores indutores do predomínio dos vazados nas fachadas ligadas aos ambientes principais	
Clima; cultura local; entorno.	
Razões p/ os fatores citados potencializarem os vazados nas fachadas dos ambientes principais	
Clima - “Uma opção conceitual de luminosidade [...]”. Cultura local – Indeterminado.	
Entorno – Manejo de aberturas para usufruto da paisagem	
Fator motivador da estratégia de extroversão da casa em relação à envolvente	
Usufruto da paisagem: “[...] o formato de o lote ser mais aberto na frente do que no fundo e o fato de serem voltados pra rua os principais ambientes os quais estão em cota mais alta com incrível vista das montanhas e da cidade.”	
Proposta de relação da casa com a rua	
Não mencionou.	
D4 - QUESTÕES RELATIVAS ÀS ESTRATÉGIAS DE CONTINUIDADE OU RUPTURA	
Avaliação da relação da linguagem arquitetônica da casa com as casas vizinhas	
Intermédia: “Uma relação de escala e altimetria.”	
Razão das opções pelos materiais e técnicas construtivas usadas na casa	
“A escolha fundamentou-se em referências afetivas históricas dos proprietários no caso da madeira e um ponto conceitual por parte do arquiteto no caso do aço que reflete a uma questão mineira em termos brutos e a um ganho enquanto sistema construtivo para grandes vãos a se abrirem para as grandes vistas.”	
Relação dos materiais e técnicas construtivas usadas na casa com a vizinhança	
Ruptura: “Os materiais talvez principais dessa casa sejam o aço e a madeira, que não necessariamente mantém constância nas casas vizinhas, pelo menos na mesma intensidade.”	
Avaliação de continuidade ou ruptura da casa face à arquitetura contemporânea brasileira	
Intermédia: ruptura em relação ao material estrutural; continuidade em termos espaciais.	

³⁴⁰ Pelas razões citadas para elevação, infere-se que os fatores motivadores são “outros”.

Apêndice V – Transcrições das entrevistas (*CD-ROM*)

CD-ROM: